
VALE TUDO NO AMOR
E NA GUERRA
SUPERNOVA
MARISSA MEYER
AUTORA BESTSELLER #1 DAS SÉRIES
CRÔNICAS LUNARES E RENEGADOS
Rocco DIGITAL

SUPERNOVA

Tradução de Regiane Winarski

MARISSA MEYER

Rocco
DIGITAL

Para o tio Bob, que me ajudou a ser eu mesma.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Lista de personagens

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco

Capítulo quarenta e seis

Capítulo quarenta e sete

Capítulo quarenta e oito

Capítulo quarenta e nove

Capítulo cinquenta

Capítulo cinquenta e um

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

LISTA DE PERSONAGENS

Os Renegados

RABISCO – Adrian Everhart

Consegue dar vida aos seus desenhos e artes

MONARCA – Danna Bell

Transforma-se em um enxame de borboletas-monarcas

ASSASSINA VERMELHA – Ruby Tucker

Quando ferida, o sangue se cristaliza em forma de armas; sua marca registrada é um gancho feito de heliotrópio

CORTINA DE FUMAÇA – Oscar Silva

Conjura fumaça e vapor

BANDIDO – Max Everhart

Absorve o poder de qualquer prodígio próximo; passou a maior parte da curta vida em quarentena

MARAVILHA – Callum Treadwell

Eternamente otimista; pode alterar a percepção dos outros preenchendo-os com uma sensação de assombro

GELADURA – Genissa Clark

Cria armas de gelo a partir de moléculas de água no ar

Os Anarquistas

PESADELO – Nova Artino

Nunca dorme e pode fazer os outros dormirem com um toque

ACE ANARQUIA – Alec Artino

Líder dos Anarquistas e vilão mais temido do mundo; já foi o telecinético mais poderoso da história; também é tio de Nova

FOBIA – nome verdadeiro desconhecido

Transforma o próprio corpo e sua foice na personificação de vários medos

TITEREIRO – Winston Pratt

Transforma crianças em marionetes indefesas que fazem o que ele quer

ABELHA-RAINHA – Mel Harper

Exerce controle sobre todas as abelhas e vespas

CIANETO – Leroy Flinn

Gera venenos ácidos pela pele; também é um químico talentoso

Conselho dos Renegados

CAPITÃO CROMO – Hugh Everhart

Tem superforça e é capaz de gerar armas de cromo; é supostamente invencível

GUARDIÃO TERROR – Simon Westwood

Consegue ficar invisível

TSUNAMI – Kasumi Hasegawa

Gera e manipula água

PÁSSARO DO TROVÃO – Tamaya Rae

Gera trovões e relâmpagos; é capaz de voar

LUZ NEGRA – Evander Wade

Cria e manipula luz e escuridão

CAPÍTULO UM



TODO MUNDO tem pesadelos.

Nova tinha quase certeza de que seu pior pesadelo era entrar no quartel-general dos Renegados usando o uniforme de patrulha dos Renegados menos de 24 horas depois que seu alter ego tinha se infiltrado no prédio, roubado a arma mais perigosa de todos os tempos, tirado os poderes de três Renegados usando seu estoque roubado da substância conhecida como Agente N, começado uma briga que destruiu a maior parte do saguão do prédio e testemunhado Max Everhart quase morrer sangrando em meio ao vidro estilhaçado da sua cela de quarentena.

Não só era surreal ela estar voltando aos destroços, como também estar fazendo isso por vontade própria. Nova achava que nunca mais voltaria lá. Depois de meses trabalhando como espiã em meio aos Renegados, ela havia conseguido roubar o elmo do Ace Anarquia. Tinha o que precisava para devolver o poder do Ace, e juntos eles veriam aquela organização desmoronar.

Mas as coisas nunca aconteciam de acordo com o planejado, e ela não sabia que, enquanto estava lutando pela própria vida naquele saguão, um justiceiro mascarado conhecido como Sentinela tinha encontrado e prendido o Ace Anarquia, líder dos Anarquistas e seu tio, que a criara.

Maldição, ela odiava o Sentinela. Ele sempre aparecia nas horas mais inconvenientes, fazia aquelas poses ridículas de quadrinhos e dizia frases de

efeito ridículas, como “Eu não sou seu inimigo” e “Pode confiar em mim”.

Só que ninguém confiava totalmente no Sentinela, até onde ela sabia. Justiceiros não se encaixavam no código dos Renegados e, apesar das tentativas do Sentinela de capturar criminosos e ajudar os Renegados, as ações dele muitas vezes fizeram a organização parecer incompetente e ineficiente. Talvez a única coisa de que Nova gostava no justiceiro fosse a capacidade absurda de irritar o Conselho. Enquanto isso, a determinação dele de caçar a Pesadelo e a captura do Ace Anarquia também não tinham lhe conquistado favores entre os vilões. As únicas pessoas que apreciavam os esforços do Sentinela eram Adrian, que parecia ter um apreço rebelde pelo sujeito, e o público, que o via como um verdadeiro herói, que acreditava na justiça e não respondia a ninguém além de si mesmo. Essa reputação foi solidificada com a captura do Ace Anarquia.

Embora ela soubesse que nada nunca era fácil, a prisão de Ace quase bastou para fazer Nova erguer as mãos e sucumbir ao inevitável. Anarquistas e prodígios como eles continuariam sendo odiados, demonizados e oprimidos por toda eternidade. Ela estava quase preparada para desistir.

Quase.

Isso tinha sido horas antes, e agora Nova estava de volta, afinal… para onde mais ela poderia ir? Até onde todo mundo ali sabia, ela ainda era Nova McLain, conhecida como Insônia, uma Renegada até o último fio de cabelo. Seus segredos continuavam sendo a maior vantagem que tinha e, agora que seus inimigos estavam com Ace, ela sabia que precisaria de todas as vantagens que pudesse conseguir.

Nova só se deu conta da extensão da destruição ocorrida no quartel-general dos Renegados quando se viu andando trêmula pelos escombros. Ela estava cercada de Renegados, mas ninguém prestava atenção nela. Até os membros do Conselho estavam revirando os cacos do vidro da quarentena que tinha caído do segundo andar e se estilhaçado no mármore quadriculado do saguão. De onde ela estava, via o Capitão Cromo segurando a torre do relógio de vidro, que antes ficava em cima do tribunal, na miniatura de Max da Cidade de Gatlon.

Agora, estava destruída. Estava toda destruída.

Os sinais da batalha estavam espalhados pelo lugar. Vigas de aço curvadas em ângulos estranhos. Fios pendurados no teto, de onde candelabros tinham sido arrancados. O balcão de informações amassado de um lado. Gesso e mesas e cadeiras e azulejos e vidro… muito vidro, de onde a quarentena tinha caído. Os estilhaços brilhosos eram quase hipnotizantes, refletindo a luz que entrava pela porta de entrada.

E havia sangue.

A maioria estava seca em uma poça, onde Max tinha caído. Onde Geladura tinha enfiado uma lança nele.

Nova se forçou a tirar os olhos do local e viu Adrian seguindo na direção dela. Os ombros dele estavam encolhidos e não havia nada da sua graça de sempre na postura. Ele estava com as feições sombrias, servindo de lembrete de que Max, que era a coisa mais próxima a um irmão que Adrian teria na vida, estava no hospital. Os médicos tinham-no colocado em coma induzido para estabilizar os sinais vitais, mas não estavam dando nenhuma falsa esperança a ninguém. A vida dele estava por um fio. Só havia um ponto positivo: Max, nos últimos momentos da batalha, conseguira absorver toda a habilidade de Geladura. Ele absorveu o controle dela sobre o gelo e usou isso para estancar o próprio sangramento, para congelar a própria ferida.

Isso poderia ter salvado a vida dele.

Por outro lado, talvez não tivesse adiantado.

Nova engoliu o nó na garganta quando Adrian chegou mais perto. A expressão sombria dele tinha a ver com mais do que apenas Max. Ele estava tomado de um novo ódio ardente, diferente de tudo que Nova tivesse visto antes… pelo menos não no calmo e alegre Adrian.

Um ódio ardente por Pesadelo, que ele estava convencido de que tinha sido a responsável pelo ataque a Max. Ninguém viu o que tinha acontecido fora Geladura e os companheiros dela, e eles não corrigiriam as crenças errôneas de ninguém. Pesadelo era um alvo fácil para se colocar a culpa.

E Nova, cuja identidade secreta permanecia milagrosamente desconhecida, não podia limpar o nome do seu alter ego, por mais que desejasse se defender sempre que via os olhos de Adrian ferverem com hostilidade controlada.

— Quando você disse que a Pesadelo tinha se infiltrado no quartel-general — comentou Nova quando Adrian já estava perto —, não foi isso que eu imaginei.

Mentindo na cara dura, como sempre. Ela vivia mentindo agora. Nem percebia mais.

— É, está bem ruim. — O foco de Adrian estava distante enquanto ele observava a destruição. — Encontraram a Lança de Prata ali. Nós achamos que a Pesadelo pegou no cofre e usou pra roubar o elmo. E… — A voz dele falhou e ele tossiu. — Nós temos quase certeza de que foi essa a arma que usou no Max. Tinha sangue nela. Vão fazer exames.

Ela trincou os dentes.

Adrian suspirou e olhou para baixo. Pela primeira vez, Nova reparou em uma coisa nas mãos dele. Uma esfera com uma pequena coroa de um lado e uma fresta aberta na altura do equador. Nova reconheceu na mesma hora: um dos mísseis de névoa da Fatalia, ou que tinha sido, antes que ela o roubasse do departamento de artefatos. Ela e Leroy tinham reconfigurado os dispositivos para liberar uma forma gasosa do Agente N, a substância tóxica desenvolvida usando o sangue de Max Everhart. Embora inofensiva para civis, era veneno para prodígios. Assim que inspirassem, ingerissem ou levassem uma injeção da substância, perdiam permanentemente os poderes.

Como Pesadelo, Nova tinha detonado dois dispositivos naquele saguão. Eles, junto com um dardo roubado carregado de Agente N, tinham resultado na perda das habilidades do Gárgula e do Sismo. Ela também tinha orquestrado a neutralização da Geladura, mas não precisou do Agente N desta vez. Ela simplesmente levou a garota para perto do Max e deixou que o Bandido fizesse o que tinha que fazer.

Agora, ela se pegou olhando para a casca do dispositivo, já formando uma série de mentiras que poderia contar quando alguém se desse ao trabalho de procurar digitais. Tinha tocado nos mísseis de névoa um dia quando estava trabalhando no cofre… devia ter sido antes de Pesadelo os roubar…

Mas as mentiras eram frágeis.

Quanto mais suas mentiras se acumulavam, mais precárias ficavam. Às vezes, ela sentia que, se ousasse soltar o ar, aquela montanha desmoronaria.

— Parece um dos mísseis de névoa da Fatalia — disse ela, mantendo o tom calmo.

— Foi o que Callum disse também — comentou Adrian.

— Callum? Ele está aqui? — Os pensamentos de Nova se voltaram para a noite anterior, quando tinha deixado Callum inconsciente no cofre.

Adrian assentiu.

— Ele subiu para ver se os mísseis de névoa sumiram.

— Pode ser que a Pesadelo tenha pegado junto com a lança.

Adrian franziu a testa por cima dos óculos de armação escura.

— Acho que não. Mack Baxter disse que a Pesadelo tinha tipo uma bomba cheia de Agente N. Foi assim que ela conseguiu neutralizar o Trevor. Acho que é uma dessas.

Nova xingou silenciosamente Sismo e Gárgula, mesmo não podendo culpá-los por contarem a verdade.

— Bom, talvez ela tenha se inspirado no design dos mísseis de névoa. Dizem que ela é uma inventora genial, né? Ela deve ter criado isso aí.

Adrian hesitou, e ela viu que ele estava lutando contra os próprios pensamentos. Finalmente, ele concordou.

— Talvez. Vamos ver o que Callum vai descobrir.

Nada convencido.

Nova também não teria ficado convencida. Por mais que ela tentasse afastar o escrutínio de si, seus argumentos não eram mais tão convincentes.

— A questão é que — disse Adrian, jogando o dispositivo vazio para cima e o pegando de novo —, se a Pesadelo estava disparando bombas de Agente N… ela devia ter sido afetada. Por que ela não estava com medo de perder os poderes?

— Ela usa máscara, não?

— É, mas eu tenho quase certeza de que não é máscara de gás.

Ela deu de ombros.

— A gente não sabe.

— Tudo bem, mas ela também estava do lado do Max quando — Adrian parou de falar e desviou o olhar para o sangue no chão — … quando ele tirou os poderes da Genissa. Ele devia estar tirando os da Pesadelo também, mas

ela fugiu daqui como se não houvesse nada de errado. Ninguém é imune ao Max.

— Seu pai é.

Ele fez uma careta.

— Ninguém além do Capitão Cromo.

— Eu só estou dizendo que pode ter formas de contornar a habilidade do Max e do Agente N. Talvez a Pesadelo tenha descoberto alguma coisa… Tipo quando você encontrou aquele Amuleto da Vitalidade. — O Amuleto da Vitalidade era um artefato que Adrian tinha descoberto ser capaz de proteger contra doenças, veneno e praticamente qualquer coisa que pudesse enfraquecer a pessoa, inclusive substâncias como o Agente N. O artefato estava naquele momento mesmo enfiado entre o colchão velho e o piso de madeira da casa de Nova em Wallowridge. — Pode haver dezenas de artefatos que protegeriam a habilidade de uma pessoa, e nós só não sabemos.

— E você acha que tanto a Pesadelo quanto eu por acaso achamos um desses ao mesmo tempo?

— Ué, talvez.

— Ou… — Adrian abaixou a voz a um sussurro, embora todos os Renegados próximos estivessem ocupados demais varrendo vidro e tirando escombros para se importarem com a conversa deles. — Talvez a Pesadelo esteja com o Amuleto da Vitalidade.

Nova tinha esperado essa resposta. Fazia muito mais sentido do que o argumento dela, afinal. Mas manteve a expressão neutra.

— Não está com *você*?

Adrian fez uma careta.

— Não. Meu pai pegou por último. Eu dei pra ele poder visitar o Max. Você sabe, fora da quarentena para variar. Mas, agora, sumiu.

— Então… você acha que ela também roubou isso do cofre?

— Não estava no cofre. Simon jura que levou de volta pra casa. Foi a última vez que a gente viu.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Então você acha que a Pesadelo invadiu a sua casa?

— Sim. Não. Não sei. Em teoria, ela pode ter feito isso quando estávamos

todos no baile, mas não tem nada em nenhuma das nossas câmeras de segurança. E isso não explica como ela saberia sobre a existência do amuleto para começo de conversa. Eu não contei pra ninguém além de você e do Max, e sei que os meus pais também não contaram. — Ele massageou a nuca, e ela percebeu que ele se sentia meio culpado de perguntar: — Você não comentou com ninguém, né?

— Claro que não — disse ela. — Mas Tina e Callum também sabiam sobre o amuleto, e Callum não consegue calar a boca com ninguém. Ele pode ter deixado alguma coisa escapar, sem saber como é valioso.

— É. Pode ser. Eu estava torcendo pra conseguir reunir a equipe mais tarde pra discutir o que sabemos sobre a Pesadelo. Talvez a gente tenha deixado passar alguma coisa. É que… parece haver umas coincidências bem estranhas.

— Ela é uma Anarquista — disse Nova, ousando colocar a mão no antebraço de Adrian. Ela sentiu os músculos dele se contraírem brevemente por baixo do tecido do uniforme. — Ela é diabólica e astuta e deve ter muitos contatos no mundo dos… *vilões*, sobre os quais não sabemos nada. Se ela conseguiu fazer isso tudo, se conseguiu até roubar o elmo do Ace Anarquia, quem sabe do que ela é capaz? Encontrar o amuleto ou um jeito de escapar do Agente N… nada disso parece difícil.

Adrian olhou para a mão dela por um momento antes de uma sombra de sorriso surgir nos seus lábios e ele colocar os dedos sobre os dela. A outra mão, ainda segurando o míssil de névoa, relaxou junto ao corpo.

— Ainda bem que você está aqui — disse ele. Mas, quando o coração de Nova começou a palpitar, ele acrescentou: — Ainda bem que você está do meu lado.

Ela engoliu a sombra de um sorriso que tinha em resposta.

— De que outro lado eu estaria?

— Adrian! Nova!

Eles se viraram e viram Ruby e Oscar andando pela multidão. Ruby se agarrou no outro cotovelo de Adrian.

— Como está o Max?

Adrian trincou a mandíbula.

— Ainda em estado grave.

Ela balançou a cabeça.

— Sinto muito mesmo. Ela é um monstro, Adrian. Como alguém poderia fazer isso com o Max…!

Nova fez uma careta.

— Eu odeio dizer isso, mas eu não estou surpreso — disse Adrian, como se aquele ataque tivesse sido inevitável. — É claro que a Pesadelo tentaria matar Max. Qualquer um dos Anarquistas tentaria. Foi por causa dele que eles foram derrotados. Eles devem ter passado os últimos dez anos planejando o assassinato dele.

As bochechas de Nova ficaram quentes. Quanto mais ela ouvia sobre a tentativa de Pesadelo de matar Max, mais ela queria gritar a verdade. Foi Genissa que esfaqueou o garoto, não Pesadelo. Ela nunca o machucaria. Droga, tinha tentado salvá-lo!

Mas ela mordeu a língua. Não fazia sentido tentar argumentar pela inocência da Pesadelo. Eles não acreditariam nela, e isso só levantaria suspeitas.

— Nós vamos encontrá-la — disse Ruby. — Vamos botar um fim nisso. E Max… Ele vai ficar bem. Ele é forte.

— Eu sei — replicou Adrian. Ele parecia grato e parecia querer acreditar nela. Como se tivesse dito a mesma coisa para si mesmo a noite toda. Mas ainda havia um eco de dúvida por baixo das palavras dele.

Nova soltou o ar lentamente. Adrian tinha ido para a casa dela cedo naquela manhã, depois que a poeira baixou, para contar sobre Max estar no hospital e que Pesadelo tinha roubado o elmo. Ele pareceu bastante derrotado e, ao mesmo tempo, movido por um novo desejo de vingança. Ela tremeu ao se lembrar das palavras dele, faladas enquanto ela o abraçava e se esforçava para consolá-lo.

Eu vou encontrar a Pesadelo e vou destruí-la.

CAPÍTULO DOIS



— Eu soube que a Pesadelo acabou com a raça da Geladura e da equipe dela — disse Oscar enquanto avaliava a destruição fenomenal no saguão.

— Mais ou menos — retrucou Adrian. — Geladura, Gárgula e Sismo foram neutralizados.

— Eu odeio dizer, mas… isso meio que conta como um ponto a favor da Pesadelo, né?

Ruby bateu no ombro do Oscar.

— Ela quase matou o Max, seu burro!

— Não, eu sei. Mas, se alguém ia ser neutralizado, não posso dizer que lamento que tenham sido Genissa e os lacaios dela.

— Tudo bem — disse Adrian. — Eu também não estou muito chateado com isso. E, como você falou, o Max vai ficar bem. — Ele fez uma pausa e acrescentou baixinho: — Tem que ficar.

— Caramba, o que é *aquilo*? — questionou Oscar, levantando a bengala como se preparado para espetar uma coisa no piso quebrado.

Uma criaturinha estava andando na direção deles no meio da bagunça de concreto e gesso quebrado… um minivelociraptor feroz, do tamanho do polegar de Nova.

— Não acredito! — murmurou Adrian. — Turbo!

Ele se agachou e estendeu a palma da mão para pegar a criatura, que

soltou um grito e o mordeu.

— Ai! — exclamou Adrian, largando-o. Turbo caiu no chão e correu por entre as pernas de Oscar.

Nova pulou atrás dele e pegou a criatura pela parte de trás do pescoço. Ele soltou um miado patético e virou as garras para ela, deixando marquinhas nos dedos.

— Como essa coisa ainda está viva? — perguntou ela.

Parecia que fazia séculos desde que Adrian tinha desenhado o bichinho na palma da mão de Nova, em um esforço para provar que seus poderes não tinham sido drenados por Max quando ele entrou na quarentena para salvá-la.

Adrian se curvou para inspecionar o dinossaurinho que se contorcia nos dedos de Nova.

— Vivo, mas não muito bem. Olha, ele está ficando cinza. E está vendo como os movimentos dele estão desajeitados agora, meio robóticos? Isso sempre acontece quando eu desenho animais. Ainda assim… está durando mais do que eu pensava.

— Com licença — disse Oscar, olhando a criatura com receio. — Mas o que *é isso*?

— Um velociraptor — respondeu Adrian. — Eu o desenhei um tempo atrás e o Max o guardou como bicho de estimação. O nome dele é Turbo. Aqui. — Adrian se curvou, pegou a caneta e desenhou uma jaula do tamanho da palma da mão no azulejo branco. Com um movimento dos dedos, a jaula virou realidade, uma caixinha de transporte tridimensional para um dinossauro bem pequeno. Ele abriu a porta e Nova botou a criatura dentro. — Vou levá-lo para o Max no hospital. Ele vai ficar feliz de vê-lo quando acordar.

Quando, Nova não pôde deixar de reparar, e, pela primeira vez, Adrian pareceu realmente otimista com a possibilidade de Max sair do coma. Talvez ele estivesse vendo a sobrevivência de Turbo como bom sinal.

— Ele deve estar com fome — disse Ruby. — Seus desenhos precisam comer, né?

— Acho que sim. — Adrian fez cara de quem nunca tinha pensado nisso. — Max dividia os lanches com ele.

Ruby assentiu.

— Vou correr até o refeitório e pegar… sei lá, uns nuggets, algo assim. Já volto.

Ela saiu correndo antes que alguém pudesse retrucar, disparando entre os Renegados que ainda estavam no saguão destruído.

— Hã… — disse Adrian tarde demais. — Acho que ainda não reabriram o refeitório…

— Ela vai arrumar alguma coisa — disse Oscar. — Sempre tem as máquinas de lanche do lounge. — Assim que a porta do elevador se fechou e Ruby sumiu de vista, Oscar se virou para Nova e Adrian com ansiedade. — Tudo bem, agora que ela foi, eu preciso falar com vocês. Sei que, com o Max e a Pesadelo e tudo o mais, esse pode não ser o melhor momento, mas eu fiquei acordado a noite toda pensando no que você disse no baile, e tenho um plano.

Ele fixou a atenção em Nova, e ela enrijeceu em resposta, se perguntando o que diabos tinha dito. Apesar de o baile ter sido só na noite anterior, poucas horas antes de ela invadir o cofre do QG, parecia que semanas tinham se passado.

— Plano de quê? — perguntou ela.

— Você sabe — disse Oscar, insistente. — Pra dizer a Ruby o que… o que eu sinto por ela. Nova estava certa. Eu sou incrível e estou pronto pra deixá-la impressionada.

— Ah, isso. — Nova olhou para Adrian, que pareceu igualmente aliviado de o plano de Oscar ser algo tão mundano. — Que ótimo.

— É, vai com tudo, Oscar — disse Adrian. — Mergulha de cabeça.

— Valeu, cara. Então, vou chamar de… — Oscar levantou a mão, como se iluminando palavras invisíveis no ar. — Operação Joias da Coroa.

Nova e Adrian ficaram olhando para ele, sem palavras por um momento, até Adrian pigarrear.

— Hã… quê?

— Você sabe. Joias da coroa… rubis… entendeu?

Nova apertou os olhos com ceticismo.

— Isso não é eufemismo pra…

Oscar esperou que ela terminasse, com uma expressão tão adoravelmente enfática, que ela desistiu.

— Deixa pra lá. Só que… Por que tem nome de operação?

— Porque eu tenho ideias — disse Oscar. — Um zilhão de ideias. Vai ser um plano estratégico com várias etapas calculadas nos mínimos detalhes.

— Ah, então você não vai só chamar a Ruby pra sair? — perguntou Adrian.

Oscar riu com deboche.

— Por favor. Ela merece coisa melhor. Vamos ter serenatas, presentes, mensagens escritas no céu… Gestos grandiosos mesmo. Aquelas coisas que deixam as garotas doidas, né? — Ele olhou para Nova, que só deu de ombros. Ele suspirou. — Bom, pensei em começar com um poema. Eram cinco da manhã quando escrevi, então tenham isso em mente. Mas eu estava pensando em deixar um cartão na porta dela de manhã nessa semana. O que fiz até agora foi o seguinte. — Ele limpou a garganta. — Rubis são vermelhos, seus olhos são azuis…

— Para — disse Nova.

Oscar ficou paralisado.

— O quê?

— Os olhos dela são castanhos — disse ela. — E agora não é hora de poesia.

Ela indicou a destruição ao redor.

Oscar bufou.

— Mas você nem…

Houve uma explosão de fagulhas vermelhas e azuis acima da cabeça deles. Nova se abaixou, em pânico.

Adrian apertou a mão dela e olhou de um jeito que parecia provocação.

— É só o Luz Negra.

Na frente do saguão, os cinco membros do Conselho estavam parados na sacada que dava para a rua, delineados por uma parede de vidro e pelo sol da tarde. Sombras de jornalistas e civis curiosos eram vistas na calçada, separadas pela fita de segurança e por um grupo de Renegados encarregados de impedir a entrada de qualquer um que não fosse parte da organização.

Quando o que restava dos fogos se dissolveu, Luz Negra virou a palma da mão para as portas e arrastou os dedos no ar, como se fechando persianas imaginárias. Um véu de escuridão recaiu sobre as janelas, obscurecendo o sol e os cidadãos.

— Obrigado, Evander — disse o Capitão Cromo, chegando para a frente da sacada com o resto do Conselho formando um semicírculo em volta dele. Nova observou o Capitão e o Guardião Terror, os pais adotivos de Adrian e Max. Apesar de supor que nenhum dos dois tivesse dormido na noite anterior, a exaustão que estava evidente no Guardião Terror era totalmente diferente da do Capitão. A pele dele continuava luminosa, os olhos azuis tão impressionantes e brilhosos como sempre. Só o cabelo meio desgrenhado sugeria que ele estava menos composto do que o habitual.

Mas o Guardião Terror não era o único que parecia exausto. As asas pretas da Pássaro do Trovão estavam pendendo das omoplatas, e a serenidade costumeira estava pela primeira vez ausente do rosto de Tsunami, substituída por uma testa franzida e lábios tensos. Até Luz Negra, normalmente o mais relaxado entre eles, estava com os braços cruzados com força.

— Companheiros Renegados — disse o Capitão, a voz explodindo pelo saguão. — Um grande golpe nos foi dado ontem à noite. Não vou dourar a pílula aqui, vocês podem ver a verdade dos eventos da noite anterior. É… — ele franziu os lábios enquanto procurava a palavra — … desanimador, no mínimo. O fato de uma única vilã poder se infiltrar em nossa organização num nível desses. Pesadelo conseguiu desarmar nosso sistema de segurança e derrotar uma das nossas melhores unidades de patrulha. Ela conseguiu roubar de nós. Ela conseguiu — a voz dele falhou — ferir um dos nossos de uma forma muito cruel e sem sentido. E não só um Renegado, mas um menino, uma *criança* bondosa e inteligente e gentil. É impensável. É um lembrete a todos nós de que há maldade no mundo e de que é nossa responsabilidade permanecermos vigilantes.

Nova apertou os punhos enquanto resistia à vontade de gritar. *Eu não machuquei o Max!*

— Mas nós somos Renegados — continuou o Capitão Cromo — e não nos acovardamos perante o mal. Não. Perante o mal, nós nos erguemos! Nós

lutamos com ainda mais força! A adversidade só fortalece nossa determinação de sermos os protetores deste mundo, os defensores da justiça!

Alguns gritos ecoaram da plateia.

— Nós não vamos ficar lamentando nossas perdas, e sim olhar para o futuro e descobrir como podemos seguir em frente para um amanhã melhor. Porque… sofremos perdas ontem. Mas também tivemos uma grande vitória. Quero confirmar que os boatos que vocês ouviram são verdade. — Ele fez uma pausa e sua atenção percorreu o salão. — Ace Anarquia, que nós acreditávamos estar morto nos últimos dez anos, está vivo. E sob nossa custódia.

Se esperava um grito de aprovação, ele deve ter ficado decepcionado. No mínimo, o fato de saber que o maior inimigo deles tinha sobrevivido à Batalha de Gatlon foi recebido com um murmúrio de preocupação, apesar da captura.

— E o elmo? — gritou Alquimista. — Disseram que foi destruído, como agora estão dizendo que foi isso que a Pesadelo veio buscar?

O Capitão segurou a amurada que os dividia.

— Isso também é verdade.

Nova engoliu em seco.

— Depois do Dia do Triunfo, eu fiz o que pude para destruir o elmo do Ace Anarquia — continuou o Capitão —, mas era indestrutível. O Conselho e eu decidimos que seria melhor contar ao mundo que o elmo tinha sido destruído, para aliviar a preocupação do nosso povo enquanto trabalhávamos para reconstruir a sociedade. Eu me convenci de que o elmo ficaria seguro aqui no quartel-general. — Um toque de ressentimento o fez crispar o lábio. — Mas parece que eu estava enganado. Pesadelo veio buscar o elmo e conseguiu escapar com ele na noite passada. — Uma série de cochichos tomou o ambiente, mas o Capitão levantou as mãos. — Me escutem. Nós temos que ficar calmos. Quero lembrá-los: os Anarquistas podem ter conseguido o elmo ontem, mas também perderam seu líder. Sem Ace Anarquia, aquele elmo não passa de um acessório.

Nova se perguntou se ele acreditava nisso, e quantos dos Renegados acreditariam *nele*.

Ela não sabia muito sobre o elmo do Ace, mas sempre tinha suposto que amplificaria os poderes de qualquer prodígio, assim como amplificava os do Ace. Do contrário, por que os Renegados estavam tão determinados a destruí-lo mesmo acreditando que Ace estava morto?

Ainda assim, as palavras do Capitão tiveram efeito imediato. A plateia fez silêncio.

— Eu imploro: por enquanto, a notícia desse roubo não pode chegar à população. Não falem com a imprensa. Não contem pra ninguém. A última coisa de que precisamos é que o pânico se espalhe enquanto estamos à beira de finalmente dominar a ameaça de prodígios vilões em toda parte. A partir de agora, temos duas questões imediatas a resolver. A primeira é desfazer o dano que foi feito ao nosso quartel-general ontem à noite e iniciar novos protocolos de segurança. Para isso, meus companheiros do Conselho e eu vamos entrar em contato com nossas organizações internacionais para pedir a ajuda de qualquer prodígio com poderes de construção e conserto, e vamos designar os nossos para tarefas baseadas nas suas habilidades nos dias vindouros. Somos gratos pela sua cooperação na reconstrução. Se tiverem alguma sugestão sobre esse projeto, encorajo que falem com Kasumi, que vai liderar essa empreitada.

Ele indicou Tsunami, que curvou a cabeça.

— Segundo — continuou o capitão —, até o fim do dia de hoje, teremos uma data marcada para a revelação pública do Agente N, a partir da qual todas as unidades de patrulha ativas serão equipadas com a substância. Isso vai permitir que nos defendamos contra futuros ataques desse tipo e que demonstremos para os cidadãos nossa seriedade em lidar com prodígios que decidirem não seguir nosso código de proteção e honra.

Nova apertou o antebraço de Adrian, mas só percebeu que tinha feito isso quando ele segurou a mão dela e entrelaçou seus dedos.

— Além disso, decidimos que parte da revelação vai incluir uma neutralização pública de todos os prodígios que foram até agora condenados por comportamento vilanesco… inclusive do próprio Ace Anarquia.

Apesar de um arrepio descer pela coluna de Nova, a declaração dele foi previsivelmente recebida com aplausos, embora um tanto nervosos. O Agente

N tinha parecido um desenvolvimento empolgante para a maior parte da organização quando foi revelado, mas isso foi antes de parte da substância ir parar nas mãos da Pesadelo. Isso foi antes de três deles terem sido neutralizados bem ali, naquele saguão.

Agora, parecia que todo mundo estava um pouco mais apreensivo em relação à mais nova arma dos Renegados.

— E as patrulhas que se recusarem a cooperar? — soou uma voz, estridente e carregada de raiva.

Uma onda de curiosidade se espalhou pela multidão quando Genissa Clark, previamente conhecida como Geladura, abriu caminho entre os escombros. Em vez do uniforme dos Renegados de sempre, ela estava usando uma calça de moletom e uma camiseta larga da ala médica. Os braços expostos estavam cobertos de hematomas e arranhões decorrentes da briga dela com Pesadelo.

Nova ficou tensa ao ver um dos prodígios com quem tinha lutado na noite anterior. Embora ela estivesse de capuz e máscara, seu coração disparou ao pensar que Genissa poderia tê-la reconhecido.

Ela não estava sozinha. O resto da sua equipe vinha atrás: Trevor Dunn, que era o Gárgula antes de seu poder ter sido drenado. Ele continuava mais alto do que a média, mas não era mais tão gigantesco quanto antes e sua pele não tinha tom de pedra. Havia também Mack Baxter, não mais Sismo, que se movia com um gingado peculiar, como se estivesse tão acostumado a fazer o chão tremer com seus passos que teria que reaprender a andar agora que o chão não mais se erguia até ele.

Da equipe deles, só Arraia — Raymond Stern — continuava sendo prodígio. Nova o tinha colocado para dormir na sala de segurança antes de desabilitar as câmeras, e ele tinha perdido o resto da batalha. A cauda farpada deslizava atrás dele, espalhando pedaços de vidro com o movimento de vaivém.

— O que eu perdi? — sussurrou Ruby, aparecendo atrás deles. Ela estava com um pacote de carne seca de peru na mão.

— Hã… a gente explica depois — disse Adrian, pegando um pedaço de carne e enfiando entre as grades da jaula do Turbo.

— Genissa — disse Pássaro do Trovão, indo para a frente da sacada. — Você não foi liberada pelos curandeiros para…

— Que se danem os curandeiros — gritou Genissa. — O que eles vão fazer? Trazer meus poderes de volta? — Ela estalou os dedos como se cristais de gelo pudessem explodir das pontas, mas claro que nada aconteceu. A expressão dela ficou ainda mais tensa. — Você mesma disse. Os efeitos do Agente N são irreversíveis. Portanto, não vejo muito sentido em ficar deitada numa sala de espera pra alguém poder dar tapinhas na minha cabeça e me dizer que poderia ter sido pior. Que eu poderia estar *morta*. — Ela parou no meio do saguão, onde o *R* de azulejos vermelhos tinha sido dizimado por um dos tremores do Sismo, e deixou o olhar passear pelos Renegados reunidos. — Mas vamos parar e nos perguntar… Isso teria mesmo sido pior? — Ela voltou a atenção para o Conselho. — Eu não estou convencida.

— Genissa… — disse o Capitão.

— *Geladura* — corrigiu Genissa com rispidez, as narinas dilatando. Ela se empertigou toda, o cabelo louro platinado balançando nos ombros. — Nós estávamos aqui, de serviço, protegendo a sua organização. Seu quartel-general. Eu acreditava nos Renegados. Teria feito qualquer coisa pra proteger o que representamos. E olha de que me serviu. De que nos serviu! — Ela fez um gesto para trás, indicando Mack e Trevor. — Nós lutamos contra Pesadelo. Arriscamos nossas vidas, porque é isso que super-heróis fazem. Mas não era exatamente uma luta justa, era? Porque, de alguma forma, ela conseguiu o Agente N. Ela conseguiu a *sua* arma.

Nova trincou os dentes, tomada de irritação. Como era conveniente Genissa deixar de lado o fato de que ela também tinha o Agente N à disposição… e ilegalmente, pois os Renegados não deveriam ter acesso à substância ainda. Nova supôs que Geladura tinha afanado um pouco durante o treinamento e não hesitou em disparar em Pesadelo um dardo cheio na noite anterior. Se Nova não estivesse com o Amuleto da Vitalidade, agora estaria tão sem poderes quanto eles.

— Eu quero saber como — continuou Genissa. — Como vocês conseguem desenvolver uma substância que consegue tirar os poderes dos nossos inimigos só para cair nas mãos de um inimigo antes mesmo de

fazermos um anúncio público sobre ela?

O Capitão Cromo pigarreou alto.

— Gen… Geladura fez uma pergunta justa e vamos investigar isso a fundo.

— Ah, vocês vão *investigar*? — Genissa ergueu os braços para os lados e encarou a multidão. Apesar de os Renegados mais perto dela terem recuado, ficou claro que estavam acompanhando cada palavra. As expressões estavam cheias de pena dos três ex-prodígios. Perder o dom… isso era o que todos temiam desde o começo. — Assim como vocês investigaram a morte da Pesadelo depois que a Detonadora supostamente a explodiu? — questionou Genissa. — Ou que tal a sua investigação sobre a morte do Ace Anarquia? Me perdoe se questiono sua capacidade de entender como a Pesadelo teve acesso ao Agente N, e também como você planeja impedir que outras pessoas o peguem e usem contra nós, como ela fez. — A voz dela aumentou de volume, e vidro se esmigalhou sob seus pés. — Está na hora de enfrentarmos a realidade. Nossos líderes são incompetentes. O Conselho está brincando com coisas que não entende, coisas sobre as quais não tem controle real e, pior de tudo, está arriscando nossas vidas e nossas habilidades!

Nova trocou olhares perplexos com Adrian. Mas, enquanto ela imaginava que Adrian estava chocado porque alguém ousou falar com o amado Conselho daquele jeito, *ela* ficou chocada por pensar que concordava com Genissa sobre alguma coisa.

— Já chega! — gritou Luz Negra, mas foi silenciado pelo Capitão levantando o braço ao peito dele, bloqueando-o de ir para a frente da sacada.

— Não, deixe-a falar — disse o Capitão. Apesar de estar com a mandíbula contraída, havia compaixão no olhar que ele lançou para Genissa, Mack e Trevor. — Nós temos alguma responsabilidade pelo que aconteceu aqui ontem. Me digam, o que podemos fazer para compensar?

— Compensar? — Genissa riu secamente. — Que sensacional. — Balançando a cabeça, ela pegou a faixa enrolada no antebraço. — Para ser sincera, eu nem quero saber o que os Renegados vão fazer depois disso. Eu não sou mais uma de vocês. Meu tempo como super-heroína acabou. — Ela tirou a faixa e jogou no chão. Mack e Trevor fizeram o mesmo e jogaram os

comunicadores nos escombros. — Espero que todos aqui saibam que não passam de peões pra vocês. Só um bando de soldadinhos bonitos que fazem o que vocês mandam, pra não terem que se preocupar com um bando de vilões patéticos aparecer e tirar seus poderes. Ou pior… aqueles justiceiros irritantes. Mas vamos admitir, nós não nos tornamos super-heróis pra seguir as regras. Nós nos tornamos super-heróis porque acreditamos na nossa capacidade de mudar este mundo pra melhor, a qualquer custo. Bem… — Ela balançou os dedos. — A quase qualquer custo.

Genissa percorreu o saguão na direção da escadaria principal. A multidão se abriu para ela e seus companheiros.

— Eu só sei — gritou ela por cima do ombro — que qualquer prodígio que sair por aí voluntariamente com o Agente N no cinto é um idiota.

Ninguém se mexeu para detê-la, nem Mack e Trevor quando chegaram à sacada. Genissa parou uma vez, parecendo surpresa de ter só dois capangas junto. Ela viu Raymond Stern — Arraia — no saguão, no mesmo lugar de quando estava ao lado dela. Uma expressão de desprezo distorceu o rosto dela, e ela e os companheiros empurraram as portas de vidro e deixaram o sol cegante entrar. Uma gritaria empolgada da multidão lá fora os recebeu, mas foi silenciada assim que as portas se fecharam.

CAPÍTULO TRÊS



NOVA JÁ TINHA IDO à casa do Adrian e não tinha se recuperado completamente da experiência. Não só por ter sido lá que ele a beijou pela primeira vez, uma lembrança que ainda a deixava de joelhos bambos, mas porque havia algo de dolorosamente irritante em parar na frente de uma mansão palaciana e saber, lá no fundo, que aquele não era seu lugar. Ele morava na antiga mansão do prefeito da Cidade de Gatlon, que tinha mais metros quadrados do que todas as casas de Wallowridge somadas e um jardim que ocupava quase um quarteirão inteiro.

Ela tentou não pensar muito nisso quando se aproximou do portão e tocou o interfone. Um dispositivo num pilar de tijolos leu o comunicador dela e confirmou a identidade, e o portão de ferro forjado se abriu.

Quando ela chegou ao fim do caminho de entrada, Adrian estava esperando na varanda, ladeada por pilares gregos e grandes urnas com topiarias saindo delas. Na última vez em que ela esteve lá, ele estava de moletom. Agora, estava com o uniforme dos Renegados, e a diferença de postura era impressionante.

Era uma reunião de trabalho.

Ainda assim, Adrian estava sorrindo quando ela se aproximou.

— Os outros já estão lá embaixo. Entra.

Ele esticou o braço para a porta aberta e a convidou para entrar no saguão.

Estava quente dentro da casa. Quase quente demais. O tipo de calor

emanado por lareiras no meio do inverno, que primeiro afastava o frio do ar e depois fazia todo mundo esquecer que o frio existia. E, realmente, quando Nova passou pela sala formal, ela viu um fogo aceso numa lareira de ladrilhos. Com suor já surgindo na nuca, ela abriu o moletom de capuz.

— Meus pais acham que deixa a casa mais aconchegante — disse Adrian, quase pedindo desculpas. — Está bem mais fresco lá embaixo. Vem.

Ela o seguiu pela escadaria estreita até o quarto no porão e parou no último degrau.

Oscar e Ruby estavam lá; Ruby empoleirada no sofá e Oscar de costas, na cadeira da escrivaninha do Adrian.

Mas o que fez Nova hesitar foi que Danna também estava presente, na forma de centenas de borboletas douradas e pretas que ocupavam todas as prateleiras e mesas e os parapeitos estreitos das janelas altas da parede do sul.

Nova ficou com a boca seca.

Ver tantas ao mesmo tempo, e não no borrão de uma batalha, como Nova sempre tinha visto, poderia ser uma visão linda. Só que elas não estavam se movendo. Não havia nem uma batida de asas. Nem um tremor de antenas. E embora fosse impossível ter certeza, Nova tinha a sensação nítida de que todos aqueles olhinhos estavam grudados *nela*.

— Ela está me seguindo desde que encontramos Ace — disse Ruby. — Não foi comigo para o quartel-general, mas, fora isso…

O olhar preocupado de Ruby percorreu as borboletas.

— Alguém fez contato com o pai dela pra avisar? — perguntou Adrian.

— Eu comentei com Pássaro do Trovão — disse Ruby —, e ela disse que mandaria alguém fazer contato e avisar que Danna está bem… de certa forma. Eu achei que ela já teria ido em casa, mas talvez ache que vê-la assim vai acabar deixando o pai mais preocupado.

— Ou talvez ela não queira ficar de fora do nosso empolgante trabalho de detetive — replicou Oscar. — Ela ainda é da equipe, mesmo que em modo bando, certo?

— Claro — disse Adrian. — Ela nos levou até Ace Anarquia. Talvez tenha mais a oferecer… da forma que for possível.

— Por que… — Nova parou para limpar a garganta e ousou dar o passo

final para entrar. — Por que ela ainda não se transformou de volta?

— Nós concluímos que ela não consegue, por algum motivo — disse Adrian. — Ela precisa que todas as borboletas convirjam. Se estiver faltando uma… não morta, mas em algum lugar distante ou impossível de escapar, as outras vão ficar presas desta forma.

— O que eu não consigo entender — disse Ruby, mexendo no fio no pulso — é por que ela não nos leva até a borboleta que falta… ou borboletas, se forem mais de uma. Se ela está presa em algum lugar, por que não nos ajudou a entender como ajudar, como nos levou até Ace?

Oscar deu de ombros.

— Talvez ela não saiba onde está.

— Mas elas se comunicam entre si, mesmo quando estão nessa forma — disse Adrian. — Como… uma mente coletiva, sei lá. Parece improvável que ela não saiba onde as outras estão.

Nova ficou sentada ao lado de Ruby com o corpo rígido, pensando na noite em que uma das borboletas de Danna a espionou junto com os Anarquistas nas catacumbas. Eles a capturaram com uma fronha e a mantiveram prisioneira para depois levá-la para a casa dentro de um pote de vidro.

Como um refém vendado, a borboleta não teve como ver para onde foi levada. Ela achava que fazia sentido a borboleta ainda não saber onde estava e, por isso, não poder chamar o resto das criaturas.

Ainda assim, ela imaginava que sentia a repulsa emanando dos insetos ao redor, o que fez os pelos dos seus antebraços ficarem todos arrepiados.

Danna podia não conseguir falar com os outros, mas ela sabia a verdade. Ela sabia o segredo de Nova.

Era só questão de tempo para ela descobrir um jeito de avisar o resto do grupo.

— Eu estou feliz por ela estar aqui, pelo menos — disse Adrian. Ele fez uma pausa e observou o bando. — Eu estou feliz por *você* estar aqui — corrigiu-se, porque era grosseria falar sobre uma pessoa como se ela não estivesse presente, embora Nova não tivesse certeza de que Danna fosse capaz de ouvir naquela forma. — Nós vamos encontrar um jeito de ajudar

Danna. Deve ter um motivo para ela saber o local do esconderijo do Ace. — Ele batucou com os dedos na coxa. — Eu não tenho certeza, mas desconfio de que… se a gente encontrar Pesadelo e os Anarquistas, talvez descubra um jeito de ajudar Danna também.

— Espera, espera, espera — disse Oscar. — Sinto uma transição para trabalho de verdade chegando, mas, antes disso… — Ele levou a mão para trás do corpo e pegou uma latinha velha em formato de coração. — Eu trouxe biscoitos!

Depois de tirar a tampa, ele os ofereceu a Ruby primeiro. Nova viu que os biscoitos dentro eram caseiros. Alguns estavam com bordas queimadas e outros estavam com o centro mole e meio crus, sobre uma folha de papel-manteiga.

— Obrigada, Oscar — disse Ruby, pegando um. Ela o ergueu e fez uma pausa. — São…?

— Biscoitos de limão com coco e recheio de chocolate branco — completou Oscar, as orelhas ficando rosadas. — Sim. Sim, são.

Ruby o encarou, boquiaberta.

— É… A minha mãe faz… É meu biscoito favorito!

— É, eu sei. — Oscar limpou a garganta com constrangimento e ofereceu a latinha a Nova. — Eu, hã, liguei pra sua mãe e pedi a receita.

Com pouco apetite, Nova dispensou os biscoitos, e Adrian pegou três. Ruby continuou olhando para Oscar, o biscoito esquecido na metade do caminho até a boca. Ele não retribuiu o olhar. Só fechou a tampa da lata e assentiu para Adrian, como se ansioso para seguir em frente depois do que pode ter sido a confissão mais descarada de adoração que Nova já tinha testemunhado.

— Muito bem. Ótimo. Vamos em frente. Por onde a gente começa?

Adrian enfiou o primeiro biscoito na boca e se aproximou de um quadro branco na parede. Segurou um lado, puxou-o para longe da parede e o virou para que todos pudessem ver a parte de trás.

O estômago de Nova gelou.

Era um quadro de cortiça cheio de anotações, diagramas e provas. Um mapa da Cidade de Gatlon ocupava quase o quadro todo, com círculos em

volta dos locais onde Pesadelo tinha sido vista. Os prédios onde ela e o Sentinela tinham se enfrentado durante o desfile. O parque Cosmopolis, com a casa maluca abandonada. O quartel-general dos Renegados. Várias entradas para os túneis do metrô. A Biblioteca Cloven Cross também estava marcada, com anotações sobre a Detonadora e o Bibliotecário. E a catedral, ao lado da qual estava preso um artigo de jornal recente sobre a captura de Ace Anarquia.

Havia uma imagem granulada da Pesadelo jogando o Titereiro de cima do seu balão de ar quente. Um círculo vermelho tinha sido desenhado em volta do rosto dela com uma linha ligando ao QG e outra a Cosmopolis. Ao lado da linha, com letra de forma, Adrian tinha escrito: *MÁSCARA?*

Outra linha conectava o quartel-general com a casa de Adrian, junto com as palavras: *AMULETO DA VITALIDADE???*

Outra linha do desfile até a biblioteca. *ARMAMENTOS?* E, entre parênteses: (*atiradora de precisão*).

Outra linha do QG até a catedral. *ELMO DO ACE ANARQUIA?*

Na lateral do mapa havia uma série de apartes e anotações confusas.

Como ela ficou imune ao Agente N e ao Max? Com o Amuleto da Vitalidade?? Mas como ela sabia sobre ele? Como o CONSEGUIU?

Como ela tirou o elmo da caixa de cromo?

Como ela sabia que o elmo não tinha sido destruído?/ Onde ficava?

Acesso ao Agente N?

Bombas de Agente N — mísseis de névoa da Fatalia!

Cada uma das perguntas tinha uma linha puxada até o quartel-general dos Renegados.

Nova engoliu em seco com força. Sua pele ficou arrepiada e suas pernas tremeram com a vontade de correr para a porta. Parecia uma cilada, mas ninguém estava olhando para ela.

Ruby se levantou, limpou migalhas de biscoito dos dedos e se aproximou do quadro.

— Certo — murmurou ela, se balançando nos calcanhares. — O que isso tudo quer dizer?

A expressão de Adrian estava sombria quando ele inspecionou o mapa

junto com ela, como se esperando que uma nova pista pulasse dali e juntasse todas as peças. Mas ele já tinha feito o suficiente.

Nova sabia o que Adrian ia dizer antes de ele falar.

O coração dela disparou à espera das palavras.

— Eu tenho uma teoria — disse ele, falando lentamente, a testa franzida.

— Pode falar — replicou Oscar.

No mesmo momento, uma dezena das borboletas da Danna levantaram voo da escrivaninha do Adrian e giraram em volta do quadro antes de pousarem no alto.

— Pra começar — disse Adrian —, a Pesadelo sabe demais… sobre o Agente N e sobre o Max e talvez até sobre o Amuleto da Vitalidade…

— Pausa — disse Ruby, esticando a mão na direção dele. — O que é o Amuleto da Vitalidade?

Adrian limpou a garganta.

— É… — Ele hesitou de novo, e Nova viu os pensamentos dele tentando se organizar para explicar da melhor forma o objeto incrível que tinha descoberto. — É um amuleto antigo que foi encontrado no departamento de artefatos. Qualquer pessoa que o use fica protegida de doenças, venenos, substâncias tóxicas e até… de algo como o Agente N. E do Max.

— Você está brincando — disse Oscar, inclinando a cabeça para o lado. — Por que nós não ouvimos falar sobre isso antes?

— Eu queria contar pra vocês, mas meus pais me pediram pra guardar segredo até eles saberem mais sobre o amuleto e suas limitações. Ficaram com medo de que a existência dele pudesse interferir no lançamento do Agente N. E, agora, sumiu.

— Sumiu? — perguntou Ruby.

— Estava com Simon. Foi assim que ele pôde visitar o Max. Mas nós não o vemos desde antes da invasão no quartel-general.

— Então a Pesadelo roubou essa coisa do Guardião Terror? — perguntou Oscar. — Como assim? Ela tirou do bolso dele na mão leve?

Adrian tamborilou com a caneta na palma aberta.

— Meu pai disse que deixou aqui em casa, mas não sei. Talvez ele tenha esquecido e estivesse no quartel-general. Porque, escuta, todas essas coisas

— ele girou a caneta sobre o quadro — estavam no QG. O elmo, a Lança de Prata e até aquelas bombas que ela tinha. O Amuleto da Vitalidade, se estava com ela… talvez estivesse no quartel-general também. E, ah, a máscara! — Ele apontou para uma foto granulada da Pesadelo que mostrava a máscara de metal na parte inferior do rosto dela. — A equipe de Geladura disse que ela estava de máscara ontem à noite e que era idêntica à antiga. Estou convencido de que aquela *é* a máscara antiga.

Nova afundou mais no sofá.

— E daí? — questionou Oscar.

— E daí — disse Adrian — que a máscara dela foi encontrada nos escombros da casa maluca de Cosmopolis. Eu mesmo vi depois da explosão que supostamente a matou. Eu falei com a Pega, e ela jura que foi coletada pela equipe de limpeza e entregue para o departamento de artefatos, mas não há registro lá. E a declaração do Arraia diz que a Pesadelo estava com traje completo quando o atacou na sala de segurança, embora isso tenha sido *antes* de ela ir ao cofre.

Ele apontou para uma linha do tempo da invasão do QG na parte de baixo do quadro, onde estava indicado que Pesadelo usou o comunicador do Arraia para acessar a porta do cofre.

— O que leva a outro ponto — continuou Adrian. — Pesadelo fez questão de ir até a sala de segurança e desabilitar todas as câmeras de segurança antes de ir atrás do elmo. Mas ela usa máscara! Por que se importaria de ser filmada se não tivesse medo de que alguém pudesse reconhecê-la?

Nova levantou um dedo, feliz porque isso, pelo menos, ela podia contestar de forma decente.

— Se ela entrasse no cofre com as câmeras ligadas, a equipe de segurança teria sido alertada e ido atrás dela imediatamente. Ela precisaria desarmar as câmeras para ter tempo de fazer o roubo completo antes que alguém se desse conta do que ela estava fazendo.

Adrian considerou isso e deu de ombros parcialmente.

— Talvez. Mas tem também o Agente N. — Ele bateu no quadro grande com entusiasmo. — Eu recebi um relatório algumas horas atrás. Aqueles dispositivos encontrados no saguão eram os mísseis de névoa da Fatalia,

bombas de gás que estavam guardadas no cofre, que a Pesadelo adaptou para liberar uma forma gasosa do Agente N, o que não só significa que ela já estava com as bombas antes de entrar, talvez até semanas antes, mas também que tinha um suprimento de Agente N, que fica guardado em um depósito seguro atrás dos laboratórios. Ou a Pesadelo invadiu aquele depósito *antes* do ataque ao QG na outra noite ou conseguiu obter Agente N de alguma outra forma.

— Mas quem mais tem acesso a ele? — perguntou Ruby enquanto roubava outro biscoito da lata.

Adrian fixou um olhar sério nela.

— *Nós.*

— Opa — murmurou Oscar. — Você acabou de me deixar arrepiado. Mas o que isso quer dizer exatamente?

— Nós temos acesso ao Agente N — disse Adrian. — Todas as unidades de patrulha. Todo mundo que está em treinamento nas últimas semanas. E o Conselho, claro. E todo mundo que trabalha nos laboratórios.

Oscar puxou a cadeira para a frente com os calcanhares no chão.

— Continua. Estou com a sensação de que isso vai ficar muito bom.

Adrian coçou a nuca.

— Pode parecer absurdo, mas eu tenho uma teoria que responde a muitas perguntas. Como ela sabia sobre o Agente N e como conseguiu roubar um pouco, antes até do anúncio. Como teve acesso ao cofre. Como soube sobre o Max e sobre que equipe estaria fazendo a segurança naquela noite e sobre o elmo e tudo mais. Eu acho… — Ele fez uma pausa para respirar fundo. — Eu acho que a Pesadelo anda se passando por Renegada. Acho que ela é uma espiã.

Nova se encolheu. Fechou bem os olhos, mas só por um segundo. Ali estava. O comentário que desvendaria tudo.

Ainda assim, ela forçou uma expressão de surpresa no rosto enquanto as pontas dos dedos afundavam nas coxas.

— Espiã? — disse ela, ousando falar e torcendo para que o leve tremor na voz aumentasse a aparente descrença. — Nos Renegados?

Ao mesmo tempo, as centenas de borboletas em volta deles abriram as

asas em sincronia perfeita, depois as fecharam e ficaram imóveis.

Foi uma confirmação tão real quanto se Danna estivesse sentada no sofá entre as meninas, pronta para apontar o dedo acusador na direção de Nova.

— Caramba — murmurou Oscar. — Que esquisito.

— Danna — disse Adrian. — Eu estou certo? Você sabe quem é? Ou como podemos encontrá-la?

E, embora Nova tivesse certeza de que Danna não devia poder ouvir, menos ainda compreender linguagem falada quando estava em modo bando, as borboletas pareciam ter entendido direitinho. Ao mesmo tempo, as borboletas voaram, deram uma volta junto ao teto e pousaram.

Diretamente em cima de Nova.

Ela deu um gritinho e enrijeceu quando as borboletas e suas patinhas delicadas pousaram nos ombros, no cabelo e nos joelhos e braços dela. As que não conseguiram pousar no corpo ficaram em volta dela, pousando em almofadas e no encosto do sofá.

Nova prendeu o ar, com medo demais para se mexer. Ela não era a única que estava imóvel. Adrian estava olhando para ela com a boca aberta.

As borboletas ficaram só um momento, mas voltaram para o ar e seguiram para cantos distantes do quarto.

Com o coração disparado, Nova ousou olhar para Ruby. E para Oscar. E para Adrian. Todos estavam olhando para ela… ainda sem acusação. Mas com incerteza.

O cérebro dela procurou palavras… qualquer palavra… e:

— O cofre! — disse ela, se levantando tão rápido que Adrian deu um passo hesitante para trás. — Eu acho que Danna está me dizendo… nos dizendo… é isso. Faz tanto sentido. Tantas das pistas que apontam para a Pesadelo levam ao cofre. E eu trabalho no cofre! — Ela forçou um sorriso, o mais brilhante que ousou dar. — Posso procurar nos registros. Falar com Tina e Callum. Se a Pesadelo sabia sobre os mísseis de névoa e… e todas as outras coisas… ela deve ter deixado um rastro. Ou na papelada ou nas câmeras de segurança… — Ela bateu com o punho na palma da mão. — Se ela esteve lá alguma vez nos últimos seis meses, eu consigo descobrir. Se for uma espiã, vou conseguir descobrir a identidade dela. Eu sei que vou.

Adrian relaxou.

— Você tem razão. Danna tem razão. Ao identificar os itens que ela usou e roubou, é possível que a gente consiga descobrir quem é.

— Além disso — disse Ruby —, podemos comparar isso com os registros dos testes. É provável que a Pesadelo não esteja conosco há muito tempo. Ela pode ter entrado nos testes recentes… ou talvez no ano passado. Nós podemos comparar o que a Nova descobrir com as informações dos recrutas mais novos.

A cabeça de Nova começou a assentir como se não estivesse mais presa à coluna.

— Ótimo. Sim. Excelente. Não vou decepcionar vocês.

O tempo todo, a cabeça dela estava latejando. O pânico corria pelas veias.

O tempo estava acabando. Ela seria descoberta a qualquer dia, a qualquer *minuto*.

Como poderia libertar Ace antes disso?

CAPÍTULO QUATRO



—O QUE A GENTE TEM é isto — disse Nova, tirando potes cheios de mel da mesinha de jantar.

Leroy, Mel e Fobia estavam olhando enquanto Nova tirava o elástico de um rolo grande de papel e o abria. Ela colocou potes de mel nos cantos para segurar as pontas.

O papel, impresso em uma gráfica 24 horas barata na noite anterior, mostrava as plantas velhas da penitenciária Cragmoor, baixadas da base de dados dos Renegados. Mas eram plantas muito velhas, e Nova sabia que não eram precisas. Ainda assim, ela não tinha conseguido encontrar registros atualizados. Até parecia que os Renegados tinham protegido intencionalmente os registros de qualquer reforma da penitenciária… talvez para impedir invasões na prisão.

— Esses muros externos não mudaram — disse ela, apontando para o contorno da prisão e para o muro de pedra que a circundava. — As imagens de satélite confirmam, assim como o posicionamento dessas torres de guarita e a doca do barco. Ainda tem prédios aqui e aqui… — Ela apontou para duas estruturas na parte interna do muro. — Mas não sei bem o que tem neles. Eram a administração, o alojamento dos guardas, um consultório médico pequeno e o refeitório, mas não dá para confirmar nada disso. Nós sabemos que os prisioneiros são transferidos para veículos terrestres na doca e levados por essa estrada pela ilha, onde passam por esse ponto de verificação de

segurança, controlado por Renegados. Vamos supor que estejam armados até os dentes.

— É possível — disse Leroy. Ele estava encostado na bancada da cozinha, tomando goles de uma taça cheia de conhaque. Ele não bebia regularmente, mas aquela garrafa parecia ser uma que ele tinha guardado por anos, e Nova tinha reparado nos dias anteriores que ele a estava esvaziando mais rápido do que o habitual. — Mas é mais provável que escolham prodígios com poderes de longa distância em vez de usar armas que poderiam ser tiradas e usadas contra eles.

— Vamos torcer pra isso — disse Mel. — Algumas doses de Agente N vão resolver o problema.

Nova não respondeu. O mesmo pensamento tinha ocorrido a ela, mas ela não queria ficar arrogante. Depois de sua infiltração no quartel-general dos Renegados, eles sabiam que Pesadelo e os Anarquistas tinham pelo menos algum suprimento de Agente N e que haviam encontrado uma forma de transformá-lo em um gás perigoso. Eles podiam estar esperando um ataque assim. Ela duvidava de que fosse ter uma chance de surpreendê-los com a substância de novo.

— E onde está Ace nisso tudo? — perguntou Mel. Ela se inclinou sobre a mesa e passou uma unha vermelho-sangue pela fileira de celas dentro da prisão. — Em algum lugar aqui?

— Duvido — murmurou Fobia. Ele girou a lâmina da foice uma vez sobre o capuz antes de incliná-la para a frente e encostar a ponta na planta. — Vão colocá-lo aqui.

Embaixo da lâmina havia um corredor curto, escondido no prédio atrás do que podia ou não ser o refeitório. Só havia quatro celinhas ali, junto com a palavra SOLITÁRIA.

— Se for aí que ainda fica o confinamento solitário — disse Nova. — Nós sabemos que os Renegados fizeram grandes reformas na prisão, mas não consigo encontrar nenhum registro do que fizeram. — Ela apertou a ponte do nariz e sentiu uma dor de cabeça chegando. — E, no que diz respeito a protocolos de segurança atuais, posicionamento de celas, áreas de acesso restrito… — Ela deu de ombros. — Nós podemos ter palpites, mas serão só

isso. Palpites.

— Então, se nós queremos tirar Ace de lá — disse Mel —, nós vamos ter que ir às cegas.

— Isso mesmo.

Mel murmurou enquanto observava as plantas:

— Estou começando a entender o valor da habilidade da nossa amiguinha borboleta cada vez mais.

A bochecha de Nova tremeu, mas ela tentou não deixar os outros verem seu desconforto. Ela costumava fazer uma careta cada vez que Danna era mencionada. Tinha se esforçado para ignorar o pote de vidro que ficava na penteadeira de Mel no quarto que elas dividiam, com buraquinhos para a entrada de oxigênio na tampa de metal e uma graminha jogada lá dentro de vez em quando para ela não morrer de fome. A culpa que Nova sentia por manter Danna aprisionada era profunda. Ela costumava se perguntar se a consciência de Danna estava em algum lugar naquele cerebrozinho de inseto, vivenciando o que ele vivenciava.

Presa e sufocada.

Mas Danna sabia demais e não podia ter a chance de escapar. Enquanto eles mantivessem uma borboleta separada das outras, ela não conseguiria recuperar a forma humana e contar para todo mundo a verdadeira identidade de Nova e o paradeiro dos Anarquistas.

Nova sabia logicamente que não tinha escolha. Para sua própria segurança e a dos outros, ela não podia libertar Danna.

Mas mesmo assim. Com sua aversão a lugares pequenos e fechados, ela não podia negar a culpa que a incomodava só de pensar na linda borboleta presa no pote. E não era nem como um animal de estimação. Estava mais para… um experimento científico.

— Seria útil ter, bem, alguma ideia de onde estamos entrando — disse Leroy, metade do rosto se enrugando com um sorriso malicioso. — Alguma esperança disso, *Insônia*?

Insônia. Seu codinome dos Renegados.

— Eu… não sei — admitiu ela. — Estou tentando pensar em um motivo válido para eu ir lá. Para entrevistar o Ace ou algum outro prisioneiro. Para

conduzir alguma espécie de pesquisa… ou… — Seus ombros se encolheram. — Não consigo pensar em nada que não seja suspeito. Mas talvez uma oportunidade apareça.

Mel curvou o lábio.

— Nós não temos tempo pra esperar uma oportunidade.

Leroy olhou para Nova com a testa franzida de preocupação.

— Quanto tempo você acha que temos?

— Antes de neutralizarem o Ace? Difícil dizer. Ainda estão tentando decidir…

— Não isso — interrompeu ele. — Quanto tempo nós temos até eles descobrirem quem você é?

Nova ficou tensa. Com o que parecia ser uma pergunta inocente, uma onda de pânico se espalhou pelo corpo dela.

Cada decisão errada.

Cada erro arrogante.

Cada prova que se acumulara contra ela nos meses anteriores.

Todos se misturaram na cabeça dela. Mil passos errados surgindo na sua memória ao mesmo tempo.

A ocasião em que ela teve que fazer Danna dormir na ala médica. Quando Winston pareceu reconhecê-la quando foi interrogado por Adrian, assim como a neta do Bibliotecário, Narcissa Cronin. Todas as coisas que ela tirou do cofre. Quando exibiu sua habilidade de tiro, mais de uma vez. Quando saiu cedo do baile dos Renegados, na mesma noite em que Pesadelo roubou o elmo do Ace.

E, talvez o mais sério de tudo, ao ajudar Max quando ele estava morrendo.

Depois de ver o quadro na casa do Adrian e de ouvir a teoria dele, Nova se deu conta de que, de uma forma terrível, tinha sorte por Max estar em coma. Talvez fosse melhor para Geladura mentir e dizer que Pesadelo tinha atacado o garoto, mas, quando ele acordasse, será que Max contaria uma história diferente? Nova queria que ele acordasse, claro que queria, mas também esperava que as lembranças dele daquela noite estivessem confusas demais para entender o que tinha acontecido.

Porque não fazia sentido Pesadelo o ajudar, mas foi o que fez. Em vez de

deixá-lo morrer, ela tentou estancar o sangramento e chegou ao ponto de obrigar Genissa Clark a dar os poderes para ele, para que pudesse congelar a própria ferida.

Nova tinha repassado aqueles momentos na cabeça um milhão de vezes. Ela sabia que devia ter deixado o Max. Devia ter pegado o elmo e fugido.

Mas ele estava *morrendo*.

Ela não conseguiria deixá-lo. Mesmo agora, atormentada e refletindo com toda a racionalidade depois do ocorrido, ela sabia que tinha feito a escolha certa.

A verdade acabaria surgindo, e a verdade seria seu fim. Àquelas alturas, quaisquer daquelas verdades podiam ser seu fim.

— Talvez o momento peça por um pouco de frieza e honestidade — disse Mel, batendo com as unhas na mesa. — Eu quero salvar nosso pobre Ace tanto quanto qualquer um, mas nada disso é muito promissor. Mesmo se conseguíssemos entrar naquela prisão, as chances de tirá-lo de lá e de *sairmos* de lá já são baixas, e, assim que os Renegados se derem conta de quem a Nova é, o que, a julgar pelo pavor abjeto no rosto dela, desconfio que possa acontecer em aproximadamente cinco minutos, eles vão cercar este lugar e vai ser nosso fim. — Ela afofou o cabelo enquanto o foco se desviava de Nova para Leroy e para Fobia, depois de volta para ela. — Alguém já considerou que talvez a gente não devesse resgatar o Ace e sim roubar um belo iate e ir viver em uma ilha tropical por aí?

Fobia fez um som de repulsa.

Mel balançou os dedos para ele.

— Não se preocupe, querido. Tenho certeza de que dá pra achar uma que tenha cemitério.

— A gente não vai abandonar o Ace — disse Nova.

Mel suspirou.

— Está na hora de considerar outras opções.

— Mel tem razão — murmurou Leroy. — Eu odeio admitir, mas… — Ele indicou uma planta. — Isso não dá o suficiente nem pra elaborar um plano, menos ainda pra executar um.

— A gente *não vai* abandonar o Ace — repetiu Nova, mais ríspida desta

vez. — Ele não nos abandonaria.

Os outros trocaram olhares inseguros, e Nova se irritou.

— Bom, ele não *me* abandonaria. Além do mais… Mesmo que… — Ela engoliu o caroço na garganta. — Mesmo que a gente não consiga chegar ao Ace a tempo, isso não significa que perdemos. Ele tinha uma visão, e essa visão continua existindo dentro de nós. O controle que os Renegados têm da cidade está enfraquecendo a cada dia, conforme as pessoas vão ficando cientes dos fracassos e da hipocrisia deles. O que quer que aconteça com o Ace, nós temos que continuar lutando pelo mundo em que ele acreditava!

Nova fechou a boca na hora em que as lágrimas começaram a se acumular nos seus olhos. Sentindo-se irritantemente dramática, ela virou o rosto, mas havia palavras que ainda precisavam ser ditas. Ainda havia uma abominação profunda que ardia no peito dela. Não era só por causa da esperança do Ace para o mundo, pela liberdade e autonomia que ele achava que todos os prodígios mereciam. O direito de não serem caçados e mortos pelo que eram, mas também o direito de usar os poderes como quisessem, sem medo de perseguição, mesmo de outros prodígios como os Renegados. Isso era parte, sempre foi parte do motivo de ela lutar ao lado do Ace.

Mas o motivo mais profundo para seu ódio duradouro pelos Renegados era porque eles não foram resgatá-la quando ela mais precisou. Eles tinham jurado proteger a família dela e fracassaram. Seus pais estavam mortos. Sua irmãzinha, Evie, estava morta. Nova também estaria morta se não tivesse usado seus poderes para fazer o assassino dormir. Ace a encontrou parada ao lado do corpo inconsciente, tentando, sem conseguir, puxar o gatilho contra o assassino da família dela.

Tudo por causa dos Renegados e das promessas vazias deles.

Ela não perdoaria. E não deixaria que acontecesse com mais ninguém. As pessoas acreditavam que os Renegados podiam salvá-las, mas estavam enganadas. Os Renegados cometiam erros. Quebravam promessas. Mentiam.

E não podiam dominar o mundo sem que ninguém os enfrentasse.

— Tudo bem — disse Mel quando o silêncio já tinha se prolongado demais. — Vamos tentar do seu jeito, pequena Pesadelo. — Ela inclinou o queixo na direção da planta. — Mas nós todos sabemos que seus segredos

não vão durar muito mais. Seria bom termos um plano de contingência preparado para quando você for descoberta.

Leroy assentiu.

— Eu também andei pensando nisso. Se Nova for descoberta, nós vamos ter que sair desta casa e destruir o máximo de provas possível de que estivemos aqui. E acontece que eu estou trabalhando nisso mesmo. Um coquetel de produtos químicos que, quando misturados, vão dizimar quase tudo em que tocarem. Pelo menos impediria que os Renegados revistassem nossas coisas quando formos embora.

— Tudo bem — disse Nova. — Se necessário, vamos levar tudo de que precisamos, destruir o resto e nos esconder.

Um baque alto no segundo andar atraiu a atenção deles para o teto manchado de infiltração. O corpo de Nova ficou tenso, e ela sentiu os companheiros ficarem imóveis, exceto Fobia, que se dissolveu em uma nuvem de fumaça preta e girou como um furacão na direção da escada.

Nova pegou a arma mais próxima, uma faca meio cega na gaveta da cozinha, e correu atrás dele, com Leroy e Mel logo atrás. Mas, quando chegou ao quarto que dividia com Mel, só viu Fobia a esperando no meio das abelhas e vespas. As criaturas da Mel sempre iam e vinham pela janelinha, que ficava entreaberta para que elas tivessem liberdade, mesmo quando alguma chuva torrencial encharcava a moldura podre da janela, como acontecia cada vez mais conforme o outono se transformava em inverno.

A presença encoberta de Fobia parecia um buraco negro no centro do quarto. Ele estava virado para a penteadeira de Mel, a mão esquelética girando distraidamente a lâmina da foice.

Os pés de Nova pararam no tapete sujo. Mel e Leroy pararam ao lado dela.

Nada na penteadeira parecia ter sido mexido, embora fosse difícil de saber, pois a bagunça de maquiagem e bijuterias costumava ser grande. Ali estava o pote de vidro, a tampa coberta com grampos e um brinco de pedra. Dentro estava a borboleta-monarca, agora pendurada de cabeça para baixo na tampa. Rastros de pó das asas dela manchavam o interior do pote pelas tentativas de se libertar, e quatro vespas amarelas estavam andando na tampa para tentar chegar ao lanchinho gostoso protegido ali dentro.

Mas não foi a borboleta nem as coisas da Mel que chamaram a atenção da Nova. Foi o espelho, refletindo as expressões atordoadas deles. Na superfície, escritas com caneta permanente preta em letra de forma, havia as palavras:

TRAGA O ELMO PRA MIM
QUARTO DA AR — BLACKMIRE
48 HORAS
OU TODO MUNDO VAI SABER
QUEM VOCÊ É DE VERDADE

Nova mal tinha começado a digerir a ameaça quando Leroy passou por ela e enfiou a cabeça pela janela para olhar o quintal e a viela atrás da casa. No entanto, se o culpado estivesse lá, se escondendo nas sombras, Nova duvidava de que Leroy conseguiria vê-lo na escuridão.

Ela leu as palavras de novo. Sabia que muitos dos Renegados, como Adrian, estavam chegando perto de descobrir o segredo dela havia meses. Será que um deles finalmente tinha chegado lá? Mas a maioria dos Renegados levaria a informação diretamente para o Conselho. Ela duvidava de que muitos deles teriam coragem de fazer chantagem para obter o elmo do Ace, mesmo que fosse um dos objetos mais poderosos de todos os tempos.

Quem poderia ser?

— Bem — disse Mel —, sem Ace, o elmo não tem muita utilidade para nós.

Nova fez cara feia para o reflexo de Mel, cortado pelas palavras rabiscadas.

— Nós não vamos abrir mão do elmo. Eu me arrisquei demais pra pegá-lo. Além do mais, nós vamos encontrar um jeito de libertar o Ace e, quando fizermos isso, ele vai precisar do elmo pra recuperar a força. Eu não vou ficar parada, vendo Ace definhar, porque nós abrimos mão da única coisa que poderia revigorá-lo.

— Concordo — disse Leroy, aparentemente sem ter visto nada nem ninguém pela janela. — Mas acho que não devemos encarar isso como uma

ameaça vazia. Alguém sabe sua identidade, Nova. Não só isso. Sabe onde você está. Onde nós todos estamos.

Nova cruzou os braços.

— É, mas essa pessoa é uma covarde, seja quem for. Deixar uma mensagem ameaçadora e não ousar me enfrentar pessoalmente… Quem faz isso?

— Os covardes às vezes podem ser os mais perigosos — disse Fobia.

— O Fobia está certo — retrucou Leroy. — Nós não podemos ignorar isso.

Nova olhou para o rosto dele, marcado e desfigurado, e pensou nos valentões adolescentes que jogaram ácido nele depois de uma aula de química. Covardes, todos. Mas perigosos mesmo assim.

Ainda assim, ela não entregaria o elmo para alguém que não tinha coragem de lutar, nem tinha tempo para ficar fazendo entregas para perseguidores anônimos.

Mas ela precisava de mais tempo para pensar em como libertar Ace daquela prisão.

Seu muro de mentiras podia estar pronto para desabar, mas ela não ia deixar que alguém o derrubasse com uma bola de demolição agora.

A ameaça no vidro ficou borrada à frente dela.

48 HORAS
OU TODO MUNDO VAI SABER

CAPÍTULO CINCO



ADRIAN ESTAVA REFLETINDO SOBRE invisibilidade. No que dizia respeito a superpoderes, era um que tinha utilidades infinitas, em especial quando se passava muito tempo andando sorrateiramente e espionando, como ele andava fazendo. Seu pai Simon, o Guardião Terror, podia ficar invisível. Max também, por ter absorvido um pouco da habilidade do Simon quando era bebê, embora só conseguisse fazer isso por períodos curtos. Havia um Renegado que tinha sido treinado na Cidade de Gatlon vários anos antes que estava *sempre* invisível, o que Adrian achava meio desconcertante quando se encontrava em sua presença. (Até agora, ele ainda não sabia qual era o gênero da pessoa, e o codinome, Espectro, não oferecia nenhuma pista disso.) Mas esse prodígio tinha sido enviado para uma organização do outro lado do oceano e Adrian não pensava nesse poder desde então.

Ele estava pensando muito agora.

Apesar de todos os poderes que ele tinha se dado usando as tatuagens, nenhuma delas melhorava muito sua furtividade. Pelo contrário: a armadura que saía do zíper tatuado no esterno dele era grande e volumosa, brilhante e reluzente. Fazia com que ele se sentisse invencível quando a usava, mas também muito, *muito* visível.

Só que Adrian não conseguia imaginar que tipo de tatuagem permitiria invisibilidade total. Ele achava que uma tatuagem assim teria que cobri-lo

quase da cabeça aos pés para ser eficaz, mas talvez precisasse pensar de forma mais criativa. Talvez ele só precisasse de inspiração.

Ele se perguntou se Nova teria ideias, mas ela não sabia sobre o Sentinela e as tatuagens, e ele não sabia como contar, nem se queria, principalmente considerando a repulsa óbvia que ela demonstrava pelo alter ego justiceiro dele.

Mas, parado no beiral do lado de fora de uma janela de hospital, a cinco andares de altura, em plena luz do dia, com uma armadura pesada e reluzente, ele decidiu que estava na hora de começar a considerar outros meios de visitar Max escondido. E invisibilidade teria tornado tudo muito mais fácil.

Grudado na lateral do prédio, ele virou um espelhinho de mão na direção da janela para acompanhar os movimentos de uma enfermeira que verificava os sinais vitais do Max e anotava as informações em uma prancheta. Ela ajustou alguma coisa no soro pendurado ao lado da cama, esticou o cobertor por cima dos ombros magros de Max, rubricou uma folha de papel ao lado da porta.

Por fim, saiu e deixou a porta com uma fresta aberta.

Assim que ela saiu, Adrian se agachou e enfiou a ponta do dedo enluvado por baixo da janela. Abriu-se tão fácil e silenciosamente quanto das últimas duas vezes.

Ele chegou para o lado e fez uma careta por causa do estrondo das botas. Encostou um dedo no peitoral e recolheu a armadura para o bolso embaixo da pele. Com pés descalços bem mais silenciosos, ele atravessou o quarto e fechou a porta totalmente. Não havia tranca, mas os enfermeiros seguiam um horário rigoroso, e agora ele já estava bem familiarizado com os métodos para saber que ninguém voltaria ao quarto de Max nas próximas duas horas.

E, infelizmente, o garoto não podia receber muitos visitantes. Depois de passar a maior parte da vida em quarentena no QG dos Renegados, ele não tinha amigos nem conhecidos fora da organização, e só havia dois deles que podiam ficar perto de Max sem que seus poderes fossem absorvidos.

O Capitão Cromo era um. Ele era invencível a tudo, até ao Bandido.

E Adrian era o outro… embora só Max soubesse.

Depois que ele descobriu o Amuleto da Vitalidade e o que era capaz de

fazer, Adrian se inspirou a criar uma tatuagem que oferecesse as mesmas medidas de proteção, ainda que contra um poder como o de Max. E deu certo. Ele finalmente podia ficar perto do irmãozinho sem uma barreira de vidro os separando.

Mas até descobrir um jeito de explicar as tatuagens para todo mundo, principalmente seus pais, ele tinha que guardar segredo sobre aquilo. E, agora que o Amuleto da Vitalidade tinha desaparecido, ele não podia usar isso como pretexto para visitar o garoto.

Mas não havia como ele parar de aparecer completamente.

Só precisava tomar cuidado.

Com a porta e as persianas fechadas, ele foi até a cama e olhou para o irmãozinho. Pelo menos ele pensava em Max como um irmão desde que conheceu o garoto. Seus pais salvaram Max quando ele era bebê, depois que os pais biológicos, membros dos Baratas, tinham tentado jogá-lo num rio. Max já devia ter absorvido os poderes dos pais naquela época, e sem dúvida o resto da gangue tinha ameaçado expulsá-los se não se livrassem do bandidinho antes que causasse mais problemas. Para muitos pais prodígio, Max teria sido visto como ameaça bem antes de ser visto como uma criança digna de amor. Durante meses depois disso, Max viveu com uma família civil que cuidou dele até Hugh e Simon conseguirem pensar no que fazer. Desde o começo, Hugh achou que era importante que ele ficasse por perto, não só por ser um prodígio que merecia estar cercado de outros prodígios, mas também porque deixá-lo sozinho poderia torná-lo um alvo para os vilões ou uma arma que poderia um dia ser usada contra os Renegados.

Foi aí que eles começaram a pensar na quarentena.

A construção começou quase assim que a Batalha de Gatlon foi vencida e, alguns meses depois, Adrian conheceu seu irmãozinho adotado do outro lado de uma parede de vidro. Ele já estava andando daquele jeito incerto dos bebês, se balançando pelo espaço aberto, explorando a confusão de blocos e trenzinhos que Hugh levava para ele.

Adrian tinha usado uma caneta permanente vermelha para desenhar o melhor tubarão que conseguia na parede de vidro; não uma criatura viva, mas um brinquedo com que Max pudesse brincar. O desenho era rudimentar e

simples, mas logo se tornou o brinquedo favorito do garoto.

Adrian se apaixonou pelo irmão imediatamente.

Depois de puxar uma cadeira de plástico para perto da cama, Adrian se sentou e examinou o rosto de Max, quase dez anos mais velho do que aquele bebê inocente e cem anos mais sábio. Ele disse para si mesmo que o garoto estava menos pálido do que na noite anterior, embora talvez fosse só coisa da cabeça dele. A respiração dele continuava regular, como antes. O cabelo continuava desgrenhado. Havia um leve azulado nas pálpebras, que fazia com que a pele parecesse ser feita de papel de arroz.

Ele sempre foi pequeno para a idade, e agora quase parecia sumir no lençol branco da cama de hospital.

Mas Adrian tentou não pensar assim. Podia parecer que Max estava deitado ali havia semanas, mas não era verdade. Adrian teve que se obrigar a contar o tempo que tinha passado.

Três dias. Três noites. Algumas pessoas ficavam em coma por anos e conseguiam sair.

Além do mais, Hugh tinha falado com os médicos e eles alegavam que Max estava melhorando num ritmo impressionante, principalmente quando se considerava que, para começo de conversa, poucas pessoas teriam sequer sobrevivido ao ferimento; a lança atravessou o abdome abaixo da caixa torácica. Eles creditavam a sobrevivência em parte ao gelo que tinha se formado sobre a ferida, estancando o sangue interna e externamente, um poder que ele tinha absorvido de Geladura durante a batalha.

Se fosse possível que um curandeiro cuidasse dele, ele talvez estivesse de pé em uma ou duas semanas, novinho em folha e com apenas algumas cicatrizes feias para contar história.

Mas ele não podia ser cuidado por curandeiros. Na verdade, qualquer prodígio remotamente associado com o hospital tinha sido instruído a ficar longe não só do quarto, mas da ala inteira onde Max estava.

Ainda assim, ele havia sido colocado sob os cuidados dos melhores médicos civis que o hospital tinha a oferecer e parecia estar se recuperando. Eles estavam hesitantemente otimistas.

Essas eram as palavras que eles ficavam usando, que Hugh repetiu para

Adrian e Simon. *Hesitantemente otimistas.* Era alguma coisa, mas não o suficiente.

Se ao menos Adrian tivesse capturado Ace Anarquia antes. Se tivesse recebido a mensagem do Max. Se tivesse sido só um pouquinho mais rápido para voltar ao quartel-general. Ele talvez tivesse conseguido impedir Pesadelo. Salvar Max.

— Não se preocupe, garoto — sussurrou ele. — Eu vou encontrá-la. Vou fazer com que ela pague por isso.

Ele inspirou fundo e começou a contar ao Max tudo que ele e a equipe tinham discutido. As desconfianças de que Pesadelo podia ser uma espiã dentro dos Renegados e as provas que pareciam confirmar a teoria. Ele queria ter alguma suspeita em mente, mas a única Renegada que lhe parecia vilã era Genissa Clark, e ela não podia ser Pesadelo por motivos óbvios.

Parte do problema era que os poderes eram de registro público, e ninguém nos Renegados tinha uma habilidade como a de Pesadelo: fazer as pessoas dormirem com um toque. O mais perto que Adrian conseguiu encontrar foram registros de um prodígio que tinha o codinome Cantiga de Ninar e que tinha o dom, invejável apenas para pais de bebês recém-nascidos, de fazer crianças inquietas dormirem com suas canções. Mas Cantiga de Ninar nunca tinha sido Renegada, era só uma prodígio que era popular como babá para os pais que queriam ficar nas patrulhas.

O que significava que Pesadelo estava escondendo a habilidade do resto deles. Ele achava provável que estivesse se passando por uma das contratadas civis. Cerca de dez por cento da força de trabalho dos Renegados era composta de não prodígios, inclusive muita gente dos laboratórios e da administração.

Fazia sentido, até, que fosse um deles. Eles não precisavam fazer testes. Mas teriam passado por algumas verificações rudimentares de procedência…

Mesmo assim, parecia um bom lugar para começar.

— Obrigado, Max — disse ele, se encostando na cadeira enquanto as palavras e as ideias iam se afastando. — Conversar com você sobre isso ajudou muito.

Apesar de Max não poder responder, reconfortou Adrian desenvolver os

pensamentos assim. Max foi muitas vezes um bom interlocutor para ele, com ideias e perspectivas maduras para alguém da sua idade.

Adrian não sabia o que faria sem ele.

Um ruído chamou sua atenção e Adrian levantou a cabeça. Ele ouviu vozes se aproximando do quarto, uma bem mais alta do que as outras.

Hugh Everhart, também conhecido como Capitão Cromo, também conhecido como seu pai.

Com um palavrão, Adrian se levantou e empurrou a cadeira para o lugar, no canto.

De novo. Invisibilidade. Ele tinha mesmo que trabalhar nisso.

Adrian subiu no parapeito da janela e foi até o beiral na fachada do prédio, uma posição que estava começando a ficar familiar demais. Só que ele nunca tinha estado lá fora sem a armadura do Sentinela. Era chocante como a sensação era diferente. Como ele se sentia vulnerável com o vento açoitando a pele e a pedra áspera da parede do prédio arranhando as palmas das mãos. Ele não tinha medo de altura, mas era impossível não imaginar o que aconteceria se ele caísse e seu corpo batesse no asfalto cinco andares abaixo.

Ele ousou olhar para baixo e viu, com um certo alívio, que se isso acontecesse cairia em um canteiro de flores. Não era tão bom quanto, digamos, uma cama elástica, mas já era melhor do que asfalto.

A voz alta de Hugh chegou até ele, embora mal desse para ouvir com o vento soprando nos ouvidos. Era imaginação ou ele tinha ouvido o pai mencionar o Sentinela?

Um lado da sua boca se curvou para baixo. Adrian balançou o pulso e liberou a caneta que ele deixava dentro de um bolso na manga. Abriu-a com os dentes e começou a desenhar na parede do prédio, mas a pedra texturizada era áspera demais para a caneta completar linhas claras, e detritos ficavam grudando na ponta de feltro. Ele fez uma cara feia, inclinou-se para a frente, ignorando a queda a centímetros dos calcanhares, e desenhou na coxa da calça jeans.

Ele tinha aprendido, ao longo dos anos sendo Rabisco, o Renegado que podia transformar qualquer desenho em realidade, que desenhos complexos e detalhados podiam ser impressionantes, mas eram os simples que

funcionavam melhor. Ele poderia ter desenhado um aparelho de escuta cheio de tecnologia, com antena de rádio e capacidade de abafar ruídos de fundo, mas para que tanta enrolação? Então ele desenhou uma corneta acústica antiquada, pontuda de um lado e larga do outro, para absorver ondas sonoras e canalizá-las para o seu canal auditivo. Era algo que os idosos talvez usassem centenas de anos antes, e Adrian não se sentiu muito sexy quando tirou o desenho do tecido e levou até a orelha.

Mas deu certo. De repente, a voz do seu pai chegou a ele com clareza, como se estivesse ao seu lado.

— … grande dívida — disse Hugh com um tom bem mais calmo do que quando entrou no quarto —, o que está nos colocando em uma posição horrível. Você tem certeza de que ele teria morrido se o Sentinela não o tivesse trazido até aqui tão rápido?

— Nada é certo — disse outra voz masculina, a do dr. Sutner, Adrian reconheceu. O médico civil que tinha assumido os cuidados de Max quando nenhum dos curandeiros prodígio pôde chegar perto dele. — Talvez Max tivesse conseguido sozinho, principalmente com o gelo estancando o sangramento. Mas…

Ele não terminou a frase. Não precisava.

Adrian sentiu uma pontada de felicidade no peito por saber que ele tinha ao menos feito uma coisa certa. Ele tinha ficado tentado naquela noite, muito tentado, a ir atrás de Pesadelo quando ela fugiu. Mas ele escolheu Max. Escolheu tentar salvar seu irmãozinho em vez de se vingar da pessoa que o atacou.

A vingança podia esperar.

— Bem… se um dia eu o encontrar, ele terá minha gratidão — disse Hugh, embora houvesse um peso nas palavras dele. — Mesmo que precise ser detido.

— Detido, Capitão? — disse o médico. — Mas… ele não trabalha pra você?

— Claro que não. Ele é um justiceiro. Não segue nosso código desde o primeiro dia.

— Certo. Sim. É o que a imprensa diz. Eu só tinha suposto… — O dr.

Sutner parou de falar.

— Ele não é um Renegado. Ele não é um de nós. — A voz de Hugh assumiu um tom de ressentimento. — Talvez tenha feito algumas coisas boas pra nós, mas… é difícil não criticar os métodos dele. Ele devia ter entrado pra organização em vez de agir sozinho. Deu muitas ideias às pessoas sobre heroísmo e luta contra o crime, e isso é perigoso quando não fica nas mãos de profissionais. Pessoas se machucaram e só vai piorar.

Adrian desejou poder pegar o espelho para conseguir ver a expressão do pai, mas não podia usar ao mesmo tempo o espelho e a corneta acústica. Ainda assim, tinha a sensação de que sabia o que seu pai estava pensando. Tinham falado muito sobre a captura do vilão mais reverenciado do mundo pelo Sentinela. Parecia meio injusto, porque Oscar, Ruby e Danna tinham ajudado e deveriam ter recebido parte do crédito. Mas depois de descobrirem que Adrian era o Sentinela, foi ideia de Ruby deixar um bilhete para os Renegados quando foram buscar Ace Anarquia. O bilhete dizia:

CONSIDEREM ISSO
UMA OFERTA DE PAZ.
— SENTINELA

Assim, explicou Ruby, eles saberiam que o Sentinela estava do lado deles. Que ele não era vilão. Que precisavam parar de persegui-lo.

Mas, apesar das boas intenções dela, o bilhete só pareceu ter irritado mais o Conselho. As pessoas acharam que talvez o Sentinela estivesse debochando ao rastrear o pior inimigo deles, um inimigo que os Renegados acreditavam havia muito que estava morto. Além disso, o aumento da atividade de justiceiros tinha disparado nos meses anteriores, conforme as notícias das vitórias do Sentinela sobre criminosos iam se espalhando. As pessoas estavam começando a achar que os Renegados e seu código não bastavam. Precisava haver medidas mais drásticas se queriam impedir o aumento do crime na cidade.

Teria sido lisonjeiro, só que nem todo mundo era feito para ser super-

herói, e muitas boas intenções levaram civis a se ferirem com gravidade. Um homem ambicioso quase tinha sido morto tentando impedir um roubo de carro e uma mulher inocente levou um tiro no braço quando um justiceiro entusiasmado supôs erroneamente que ela estava tentando invadir o apartamento do vizinho dele. (Na verdade, o vizinho tinha pedido que ela cuidasse do cachorro dele por alguns dias.)

Quanto mais pessoas tentavam fazer justiça com as próprias mãos, mais histórias assim surgiam.

Não era que os Renegados nunca cometessem erros, mas, pela primeira vez desde que Adrian tinha colocado a armadura do Sentinela, ele estava começando a entender por que o Conselho dava tanta importância ao código.

— Sua equipe sabe que tem que ficar de olho nele? — perguntou Hugh, chamando a atenção de Adrian de volta à conversa.

— Como você pediu. Não houve sinal. Se bem que… Se ele viesse ao hospital, nós provavelmente não o reconheceríamos.

— Eu sei, mas tenho a sensação de que ele virá… É um comportamento heroico comum querer ver a pessoa que foi salva. Eu vejo nos Renegados, o tempo todo, como querem manter conexão com as pessoas que ajudaram a salvar. Algo me diz que o Sentinela vai tentar ver o Max de novo.

— O que leva à pergunta, Capitão — disse o médico, parecendo meio hesitante. — Como ele conseguiu trazer Max até aqui sem ser afetado pelo poder do garoto?

Hugh ficou em silêncio por muito tempo, embora Adrian sentisse que era mais por ele estar em dúvida do que deveria revelar e não por estar refletindo sobre a pergunta. Ele acabou admitindo:

— Nós não fazemos ideia. Há muitas coisas sobre ele que não sabemos. Acho que o que sabemos é que, ao longo de uma noite, ele conseguiu capturar o Ace Anarquia e salvar a vida do meu filho. Apesar de tudo… de quanto ele é perigoso, de quanto está mal orientado… eu não consigo deixar de ter esperanças de poder agradecer um dia.

CAPÍTULO SEIS



ERA A PRIMEIRA VEZ que Nova voltava ao departamento de armas e artefatos desde a noite em que roubou o elmo do Ace. Ela estava com um nó nas entranhas quando subiu de elevador até o galpão carinhosamente conhecido como cofre. Seu uniforme de Renegada parecia estar estrangulando-a, o tecido repuxando os braços e as pernas, apertando as costelas e o pescoço até ela mal conseguir se mexer.

As palavras no espelho estavam gravadas nos pensamentos dela, e em parte, uma parte grande, Nova se perguntava se Mel não estava certa. Talvez fosse hora de desistir. Ela não achava que podia salvar Ace, achava? Principalmente antes de ser descoberta. E agora, com um cretino desconhecido a perseguindo e fazendo ameaças, ela estava questionando se valia a pena.

Apesar de brincar com o próprio destino com frequência, ela odiava a ideia de outra pessoa ter seu destino nas mãos. Isso não era bom.

Nova havia avaliado muitas possibilidades na noite anterior, a maioria acabando com ela descobrindo quem era o chantagista e o encharcando com uma das misturas mais dolorosas do Leroy. Porque a ideia de ceder às exigências, mesmo que só para temporariamente apaziguar a pessoa, a repugnava. Ela era uma Anarquista. Era uma das vilãs mais temidas da Cidade de Gatlon.

Ela *não* apaziguava.

E não seguia as ordens de fantasmas que invadiam seu quarto e deixavam mensagens irritantes.

Mas cada vez que a raiva ameaçava explodir, ela trincava os dentes e a controlava. Ela não precisava de vingança agora. Precisava de tempo.

O elevador apitou, e ela empertigou os ombros e respirou fundo até sentir que os pulmões estourariam.

Ainda estava prendendo o ar quando as portas se abriram e revelaram a pequena recepção do lado de fora do armazém: a mesa da Foto Instantânea, bagunçada como sempre, e a que agora era praticamente de Nova, vazia como sempre.

Foto Instantânea não estava nem o Garoto Maravilha, como Nova tinha passado a chamar Callum em pensamento.

Ela soltou o ar e andou na direção da escrivaninha.

Não estava pronta para ver Callum, apesar de saber que isso teria que acontecer em algum momento. Não só porque trabalhavam juntos na maior parte do tempo, mas porque ela precisava fingir que queria arrancar dele informações sobre Pesadelo. Seria necessária uma dança cuidadosa. Deixar que ele soubesse das desconfianças do Adrian, levá-lo a acreditar que, sim, Pesadelo podia ser uma espiã na organização, talvez até alguém que tivesse acesso ao cofre. E, ao mesmo tempo, manter as desconfianças longe dela.

Ela não sabia se conseguiria. Tinha ficado boa em mentir, mas não estava certa se chegaria *a esse nível*.

Talvez isso hoje não importasse. Talvez ela não o visse. Talvez não tivesse que olhar na cara dele e se obrigar a sorrir, lembrando-se, o tempo todo, do momento em que ele tentou impedi-la de pegar o elmo e ela foi obrigada a fazê-lo dormir por causa disso.

Ela não costumava sentir culpa quando usava seu poder, principalmente em Renegados, mas isso aconteceu com Callum. Ele tinha usado o poder dele para fazer Nova ver que talvez o mundo pudesse ser diferente. Que talvez a vida dela pudesse ser diferente, caso escolhesse um caminho diferente. E a pior coisa era saber que não era Callum botando os pensamentos na cabeça dela; era saber que estavam lá o tempo todo.

E saber que ela não faria nada em relação àquilo.

Quando Nova decidiu continuar com o plano e pegar o elmo, pareceu uma traição a Callum e a toda a bondade irritante dele. Também pareceu uma traição a uma pequena parte dela. A parte dela que às vezes ainda sonhava em viver uma vida sem vingança. Uma vida em que ela e Adrian tinham um futuro. Talvez até uma vida de paz.

Mas aquele sonho, ela sabia agora com mais certeza do que nunca, jamais aconteceria. A verdade estava se fechando em torno dela. Suas mentiras não podiam continuar para sempre. Além do mais, paz e aceitação não trariam de volta a família que ela tinha perdido.

Não importa, ela disse para si mesma repetidamente. Pegar o elmo era para ser o fim daquela mentira. Na ocasião, ela teve certeza de que jamais teria que olhar na cara do Callum de novo… nem de Adrian, na verdade.

Mas as coisas nunca aconteciam de acordo com os planos, e agora havia consequências. Sempre havia consequências, e ela não conseguia parar de pensar nisso. Ela precisava continuar agindo. Continuar seguindo o fluxo. Mentir. Roubar. Trair.

Porque era assim que ela libertaria Ace.

Era assim que destruiria os Renegados.

Era assim que acabaria com essa batalha contínua nos seus pensamentos. A guerra entre Pesadelo e Insônia. Heroína e vilã. Ela já tinha feito sua escolha.

Nova se sentou na cadeira e ligou o computador. Abriu um modelo de memorando e digitou às pressas o comunicado que já tinha elaborado mentalmente. Quando acabou, releu o texto e decidiu acrescentar um errinho de digitação, porque Tina, a diretora do departamento de artefatos, era sempre meio caótica e o memorando pareceria mais autêntico assim.

Depois de imprimir a página, Nova foi até a segunda mesa vazia e pegou uma caneta em uma caneca junto do teclado, a roxa com uma margarida roxa gigante na ponta. Aí rabiscou uma assinatura no pé da página.

Tina Lawrence

Foto Instantânea

Diretora

Depois de colocar a caneta no lugar, ela passou um momento remexendo

nas gavetas em busca do carimbo que Tina usava às vezes em documentos oficiais do departamento de armas e artefatos.

Ela já tinha revirado cada gaveta duas vezes quando desistiu com um resmungo e bateu a última gaveta. Suspirou, inspecionou a bagunça na mesa com mais atenção, mas não achou o carimbo.

Com o papel na mão, foi para a sala de arquivo. Não tinha dado dois passos lá dentro quando viu o carimbo, esquecido atrás de uma pilha de pastas de papel pardo vazias.

— Sinceramente — murmurou ela, andando até a pilha e usando o carimbo no memorando embaixo da assinatura falsa. Depois de botar o carimbo de lado, ela dobrou a folha em três partes.

— Oi, Nova.

O coração dela pulou para a garganta, ela falou um palavrão e se virou.

Callum também se assustou, surpreso com a reação exagerada.

— Caramba, você me deu um susto!

— Desculpa — disse ele com um sorriso tímido. — Eu não sabia que tinha alguém aqui.

— Claro. Tudo bem. — Ela limpou a garganta. — Eu só não estou acostumada com as pessoas chegando sem eu perceber.

Isso era um eufemismo. Como ela não o tinha ouvido se aproximando às suas costas?

A resposta ocorreu a ela um segundo depois. Nas semanas em que ela conhecia Callum, ela nunca tinha ficado *sem* ouvi-lo. Se não estava empurrando um carrinho com rodinhas barulhentas carregado de artefatos, ele estava falando daquele jeito incessante dele, conseguindo ser ao mesmo tempo encantador e irritante.

— Eu não sabia se você viria hoje.

Callum inclinou a cabeça, e ela se deu conta de que ele estava tentando ver a carta dobrada na mão dela.

— Por que eu não viria? É meu turno hoje.

Ele a encarou e sustentou o olhar dela por um momento longo demais antes de voltar a abrir um sorriso.

— Eu devo ter esquecido.

A expressão de Callum não era exatamente crítica, mas havia algo errado. Uma desconfiança.

Uma coisa bem atípica do Callum.

Nova abriu o próprio sorriso como uma arma, já elaborando uma mentira sobre a carta que tinha na mão.

Mas ele não perguntou.

Isso foi mais estranho do que tudo. O fato de que ele *continuava* sem falar.

— Ah! — disse ela, fingindo um ofego. — Fiquei sabendo do seu encontro com a Pesadelo. Você está bem?

Um lado da boca de Callum tremeu.

— Sim, sim. Ela fez aquela coisa de me fazer dormir. Sabe, eu ouvi falar que muita gente tem dores de cabeça horríveis depois que ela as faz dormir, mas eu fiquei bem. Me senti bem descansado no dia seguinte, na verdade.

— Ah… que bom. — Nova esperava parecer confusa. — Talvez você só seja mais resiliente do que o resto de nós.

Ou talvez eu tenha sido gentil.

— Duvido muito. — Ele franziu a testa e o sorriso sumiu de verdade desta vez. — É estranho pensar que talvez ela tenha pegado leve comigo.

Nova riu. Soou tão falso que ela tremeu.

— Pesadelo, pegar leve com alguém? Não parece muito a cara dela.

— É, eu sei. — Ele apertou os olhos e examinou Nova como se soubesse de alguma coisa. A pulsação dela disparou. — Eu sei que pode soar estranho, mas ela pareceu familiar.

As sobrancelhas de Nova se ergueram até quase encostarem na raiz do cabelo.

— Engraçado você dizer isso — disse ela, baixando a voz de um jeito que, com sorte, ia inspirar confiança e proximidade. — Pode não ser tão estranho quanto você pensa.

Ele piscou e por um momento pareceu um coelho sobressaltado pronto para fugir. Ela sabia que ele desconfiava dela. Que ele estava bem ciente de por que Pesadelo pareceu familiar.

Mas ela precisava convencê-lo do contrário.

— A minha unidade de patrulha fez uma reunião ontem — disse ela,

atravessando a sala até ele. A postura de Callum era uma mistura de curiosidade e nervosismo. Ele devia estar com medo de estar tão perto dela. Se realmente acreditava que ela era Pesadelo, ele sabia como podia ser perigosa. Que podia botá-lo para dormir com facilidade. Se bem que talvez ele estivesse torcendo para que ela fizesse exatamente isso.

Seria prova da sua desconfiança.

— Adrian tem uma teoria — continuou Nova. — E no começo pareceu meio absurda, mas agora já não tenho tanta certeza.

Os ombros de Callum relaxaram quando ficou claro que aquilo não se tornaria uma confissão.

— Que tipo de teoria?

— Sobre a Pesadelo. Ele está investigando essa garota já faz meses, desde o ataque no desfile. Ele compilou uma quantidade chocante de informações e… bem. — Ela baixou a voz para um sussurro. Callum se inclinou mais para perto. — Ele acha que ela pode *ser* uma Renegada.

Ele não disse nada. Depois de outro momento estranhamente silencioso, ela o viu ficar desconfiado de novo. Tentando adivinhar suas intenções.

Enfim, ele respondeu apenas:

— Ah, é?

— Eu não tive certeza no começo, mas, quando Adrian começou a listar todas as coincidências… tipo que ela sabia sobre o elmo e tinha acesso ao Agente N… e, ah! Sabe os mísseis de névoa? Até que faz algum sentido, né? E se ela for uma espiã?

Callum inclinou a cabeça para o lado.

— E se ela for uma espiã.

— Explicaria muita coisa.

— Sim. Explicaria.

— Então… você acha que Adrian pode estar certo?

Callum abriu a boca, mas hesitou. Apesar de ter sentido certeza antes, ela agora sentia hesitação. Um defeito do otimismo dele. Da crença na humanidade.

Ela percebeu que Callum não queria que ela fosse Pesadelo. Ele estava procurando um motivo para duvidar das próprias desconfianças.

Era a fresta de que ela precisava.

— Callum? — repetiu. — Você acha que ela pode ser uma espiã?

— Eu acho possível, sim.

Ela se permitiu parecer preocupada.

— Então deve ser fácil descobrir quem ela é, né? — Nova indicou a área da recepção. — Nós podemos olhar o histórico de empréstimos. Descobrir quem pode ter demonstrado interesse nos mísseis de névoa. Podemos olhar as imagens da câmera de segurança. Seja lá quem for, ela deve ter deixado rastro. Pistas que podemos seguir. Ruby sugeriu que ela talvez seja recruta recente, mas acho que é mais provável que seja civil. Alguém fingindo que não tem superpoder nenhum.

— Ela é baixa — disse Callum.

As palavras de Nova, fossem quais fossem as coisas desconexas que ia dizer em seguida, evaporaram na língua.

— Como?

Callum tinha quase a mesma altura que Adrian, e Nova nunca tinha se dado conta do quanto ele olhava para baixo para falar com ela até aquele momento. Mas isso não era incomum. Quase todo mundo era mais alto do que ela.

— Ela é baixa — repetiu ele. — Que nem você.

Ela abriu a boca. Fechou. Tentou de novo.

— Isso é… uma informação importante. Vai ajudar a eliminar algumas pessoas. Vou ver se consigo mais detalhes com Genissa Clark e a equipe dela. Pra comparar percepções. Hum… você notou mais alguma coisa na Pesadelo? Qualquer coisa que pudesse nos ajudar a… identificá-la…?

Ele a encarou. Encarou *mesmo*.

E ela sentiu as palavras pairando entre os dois. *É você, é você, só pode ser você.*

Mas as palavras foram eclipsadas por dúvida e um sorriso envergonhado em seguida.

— Não sei. Estava bem escuro e… tudo aconteceu tão rápido. Além disso, você sabe, tem a máscara.

— Claro. Mas, se você pensar em alguma coisa…

— Eu te falo — disse ele. — Eu te falo, com certeza.

— Tudo bem. Ótimo. E vou mencionar o lance da altura para o Adrian. Acho que a patrulha tem registros de saúde bem completos de todas as unidades, e isso pode incluir a altura, então é um lugar para começarmos. Obrigada, Callum. Ajuda muito.

Ela começou a se afastar, a folha de papel estalando entre os dedos.

Mas, pouco antes de sair pela porta, ela parou e se virou. Sua expressão se suavizou.

— Sabe, estou bem feliz de você estar bem.

NO ANDAR MAIS ALTO do quartel-general dos Renegados, sob um gigantesco candelabro de vidro, ao lado de um quadro enorme que retratava a morte falsa de Ace Anarquia, Nova entregou o memorando a Prisma, a recepcionista pessoal do Conselho. Luzes nas cores do arco-íris dançaram em cima da mesa, reflexos dos dedos de cristal de Prisma, quando ela abriu o papel e leu o bilhete.

Ela franziu a testa. Não desconfiada, mas confusa.

— Foto Instantânea quer que você leve a imitação para o departamento de artefatos?

— Ela está com medo de que deixar o elmo falso em exibição pública possa criar drama desnecessário — explicou Nova. — Considerando o roubo do verdadeiro, as pessoas vão começar a ficar curiosas com a imitação. Algumas podem achar que o Conselho estava mentindo o tempo todo quando disse que o elmo tinha sido destruído. — *E foi o que aconteceu*, completou Nova em pensamento. — Foto Instantânea acha que seria prudente deixar a imitação longe do público até que o verdadeiro elmo tenha sido recuperado… ou até o Conselho ter tempo de decidir o que é melhor fazer.

Prisma pensou nisso por apenas três segundos e deu de ombros.

— Tudo bem, pode pegar. O display está destrancado.

CAPÍTULO SETE



Nova estava ansiosa para deixar essa enganação para trás. Assim que saiu do quartel-general com o elmo falso em uma ecobag comum, ela foi direto para Blackmire, uma das estações desativadas da antiga linha de metrô da Cidade de Gatlon. Ela e os Anarquistas moraram lá por três anos depois do Dia do Triunfo, e Nova só se deu conta do quanto odiava os túneis úmidos e abafados quando foram expulsos de lá pelos Renegados e obrigados a procurar abrigo na casa decrépita de Wallowridge.

Apesar de não terem saído por escolha própria e de não quererem deixar Ace lá, sozinho, se pudessem ter evitado, ela não tinha como negar que a casa era bem melhor. Ela não estava animada para voltar lá para baixo agora, mas as instruções do chantagista só podiam significar uma coisa.

QUARTO DA AR — BLACKMIRE

Quarto da Abelha-Rainha, estação Blackmire.

Mel, que era conhecida como Abelha-Rainha pela maioria da sociedade, tinha transformado um velho armário de manutenção perto da linha principal em seus aposentos particulares. Não era aconchegante — nada nos túneis podia ser descrito como *aconchegante*. Mas ela arrumou o local da melhor maneira que pôde, pendurando lenços nas paredes e levando um abajur antigo que lançava um brilho agradável nas paredes de concreto. E havia as

colmeias. Por todo lado, colmeias e o zumbido constante das abelhas, que voavam com agitação até a superfície em busca de néctar e pólen todos os dias, só para voltar obedientemente, ainda que contrariadas, para a rainha quando o sol estava se pondo.

Nova estava tensa conforme andava pelo túnel, o caminho iluminado pelo raio da lanterna. Suas botas-padrão dos Renegados faziam barulho nos trilhos do trem. Ratos guincharam, os olhos brilhando na luz, antes de correrem para suas tocas. Aromas familiares chegaram a ela. O ar úmido. O fedor de água parada. O leve odor de urina antiga. Mas havia cheiros novos também. Enxofre e fumaça e o odor ácido dos venenos de Cianeto, que permaneciam desde o dia em que os Renegados os atacaram.

Fora o cheiro de guerra e o fato de que todos os pertences deles tinham sido confiscados pelos Renegados, pouca coisa havia mudado.

Seus nervos estavam vibrando quando ela chegou ao quarto de Mel. A porta pesada de ferro estava aberta, mas tudo que ela via eram sombras.

Nova levou a mão até a arma de choque, quase esperando uma armadilha. Não seria surpresa se o chantagista a atacasse assim que ela entrasse no quarto, porque esse era o tipo de coisa que um vilão anônimo faria. Ela pousou o dedo no gatilho quando chutou a porta e apontou a lanterna para dentro.

Nada.

Não só sem chantagista, mas também sem as coisas da Mel.

E isso era perturbador, ainda que não fosse inesperado. Nova sabia que todos os pertences que os Anarquistas não puderam levar tinham sido levados para o quartel-general dos Renegados e estavam naquele momento em um depósito temporário nos fundos do departamento de artefatos, esperando para serem separados. Ela vira os vestidos da Mel lá, além de caixas de bijuterias, até o abajur bonito.

A única coisa que os Renegados deixaram foi uma cômoda velha, na qual havia um espelho lascado em um canto e tinta da moldura descascando. As gavetas tinham sido retiradas e ela estava afastada da parede, sem dúvida para que os Renegados pudessem procurar pistas e provas contra os Anarquistas. Eles deviam ter concluído que a cômoda daria trabalho demais para levar pela

escada. Nova não sabia como Mel conseguiu levá-la lá para baixo.

Ela guardou a arma e tirou o elmo falso da bolsa. Na luz fraca, o buraco no crânio era quase imperceptível, e ninguém conseguiria perceber a leve diferença de cor, que a maioria das pessoas desconhecia. Foi a falta de brilho daquele elmo que sinalizou a fraude para Nova. Muitos artefatos de prodígios, inclusive tudo que seu pai tinha feito, tinham um brilho único. Uma luminescência que era difícil de detectar se não se soubesse o que procurar.

Ultimamente, Nova tinha começado a procurar.

— É todo seu — murmurou ela para as sombras, colocando o elmo na cômoda. Seu chantagista devia estar se esgueirando pelas curvas do túnel, esperando que ela fosse embora para poder entrar sorrateiramente e pegar o prêmio.

Por ela, tudo bem. Ela mal podia esperar para sair dali.

Mas, assim que passou pela porta, um corpo se chocou contra ela. Alguém a segurou pela nuca e a empurrou na parede áspera.

— Eu sabia que você ia voltar! — rosnou seu agressor. — Eu sabia… — Ele parou em seguida. — No…?

Ela bateu com o calcanhar no arco do pé dele, e ele soltou um berro e pulou para longe dela. Com a arma na mão, Nova se virou, o dedo no gatilho…

— No-va…

Ela ficou paralisada. Seu braço pendeu inerte ao lado do corpo.

— *Adrian?*

— Desculpa — gemeu ele, se abaixando e colocando o pé machucado por cima do joelho. Ele desamarrou o cadarço do tênis. — Eu achei que você fosse a Pesadelo.

Nova olhou para ele, boquiaberta, enquanto Adrian tirava o sapato e massageava o pé no local onde ela havia pisado.

— Você não…

Ela olhou para o quarto, onde o elmo ainda estava, inocente, sobre a cômoda. Era *Adrian* o chantagista?

Não. Não fazia sentido. Fazia?

Seus pensamentos estavam à toda, e ela balançou a cabeça, tentando organizá-los.

— O que você está fazendo aqui? — disse ela, guardando a arma.

Ele flexionou os dedos e massageou o arco do pé.

— Eu vim para cá algumas vezes desde a invasão, pra ver se sobrou alguma pista. As equipes de limpeza são boas, mas nunca se sabe. — Ele começou a calçar o sapato. — Me desculpa por ter te agarrado desse jeito. Eu vi a lanterna, e, no escuro, você meio que parecia…

— Tudo bem. É isso que eu mereço por ficar me esgueirando por túneis escuros.

Ela fechou a porta, torcendo para Adrian não querer entrar. Ela não sabia como explicaria o que estava fazendo com o capacete falso ali e por que o estava deixando lá.

— E o que você está fazendo aqui? — perguntou Adrian.

— O mesmo que você. Depois da nossa reunião naquele dia, fiquei pensando muito sobre a questão da Pesadelo poder estar se passando por um Renegado. Eu me perguntei se haveria alguma coisa aqui que pudesse indicar… você sabe, se essa desconfiança tem alguma base.

Adrian se levantou.

— Na verdade, tem uma coisa que a equipe de limpeza deixou passar.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Tem?

— Tem. Não sei se ajuda a essas alturas, mas vem. Vou te mostrar.

Ele tirou uma lanterna do bolso de trás e, para o alívio de Nova, levou-a para longe do quarto da Mel, na direção de um cruzamento de túneis onde ficava o vagão *dela*, perto da parede. Havia folhas de papel coladas no túnel e nas janelas do vagão, “provas” deixadas pelos Renegados, indicando qualquer coisa que tenha parecido digna de nota na ocasião.

Para sua surpresa, Adrian não foi para o vagão da Pesadelo, mas para um túnel adjacente. O raio da lanterna dele dançou pela parede de pôsteres antigos de propaganda alinhados, todos mais altos do que Nova. Seus pulmões se apertaram quando ela percebeu o que ele tinha descoberto.

Ao se aproximar do último pôster, uma propaganda de um livro de

suspense, Adrian enfiou os dedos embaixo do canto da moldura. O pôster se moveu na direção deles, como tinha feito centenas de vezes quando Nova tinha ido visitar Ace.

— Uau — comentou ela, dando um passo à frente enquanto fingia examinar o local. Ela apontou a lanterna para o túnel estreito, as laterais exibindo marcas e arranhões onde ela e os outros Anarquistas tinham passado. — Aonde vai dar?

— Nas catacumbas debaixo da catedral — disse Adrian.

— É mesmo? Deve ficar a pelo menos um quilômetro e meio de distância.

— Pouco menos de um quilômetro — disse ele. — O túnel segue em linha reta. Levaria bem mais pela superfície. Eu acho que esse túnel deve ter sido usado depois da Batalha de Gatlon. Deve ser como os Anarquistas conseguiram fugir. E como ficaram indo e vindo, visitando Ace Anarquia e levando comida e suprimentos para ele. — Ele balançou a cabeça. — Lembra que eu vim aqui semanas atrás, quando estava tentando procurar a marionete que Winston Pratt queria? Eu vi esse pôster e… tive uma intuição. Eu estava tão perto de descobrir na ocasião. Nós teríamos conseguido encontrar o Ace Anarquia.

Ela forçou uma risadinha apesar da acidez que sentia no estômago.

— Que bom que não encontrou. Dar de cara com o Ace Anarquia assim? Você teria… — Ela parou de falar, sem querer magoar os sentimentos do Adrian. Mas os dois sabiam que ele não teria tido a menor chance contra Ace, mesmo que Ace estivesse bem mais fraco do que dez anos antes. Pelo menos, ela esperava que Adrian soubesse disso. Ele era talentoso, mas nem *tanto*. — Fiquei chocada que o Sentinela conseguiu capturá-lo.

Adrian torceu a boca, e ela percebeu que ele queria dizer alguma coisa, provavelmente defender as próprias habilidades, mas resistiu.

— Bom, dizem que o Ace Anarquia estava bem fraco quando o encontraram. Sem o elmo, ele é só um telepata qualquer.

Agora foi a vez dela de resistir à vontade de discutir.

— Se você quer saber a minha opinião, o Sentinela teve sorte.

Adrian grunhiu, mas ela não achava que ele concordava.

— Então… — começou ela, se balançando nos pés. — Você voltou às

catacumbas?

— Só uma vez. Mas não descobri nada que já não soubéssemos. Mas estive aqui algumas vezes depois daquilo. Fico achando que a Pesadelo vai acabar aparecendo aqui em algum momento, não é?

Ela deu de ombros.

— Pode ser que não. Pode ser que ela saiba que os Renegados estão de olho.

— Pode ser. — Ele colocou o pôster no lugar. A expressão dele mudou, o começo de um sorriso provocador aparecendo nos cantos dos lábios. Nova ficou tensa na mesma hora. — Bela pulseira, aliás.

Ela piscou.

E piscou de novo.

Ela levou a mão à manga e a puxou por instinto, mas era tarde demais para cobrir a estrela que estava inexplicavelmente encaixada na pulseira… brilhando de forma óbvia demais nos túneis escuros.

— Eu não roubei — disse ela apressadamente. — Ao menos… eu não pretendia roubar. Só meio que…

Adrian riu.

— Eu não estou com raiva. Pode ficar com ela. — Ele inclinou a cabeça, os olhos ainda brilhando por trás dos óculos. — Eu percebi que tinha sumido depois que você foi embora, mas você não disse nada, então achei que era melhor ficar quieto também. Mas a curiosidade está me matando. — Ele segurou a mão dela e empurrou delicadamente a manga, revelando não só a estrela, mas a pulseira delicada que o pai dela tinha feito anos antes, a última coisa que ele fez. — Encaixa perfeitamente. Como se tivesse sido feita para ela.

Adrian estava impressionado.

Nova ficou mais impressionada com a sensação de eletricidade com o toque dele. Não era a primeira vez que ele tocava nela, então como ainda a afetava assim?

— Como você sabia que encaixaria na pulseira? Ela foi parte do sonho que você teve?

— Não — respondeu ela. — Eu não tinha ideia de que ia… — Ela olhou a

estrela, sem saber como explicar o que tinha acontecido. — Eu voltei para a sala pra olhar depois que você dormiu. Eu só queria tocar nela, ver se faria alguma coisa. E ela… meio que brilhou, sabe? E, quando percebi, já estava na minha pulseira. — Ela fez uma careta, envergonhada. — Eu devia ter te contado, mas é que… era a sua casa. Fiquei com uma sensação de estar roubando.

— No que me diz respeito, aquela sala foi feita pra você — disse Adrian. — Pode pegar qualquer coisa nela. Os papagaios, as flores, o fone de ouvido com cancelamento de ruído…

Ela ficou vermelha, lembrando-se muito bem do som abafado dos batimentos deles se sincronizando enquanto ela adormecia pela primeira vez em dez anos. Talvez tenha sido o momento mais mágico da vida dela. Ainda havia ocasiões em que ela se perguntava se tinha imaginado tudo, com a certeza de que tinha sido fantástico demais, surreal demais, para realmente ter acontecido.

Mas Adrian estava ali, os dedos entrelaçados nos dela, os pés praticamente se tocando, e *tinha* acontecido.

— Bom, obrigada — disse ela, chegando só um pouco mais perto dele. — Eu fiquei um pouco apegada à estrela e… parece mesmo ter sido feita para a pulseira.

— Fico feliz de você ter gostado. Foi a primeira vez que dei uma joia pra uma garota, o que é uma coisa meio importante e…

Ela apertou os olhos.

— Você não me deu uma joia. Você me deu uma selva.

Ele riu.

— Isso, e um dia quase inteiro de sono tranquilo.

— Bom, para de caçar elogios. Eu admito que você é ótimo em dar presentes. — Ela se inclinou para a frente e se ergueu na ponta dos pés.

— Estou tentando — disse Adrian, curvando-se para perto dela.

O beijo foi tudo de que ela se lembrava. Um calor percorrendo os membros. Estrelas cadentes cintilando por trás das pálpebras. Uma alegria tão perfeita, mas ainda desejando mais.

Um estrondo sobressaltou os dois, algo caindo com força no chão. Eles

deram um pulo para longe um do outro e se viraram para os túneis escuros do metrô de onde tinham vindo.

A pulsação de Nova disparou sob a pele; ela *sabia* que tinha sido o elmo. O chantagista tinha percebido que era falso? Tinha jogado no chão?

— Deve ter sido um rato — disse ela, sem fôlego por mais de um motivo.

— Eu não acho que tenha sido um rato. — Ainda segurando a mão dela, Adrian começou a voltar na direção do quarto de Mel.

Nova firmou os pés. A última coisa de que ela precisava era de um encontro com alguém que conhecia os segredos dela e não hesitaria em revelá-los, principalmente para Adrian Everhart.

— Espera! E se for… e se for a Pesadelo? Ou outro Anarquista? Não é melhor a gente pedir apoio?

Adrian olhou para ela com perplexidade e, mesmo na iluminação fraca, ela viu a confusão dele.

— *Você* quer pedir apoio?

Ele estava certo. Não parecia coisa dela.

— É que… — Ela ergueu a outra mão para ele. — Você não está de uniforme!

Ele virou a cabeça para o lado por um segundo, balançou-a e começou a puxar Nova outra vez.

— Vem.

Ela engoliu um palavrão e foi atrás. Ela bancaria a burra. Negaria qualquer coisa que o chantagista dissesse. Se precisasse, tomaria medidas desesperadas e silenciaria a pessoa antes que qualquer coisa pudesse ser revelada.

Ou talvez ela pudesse derrubar Adrian logo, antes de ele encontrar a pessoa e ter a chance de descobrir alguma coisa. Nova olhou para a pele exposta da nuca dele. Podia inventar uma história, dizer que *era* Pesadelo nos túneis, que tinha pulado das sombras e feito os dois dormirem antes que Nova pudesse impedir.

É… podia dar certo…

Seus dedos tremeram. Nova e Adrian estavam quase no armário de manutenção onde ela havia deixado o elmo. Ele estava dobrando a esquina. Ainda não havia sinal de ninguém, nem mesmo o brilho de uma lanterna ou

passos fugindo. Só a movimentação dos pés dos dois nos trilhos.

Será que o chantagista ainda estava no quarto da Mel?

A porta ainda estava fechada, como Nova a tinha deixado. Adrian a abriu, com a caneta na mão. Nova não tinha percebido quando ele a pegou.

Ela mordeu o lábio inferior e esticou a mão na direção da nuca dele. Mas algo a fez parar. Um movimento no aposento. Uma sombra indo na direção deles.

Adrian se abaixou, pulou para a frente e enfiou o punho no agressor.

Um estrondo reverberou pelo aposento. Adrian soltou uma série de xingamentos. Nova apontou a lanterna para ele.

Não havia agressor nem chantagista. Era só o reflexo de Adrian no espelho, que estava estilhaçado com o soco.

— Certo — grunhiu ele, aninhando a mão junto ao peito, o rosto contorcido de dor. — Não vou mais atacar ninguém sem dar uma boa olhada antes.

— Talvez seja melhor — disse Nova, mas suas palavras soaram distraídas.

A atenção dela tinha sido atraída pela superfície da cômoda, onde tinham caído alguns estilhaços de espelho.

O elmo tinha sumido.

CAPÍTULO OITO



ADRIAN ANDAVA DE UM lado para o outro da sala de espera. Simon estava sentado na beira de um dos sofás, as mãos unidas e balançando os dedos. Eles não tinham se falado muito desde a chegada ao hospital. Hugh tinha ido ver Max, sendo o único imune a ele. O *supostamente* único imune a ele. A confissão do Adrian estava na ponta da língua desde então.

Era tão frustrante estar tão perto quando não havia motivo para ele não poder estar com Max no momento. Sua tatuagem o protegeria. Ele só precisava contar aos pais sobre as tatuagens, explicar que era imune ao poder do Max também e que podia ficar lá com o irmão.

Mas as palavras não vinham. Haveria perguntas demais. Explicações que ele não estava pronto para dar.

Então, ele continuou andando. De um lado para o outro. Passando pelas plantas de plástico. Pelas mesas cheias de revistas de moda e de celebridades; ele reparou que uma tinha o rosto dos seus pais em uma foto pequena no canto, mas Adrian não leu a manchete. Nada importava além de Max.

Porcaria, por que não estava lá com ele?

Pareceram horas até que *finalmente* Hugh surgiu pela porta dupla de vaivém com um sorriso no rosto. A esperança correu pelas veias do Adrian. Simon se levantou.

— Ele vai ficar bem — disse Hugh.

Foi só o que conseguiu dizer antes de eles se abraçarem. Hugh puxou

Adrian para perto e apertou os ombros dele, e Simon passou os braços em volta dos dois. Adrian lutou para segurar as lágrimas de alívio que ameaçavam cair. Ele se afastou e deixou os pais se abraçarem mais um pouco enquanto ele se recompunha.

— O médico disse que agora ele já passou pelo pior — continuou Hugh, a voz rouca de emoção. — Esperam uma recuperação completa, mas ele vai ficar com uma cicatriz que tenho certeza de que vai ter orgulho pelo resto da vida. E o Max está… Ele está bem. Ainda fraco, mas bem. Ele está animado. Se as coisas não estivessem tão caóticas no quartel-general, acho que poderíamos levá-lo de volta até o fim do mês.

— Quartel-general? — disse Adrian, virando-se para olhar para eles. — Ele não pode voltar para o quartel-general.

— Não tão cedo, obviamente — disse Hugh, passando a mão pelo cabelo louro. — Vai demorar pra reconstruir a quarentena. Ele vai ter que ficar quietinho até lá, mas sei que os funcionários aqui vão deixá-lo bem acomodado. Dizem que ele vai poder ir pra um quarto novo em alguns dias, feito para pacientes que precisam de cuidado mais prolongado.

— Espera aí — retrucou Adrian. — A quarentena? Vocês vão reconstruir a quarentena?

Hugh e Simon o encararam, perplexos.

— Bem… claro que vamos — disse Simon. — Ele não pode ficar no hospital pra sempre.

Adrian balançou a cabeça.

— Não. Vocês não podem fazer isso!

— Como assim? — perguntou Hugh. — O que você achou que aconteceria?

Adrian deu um passo para trás.

— Eu só achei…

O que ele tinha pensado que aconteceria com Max quando ele pudesse sair do hospital? Que ele poderia ir para a mansão? Que poderia dormir no porão com Adrian, que poderiam ser irmãos de verdade?

Não era possível. Não com Simon morando sob o mesmo teto.

Mas voltar para a quarentena?

— Essa não pode ser a única opção. Ele odeia a quarentena. E agora que nós não precisamos dele para o Agente N…

— Nós ainda precisamos protegê-lo — disse Simon. — Ele é uma ameaça para todos os prodígios, o que significa que pode ser alvo a qualquer momento.

— Ou que pode ser usado como arma contra nós — acrescentou Hugh. — E é perigoso para ele estar livre por aí. Você viu a trabalheira que deu só para garantir que nenhum curandeiro prodígio passasse sem querer pelo quarto enquanto ele estivesse lá. Não. É mais seguro que ele fique no quartel-general, onde podemos ficar de olho nele.

O coração de Adrian estava disparado, como se lembrando a ele a tatuagem de imunidade que tinha no peito. Ele engoliu em seco. Seus pais ainda não sabiam sobre as tatuagens. Fariam perguntas, exigiriam saber mais… e todas aquelas perguntas e exigências podiam ameaçar a identidade do seu alter ego.

Mas uma ideia estava se desenvolvendo nos pensamentos dele por meses e estava ficando cada vez mais difícil de ignorar. E se pudesse tatuar os outros prodígios? E se pudesse dar imunidade a Simon contra o Max? Não só a Simon, mas aos amigos. Nova, Ruby, Oscar, Danna…

Ele não sabia se daria certo, mas havia uma chance. Ele não devia ao Max tentar?

Só pensar nisso fez sua pulsação acelerar. E se seus pais descobrissem seu segredo? O que eles fariam se soubessem que ele era o Sentinela?

Seu estômago ficou embrulhado por causa do seu próprio egoísmo, mas ele não conseguiu contar.

Eu vou contar, pensou. *Se não houver outra forma de libertar Max da quarentena, eu vou contar.*

— Talvez seja seguro no quartel-general — admitiu Adrian —, mas não é o melhor. Ele só tem dez anos. Merece ter uma vida.

Simon suspirou enquanto Hugh começou a massagear a têmpora.

— Lamento que isso te chateie tanto, mas não sei o que mais você espera que a gente faça. E, sinceramente, Adrian, nós já tomamos nossa decisão.

— Ele é meu irmão! Eu mereço participar dessa conversa. Droga, *ele*

merece participar dessa conversa.

— Vocês dois são jovens demais pra entender tudo que está em jogo aqui — disse Hugh.

— Mas não somos jovens demais pra arriscar as nossas vidas lutando contra o crime todos os dias? Max não era jovem demais para ser levado pra uma batalha contra Ace Anarquia quando tinha *um ano*? Vocês passaram a vida dele toda controlando o Max, e isso é… Vocês não podem fazer isso com ele de novo.

— Você sabe que nós o amamos — disse Simon com aparência cansada. — Estamos tentando fazer o que é melhor pra ele. Você tem ideia de quanta gente quer fazer mal a ele? Ou usá-lo? Isso é para o bem dele.

— Além do mais, ele ainda é o mesmo Max — acrescentou Hugh. — Pode parecer fraco e frágil agora, mas ainda é… perigoso.

Adrian contraiu a mandíbula, mas assentiu, fingindo entender.

Simon afundou no sofá de novo e se virou para Hugh.

— Me conta tudo que o médico disse. Cada palavra.

— Eu vou dar uma volta — disse Adrian antes de Hugh começar a falar coisas médicas. — Vejo vocês em casa mais tarde.

Eles não tentaram impedi-lo. Adrian passou pela porta de vaivém e saiu do hospital por uma entrada secundária, pois a porta principal do pronto-socorro ainda estava fechada, desde que o Sentinela a quebrou quando trouxe Max.

Em minutos, Adrian estava pulando para o telhado adjacente, saltando por cima da viela na direção do quinto andar e, depois de verificar que não havia mais ninguém dentro, abriu a janela do quarto do Max.

Max estava sentado na cama ajustável, apoiado em travesseiros brancos. Quando viu Adrian entrando pela janela, soltou um gritinho e derrubou uma bandeja de plástico com sobras de comida no chão.

— Adrian! O que…

Adrian o fez parar de falar e se agachou ao lado da cama para o caso de alguém no corredor ter ouvido o barulho. Ele respirou três vezes antes de pegar a bandeja de comida e os pratos caídos de macarrão com queijo, maçã fatiada e um brownie de chocolate.

— Desculpa. Eu não quis te assustar. Mas as pessoas ainda não sabem

sobre as tatuagens, então tenho que entrar escondido.

Max inspecionou o macarrão com queijo e reparou em partículas de poeira do chão grudada na massa amarela. Ele franziu o nariz de repulsa. Esticou a mão para o brownie, tirou um pedaço de poeira branca misteriosa e enfiou metade na boca.

Era prova da recuperação dele o fato de ele estar mais interessado em comer do que em dar o abraço que Adrian sabia que merecia.

— Estou tão feliz que você acordou — disse Adrian, sentando-se na cadeira ao lado da cama do Max. — Eu achei… — Ele hesitou e mudou a frase para: — Você nos assustou de verdade.

Max usou um guardanapo de pano branco que acompanhava a refeição para limpar chocolate da boca, embora ainda houvesse um pouco grudado nos dentes da frente quando ele sorriu para Adrian.

— É, o médico disse que eu fiquei mal por um tempo. Disseram que eu tive sorte.

— Teve mesmo. Nós todos temos.

A expressão do Max ficou cheia de malícia.

— Que nada. O Sentinela me salvou, né? Tenho que agradecer a ele. Se um dia eu encontrar o cara pessoalmente, claro.

Adrian riu. Durante semanas Max tinha sido o único a saber sua identidade secreta. Depois da luta nas catacumbas, ele foi obrigado a contar a Ruby e Oscar, e desconfiava que Danna também sabia, embora ele só fosse saber o que ela achava quando eles conseguissem encontrar uma forma de ajudá-la a se transformar de volta à forma humana.

Ele sabia que teria que contar a Nova alguma hora. Oscar e Ruby não eram os Renegados mais discretos da força-tarefa, e ele queria que Nova soubesse por ele.

— Ah, bom, dizem que o Sentinela talvez goste de você, garoto. — Ele esticou a mão e bagunçou o cabelo do Max. Por só saber como era fazer isso havia poucas semanas, ele ainda ficava surpreso com a maciez do cabelo dele. — A equipe vai ficar feliz da vida quando eu contar a novidade, e eu talvez traga uma surpresa na minha próxima visita.

Max olhou para ele de um jeito que era mais desconfiado do que

empolgado.

— Tudo bem, vou te contar. Adivinha o que nós encontramos andando nos escombros no quartel-general? Vou te dar uma pista. É deste tamanho — ele juntou os dedos a uns três centímetros um do outro —, ficou extinto milhões de anos atrás e rima com… — Adrian fez uma pausa. — Hã… Burbo.

Max estava balançando a cabeça, mas seu sorriso voltou.

— Essas foram as piores pistas do mundo. Você poderia ter dito que as patas dele são usadas pra correr e pra estripar a presa, mas só se a presa for menor do que um rato. Ou que deve ser um dos poucos da espécie dele a ter escamas em vez de penas. Ou talvez que os bebês dele nasceriam de ovos, apesar de ele não ter nascido de um.

As sobrancelhas de Adrian subiram.

— Você acabou de pensar nisso aí?

Max deu de ombros e comeu outro pedaço de brownie.

— Não, sério, foi muito bom. Talvez pensar em charadas seja outro superpoder ainda oculto. Mas… o que você quer dizer com penas?

— Eles tinham penas — disse Max com a boca cheia.

— Os velociraptors?

Max assentiu e engoliu.

— Você não sabia que os pássaros vieram daí?

— Bom, sabia, mas… — Adrian franziu a testa e imaginou um velociraptor em miniatura que era mais uma cruza de T-rex com galinha. — As penas o deixariam bem menos intimidador, sabe? Se bem que Danna tem medo de pássaros, então acho que tudo é subjetivo. Ainda assim. Penas. Quem poderia imaginar?

Max terminou o brownie e inspecionou o prato para tentar encontrar mais alguma coisa segura para consumo. Adrian pensou em contar sobre Danna, que ela estava presa na forma de bando desde a noite do ataque e eles não sabiam bem o motivo, mas achou que era melhor o garoto ficar concentrado na recuperação dele por enquanto.

— Bom — disse ele —, vou trazer o Turbo pra te ver na minha próxima vinda. Estou cuidando bem dele. Descobri que ele gosta muito de peito de peru.

— Não sei se ele é capaz de gostar muito de uma comida — disse Max. — Uma vez vi ele tentar comer um lápis.

Adrian riu.

— Falando sério, estou muito feliz por você estar bem. Quando cheguei ao quartel-general e vi a Pesadelo agachada ao seu lado…

Ele parou. Queria manter o clima leve, mas era impossível não pensar no quanto Max estava pálido e fraco. E havia tanto sangue…

Max limpou os dedos no guardanapo.

— É. Foi estranho, né? Sei que tenho sorte de estar vivo, mas também sei que não deveria estar. Vivo. Ela devia ter me matado. Não faz sentido ela não ter feito isso.

— Não foi por falta de tentativa — murmurou Adrian. — Ela fugiu assim que me viu. Eu teria ido atrás dela, mas… Bom, você era mais importante. Obviamente.

Max franziu a testa.

— Mas eu vou encontrá-la — disse Adrian, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Eu juro. A equipe e eu já estamos trabalhando em uma nova investigação e nós temos umas pistas bem promissoras. Eu vou encontrar a Pesadelo e vou fazer com que pague por isso. Ela nunca vai poder te machucar de novo.

O rosto do Max ficou mais confuso. Ele encarou Adrian, atônito, e empurrou lentamente a bandeja de comida. Adrian se levantou, pegou a bandeja e a colocou na mesinha ao lado da cama.

— Quer água ou alguma outra coisa?

— Adrian…

O tom de voz do Max fez Adrian hesitar. Ele olhou para baixo, mas o foco de Max estava no cobertor branco de algodão sobre as pernas. Seus dedos apertaram o tecido.

— O quê? — perguntou Adrian, afundando na cadeira de novo. — O que houve?

Max lambeu os lábios e, pela primeira vez, Adrian reparou como estavam secos. Ele teria que falar com a enfermagem. Talvez comprar aquele protetor labial de ingredientes naturais que era vendido nas farmácias chiques.

— A Pesadelo não tentou me matar.

Adrian ficou olhando para Max. Ele ainda estava tão pálido. Havia hematomas espalhados pela parte interna dos braços, nos pontos onde ele recebeu transfusões de sangue e acesso de soro. A camisola de hospital azul-clara pendia nos ombros magros.

— Max — disse ele lentamente —, ela perfurou sua barriga com uma lança de cromo gigante. O único motivo para ela não ter te matado foi que eu apareci a tempo de impedir.

Max balançou a cabeça.

— Foi a Geladura quem me perfurou, não a Pesadelo.

O mundo pareceu ficar mudo enquanto Adrian tentava entender essas palavras.

— *Geladura?*

Max continuou sem encará-lo, e Adrian viu as pupilas dele dançarem ao redor. Ele estava repassando a noite na cabeça, vendo a luta, não o cobertor.

— Ela estava com a lança do papai e ia pra cima da Pesadelo, mas a Pesadelo se abaixou. Eu estava atrás dela, invisível, e a Geladura me acertou, enfiou a lança em mim. Não foi a Pesadelo.

Adrian abriu a boca e voltou a fechá-la. Seu conhecimento do que tinha acontecido no saguão do quartel-general começou a se reorganizar numa nova ordem de eventos. Uma nova realidade.

— Mas mesmo assim. A Pesadelo não exatamente…

— Ela tentou me ajudar — interrompeu Max. Ele fechou os dedos no cobertor. — Eu pedi pra ela tirar a lança, e no começo ela não quis fazer isso porque não é bom remover a arma do ferimento, né? Mas eu supliquei, e ela cedeu, e quando percebeu que o gelo estava ajudando, ela… ela obrigou Geladura a me dar o poder dela. Pesadelo puxou a Geladura pra perto e me deixou absorver tudo. Ela estava tentando me salvar.

O queixo de Adrian caiu enquanto ele tentava visualizar a cena, mas só conseguia ver Pesadelo reclinada sobre o corpo do Max. O vidro quebrado, as mãos dela ensanguentadas.

— Isso… não faz sentido.

— Eu sei.

Max finalmente ousou erguer o olhar. Os olhos dele estavam brilhando.

— Tem certeza? Você perdeu muito sangue. Podia estar delirando. Talvez você esteja confundindo o que aconteceu…

— Eu tenho certeza. Pergunta pra Geladura.

— Geladura já…

Adrian fez uma pausa. Geladura já tinha dado um depoimento oficial e declarado que Pesadelo tinha perfurado Bandido, como todos tinham suposto. Admitir que tinha machucado Max por engano não seria bom para ela.

E Genissa Clark nunca fazia nada que não fosse bom para ela.

Adrian se encostou na cadeira, querendo acreditar em Max, mas sem compreender por completo o que ele estava contando. Pesadelo era uma Anarquista. Tinha todos os motivos para querer matar Max, a fonte do Agente N e o catalisador da derrota do Ace Anarquia durante a Batalha de Gatlon.

Que motivo ela teria para tentar ajudá-lo?

Será que havia algum motivo sinistro para os Anarquistas quererem manter Bandido vivo? Seria possível que fossem tentar usá-lo para benefício próprio?

Não era totalmente inacreditável, mas era um plano quase diabólico demais para Adrian botar na cabeça.

— O que realmente não faz sentido — disse Max lentamente — é que ela não ficou enfraquecida por mim. Eu a vi fazer a Geladura dormir e isso foi logo depois que ela tentou me ajudar a parar o sangramento. Ela devia estar fraca ou mesmo totalmente neutralizada, mas pareceu bem. Então, como…?

— Eu não tenho certeza — disse Adrian —, mas acho que ela pode estar com o Amuleto da Vitalidade.

Os olhos de Max se arregalaram de surpresa, mas a expressão logo virou uma careta.

— Que pena. Eu não me incomodaria de ter o poder dela.

Adrian inclinou a cabeça.

— É mesmo? Quando você ia querer botar as pessoas pra dormir?

— Eu só acho que poderia ser útil. Tipo quando aqueles cientistas vão tirar amostras de sangue. Seria bom poder fazê-los dormir um tempo quando eu

não estiver com vontade de cooperar.

Adrian deu um sorrisinho.

— Sabe, você é mais rebelde do que qualquer um gostaria de admitir.

— É… — Max deu um meio sorriso e revelou de leve a covinha na bochecha direita. — Eu herdei isso do meu irmão mais velho.

CAPÍTULO NOVE



NOVA EXAMINOU A ANTIGA planta da Penitenciária Cragmoor, as mãos fechadas apoiadas nos quadris, uma dor de cabeça latejando nas têmporas. Mel e Leroy tinham ido dormir horas antes, e ela não tinha visto Fobia a noite toda. Estava determinada a solucionar aquele enigma antes de ver os outros de novo de manhã.

Havia um jeito de salvar Ace. Tinha que haver.

E eles tinham a arma que poderia dar uma vantagem enorme a eles, mesmo que parecesse quase errado usá-la.

Eles tinham o elmo do Ace Anarquia.

O pai de Nova tinha criado o elmo usando fios de energia que ele conseguia moldar do ar. Tinha feito uma arma capaz de ampliar as habilidades do irmão. Até onde Nova sabia, Ace era a única pessoa que já tinha usado o elmo.

Mas Nova desconfiava de que o elmo não funcionaria só com o tio. Havia uma possibilidade de que ele pudesse amplificar *qualquer* poder, o que explicaria por que os Renegados estavam tão determinados a mantê-lo trancado por toda eternidade.

Ela alongou a coluna, se perguntando há quanto tempo estava parada ali sem se mover. Sua atenção pousou no armário de casacos que ficava no corredor estreito entre a sala e a cozinha. Havia algo de irônico no que poderia ter sido o artefato prodígio mais temido e respeitado de todos os

tempos agora relegado a um mero armário de casacos em uma casa velha de Wallowridge. Ele merecia coisa melhor.

Mas as opções eram limitadas.

Nova não tocava no elmo desde que o guardara no armário na noite da invasão. Todos os dias, quando chegava em casa, ela abria a porta só para verificar que ainda estava lá e logo a fechava.

A visão do elmo provocava uma dor no peito dela.

Mas agora ela se obrigou a abrir a porta. A luz azulada da cozinha bateu no elmo, mas não conseguiu diminuir seu brilho dourado natural. O equipamento parecia estar observando Nova pelos buracos vazios dos olhos. Esperando.

Antes que pudesse mudar de ideia, Nova esticou os braços e aninhou o elmo nas mãos. A estrela no pulso pulou e brilhou com um pouco mais de força, a pulseira atraída na direção do elmo como se os dois tivessem atração magnética.

Soltando todo o ar dos pulmões, Nova virou o elmo, fechou os olhos e o colocou na cabeça.

Era grande demais para ela. Era óbvio que, se ela se mexesse, mesmo que só um pouco, ele chacoalharia como a cabeça de uma boneca quebrada. Mas ela não se mexeu. Só esperou. Sentiu o cheiro meio metálico do interior do elmo. Sentiu seu hálito na superfície, não muito diferente de quando ela usava a máscara de metal da Pesadelo.

Nada aconteceu.

Nova abriu os olhos e ofegou, cambaleando até a parede. O elmo girou na cabeça dela, mas ela rapidamente o ajeitou.

O aposento estava cintilando. Ondas de luz acobreada dançavam na frente dela, como uma aurora boreal dourada enchendo a sala caindo aos pedaços. Parecia que estavam girando para fora… do elmo, *dela*.

Seus olhos começaram a lacrimejar. Ela tirou o elmo da cabeça.

As luzes sumiram; não todas de uma vez, como uma lâmpada sendo desligada, mas uma desintegração lenta, como se ela estivesse esquecendo como ver.

Ela piscou para limpar a visão.

Aquelas luzes, aqueles raios de energia… seriam os mesmos riscos brilhantes que Nova vira o pai conjurar do ar tantos anos antes? Quando criança, ela supusera que ele os criava do nada, mas aquilo era muito familiar. Era possível que sempre estivessem lá, invisíveis no éter, esperando alguém com um poder como o do pai para puxá-los para a realidade? Para criar algo brilhante com eles?

O mais estranho era que ela sabia que já tinha visto aqueles riscos de luz, quando pegou a estrela na sala pintada no porão do Adrian. E ela não estava com o elmo na ocasião.

Ela botou o elmo na cabeça de novo. As luzes reapareceram, tão constantes e impressionantes quanto antes. Nova apertou os olhos por causa do brilho e esticou a mão. A estrela na pulseira latejou. Perguntando-se se conseguiria tocar nos riscos de energia, até mesmo manipulá-los, como seu pai tinha feito, ela esticou o dedo na direção de um que dançava a uma curta distância à frente.

Sua mão passou através dele. A luz brilhou, impávida. Tão efêmera quanto uma sombra.

Ela tentou de novo. E outra vez. Mas, independentemente de como esses fragmentos de energia reagiam às ordens do pai dela, eles pareciam ignorá-la completamente.

Com a cara amarrada, ela arrancou o elmo e viu a visão sumir.

Nova foi tomada pela decepção. Não devia ter se sentido diferente? Mais forte? Mais poderosa? Invencível? Foi assim que Ace sempre pareceu a ela quando ela era mais jovem. Depois que o elmo foi capturado, ele praticamente definhou com a perda. O efeito do elmo nela não deveria ter sido *mais*, de alguma forma?

Nova nunca dormia. O elmo não deveria ter ampliado sua energia ilimitada e inexaurível?

Ela conseguia fazer as pessoas dormirem com um toque. O elmo não deveria… Ela não sabia. Permitir com que ela pudesse fazer isso a distância? Ou… até talvez matá-las com o toque?

Nova ficou surpresa com o tremor que se apossou dela com aquele pensamento. Seria um poder incrível e certamente a ajudaria a invadir a

prisão, mas a ideia a repelia mais do que seduzia.

Com uma bufada, ela enfiou o elmo no armário e bateu a porta.

Havia uma figura no corredor, com uma máscara de solda no rosto.

Nova deu um gritinho e pulou para trás. Sua mão foi instintivamente para a arma, mas ela não estava de cinto.

Não importava. Não dependia de armas. Ela *era* uma arma.

Ela se preparou para lutar, mas a figura deu um passo para trás e esticou a palma da mão na direção dela.

— Eu fiz um seguro pela minha vida — disse uma voz feminina.

Nova hesitou. A voz parecia levemente familiar.

— Eu tenho um aliado esperando meu retorno. Se eu não voltar, ilesa, nos próximos vinte minutos, ele vai alertar o Capitão Cromo e o resto dos Renegados sobre a sua identidade e a localização do seu esconderijo secreto.

Nova apertou os olhos enquanto inspecionava a expressão vazia da máscara. Lembrava a armadura do Sentinela, o que a irritou mais do que deveria.

— Esconderijo secreto? Isso por acaso é uma história em quadrinhos?

— Isso não é um jogo — disse a garota. — Eu quero o elmo do Ace, agora!

— Eu já te dei o elmo.

— Você me deu uma imitação, e você tem sorte de eu não ter ido direto até os Renegados quando descobri. Esta é sua última chance, Nova *Artino*.

— Eu não sou um serviço de entregas e não gosto de ser ameaçada.

Nova deu um pulo para a frente e bateu com o cotovelo na garganta da garota, prendendo-a à parede. Com a outra mão, arrancou a máscara e a jogou no chão.

Ela ofegou.

— *Narcissa?*

Estava mais magra, com olheiras escuras. Narcissa Cronin, neta de Gene Cronin, o Bibliotecário, que foi morto na luta na Biblioteca Cloven Cross. Ingrid tinha atirado nele para proteger a identidade de Nova.

Essa informação se encaixou nos pensamentos de Nova e muitas coisas começaram a fazer sentido. Narcissa era capaz de viajar entre espelhos. Foi

assim que ela chegou ao quarto do andar de cima e ao quarto de Mel nos túneis, as duas vezes sem ser vista, sem deixar rastros. Foi assim que ela descobriu a identidade de Nova.

Narcissa a empurrou, e Nova, enfraquecida pela surpresa, deu um passo para trás.

— Narcissa — disse ela de novo, ainda sem compreender totalmente que aquela garota, que sempre pareceu tão calada, tão dócil, tão… *não vilã* podia ser quem a tinha chantageado. — Como você me encontrou?

Um toque de arrogância surgiu no rosto de Narcissa.

— Eu sabia que você estava se passando por Renegada e esperei do lado de fora do quartel-general e te segui até em casa.

Nova balançou a cabeça.

— Eu teria notado se estivesse sendo seguida.

— Tem certeza? — perguntou Narcissa de forma quase provocativa. — Você verificou cada reflexo pelo qual passou? Há muitos espelhos entre o QG dos Renegados e Wallowridge. Quando eu soube em que rua você estava, fui de casa em casa, de penteadeira em penteadeira, até te encontrar. E agora que estou aqui, você vai me dar aquele elmo!

Com o rosto contorcido de raiva, Narcissa pegou uma pistola que estava enfiada na cintura.

Os instintos e o treinamento fizeram Nova dobrar os joelhos. Ela se agachou e bateu com uma perna nos tornozelos de Narcissa. A garota gritou e caiu para trás, batendo no chão de lado com um gritinho de dor. Tentou se levantar, mas sua coluna dobrou e ela soltou um grito estridente. Largou a arma e levou a mão ao ombro, quase acertando a vespa de pontos amarelos que fugiu dos dedos dela. Pousou no tênis preto e tinha começado a entrar embaixo da barra da calça jeans quando Nova gritou:

— Mel, não! Para!

A vespa parou, as asas batendo nos cadarços da garota.

Nova olhou para cima, ofegante. Mel estava parada no alto da escadaria, o cabelo em rolinhos enormes e um roupão de seda enrolado frouxo na cintura. Leroy estava atrás dela, olhando com interesse mudo Narcissa se contorcer no chão. Uma nuvem de abelhas circulava a cabeça deles, o zumbido

ecoando na escada.

Nova parou e pegou a arma, reparando que a trava de segurança ainda estava acionada. Sufocando um suspiro, ela não se deu ao trabalho de destravá-la ao mirar na testa de Narcissa.

Narcissa estava com dor demais para notar. Havia lágrimas grandes escorrendo pelas bochechas dela quando apertou a mão na ferroada no ombro.

Nova olhou para Mel.

— Você pode fazer a dor parar?

Mel ergueu uma sobrancelha.

— Por que eu deveria? Ela tentou te matar.

— Não muito bem.

Mel grunhiu.

— Não é preciso ser competente para ser o inimigo.

— *Mel.*

Ela revirou os olhos.

— A ardência do veneno vai passar em um ou dois minutos, mas vai ficar dolorido por alguns dias. A não ser que ela seja alérgica. Nesse caso, ela vai morrer. — Mel curvou o dedo, e a vespa voou para ela. — A gente conhece essa aí?

— Mais ou menos. — Nova olhou para baixo outra vez e viu que a trança ruiva comprida de Narcissa tinha saído de dentro da gola da camisa. — Ela é a neta do Bibliotecário. É capaz de viajar entre espelhos.

— Do Bibliotecário? — disse Mel. — Você quer dizer o vendedor de armas?

Narcissa rosnou em meio à dor.

— Ele tinha nome. E era mais do que um traficante de armas. Mais do que o vilão que todos dizem que era! — As narinas dela se dilataram. — Ele era um homem bom. Um estudioso. Uma pessoa que se preocupava com a comunidade. E vocês o mataram! Só pra salvar a própria pele!

Nova engoliu em seco. Ela não conhecia Narcissa bem, mas, durante os poucos e breves encontros, sempre tinha gostado dela. Narcissa pareceu tão singela. Tão desinteressada em qualquer coisa relacionada a vilões e heróis.

Ela costumava ficar com a cara enfiada num livro e parecia satisfeita assim.

Mas não havia mais nada disso. Narcissa estava magra demais, pálida demais e hostil demais. Obviamente, os sentimentos carinhosos que Nova já tinha tido por ela não eram recíprocos.

— Eu não o matei — disse Nova. — Foi a Detonadora.

— É, por *você*. — Narcissa usou a manga para limpar o catarro do nariz. — Mas vocês, Anarquistas, sempre foram egoístas. Nunca ligaram pra ninguém além de vocês mesmos. — Ela ficou de joelhos, fez uma careta quando apoiou o peso no braço e ergueu o queixo. — É por sua causa que meu avô está morto. A biblioteca não existe mais. Vocês tiraram tudo que eu tinha!

— A Detonadora fez isso tudo! — repetiu Nova, mais alto agora. — Eu estava tentando impedir!

— Se não fosse você, ela não teria se voltado contra nós. Fingir ser uma Renegada… Usar meu avô e a biblioteca dele como peões no seu jogo… Devia ter sido você! Não ele, *você*!

Nova trincou os dentes e largou a arma no colo de Narcissa. A garota se sobressaltou e começou a recuar, como se a arma fosse uma cobra venenosa. Mas aí ela se controlou e fechou as duas mãos na coronha. Mas não mirou em Nova outra vez, embora sua expressão ainda fosse assassina.

— Seu avô — disse Nova — era um dos traficantes de armas no mercado clandestino mais notório desta cidade. Os Renegados o encontraram, e Ingrid viu uma oportunidade de usar a operação deles como armadilha. Nada disso é culpa minha.

Narcissa se levantou, segurando a arma.

— Os Renegados o encontraram? É, porque ele vendeu uma arma pra *você*, e você foi descuidada a ponto de tentar matar o Capitão Cromo com ela.

— Na verdade — disse Leroy —, ele vendeu a arma pra mim.

Narcissa se virou para ele.

— Então vocês deviam estar todos mortos! Mas aqui estão vocês, ainda fazendo joguinhos enquanto mais prodígios sofrem! Bem, eu fiz uma promessa de que levaria esse elmo de volta aos Rejeitados e de que nós o usaríamos para restaurar o equilíbrio do mundo. O equilíbrio que foi

destruído por pessoas desesperadas por poder como os Anarquistas e os Renegados. E não vou sair daqui sem ele.

Ela firmou os pés e, apesar de ter ficado pálida, fosse da ferroada ou por causa dos seus medos, ficou ereta quando encarou Nova.

Consternada, Nova ergueu as mãos.

— Quem são os Rejeitados?

As narinas de Narcissa se dilataram.

— Os rejeitados pela sociedade por serem prodígios. Os rejeitados pelos Renegados por não se encaixarem nos padrões heroicos perfeitos. Mas juntos… nós somos mais do que párias. Nós somos poderosos e não vamos mais tolerar esse abuso!

Nova esperou. Ficou claro que Narcissa já tinha repetido esse discurso algumas vezes.

O estranho era que se parecia muito com algo que Ace teria dito.

Ela estava prestes a sugerir que talvez o ódio de Narcissa estivesse mal direcionado quando a caminhante de espelhos continuou.

— Vocês têm uma escolha — disse ela, jogando a trança por cima do ombro. — Você pode me matar, e o meu pessoal vai se certificar de que seus inimigos saibam todos os seus segredos até amanhã de manhã. Ou pode me dar o elmo e me deixar ir embora, para poder continuar vivendo, seja como Pesadelo ou como Insônia ou como quem você achar que é.

O silêncio foi breve.

— Tudo bem — disse Mel, passando uma unha pontuda pelas costas de uma abelha gorducha que estava andando pelo dedo mindinho dela. — Posso?

Leroy bocejou.

— Vou esquentar o carro. Vocês acham melhor jogar o corpo na baía ou no rio?

— O rio fica mais perto — disse Mel. — E acho que ninguém vai sentir falta dela, apesar dessa história de Rejeitados. — O sorriso dela ficou malicioso. — Eu pago pra ver.

A coragem de Narcissa sumiu quando sua atenção se voltou para as abelhas.

Era preciso muito veneno, mesmo das mais perigosas vespas, para matar uma pessoa que não era alérgica, mas era possível.

Era um jeito terrivelmente sofrido de morrer.

— *Morte* — disse uma voz rouca. — E abelhas, ao menos no momento.

A forma de Fobia se solidificou nas sombras e ocupou a passagem para a cozinha. Havia um pouco de luar entrando pelas janelas, e um raio de luz cintilou na lâmina da foice.

— E aranhas, cobras, baratas, ratos — continuou Fobia, listando os medos que conseguia detectar no fundo da mente de Narcissa. — Escorpiões. Humilhação pública. Afogamento. — Ele riu baixo. — Ace Anarquia.

— Que coisa maravilhosa — murmurou Leroy. — Pelo menos ela finge coragem direitinho.

— Mas, mais profundamente — continuou Fobia, e a voz rouca ficou debochada —, ela tem um medo quase paralisante de nunca vivenciar o amor verdadeiro.

— Ah, ela é *dessas*. — Mel deu um gemido dramático. — Infelizmente, parece que esse medo vai se realizar.

— Esperem — disse Nova, levantando a mão. — Narcissa, nós nunca vamos te dar o elmo, mas talvez a gente possa se ajudar. Seus… *Rejeitados*… Parece que a questão deles é com os Renegados, não conosco. Você não precisa morrer por isso.

Narcissa a encarou com olhar frio.

— Você deveria estar preocupada com você mesma, Pesadelo. Você está realmente preparada para os Renegados saberem quem você é depois de todo o seu esforço pra se esconder?

As palmas das mãos de Nova estavam suando. A resposta era não, claro que ela não estava preparada. Ela ainda precisava resgatar Ace. Ainda precisava derrubar os inimigos.

E seus pensamentos se voltaram para Adrian. Para a forma como ele sorria para ela. Para a forma como ele a *beijava*.

Isso acabaria.

Ela não estava preparada.

— Não importa — disse Nova. — Vão descobrir a qualquer momento.

Minha identidade não é a moeda de troca que você acha que é, Narcissa. E nós precisamos do elmo. Vamos libertar o Ace Anarquia, e, quando fizermos isso, ele vai usar o elmo pra acabar com os Renegados e a tirania deles de uma vez por todas. — Ela abriu os dedos quase em súplica. — Por que não nos ajudar a fazer isso?

Elas se encararam por muito tempo. Lentamente, Narcissa voltou a atenção para Fobia. Ela engoliu em seco, olhou para Mel e Leroy e enfim para Nova outra vez.

Nova percebeu que os muros estavam ruindo. Apesar da raiva que ela nutria pelos Anarquistas e pelo que tinha acontecido na biblioteca, ela estava vendo a lógica nas palavras de Nova, porque pareceu estar dividida entre tentação e incerteza.

Mas o que ela ia dizer foi interrompido pelo cantar de pneus na rua.

Narcissa curvou os lábios com alívio.

— O tempo acabou, Pesadelo.

Algo acertou a janela da frente. O vidro se estilhaçou. Nova se agachou instintivamente e Narcissa passou por ela com um empurrão.

Uma pedra enorme rolou mais alguns centímetros e parou ao lado da poltrona, na hora que a trança ruiva de Narcissa desapareceu na escada.

Alguém gritou lá fora. Berros de comemoração e alguém gritando *"Rejeitados pra sempre! Poder aos prodígios!"* antes dos pneus cantarem de novo e o veículo seguir pela rua.

Nova falou um palavrão e subiu a escada correndo, dois degraus de cada vez. Ela viu Narcissa agachada em cima da penteadeira da Mel. Uma das mãos estava segurando a moldura do espelho grande, a outra segurava um pote de vidro. A borboleta dourada e preta batia asas freneticamente lá dentro.

Nova ficou paralisada enquanto os olhos de Narcissa se enchiam de intriga.

— Estão falando dessa Renegada nos noticiários. *Monarca*. A que levou a equipe até o esconderijo do Ace Anarquia. — Ela inclinou a cabeça. — Coincidência interessante.

Narcissa ergueu o braço para trás e jogou o pote na parede mais distante

do quarto.

Nova deu um grito. No mesmo momento em que Narcissa estava sumindo na superfície do espelho, Nova mergulhou para pegar o pote, mas sabia que não chegaria a tempo. Pareceu mover-se em câmera lenta pelo ar.

Bateu na parede e explodiu em mil estilhaços.

A borboleta voou para cima, espiralando para o teto. Fugiu das mãos de Nova e partiu na direção da janela, que tinha ficado aberta por causa das abelhas.

Com um palavrão, Nova foi atrás. A borboleta voou para baixo. Nova pulou, braço esticado, dedos tensos.

A borboleta estava voando direto para a janela. Havia abelhas ao seu redor, que repararam em uma nova presa.

A borboleta passou pela abertura.

Nova mergulhou. Um joelho no parapeito da janela, uma das mãos mal se segurando na moldura para não cair. A mão esticada fechada em punho.

Ela ficou ali, imóvel exceto pela respiração errática. Embora estivesse cercada de abelhas e vespas e de algumas até ousarem pousar em suas mãos para inspecionar os dedos apertados, não houve ferroadas.

Tremendo de adrenalina, Nova voltou para dentro do quarto.

Atordoada, Nova olhou para baixo e viu uma colmeia com uma marca de pegada no centro do quarto. Ela havia se movido tão rápido que nem reparou que tinha pisado na colmeia. As abelhas que chamavam aquela colmeia de casa estavam voando em volta, furiosas, o zumbido ensurdecedor, mas não eram os insetos que a preocupavam.

Nova soltou o ar e abriu de leve os dedos.

As asas da borboleta estavam quebradas. O corpo peludo e pontilhado ainda estava tremendo.

Com o estômago embrulhado, ela largou a criatura no chão. Foi cercada na mesma hora pelas abelhas.

Não sobraria nada dela.

Nova limpou o pó das mãos. Seu corpo estava tremendo.

Aquela borboleta estava morta, e embora Danna não fosse reter as lembranças do que tinha visto ali, havia centenas de outras borboletas que se

reformariam agora e poderiam contar o que talvez tivessem descoberto. O que mais Danna tinha descoberto ao seguir Nova antes de aquela borboleta ali ser capturada?

O coração dela ricocheteou dentro do peito. Nova se sentia vazia. Apavorada.

Não sabia se Narcissa ou Danna informaria os Renegados primeiro, mas não importava. Nova tinha certeza de uma coisa.

Seu tempo tinha acabado. Danna poderia se tornar humana a qualquer momento. Talvez já tivesse se tornado.

Quanto tempo até alguém saber a verdade?

— Leroy! Mel! — gritou ela, correndo para o térreo. — Espero que aquele explosivo de que você falou esteja pronto. Temos que ir agora.

Leroy e Mel estavam em meio ao vidro quebrado na sala. Leroy estava examinando a pedra que tinha sido jogada pela janela.

Rosnando, Mel balançou a cabeça.

— Uma pedra qualquer — disse ela, perplexa. — Isso aqui está um show de amadorismo.

— Vocês ouviram? — perguntou Nova, a voz carregada de pânico. — A borboleta morreu. Se Monarca já não recuperou a forma humana, vai recuperar em breve. Não sei o quanto ela sabe, mas… — Ela parou de falar.

— Mas é quase certamente o suficiente pra te incriminar — disse Leroy, largando a pedra. Caiu com um baque pesado no tapete. — E trazê-los até nós. Na pior das hipóteses, eles estarão aqui em… dez minutos?

— Antes, se enviarem a patrulha mais próxima — disse Nova. — Talvez mais se… se o Conselho tornar isso prioridade pessoal. Mas não muito mais.

Leroy assentiu.

— Vou preparar o explosivo e ficar pronto para detoná-lo ao primeiro sinal de Renegados se aproximando. Peguem só o que for necessário. Não se preocupem com deixar provas. Nada vai ficar reconhecível quando eu acabar.

CAPÍTULO DEZ



Na última vez que Adrian tinha corrido pelos telhados da Cidade de Gatlon de armadura do Sentinela, ele estava carregando Max nos braços, à beira da morte. Estava só um pouco menos em pânico agora. A mensagem de Ruby tinha sido muito enfática e ao mesmo tempo totalmente vaga. Ele respondeu na mesma hora, desesperado para saber por que ela estava convocando a equipe, mas ainda não tinha recebido resposta.

Por isso, ele correu.

Ou pulou.

Alguns poderiam até dizer que voou. Foi o mais perto que ele chegaria, ao menos até conseguir descobrir como tatuar asas nas próprias costas.

As molas tatuadas nas solas dos pés o impulsionavam para a frente, saltando sobre ruas e arranha-céus. Ele não estava sendo particularmente discreto, mas já havia descoberto que pouca gente na cidade parava e olhava para cima, e, se alguém fizesse isso, ele esperava que a pessoa pensasse que o brilho da armadura não passava de uma ilusão do sol de meio-dia. Mesmo que reconhecessem o famoso vigilante, ele já teria sumido antes que pudessem pensar em detê-lo.

Ruby morava com a família em um apartamento de três quartos no bairro de Shademont. Para muita gente na cidade, um apartamento de três quartos podia parecer um lugar espaçoso, mas ainda era apertado para a família dela: Ruby, os irmãos gêmeos (Esterlino e Jade), os pais e a avó. Adrian não

conseguia se lembrar de já ter ouvido Ruby reclamar de dividir o quarto com os meninos, que fariam doze anos em alguns meses, mas também nunca tinha questionado por que ela não convidava o grupo para ir à casa dela. Nas raras ocasiões em que eles se reuniam na casa de alguém, era sempre na do Adrian.

Ele estava ofegante quando parou no telhado do prédio dela, a respiração embaçando o interior do elmo. Um último pulo e ele caiu com um baque alto na viela abaixo. Um gato miou e sibilou antes de fugir pela esquina.

Adrian bateu com a mão no peito e o traje se recolheu e se dobrou até poder entrar debaixo da pele no esterno. Ele tinha passado a usar camisetas de mangas compridas com três botões no pescoço, com acesso fácil ao traje, e fechou os botões com uma certa dificuldade enquanto andava até a entrada do prédio. Suas pernas sempre ficavam meio bambas depois de tanto pular, mas ele ignorou a sensação.

Estava firme de novo quando chegou ao apartamento dos Tucker, no segundo andar. A porta se abriu antes de ele poder bater. Não foi Ruby, mas a avó dela, uma mulher pequenina com mechas grisalhas no cabelo que já tinha sido ruivo. As mãos estavam curvadas da artrite, que Ruby mencionara que eram resultado de anos no ramo de joias, usando os dedos para as menores e mais detalhadas tarefas. Ainda assim, ela tinha uma pose e uma força na expressão que Adrian admirava desde a primeira vez em que a viu.

— Estão no quarto das crianças — disse ela, chegando para trás para deixá-lo passar. — Última porta à esquerda.

Adrian agradeceu e correu pelo corredor. A porta estava entreaberta e ele ouviu vozes no quarto: os irmãos gritando com empolgação e Ruby parecendo frenética, mandando que eles parassem.

Ele empurrou a porta. Os gêmeos, sentados juntos no colchão de cima do beliche, pararam de falar na mesma hora e olharam para ele. Oscar estava lá, as pernas também penduradas na cama de cima, a bengala presa em um dos degraus da escada. Primeiro, Adrian ficou surpreso por Oscar ter chegado antes, mas lembrou que o amigo não morava longe, enquanto ele tinha percorrido quilômetros vindo do hospital.

— O atrasadinho chegou — disse Oscar, sorrindo.

Aquele sorriso ajudou a acalmar o coração disparado de Adrian.

Ele entrou no quarto. Ruby estava sentada no pé da cama, que ficava paralela ao beliche. Os únicos outros móveis que cabiam no quarto eram uma cômoda alta e uma escrivaninha pequena que tinha sido enfiada no espaço entre as camas.

E havia mais uma pessoa, deitada sobre a colcha de Ruby.

— Danna! — gritou ele, percorrendo os dois passos necessários para chegar a ela.

Ela estava inconsciente, mas o sono estava agitado, as pálpebras tremendo e a testa coberta de suor. Usava o uniforme de Renegada, os dreadlocks louros espalhados no travesseiro.

— Onde ela… *Como?*

— Não sei — disse Ruby. — Ela está comigo desde que encontramos o Ace Anarquia, você sabe, em modo de bando.

Adrian assentiu. As borboletas tinham se tornado a sombra de Ruby desde a noite em que Danna os levou até as catacumbas, onde encontraram Ace Anarquia.

— E eu estava sentada, começando a me arrumar para as patrulhas de hoje. As borboletas estavam espalhadas por aqui, pousadas, como costumavam ficar, quando, do nada, começaram a rodopiar. Sabe quando ela faz aquela coisa que parece um ciclone? E aí, ela retomou a forma humana. Estava *péssima*, cansada e trêmula. E meio assustada. Ela disse "Chama o Adrian, *só* o Adrian". Eu sei que ela queria dizer mais, mas desmaiou.

— Ela é mestra em fazer entradas impactantes — disse Oscar.

— Minha mãe acha que é só fome — replicou Esterlino… ou foi Jade? Adrian ainda não sabia como diferenciar os dois. Ele teria que perguntar a Ruby se tinha alguma diferença.

— Ou desidratação — acrescentou o outro.

Adrian se agachou ao lado de Danna.

— Ela nunca deve ter ficado tanto tempo em modo de bando. Deve pesar no corpo dela. — Ele apertou a mão de Danna. — Por que eu? E o que o Oscar está fazendo aqui, então?

Ruby se afastou um pouco, meio envergonhada.

— Bom, eu não podia *não* chamar o Oscar. Mas mandei a mensagem pra

você primeiro.

— Aqui está! — disse a mãe de Ruby, entrando no quarto com uma bandeja de madeira nas mãos.

— Oba — exclamou Oscar. — Lanchinho!

A sra. Tucker olhou para ele com expressão fulminante.

— É pra Danna. Mas boa lembrança: Jade, Esterlino, por que vocês não vão pegar um lanchinho pras visitas?

Os garotos ignoraram a escada, pularam até o chão e saíram correndo do quarto.

Oscar sorriu para eles.

— Eu amo essa família.

A mãe da Ruby apoiou a bandeja, que continha uma cumbuca de caldo, pão, um copo grande de água e um paninho úmido.

— Alguma mudança? — perguntou ela, botando o pano na testa de Danna.

— Eu faço isso, mãe. — Ruby pegou o pano da mão dela e cuidou de Danna, o rosto contorcido de preocupação. — É estranho ela estar tão… agitada? As pessoas não costumam sonhar quando desmaiam assim, né?

— Não sei — disse Adrian, franzindo a testa para a forma como o peito de Danna subia e descia rápido.

— Ela passou por uma experiência difícil — disse a sra. Tucker. — Mas é uma Renegada. Ela vai superar. E tenho que dizer que não vou sentir falta de ter nossas amigas borboletas lotando nosso apartamento. Ela sempre é bem-vinda, mas aquilo foi meio esquisito. — A sra. Tucker piscou. — Vou deixar a bandeja aqui. Me avisem se alguma coisa mudar.

— Será que a gente deveria levá-la para o QG? — perguntou Oscar quando a sra. Tucker tinha saído. — Ou para o hospital? Ou chamar um curandeiro?

— É — disse Adrian. — O Conselho também vai querer saber que ela está de volta.

Ele começou a elevar o braço do comunicador, mas Ruby o impediu.

— Não sei. Ela disse pra chamar você e mais ninguém. Pareceu… pela cara dela… pareceu que era muito importante.

— Mas por que eu? O que eu posso fazer por ela?

Ruby não tinha resposta. Seus lábios se apertaram com indecisão.

De repente, Danna inspirou e tremeu. Todos voltaram a atenção para ela.

— Danna — disse Ruby, passando o pano pelas bochechas dela. — Está me ouvindo?

As pálpebras da Danna tremeram e se abriram lentamente. A respiração dela ainda estava irregular, mas pareceu desacelerar quando seu olhar percorreu o quarto, vendo primeiro Ruby, depois Adrian e por fim Oscar. Um sorrisinho surgiu no rosto dela.

— Céus — gemeu ela, e se encolheu quando um ataque de tosse subiu pela garganta. Ela segurou o braço de Ruby e tentou se levantar, mas Ruby e Adrian empurraram os ombros dela.

— Está tudo bem — disse Ruby. — Você precisa se acalmar. E descansar.

O ataque de tosse passou e Danna desabou no travesseiro, ainda chiando.

— Eu achei que nunca… — Ela limpou a garganta de novo. — É tão bom ver vocês por um par de olhos só.

Ruby sorriu em meio a lágrimas não derramadas.

— O que aconteceu?

Danna ficou séria e tentou se sentar de novo, afastando a mão do Adrian quando ele pediu de novo que ela relaxasse.

— Tem mais alguém aqui? — perguntou ela, a voz rouca quase num sussurro.

— Só a minha mãe, minha avó e meus irmãos — disse Ruby. — Aliás… tenho que avisar pra minha mãe que você está bem. Ela queria…

Ruby começou a se levantar da cama, mas Danna segurou o pulso dela.

— Espera — disse Danna. — Fecha a porta. Eu preciso contar uma coisa.

Ruby olhou para ela.

— Isso pode esperar, Danna. Você precisa comer e descansar e…

— *Não* pode esperar.

Adrian foi até a porta e a fechou.

— O que foi, Danna?

Ela fixou a atenção nele.

— Adrian… — murmurou ela, e houve uma expressão de pena que o fez ficar imóvel. Ele a viu apertar mais o braço da Ruby. — Cadê a Nova?

Adrian ficou tenso pela forma como ela disse aquele nome, com um tom que parecia quase amedrontado.

— Sei lá. Em casa, acho. Ou talvez no quartel-general. — Ele voltou até a cama. Oscar desceu a escada e se juntou a eles ao lado da Danna. — Por quê? Tem alguma coisa errada? Ela está em perigo?

— Adrian — repetiu ela, e falar parecia doloroso. O peito dele se apertou. Ele já estava planejando a rota na mente, o jeito mais rápido de chegar na casa da Nova. — Eu estava seguindo a Nova. Achei… É que ela estava agindo de um jeito estranho, suspeito. Eu tinha que ter certeza, então a segui e…

— Danna, o que está acontecendo? — disse ele, o tom mais duro do que ele pretendia. — O que você viu?

O rosto de Danna desmoronou com um lamento.

— Sinto muito, Adrian, mas… é ela. — A voz de Danna mal passava de um sussurro. — Nova é a Pesadelo.

CAPÍTULO ONZE



Apesar de eles terem discutido um plano de contingência para o que fariam quando os segredos de Nova fossem descobertos, ela torceu para que não tivesse que ser posto em prática. Esperava poder sair dos Renegados quando estivesse preparada, não porque eles descobriram quem ela era.

Mas não havia tempo para ficar pensando nisso. Tinha que se concentrar em reunir as coisas de que precisava e sair da casa antes que os Renegados chegassem.

No quarto que compartilhavam, Mel abriu a janela de guilhotina e começou a gritar para as abelhas lá dentro para *voarem livres, voarem livres!* As abelhas obedeceram a ordem e voaram pela janela numa grande nuvem, onde as vespas do jardim abaixo se uniram a elas. Juntas, elas passaram pela casa do vizinho e desapareceram. Nova não sabia como nem quando elas encontrariam sua rainha de novo, mas Mel não pareceu preocupada quando foi pegar uma caixa de joias e uma braçada de vestidos para enfiar numa mala. Não dava para salvar os ninhos e colmeias espalhados pelo quarto, mas não importava. Nova acreditou em Leroy quando ele disse que tudo seria destruído. Ela duvidava que fossem sobrar sequer cinzas daquelas estruturas.

Enquanto Mel ia até os cosméticos da penteadeira, Nova pegou a bolsa de viagem, esquecida no canto por semanas. Tinha guardado alguns dos pertences dos túneis do metrô e não havia muito mais a pegar. Ela enfiou o

traje de Pesadelo dentro, guardando a máscara de metal no meio das dobras, depois as estrelas termossensíveis, os mísseis de névoa alterados, a caneta com a câmara escondida para dardos, a arma de choque e as luvas de escalar paredes, a bazuca reformulada, o binóculo aperfeiçoado ao longo de meses…

Ela parou e olhou ao redor ao mesmo tempo que ouvia o motor do carro esportivo de Leroy na viela.

O que mais havia para levar?

Pela janela, ela viu Leroy sair do carro. Ele deixou a porta do motorista aberta para uma fuga rápida e abriu o pequeno porta-malas. Fobia também estava lá, parado no meio das colmeias abandonadas. Se tinha alguma expressão no rosto dele, Nova não conseguia dizer qual era embaixo das sombras escuras da capa.

— Pega! — gritou ela, jogando a bolsa.

Ela não esperava que nenhum dos dois se movesse para pegar e ficou surpresa quando, no último momento, Fobia girou a foice e segurou a alça da bolsa com a lâmina curva.

— Aqui, joga a minha também — disse Mel, empurrando a mala para ela. — Vou começar a arrumar as coisas de química do Leroy.

Nova tentou não pensar no tempo escorrendo entre seus dedos. Em poucos minutos eles já estavam reunidos atrás do carro, enfiando os pertences no porta-malas. Nova aninhou o elmo do Ace na caixa de plástico onde estavam os béqueres e ferramentas de medição do Leroy e fechou a tampa.

— É só isso? — perguntou ela, ofegante, olhando para o quase lar deles.

— Vai ter que ser — disse Leroy, tirando um pequeno dispositivo do bolso. — Aprendi esse truque com a Ingrid. Às vezes sinto saudade dela. — Ele ajustou um botão que podia ter sido tirado de um timer de cozinha comum. — O que você acha? Dois minutos?

Assim que falou isso, eles ouviram o som de sirenes, distante, mas se aproximando.

O estômago de Nova embrulhou. Talvez os Renegados estivessem atendendo um chamado de roubo ali perto ou salvando um gatinho preso numa árvore. Mas ela sabia que não devia ter esperanças.

— Sugiro trinta segundos — respondeu Mel, entrando no banco do

passageiro. Ela chegou até o console central e abriu espaço para Nova.

— Trinta segundos, então — disse Leroy, apertando um botão no dispositivo detonador.

Com os cabelos da nuca em pé, Nova foi na direção da porta aberta do carro, mas parou.

— Espera. O Amuleto da Vitalidade. Mel, você pegou o Amuleto da Vitalidade?

Mel se inclinou para a frente para olhar para Nova por baixo do teto do carro.

— Você está falando do colar? Não. Mas, Nova, não dá tempo…

Ela falou um palavrão e correu para a casa.

— Vão sem mim! Eu alcanço vocês!

— Nova! — gritou Leroy, mas ela o ignorou e seguiu para a casa. Foi pela cozinha, contornou o corrimão da escada e subiu a escada pela última vez. O ambiente fedia aos produtos químicos que Leroy tinha jogado no chão e paredes minutos antes. A pequena bomba na cozinha seria detonada remotamente pelo dispositivo do Leroy e a explosão causaria uma reação em cadeia com as substâncias elaboradas com fórmulas precisas para pegar fogo uma atrás da outra, jogando uma onda de vapor quente por toda a estrutura e, de acordo com Leroy, destruindo tudo em que tocasse.

Inclusive Nova, se ela não corresse.

No quarto, ela voou até o colchão fino no chão e enfiou a mão embaixo. Seus dedos se fecharam na corrente e ela a puxou. Correu para a janela e se inclinou por ela na hora que o carro amarelo estava saindo da viela e entrando na rua.

Com as mãos apoiadas dos dois lados da janela, ela desceu para o parapeito e observou o quintalzinho. Miraria nas colmeias e ninhos vazios, que dariam ao menos um pouco de amortecimento ao salto. Com o pingente na mão fechada, ela olhou a área e se preparou mentalmente para o salto quando ouviu batidas abaixo. Um punho na porta de entrada.

Seu coração pulou na garganta. Quanto tempo tinha se passado desde que Leroy armou o dispositivo? Dez segundos? Doze?

A porta da frente se estilhaçou quando alguém a chutou para entrar. Passos

pesados foram ouvidos na sala.

— Nova! — alguém gritou.

Ela ficou sem ar.

Adrian.

— Nova, sou eu! Nós temos que conversar!

A bomba. Os produtos químicos.

Nada vai ficar reconhecível quando eu acabar.

Uma mancha escura chamou sua atenção para a viela. Fobia apareceu onde antes estava o carro.

Ainda na janela, Nova deu impulso com o braço e jogou o Amuleto da Vitalidade para ele. Ele o pegou com facilidade com a mão esquelética. O capuz tremeu e ele sumiu.

Nova voltou para o quarto e correu para a escada. Pulou todo o lance e caiu no corredor de baixo com um único salto.

Adrian parou ao lado do armário de casacos, sobressaltado.

— Nova…

— Nós temos que sair daqui — ela praticamente gritou, segurando o cotovelo dele e o puxando para a porta de entrada destruída. Adrian começou a resistir, mas Nova gritou: — *Agora*, Adrian! A gente tem que sair daqui agora!

Talvez tenha sido o tom de voz ou talvez apenas o fato de ele ter ido por ela e nenhum outro motivo, mas Adrian permitiu que ela o puxasse pela porta e fosse para a calçada antes de firmar os pés e passar a mão no pulso dela.

— Nova, para! Danna voltou e ela… Eu vim pra…

— *Vem* — rosnou Nova, puxando o braço dele. Ele cedeu, mas só permitiu que ela o levasse até o outro lado da rua antes de parar de novo.

— Nova, para! — gritou ele. — Me escuta! Você…

A explosão acertou os dois por trás e os derrubou no chão. Nova rolou algumas vezes no concreto até parar de costas no chão, os ouvidos ecoando e o corpo parecendo ter sido atropelado por uma escavadeira. Ela só conseguia ver pontinhos brancos indefinidos bloqueando o céu enquanto uma estática ensurdecedora rugia nos seus ouvidos.

Nova não tinha ideia de quanto tempo passou ali. Quanto tempo passou

incapacitada, sem conseguir se mexer, sem conseguir pensar, até que a realidade dos arredores começou a tomar forma bem lentamente.

A estática diminuiu o suficiente para captar o barulho das sirenes e vozes gritando. Seus pulmões começaram a inspirar gradualmente, o ar com gosto de enxofre e cinzas. Quando sua visão ficou límpida, foi só para ver uma nuvem de fumaça preta cobrindo a vizinhança.

Ela conseguiu apoiar a mão no chão e usar o apoio para se levantar do asfalto. Adrian estava a uma distância curta, já sentado e olhando para a casa.

Ou o que restava da casa, que parecia ser pouco mais do que a fachada, e até uma boa parte disso estava espalhada em pedaços de escombros na calçada. O fogo estava vindo mais das casas adjacentes. Nova mal teve condição de ficar agradecida por estarem ambas abandonadas.

Ela virou a cabeça na hora em que Adrian também desviou a atenção da casa destruída e a encarou, de boca aberta, as costas do uniforme dos Renegados cobertas de fuligem.

— Você está bem? — perguntou ela. Nova sabia que devia estar gritando, mas mal conseguia ouvir a própria voz.

Adrian não respondeu. Só ficou olhando, como se ela tivesse falado em outro idioma.

E, para a surpresa dela, ele chegou mais perto e esticou a mão para ela.

Suspirando, Nova enfiou a mão na dele e, juntos, eles se levantaram.

— Adrian… eu…

As palavras ficaram entaladas na hora em que os dedos do Adrian apertaram os dela. A outra mão foi até o fecho da pulseira.

Ela tentou se soltar, mas a pulseira caiu do pulso dela. Adrian a pegou e a encarou, a expressão ao mesmo tempo perturbada e determinada.

— O que você está fazendo? Devolve.

Ela tentou ir para cima dele, mas seu corpo não estava cooperando totalmente e seus movimentos estavam descoordenados, lentos demais. Adrian recuou. Nova tentou de novo, esticou a mão para a pulseira, mas sentiu metal frio se fechando no pulso agora vazio.

Uma algema. Do tipo que envolvia a mão toda. Uma algema feita para prodígios.

Para vilões.

Seu outro braço foi puxado para trás e, em segundos, a outra mão também estava aprisionada. Ela olhou por cima do ombro, sentindo um amargor subindo pelo peito dolorido, mas a raiva morreu quando ela viu Ruby parada ali e Oscar, não muito atrás. Os dois olhando para ela com a mesma consternação e a mesma determinação. Depois que Nova estava algemada, Ruby mal pode esperar para se afastar dela.

— Estou confiscando a pulseira como possível prova — disse Adrian, chamando a atenção de volta para ele.

— Prova? — questionou ela, surpresa por sua voz estar funcionando. — Mas é… Foi meu pai que fez. É a única coisa que eu tenho dele. Você não pode… Adrian! Prova de quê?

— Prova dos seus crimes contra a sociedade e os Renegados. — Ele fez uma careta como quem sente dor física quando falou: — Você está presa… Pesadelo.

CAPÍTULO DOZE



Quando Tsunami e Torrente apagaram as chamas em Wallowridge, a casa estava em ruínas, junto com boa parte das casas vizinhas. Ruby tinha enviado uma mensagem para os pais do Adrian contando sobre o retorno de Danna e sobre Nova… sobre *Pesadelo*.

As entranhas de Adrian ainda estavam embrulhadas, e ele não conseguiu evitar a onda de negação que eclipsava seus pensamentos, mesmo depois de tudo. Mesmo depois de ter dito as palavras: *Você está presa, Pesadelo*. Mesmo depois de ter repassado todas as provas que ele estava guardando na cabeça e que acabaram fazendo tudo parecer tão óbvio, assim que a última peça do quebra-cabeça foi encaixada, mesmo assim…

Não tão óbvio.

Tinha que ser Nova. Claro que tinha. Quem mais saberia sobre o Agente N e sobre o Amuleto da Vitalidade, sobre o elmo e sobre a segurança do QG? Quem mais era tão observadora, tão inteligente, tão determinada?

Nova adorava Max. Pesadelo tinha tentado salvá-lo.

Pesadelo abominava o Sentinela. Nova não tinha se esforçado muito para esconder o mesmo sentimento em relação ao justiceiro.

Nova esteve na casa do Adrian na noite em que o Amuleto da Vitalidade sumiu e… Caramba, *ele tinha caído no sono*. Eles estavam se beijando e ele caiu no sono, e Adrian era um idiota por não ter feito a ligação antes.

Até os superpoderes eram relacionados. Nova nunca dormia. Pesadelo

botava os outros para dormir. Havia um equilíbrio harmonioso que não era incomum no mundo dos prodígios.

Era tão óbvio.

E ainda assim.

E ainda assim.

A negação continuava lá, gritando dentro do crânio dele. Seu punho estava apertando tanto a pulseira que tinha tirado dela que a filigrana estava deixando marquinhas na palma da sua mão.

Nova, não. Não podia ser Nova. A garota que correu para a quarentena para ajudar Max quando ele se machucou. A garota que observou a arte de Adrian tão impressionada. A garota que adormeceu nos braços dele.

A garota que o beijou, e ele sabia, *sabia* que o beijo tinha significado algo. Não podia ter sido mentira, manipulação. Não, ele sentiu. Teve certeza de que ela sentia o mesmo por ele.

Mas aí… ela o botou para dormir.

Foi ela. O poder dela. O toque dela.

Ele gemeu e passou a mão pelo cabelo enquanto andava de um lado para o outro na frente dos restos fumegantes da casa.

Nova… não, *Pesadelo*. Ele precisava começar a pensar nela como Pesadelo. Ela não ficaria presa nem temporariamente no quartel-general ou na prisão de segurança média a poucos quilômetros fora do limite da cidade, como acontecia com os criminosos comuns enquanto se decidia o melhor local para eles. Não. Ela havia sido levada em um veículo blindado direto para as docas, onde um barco estaria esperando para transportá-la para a Penitenciária Cragmoor.

Já havia provas suficientes acumuladas contra ela, mesmo que, até agora, fossem todas circunstanciais e boatos. A acusação de Danna e muitas outras coincidências. Coincidências demais.

No momento, eles só precisavam de uma prova. Uma prova real. O elmo do Ace Anarquia ou a máscara e o uniforme da Pesadelo ou qualquer outra das armas que ela usara nos anos anteriores. Ou algo que a conectasse com os outros Anarquistas. Prova de que estava envolvida com Cianeto ou Abelha-Rainha, com Titereiro ou com Fobia, ou mesmo com o próprio Ace Anarquia.

Ele se viu desejando que Danna estivesse ali. Monarca tinha informações sobre os Anarquistas que o resto deles só podia tentar adivinhar, e a perspectiva dela poderia ter sido valiosa. Mas Ruby insistira para que Danna fosse para o quartel-general ser examinada pelos curandeiros enquanto eles iam atrás da Pesadelo. Foi a decisão certa; Danna estava prestes a desmaiar de novo quando contou a eles a verdadeira identidade da Nova. Mas isso não mudava o fato de que Adrian gostaria de ter a equipe toda de serviço agora.

Ele precisava estar cercado de pessoas em quem sabia que podia confiar.

Com as últimas chamas apagadas, Tsunami, junto com Torrente e um elemental do fogo que era imune a queimaduras, seguiu para os escombros. Adrian, Ruby e Oscar receberam ordens de esperar do lado de fora até eles declararem que era seguro entrar.

Irritado, Adrian voltou a andar na calçada, esforçando-se para ignorar os olhares de pena dos amigos.

Ele não precisava botar o pé nos restos da casa para saber que aquela não tinha sido uma explosão normal e que aquele não tinha sido um incêndio normal. Já tinha visto os efeitos do fogo na Biblioteca Cloven Cross, mas aquilo era totalmente diferente. O cheiro da fumaça densa se misturava ao fedor acre de substâncias químicas. As marcas de queimadura nos muros de tijolo vizinhos cintilavam com um tom cinza-perolado, e a destruição era bem maior do que Adrian teria esperado. Não foram só os materiais inflamáveis que sucumbiram ao calor e às chamas: as cortinas e pisos, a mobília estofada e as paredes internas de *drywall*.

O que quer que tivesse causado aquela explosão tinha criado uma onda de calor tão extrema que até uma parte da alvenaria tinha derretido com a explosão. As janelas tinham se estilhaçado, mas alguns cacos de vidro tinham se liquefeito em poças prateadas no chão e estavam começando a se solidificar de novo enquanto esfriavam. Adrian talvez não tivesse permissão de entrar, mas, pelo que podia ver, havia restado pouca coisa. O telhado já era — tinha sido desintegrado, achava —, embora restassem sinais de telhas e tijolos da chaminé espalhados pela rua. Não havia sobrado nada das paredes internas além de uma nuvem densa de poeira e um pedaço ocasional de gesso. Onde o térreo ficava, agora havia uma cratera vazia revelando o porão

abaixo.

Se em algum momento havia alguma prova naquela casa que esclarecesse a identidade da Pesadelo ou a conexão dela com os Anarquistas, Adrian não estava otimista de que ainda estaria lá.

A única esperança deles, pensou, seria encontrar o elmo. Ele estava confiante de que aguentaria até aquela explosão. Se o encontrassem ali, na casa da Nova, teriam todas as provas de que precisavam.

Pesadelo, a vilã que os tinha assombrado todos aqueles meses, estaria acabada.

E se o elmo não estivesse lá?

Bem, ainda havia muitas provas contra ela. Mesmo a explosão parecia provar sua culpa. Pesadelo devia ter percebido que sua identidade estava comprometida e, por isso, ela ou um dos aliados deflagrou a explosão para impedir que os Renegados confiscassem algum outro pertence deles.

Fazia sentido.

Mas Adrian não conseguia afastar os pensamentos do momento em que Nova correu pela escada e o empurrou pela porta. O pânico na expressão dela foi palpável. O terror quando ela o arrastou da casa foi inegável.

Ela podia estar pensando em salvar a própria vida, mas… Adrian não achava que fosse isso. Ela estava tentando salvá-lo também.

Adrian não conseguia acreditar que tinha sido fingimento.

E se Nova… não, *Pesadelo,* gostasse mesmo dele? Realmente gostasse dele?

Não importava.

Porque ela era uma vilã e uma Anarquista. Era sua inimiga. Tinha mentido para ele sobre tudo.

Ele engoliu a bile que ardeu de repente no fundo da garganta.

Odiava Pesadelo. Odiava-a até o âmago do seu ser.

Adrian repetiu esses pensamentos várias vezes, torcendo para que a pontada incômoda nas entranhas passasse se ele ficasse lembrando a si mesmo da verdade.

Eu a odeio. Eu a odeio. Eu a odeio.

— Rabisco?

Ele ergueu a cabeça de repente. Tsunami ainda estava parada na moldura enegrecida da porta de entrada da casa, as luvas brancas manchadas de cinzas prateadas.

— Nós liberamos as equipes de perícia e limpeza para começarem a inspecionar a casa. Você também pode dar uma olhada. Mas… como você com certeza notou, não há muito pra ver.

Suspirando, ele assentiu para Ruby e Oscar. Tsunami desapareceu na casa, mas Adrian não tinha dado dois passos quando sentiu alguém tocar seu braço.

— Você não precisa entrar lá, sabe — disse Ruby.

O maxilar dele tremeu.

— Você ouviu Tsunami. É seguro. — Havia um tom claro de ressentimento na voz dele, mas ele não se importou. Ele *estava* ressentido. E irritado. E magoado.

— Não é disso que estou falando. — Ruby inclinou a cabeça para cima, o rosto tomado de pena. — Você pode deixar isso com a equipe de limpeza. Não precisa ser você.

— Na verdade, precisa — respondeu ele. — Eu a conhecia melhor do que todo mundo. Devia ter percebido a verdade.

— Ela enganou todos nós, Adrian, não só você. Ela era minha amiga. Foi assistir a meus irmãos competirem naquela Olimpíada dos Ajudantes idiota. Dançou com Oscar no baile. Ela…

— Ela me beijou — interrompeu ele. — Ela me fez pensar que eu…

Adrian parou de falar um pouco antes de confessar as palavras brutais que estavam entranhadas nele desde o momento em que descobriu a verdade. *Eu talvez estivesse apaixonado por ela.*

Mas não era verdade. Não era real. Nunca tinha sido real.

Ruby ficou tensa.

— Adrian…

— Além do mais — prosseguiu ele —, ela não enganou todos nós. Danna descobriu semanas atrás.

— Ainda assim, foi bastante tempo depois de ela ter entrado pra nossa equipe. Lembra que Danna levou umas coisinhas pra Nova quando ela estava na ala médica? E ela não jantou na sua casa, com seus pais? Sinceramente, se

conseguiu enganar o Conselho, então…

— Eu devia ter percebido. — Adrian afastou o braço dela. — É tão óbvio, não é? — Ele apertou os olhos quando as lembranças o dominaram. A biblioteca. O desfile. Seu porão. Ele tremeu, e, pela primeira vez quando pensava naquela noite, não foi um tremor bom. — Eu devia ter percebido antes, e todo mundo vai saber disso. — Doeu demais ver a pena de Ruby, então ele se virou para Oscar. Infelizmente, a expressão do Oscar não estava muito melhor. — Não importa agora. Nós finalmente sabemos quem a Pesadelo é. Ela foi capturada e o Ace Anarquia também. O bem contra o mal. Os Renegados vencem de novo. — Ele indicou a casa. — Agora, vamos ver o que mais podemos descobrir sobre nossos inimigos.

Mas, assim que Adrian passou pela soleira da casa, teve certeza de que não descobririam muita coisa. A casa não passava de uma casca com paredes de pedra, e até as superfícies dessas paredes pareciam murchas, como se tivessem chegado perto demais do sol. Tsunami e os outros estavam no porão, de pé na terra preta e nas cinzas entre as paredes de pedra da base, mas ele via pela consternação deles que só estavam cumprindo os procedimentos agora. Ninguém esperava que aquela investigação revelasse algo de útil.

Adrian deu alguns passos para dentro da casa, andando com cuidado pela parede estreita da fundação. Ficou surpreso de ver um corredor e um lavabo à esquerda com pedaços de papel de parede ainda visíveis no gesso e um toalheiro pendurado em um parafuso até se dar conta de que estava vendo a casa abandonada ao lado. A parede que as separava antes não existia mais.

Ele deu mais alguns passos, apesar de não saber bem por que se deu ao trabalho. Em certo ponto, percebeu que Ruby e Oscar não tinham vindo com ele. Ainda estavam na soleira, espiando o espaço oco que antes era a casa de Nova. Não havia nada lá.

Um movimento chamou sua atenção, e Adrian se moveu para olhar o espelho oval que ficava pendurado sobre a pia de pedestal no cômodo depois. A pia de cerâmica tinha uma rachadura grande no meio e metade do espelho parecia ter entortado com a explosão química, a superfície agora ondulada e distorcida. O movimento foi o reflexo do próprio Adrian na superfície.

Ou foi o que ele pensou de primeira, até que outro rosto apareceu no

reflexo. Uma garota, pálida e assustadora e quase reconhecível…

Ele deu um pulo de susto, mas, antes que pudesse chamar, o fantasma tinha sumido.

Seus próprios olhos o encararam, arregalados e sem piscar. Ele esfregou a palma da mão no espelho, tentando limpar a visão.

Que ótimo. Além de sofrer de um coração partido e de uma traição debilitante, agora estava tendo alucinações com a Pesadelo também?

Pesadelo. Ele se deu conta de como o codinome tinha ficado adequado.

Com os dentes trincados, ele seguiu para a entrada.

— Não adianta — murmurou ele ao passar por Ruby e Oscar. — Vamos voltar para o quartel-general e ver como Danna está.

Ele quase se chocou com uma figura na calçada. E recuou, sobressaltado.

— Ah, desculpa, Pega — disse ele, observando a máscara de proteção contra poeira e a cara amarrada constante da garota. — Eu estava distraído. — Ele fez um gesto indiferente na direção da casa. — Acho que vai ser moleza. Não sobrou muita coisa pra limpar.

Com os ombros encolhidos, ele começou a desviar dela.

— Você deve estar se sentindo bem burro.

Ele parou. Uma mistura de raiva e constrangimento cresceu nele pelo tom arrogante de Pega. Ele queria que uma resposta rápida lhe ocorresse, mas o desejo passou rápido perante a verdade inevitável.

— É — murmurou ele. — Entre outras coisas.

Pega se encostou em uma amurada de escada. Do outro lado da rua, mais dois membros da equipe de limpeza estavam mexendo em uma van dos Renegados, pegando caixas de equipamentos.

— Eu nunca gostei dela — disse Pega.

Ele trincou os dentes e lembrou como Nova se irritava toda vez que Pega estava por perto.

— Tenho quase certeza de que o sentimento era mútuo.

— Mas daquela pulseira eu *gostava*. — Pega tirou a máscara e fixou o olhar no punho fechado do Adrian. Ele se encolheu instintivamente. — O que você está planejando fazer com ela, afinal?

Ele olhou para baixo e, com uma certa relutância, abriu os dedos. A

pulseira de Nova cintilou. A filigrana delicada cor de cobre que envolvia o pulso dela desde o dia em que ele a conheceu — provavelmente desde bem antes. O fecho que ele mesmo tinha consertado uma vez, antes de ter ideia de quem Nova era, do que ela era.

O que ela representaria para ele.

E havia a estrela. Com um brilho dourado fraco, iluminava a poeira que pontilhava o ar ao redor. Era quente ao toque e, em alguns momentos desde que a tirara do pulso de Nova, Adrian poderia ter jurado que sentia uma pulsação nela, quase como se estivesse viva.

Ele queria saber por que Nova tinha tirado a estrela da estátua no porão dele. Queria saber o que era, o que seria capaz de fazer e como tinha passado a existir. Não estava na pintura, mas *estava* no sonho de Nova, o que ele tinha se esforçado para recriar.

Tudo aquilo fazia sua cabeça girar.

Mas, mais do que tudo, uma parte profunda dele queria se livrar daquela coisa e nunca mais olhar para ela. Mesmo enquanto segurava o bracelete com a estrela, lembrando-se daquela noite na floresta criada por ele, com Nova respirando suavemente enquanto pegava no sono nos seus braços, seu sangue ficou gelado.

Ela era Pesadelo. Tinha sido Pesadelo o tempo todo.

— Eu não sei — disse ele, apertando a pulseira de novo, cortando a luz da estrela. — Dar para o departamento de Artefatos, acho.

— Pode dar pra mim — disse Pega com um tom que foi meio apressado demais, meio insistente demais.

Adrian ficou tenso.

Ao perceber que tinha chegado perto demais, Pega deu um passo para trás.

— Quero dizer, eu posso levar para o QG. Entrego isso com o resto do… Você sabe, com o que encontrarmos aqui hoje. Pra ser catalogada e… sei lá. Eu posso cuidar disso pra você.

Adrian apertou os dedos. Um instinto sutil o avisou para não soltar a pulseira. Havia um significado nela que ele ainda não tinha descoberto.

Além do mais, havia algo na expressão de Pega. Uma sombra de desespero que o irritou. Um sussurro de intuição lhe disse que ela estava

mentindo. Ela realmente entregaria a pulseira quando chegasse ao QG?

A esperança de Pega se transformou em uma expressão aborrecida e ela esticou a mão com a palma para cima.

— Anda, Rabisco. Esse é meu trabalho, não o seu.

Ele olhou para a mão dela e achou aquele argumento surpreendentemente persuasivo. Ela era da equipe de limpeza. Era uma Renegada.

E ele abominava a ideia de carregar aquela estrela por mais tempo.

— Duvido que você encontre mais alguma coisa pra levar — disse ele. — Mas acho que não importa. — Deixando a relutância de lado, ele colocou a pulseira na mão dela. Pega afastou a mão na hora, como se tivesse medo de que ele mudasse de ideia. — Não vá perder. Essa pulseira era importante pra No… Pesadelo. Pode ser importante pra nossa investigação.

Pega não mudou a expressão.

— Você acha que é meu primeiro trabalho?

Ela colocou a pulseira em um bolso na calça do uniforme e entrou na casa destruída sem dizer mais nada.

O nó no estômago do Adrian afrouxou só um pouco por ele ter se livrado daquilo. Quanto antes pudesse esquecer cada momento de alegria que tinha tido na companhia de Nova McLain, melhor.

CAPÍTULO TREZE



As ondas da baía Harrow bateram no barquinho e jogaram borrifos de água pela lateral. Dentro da cabine, que tinha bancos de plástico aparafusados no chão, Nova olhou para o vidro úmido com vapor, tentando ignorar os dois guardas que estavam em cada ponta da cabine e que não tiravam os olhos dela. Fora os guardas, ela estava sozinha, a única prisioneira naquele trajeto de barca, indo para a famosa Penitenciária Cragmoor. Ela a viu surgir na neblina densa e nas ondas indefinidas como uma fortaleza medieval, cercada por penhascos e um mar implacável. Nova tremeu quando a viu, mas pode ter sido pelo ar gelado dentro do barco.

Quando pararam na doca maltratada, a corrente que prendia as algemas dela ao gancho de ferro no chão foi solta. Os guardas a seguraram pelos cotovelos, tomando o cuidado de não tocar na pele enquanto a escoltavam para fora do barco. Um deles assentiu em uma despedida simpática para o capitão, que inclinou o chapéu em resposta. Nova quase riu com aquela interação tão normal, ali, naquela ilha brutal, onde nada podia ser normal.

Mais dois guardas e o diretor da prisão estavam esperando no fim da doca. Ela foi enfiada em um pequeno veículo motorizado e novamente suas mãos cobertas foram acorrentadas, desta vez a um gancho no teto do veículo. Ninguém falou muito. O diretor e o guarda que estava dirigindo trocaram algumas palavras, baixas demais para Nova identificar por conta do motor barulhento. Mas ela gostou de ficar sozinha; inspecionou as paredes da prisão

enquanto o carro seguia derrapando pelas curvas estreitas do penhasco.

Quando o chão ficou plano, ela viu as torres da guarda, cuidadas por Renegados com uniformes cinzentos familiares. Dois portavam armas. Os outros não tinham armas visíveis, mas ela sabia que isso só significava que os superpoderes deles eram perigosos o suficiente para armas serem supérfluas.

O muro em volta da prisão era de pedra grossa com arame farpado em cima. Nenhuma surpresa. Também não a surpreendeu o portão que se abriu para deixar o veículo passar. A prisão em si era uma estrutura retangular no centro do complexo, construída com apenas uma visão utilitária em mente. Sem janelas. Nova só via uma porta, o que combinava com as informações das plantas. Ela sabia o que esperar, mas, mesmo assim, ficou atônita. Era de uma desesperança terrível.

Ela não foi levada diretamente para a prisão, mas para um prédio menor que tinha janelas, embora fossem estreitas e estivessem sujas de anos de lama jogada pela ventania constante da ilha. Um homem sentado a uma mesa falou brevemente com o diretor antes de preencher uma linha em um livro. Ele virou a página para Nova e pediu para ela assinar na caixa.

Sentindo-se entorpecida até o âmago, Nova olhou para as palavras na página enquanto um dos guardas abriu a algema da mão direita e soltou os dedos para que ela pudesse segurar a caneta. A data e a hora estavam borradas no papel, mas o nome estava bem claro. Nova McLain. Ver aquele nome a abalou: ela percebeu que eles ainda não tinham descoberto seu nome real.

Vinha seguido de um número de prisioneiro, 792, e do codinome dela, *Pesadelo*.

Sua mão tremeu quando ela pegou a caneta, que estava presa na mesa para o caso de alguém tentar perfurar o administrador com ela.

Antes que pudessem impedi-la, ela riscou *Pesadelo* e escreveu *Insônia*.

— Ei! — protestou o homem por trás da mesa, começando a puxar o livro na hora em que Nova estava assinando correndo o nome na caixa vazia. Ele e o diretor trocaram um olhar.

— Tudo bem — disse o diretor. — Vamos só acabar logo com isso. Você já designou uma cela?

— Eu tenho algumas opções — disse o administrador, ainda parecendo aborrecido com o pequeno ato de rebelião de Nova. — Ela vai para a solitária como o último?

O diretor sorriu com desprezo.

— Por favor. Ela faz as pessoas *dormirem*. É a habilidade menos ameaçadora que temos nesta ilha.

O homem atrás da mesa grunhiu.

— Cela B-26, então.

Depois de admitida, Nova foi levada para uma salinha de concreto e recebeu um macacão listrado. As algemas foram removidas e Nova massageou os pulsos, não só por causa da dor causada por elas, mas para confirmar que o vazio que sentia era real. Sua pulseira tinha sumido. Adrian tinha mesmo tirado a pulseira dela, a última conexão que tinha com o pai.

Uma guarda ficou por perto enquanto ela se trocava e depois a instruiu a colocar todos os pertences em uma caixa que apareceu em um buraquinho na parede. Não importava. Por ela, podiam queimar as roupas e as botas chiques dos Renegados. A única coisa que importava já tinha sido tirada dela.

Bom, a única além da sua liberdade. Da família. Do futuro.

Ela trincou os dentes e se repreendeu pelo pensamento. Não tinha passado nem um dia ali. Não tinha visto a cela. Era cedo demais para desistir.

Estava vestindo o macacão quando uma coisa a perfurou nas costas, entre a coluna e a escápula esquerda. Nova deu um grito e se virou. A guarda estava segurando um dispositivo que parecia um pouco a arma de choque caseira de Nova.

— O que foi isso? — gritou Nova, levando a mão ao ponto das costas que estava ardendo. Ela sentiu uma coisa dura cravada na pele.

— Rastreador — disse a guarda com voz entediada, deixando a arma de lado. — Os prisioneiros tentavam fugir antes. Agora, a gente quase torce para vocês tentarem. Ninguém chega muito longe com isso, e uma fuga deixa as coisas aqui mais animadas por um ou dois dias.

Nova enfiou os braços pelas mangas e fechou os botões.

— Você podia ter me avisado.

— Ah, é? E você teria ficado parada e dito “Obrigada, senhora” quando eu

terminasse? Seria a primeira.

Algemada de novo, com os mesmos guardas de cada lado, Nova foi finalmente levada pelo pátio lamacento até a prisão. Desde que Ace tinha sido capturado, tinha passado muito tempo tentando imaginar como devia ser dentro da Penitenciária Cragmoor, e agora tentou achar graça de que, depois de tudo, ela estava ganhando o passeio VIP. Sabia que a parte externa do prédio original tinha ficado relativamente intocada, mas o interior tinha sido demolido e reconfigurado muitas vezes desde que eles tinham começado a abrigar prodígios. Sabia que a prisão estava sempre sendo reformada e remodelada para conter novos superpoderes e as muitas complicações que eles geravam aos captores.

Mas nada que Nova tivesse lido tinha dado muita indicação de como era o interior da prisão, e tinha imaginado camadas de celas ocupando o comprimento do prédio, unidas por passarelas estreitas e amuradas altas.

A realidade não era nada assim.

Quando entrou no bloco de celas, foi recebida por um espaço aberto e amplo entre paredes de pedra. Até seu olhar seguir para cima, para onde o teto era reforçado com vigas de aço quase cinco andares acima. As celas, cada uma delas uma caixa solitária, ficavam suspensas nas vigas por cabos grossos.

Havia uma passarela estreita, mas, em vez de conectar as celas, seguia pelo perímetro das paredes ao redor, por onde os guardas podiam fazer as rondas e ficar de olho nos detentos.

Se havia prisioneiros dentro das celas suspensas, ela não conseguia vê-los de baixo. O local era silencioso como um cemitério, um silêncio ainda mais completo por causa do vento uivando nas muralhas externas e depois pelos passos deles.

Havia números de celas pintados com tinta spray na parede de pedra e eles pararam na frente do B-26. O guarda assentiu na direção de uma sala cercada de vidro preto no segundo andar. Um segundo depois, o ruído de metal das engrenagens ecoou ao redor e uma das celas começou a descer. Nova viu a aproximação lenta, em parte desejando que caísse e a esmagasse e acabasse com aquele sofrimento todo antes mesmo que começasse. Novamente, ela

xingou a si mesma por se sentir tão desesperançosa. Ela era uma Anarquista. Era a sobrinha do Ace Anarquia. Ela nunca ficava sem esperança.

Mas era difícil se convencer disso agora, quando a cela bateu no chão com um estrondo e ela se viu olhando para um espaço com um terço do tamanho do quarto dela na casa de Wallowridge, e até lá a sensação era de aperto.

Um dos guardas empurrou suas costas. Ela apertou os lábios e pensou em perguntar se iam deixar que ela ficasse com as lindas novas algemas. Mas sua boca estava seca e ela não estava a fim de falar.

Que diferença fariam alguns quilos de correntes àquela altura?

As correntes estalaram quando ela entrou na cela. Escura. Fria. Desprovida de conforto. Pareceu um pouco com voltar para os túneis do metrô, mas, desta vez, não haveria descanso da penumbra infinita.

Seus pés atravessaram a soleira, e uma porta gradeada se fechou atrás dela com um baque reverberante. Ela se virou e observou a grade horizontal, provavelmente de ferro. Uma segunda série de grades, agora verticais, se fechou depois da primeira. Ela engoliu em seco. Fibra de carbono, supôs ela, uma precaução extra com detentos capazes de manipular metal. Ela ouviu um zumbido e viu um tremeluzir leve de luz vermelha nas bordas da cela. E ergueu as sobrancelhas. *Lasers também?*

Caramba.

Pareceu hilário de repente que Nova tivesse sonhado em invadir aquele lugar. Ela não só tinha sonhado em resgatar Ace dali, mas achou que poderia conseguir. Ela não sabia *como*, mas o fracasso não parecia uma opção.

Agora se dava conta de quanto todo o seu planejamento foi inútil.

Eles jamais resgatariam o Ace.

Da mesma forma que ninguém jamais a resgataria.

Assim que a cela ficou protegida, um dispositivo interno nas correntes estalou e as algemas caíram dos pulsos de Nova em uma pilha aos seus pés.

O barulho de engrenagens ecoou ao redor e a cela começou a subir. Os guardas foram ficando para baixo e a única coisa que ela conseguiu ver além da grade foi a parede externa do bloco de celas. Uma camada grossa de pedra e argamassa.

Apesar de saber que havia outras celas suspensas no ar a poucos metros de

distância da dela, não fazia diferença elas estarem lá nem se estavam ocupadas ou não.

Ela estava sozinha.

Só tinha se sentido *verdadeiramente* sozinha uma vez na vida: nos momentos seguintes ao assassinato dos seus pais e de Evie. Depois que botou o assassino para dormir, ela ficou parada junto ao corpo inconsciente, segurando a arma ainda quente da mão dele, dizendo para si mesma que deveria matá-lo. Matá-lo. *Matá-lo.* Ela estava sozinha nessa hora e sabia. Sem família. Sem ninguém para cuidar dela. Sem ninguém para ajudá-la a ser corajosa. Sem ninguém para ajudá-la a passar por aquilo.

Até que Ace chegou e ela lembrou: não, ela não estava sozinha. Ela ainda tinha família. Ainda tinha o tio Ace, e ele era tudo que tinha, e ela se agarrou a esse pequeno consolo com o máximo de força que seus pequenos punhos trêmulos conseguiram.

Agora, Nova observou a cela. Paredes cinzentas, feitas de um material que ela não conseguia adivinhar, mas algo lhe dizia que podia ser cromo. Havia um colchão fino como papel no canto. Uma pia junto à parede e uma privada com um pequeno tanque séptico no canto. Era tão apertado que seus pés tocariam o colchão enquanto ela fizesse as necessidades.

Sem saber o que mais fazer, Nova se sentou no colchão e tentou pensar em todas as escolhas que tinha feito que a levaram até ali. Todos os erros. Todos os fracassos.

Ela tentara assassinar o Capitão Cromo. Era Anarquista e vilã. Não muito tempo antes, teria suposto que punição seria prisão perpétua, mas ainda lembrava o que o Capitão tinha dito na manhã seguinte ao ataque dela ao quartel-general. Em pouco tempo, os Renegados revelariam o Agente N para o público, e parte da grande apresentação deles incluiria a “neutralização pública de todos os prodígios que foram até agora condenados por comportamento vilão”. Sem dúvida, àquelas alturas, aquilo a incluiria.

Ela sabia que os Renegados estavam testando o Agente N em detentos de Cragmoor, a critério deles. Nenhum juiz nem júri tinha aprovado a remoção permanente de seus poderes. Os Renegados não tinham necessidade de práticas tão antiquadas; faziam o que era melhor para eles. Quem ligava para

o que acontecia com uns poucos criminosos, afinal? Quem ligava se eram tratados como cobaias descartáveis?

As emoções dela eram uma mistura de raiva e ressentimento que encobria o que poderia ter sido tristeza.

Nova se deu conta, no meio da reflexão carregada de pena de si mesma, que os dedos da sua mão direita estavam envolvendo o pulso esquerdo, apertando com tanta força que as pontas dos dedos esquerdos estavam começando a formigar pela falta de circulação. Ela engoliu em seco, baixou a cabeça e soltou a mão. Sua pele estava com um aro branco no local onde tinha apertado, mais grosso do que a leve linha pálida que destacava onde a pulseira tinha ficado por quase toda a sua vida.

Ficar sem a pulseira era como se alguém tivesse cortado um membro seu. E a estrela também, embora ela a tivesse por bem menos tempo. Ainda assim, a estrela parecia uma coisa que *ela* tinha feito. Uma coisa que seu sonho tinha feito existir. Com a ajuda do Adrian, talvez, mas isso não mudava o sentimento intenso de propriedade que tinha por ela. A forma como se prendia, um encaixe perfeito na base vazia da pulseira parecia confirmar que era dela. Ela não tinha percebido direito o conforto que a luz pulsante regular lhe dera nas semanas anteriores, enquanto o resto da sua vida tinha se tornado uma tormenta cada vez maior.

Agora, ambas estavam longe. A pulseira. A estrela. Ela odiava pensar nelas nas mãos dos Renegados, sendo examinadas e inspecionadas. Provavelmente, acabariam nas mãos de Callum em algum momento. Ele escreveria uma descrição para a base de dados. Ele e Foto Instantânea discutiriam sobre como deveria ser classificada: joia, artefato histórico, matéria extraterrestre misteriosa?

Eles saberiam que a estrela tinha sido cúmplice na destruição da caixa de cromo que antes protegia o elmo do Ace? Ela tremeu ao lembrar que, em uma explosão de raiva, tinha arremessado a lança de cromo na caixa, e, no momento em que a lança saiu da mão dela, a estrela soltou uma onda de luz que a cegou e transformou a lança no que pareceu um pedaço de pura energia.

Quando ela conseguiu olhar, a caixa indestrutível estava aos pés dela em

pedaços e o elmo estava livre.

Era um mistério que Nova só tivera tempo de contemplar nos momentos mais tranquilos e silenciosos das semanas anteriores, que foram bem poucos. Agora, presa dentro da sua própria caixa indestrutível, ela achou reconfortante ter um mistério para contemplar em vez de seus próprios crimes e traições.

Um sonho. Uma estrela. Um mural pintado que ganhou vida. Fios de energia dourada no ar. O elmo. Seu pai. A lança de cromo. Dezenas de artefatos que brilhavam em um tom acobreado fraco.

Tudo parecia conectado, mas como? O que significava?

Fantasmas da família dela flutuavam nos pensamentos. As linhas de sorriso em volta dos olhos do pai. As mãos gentis da mãe. As covinhas da Evie. E, pela primeira vez, pensar neles não a fez querer correr pelas ruas da Cidade de Gatlon e destruir o primeiro dito herói que ela visse.

Pela primeira vez, pensar neles só a deixou triste.

Ela havia fracassado com todos.

Gemendo, Nova escondeu a cabeça nos braços, aquela única palavra ecoando na cabeça.

Fracasso. Fracasso. Fracasso.

Ela havia fracassado com a família. Com Ace. Com os outros Anarquistas.

Até com… Adrian.

Sempre na superfície dos seus pensamentos, Adrian.

Daquela vez, a primeira vez em muito tempo, ela não conseguia nem acessar a lembrança do sorriso aberto dele. Nem a sensação dos beijos. Nem a forma como a mão dele segurava a caneta enquanto desenhava. Nem como ele tocou no pulso dela quando os dois se encontraram no desfile. Nem…

Tudo isso tinha sumido, tinha sido enterrado embaixo de uma avalanche de sofrimento.

Agora, quando ela pensava no Adrian, só pensava na forma como ele olhara para ela, com a traição e repulsa e abominação que temera por tantos meses.

Nova não tinha se dado conta até aquele momento, mas estava bem claro agora.

Ela estava vivendo seu pior pesadelo.

CAPÍTULO QUATORZE



— NADA — MURMUROU ADRIAN consigo mesmo, passando os olhos pelo relatório digital. — Nada foi encontrado nos restos do número 9416 de Wallowridge que possa confirmar de forma conclusiva que algum vilão conhecido com ou sem afiliação aos Anarquistas, incluindo aquela de codinome Pesadelo, tenha visitado recentemente ou ocupado a casa. — Ele olhou para os companheiros. — Em seguida, tem uma lista de tudo que encontraram, coisas aleatórias que poderiam estar enterradas na fundação da casa desde décadas atrás. Duas garrafas de vidro, grampos de cabelo, restos de fiação elétrica. E por aí vai.

— Não significa nada — disse Oscar. — A casa foi completamente queimada. Claro que não encontraram nada. Não sobrou nada para encontrar.

Adrian assentiu, mas não conseguiu afastar a decepção. Ele acreditava na Danna. De verdade. Não dava para negar que, de uma forma bizarra, fazia sentido Nova ser Pesadelo, por mais que ele odiasse admitir. Havia coincidências demais.

Mesmo assim. Alguma prova concreta teria ajudado muito a acalmar suas dúvidas. E se eles estivessem errados? E se Danna tivesse se enganado?

Mas era só sonho. Um desejo ardente de não ser o Renegado que tinha se apaixonado por uma das suas piores inimigas. Uma necessidade desesperada de Nova não ser a mentirosa, a espiã, a vilã que de repente tinha se tornado.

— Já sabem o que provocou a explosão? — perguntou Ruby, espiando a

tela por cima do braço do Adrian. Eles estavam na sala de treinamento, no subsolo do quartel-general, esperando outra sessão obrigatória de Agente N começar. Mas, a julgar pelas expressões lançadas na direção deles pelas outras equipes reunidas em volta dos tatames e áreas de tiro, ninguém estava falando sobre o Agente N.

Adrian se esforçou para ignorar os colegas super-heróis, alguns com expressões cheias de pena, outros com arrogância e desprezo. Como se *eles* fossem imunes a serem enganados como ele foi, ignorando o fato de que Nova McLain tinha enganado a todos ali.

— Encontraram traços de vários compostos químicos que quase certamente são responsáveis pela explosão, mas exatamente o que são e como entraram em combustão ainda está sendo investigado.

Adrian rolou a tela com o documento.

— Nova seria capaz de criar uma bomba — disse Oscar.

— É, eu sei — replicou Adrian, a testa franzida. Ele não sabia se tinha parado de franzir a testa desde o momento em que Nova foi presa. — E compostos químicos incomuns são marca registrada do trabalho do Cianeto. Eles podiam estar com isso planejado havia muito tempo.

— Só esperando que a gente descobrisse que ela é uma vilã — disse Ruby com um suspiro.

Adrian não respondeu. Era como se ele ficasse esquecendo a verdade de propósito.

Ela é uma vilã.

Ruby ofegou e o sobressaltou.

— Danna!

Ele e Oscar se viraram e viram Danna descendo uma das escadarias estreitas da passarela acima. Ela acenou para eles. Apesar de ainda ter olheiras escuras, ela já estava com a aparência muito melhor do que quando reassumiu forma humana. A cor tinha voltado às bochechas e os dreadlocks tinham sido arrumados num coque frouxo na nuca. Ela parecia a antiga Danna, corajosa, confiante e pronta para agir.

— Como você está se sentindo? — perguntou Ruby quando chegou até eles.

Danna esticou as mãos com alegria acima da cabeça.

— Ótima — disse ela sem indicação de sarcasmo. — Vocês não têm ideia de como é bom ter dedos de novo.

— Então você não sofreu nenhuma lesão séria? — perguntou Adrian.

— Não. Eu estava desidratada, e ficar no modo de bando por muito tempo deixou meus sintomas bagunçados, mas nada que uma boa noite de sono não resolvesse.

— Ouvi a Pássaro do Trovão dizer que você talvez ganhe licença — disse Ruby. — Não querem te forçar a voltar a campo antes de estar pronta.

Danna riu com deboche.

— É, ela me pegou hoje de manhã pra falar sobre isso. Algo sobre práticas injustas de trabalho e violações de direitos humanos… Sei lá, acho que estão todos nervosos por causa das reclamações da Genissa Clark. Mas não tem como eu ficar de fora, agora que estamos tão perto de encontrar o resto dos Anarquistas. Eu quero fazer parte.

— Mas e se você precisar se transformar de novo? — perguntou Ruby.

— O que tem?

— Hã… você está pronta pra isso? Tão pouco tempo depois…

Em um piscar de olhos, Danna se dissolveu e seu corpo foi substituído por centenas de asas batendo. Elas voaram em círculo pelo salão de treinamento, chamando a atenção das outras unidades de patrulha que aguardavam. Depois de uma volta inteira, as borboletas rodopiaram e Danna ressurgiu.

— Eu não tenho medo do meu superpoder — disse ela, os braços cruzados.

Ruby sorriu e passou os braços no pescoço da Danna.

— Que bom. Porque essa equipe não é a mesma sem você.

Mas, assim que Danna falou, seu sorriso sumiu e ela recuou só um pouco e lançou um olhar de nervosismo para Adrian.

Ele sabia que ela estava pensando em Nova. Embora não fosse parte da equipe há tanto tempo quanto Danna, ainda parecia que a equipe não era a mesma sem ela também.

Porém, não adiantava pensar nisso. Ela nunca tinha sido parte da equipe de verdade.

— E aí? — perguntou Danna, dividindo a atenção entre eles. — Encontraram alguma coisa na casa?

Adrian balançou a cabeça e contou sobre o relatório. Os restos do incêndio não ofereceram provas que pudessem conectar Nova à Pesadelo nem indicar onde os outros Anarquistas poderiam estar escondidos. Com Ace Anarquia e Pesadelo presos, o Titereiro neutralizado e a Detonadora morta, só restavam três Anarquistas conhecidos à solta: Cianeto, Abelha-Rainha e Fobia. Os Renegados colocaram vigias perto da catedral desde o dia em que Ace Anarquia fora capturado, na esperança de que um dos seguidores dele voltasse para o local, e estavam conduzindo verificações rotineiras nos túneis do metrô por toda a cidade, mas, até ali, não havia sinal dos vilões desaparecidos.

— É possível que eles tenham saído da cidade? — perguntou Oscar. — Depois que o Ace foi capturado, será que decidiram desistir?

— É cedo demais para determinar isso — disse Adrian. — E, se eles não foram embora depois de passar tantos anos naqueles túneis, duvido que fossem fugir agora.

— E se tiverem ficado sem opção? — perguntou Ruby. — Estou falando da Abelha-Rainha, do Cianeto e do Fobia. Nenhum deles é exatamente mestre dos disfarces. Era de se pensar que, se estivessem vagando pela cidade, alguém teria reparado neles em algum lugar.

— Há muitos prédios abandonados nesta cidade — disse Adrian. — Há muitos lugares onde se esconder.

Danna grunhiu e indicou o relatório na tela do Adrian.

— O que significa que eles poderiam estar em qualquer lugar e que nada disso aí vai nos dar nenhuma pista.

— É, mas agora é o melhor que temos. — Adrian baixou a voz. — A não ser que o Ace Anarquia ou a Pesadelo nos deem algo com que trabalhar.

— Muito bem, patrulhas — gritou Luz Negra, andando no meio dos grupos com sua jaqueta preta de couro e a calça apertada de sempre. Ele estava carregando uma caixa de plástico grande. — Venham pra cá, venham. Eu sei que foi um dia agitado, mas nós temos coisas importantes a resolver antes de todo mundo ser liberado para fofocar mais. Como vocês sabem,

nossa revelação pública do Agente N é em menos de quatro semanas. Vai acontecer na arena e teremos jornalistas de todo o mundo presentes. Nós temos que estar totalmente preparados para todas as patrulhas estarem equipadas com o soro antes disso. Como o ataque recente ao quartel-general compreensivelmente deixou algumas pessoas tensas, vamos implementar algumas novas precauções para garantir que o Agente N não possa ser usado contra os nossos.

— Precauções? — disse Bola de Demolição, fechando as mãos e as apoiando nos quadris. — Tipo destruir tudo que restou do Agente N e nunca mais falar nisso?

Luz Negra lançou um olhar fulminante para ela.

— Rá, rá. Nada tão drástico assim. Eu entendo a sua preocupação; nós todos entendemos e ficamos arrasados de perder Geladura e a equipe dela. Mas essa arma foi um investimento importante pra nós e continua sendo nossa melhor esperança de eliminar vilões e prodígios perigosos da nossa cidade. Não estávamos preparados para um inimigo ter acesso ao Agente N, é verdade, mas não vamos cometer esse erro de novo.

— Investimento — desdenhou outro Renegado, Coiote. — Estou começando a achar que a Genissa está certa: é só com isso que o Conselho se preocupa. Seus investimentos.

Adrian franziu a testa para a nuca do Coiote. Embora as palavras tenham saído abafadas e baixinhas, ficou claro que a intenção era que fossem ouvidas. Mas Adrian discordava. O Conselho ligava para eles, para cada um deles, e para todos os cidadãos da cidade. Mas, ao mesmo tempo, ele se perguntou se a ansiedade do Conselho estava cegando os chefes para os riscos do uso do Agente N. Com todos os ataques da imprensa e as dúvidas do público sobre a capacidade dos Renegados de manter as pessoas em segurança, eles estavam desesperados para demonstrar que ainda permaneciam no controle.

Mas a que custo? Eles realmente acreditavam que podiam manter os próprios Renegados protegidos do Agente N depois do que tinha acontecido com a equipe da Geladura?

Luz Negra colocou a caixa na mesa e tirou uma máscara de gás volumosa.

— Nossos amigos da tecnologia fizeram modificações nessas máscaras e, depois de uma série de testes, confirmamos que elas vão proteger qualquer prodígio do Agente N em forma gasosa, o que, como sabem, foi um dos métodos que a Pesadelo usou para neutralizar a Geladura e os outros. Começando imediatamente, todas as patrulhas serão equipadas com uma máscara de gás durante o trabalho.

Ele começou a jogar as máscaras para as pessoas. Os patrulhas as pegaram, quase contrariados. Havia desgosto escrito na cara de todos enquanto inspecionavam as máscaras incômodas.

Luz Negra jogou uma para Adrian, e ele entendeu rapidamente a irritação dos colegas. O elástico para prender a máscara na cabeça era de borracha e o filtro bulboso sobre a boca era pesado e horrendo.

— A gente vai ter que usar isso durante as patrulhas? — perguntou Tiro Explosivo.

— Só se acharem que estão em perigo junto a um inimigo que poderia ter acesso ao Agente N.

Ruby levantou a mão.

— Como a gente vai saber quem pode ou não ter acesso ao Agente N? Quem sabe pra quem Nov… Pesadelo pode ter dado aquelas bombas?

— Atualmente, não temos motivo para desconfiar de que qualquer vilão além dos companheiros da Pesadelo, os Anarquistas, tenha o Agente N.

— Certo, mas e dardos envenenados? — perguntou Zodíaco. — Era esse o método que íamos usar pra neutralizar nossos inimigos, então como vamos saber se os Anarquistas vão continuar usando o Agente N em forma de gás? Como nós vamos nos proteger para não levar disparos dessa coisa? Nossos uniformes não vão nos proteger. — Ela puxou a manga de tecido elástico apertado para enfatizar o que estava dizendo.

— Isso é uma preocupação — disse Luz Negra, e Adrian percebeu que ele estava ficando cansado das perguntas, mesmo que fossem válidas. — Nós estamos discutindo o desenvolvimento de trajes blindados de corpo inteiro que vão substituir seus uniformes atuais no futuro.

— Trajes blindados? — indagou Coiote com uma risada. — Como o do Sentinela?

— Não… exatamente — disse Luz Negra com uma tensão na voz.

Adrian teve a sensação de que os uniformes que eles estavam planejando eram exatamente como o que seu alter ego usava.

Oscar o cutucou nas costelas e abriu um sorriso de orgulho. Adrian encarou o amigo de cara feia.

— Quanto tempo até esses trajes estarem disponíveis? — perguntou Homem-Mondo. — Algo me diz que não vai ser antes da revelação ao público.

— E como eu vou poder usar meu poder se estiver preso dentro de uma armadura? — perguntou Camaleão.

— Eu lembro que o médico disse que o Agente N também podia ser ingerido. E se os vilões começarem a envenenar nossa comida?

Uma enxurrada de perguntas começou a vir de todos os lados da sala. As bochechas do Luz Negra ficaram quase tão vermelhas quanto a barba, e ele levantou as mãos, tentando se defender.

Um raio voou pelo teto e acertou uma lâmpada, que explodiu com o impacto, gerando uma cascata de fagulhas, no mesmo momento em que um rugido de trovão sacudiu o piso embaixo deles. Foi um som tão alto que fez Adrian cambalear alguns passos para trás, com a sensação de que um tambor gigante tinha sido batido dentro da sua cabeça.

— *Chega!*

Quando o silêncio ocupou o espaço deixado pelo trovão, todos olharam para cima e viram Pássaro do Trovão na passarela, o rosto tenso de raiva.

— Nenhum de vocês tem autoridade para questionar as decisões do Conselho de forma tão desrespeitosa.

Adrian engoliu em seco, sem conseguir se lembrar de ter visto Tamaya Rae tão furiosa. E só porque um grupo de Renegados ousou questionar o Conselho? Eles podiam fazer isso, não podiam?

Luz Negra limpou a garganta.

— Eu estava com tudo sob controle. Só pra deixar registrado.

— Nós temos questões mais urgentes pra resolver — disse Pássaro do Trovão rispidamente. — Há um problema no saguão principal. Sua presença é necessária imediatamente. — Com a mandíbula ainda tensa, ela observou as

patrulhas. — E vocês estão dispensados.

Sem esperar resposta, ela voltou pela passarela, as asas roçando na amurada dos dois lados.

— Certo — disse Luz Negra. — Continuamos depois.

Ele deixou a caixa quase vazia para trás e seguiu Pássaro do Trovão na direção dos elevadores com o máximo de dignidade que conseguiu.

As unidades de patrulha deixadas para trás trocaram olhares intrigados por um minuto, depois perseguiram os membros do Conselho. Com um dar de ombros para os companheiros, Adrian foi atrás.

CAPÍTULO QUINZE

O SAGUÃO AINDA ESTAVA SENDO reformado, agora coberto de placas de pedra quebradas e cercado com fita de isolamento. Ao que parecia, também estavam ali todos os Renegados de serviço no prédio. Eles tinham formado um círculo em volta do piso esfacelado, onde uma longa rachadura ainda era vista indo do *R* vermelho no centro do saguão até onde a quarentena tinha caído do mezanino.

A pilha de vidro e escombros havia sido retirada e as vigas de aço que protegiam a sacada tinham sido recolocadas. No segundo andar, bem longe da beirada da passarela, havia uma moldura de torres de aço, como uma gaiola de passarinho incompleta. Ao lado, painéis enormes de vidro curvo estavam encostados nas paredes do laboratório.

Adrian fez uma careta ao vê-los lá, imaginando o que se tornariam. A ideia de botar Max de volta naquela prisão de vidro o repugnava, mas ele não tinha conseguido falar com os pais sobre isso de novo desde que Max acordara.

Vozes altas chamaram a atenção dele para a multidão, inclusive o som da voz do Capitão Cromo, parecendo tensa, embora Adrian não conseguisse identificar as palavras.

Danna, em forma de bando, voou para ver o que estava acontecendo do alto enquanto Oscar e Ruby subiam no balcão de informações curvo para ver acima da cabeça das pessoas. Adrian fez o mesmo.

Perto do *R* ladrilhado estava o Conselho; todos os cinco, as mãos fechadas apoiadas nos quadris ou cruzadas sobre o peito. Uns dez passos à frente, iluminados por trás pelas janelas enormes da fachada do prédio, estavam Genissa Clark, Trevor Dunn e Mack Baxter, anteriormente conhecidos como Geladura, Gárgula e Sismo.

Arraia também estava ao lado deles, a cauda farpada se movimentando para lá e para cá no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou Adrian.

Um prodígio próximo fez *shhh*, mas Pirotécnico, do outro lado, sussurrou:

— Clark acha que o Conselho tem uma dívida com ela.

— … absolutamente ridículo — disse Luz Negra, a voz alta o suficiente para ser ouvida pela multidão, chamando a atenção de Adrian de volta para o Conselho. — Claro que não podem voltar para as patrulhas. Não são mais prodígios!

O Guardião Terror lançou um olhar irritado para Luz Negra, mas foi ignorado enquanto ele balançava o braço na direção de Genissa e do grupo.

— Bom, é verdade! É absurdo sequer considerar! — Ele deu um passo à frente. — Desculpe dizer, mas você está agindo como uma princesa mimada, srta. Clark. Além do mais, foi você que disse que não era mais super-heroína. Ninguém aqui te forçou a sair, mas nós todos sabemos que foi a decisão certa. Então, por que você não vai para casa e começa a pensar em um uso mais produtivo do seu tempo? Nós temos coisas melhores pra resolver.

O Capitão Cromo botou a mão no ombro do Luz Negra e o puxou para trás. Murmurou alguma coisa, mas foi baixo demais para Adrian ouvir.

Mas ele não teve a menor dificuldade em ouvir Genissa Clark, que pareceu animada por ter plateia.

— Eu mudei de ideia. E, agora que estamos de volta, vocês vão nos varrer pra baixo do tapete, fingir que a gente não existe? Como se a gente não tivesse sacrificado nossos poderes a serviço dessa organização? Vocês não podem fingir que o que aconteceu não é culpa de vocês!

— Nós somos super-heróis! — gritou Luz Negra. — O que você esperava, que a gente fosse ficar sentado tomando chá o dia todo?

— Já chega, Evander — rosnou Pássaro do Trovão.

Bufando, Luz Negra cruzou os braços e murmurou:

— Ridículo.

— Nós exigimos compensação pelo que aconteceu conosco — disse Genissa, que tinha se colocado à frente do grupo. Ela parecia relativamente igual por fora: o mesmo cabelo branco-prateado, os mesmos olhos azuis frios, embora a pele parecesse ter um leve rubor que sempre lhe faltara antes. Mas a frieza do olhar dela permanecia idêntica. — Nós entramos para os Renegados como prodígios, com habilidades que nos pertenciam. Mas, graças ao seu descuido ao desenvolver o Agente N e ao seu fracasso em deixá-lo fora do alcance dos inimigos, nós estamos sofrendo. Não dá para substituir nossas habilidades perdidas, mas esperamos compensação. Vocês têm uma dívida conosco!

— Que tal irmos pra algum lugar com privacidade pra discutir isso? — perguntou Tsunami, indicando os elevadores. — Nossos escritórios estão…

— Vamos ficar bem aqui — interrompeu Genissa. — Meus colegas precisam ouvir o que vocês têm a dizer. Afinal, qualquer um deles pode ser o próximo.

— Genissa, nós lamentamos pelo que aconteceu a vocês — disse o Guardião Terror —, e em boa parte porque odiamos perder você e sua equipe. Vocês eram uma das nossas unidades mais fortes. Mas vocês escolheram ser Renegados. Escolheram os riscos que acompanham essa vida.

— Na verdade — retrucou Genissa, apoiando as mãos com arrogância nos quadris —, quando entramos para os Renegados, *esse* risco não existia. Criminosos, sim. Vilões, claro. Mas o Agente N existe porque *vocês* o criaram. Como nós poderíamos ter escolhido isso?

— Além do mais — disse Trevor Dunn, cuja pele antes alternava entre compostos de rochas, mas agora estava coberta de descamações rosadas —, eu nunca assinei contrato nenhum que entregasse minha vida e meus poderes a serviço dos Renegados. E vocês? Assinaram alguma coisa?

Ele indicou o aposento e recebeu em resposta muitas testas franzidas com desconforto.

— Claro que não — disse Genissa. — Um contrato sugeriria que, se houvesse algum problema, nós talvez tivéssemos direito a algum tipo de

compensação pelo trauma e pelo sofrimento. Mas, ah, não. Temos que lutar pelos Renegados, defender as pessoas desta cidade, nos jogar constantemente em situações perigosas, tudo em nome do *heroísmo*. E nós somos heróis. Juramos proteger os fracos e defender a justiça. Mas quem vai nos defender? Eu não contaria com *eles*. — Ela indicou o Conselho. — Assim que não precisam mais de nós, nos jogam de lado, e eu é que não vou defender isso. — Ela ergueu os braços. — E nenhum de vocês deveria fazer isso. Os Renegados não são nada sem nós. Nós somos o coração e os músculos dessa organização, e eles precisam de nós mais do que nós precisamos deles. Eu quero que o Conselho reconheça que nós não somos lixo descartável. Nós somos Renegados! Vocês não podem tirar isso de nós também!

— Olha, Genissa — replicou o Capitão —, nós queremos tratar todo mundo de forma justa, principalmente os nossos. Mas vocês não podem voltar para a força como unidade de patrulha. Não seria seguro! Tenho certeza de que podemos encontrar algum outro papel na organização que seja satisfatório pra vocês. Não temos exatamente procedimentos para esse tipo de coisa. E sinto muito, mas não é prioridade agora.

— Talvez devesse se tornar — disse Genissa. — E sugiro que isso aconteça rápido, porque minha agenda está cheia de entrevistas esta semana, e eu posso dizer como os Renegados cuidam bem dos seus… ou posso contar a verdade. E, com todo o esforço que vocês dedicaram a essa grande revelação do Agente N, bem, seria terrível se o segredo vazasse antes… não?

— Pelos céus — murmurou Luz Negra. — Quer saber… tudo bem! Vamos deixar que eles voltem pra equipe! Eles que morram, se é isso que querem! — Ele balançou a cabeça. — Super-heróis não prodígios. Vocês não podem…

— Nós não… — O Capitão rosnou baixinho, mas pareceu relativamente calmo quando fixou a atenção em Genissa. — Eu não posso, em sã consciência, deixar que vocês continuem arriscando a vida quando não têm superpoderes com que se defender. Sinto muito. — Ele abriu os dedos. — O que mais posso oferecer a vocês?

Para a surpresa de Adrian, essa pareceu ser a pergunta mágica. Genissa lançou um sorriso vitorioso para os companheiros.

— Na verdade — respondeu ela lentamente —, tem uma coisa que *pode* satisfazer nossa necessidade de… Bem, ainda que não seja bem compensação, pelo menos um pouco de retaliação.

O Conselho trocou olhares idênticos de desconfiança, mas Genissa seguiu em frente.

— Ouvimos boatos de que a revelação do Agente N ao público também vai incluir uma execução pública.

O Capitão Cromo estreitou os olhos.

— É verdade. Pelos crimes dele contra a humanidade, Ace Anarquia foi sentenciado à morte.

— Por que parar aí? — disse Genissa. — Eu argumentaria que os cúmplices dele merecem o mesmo destino. — Ela ergueu o queixo, os olhos azuis faiscando. — Pesadelo merece o mesmo destino. Pesadelo tem que morrer… e eu quero ser a pessoa a fazer isso.

As palavras pareceram sugadas por um vácuo. Adrian sentiu o chão afundar embaixo de si. Como se o mundo tivesse se estreitado e virado uma cabeça de alfinete.

Pesadelo tem que morrer.

Ele tinha certeza de que seus pais desprezariam a sugestão, mas seus rostos estavam estoicos e ilegíveis.

Foi Luz Negra que falou primeiro. Com uma risada baixa, ele disse:

— Basta isso pra eles pararem de reclamar? Por mim, tudo bem.

Simon olhou para ele.

— Estamos falando de vidas.

— Vidas de vilões — disse Luz Negra. — Pesadelo merece tanta misericórdia quanto o Ace Anarquia. Foi *ela* quem os neutralizou, então me parece justo.

— Pensem bem — acrescentou Genissa. — As pessoas estão perdendo a fé em vocês cada vez mais rápido. Todos os dias, ouvimos pessoas perguntando se os Renegados são mesmo capazes de protegê-las, de atender às necessidades crescentes desta cidade. O Conselho precisa demonstrar uma frente unida. Vocês não podem tolerar prodígios que se recusem a seguir o código. E você não quer que ex-Renegados como nós — ela indicou Mack e

Trevor — saiam por aí dizendo como são fracos quando surgem ameaças verdadeiras, como a Pesadelo e os Anarquistas.

A visão do Adrian ficou enevoada, turva nas bordas, até ele só conseguir ver o sorriso irritante da Genissa Clark. Ela já estava adorando a ideia de ser a pessoa a acabar com a vida da Pesadelo. Ela queria vingança pelos poderes perdidos.

Mas o Conselho não permitiria isso… certo?

Alguém segurou seu cotovelo; Ruby, oferecendo apoio. Isso arrancou Adrian dos pensamentos.

Não era Nova. Era Pesadelo. Era uma vilã.

Mas, mesmo assim… *morta?* Sem julgamento? Sem esperança de redenção?

— Capitão — disse Tsunami —, eu não tenho certeza de que seja um caminho inteligente. O Conselho precisa discutir…

— Ah, nossa, desculpa interromper — disse Genissa, olhando um relógio invisível —, mas a gente tem que ir! Não queremos perder nossa entrevista no noticiário noturno, não é?

Ela deu meia-volta, mas nem tinha se movido quando o Capitão Cromo disse:

— Nós aceitamos.

— Não — sussurrou Adrian, balançando a cabeça. Ruby apertou mais o braço dele. — Eles não podem deixar que ela…

Adrian parou de falar quando, no centro do saguão, Genissa Clark se virou de volta para o Conselho com um sorrisinho malicioso.

— Como?

— Uma execução dupla acontecerá durante a revelação — disse o Capitão, os punhos fechados. — Você, Geladura, pode ser responsável pela morte da Pesadelo, que é nossa antiga inimiga e uma ameaça persistente aos Renegados e aos civis que juramos proteger. Essa execução vai acontecer como punição pelos crimes dela contra a sociedade e contra os nossos.

— Bem — disse Genissa, fazendo uma reverência debochada na direção do Conselho —, obrigada por serem tão compreensivos. Vamos considerar sua proposta com carinho e entraremos em contato.

Com uma piscadela, Genissa e equipe desfilaram na direção das portas giratórias, seguiram para a rua, onde todos foram cercados imediatamente pelos repórteres que estavam acampados na calçada desde que o elmo foi roubado.

— De volta ao trabalho, todos vocês! — gritou o Capitão, a voz atipicamente furiosa. A multidão na mesma hora se agitou, embora Adrian duvidasse que muitos fossem "trabalhar". Ele já via a multidão se dividindo em grupos, indo na direção dos lounges e salas de treinamento para discutir o que tinha acontecido.

— Adrian — disse Oscar, cutucando o pé do amigo com a bengala. — Você está bem?

— Por que não estaria? — perguntou ele.

Uma hesitação foi seguida por Oscar sussurrando para Ruby:

— Isso é *não,* né?

— Com licença — disse Adrian, descendo do balcão.

Ele abriu caminho pela multidão na direção de onde os cinco membros do Conselho estavam subindo a escada recém-construída na direção do mezanino.

— Pai!

O Capitão ficou tenso e sua expressão estava meio contraída quando ele encarou Adrian.

— Sinto muito. Nós não tínhamos…

— Pena de morte? Sério? — Adrian olhou para cada um dos membros do Conselho.

— E por que não? — rugiu Luz Negra. — Você tem ideia de quantos milhares de pessoas morreram nas mãos do Ace Anarquia e dos comparsas dele? Já está mais do que na hora de começarmos a combater fogo com fogo. Quem não tem misericórdia não merece misericórdia.

— E quantas pessoas a Pesadelo matou? — perguntou Adrian. — Fora a Detonadora, claro.

— Você talvez lembre que ela tentou *me* matar — disse Hugh.

Adrian sentiu o rosto começar a arder.

— Eu não esqueci — replicou ele em voz baixa. — Mas ela também

salvou o Max.

Os dois pais dele recuaram com surpresa.

Simon foi o primeiro a se recuperar.

— Salvou o Max? Ela jogou uma lança nele!

Adrian balançou a cabeça com veemência. Ele sentia-se chegando perigosamente perto de revelar seus próprios segredos; seus pais ainda não sabiam que ele podia se aproximar do Max, não sabiam sobre as tatuagens. Mas ele não podia deixar Nova continuar a levar a culpa, não por isso. — Foi Genissa que fez isso. Sem querer, quando ele estava invisível. Foi a Nova… Pesadelo que tentou ajudar. Ela o ajudou a pegar o poder da Genissa pra poder estancar o sangramento.

Hugh deu um passo na direção do Adrian.

— Não foi o que Genissa nos contou.

— Eu sei. Mas é a verdade. Conversa com o Max.

— E como *você* sabe disso? — perguntou Simon.

Adrian engoliu em seco.

— É uma longa história — disse ele, tentando não esconder o fato de que estava desviando da pergunta. — Mas, se for verdade, talvez a gente deva alguma coisa a ela. Além do mais, nós ainda somos os mocinhos, né? Nós não executamos pessoas.

— Exatamente — disse Pássaro do Trovão, as penas das asas se balançando. Adrian percebeu que ela não concordava com aquilo, e que Tsunami e até o Guardião Terror tinham dúvida no rosto.

— Há questões políticas em jogo aqui que você não entende — disse Hugh, mas a fúria de antes tinha sumido da voz dele. — A imprensa e nossos detratores estão tentando nos dividir em todas as oportunidades. Tudo que nós fazemos está sendo criticado e questionado. Como podemos governar uma cidade, que dirá o mundo todo, se estivermos ocupados lidando com toda besteira burocrática trivial que aparecer? — Ele passou a mão pelo cabelo. — Isso resolve dois problemas de uma vez: tranquiliza Genissa e a equipe dela, e mostra ao mundo que vamos agir contra os nossos inimigos de forma rápida e eficiente. Nós precisamos disso agora. E — ele olhou em volta e encarou cada um — precisamos estar unidos nessa decisão.

— E por que, exatamente? — disse Adrian, sentindo o veneno na garganta. — Para evitar que o mundo descubra que isso na verdade é uma ditadura?

A mágoa ficou evidente nos olhos de Hugh.

Adrian foi tomado de culpa, mas se recusou a demonstrar. Ele esperou a réplica, a discussão, mas seu pai só balançou a cabeça.

— Essa decisão não envolve você — disse ele antes de se virar e sair andando.

O resto do Conselho foi atrás, exceto Simon, que botou a mão no ombro de Adrian.

Antes que pudesse dizer qualquer que fosse a coisa reconfortante que estivesse planejando, Adrian se afastou da mão dele e desceu a escada. Seu sangue estava correndo à toda, quente e latejante na superfície da pele. Ele estava pronto para brigar. Queria brigar. Ou talvez só quisesse alguém com quem gritar, precisando de uma desculpa para explodir. Só uma vez.

Mas com quem ele poderia brigar?

Pesadelo, que antes ele achava ser sua maior inimiga, já estava presa.

E, em poucas semanas, estaria morta.

CAPÍTULO DEZESSEIS



NOVA LOGO ENTROU NA rotina da Penitenciária Cragmoor. De manhã, ela não sabia dizer em que horário exato, as celas da prisão eram descidas até o chão e, uma a uma, as grades eram abertas e os guardas de serviço gritavam para os prisioneiros saírem das celas e fazerem fila. Eles estavam sempre gritando, embora Nova só tivesse testemunhado os detentos agindo de forma totalmente obediente. Ela se perguntou por que ninguém nunca perdia a voz.

Eles saíam da construção onde ficavam as celas e eram levados até o chamado aposento sanitário, onde tinham noventa segundos para tomar uma chuveirada com água fria e sessenta para escovar os dentes e pentear o cabelo na frente de uma pia comprida com várias torneiras. Uma vez por semana, eles recebiam macacões recém-lavados.

Eles tinham vinte minutos para "esticar as pernas" no pátio, embora a maioria dos detentos passasse o tempo em grupos perto do muro para evitar a lama. Estava quase sempre chovendo, um chuvisco frio com neblina, e mesmo quando não estava, o vento atravessava os macacões como adagas. Nova não falava com ninguém, não só porque os guardas estavam sempre vigiando e sua impressão clara era a de que conversas no pátio eram desencorajadas, mas também porque, quando ela ousava se aproximar de outro prisioneiro, a pessoa sempre olhava para ela com desprezo e dava as costas para ela. Bastaram poucas rejeições para Nova decidir que era melhor

ficar na dela. Ela não sabia de onde se originava o desprezo universal por ela; se era porque achavam que ainda podia ter alguma lealdade para com os Renegados ou porque sabiam que era uma vilã que tinha fracassado na missão de derrubar os inimigos, mas também não sabia se queria descobrir.

Estava se acostumando a ficar sozinha.

Depois do breve tempo de recreação, eles recebiam a única refeição do dia em um refeitório com mesas estreitas e bancos presos ao chão, a cozinha atrás de uma parede de pedra, com uma única abertura estreita por onde eles pegavam as bandejas de comida.

A qualidade da comida era exatamente o que Nova esperava. O que queria dizer que não era muito pior do que ela consumira nos túneis do metrô durante a maior parte da vida. Na maioria dos dias, a refeição consistia em um pãozinho duro, um legume irreconhecível cozido até virar pasta, uma batata assada e peixe. Nova não sabia qual peixe, mas achava que era o que os cozinheiros conseguissem comprar barato. Aos domingos, se o prisioneiro tivesse passado a semana sem confusão, ele também recebia uma fatia de queijo.

Em seguida, eles eram devolvidos para as celas, umas duas horas depois de terem sido tirados delas, para passar o resto do dia em isolamento silencioso até a hora do apagar das luzes. Alguns prisioneiros que estavam lá havia muito tempo a ponto de ganhar certa confiança dos guardas eram enviados para trabalhar na lavanderia ou na cozinha. No começo, isso pareceu uma punição, mas não demorou para Nova reconhecer que as longas horas de solidão eram bem piores.

Pela primeira vez na vida, a incapacidade de dormir de Nova pareceu mais uma maldição do que um dom. O que ela não teria dado para passar oito horas a menos por noite sozinha com seus pensamentos em turbilhão.

E assim os dias se passaram, monótonos e insuportavelmente tediosos.

Todos os dias, Nova esperava ver algum sinal do Ace, mas ele nunca estava no pátio nem no refeitório. Ela supôs que estivesse na solitária, mas, quando tentou perguntar a uma outra prisioneira, a mulher olhou para ela como se estivesse falando outra língua e respondeu simplesmente:

— Ace Anarquia está morto.

Nova esperava que isso significasse que a captura e o confinamento do Ace estivessem sendo escondidos dos prisioneiros, não que ele tinha chegado… e já morrido.

Ela não suportaria isso. Não depois de tudo.

Mal se mantendo sã, ela achou que seria melhor não perguntar a mais ninguém, mesmo que isso fosse só um sinal patético de autopreservação. Ela simplesmente não aguentaria outra perda.

No décimo sétimo dia de aprisionamento, Nova parou na frente da pia, a boca cheia de bicarbonato de sódio e espuma enquanto escovava os dentes, tentando ser o mais detalhista possível no tempo que tinha. Os músculos das costas onde o rastreador tinha sido inserido tinham finalmente parado de doer.

Ela estava se esforçando para apreciar essas pequenas coisas quando, pela primeira vez desde que chegara, a rotina sofreu uma alteração. O diretor entrou no aposento sanitário e conversou baixo com um dos guardas.

Era tão incomum que o padrão fosse quebrado que todos os detentos ficaram paralisados.

A atenção do guarda se voltou para *ela* e seus olhares se encontraram no espelho comprido e sujo.

Nova se curvou e cuspiu. Enxaguou rapidamente a boca e a escova foi arrancada da mão dela um segundo depois, pelo mesmo guarda que sempre a pegava, porque, evidentemente, uma escova de dentes era uma arma em potencial.

Por um bom motivo, achava. Nova poderia fazer um bom estrago com uma se quisesse.

Quando estava se levantando, ela viu um rosto no espelho. Não o rosto *dela*, nem o do prisioneiro ao lado.

Seu estômago se contraiu. *Narcissa.* Ela ainda estava atrás do vidro, olhando para Nova com uma intensidade perturbadora. Levou um dedo aos lábios e balançou a cabeça rapidamente.

E sumiu.

Nova ficou olhando para sua expressão sobressaltada, se perguntando se tinha imaginado aquilo. Por que Narcissa se mostraria para Nova ali, agora?

E o que ela quis dizer com aquele sinal de silêncio? O que ela achava que Nova ia dizer?

— Sete-nove-dois! — gritou o guarda.

Nova levou um susto e se virou para ele de cara feia.

— Nova — disse ela por entre os dentes. — Meu nome é Nova.

Ao lado do guarda, o diretor a observou com um olhar de avaliação.

— Você tem visita… Sete-nove-dois.

O restante dos detentos a encarou, o que era mais atenção do que Nova tinha recebido desde o dia em que chegou. Ela se perguntou quais seriam os boatos. E o que significava receber visita naquele lugar. Eles teriam inveja dela, ou receber uma visita era sinal de problema?

Ela usou a manga do macacão para secar a boca e, de cabelo ainda úmido do chuveiro, foi na direção do diretor. Os guardas a encontraram na metade do caminho e colocaram as algemas familiares nas mãos.

Os pensamentos de Nova ainda estavam fervilhando por causa da aparição de Narcissa, e foi só quando já estavam na metade do pátio, indo na direção de um prédio no qual ela ainda não tinha entrado, que lhe ocorreu que a visita podia ser Adrian.

De repente, seus pulmões estavam com dificuldade de respirar.

Suas palmas começaram a suar dentro das luvas sólidas.

Ela esperava que fosse Adrian.

E, ao mesmo tempo, esperava que não fosse.

Como ela poderia encará-lo? Como poderia olhar nos olhos dele e mentir *de novo*? Mentir mais do que já tinha mentido? Mentir na cara de tantas verdades?

Ela pensou em Narcissa. O dedo nos lábios. O movimento de cabeça.

O momento era coincidência demais. Ela devia saber sobre a visita de Nova. O que tinha tentado dizer? Para Nova ficar quieta? Para guardar os segredos, mesmo agora?

Seus pensamentos rodopiavam. Se era esse o caso, Narcissa não precisava ter se dado ao trabalho. Nova tinha determinado, desde o momento em que foi presa… não, desde o momento em que decidiu participar dos testes e fazer parte dos Renegados, que nunca admitiria seu golpe. Ela não diria nada

que pudesse ser usado contra ela ou contra os Anarquistas.

No que dependia de Nova, ela ainda era Nova Jean McLain e tudo que ela sempre quis foi ser uma Renegada.

Ela sabia que as mentiras viriam facilmente, como sempre. Era capaz de encarar o Capitão Cromo sem piscar. Podia até encarar os companheiros de equipe: Oscar, Ruby e mesmo Danna, apesar de tudo que tinha feito com ela. E podia insistir na sua inocência com um lábio trêmulo e olhar de súplica. Ela abalaria a certeza deles, ainda que não pudesse destruí-la completamente.

Pelo menos até saber o que tinham contra ela.

Mas, se fosse Adrian…

Por favor, Adrian não.

Por outro lado…

Por favor, por favor, que seja Adrian. Que eu possa vê-lo mais uma vez.

Os guardas a levaram para um aposento com uma cadeira dura presa no meio de uma plataforma circular de metal. Um vão tinha sido deixado em volta da plataforma, exceto por uma tábua estreita que a conectava à entrada gradeada, para manter os prisioneiros longe das paredes pretas brilhantes dos dois lados.

Fora Nova e seus guardas, o aposento estava vazio.

A cadeira não parecia nada convidativa, não só por causa do metal frio, mas também por causa dos ferros nos braços e das correntes em volta das pernas.

Ela não resistiu quando os guardas a colocaram na cadeira. Prenderam os tornozelos dela nas pernas da cadeira e enfiaram os casulos de metal em volta de suas mãos nos apoios de braço. Seus dedos tinham espaço suficiente só para tremer dentro do confinamento.

A sensação foi um pouco de ser levada para o seu fim, e ela se perguntou se a história da visita tinha sido mentira. Talvez fosse acontecer ali; já, tão rápido. Era bem fácil imaginar alguém de jaleco branco aparecendo e enfiando uma seringa cheia de Agente N no braço dela.

Os guardas desapareceram atrás dela, para um lugar onde ela não conseguia ver por causa das costas altas da cadeira.

Diretamente à frente, do outro lado do vão, havia uma parede preta

brilhosa. A base dela desaparecia debaixo da plataforma, e Nova não tinha ideia da profundidade da queda. Não havia nada de impressionante na parede tirando sua textura lisa e sua altura. Impossível de escalar, ou era essa a impressão. Não que houvesse sentido em escalá-la. O teto, nove metros acima, só tinha algumas fileiras de luzes fluorescentes esmaecidas.

Ela ouviu um clique, e a parede à frente não era mais só uma parede. Uma parte na sua frente, com três metros de altura e indo de um lado a outro da câmara, se acendeu, revelando que era na verdade uma janela.

Nova estava olhando diretamente para o rosto de Adrian Everhart.

Ela estremeceu, tomada pela mistura de alívio e medo que percorreu seu corpo.

Percebeu no primeiro momento em que seus olhos se conectaram que ele tinha conseguido vê-la desde o momento em que foi levada para aquele aposento e que tinha tido tempo de se preparar. O rosto de Adrian estava neutro e frio, de uma forma que não combinava nadinha com ele.

Mas, por trás das lentes dos óculos, seus olhos revelavam o que as feições firmes escondiam.

Descrença. Dor. Traição.

Ódio.

Nova sentiu seu queixo tremer, mas não foi a mentira que tinha planejado.

— Adrian… — sussurrou.

A única reação dele foi uma breve contração da mandíbula.

Havia mais duas pessoas do outro lado do vidro. Os pais de Adrian, o Capitão Cromo e o Guardião Terror. Os três juntos, todos usando o traje tradicional dos Renegados (capa preta, armadura azul e aquele *R* desprezível costurado no uniforme do Adrian) formavam uma equipe intimidadora. Mas o medo nem de longe era uma das emoções mais turbulentas de Nova.

O Guardião Terror começou a falar, e Nova ficou sobressaltada ao se dar conta de que não conseguia ouvi-los. O instinto a fez se inclinar para a frente o máximo que pôde estando presa na cadeira, mas não fez diferença.

Adrian arrancou o olhar dela e assentiu. Ele falou. Nova tentou ler os lábios dele, mas não conseguiu. O Capitão Cromo colocou uma das mãos no ombro de Adrian, mas foi por um instante. Ele fez um gesto para o fundo da

sala.

Adrian assentiu de novo. Falou de novo. Olhou brevemente para os pais. As feições deles estavam sérias, mas gentis.

Os dois membros do Conselho saíram e Adrian ficou sozinho no local.

O coração de Nova disparou, mas parecia que também estava acorrentado pelo aperto que ela sentia no peito.

— Adrian? — disse ela, o nome saindo como uma respiração.

Adrian fez uma careta, o que confirmou que *ele* a ouvia.

O pomo de adão dele subiu e desceu enquanto ele esticava a mão até uma base ao seu lado e apertava um botão em um controle remoto.

Nova ouviu um clique e a câmara ficou cheia do silêncio dos dois.

Seus olhos se encontraram, e ela não sabia se ele estava esperando que ela dissesse alguma coisa ou que reunisse coragem para falar primeiro.

Antes que se desse conta, Nova começou a chorar. Lágrimas se empoçaram nos olhos e começaram a descer rapidamente pelas bochechas. Ela ofegou pela sensação de duas trilhas quentes seguindo para o queixo e sentiu vontade de secá-las, mas não podia se mover. Nova fungou alto, torcendo para conseguir puxar as lágrimas de volta para o corpo, mas era tarde demais.

Adrian chegou mais perto da janela e já tinha desistido de tentar parecer desprovido de emoções. A dor estava clara agora: na tensão na testa, na contração do maxilar, no aperto dos olhos castanhos profundos pela ameaça das próprias lágrimas.

— Como você pôde fazer isso? — disse Adrian, seu tom cruel e ríspido. O som da raiva tão descontrolada surpreendeu as lágrimas e causou um cessar-fogo temporário.

Nova ficou olhando para ele, boquiaberta, e percebeu que não tinha resposta para aquilo.

Sua mente estava vazia. Desprovida de tudo, exceto do som da repulsa de Adrian.

Ela se lembrava de tudo. Cada mentira. Cada traição. O peso da arma na mão quando estava se preparando para matar o Capitão Cromo. Sua euforia quando recuperou o elmo. A imagem da borboleta da Danna batendo nas

laterais do pote de vidro.

Nova se preparou quando uma última lágrima desceu, seguindo o mesmo caminho das anteriores, e disse, com tanta convicção que quase conseguia acreditar em si mesma:

— Adrian, eu sou inocente.

CAPÍTULO DEZESSETE



O RISO DE DEBOCHE DO Adrian foi tão alto e inesperado que só serviu para desafiar Nova ainda mais. Ela conseguiria convencê-lo da sua inocência. Tinha que conseguir.

Ele abriu a boca para falar, mas Nova insistiu, deixando o verdadeiro desespero permear seu tom.

— Estou falando sério, Adrian. Não sei o que está acontecendo, mas eu não sou a Pesadelo!

— A Danna te viu! — gritou ele. — Ela te seguiu até aquelas ruínas… aquela catedral. Ela nos levou até o Ace Anarquia e teria nos levado até você também, se você não tivesse… — Ele hesitou, lutando com uma breve incerteza. — Se você não tivesse feito sei lá o que fez pra impedir que ela voltasse à forma humana!

Nova o observou, a mente em disparada, devorando e dissecando cada palavra.

Danna tinha visto Nova ir para as ruínas da catedral… mas não para a casa?

E eles não sabiam sobre a borboleta no pote, o que devia significar que Nova estava certa. As lembranças daquela borboleta tinham se perdido quando Nova a matou. Aquela borboleta, pelo menos, a única que teria visto Nova e os outros Anarquistas na casa, não podia incriminá-la.

Ela engoliu em seco. Dava para trabalhar com isso.

Tomara.

— Eu não sei o que Danna acha que viu — disse ela —, mas não era eu. Não sei se estão me incriminando, mas…

— Ah, por favor, Nova — disse Adrian. — As invenções. O acesso ao departamento de artefatos. O conhecimento sobre o Max e o Agente N. Eu não acredito que a gente não se deu conta antes. Nem sei se Nova é seu nome verdadeiro.

— Claro que é meu nome verdadeiro! Mas eu não sou a Pesadelo! Eu não sou uma Anarquista. Adrian, você me conhece!

Ele fez uma careta.

— É. Foi o que eu achei também.

— Por favor, só me conta o que a Danna te disse e eu posso…

— Pode o quê? Mentir mais? Inventar histórias mais absurdas sobre seu tio e a *criação de abelhas*? Que tal quando você estava preocupada porque seu tio não estava se sentindo bem e precisou sair do baile, convenientemente logo antes da invasão do quartel-general? Ou que tal sua casa ter sido destruída bem na hora em que nós fomos te prender? Você vai me dizer que isso também foi coincidência?

— Eu estava criando uma arma — disse Nova, que tinha tido muito tempo para elaborar aquela explicação. — Estava trabalhando com uns produtos químicos novos, tentando montar um explosivo que pensei que seria útil para as patrulhas. Mas fugiu ao meu controle e… Bom, você viu. Mas pensa bem, Adrian! Se eu soubesse que você estava indo me prender, por que teria ficado? Por que não teria fugido quando tive oportunidade?

— Porque você precisava destruir as provas — disse Adrian. — Tudo faz sentido. A única coisa que não faz sentido é…

Ele hesitou e o coração de Nova deu um salto. Ela esperou, segura de que as palavras seguintes seriam algo relacionado a ele, a *eles*, mas os olhos de Adrian estavam ardendo nela de novo e apagaram rapidamente essa esperança.

Ela balançou a cabeça.

— Você está procurando provas que não existem. Talvez… talvez haja coincidências, mas eu juro, não sou…

— Para com isso, Nova.

— Mas, Adrian…

— *Para.*

Ela apertou os lábios.

Adrian ergueu os óculos e apertou o alto do nariz.

— Eu não vim ouvir suas mentiras e desculpas… Não vim nem ouvir uma confissão. Eu só… — Ele abaixou as mãos para as laterais do corpo. — Eu preciso de respostas. Por favor, Nova. Se você já… Se alguma coisa foi real, então, por favor… só me diz… quem matou a minha mãe?

Ela piscou.

Abriu a boca, mas não encontrou palavras.

Se alguma coisa foi real…

Tinha sido real, ela queria dizer. Tinha sido mais real para ela do que ele poderia imaginar.

Mas aquilo? A mãe dele? O assassinato?

Ela não tinha respostas para ele.

— Não sei — sussurrou.

Ele apertou as mãos em punhos.

— Adrian, eu sei que você não acredita em mim neste momento, mas não tenho ideia de quem matou a Lady Indomável, é sério. Se soubesse, teria te contado muito tempo atrás, mas eu não sou…

— Pesadelo — disse ele, cuspindo o nome como se tivesse gosto de esgoto. — Me conta quem a matou.

— Adrian…

— Me conta! — gritou ele, batendo com a mão no vidro.

Nova ofegou e se encolheu na cadeira.

Ele abriu a mão na janela, como se a coisa que mais quisesse fosse arrancar Nova das correntes e sacudi-la.

— Você sabe sobre o bilhete. Pesadelo disse… eu te ouvi dizer…

Ela franziu a testa, mas Adrian pareceu não conseguir continuar.

— O quê? — perguntou ela, a curiosidade superando a preocupação. — De que você está falando?

— “Quem não tem medo não pode ser corajoso.”

Adrian ficou em silêncio e deixou as palavras preencherem a sala fria.

Nova, boquiaberta, olhou para ele por tanto tempo que sua boca começou a ficar seca. *Quem não tem medo não pode ser corajoso?*

O que mais a surpreendeu, o que ela não esperava, era que realmente conhecia a frase. Ela tinha ouvido aquelas palavras dezenas de vezes nos dez anos anteriores, tinha até dito algumas vezes.

Mas o que tinha a ver com Lady Indomável? E quando Pesadelo *falou* aquelas palavras para Adrian?

Finalmente, quando o silêncio deles ficou insuportável, Nova lambeu os lábios e disse, de forma gentil e lenta:

— Sinto muito, Adrian, mas eu não tenho a menor ideia do que isso quer dizer.

Ele pareceu se retrair ao ouvir essa declaração. Talvez estivesse perdendo as esperanças de conseguir respostas naquele dia. Talvez aquele interrogatório estivesse sendo mais difícil para ele do que queria admitir.

— Essas palavras foram encontradas em um pedaço de papel deixado no corpo da minha mãe — disse ele, observando-a em busca de uma reação.

Nova não tinha motivo para esconder a surpresa. Por que ele nunca tinha lhe contado isso?

E, naquele momento, ocorreu a Nova que ela havia mentido para Adrian novamente, só não de forma voluntária agora.

Talvez, só talvez, ela soubesse quem matou a mãe dele.

O pensamento fez as veias dela parecerem frágeis e frias.

Se alguma coisa foi real.…

Ela foi tomada de dor, que a envolveu como um cobertor. Seus sentimentos por ele tinham sido reais. Ainda eram reais.

Mas… evidentemente, não o suficiente.

— Sinto muito — sussurrou ela, quase engasgando nas palavras —, mas eu não sou a Pesadelo. Não sei quem matou a sua mãe. Sinto muito mesmo, Adrian. Eu quero te ajudar, mas eu…

— Tudo bem — disse ele com rispidez.

Nova se encolheu. As lágrimas estavam surgindo de novo. Ela não chorava tanto assim havia anos. Naquele ritmo, acabaria derramando mais

lágrimas naquela cadeira do que desde o dia em que sua família foi tirada dela, mas não dava para evitar. Seus muros estavam se desintegrando. As forças protetoras que passara anos construindo ao redor do coração estavam sob ataque. Um cerco feito de cada tremor da mandíbula do Adrian, de cada franzimento da testa, de cada expressão de repulsa que ele demonstrava por ela.

De repente, ele mudou. Suas emoções endureceram naquela mesma neutralidade que o envolvera no começo da visita. Os ombros ficaram empertigados. O queixo, erguido. Ele empurrou os óculos no nariz e olhou para ela com indiferença calculada.

Nova tremeu.

— Eu tinha esperanças de que você me falasse a verdade, mas não vim aqui só pra perguntar da minha mãe. Vim como representante dos Renegados, e nós temos uma proposta pra você.

A desconfiança começou a secar rapidamente as poças nos olhos de Nova.

— Proposta?

— Você está ciente de que todos os vilões encarcerados aqui em Cragmoor atualmente serão neutralizados, como parte da nossa revelação pública do Agente N. Entretanto, o Conselho decidiu… — Ele abaixou a cabeça, procurando palavras ou talvez se preparando para o que já sabia que tinha que dizer. A voz dele soou firme, mas rouca, quando continuou: — A neutralização pública vai também incluir uma execução pública.

Nova ergueu as sobrancelhas.

— Como é?

— Os vilões conhecidos como Ace Anarquia e sua cúmplice Pesadelo serão executados em uma transmissão mundial, como consequência de seus crimes contra a sociedade.

Pena de morte? Dos *Renegados*? Ela não sabia por que a chocava tanto assim, mas era difícil compreender que aquilo era realidade. Ela ainda estava tendo dificuldades de imaginar que tirariam seus poderes, e agora eles a matariam?

O rosto de Adrian estava quase solidário quando ele terminou de recitar seu discurso.

— O Capitão Cromo vai executar o Ace Anarquia. — Ele hesitou. Limpou a garganta e continuou. — Genissa Clark foi designada para executar a Pesadelo.

Nova o observou, esperando que as palavras dele fizessem sentido.

Em seguida, riu. Não conseguiu se controlar.

Genissa Clark? Genissa Clark *a* executaria? Era tão absurdo, tão inesperado.

Mas a expressão de Adrian transformou a risada abrupta dela em uma tosse afetada.

— Os Renegados não executam criminosos — gaguejou ela, a respiração ficando acelerada. — Eles nunca…

— Eles acham… — Adrian hesitou. — Nós achamos que são circunstâncias especiais. O Conselho quer enviar a mensagem de que nossos cidadãos nunca mais serão ameaçados por Ace Anarquia e seus seguidores.

O olhar de Nova percorreu a parede íngreme e brilhosa embaixo da janela, a forma como desaparecia nas sombras. Era adequado, pensou ela, que Geladura se oferecesse para tal responsabilidade. Sem dúvida ela estava ansiosa para se vingar das habilidades perdidas, e ela não podia culpar Max.

Nova não tinha medo de morrer. Pelo menos foi isso que ela disse para si mesma. Talvez fosse até menos doloroso do que viver sabendo que tinha fracassado com Ace e com os outros. Que tinha traído o tio ao confiar no Adrian. Que ela nunca se vingaria pelos pais, por Evie.

Ela fungou uma vez e voltou a atenção para Adrian.

— Você disse que havia uma proposta?

As mãos do Adrian estavam fechadas ao lado do corpo de novo, os sinais de pena já ausentes.

— Eu falei para os meus pais que você salvou o Max… ou ajudou, pelo menos, depois que ele foi atingido.

Os pulmões dela se expandiram. Ela não imaginava que Adrian sabia que Pesadelo tinha feito aquilo. Genissa tinha ficado feliz em deixar todo mundo acreditar que fora Pesadelo a responsável por machucar o garoto. Como Adrian podia ter descoberto a verdade?

A não ser que…

— Ele acordou? — gaguejou ela. — O Max, ele está bem?

A expressão do Adrian se suavizou, como sempre acontecia quando ele falava do irmãozinho.

— Ele saiu do coma. Ele… me contou tudo que aconteceu. Que você tentou estancar o sangramento. Que obrigou Genissa a abrir mão dos poderes pra ajudá-lo.

Ela afundou na cadeira fria de metal, tomada de alívio.

E aí, se lembrando de quem era, de quem deveria ser, forçou sua expressão a ficar confusa e cheia de dúvidas de novo.

— A Pesadelo *ajudou* o Max? Eu achava que tinha sido ela quem o atacou. Por que ela faria isso?

Adrian ficou um longo minuto sem se mover, e ela se perguntou se aquele era o primeiro sinal de dúvida que ela via surgir nos olhos dele. Mas Adrian fez um som de deboche, ainda que não de forma tão agressiva quanto antes.

— A questão é que… nós somos gratos. — Pareceu sofrido dizer essa palavra, e ele não a encarou. — Meus pais e eu. Por ter ajudado o Max, nós concordamos em te dar uma chance pra mudar a execução pra uma sentença perpétua de neutralização e aprisionamento.

Uma resposta sarcástica encheu sua boca. Ela não tinha certeza de qual opção preferia no momento.

Mas pensou em Genissa Clark, que devia estar eufórica por agir como executora de Pesadelo, e engoliu o sarcasmo de volta.

— Com uma condição — continuou ele. — Você tem que nos contar onde o elmo do Ace Anarquia, o Amuleto da Vitalidade e o resto dos Anarquistas estão. Me conta onde eles estão e nós vamos poupar a sua vida.

Ela sustentou o olhar dele e ele sustentou o dela enquanto seu coração murchava no peito. Todos os pensamentos sumiram, deixando sua cabeça parecendo uma caverna que ecoava apenas as palavras dele.

O doce e compassivo Adrian Everhart.

Rabisco.

Um Renegado e, verdadeiramente agora, seu inimigo.

— Só me conta onde eles estão, Nova. Por favor. Eu não… — O rosto dele desmoronou, e foi como se ela estivesse assistindo-o lutar consigo

mesmo. A batalha entre seu ódio por Pesadelo e o que ele já tinha sentido por Nova McLain.

Ódio contra afeto.

Fúria contra compaixão.

De um para o outro, sem parar.

— Eu não quero vê-los te matarem… Nova. — O sussurro saiu tão baixo que ela quase não o ouviu pelo alto-falante que os conectava. — Apesar de tudo que você fez… eu não…

A pulsação dela se acelerou com esperança surpreendente e injustificada.

Não esperança de escapar da punição, mas de Adrian ainda gostar dela. Mesmo acreditando que ela era Pesadelo. Nova tinha certeza, o tempo todo, de que qualquer sentimento que Adrian guardasse por ela sumiria assim que ele soubesse a verdade. Seria possível que houvesse um pouco de carinho ainda alojado no coração dele?

Ele estremeceu de repente.

— Porque você ajudou o Max — disse ele de novo com firmeza. — E porque, mesmo que você estivesse agindo como espiã, fez algumas coisas boas como Renegada. Você matou a Detonadora e protegeu as pessoas no Cosmopolis. Salvou aquela criança do incêndio na biblioteca. Mesmo tendo sido fingimento, isso importa. Então, só… conta onde você escondeu o elmo e o Amuleto da Vitalidade. Conta o que sabe sobre os Anarquistas. É só isso que você tem que fazer pra não ter que morrer.

Apesar de ele estar barganhando pela vida dela e apesar de Nova saber quais seriam suas palavras seguintes, aquela fagulha de esperança era persistente. Ela tinha passado a conhecer Adrian Everhart bem o suficiente para saber que havia mais naquela proposta do que as explicações práticas que ele estava dando. A verdade estava evidente por trás das molduras escuras dos óculos dele, e isso fez seu peito estufar ao ponto de quase explodir.

Ao menos uma partezinha mínima do Adrian ainda gostava dela.

Não mudava nada. E mudava tudo.

Encarando os olhos que tanto a hipnotizaram nos meses anteriores, Nova ficou feliz, muito feliz por não precisar mentir para ele de novo.

— Obrigada, Adrian — sussurrou ela. — Obrigada por pelo menos… querer que eu tenha uma chance. Você não sabe o que isso significa pra mim. Mas a verdade é que eu não tenho a menor ideia de onde estejam o amuleto e o elmo. Nem os Anarquistas. Sinto muito, mas eu não sei.

A expressão dele se transformou e, depois de um longo silêncio, Adrian assentiu solenemente. Ele começou a se virar.

— Adrian?

Ele parou e encarou o olhar dela depois de uma breve hesitação.

Nova engoliu em seco.

— Foi bem real — sussurrou ela. — Espero que você saiba disso.

Ele a encarou sem se mover, sem expressão. Por fim, falou:

— Eu queria poder acreditar nisso, Nova. Mas nós dois sabemos que é só mais uma mentira.

CAPÍTULO DEZOITO



— Quando você começou a desconfiar dela? — perguntou Adrian. Seus pés estavam apoiados na cama de hospital do Max, um bloco no colo dele.

Ele estava trabalhando em um novo design de tatuagem. Um coração cercado dos torreões impenetráveis de uma torre de pedra.

Adrian ainda não tinha decidido exatamente que poderes a tatuagem teria, mas o estresse todo com Nova… não, Pesadelo, o deixara abalado, vazio e vulnerável. Havia considerado se transformar no Sentinela só para sentir a segurança da armadura no corpo. A proteção do anonimato. Uma barreira entre ele e o mundo.

— Não sei bem — disse Max.

Ele tinha cortado um lenço de papel para criar um ninho na palma da mão, onde Turbo estava dormindo encolhido, a respiraçãozinha chiando em intervalos de segundos. Turbo estava doente, e os dois percebiam. Max pareceu estar encarando o declínio lento da criatura com coragem, apesar do laço que tinham formado.

Quanto ao próprio Max, ele estava mais forte a cada dia: melhorando impressionantemente rápido, talvez graças em parte à mistura de superpoderes que guardava dentro de si. As bochechas estavam coradas de novo. Havia um brilho nos olhos. O cabelo estava desgrenhado, como sempre.

— Houve um momento no quartel-general, quando eu ainda estava na quarentena, vendo a Pesadelo lutar com a Geladura e os outros. Deu uma sensação familiar, como se eu estivesse vendo os testes de novo. E, em determinado momento, a Pesadelo olhou para cima, direto pra mim, e eu poderia ter jurado… Mas ignorei a sensação porque, sabe como é. É a *Nova*.

— É a Nova — murmurou Adrian.

O lápis arranhou o papel enquanto ele botava sombreado nos detalhes das pedras. Ele ficou tentado a acrescentar algumas seteiras na lateral da torre, como num castelo medieval de verdade, mas desistiu. Queria que aquele muro fosse impenetrável. Sem pontos fracos. Sem formas de entrar.

— Mas aí, quando acordei e comecei a pensar em tudo que tinha acontecido, acho que uma parte minha sabia. Eu ficava me perguntando: por que a Pesadelo me protegeu? A única coisa que fazia sentido era… se ela fosse alguém conhecido. E Nova era a única pessoa…

Quando ele parou de falar, Adrian ergueu o olhar. Max retorceu a boca para o lado enquanto avaliava a culpa de Nova, o segredo de Pesadelo. Balançou a cabeça e esticou a mão livre para a caixinha de achocolatado que uma das enfermeiras tinha levado junto com um canudinho vermelho. Depois de botar a caixinha de volta na bandeja, ele encostou a cabeça nos travesseiros.

— Não vão matar ela de verdade, vão?

Adrian fez uma careta e voltou o foco para o desenho.

— Não sei. Talvez. Ela não quer confessar. Não quer nos dar informações. E o Conselho está convencido de que isso vai mostrar pra todo mundo que temos os Anarquistas sob controle. As pessoas surtaram quando souberam que o Ace Anarquia estava vivo e escondido todos esses anos, e elas estão questionando se pode haver outros vilões por aí, passando o tempo, esperando pra começar uma nova Era da Anarquia. Temos que ter uma postura firme agora, temos que mostrar pra todo mundo que não teremos misericórdia por criminosos. Pelo menos, é isso que o Conselho fica dizendo.

— Acho que eu entendo o lado deles — disse Max. — Mas… é a Nova.

Adrian suspirou.

— Não, Max. É a Pesadelo.

Max franziu a testa e sussurrou:

— Como você acha que Genissa vai fazer?

Adrian tremeu. A pergunta estava se esgueirando em meio aos seus pensamentos desde que Genissa Clark fez a sugestão de executar Pesadelo ela mesma. Ele ficava revendo-a junto com a equipe, perto das docas, torturando a vilã Espinheiro. Torturando, literalmente. Ele não queria acreditar que o Conselho permitiria que algo assim acontecesse, principalmente com o mundo todo assistindo, mas… não teria acreditado que sequer considerariam pena de morte, principalmente sem julgamento, nem permitir que alguém como Genissa tivesse participação nisso.

Ele não sabia mais em que acreditar.

Acabou respondendo:

— Não sei. Mas não acho que ela tenha dado essa sugestão porque queria ser misericordiosa.

Um silêncio os envolveu, preenchido só pelo ruído do lápis do Adrian.

Depois de um longo momento, Max começou a comer uvas, uma a uma, o ruído ensurdecedor no quartinho. Ele ficou olhando cegamente para a parede, mastigando como um robô. Quando a travessa ficou vazia e seus dedos só encontraram os cabos, ele passou a acariciar com um dedo as costas de Turbo, distraído. A criatura soltou um gemidinho enquanto dormia.

— Em que você está trabalhando?

— Ideia nova de tatuagem.

Adrian virou o caderno para ele ver. Max o observou por um momento, mas não fez nenhum comentário sobre o desenho. Um brilho inesperado surgiu em seu olhar.

— Isso me faz lembrar. Eu tive uma ideia de tatuagem pra você. Me passa sua caneta?

Adrian tirou a caneta do bolso e entregou para ele. Max passou um momento considerando a caneta na mão direita e o dinossauro na esquerda. Por fim, enfiou Turbo e o ninho de lenço de papel no espaço entre os joelhos. O dinossauro acordou, gritou e tentou arranhar os dedos do Max com as garras afiadas.

— Ah, menos — murmurou Max, afofando os pedaços de lenço de papel.

Ainda emburrado, o dinossauro girou no papel algumas vezes, ajustou a cobertura fina abaixo de si com os dentes, se deitou e pegou no sono de novo.

Com as duas mãos agora livres, Max rabiscou alguma coisa nas pontas dos dedos. Adrian se inclinou para a frente, mas não conseguiu ver o que era. Depois de fechar a caneta, Max deu um sorriso malicioso e estalou os dedos.

Pequenas fagulhas surgiram nas pontas dos dedos dele, brilhando em branco e dourado.

Adrian ergueu as sobrancelhas.

— Sabia que eu vivo esquecendo que você roubou um pouco do meu poder?

— Eu diria que peguei emprestado, mas… — Max deu de ombros e esticou a mão para mostrar a Adrian os pequenos raios que tinha desenhado na pele. — Eu só consigo fazer fagulhas, mas pensei que você deve conseguir disparar raios de verdade das mãos. Incrível, né?

Adrian começou a sorrir, mas pensar em raios o fez se lembrar da Pássaro do Trovão, o que o fez se lembrar de…

O sorriso dele sumiu.

— A ideia é legal, mas tento deixar as tatuagens escondidas. Meus pais podem começar a se perguntar por que tenho raios desenhados nas mãos.

Max ficou desanimado.

— Faz sentido. E não seria a mesma coisa se saíssem dos seus cotovelos.

— Infelizmente. — Adrian bateu com a ponta de borracha no papel. — Você andou treinando seu novo poder de manipulação de gelo?

— Que nada. Fiz uns cubos de gelo pras minhas bebidas. Não sei se é só porque eu nunca gostei da Geladura, mas… o poder do gelo nunca me interessou. Mas quem sabe? Talvez um dia eu faça patinação no gelo.

Adrian riu, achando graça da ideia de Max deslizando por aí de patins de gelo. Mas pensou na construção sendo feita no quartel-general e, novamente, a leveza do momento passou.

— Ei, Max… Hugh já falou com você sobre… como vai ser depois que você sair do hospital?

— Ainda não. Eu sei que não posso ir morar com vocês, ao menos até aquele Amuleto da Vitalidade aparecer, para o Simon. E também quando

você puder dar a notícia pra eles de que você tecnicamente também é imune a mim.

Adrian fez uma careta, embora Max não tivesse falado de um jeito cruel. Ainda assim, ele sabia que seria mais fácil ir ver Max se contasse aos pais a verdade sobre as tatuagens e sobre como conseguiu essa invencibilidade específica. Mas não sabia como poderia fazer isso sem deixar pistas sobre as outras tatuagens. Seus outros poderes. E sua outra identidade.

— Lembra quando você me levou escondido até o 39° andar no QG pra podermos ficar juntos fora da quarentena?

Adrian assentiu.

— Eu estava pensando que a gente podia remodelar aquele andar pra ser um apartamento pra mim. A gente podia botar umas placas enormes de NÃO ENTRE e avisar a todo mundo que não é seguro prodígios passarem por lá. Será que daria certo?

Mas Max parecia em dúvida, e Adrian não conseguiu mentir e dizer que, sim, talvez desse certo. Ele sabia que o Conselho não deixaria Max andar livremente pelo quartel-general. Era perigoso demais.

Por outro lado, pensar nas paredes de vidro sendo instaladas, formando a nova prisão do Max, deixava seu estômago embrulhado.

— O que foi?

Adrian se libertou dos pensamentos. Max estava de testa franzida para ele.

— Tem alguma coisa que você não está me dizendo — disse ele. Não era uma pergunta.

Adrian engoliu em seco e precisou tentar algumas vezes para conseguir falar:

— Estão reconstruindo a quarentena.

Max ficou imóvel. Ele não pareceu exatamente surpreso. Na verdade, só pareceu levemente decepcionado enquanto pegava o brownie na bandeja. Mas o colocou de volta sem dar nenhuma mordida e passou a raspar o chocolate dos dedos com os dentes.

— Eu fiquei pensando nisso — disse, enfim.

— Vou falar com eles sobre isso — falou Adrian, largando o caderno de desenho no chão e tirando os pés da cama. Ele se inclinou para a frente,

determinado. — Bom, eu já tentei, mas vou tentar de novo. Eles não podem fazer isso com você, Max. Não podem te deixar trancado pra sempre. Você é filho deles, não um prisioneiro. E é um Renegado. Depois da forma como você lutou pra proteger o elmo, ninguém pode negar isso.

Um sorriso leve surgiu nos lábios de Max.

— Eu não protegi o elmo. Pesadelo fugiu com ele e, por minha causa, nós perdemos a Geladura.

— Quem liga pra Geladura? Estamos melhor sem ela.

Max deu uma risada debochada e cética.

— Você é o Bandido. Ajudou a derrotar o Ace Anarquia.

— Eu nem andava quando isso aconteceu.

— Não importa. A questão é que eles não podem te trancar como se fosse um animal. Não é justo. Agora que consigo ficar perto de você, eu posso fazer alguma coisa.

— Às vezes — disse Max, mexendo no guardanapo de pano que estava caído na beirada da bandeja —, eu penso em estar lá fora, andando na cidade. Ou em uma equipe de patrulha, como você. Impedindo criminosos. Sendo incrível. Mas aí penso no que aconteceria se algum outro prodígio passasse por mim e, antes que alguém soubesse o que estava acontecendo, eu tirasse o poder dele. A pessoa não estaria fazendo nada de errado, só… estaria no lugar errado na hora errada. Perto de *mim*. — Ele suspirou. — E isso também não seria justo.

— Nós podemos pensar em jeitos de garantir que isso não aconteça. Tem que haver algum outro lugar pra onde você possa ir. Um lugar onde não fique cercado de prodígios.

— E você vai convencer o Conselho disso, é? De deixar a maior ameaça e a arma mais poderosa que eles têm ao mesmo tempo andar solta por aí?

Adrian piscou. Ele nunca tinha pensado em Max dessa maneira e se perguntou se era mesmo assim que Max se via. Uma ameaça. Uma arma.

Ele era só uma criança.

Merecia fazer coisas normais de criança. Merecia uma vida.

— Eu queria que você pudesse ir pra casa comigo — disse ele. — A mansão é tão grande…

— Mas tem o Simon — disse Max.

Adrian suspirou. *Mas tem o Simon*.

Se ao menos eles ainda tivessem o Amuleto da Vitalidade. Aí Max poderia viver na mansão e os três ficariam protegidos dos poderes dele. Ele poderia finalmente ter uma família. Uma família de verdade.

— Ai! — gritou Max de repente e sacudiu a mão.

O velociraptor tinha mordido seu dedo.

— Olha, se você quer comida, eu pego comida — resmungou Max, mexendo nas sobras da bandeja e achando uns pedacinhos de presunto.

Adrian empurrou os óculos para cima e viu Turbo devorar o banquete. Os movimentos dele iam ficando mais lentos a cada dia, a coordenação, pior. Qualquer dia ele ia simplesmente parar de se mover. Parar de comer. Parar de morder. Ele não pararia de existir, mas se tornaria um daqueles dinossauros de plástico que as crianças ganhavam em máquinas de moedas na sala de espera do hospital, os que vinham em ovos transparentes de acrílico.

— Olha — disse Max, a atenção voltada quase com nervosismo para o animalzinho. — Você já pensou em…

Ele hesitou.

— O quê?

Max limpou a garganta e tentou agir com indiferença, ajeitando os ombros magrelos no travesseiro.

— Você acha que as tatuagens funcionariam se fossem feitas em outras pessoas? Tipo… será que você poderia deixar Simon imune a mim?

Adrian bateu com a ponta do lápis na têmpora.

— Já passou pela minha cabeça, mas eu não sei se…

— Eu sei, eu sei — interrompeu Max. — Pode não funcionar em outras pessoas. E… você teria que contar a eles sobre as tatuagens e isso poderia levar a muitas perguntas e…

— Mas eu pensei nisso — disse Adrian. — Talvez pudesse testar no Oscar primeiro. Ou em Ruby ou em Danna. Eu poderia testar em algum deles. Se der certo…

Max o observou, e Adrian o viu tentando segurar as esperanças. O olhar o encheu de culpa. Valia a pena preservar o segredo do Sentinela se isso

significava que Max ficaria preso para sempre naquela semivida protegida?

— Se der certo — continuou ele, mais insistente agora —, aí eu conto para o Hugh e o Simon e ofereço uma tatuagem para o Simon também. Aí você poderia ir pra casa morar com a gente.

— Não precisa — insistiu Max. — Eu não quero que eles descubram quem você…

— Não, eu *tenho* que fazer isso — disse Adrian. — Se a tatuagem funcionar em outras pessoas, não tem discussão. Você é mais importante do que o Sentinela.

Max se encostou de novo, apesar de parecer mais preocupado do que excitado, pois sua mente começou a percorrer todos os resultados possíveis — se a tatuagem não funcionasse e se funcionasse.

— Tudo bem — ele acabou concordando. — Quanto tempo até a gente saber?

— Vou falar com a equipe amanhã, ver quem aceita ser a cobaia, e vamos marcar um dia pra fazer. A tatuagem precisa de alguns dias pra cicatrizar, e aí… vamos ter que realizar um teste.

— Uma semana, talvez?

Adrian refletiu. Parecia uma estimativa otimista. Ele precisava estar muito concentrado quando estivesse fazendo o desenho, senão corria o risco de o poder ficar enfraquecido pela distração.

E foco era uma coisa que faltava a ele ultimamente.

Mas o que mais ele podia dizer?

— Claro. Uma semana. Talvez.

Max ainda estaria no hospital ou a quarentena já estaria pronta? Ele já teria sido levado para o quartel-general? Adrian tinha a sensação de que a nova quarentena teria medidas rigorosas de segurança acrescentadas, bem mais rigorosas do que a primeira. Talvez fosse mais difícil testar a eficiência da tatuagem quando estivesse cicatrizada.

Mas havia uma ideia rondando seus pensamentos. Uma ideia que talvez fosse meio imprudente. Uma ideia que seus pais certamente reprovariam.

E não seria a primeira vez.

— O que *agora*? — perguntou Max, olhando para ele com cautela.

Adrian se inclinou para perto.

— Por que esperar aqui até a semana que vem? E se a gente tirasse você daqui escondido?

Max riu.

— E me levar pra onde? Uma ilha deserta?

Adrian coçou atrás da orelha com a borracha do lápis e sentiu um sorriso surgindo no rosto. O que pareceu o primeiro sorriso verdadeiro desde que Danna tinha lhe contado a verdade.

— Eu tenho um lugar mais hospitaleiro em mente.

CAPÍTULO DEZENOVE



— Em que momento eu devo te lembrar de que isso é uma péssima ideia? — sussurrou Max.

— Vai ficar tudo bem — disse Adrian, encostado na parede. Eles estavam escondidos em uma pequena alcova com uma pia depois da esquina da estação de enfermagem.

Bem, Adrian estava escondido.

Max estava invisível.

Turbo estava na caixinha, que Max ficou segurando para que ficasse invisível também.

Havia dois enfermeiros: um homem de pé no balcão olhando um arquivo e uma mulher sentada na frente de um computador, comendo distraidamente uma salada verde com um garfo de plástico. O homem tentou algumas vezes envolver a mulher em uma fofoca sobre um dos médicos da equipe, mas ela não pareceu nem um pouco interessada.

Por fim, depois de verificar alguma coisa em uma prancheta, o homem enfiou o arquivo debaixo do braço e saiu andando pelo corredor. Adrian se apertou na parede e prendeu o ar até ele sumir.

— Beleza. Lembra o que dizer?

— Isso nunca vai dar certo — respondeu Max.

— É essa a ideia. — Adrian ajeitou a gola e se aproximou do balcão. — Oi — disse, abrindo um sorriso brilhante.

A mulher ergueu o olhar. Aí arregalou os olhos.

— Oi? — gaguejou ela. — Você não é…?

— Adrian Everhart.

Ele esticou a mão, que ela apertou com uma certa surpresa.

— Isso! Eu estou ajudando a cuidar do Max. É um prazer te conhecer. Nossa, você é igualzinho às fotos das revistas.

— Acho que sim — disse ele com uma risada constrangida.

— Me desculpe, mas você não pode visitar o Max, considerando a… — ela tropeçou nas palavras — condição dele. Mas posso garantir que ele está reagindo muito bem ao tratamento e…

— Na verdade, eu estava querendo falar com você sobre o Max e o tratamento dele. — Ele se inclinou sobre o balcão e baixou a voz. — Em particular, se não houver problema.

— Ah. Hum. — Ela franziu a testa para o computador, insegura. — Sempre tem que ter alguém…

— Só por um segundo. É… você sabe como é… coisa de Renegados. E é importante.

Um toque de curiosidade surgiu no rosto dela.

— Claro. Só me deixe fechar isto…

Ela desconectou o computador, enfiou o garfo no meio das folhas de alface e se levantou. Adrian seguiu na frente, passando pela alcova em que ele sabia que Max estava esperando. Adrian fez um sinal de positivo discreto e parou de frente para a enfermeira. Pensou ter ouvido o ruído abafado de uma camisola de hospital ali perto, mas era difícil saber, com os ruídos e apitos constantes das máquinas naquela ala do hospital.

— Bom… — começou Adrian. — Primeiro, quero que você saiba como minha família está impressionada com o cuidado que Max está recebendo aqui. A qualidade da equipe é evidente e nós simplesmente… nós agradecemos pela atenção de vocês, enfermeiros e médicos, fisioterapeutas e todo mundo mesmo. Está claro o quanto vocês se importam com os pacientes.

A mulher corou.

— Bom, a gente se esforça.

Adrian sorriu para ela.

— Dá para perceber.

Ele viu movimento na estação de enfermagem. O microfone do sistema de comunicação sendo erguido.

— E nós sabemos como o tratamento do Max foge do convencional — continuou Adrian, tentando manter a atenção na enfermeira. — Eu sei que os curandeiros prodígios que trabalham aqui carregam muita responsabilidade, mas sua equipe civil se destacou na recuperação do Max. Vocês fizeram de tudo para garantir que ele receba… nada menos que… o melhor cuidado possível, mesmo sem um curandeiro prodígio.

— Obrigada — disse a enfermeira, ao mesmo tempo que uma hesitação surgia no tom dela. — Mas havia alguma coisa que você precisava discutir…?

Ela começou a olhar na direção do computador.

— Remédios! — disse Adrian.

Ela deu um pulo, sobressaltada.

— Nós, hã… nós sabemos que está havendo falta de alguns fármacos, principalmente depois do roubo que saiu no noticiário um tempo atrás, e queríamos verificar se… o estoque de vocês está sob controle. Com tudo que…

Um alto-falante estalou no teto, seguido de uma voz explodindo no corredor. Era a voz do Max, mas mais grave, numa tentativa de parecer mais velho, repetindo as palavras que Adrian tinha treinado com ele depois de ouvi-las algumas vezes durante as visitas.

— Três dois um! Três dois um! Todos os funcionários de emergência disponíveis, apresentem-se no quarto 116 imediatamente! Precisamos que *todos* os curandeiros prodígios se apresentem imediatamente. Repito, um alerta três dois um!

A enfermeira inclinou a cabeça.

— Queria saber quem foi esse — refletiu ela. — Deve ser novo.

— Pareceu importante — disse Adrian enquanto, com o canto do olho, via o microfone ser colocado no lugar. — É melhor eu te liberar. Podemos discutir isso depois.

— Ah, esse alerta só se aplica a curandeiros pro…

— Continue o bom trabalho!

Adrian deu um tapinha em seu braço e passou por ela, depois pela estação de trabalho.

— Viu? — sussurrou ele, torcendo para Max estar ao seu lado quando virou no corredor seguinte. — Nada de curandeiros, nada de prodígios, nada de preocupação. Vem por aqui. — Ele foi na direção dos elevadores do lado sul.

— Isso até que é divertido — sussurrou Max. — Eu me sinto como um espião em um daqueles filmes antigos de ação.

As bochechas do Adrian se ergueram com um sorriso, e ele se perguntou se seria mais legal ser espião ou super-herói. Talvez eles fossem um pouco dos dois.

— Você seria um espião incrível.

— Eu sei. Ninguém nunca desconfia da criança.

Adrian riu.

— Por isso e por essa coisa aí da invisibilidade.

— Isso nem precisa dizer.

Adrian levou um susto com o som de passos indo na direção deles. Chegou mais perto da parede e esticou o braço para botar Max para trás de si (uma coisa que devia parecer bem estranha), mas nenhum dos dois homens de uniforme azul prestou atenção nele.

Mas, quando eles estavam a vinte passos, o mais baixo dos dois tropeçou inesperadamente e quase caiu em cima de um carrinho cheio de bandejas praticamente vazias e copos de papel.

O amigo dele parou.

— Você está bem?

— Estou. Só me sinto… estranho de repente — disse o médico, colocando a mão no peito. — Não como se fosse um ataque cardíaco, mas…

— *Merda, merda, merda* — sussurrou Max. — Fui eu. Ele é prodígio. Eu…

Adrian esticou a mão no ar e encontrou o braço do irmão, puxou Max para a frente, apesar de o garoto resistir um pouco, tentando puxar Adrian na outra

direção, para longe dos médicos. Adrian segurou com firmeza. Ao perceber que era inútil, Max parou de protestar e eles se apressaram pelo corredor.

Os médicos ignoraram Adrian enquanto o mais alto tentava ajudar o amigo a se sentar em uma cadeira em uma alcova com um computador.

Antes de virarem a esquina seguinte, Adrian olhou para trás. O curandeiro prodígio estava mais empertigado, assentindo para alguma coisa que o companheiro estava dizendo para ele.

— *Todos* os curandeiros vão direto para o primeiro andar! — exclamou Max, ficando visível, presumivelmente para que Adrian pudesse ver o olhar mortal dele. — Foi o que você me falou. Um alerta três dois um vai garantir que *não* haja prodígios…

— Tudo bem, tudo bem — disse Adrian, levantando as mãos. — Aquele estava indo devagar.

— É exatamente por isso que eu não devia ter te deixado me convencer disso. Aquele cara tem vidas pra salvar! Pacientes! Responsabilidades! E agora…

— Ele está bem — disse Adrian, indo na direção do elevador. Max foi atrás dele, ainda carregando a gaiola do Turbo nas duas mãos. — Você nem chegou perto dele. Só deve ter tirado um pouquinho do poder dele.

— Mas e se esse pouquinho for a diferença entre uma cirurgia cardíaca bem-sucedida e uma aorta cortada?

Adrian fingiu uma expressão confusa.

— O que é aorta?

— É a artéria grande que… — Max fez uma pausa. — Você está fugindo da pergunta.

Turbo deu um berro de raiva.

Com uma risada, Adrian apertou o botão de subir com o polegar.

— Ele está bem. Você também. Nós não vamos passar por mais nenhum curandeiro prodígio.

Max fez um ruído de deboche.

— E pacientes prodígios? Enfermeiras? Familiares fazendo visitas? Além disso… por que nós vamos subir? Achei que a ideia era sair do hospital.

— Tenho um plano. E, olha, eu sei que você passou a vida toda cercado de

prodígios, mas eles não são tão comuns assim fora do quartel-general. As chances de a gente dar de cara com mais algum são bem baixas. Confia em mim, está bem?

Max amarrou a cara, mas não discutiu quando o elevador chegou e as portas se abriram.

Uma enfermeira começou a sair e Max ficou paralisado e se empertigou.

— Sr. Everhart? O que você está fazendo aqui? O que… — Ela reparou na gaiola nas mãos do Max, mas Turbo tinha adormecido de novo, e talvez ela tenha achado que era um dinossauro de plástico da máquina. Sem esperar resposta, ela apertou os olhos e esticou os braços, segurou o cotovelo do Max e o guiou de volta para o corredor. — Eu sei que você deve estar ficando inquieto por ter que ficar naquela cama o dia todo, mas não pode ficar zanzando pelos corredores sem supervisão. Você sabe disso, né? — Ela lançou um olhar reprovador de testa franzida para Adrian. — Sei que seu amigo vai entender. Agora, venham, vou levar vocês… dois…

A voz dela ficou arrastada. A atenção dela ainda estava em Adrian quando as pálpebras começaram a se fechar. O pé deslizou mais meio passo para a frente e ela começou a cair de cara na direção do linóleo.

Adrian quase não conseguiu pegá-la; segurou-a pelas axilas e a testa dela bateu em seu peito.

Ele olhou para Max e para os braços magrelos e pálidos do garoto, as partes internas dos cotovelos pontilhadas de hematomas novos e antigos.

Adrian entendeu na mesma hora o que tinha acontecido. A julgar pela expressão do Max, os dois entenderam.

— Eu achava que não tinha tirado nenhum poder da Pesadelo.

— Eu também não — disse Max. — Entrei em pânico agora. Não pensei… só aconteceu. Mas… mas a Pesadelo não pareceu afetada por mim quando ela… — Ele parou de falar a arregalou os olhos. — *Ah*.

— Ah?

— Na quarentena. Eu devo ter assimilado quando a Nova entrou na quarentena.

Adrian engoliu em seco. Sim. Claro. A noite em que Pesadelo roubou o elmo não foi a primeira vez em que ela cruzou o caminho do Max.

Era só mais uma prova contra ela e, embora mais um lembrete de quem e o que ela era não devesse tê-la magoado, foi o que aconteceu.

Ele pensou de novo na tatuagem que estava planejando e imaginou botar outra pedra no muro em volta do coração.

— De qualquer modo, bom trabalho — disse Adrian.

A porta do elevador começou a se fechar e Adrian a segurou com o pé. Abriu de novo com um apito. Ao ver uma maca vazia perto da parede, Adrian colocou a moça nela.

— Duvido que você tenha assimilado muito do poder da Pesadelo, então a enfermeira não deve ficar apagada muito tempo. Vem.

Eles entraram no elevador na hora em que um zumbido irritante começou a soar nas portas, alertando que iam fechar desta vez, quer eles quisessem ou não.

— Eu ficaria invisível de novo, se fosse você.

Max sumiu na hora em que Adrian apertou o botão do último andar.

Segundos depois, eles saíram em uma sala de espera serena, com cheiro de talco e o som de um bebê chorando vindo de um corredor próximo.

— *Não* — disse Max de forma enfática, puxando a manga do Adrian. — A maternidade? Você está louco? Não ligo para o que você disser, pode haver uma mãe prodígio aqui… ou e se houver um bebê? Não posso…

— Será que dá para você relaxar? — sussurrou Adrian para ele, ganhando um olhar estranho da enfermeira sentada na recepção. Ele sorriu e segurou discretamente a camisola de hospital do Max para puxá-lo para a frente. — Oi — disse ele, apoiando o cotovelo livre no balcão ao lado de uma lista de visitantes. — Tem como chegar ao terraço a partir deste andar?

A expressão já desconfiada se fechou ainda mais.

— O terraço não fica aberto ao público — disse ela, como se isso nem fosse necessário dizer.

— Ah, eu sei — disse ele com uma risada leve. — Eu sou Adrian Everhart. Meus pais são Hugh Everhart e Simon Westwood, sabe?

Isso foi recebido com reconhecimento imediato. A boca da enfermeira formou um O surpreso.

— Certo — continuou ele. — E, como tenho certeza de que você sabe,

meu irmão, Max, está internado aqui e, bem, os outros membros do Conselho passam aqui de vez em quando para ver como as coisas estão indo. Nós somos uma grande família feliz de super-heróis lá no quartel-general, e todo mundo está preocupado com o garoto.

Houve um ruído de deboche vindo da direção onde Max estava.

— *Então* — persistiu Adrian —, Tamaya, er, Pássaro do Trovão vai passar aqui a qualquer hora e me pediu para dar um relatório completo da condição do Max. E você sabe que a Pássaro do Trovão sempre voa pelos telhados. Nunca usa a entrada principal. Coisa de super-heróis. Se eu tivesse asas…

Max cutucou a lateral do Adrian com força, e Adrian segurou um grunhido.

— Ou seja… como a gente chega ao telhado daqui?

A enfermeira os levou até uma porta simples e digitou um código em um teclado numérico enquanto Adrian garantia a ela que um autógrafo do Capitão Cromo não seria problema. Ele tentou se lembrar de cumprir aquela promessa quando Max e ele subiram correndo as escadas e chegaram ao topo do hospital.

O vento leste soprou. Lá de cima, Adrian conseguia ver a ponte Sentry, a Torre Merchant… até a garagem onde ele e Nova fizeram a vigilância do hospital quando estavam tentando impedir Espinheiro e a gangue dela.

Ele passou pelo heliporto no meio do terraço e foi na direção da parede norte.

Max, visível agora, parou ao lado dele e observou os telhados da cidade: as torres de água, as saídas de incêndio, as janelas cintilando no sol do fim de tarde.

— Você pediu um helicóptero pra nós?

Ele riu com ironia.

— Nada glamoroso assim.

— Então o que a gente está fazendo no terraço?

— Você queria evitar estar perto de prodígios o máximo possível, né? Bom, como você disse, nas ruas nunca se sabe por quem podemos passar. Mas aqui em cima, o céu é nosso.

Max deu um passo para trás com as mãos erguidas.

— Aah, não. Sei que você teve que me carregar como se eu fosse um saco de batatas quando me trouxe para cá, e isso já é bem constrangedor. Você não vai se tornar meu modo de transporte usual. Valeu, mas dispenso.

— Você estava à beira da morte. Não tem nada de constrangedor nisso.

— Ah, bem, vamos ver como você vai se sentir na próxima vez que quase morrer e *eu* tiver que te carregar por metade da cidade.

— Parece relaxante. Olha, eu não vou te carregar pra lugar nenhum. Não preciso. Me deixa segurar o Turbo pra você se concentrar.

— Me concentrar em quê? — perguntou Max enquanto entregava a gaiolinha.

— Só olha.

Adrian inspecionou a estrutura mais próxima, um prédio comercial quadrado do outro lado da rua, aninhou a gaiola no braço e se agachou. Ele sentiu as tatuagens de mola se ativarem nas solas dos pés. Ele pulou.

O ar zumbiu em seus ouvidos e, pelo mais breve dos momentos, ele sentiu como se estivesse voando.

Adrian chegou ao terraço seguinte e se agachou, com uma das mãos apoiadas no concreto áspero.

Acordado novamente, o velociraptor arranhou com infelicidade as grades do confinamento, tentando fugir. Adrian o ignorou. Limpou os dedos na calça e se virou para Max.

O garoto estava com cara de intrigado. Abriu os braços e gritou pelo vão:

— Eu não tirei tanto do seu poder assim! Eu não consigo fazer o que você faz!

— Eu sei — disse Adrian. — Mas consegue fazer o que o Ace Anarquia faz.

Max deixou os braços penderem. Ele recuou, confuso.

— Você tem telecinese — lembrou Adrian. — Eu sei que consegue levitar. O que significa que consegue *voar*.

O queixo do Max se moveu sem emitir som por um momento, depois ele sacudiu a cabeça.

— Eu nunca fiz mais do que flutuar alguns metros no ar.

Adrian deu de ombros.

— É a mesma coisa.

— É, exceto pela queda de vinte andares!

— Se você cair, eu te pego.

Max observou a rua lá embaixo com as sobrancelhas franzidas. Começou a esfregar os braços. Não estava usando roupas de frio, e menos ainda algo que impedisse os ventos intensos que vinham da baía.

— Você consegue. Você é o Bandido. É um Renegado.

Max fechou os olhos e abriu as mãos com as palmas para cima. Seus pés deixaram a borda do prédio até que pairasse a trinta centímetros do terraço.

Um sorriso se abriu no rosto do Adrian. Como a habilidade do Ace Anarquia, o controle do Max sobre a telecinese costumava se aplicar só a objetos inanimados, não a humanos nem a animais. A única exceção era ele mesmo. Adrian sabia havia um tempo que Max era capaz de levitar, mas era diferente ver com os próprios olhos.

— Isso mesmo — murmurou Adrian para si mesmo, sem querer distraí-lo.

Um alarme soou em algum lugar dentro do hospital.

Max ofegou e voltou ao chão.

— Vem! É agora ou nunca! — gritou Adrian.

Max pareceu imobilizado, paralisado pela indecisão.

E aí, para o horror do Adrian, ele balançou a cabeça e começou a andar de volta para a escada. Para a segurança do quarto de hospital. Para a segurança entorpecedora da quarentena.

— Max!

O garoto se virou de novo e saiu correndo. Desta vez, não hesitou. Saltou da borda do telhado com os braços esticados.

Adrian prendeu a respiração e se preparou para pular e segurar o irmão ao primeiro sinal de perigo.

Mas não foi necessário.

Uma risada orgulhosa saiu da boca de Adrian quando Max soltou um grito de alegria.

Adrian estava certo. O Bandido era capaz de voar.

CAPÍTULO VINTE



O REFEITÓRIO DA PRISÃO ESTAVA sinistramente silencioso, como sempre. Não havia nada além de fungadas de narizes escorrendo por conta do vento gelado lá fora e o clique de talheres de plástico em bandejas de plástico. Nova estava no fim da fila, invejando que as pernas do macacão na frente dela cabiam na pessoa que o usava. Ela sempre tinha que dobrar as dela.

A fila andou.

Ela andou junto.

Sua atenção se deslocou para a mesa mais próxima, onde dois detentos estavam sentados lado a lado, virados para a parede dos fundos do refeitório. Para desencorajar conversas, todos os assentos ficavam de um lado só das mesas, e todos os detentos ficavam virados para o mesmo lado enquanto comiam. Nova olhou para as bandejas deles, apesar de não saber para quê. Ela já sabia o cardápio de cor. Pão. Legume misterioso. Batata. Peixe. Não devia ser domingo, porque ela não viu ninguém com a desejada fatia de queijo.

Um gesto estranho chamou sua atenção. Uma das detentas sentadas bateu com o cabo do garfo duas vezes na lateral da bandeja antes de pegar uma garfada de legumes. Um segundo depois, o prisioneiro ao lado dela passou os dentes do talher no canto da bandeja dele.

Nova não sabia o que significava, mas tinha certeza de que eles estavam se

comunicando.

Alguém grunhiu atrás dela e, ao perceber que a fila tinha andado, ela chegou para a frente e pegou uma bandeja.

Ela se sentou no lugar de sempre, entre as pessoas de sempre, que, como sempre, não tentaram falar com ela. Mas observava o salão com interesse renovado. Agora que tinha reparado na interação astuta, começou a ver outros sinais do que achava ser uma linguagem secreta entre os detentos. Alguns gestos eram tão sutis (uma coçada no nariz, um movimento de sapato, uma colher girada no sentido anti-horário na mesa) que boa parte podia ser coincidência.

Mas Nova tinha certeza de que boa parte não era. Os detentos tinham encontrado um jeito de falar uns com os outros, afinal.

Ela se perguntou quanto tempo teria que ficar ali para começar a entender aqueles sinais.

— Você conhece o Titereiro?

A pergunta foi feita em uma voz tão baixa que Nova quase achou que tivesse imaginado.

Ela olhou para o lado, para um homem careca cuja pele e olhos eram amarelo-néon. Com isso e as listras do macacão, olhar para ele quase machucava os olhos.

Ele manteve a atenção na comida.

Nova enfiou o garfo no peixe e o cortou em pedaços. Antes de colocar um bocado na boca, murmurou:

— Sim.

Por muito tempo, seu vizinho ficou em silêncio, e ela achou que a conversa deles podia ter acabado.

Mas depois:

— Ele está bem?

Ela fez uma pausa, com um pedaço de pão parcialmente destruído na boca. Winston estava bem?

Depois de engolir, ela respondeu:

— Não sei. Faz tempo que não vejo.

Ela pensou em contar que Winston tinha sido neutralizado. Que os

Renegados tinham tirado os poderes dele. Mas não sabia se os detentos sabiam sobre o Agente N, e achava que não conseguiria explicar aquilo em frases curtas murmuradas.

Seu vizinho continuou colocando comida na boca.

Nova passou a comer mais devagar. Normalmente, ela comia rápido, para engolir o máximo de comida possível sem precisar sentir o gosto. Mas era tão bom falar com alguém, ter alguma interação humana, que ela já estava temendo a hora que acabaria.

— Pegaram ele semanas atrás — disse o homem. — Achei que já devia estar de volta.

Nova pensou sobre isso. Para *onde* tinham levado Winston depois que ele foi neutralizado? Ela achava que fazia sentido ele não ter sido enviado de volta a Cragmoor, afinal não era mais prodígio. Ele teria sido enviado para aquela prisão civil no norte? Ou para uma instituição de saúde mental? Ou será que ainda estava no quartel-general dos Renegados, servindo de cobaia para mais experimentos para os quais não tinha se voluntariado?

— Ele disse que você que entregou ele — continuou o homem.

Nova demorou um pouco para entender que ele estava falando sobre o desfile, quando ela jogou Winston do balão e permitiu que ele fosse capturado pelos Renegados enquanto se salvava. Seu estômago se contraiu de culpa, não pela primeira vez.

Mas quando ela ousou lançar um olhar de lado para o estranho, ela viu que ele estava sorrindo.

— Disse que você nunca desiste. Disse que era disso que ele gostava em você.

O olhar dele se desviou para o lado e encontrou o dela. Eram tão brilhosos aqueles olhos que era um pouco como olhar para sóis gêmeos.

Nova murchou os ombros. Ele era atroz, o Winston. Como Titereiro, tinha feito coisas horríveis, coisas que até os outros Anarquistas viam com desconfiança. Mas ela não conseguiu evitar a ternura que tomou conta dela quando pensou em Winston, naquele lugar frio e brutal, dizendo coisas gentis sobre ela, mesmo depois do que ela tinha feito com ele.

Alguém segurou a cabeça de Nova de repente e forçou seu rosto para

longe do vizinho.

— Olhos pra frente! — gritou o guarda. — Sem conversinha!

Ela trincou os dentes. Houve um momento em que soube que a mão do guarda estava tocando o *suficiente* de pele para ter conseguido usar o poder nele. E Nova quase estava com raiva suficiente para fazer isso.

Mas resistiu. Não disse nada nem olhou de cara feia para as costas do guarda quando ele se afastou. Os nós dos seus dedos estavam brancos, apertando a colher, mas ela não revidou. Não daria a eles a satisfação de a punirem por isso.

Nova jogou toda a sua fúria na mandíbula e mastigou outro pedaço de pão.

Ela sentiu a mudança mais do que ouviu. O salão já estava bem silencioso, mas de repente o silêncio ficou palpável. As mastigações, o movimento de talheres… foi quase como se até as respirações parassem.

Nova ergueu a cabeça.

O diretor estava indo até o fundo do salão, de forma que todos os detentos estivessem virados para ele. Estava com um terno cinza idêntico ao que usava todas as vezes em que ela o vira.

— Prestem atenção — gritou o diretor. — Tenho um anúncio a fazer e não pretendo explicar mais de uma vez. — Ele parou no centro do salão, franziu o cenho para os detentos e se virou para um dos guardas. — Está faltando um.

— Ele está sendo trazido da solitária agora — respondeu o guarda.

O diretor expirou, exasperado, mas não teve que esperar muito. Momentos depois, uma porta se abriu perto do canto da sala, uma porta que Nova só tinha visto fechada.

E ali estava Ace.

Ele estava ladeado por dois guardas, sendo levado lentamente para o refeitório.

Nova enrijeceu. Ace estava quase irreconhecível. Tinha definhado ainda mais desde que ela o vira pela última vez e não se parecia mais com ele mesmo. A pele pendia das bochechas. Os olhos estavam afundados no rosto, a pele em volta praticamente translúcida. Os pés se arrastavam como se ele mal conseguisse andar, e ficou claro que ele sentia dor a cada passo hesitante.

Ainda assim… os outros prisioneiros o reconheceram. Pelo menos muitos

pareceram reconhecer. Ela percebeu, não só pelo silêncio impressionado, mas pela forma como os mais próximos deram um aceno quase imperceptível quando ele passava, demonstrando respeito pelo homem que já tinha liderado tantos deles na revolução.

Os guardas, por sua vez, ficavam em posição de sentido, com as mãos nas armas ou os dedos esticados, preparados para usarem seus poderes se necessário. Eles ficavam tensos com Ace no salão e olhavam para ele como se fosse um tigre que pudesse ou não ter força para arrebentar a guia.

O medo que sentiam era indevido. Como não percebiam? Ace estava doente. Estava morrendo.

Os guardas o fizeram dar a volta nas mesas até uma mesa solitária separada das outras. Ele estava a poucas mesas de distância dela quando os olhos de Ace de repente se iluminaram com reconhecimento. Seus olhos encontraram os de Nova e se arregalaram. Ele parou de repente e sobressaltou os guardas ao lado.

Ace olhou para ela boquiaberto, e Nova viu a compreensão tomando conta dele. Tinha sido capturada. Era prisioneira, como ele. A tristeza franziu sua testa, e Nova sentiu sua própria desesperança crescer outra vez.

Ela queria pedir desculpas… por ter falhado com ele de novo. Queria dizer o quanto ainda o amava. Que não tinha desistido.

Ace começou a tossir. Não foi uma tosse polida, causada pelo tempo gelado, mas uma tosse rouca e agitada que logo o fez se curvar e ter dificuldade de ficar de pé. Nova ofegou e se levantou do banco, mas o garfinho de plástico foi arrancado de repente da mão dela. Em um movimento, foi virado e os dentes enfiados na manga do macacão, prendendo-a na mesa. Ela amarrou a cara e pegou o garfo. O cabo se partiu no meio, mas os dentes continuaram enfiados no tecido.

Ela bufou e, ao erguer os olhos, viu que não tinha sido a única a querer ajudar Ace. Três dos detentos mais próximos dele também tinham pulado dos assentos. Um até conseguiu segurar o braço do Ace para que ele não caísse para a frente e batesse a cabeça, antes que os guardas começassem a gritar e os empurrar para trás. No meio da confusão, Ace foi empurrado na parede e deslizou até o chão, uma das mãos apertando o peito enquanto as tosses

diminuíam até um chiado doloroso.

Mais detentos estavam de pé agora, gritando para os guardas. *Façam alguma coisa. Ajudem. Ele precisa de um médico.*

Um dos guardas bateu com as palmas das mãos uma na outra e uma onda de pressão se espalhou e derrubou todos no caminho. Vários prisioneiros caíram no chão. Um bateu com a cabeça em um banco. Embora Nova não tivesse recebido o impacto mais forte, o ataque inesperado a empurrou para trás.

Só então a pressão nos dentes do garfo diminuiu. Ela puxou o braço da mesa e arrancou com raiva o plástico do tecido.

— Qual é o problema de vocês? — gritou o homem ao lado dela, o que conhecia Winston. Ele não tinha se levantado com os outros, mas a fúria estava clara no rosto dele. E apontou para Ace com a colher. — Ele não é uma ameaça pra vocês, qualquer um pode ver. Ele precisa de ajuda!

— Ah, é? — disse outro guarda enquanto se curvava para segurar as algemas do Ace. Ele o puxou para que ficasse de pé, fazendo questão de não ser gentil. — Ele matou um monte de pessoas. Quem as ajudou?

Nova mordeu a bochecha por dentro. Ainda estava segurando o cabo do garfo quebrado e se viu tentada a pular por cima da mesa e enfiar aquilo no olho de um daqueles guardas. Nem ligava muito para qual seria.

Mas um movimento chamou sua atenção. O que havia restado de comida estava se rearrumando. As migalhas de pão, a casca da batata, alguns pedaços do que ela imaginava ser repolho cozido. Tudo se juntou e se retorceu em formatos familiares para passar uma mensagem.

Dizia simplesmente: *Não*.

Ela engoliu em seco e ergueu o olhar.

Ace não estava olhando para ela. Seu foco ficou longe dela o tempo todo, desde o momento em que ele foi arrastado pelo refeitório até ser colocado no banco da mesa solitária.

O diretor bateu palmas três vezes, alto e lento.

— Sempre com suas entradas impactantes — disse ele com expressão de desdém.

Ace o ignorou. Ainda estava respirando com dificuldade, meio caído sobre

a mesa. A forma como os guardas próximos apontavam as armas para ele era quase cômica.

Até que Nova olhou para a palavra no prato e lembrou que, mesmo naquele estado, Ace não estava impotente.

— Eu fui informado pelo quartel-general dos Renegados — comunicou o diretor — que, no fim do mês, todos nós vamos fazer um passeiozinho.

Uma onda de interesse se espalhou entre os detentos, acompanhada de desconfiança.

— Nessa excursão, nós esperamos cooperação total. Vocês vão ficar algemados juntos durante toda a viagem. Vão estar com as mãos protegidas. Criamos máscaras e vendas especiais para os que têm habilidades que funcionam além dos limites dos membros. Arranjos especiais serão feitos para os que têm talentos peculiarmente impossíveis de conter.

A voz dele abaixou, em tom de aviso, com um olhar para Ace. Era como se o diretor estivesse olhando um cadáver, pela total falta de reação dele.

Nova mordeu a bochecha por dentro.

A revelação pública do Agente N. A neutralização. Sua execução. Tudo ia acontecer, e em pouco tempo.

— Teremos reforços para ajudar com a segurança — continuou o diretor. — Se em algum momento algum de vocês piscar de uma forma que nos desagradar — ele fez uma pausa dramática, o olhar grudado nos detentos —, não vamos hesitar em matá-los.

Ninguém falou. Ninguém se moveu.

— Eu admito — disse o diretor com um sorriso arrogante — que estou com esperanças de que algum de vocês queira testar essa promessa.

Ele assentiu para os guardas e foi na direção da saída do refeitório.

— Mas aonde a gente vai? — perguntou um dos detentos. — E pra quê?

O diretor parou, com expressão arrogante.

— Vocês vão ver. Eu detestaria estragar a surpresa.

Ele saiu; os guardas não perderam tempo e já foram tirar Ace do salão. A respiração de Nova se acelerou enquanto ela o via sair.

Quando a porta se fechou, ela afundou no banco, infeliz novamente. Solitária e impotente mais uma vez.

O silêncio pairou sobre as mesas enquanto os detentos trocavam olhares perplexos e curiosos. Um guarda gritou:

— Dois minutos! Tragam a bandeja se tiverem terminado, agora!

— Melhor comer mais um pouco — murmurou seu vizinho.

Nova rosnou e ficou com vontade de dizer que tinha perdido o apetite. Mas os olhos amarelos dele se dirigiram para baixo e ela se deu conta do que ele queria dizer. A mensagem ainda estava lá.

Ainda segurando o cabo do garfo com aperto mortal, ela empurrou a comida pelo prato até a palavra deixar de existir.

Alguns detentos se levantaram e começaram a empilhar as bandejas, mas a maioria ficou no lugar, fingindo terminar a refeição. Nova reparou em mais daqueles gestos minúsculos acontecendo, quase em sincronia agora, enquanto os guardas conversavam distraidamente entre si.

Ela observou os prisioneiros com irritação, desejando saber o que todo mundo ao seu redor estava dizendo.

— Ei — murmurou seu vizinho.

— O quê? — respondeu ela, alto demais. Um guarda olhou para eles de cara feia antes de assentir para algo que o colega dele estava dizendo.

Ao seu lado, o homem com olhos néon pegou a colher e bateu com a parte de trás uma vez na mesa.

Nova olhou. Primeiro para a colher, e depois para ele.

O sorriso dele foi largo e meio torto.

— Significa que estamos unidos — disse ele. — Vilões até o fim.

CAPÍTULO VINTE E UM



— Tem certeza de que a Ruby não está em casa? — perguntou Max, tão perto do irmão que não parava de pisar nos calcanhares de Adrian enquanto seguiam pela calçada.

— Claro que ela não está em casa. Eu mandei uma mensagem pra ela duas horas atrás — disse Adrian. — Eu não colocaria a Ruby em risco.

— Tudo bem, mas… e se um dos irmãos dela for um prodígio e ninguém souber ainda? Ou um dos vizinhos? Ou…

— Não são — interrompeu Adrian. — Os irmãos dela idolatram os Renegados, se tivessem demonstrado qualquer sinal de superpoderes, fariam questão de que todo mundo soubesse. Quanto aos vizinhos, depois que você estiver dentro do apartamento, vai ficar tudo bem. Nenhum prodígio vai chegar perto e você não vai ter que se preocupar de roubar os poderes deles sem querer, está bem?

Max não disse nada, e Adrian visualizou facilmente a expressão de dúvida dele.

— Olha, vai ficar tudo bem — disse Adrian. Ele passou um braço pelo pescoço do Max e o puxou para perto. O garoto grunhiu e lutou, mas sem muito empenho. — A família da Ruby concordou com isso. Ninguém quer te ver preso numa quarentena de novo. E, quando eu conversar com o Hugh e o Simon, sei que eles vão entender.

— Eles vão ficar tão zangados.

— Eu sei. Mas vão superar. E… — Adrian parou na frente de um prédio de cinco andares com fachada de tijolos gastos — … chegamos. A famosa residência Tucker.

— Famosa como? — perguntou Max, olhando com cautela para as fileiras de janelas altas, para a saída de incêndio e para as poucas sacadas que só tinham espaço para alguns vasos de plantas.

— Porque é o lar da Assassina Vermelha e dos seus ajudantes gêmeos. Vem.

Max o seguiu para dentro do prédio, e eles subiram o primeiro lance de escadas. Um papel de parede desgastado, porém elegante, cobria as paredes do corredor estreito iluminado por arandelas acesas. Adrian parou na frente do apartamento de Ruby e estava prestes a bater quando a porta se abriu e revelou dois garotos idênticos, só um pouco mais velhos do que Max. O rosto deles estava brilhando de tanta empolgação, os dois meninos usando fantasias de Renegado que a mãe e a avó deles tinham feito para a Olimpíada dos Ajudantes.

Adrian tinha perguntado a Ruby como identificar os gêmeos e ele só levou um momento para lembrar, a explicação dela fazendo sentido rapidamente. O cabelo do Jade era mais comprido e mais bagunçado, enquanto Esterlino usava o cabelo em um corte mais baixinho. Ele tinha começado a pensar no menino como Esterlino Baixinho, apesar de os garotos terem a mesma altura.

— Vocês chegaram! — disse Jade.

Enquanto isso, Esterlino gritava por cima do ombro:

— Mãe! Vó! Eles chegaram!

— Entra, entra. — Jade acenou com a mão e os convidou a entrar. — Isso é tão legal. A Ruby disse que você roubou o poder do Ace Anarquia, né? É verdade?

— E você consegue levitar? — perguntou Esterlino.

— E ficar invisível, como o Guardião Terror, né? — acrescentou Jade.

— Você tem superforça como o Capitão? Se levasse um tiro na cabeça, você morreria?

— Cara. — Jade bateu no ombro do irmão. — Ele estava no hospital porque enfiaram uma lança na barriga dele. O que você acha?

— Ei, o que é isso? — Ignorando o irmão, Esterlino apontou para a pequena gaiola que Max estava segurando.

— Garotos, garotos, não fiquem em cima deles assim! — disse a mãe dos gêmeos, saindo de um quarto nos fundos. Ela abriu um sorriso de desculpas para Adrian. — Se vocês não perceberam, eles ficaram meio empolgados quando contamos sobre o nosso hóspede novo. Você deve ser o Max. Ruby falou tanto sobre você. É um prazer te conhecer. E muito bom te ver de novo, Adrian.

Max aceitou graciosamente o aperto de mão dela, mas Adrian percebeu que ele estava nervoso e agitado por causa da atenção dos gêmeos.

— Meninos, por que vocês não levam o Max até seu quarto pra ele se acomodar? Você pode ficar com a cama da Ruby ou brigar com esses dois pestinhas pelo beliche de cima. O jantar fica pronto em uns vinte minutos. Adrian, você vai jantar com a gente?

Adrian fez uma careta.

— Talvez… — respondeu ele, olhando para Max. — Mas tenho que me encontrar com o resto da equipe pra começar a fase seguinte da nossa investigação dos Anarquistas.

— Eu vou ficar bem — disse Max, ainda nervoso, mas se esforçando para fingir que não. — Onde a Ruby vai ficar enquanto eu estiver aqui?

— Com Danna — respondeu a sra. Tucker. — E a mãe do Oscar disse que ela é bem-vinda também se for necessário.

— Tem vários quartos de hóspedes na mansão do prefeito também — disse Adrian. — E sempre há alojamentos livres no quartel-general.

A sra. Tucker uniu as mãos.

— Ela vai ficar bem. Nós estamos felizes de receber você aqui, Max. Você pode ficar pelo tempo que precisar. Jade, Esterlino? — Ela inclinou o queixo na direção dos fundos do apartamento.

— Ah, é, vem! — gritou Jade, seguindo pelo corredor. — O quarto é pra cá.

— Essa coisa aí é *de verdade*? — perguntou Esterlino, que não tinha parado de olhar para Turbo.

— Hum, é. – Max ergueu a gaiola para eles olharem. — Ele está meio

doente agora, mas… este é o Turbo. Ele é um velociraptor. Mais ou menos. Adrian que fez.

— Não acredito — murmurou Esterlino. Aí gritou para o irmão: — Jade! Você tem que ver isso!

Ele saiu correndo. Com uma risada constrangida, Max começou a ir atrás dele, aí hesitou e se virou para Adrian com uma pergunta no olhar.

— Vou vir te visitar o tempo todo — disse Adrian. — Se precisar de alguma coisa, manda uma mensagem pra Ruby que ela me avisa.

Max assentiu.

— Você vai dizer pra eles onde eu estou?

Adrian sabia que *eles* eram o Capitão Cromo e o Guardião Terror.

— Não agora — admitiu ele. — Pensei em revelar quando aquela quarentena estiver oficialmente desmontada.

Com um sorriso fraco, Max seguiu os meninos. Depois que desapareceu por uma porta, Adrian ouviu um deles perguntar:

— É verdade que te chamam de Bandido? Que codinome maneiro. Se eu fosse Renegado, meu nome seria Cobra Prateada e eu teria língua bifurcada e presas venenosas. E meu irmão…

Adrian expirou, reconfortado pela falação fácil dos meninos. Max não tinha muitos amigos, e nenhum da idade dele. Era normal ficar tímido, mas algo dizia a Adrian que os três se dariam bem.

— Eu devo me preocupar com a ira do Conselho?

Ele fez uma careta e se virou para a sra. Tucker.

— Provavelmente não tanto quanto eu.

Ela apertou o braço dele.

— Vai ficar tudo bem. Ruby nos contou sobre a quarentena e os testes pra fazer aquele… tal sérum no qual estão trabalhando.

— Isso deveria ser confidencial.

Ela deu de ombros.

— Nossa família não guarda segredos. O que quero dizer é que ele é uma criança. Não merece tanto peso nas costas.

— Exatamente o que eu penso.

— Sei que o Capitão e o Guardião Terror se importam com ele assim

como se importam com você. Eles vão entender. E, enquanto isso, prometo cuidar bem dele.

— Obrigado, sra. Tucker.

Ela se inclinou e deu um abraço nele, o que Adrian não estava esperando.

— Vai — disse ela. — Vai fazer coisas de heróis. E diz pra aquela minha filha que ela tem que me ligar todos os dias. Não é porque ela não está morando debaixo deste teto que não é mais minha responsabilidade, com ou sem superpoderes.

Ele sorriu.

— Vou passar a mensagem, pode deixar.

ADRIAN NÃO TINHA SE afastado três quarteirões do apartamento quando recebeu uma mensagem no comunicador. As palmas das mãos ficaram grudentas de medo antes mesmo de ele olhar para baixo para ver de quem era, e ele estava certo.

Ele se preparou e aceitou a ligação.

— Cadê ele? — gritou o Capitão Cromo. — Adrian, o que você fez?

— Então… você recebeu o recado? — disse Adrian, tentando manter o tom leve.

Sem querer que os pais entrassem em pânico e achassem que Max tinha sido sequestrado do hospital por uma gangue qualquer de vilões, eles tinham deixado um bilhete para a equipe do hospital, explicando que Max estava com o irmão e que os Renegados não precisavam se preocupar com ele.

— Sim, recebi o recado! O que está acontecendo? Cadê o Max?

— Ele está num lugar seguro — disse Adrian. Ele parou na calçada e se encostou em um poste de luz. — Confia em mim.

— *Confiar* em você? O que isso…

Hugh foi cortado, houve uma agitação do outro lado e a voz do Simon entrou na ligação.

— Adrian, nós confiamos em você. E confiamos no Max. Mas isso é sério. Nós temos que saber onde ele está. Você, mais do que todo mundo, deveria

entender como é perigoso ele ficar sozinho por aí no mundo.

— Ele não está sozinho — disse Adrian. — Nenhum outro prodígio está correndo risco e ele está confortável e seguro, talvez até feliz, que é melhor do que a gente poderia dizer se ele fosse enfiado de novo naquela quarentena.

Houve um breve silêncio. Hugh voltou a falar, o pânico agora mais controlado.

— Como você conseguiu tirá-lo do hospital? Encontrou o Amuleto da Vitalidade?

— Não, pai. Mas eu… — Adrian hesitou e considerou por um momento contar a verdade no lugar da história que ele tinha passado o dia elaborando. Mas, não, a hora não era a certa. — Eu peguei um dos trajes de proteção do QG e botei no Max. A barreira me protegeu dos poderes dele o suficiente até a gente chegar.

— Um traje de proteção? — disse Simon. — E ninguém reparou em um garoto de dez anos andando pelos corredores de traje de proteção?

Adrian esperou um momento e ouviu um ofego sutil de Simon, seguido de um gemido.

— Invisibilidade. Certo. É que eu esqueço que ele também tem.

— Você deu pra ele — disse Adrian —, então, tecnicamente, é como se *você* o tivesse ajudado a fugir.

— Não banque o espertinho — disse Hugh. — E ele não precisava *fugir*. Ele não é prisioneiro!

— Não? — perguntou Adrian. — Olha, eu sei que vocês amam o Max, mas eu não vou deixar que o coloquem de volta na quarentena, fim de papo. Por enquanto, ele está seguro onde está até a gente encontrar uma solução mais permanente.

— Não, Adrian, você vai nos contar onde ele está agora mesmo, pra podermos levá-lo de volta para o hospital e cuidar pra que…

— Vamos falar disso depois — interrompeu Adrian. — Estou atrasado pra uma reunião da equipe. Tudo bem? Amo vocês, tchau!

O comunicador soou com uma falação enfurecida que foi silenciada com um aperto do polegar dele. Adrian fez uma careta, se perguntando se estava velho demais para ficar de castigo. Quando ele era criança e desobedecia às

regras deles, eles sempre ameaçavam tirar suas revistas em quadrinhos ou videogames, mas essas coisas não lhe importavam mais. O que poderiam tirar dele agora que faria diferença?

Ele acalmou a respiração. Tudo ficaria bem. De todas as coisas que tinha feito nos meses anteriores que podiam deixar seus pais bravos ou decepcionados, levar Max para um lugar secreto e seguro não era a pior. Parte dele até esperava que um dia os pais reconhecessem que ele tinha feito a coisa certa por Max e pela família.

Ainda que não tecnicamente a melhor coisa para os Renegados.

Como se o centro de comunicações dos Renegados soubesse que Adrian estava violando mais regras do Conselho naquele momento, um alarme tocou no comunicador. Ele quase esquecera que tinha patrulha naquela noite até ver a tarefa na telinha.

> Invasão na Loja de Depto Dallimore, 29 com Merchant, roubo em andamento, comparecer imediatamente.

Adrian sorriu.

Fazer justiça do jeito tradicional era exatamente o que ele precisava.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



—Ah, cara, como é bom ser heroína! — disse Ruby, alongando um braço para cima. Ela estava ao lado de dois ladrões algemados e inconscientes que tinham sido pegos quebrando um display de joias na loja de departamentos Dallimore.

Adrian tinha que concordar. Era bom ser herói. No mínimo, a prisão tinha ajudado a tirar Max da cabeça por um tempo, e Nova também.

Oscar se sentou em uma mesa no meio de pilhas de camisetas femininas de várias cores.

— E pelo menos Rabisco não precisou recorrer às suas habilidades *especiais*. — Ele apontou a bengala na direção do Adrian. — É bom te ver voltando ao tradicional.

Adrian fez uma cara feia, mas sabia que a provocação era de brincadeira.

— Caso você tenha esquecido, eu já defendia a justiça por anos antes de… — Ele fez uma pausa e olhou para os ladrões, e, embora parecessem estar inconscientes, terminou com um simples: — Vocês sabem.

Oscar balançou as pernas e observou a loja, com a iluminação fraca de algumas luzes fluorescentes de teto dois andares acima e pela iluminação do display que estava fazendo as vitrines de joias próximas cintilarem, inclusive a que tinha sido estilhaçada. — Vocês acham que tem uma máquina de lanches aqui?

— Como é que é? O Cortina de Fumaça está com fome? — perguntou

Ruby, fingindo surpresa enquanto enrolava o fio com a pedra na ponta no pulso. Ela tinha usado aquilo para fazer os ladrões tropeçarem quando estavam correndo para a saída de emergência. Adrian viu uma linha vermelha na mão dela, onde o fio quase tinha cortado a pele.

— Ei, eu sou um super-herói em idade de crescimento — disse Oscar. — Preciso de sustância.

Um turbilhão de borboletas desceu da sacada superior, onde Danna tinha ido olhar se o cofre do escritório não havia sido arrombado.

— Tudo certo — disse ela, o corpo se remoldando ao lado de Ruby. — E eu não vi nenhuma máquina de lanches, mas tem uma hamburgueria a dois quarteirões daqui. A gente pode ir pra lá quando terminar aqui.

Oscar esticou o punho na direção da Danna, que retribuiu o cumprimento com entusiasmo.

— Certo — replicou Adrian, digitando um código no comunicador. — A loja está vazia, os suspeitos estão presos esperando extradição e limpeza.

Ele pegou a pasta de produtos roubados e jogou para Oscar, que a abriu e começou a colocar as joias na mesa para a loja poder verificar depois, junto aos registros, para ter certeza de que não estava faltando nada.

— Até que a seleção de artigos não foi ruim — disse Oscar, exibindo um colar com um pingente de pedra vermelha fina pendurado. — Ei, Assassina Vermelha, acho que os designers estão começando a te imitar.

Ela sorriu e balançou o heliotrópio como um pêndulo.

— Ah. Eu sou influenciadora. E é tão bonito.

— É o que parece. — Oscar ergueu o colar na direção da luz. — Não tão bonito quanto você… o seu. — Ele corou e desviou rapidamente a atenção para a pasta. — Além do mais, o seu é mil vezes mais mortal. Ah, uau, isso aqui são brincos? — Ele tirou um conjunto de brincos candelabro, cada um quase do tamanho da mão dele. — Parece mais… levantamento de peso para as orelhas.

As bochechas de Ruby ficaram coradas com o escorregão dele. Ela parecia querer dizer alguma coisa, mas Oscar mostrou-se determinado a seguir adiante depois do elogio que podia ou não ter sido intencional, e assim ela enrolou o fio no pulso e se virou para Adrian.

— Como está o Max?

— Bem, acho — disse Adrian. — Não tenho nem como agradecer a você e à sua família por fazerem isso.

Ruby balançou a mão.

— Eu faria qualquer coisa pelo Max. E você devia ter visto como meus irmãos ficaram loucos quando souberam que um Renegado abre aspas *de verdade* fecha aspas ia ficar com eles. Porque, óbvio que eu não conto.

Ela empurrou para o lado uma pilha de camisas dobradas e se sentou na mesa ao lado do Oscar.

— Eles ficaram muito empolgados — disse Adrian. — Max vai precisar de um tempo para se acostumar, mas acho que vai ser bom. Ele nunca teve amigos da idade dele. Eu só queria…

Ele parou de falar e segurou os pensamentos antes que escapassem pela boca.

Os outros o observaram e ficaram inquietos na mesma hora.

— O quê? — encorajou Ruby.

— Nada. — Ele fez uma careta, odiando a mentira quase tanto quanto odiava a verdade. — Eu ia dizer… Eu só queria que pudesse contar pra Nova sobre isso. Acho que ela ficaria bem feliz de vê-lo livre.

A equipe ficou em silêncio por muito tempo, até Ruby perguntar em voz baixa:

— Você conversou com seus pais sobre… sobre a execução? Eles não vão mesmo… Vão?

Adrian olhou para o chão de cara feia.

— Parece que vão. A não ser que ela nos dê alguma informação útil.

— E ela ainda não confessou? — perguntou Ruby.

Ele fez que não.

— Você vai? — perguntou Oscar. — Para a… você sabe.

Adrian olhou por cima das molduras dos óculos.

— Não é só uma execução. É a revelação pública do Agente N. Então, sim. Acho que as pessoas esperam que eu vá.

— É, mas… elas entenderiam se decidisse não ir — disse Ruby, e embora estivesse tentando ser gentil, aquela conversa estava deixando o estômago de

Adrian mais embrulhado a cada momento que passava.

— Por quê? — perguntou ele. — Ela me traiu tanto quanto a vocês e todo mundo.

Os outros trocaram olhares.

— Olha — disse Oscar —, meio que foi pior com você, sim. Ela era, tipo, sua namorada.

Adrian trincou os dentes.

— Eu não quero mais falar disso.

Danna colocou a mão no antebraço dele. Ele ficou tenso, mas não se afastou.

— Eu sinto muito — disse ela. — Todo mundo aqui gostava da Nova, sabe. Não era só você. Não posso dizer que confiava totalmente nela, mas gostava dela. Eu só… Eu sinto muito por ser ela.

Adrian abriu a boca para responder, mas não sabia bem o que queria dizer. Que ele também sentia muito? Que não era culpa de Danna? Que não importava?

Ele limpou a garganta, ansioso para mudar de assunto.

— Ruby, você disse mais cedo que faria qualquer coisa pelo Max. Estava falando sério?

— Qualquer coisa dentro do viável — disse ela com desconfiança. — Por quê?

Adrian empertigou os ombros.

— Você sabe que ando fazendo as tatuagens em mim mesmo pra poder…

Ele foi interrompido por um som de palmas, palmas lentas e metódicas que ecoaram pela loja de departamentos.

Adrian se virou e viu uma figura escura descendo de uma plataforma de manequins. Os manequins estavam de calças jeans rasgadas e tops de lantejoulas, mas a figura estava toda de preto.

Calça e botas pretas. Um cinto preto e luvas pretas sem dedos.

Um moletom preto com capuz.

E uma máscara prateada cobrindo a metade de baixo do rosto.

Adrian ficou paralisado.

Ele sentiu a equipe ficar tensa ao redor. Ruby e Oscar já tinham descido da

mesa, com filetes de fumaça envolvendo os pés de Oscar e o fio de Ruby esticado entre os dedos.

— Seus sentimentos são *tão fofos* — disse… disse… *Pesadelo?*

Ela estava a uns cem passos de distância, as luzes da cidade entrando pela vitrine e cintilando na máscara de metal, e as armas familiares penduradas nos quadris. O capuz preto sobre o rosto coberto por sombras tornava impossível ver os olhos. Adrian piscou e resistiu à vontade de tirar os óculos e limpar as lentes.

— Vocês todos *gostavam* dela — disse Pesadelo. — Vocês todos lamentam *tanto* que fosse ela. — Ela estalou a língua em reprovação. — Bom, odeio ir contra a corrente, mas, pra ser sincera, eu não lamentei nadinha. Nova McLain merece tudo que aconteceu.

A boca de Adrian ficou tão seca que ele achou que não conseguiria falar, mesmo se tivesse algo a dizer. Mesmo se a única palavra ressoando nos pensamentos dele não fosse simplesmente *Impossível.*

Impossível. Impossível. Impossível.

Não era Nova. Isso estava claro, não só porque Nova estava presa em uma ilha que ficava a três quilômetros da costa, mas também porque a voz não batia. Agora que ele estava bem na frente da Pesadelo. Agora que ele podia parar um momento para comparar aquilo de que tinha apenas vagas lembranças, a diferença era clara.

Ainda sardônica. Ainda seca.

Mas não era Nova.

— Meus elogios para a sua captura impressionante desses dois bandidinhos — disse Pesadelo, e Adrian levou um momento para se lembrar dos ladrões inconscientes. — Duvido que dois não prodígios tenham sido tão difíceis de apreender, mas, ainda assim, é bom testemunhar uma das raras ocasiões em que os Renegados não demonstram total incompetência.

— Quem é você? — disse Danna, a voz cortando a neblina nos pensamentos de Adrian, lembrando a ele de onde eles estavam, de quem eles eram. Renegados. Heróis.

Enfrentando uma vilã.

A mesma vilã. Sempre Pesadelo. Repetidamente.

Ele começou a se questionar se estava sonhando, mas um aperto rápido na tatuagem nova, ainda dolorida ao toque, garantiu que estava bem acordado.

— Você sabe quem eu sou — respondeu Pesadelo. E riu, colocando a mão na bolsinha no quadril, de onde Adrian a tinha visto tirar aquelas estrelas em batalhas anteriores. — Ah, espera, acho que vocês não sabem quem eu sou, porque acham que sou aquela *garota*. Obrigada, aliás, por finalmente perceberem todas as pistas que deixei. Vocês demoraram muito pra solucionar o enigma, mas cá estamos, de novo falando da sua famosa incompetência. Admito que foi mais difícil incriminá-la do que achei que seria, mas é isso que ganho por depender das habilidades de observação de um bando de *heróis*. Vocês não poderiam ser mais óbvios.

— Chega de fingimento — disse Danna, dando um passo para mais perto. Seu corpo estava rígido, as mãos fechadas em punhos, e Adrian percebeu que ela estava se preparando para entrar em modo bando. — Nós sabemos que você não é a Pesadelo. A verdadeira Pesadelo está na prisão, que é o lugar dela.

— Tem certeza disso? — perguntou Pesadelo, batendo com os dedos na bolsinha.

Adrian engoliu em seco, odiando a confusão que tinha surgido em seus pensamentos. Porque não… não, de repente ele não tinha mais certeza de nada.

— Nova McLain é a Pesadelo — disse Danna por entre dentes. — Então, quem é você?

— Nova McLain é uma Renegada — retrucou Pesadelo, o tom carregado de desdém. — *Insônia* — disse, quase cuspindo a palavra. — Mas ela não era uma heroína muito boa, né? Merece ficar presa depois de não ter conseguido salvar meu avô. Ela merece que o mundo a veja como a mentirosa fraudulenta que é. Vocês, super-heróis, ficam prometendo salvar as pessoas. Mas ela fez alguma coisa pra salvar o meu avô quando a Detonadora atirou nele? Não! Ela só ficou olhando e deixou acontecer. — A postura da Pesadelo mudou de relaxada a furiosa, apertando as mãos. — Nunca vou me arrepender do que fiz a ela. Eu precisava de uma isca, e ela era uma oportunidade perfeita demais para eu deixar passar. Alguém tinha que cair no

meu lugar, já que vocês não saíam do meu pé desde o incidente do desfile.

— Você está mentindo — disse Danna. Com um rosnado, ela se transformou. O grupo de borboletas voou na direção de Pesadelo.

Pesadelo inclinou a cabeça e o capuz se deslocou de forma que a luz dos displays de joias iluminou um lado do rosto dela, mas Adrian não conseguiu determinar se estava surpresa ou achando graça.

Pesadelo deu um único passo para a esquerda e desapareceu.

Ruby perdeu o fôlego. Talvez eles todos tenham perdido. Adrian correu, o coração trovejando, enquanto as borboletas de Danna formavam um turbilhão em volta da coluna dentro da qual Pesadelo aparentemente tinha entrado.

A coluna espelhada.

Danna voltou à forma humana, uma das mãos encostada no espelho, o rosto incrédulo.

— O que foi isso?

— E eu que achava que a nossa conversa estava indo tão bem.

Eles se viraram. Pesadelo reapareceu na entrada de um provador, os braços cruzados, encostada no batente.

Adrian trocou olhares com a equipe. Apesar de não estar menos confuso do que ficou quando Pesadelo apareceu na plataforma de manequins, ele estava começando a se dar conta de que ficar parado olhando para ela não responderia suas perguntas… nem deixaria o mundo mais seguro.

— Meu plano estava indo tão bem, tenho que dizer — continuou Pesadelo, como se não tivesse havido interrupção. — Quero deixar claro que não lamento por Nova McLain estar na prisão. *Excelente*. Ninguém mais está procurando pela Pesadelo. *Perfeito.* Mas, não, seu precioso Conselho não podia deixar as coisas assim, né? Eles tinham que estragar tudo. — Ela deu um suspiro profundo. — Há boatos por aí, e me corrijam se eu estiver enganada, de que os Renegados vão executar Nova McLain. Vocês vão matá-la! — Ela encostou o dedo no queixo, como se refletindo. — Apesar de todas as provas contra ela serem meramente circunstanciais? Caramba, isso não parece uma coisa que os Renegados fariam, né? Mas foi o que ouvi. Primeiro eu pensei: melhor ainda. Com Nova McLain morta, ela não vai mais ficar se declarando inocente. E ela não salvou meu avô, então, o que vai, volta…

Avô.

Pelo menos uma peça encaixou na mente do Adrian.

A caminhante de espelhos. Ela era a caminhante de espelhos que eles tinham visto na Biblioteca Cloven Cross… neta de Gene Cronin!

Mas… como ela também podia ser Pesadelo?

— No entanto, eu sou uma vilã com princípios — prosseguiu Pesadelo, a voz ficando mais dura de novo —, por mais difícil que seja pra vocês acreditarem. E, por mais que eu despreze aquela candidata a super-heroína pelos seus fracassos, não posso deixar que esse bando de imbecis mate alguém só porque vocês acham que eu sou ela. Posso ser uma vilã, mas não sou um monstro. — Ela se afastou da porta e abriu bem as mãos. — Então, aqui estou eu, revelando a vocês o grande segredo. Eu enganei os Renegados de novo. *Eu* sou a Pesadelo. Vocês pegaram a garota errada.

— E como vamos saber que você não é só uma impostora? — gritou Danna, mas virou borboletas de novo antes de dar à vilã a chance de responder.

Desta vez, Adrian também se moveu, usando as molas dos pés para saltar por cima de uma série de mesas cheias de bolsas e lenços.

Pesadelo voltou para o provador.

Danna e Adrian correram atrás dela, as borboletas a uma curta distância na frente. A porta se estreitava em um corredor curto. À esquerda, fileiras de portas fechadas de cabines. À direita, um tríptico de espelhos de corpo inteiro arrumado em uma plataforma acarpetada.

Pesadelo estava na plataforma, encostada no espelho central. As luzes estavam apagadas, e Adrian talvez não a tivesse visto no escuro se não fosse pelo brilho da máscara. Danna deve ter reparado nela ao mesmo tempo, pois o bando de borboletas foi na direção dela.

Pesadelo acenou.

As borboletas começaram a se juntar.

Adrian mergulhou para cima dela na hora em que o corpo estava entrando no espelho, a superfície ondulando como a de um lago preto. A mão de Danna agarrou o ar, o dedo quase pegando o capuz antes de Pesadelo entrar no espelho e o tecido escapar. O impulso de Adrian o fez passar direto por

Danna. Ele esticou o braço no último momento e atingiu o espelho. O vidro rachou e uma teia de rachaduras se espalhou a partir do impacto, junto com a dor no braço. Ele pulou para trás, xingando e massageando o ombro.

Atrás do vidro, eles ainda a viam, uma garota agora quebrada em uma dezena de estilhaços. O capuz tinha caído da cabeça e soltado uma trança ruiva comprida.

Apesar de não conseguir ver a boca da garota, Adrian sabia que ela estava com um sorrisinho debochado. Pesadelo levou dois dedos à máscara e fingiu jogar um beijo antes de a imagem sumir, e eles ficarem olhando para os próprios reflexos.

Reflexos que estavam igualmente divididos entre furiosos e intrigados.

— O que está acontecendo? — perguntou Danna.

— Sei lá — admitiu Adrian, ainda examinando o local onde Pesadelo estava antes. Pesadelo, que era capaz de atravessar espelhos. Pesadelo, que tinha cabelo ruivo e comprido. — Mas eu conheço aquela garota.

Danna levou um susto.

— O quê?

— Você não estava com a gente na Biblioteca Cloven Cross — disse ele. — Quando nós fomos ver se o Bibliotecário ainda estava vendendo armas no mercado clandestino.

— E?

— Aquela era a neta dele. Ela estava trabalhando na biblioteca naquele dia.

Ele saiu andando na direção da porta, apesar de a pele ainda estar arrepiada com a sensação de estar sendo observado. Ele se perguntou se Pesadelo ainda estava em algum lugar atrás do espelho, esperando para ver o que fariam agora.

Ele quase atingiu Ruby ao sair, e Oscar não estava muito atrás dela, apesar de estar indo mais devagar com a bengala depois da pressa para capturar os ladrões mais cedo, e Adrian via que ele já estava sem fôlego por causa da corridinha pela loja.

— Ela foi embora de novo — disse ele. — Ela está viajando pelos espelhos.

— Espelhos? — questionou Oscar. — Como aquela garota da biblioteca?

— Ela *é* a garota da biblioteca — disse ele. Adrian levou um momento para se lembrar do nome dela. — Narcissa Cronin.

— A neta do Bibliotecário? — gritou Ruby. — Mas ela era… ela é… Não tem como aquela garota ser a Pesadelo!

— Por quê? — perguntou Adrian.

A pergunta dele deixou todos paralisados. Olhando para si mesmo no escuro, Adrian viu as emoções batalhando nos rostos deles também.

— Mas ela era tão… — disse Ruby de novo, fazendo careta ao procurar a palavra certa.

— Não vilã? — sugeriu Oscar.

— Sim! A gente só esteve com ela um minuto, mas ela pareceu tão tímida e… e estava lendo um romance!

— Qual é o problema com romances? — perguntou Danna.

Ruby bufou.

— Nada! É só que…

— É só que vilões só leem manuais sobre morte e destruição? — perguntou Danna, erguendo uma sobrancelha.

Adrian cruzou os braços.

— Então você admite que pode ser ela?

Danna olhou para ele.

— Eu não estou admitindo nada! Só não acho que as preferências de leitura de uma pessoa a descartem como inimiga.

— Ela tem contatos vilanescos… — refletiu Oscar. — Inclusive conexão com os Anarquistas, se o avô dela vendeu armas para eles por anos. E acho que ela tem motivo pra odiar a Nova, se realmente acha que Nova poderia ter impedido a Detonadora naquele dia.

— Nada disso importa — disse Danna — porque ela *não é* Pesadelo. Ela está só imitando!

— Como você sabe? — perguntou Adrian.

Danna olhou para ele, frustrada de início, mas talvez com uma certa pena também. Adrian se irritou.

— Qual é o superpoder da Pesadelo?

Adrian amarrou a cara.

Foi Oscar quem respondeu.

— Fazer as pessoas dormirem.

Danna abriu os braços, como se isso fosse prova suficiente.

— Fazer as pessoas dormirem. *Não* andar por espelhos.

— É… — começou Ruby, batendo com o dedo distraidamente na ponta do heliotrópio. — Mas Adrian tem múltiplos superpoderes. Max também. Não é totalmente inédito.

— Pessoal. Eu segui a Nova — disse Danna. — Eu a *vi*.

— O que exatamente você viu? — perguntou Adrian. — Você nunca nos contou os detalhes.

Ela gemeu.

— Não tem tantos detalhes. Eu desconfiava dela e comecei a segui-la. Em um determinado momento, ela me levou até a catedral, e foi assim que eu soube que era pra levar vocês até lá, mas não me lembro direito, porque o lepidóptero que estava seguindo a Nova morreu.

Quando ela parou de falar, um silêncio se espalhou entre eles, e Adrian soube que não era o único com aquele pensamento. Ele via a dúvida surgindo até no rosto da Danna. Incerteza. Talvez até uma pontada de horror.

— Não foi truque — insistiu ela. — Ela não poderia…

— Ter te enganado — disse Oscar. — Ter *nos* enganado.

— Seria possível — disse Adrian lentamente, porque ele não queria que Danna achasse que ele a estava acusando de nada — que, enquanto você estava seguindo a Nova, seu… lepidóptero… tivesse encontrado outra pista e seguido a verdadeira Pesadelo até a catedral?

— Mas… — Danna balançou a cabeça. — Não. Isso é absurdo. Ela é uma imitação. Uma impostora.

— Mas por quê? — perguntou Adrian. — Por que a Narcissa Cronin fingiria ser a Pesadelo? A gente nem tinha pensado nela antes disso, e agora parece que ela quer que a gente volte a caçá-la?

Danna olhou para ele de cara feia, mas não podia evitar. A cada tique-taque do relógio grande nos fundos da loja, sua percepção de Pesadelo e Nova e Narcissa Cronin ia mudando. Mesclando-se e se separando de novo.

— Não sei — disse Danna —, mas vocês acham mesmo que ela mudou de ideia e decidiu que ia se revelar só pra impedir a morte de uma Renegada? Uma Renegada que ela odeia?

Oscar deu de ombros.

— Eu não ia querer a morte de uma pessoa inocente nas minhas mãos, mesmo que eu a odiasse.

— Você não é vilão! — exclamou Danna.

Mas Adrian nem ouviu direito. As palavras de Oscar atingiram Adrian com mais força do que ele devia pretender. Ou uma palavra em particular. Uma palavra em torno da qual a mente de Adrian vinha dançando, se recusando a parar e contemplar tudo que significaria.

Nova era…

Não. Nova não era inocente. Não podia ser. Não depois de tudo. Ele balançou a cabeça, tentando se livrar do pensamento antes que ganhasse força. Havia provas demais contra ela, mas agora, de alguma forma, todas as provas que pareceram tão certeiras horas antes pareciam… qual foi a palavra que Pesadelo usou? *Circunstanciais.*

Que prova eles tinham de verdade?

Era possível que eles tivessem se enganado?

Inocente.

Se fosse verdade, se eles tivessem prendido a Pesadelo errada… Nova era inocente.

Por outro lado, também significava que eles não haviam conseguido capturar Pesadelo, a verdadeira Pesadelo.

Ela ainda estava por aí, provocando-os, provocando-*o*. O mistério não estava solucionado. Ela continuava solta, um perigo para a sociedade, para a organização e para todo mundo de quem ele gostava. Era uma notícia terrível. Era um erro vergonhoso. Era outra mancha negra no registro dos Renegados.

Mas seu peito se expandia a cada momento que passava.

— Como podemos ter certeza? — sussurrou ele, interrompendo uma discussão entre Danna e Oscar que ele não estava ouvindo. — Como podemos provar que a Nova não é a Pesadelo, que a verdadeira Pesadelo ainda está à solta?

Danna massageou a testa.

— Não vamos nos empolgar. Eu sei que você quer que isso seja real, que todos vocês querem, mas…

— Ah, esqueci de mencionar uma coisinha.

Todos deram um pulo ao ouvir o som da voz da Pesadelo vinda lá de cima.

— Caramba — murmurou Oscar, uma mania que ele devia ter aprendido com Nova, o que fez o coração do Adrian doer de novo. Ele apontou a bengala e gritou: — Eu bem que queria que você parasse de fazer isso!

Sentada na amurada do segundo andar, não muito longe da escada rolante, Pesadelo o ignorou.

— Podem executar o Ace Anarquia, se acham que matar um velho fraco e indefeso vai aumentar sua popularidade. Vocês, Renegados, façam o que acharem melhor. — Ela pegou uma coisa atrás de si e mostrou para eles. A reação foi um ofegar coletivo de surpresa vindo de Adrian e da equipe.

O elmo do Ace Anarquia.

— Ah, vocês sabem o que é isso? — disse ela. — Então devem saber que nós não precisamos mais do Ace. Já temos tudo de que precisamos pra destruir vocês.

Com isso, ela puxou as pernas para o outro lado da amurada e saiu andando. Não demorou para o ruído das botas sumir, quando ela entrou em outro espelho.

O som foi quase imediatamente seguido por sirenes tocando lá fora. Adrian ficou confuso por um segundo até se lembrar dos ladrões, do roubo de joias, da equipe que estava vindo para levar os criminosos para a prisão.

Ele não ligava para nada daquilo.

Esperança e clareza cresceram dentro dele.

Nova era inocente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



INOCENTE.

Ela era inocente.

De acordo com os Renegados, Nova Jean McLain era inocente.

As emoções de Nova flutuavam em intervalos de segundos, de euforia a descrença a uma certeza absoluta de que era uma armadilha. Ninguém lhe contara o que tinha sido descoberto. Que novas evidências tinham sido encontradas para provar sua repentina inocência. Ela revirou o cérebro pensando que provas falsas os Anarquistas poderiam ter plantado para levar os Renegados àquela conclusão, mas não conseguiu pensar em nada que fizesse sentido. Não depois de terem tanta certeza da culpa dela. Não com a verdade, pairando sobre a sua cabeça, de que ela era de fato culpada.

Mas ali estava ela, recebendo uma caixa com as roupas e botas e ouvindo que estava livre para ir embora. A mesma guarda que tinha inserido o rastreador entre as omoplatas dela usou um dispositivo ainda mais dolorido para retirá-lo. Nova trincou os dentes e não reclamou.

Recebeu um bolo de gaze e uma balinha.

Seria um truque?

Daquela vez, ela pôde se trocar sozinha. Soltando o ar pelas narinas, ela vestiu as roupas, depois bateu na porta para avisar que estava pronta.

Mais dois guardas estavam a postos na saída, mas a ignoraram quando ela passou. Ela ouviu os trincos e mecanismos rugirem dentro das muralhas

enormes. Viu o portão se abrir, e dois guardas de Cragmoor a levaram pelo vento revolto e gelado que vinha do mar. Eles estavam armados, mas era a primeira vez que Nova saía da cela sem as mãos algemadas. Os guardas não disseram muita coisa. Um deles, uma mulher com olhos totalmente negros como tinta, sem sinal de branco, quase sorriu.

— Nós vamos acompanhá-la até a doca — disse ela.

Ela pareceu quase estar se desculpando, embora não o suficiente.

Será que aquilo era um truque?

As mãos de Nova ficavam tremendo de vontade de tocar nos guardas e fazê-los dormir antes que eles pudessem levá-la para a armadilha que a esperava, mas ela se segurou.

Afinal, e se fosse real? E se o nome dela estivesse mesmo limpo?

E, se sim… *como?*

Nova ficou com a pele toda arrepiada, em parte por causa do vento que soprou sua franja, mas também pela expectativa de uma emboscada. Talvez sua execução fosse acontecer mais cedo. Talvez os Renegados não quisessem que acontecesse de forma pública. Ela quase esperava uma bala nas costas a qualquer momento, mas, quando olhou para as torres da guarda dos dois lados do portão, viu os fuzis apontados para o céu. Um deles fez uma saudação sem expressão. O outro estava atento às ondas agitadas do mar e à névoa que escondia os contornos distantes da cidade.

A ilhota parecia fazer parte de outro universo, e a sensação provocou um arrepio por dentro de Nova.

O pequeno veículo a levou, junto com seus acompanhantes, até a doca, onde um barco blindado balançava na água turbulenta. Nele, o mesmo capitão e o mesmo grupo de guardas que tinham levado Nova para a ilha agora esperavam para levá-la de volta.

E aí, ela o viu.

Ele estava esperando na doca, um casaco pesado de lã, um gorro de tricô, calça jeans.

Adrian Everhart, bonito demais para ser verdade naquele lugar úmido e temeroso.

Na mão esquerda, ele segurava um buquê de flores, as margaridas

amarelas mais intensas que Nova já tinha visto na vida. Na direita, havia um cinto de ferramentas parecido com o que Nova usava com o uniforme dos Renegados.

Nova só se deu conta de que tinha parado de andar quando a guarda de olhos pretos pigarreou educadamente. Nova começou a descer os degraus irregulares, passou pelas rochas escuras que brilhavam com umidade da neblina, a superfície coberta de craca e algas.

Ela parou na frente de Adrian, o cabelo ficando úmido dos borrifos de água e a língua tomada pelo gosto de sal.

— Flores ou armas? — perguntou Adrian, oferecendo os presentes para ela. — Eu não sabia qual serviria melhor como pedido de desculpas.

Nova voltou a atenção para as margaridas e depois para o cinto antes de olhar novamente para Adrian. Embora o tom dele fosse alegre, ela via a ansiedade por baixo.

— Estou supondo que suas invenções foram destruídas na explosão — continuou ele. — Achei que um novo cinto de ferramentas poderia ser um… novo começo?

Ele abaixou as mãos quando Nova não pegou as coisas.

— Me desculpe — falou por fim, com o peso de mil desculpas. — Eu deveria ter acreditado em você. Deveria ter confiado em você. Eu falhei quando você precisava que eu fosse seu defensor, e sei que isso me torna oficialmente o pior namorado na história do mundo, e por mais que eu queira compensar, vou entender se você não quiser saber de mim. Mas se… se você puder me perdoar, vou fazer tudo que puder pra compensar. Sei que não posso mudar o que você passou, mas… ainda gosto de você, Nova. Nunca parei de gostar e percebo como fui babaca. Fico morrendo de vergonha quando penso nas coisas que te falei, na forma como te tratei lá dentro… quando penso que não te defendi nenhuma vez, nem quando você ficou insistindo que não era a Pesadelo. Eu devia… — Ele fez uma careta e balançou a cabeça. — Eu devia ter acreditado em você. Me desculpe.

Adrian hesitou, os olhos brilhando com palavras ainda não ditas. Foi recebido por silêncio. Sopros de vento. Borrifos do mar.

Finalmente, sussurrou:

— Diz alguma coisa, por favor.

Nova engoliu em seco.

— Cadê minha pulseira?

Adrian se encolheu, como se aquela fosse a única pergunta que ele esperava que ela não fizesse.

— Foi entregue à Pega — disse ele, e Nova teve a distinta impressão de que ele estava fugindo da responsabilidade. — Tenho certeza de que ela deixou no quartel-general.

Nova ergueu uma das sobrancelhas. Ela também tinha certeza de que aquela ladrazinha tinha ficado com a pulseira.

Não importava. Ela podia resolver aquilo depois.

— Você desenhou as flores? — perguntou ela.

Adrian balançou a cabeça.

— Compradas com dinheiro de verdade, em uma floricultura de verdade.

— Hum. — Nova esticou a mão, pegou o cinto dele e o prendeu na cintura. — Bom, esse é o melhor pedido de desculpas. Mas… — Ela pegou as flores. — Aceito esse também.

Ele sorriu, mas foi um sorriso passageiro.

— Você vai ver que tem outro presente aí — disse ele, indicando uma bolsinha do cinto. — Do Conselho, na verdade.

Com uma pontada de desconfiança, Nova abriu a bolsinha e pegou…

Uma máscara de metal.

Não era a máscara *dela*, mas era tão parecida que suas mãos começaram a suar e sua mente voltou à repetição: *É uma armadilha!*

Ela se perguntou o quanto Adrian devia odiá-la para ter aceitado fazer parte de uma emboscada tão cruel. Mas a expressão dele permaneceu sincera e calorosa.

Nova voltou o foco para a máscara e a virou algumas vezes. Era maior do que a máscara da Pesadelo, com aberturas paralelas na frente e pequenos filtros que ficariam nas bochechas.

— É uma máscara de gás — disse Adrian. — O design é meio rudimentar, mas não quiseram atrasar a fabricação. Todas as unidades de patrulha estão sendo equipadas com elas daqui para a frente. Sabe como é, depois que a

Pesadelo botou as mãos no Agente N e fez aquelas bombas de gás.

— Ah — disse Nova. — Certo. — Seus dedos estavam tremendo quando ela guardou a máscara de volta na bolsinha. — Obrigada?

Ela contornou Adrian e foi na direção do barco.

Ninguém deu um pulo para impedi-la. Não havia armas apontadas para ela. O capitão até tirou o quepe para lhe dar boas-vindas a bordo.

Assim que Nova tirou os pés das docas, ondas de euforia pulsaram embaixo da sua pele. A maior parte dos pedidos de desculpas de Adrian se perdeu no tumulto dos seus pensamentos confusos, mas houve partes que ficaram marcadas com clareza.

Adrian não tinha deixado de gostar dela… nem quando achava que ela era Pesadelo? Ela queria insistir nessa declaração, mas resistiu, sabendo que não merecia o remorso dele.

Além disso… *namorado?* Isso também ecoou na sua memória enquanto Nova se sentava no primeiro banco estreito, onde parou ao lado da janela do barco e ficou agradecida por nenhum guarda ter se adiantado para prender o tornozelo dela nos anéis de metal no piso molhado. Ela colocou as flores no colo e o embrulho de papel fez barulho em seus joelhos.

Adrian se sentou ao lado dela, mas deixou um espacinho entre os dois.

Um guarda soltou o barco da doca e o outro bateu no teto para indicar que podiam zarpar. O motor roncou e em segundos eles estavam se afastando das pedras, da ilha e da prisão cinzenta e fria que ocupava de forma sinistra o alto do penhasco, as muralhas enormes e torres da guarda se perdendo na névoa penetrante.

Nova tremeu quando viu a prisão desaparecer, dividida entre a alegria pelo pedido de desculpas do Adrian, o alívio por estar livre daquele lugar, mas também o fato de que Ace ainda estava lá.

— Aqui — disse Adrian, desabotoando o casaco. Nova observou em silêncio quando ele tirou os braços das mangas e o colocou nos ombros dela. Um calor a envolveu, misturando-se com o odor de especiarias da loção pós-barba que ela nem sabia que já reconhecia. Só serviu para fazer o momento parecer ainda mais irreal.

— Como você está se sentindo? — perguntou Adrian. — Eles não… Você

não foi ferida lá, foi?

— Não — respondeu ela, voltando o foco para a ilha, embora logo a prisão já tivesse se tornado um contorno fantasmagórico e mais nada. — Mas ninguém me falou nada. O que houve? Por que fui liberada?

Adrian fez uma careta.

— Fomos informados de que todas as provas que achamos que tínhamos contra você eram… circunstanciais.

Nova ousou encará-lo, ignorando como seu coração pulou ao ver que Adrian estava novamente olhando para ela com afeição. A afeição que ela tivera certeza de que jamais voltaria a ver. Ela não tinha se dado conta do quanto ansiava por um olhar suave do Adrian ou por um dos sorrisos típicos dele. Não tinha se dado conta do quanto tinha passado a desejar a presença firme, a bondade inabalável. Ela enfiou os dedos no tecido do casaco e o apertou sobre os ombros.

— Não atrapalhou — continuou ele com uma certa ironia — o fato de que foi a própria Pesadelo que nos informou isso.

Nova levou um susto e achou que devia estar mergulhada demais nas próprias emoções para ter ouvido direito.

— Como é?

Adrian começou a contar uma história que a deixou mais perplexa do que já estava. Pesadelo apareceu em uma loja de departamentos e ficou fazendo provocações sobre ter incriminado Insônia? Pesadelo era… Ela era a *caminhante de espelhos*?

O queixo de Nova caiu.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu sei, também tive dificuldade para aceitar no começo. Mas, quanto mais eu penso, mais faz sentido. Claro que ela ia querer te incriminar depois do que aconteceu entre a Detonadora e o Bibliotecário. E por que ela escolheria a casa maluca do parque de diversões como local de esconderijo? Tinha aquela sala de espelhos, lembra? E foi assim que ela entrou na minha casa pra roubar o Amuleto da Vitalidade sem ser vista pelo sistema de segurança, como pegou todas as coisas no departamento de artefatos. Todos os banheiros têm espelhos, e todo prédio tem banheiros. É assim que ela se

desloca com tanta facilidade. Além do mais, tinha acesso a todas aquelas armas do mercado clandestino e ligação com os Anarquistas, por meio dos negócios do avô. Tudo se encaixa.

Nova olhou para ele boquiaberta, sentindo-se insultada.

Eles achavam que *Narcissa Cronin* era Pesadelo? Ela já tinha visto a garota lutar e não era muito impressionante.

— Além do mais — acrescentou Adrian —, ela estava com o elmo.

— Com o elmo? — repetiu Nova, a mente ainda girando. — Você quer dizer… *o* elmo?

Adrian assentiu.

— Foi isso que convenceu todo mundo quando contamos para o Conselho. Eles ordenaram que você fosse libertada imediatamente. Todos estão de volta ao quartel-general, lutando para protegê-lo da Pesadelo agora que sabemos de tudo isso. Tirando todos os espelhos. Preciso ir fazer isso em casa também, mas precisava vir aqui ver você primeiro. Eu te devia isso.

Ele baixou a cabeça com tristeza, e Nova viu outra série de pedidos de desculpas sendo preparada. Antes que ele pudesse começar, ela perguntou:

— E Danna?

Ele se encostou no banco, as mãos entrelaçadas no colo.

— Ela se recuperou totalmente. Está ótima.

— Quer dizer… O que ela disse quando… ficou sabendo que ela estava errada? Que eu não sou a Pesadelo?

Adrian de repente evitou o olhar dela e se voltou para a água, na direção para onde eles estavam indo. Havia uma parede que os separava do capitão no leme, e o único guarda do barco tinha ficado do lado de fora, no convés, então eles estavam sozinhos naquele lugar apertado com bancos gelados de metal e janelas cobertas de bolor.

— Ela… admitiu que pode ter se enganado — respondeu Adrian por fim, fazendo com que fosse fácil Nova deduzir o que ele não estava dizendo.

Danna não estava convencida. Ela ainda seria uma ameaça, mas Nova esperava que fosse uma ameaça pelo menos temporariamente anulada.

Nova tinha outras coisas com que se preocupar. Tipo o que ia fazer para salvar Ace, com a execução chegando.

E por que, pelo amor de todos os esquemas diabólicos, Narcissa Cronin estava fingindo ser ela?

— Adrian — disse ela quando o contorno de Gatlon começou a aparecer na neblina densa —, ainda vão executar o Ace Anarquia?

Adrian se virou para ela, mas desta vez era Nova que estava evitando seus olhos, para que ele não visse seu horror.

— Sim — disse ele. — Na revelação do Agente N, depois que neutralizarem o resto dos detentos de Cragmoor. O Conselho está convencido de que é a melhor forma de mostrar ao mundo que… bem, que os Renegados não vão tolerar crime e anarquia.

Ela contraiu o maxilar. Perguntou-se, não pela primeira vez, se Adrian tinha ideia de como o que o Conselho considerava crime e anarquia era parecido com o que ela considerava liberdade e independência.

Mas não importava. Ela tivera muito tempo para pensar enquanto estava na cela em Cragmoor e estava voltando para a Cidade de Gatlon com novos planos. Até alguns ideais novos.

Tinha começado a sonhar com um futuro para ela e para os outros que era diferente de qualquer coisa que tivesse ousado imaginar antes. E embora na época ela tivesse acreditado que não teria futuro nenhum, agora não conseguia deixar de imaginar o que poderia ser possível.

Mas em primeiro lugar, acima de tudo, ela precisava encontrar uma forma de impedir a morte de Ace. Precisava salvá-lo, como ele tinha feito com ela tantos anos antes.

O som de uma buzina marítima se espalhou sobre as ondas agitadas. Era cedo, e as luzes da cidade ainda cintilavam no ar úmido. Luzes alaranjadas brilhavam no contorno do píer onde o barco logo atracaria. Nova apertou os olhos e conseguiu ver uma série de sombras esperando lá, mas não conseguiu identificar quem podiam ser. Ela teve uma breve fantasia de que seria sua família, a coisa mais próxima de família que ela já tinha tido. Mel. Leroy. Fobia.

Bom, Fobia nem tanto.

Ou até Ruby e Oscar. Até mesmo Danna, de quem Nova percebeu que gostava apesar das desconfianças óbvias. Ou Max, pensou ela. Nova ficou

sobressaltada quando sua mente inseriu até Simon Westwood e Hugh Everhart na imagem. Uma família, aguardando para lhe dar as boas-vindas. *Qualquer* família.

Ela suspirou, sabendo que todas aquelas fantasias tinham defeitos. Sabendo que aquele futuro não aconteceria nunca.

Uma palma da mão quente e forte deslizou sobre a dela e fez o embrulho das flores estalar no silêncio. Nova virou a mão e entrelaçou os dedos nos dele.

— Nova…

— Eu te perdoo — sussurrou, sorrindo para ele. — Obrigada por não desistir de mim.

As rugas de preocupação no rosto de Adrian sumiram lentamente, se suavizando com o alívio. Ela apertou a mão dele, e ele apertou a dela, e foi nessa hora que Nova percebeu o caroço na base do pulso dele. Nova virou a mão de Adrian e empurrou a manga para cima, revelando um quadrado grosso de curativo no antebraço.

— O que houve?

— Não é nada — disse ele.

Um pouco rápido demais.

Nova franziu a testa para ele.

Adrian fez uma careta.

— Quer dizer, é uma coisa. Eu… estou experimentando uma coisa nova. Aqui. — Ele puxou um lado do curativo. Onde ela esperava ver uma ferida havia… uma tatuagem.

Era bem recente, ao que parecia. Havia uma casquinha por cima das linhas pretas de tinta, e a pele em volta estava inchada e vermelha.

Nova segurou o braço dele e o girou na direção da luz cinzenta que entrava pela janela. A tatuagem exibia uma torre, como um torreão de castelo, em cima de uma colina. A parte de cima de um coração podia ser vista parcialmente por cima da amurada, enquanto o gramado na base da torre estava cheio de flechas caídas.

— Certo… — disse Nova, sem saber como interpretar. — O que significa?

— Proteção. — Adrian pareceu estar encabulado quando botou o curativo no lugar. — Eu… — Ele limpou a garganta. — Eu tive uma ideia recentemente de que talvez meu poder possa se transferir pra tatuagens. Se não importa se o desenho é com a minha caneta ou giz de cera ou tinta… por que não tinta de tatuagem?

— Você fez isso sozinho?

— Fiz. E sei que pode parecer meio doido, mas… achei que deveria tentar e ver o que acontece.

— Tentar o que exatamente?

— Ver se consigo fazer uma tatuagem em mim mesmo que seja… mais do que só uma tatuagem. — Ele encostou o polegar de leve no curativo antes de puxar a manga para baixo. — Achei que essa poderia ser útil em uma luta. Uma coisa que eu poderia usar para proteção se precisasse.

Nova ficou olhando, sem ter certeza se tinha entendido.

— Então… você tatuou uma torre no braço numa tentativa de… fazer o que mesmo?

— Bem, *se* der certo — disse Adrian, abrindo um sorriso atrevido —, vai ser tipo me dar outro superpoder. Em teoria, vou poder usá-la pra criar uma barreira em torno de mim e de quem estiver por perto para desviar ataques de outros prodígios.

Ela se encostou na janela.

— É… uma teoria interessante.

Ele limpou a garganta, desconfortável, e Nova teve a impressão clara de que havia alguma coisa que ele não estava contando.

— Acho que vamos ver no que vai dar. Deve estar cicatrizada em uns dois dias, aí vou poder testar.

— Você não parece tão preocupado por talvez ter tatuado um castelo medieval em si mesmo sem motivo nenhum.

Ele riu e pareceu que queria dizer alguma coisa, mas Nova sentiu sua incerteza. Finalmente, Adrian respondeu:

— Bem, ter tatuagens faz um cara parecer durão, não é?

Ela riu.

— Claro.

O rugido dos motores parou de repente. Nova levou um susto ao ver que já estavam nas docas. A neblina tinha se dissipado quase toda e revelado os prédios junto ao píer e os arranha-céus atrás. O sol tinha aparecido no horizonte e seus raios cortavam o que restava da névoa.

Ela pegou o buquê de flores e seguiu Adrian para fora do barco. Percebeu com uma certa decepção que nenhuma das figuras que tinha visto na doca era das ditas famílias que tinha imaginado. Eram todos estranhos: um administrador dos Renegados que pediu que ela assinasse um formulário declarando que tinha voltado ao continente em segurança depois da libertação, um funcionário que foi amarrar o barco e a imprensa.

Havia algumas dezenas de jornalistas e fotógrafos reunidos, já tirando fotos de Nova e gritando perguntas que logo se misturaram sem fazer sentido.

Adrian colocou a mão na lombar dela e a guiou de forma que atravessassem o grupo.

— Você não precisa falar com eles — murmurou no ouvido dela, e Nova se perguntou quantos jornais e tabloides divulgariam aquela foto nos dias seguintes. Adrian Everhart cochichando no ouvido da garota que tinha sido suspeita de ser Pesadelo… sem mencionar as margaridas amarelas. Ela corou e se esforçou para ignorar os gritos que ficaram para trás: *Nova! Srta. McLain! Insônia!*

— Deixamos um carro aqui — disse Adrian, apontando para um estacionamento pequeno conforme atravessavam as fileiras de barcos cujos cascos se batiam secamente na água.

Mas, enquanto Adrian estava guiando Nova para o estacionamento, uma figura desconhecida saiu de trás de um táxi que esperava do outro lado da rua.

— Nova! — gritou ele, correndo na direção dela. — Ah, graças aos céus!

Nova parou e franziu a testa, não tanto pelo homem, mas pela forma como ele disse o nome dela. Como se a conhecesse.

Ela observou o rosto dele. Ele devia ter uns cinquenta e tantos anos, cabelo grisalho e barba desgrenhada. Estava usando uma calça jeans, mocassins e um suéter puído e desbotado que quase certamente não era quente o suficiente para o tempo.

Nova tinha certeza de que nunca tinha visto aquele homem na vida.

Ela ficou tensa, uma das mãos indo na direção da arma de choque no cinto até se lembrar de que tinha jogado todas as armas na bolsa que ficou no porta-malas do carro do Leroy.

Assim que chegou a ela, o homem segurou a mão de Nova com carinho. A pele dele era coriácea e parecia bem mais velha do que as feições sugeriam.

— Estou tão aliviado — disse ele. — Achei que nunca mais ia te ver!

Para a surpresa dela, havia lágrimas nos olhos cinza-azulados.

Talvez percebendo a perplexidade de Nova, Adrian segurou o cotovelo dela e a puxou gentilmente para perto.

— Desculpe, mas você é…? — perguntou Adrian.

— Tio dela — disse o homem, sorrindo e esticando a mão para apertar a de Adrian. — Você deve ser Adrian.

Nova enrijeceu. Seu *tio*?

Adrian aceitou o aperto com hesitação, mas o homem balançou a mão dele com entusiasmo.

— Ela me contou tanta coisa. Não para de falar de você. É tão bom finalmente te conhecer. E em uma ocasião tão feliz! — O sorriso dele se alargou e, antes que Nova pudesse entender inteiramente o que estava acontecendo, o homem passou os braços em volta dela.

O poder de Nova correu para a superfície da pele, formigou com a tentação de anular aquela ameaça, de apagá-lo antes que ele pudesse lhe fazer mal. Mas ele não estava fazendo mal nenhum, se essa era a intenção. Na verdade, ele a estava abraçando como…

Bem. Como alguém da família.

— Tio? — experimentou ela.

Ele se afastou, mas manteve as mãos nos ombros de Nova.

— Eu tentei te visitar depois que te levaram, mas nossos documentos foram destruídos na explosão e eu não tinha como provar quem era. Não acreditaram em mim. E como eles estavam achando que você era aquela… aquela *vilã*… — Ele cuspiu as palavras, e suas narinas se dilataram de repulsa. — Botaram tanta segurança em cima de você que não tinha como me deixarem chegar perto. Sinto muito. Eu estava morrendo só de pensar em

você lá, sozinha. Não queria que você achasse que eu tinha te abandonado, mas não consegui…

— Tudo bem — gaguejou ela. — Eu estou bem. Eu… — Ela olhou para Adrian. — Estou livre agora.

— Eu sei. Não consegui acreditar quando ouvi, mas, ao mesmo tempo, sabia que isso seria resolvido. Sabia que eles não iam acreditar naquelas mentiras sobre você pra sempre, não depois de tudo que fez por eles. — Ele soltou os ombros dela e voltou a olhar para Adrian. — Eu fiquei tão orgulhoso dela quando passou pelos testes e foi escolhida. Ser Renegada é um sonho desde que ela é pequena.

Adrian sorriu, a cautela da expressão sumindo aos poucos.

— Nós temos sorte da Nova estar na equipe. Não tenho como expressar o quanto lamentamos esse engano. Nova merecia mais consideração da nossa parte.

— Agora é passado. — O homem esticou a mão e deu um tapinha na cabeça de Nova, e ela não conseguiu resistir a rosnar e se desviar. — Vem. Vamos pra casa, pra você poder descansar. Bom… não pra *casa*, obviamente. É uma forma de falar. Mas aluguei um apartamentinho legal que vai servir até a gente resolver tudo. Não é ruim. A gente vai se virar, como sempre fez.

— Os Renegados podem providenciar moradia temporária — sugeriu Adrian. — É o mínimo que podemos fazer, considerando…

— Não, não — disse o homem. — É muita generosidade, mas tem gente nesta cidade que precisa mais de caridade do que nós. Muito obrigado, mas a minha pequena Nova e eu vamos ficar bem.

Ele começou a guiar Nova para o táxi, mas Adrian chamou o nome dela, o que a fez parar e se virar.

Ele pareceu tímido de repente, a respiração se condensando no ar entre os dois. Pareceu lutar com palavras que não sabia bem como dizer enquanto Nova esperava, o coração disparado. O mundo ficou mais indefinido; a cidade, os jornalistas, seu falso tio, tudo foi sumindo, exceto Adrian e aquele seu olhar nervoso fixo nela.

— Sempre foi real pra mim também — ele acabou dizendo, a voz pouco mais do que um sussurro. — Espero que você saiba disso.

Nova estremeceu. Antes que ela pudesse se convencer de que não deveria, deu o buquê de flores para o estranho e diminuiu a distância entre ela e Adrian. Passou os braços em torno do pescoço dele e o puxou para perto. Flashes piscaram e jornalistas correram para eles com avidez, fazendo perguntas, mas Nova nem reparou, com a sensação de completude que tomava seu corpo, das bochechas coradas aos dedinhos dos pés encolhidos de felicidade. Ela só se importava em transmitir naquele momento, naquele beijo, o que talvez não tivesse outra oportunidade de dizer.

Aquilo era real. Apesar de tudo, seus sentimentos por Adrian Everhart eram reais, e ela ia guardar aquele momento no coração pelo resto da vida. Não importava o que o futuro trouxesse; ela apreciaria aquele beijo e as palavras dele para sempre.

Adrian estava com um sorriso largo quando ela se afastou. Nova se permitiu o luxo de aninhar o rosto dele nas mãos geladas e memorizar aquele sorriso, aqueles olhos, aquelas covinhas elusivas e preciosas.

Em seguida, saiu dos braços dele e tirou o casaco dele dos ombros. Mesmo sem o casaco, o calor do beijo permaneceu nela, aquecendo-a de dentro para fora.

— Obrigada — disse ela, devolvendo o casaco e torcendo para que ele soubesse que ela estava falando de mais do que só o casaco. — A gente se vê no quartel-general, acho.

Adrian assentiu, ainda sorrindo.

— Te vejo lá.

Sem encarar seu tio de mentira, Nova pegou as flores e foi para o táxi do outro lado da rua.

Ela afundou no banco de trás e esperou que a porta se fechasse antes de se virar para o estranho.

— Quem é você?

O homem abriu um sorrisinho e começou a tirar fios soltos do suéter.

— Um ótimo ator, modéstia à parte. Se bem que talvez não tão bom quanto você. — Ele lançou para ela um olhar sugestivo.

Mas Nova não se importou com as bochechas coradas e com a pulsação errática, nem se aquele homem achava que o beijo tinha sido fingido.

— Você pode me responder?

— Se você não gosta de “tio”, pode me chamar de Peter. Peter McLain.

Ela trincou os dentes, mas o homem continuou.

— E acredito que agora eu tenha confirmado o resto da sua história. O tio estranhamente sumido… *encontrado*. Isso deve silenciar o resto das dúvidas, ao menos por um tempo. De nada.

Nova ficou olhando para o estranho, simultaneamente irritada e um pouco impressionada. Ele estava certo. Em algum momento, Adrian e os Renegados teriam feito perguntas sobre o tal tio que nunca tinha ido atrás dela depois da prisão. O tio que ninguém nunca tinha visto.

— Tudo bem — disse ela. — Mas *quem é você*?

— Ele é um aliado.

Ela levou um susto e olhou para a frente quando o motorista empurrou para o lado a divisória de acrílico que os separava. Ela viu os olhos dele no retrovisor, a pele em volta manchada e com cicatrizes, as sobrancelhas queimadas havia muito tempo. Seu coração pulou.

— Leroy!

Ele sorriu para ela.

— Bem-vinda de volta, pequena Pesadelo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



O SUPOSTO TIO DE NOVA não estava morando em um velho apartamento alugado; no fim das contas, o resto dos Anarquistas também não.

Leroy os levou para o bairro de Barlow e parou na esquina da rua East 16th com a avenida Skrein. Nova foi para a calçada e se viu inspecionando vitrines gradeadas que exibiam uma variedade de bens: duas guitarras, uma furadeira, um toca-discos vintage. Uma placa desbotada no alto da construção dizia em letras enormes: CASA DE PENHORES DO DAVE.

Nova observou a rua e reparou em uma boate fechada, uma loja de conveniência e algumas lojas vazias com placas de ALUGA-SE penduradas nas vitrines. A julgar pelo quanto os anúncios estavam amarelados nas bordas, eles estavam pendurados desde a Era da Anarquia.

Seu “tio” fez um chaveiro tilintar ao abrir a porta da loja de penhores, também equipada com barras de metal impressionantes.

— Você é o Dave? — perguntou Nova quando ele e Leroy a levaram para dentro.

— Não, Dave só deixou a gente usar o porão — respondeu o homem, entrando pela loja. — Por um preço, claro. Tudo pra ganhar dinheiro, né?

As luzes do teto estavam apagadas, mas uma série de vitrines de vidro dentro da loja tinham luzes embutidas que lançavam um brilho suave nas mercadorias. Relógios e joias em caixas, pôsteres de filmes antigos emoldurados nas paredes, prateleiras nos fundos cheias de computadores,

aspiradores e rádios. Não havia muitos eletrodomésticos e eletroeletrônicos que Dave *não* tivesse em estoque, coisas que iam desde eletrônicos práticos a produtos luxuosos caros.

Lojas de penhores eram importantes durante a Era da Anarquia, quando boa parte do sistema financeiro desmoronou e a economia mundial tinha sido amplamente substituída por um sistema de trocas e permutas. Esses negócios continuaram indo bem mesmo depois que os Renegados tinham assumido o controle, afinal a economia seguia com dificuldade para deslanchar de novo e a segurança de emprego continuava inexistente. As pessoas ainda precisavam de comida, e às vezes o jeito mais rápido e fácil de conseguir dinheiro era penhorando a coleção antiga de alfinetes de chapéu da vovó por uma fração do preço pré-Anarquia.

Eles passaram pela loja e foram até uma sala dos fundos, onde prateleiras de metal estavam lotadas de mais eletrônicos e uma variedade de peças. Tinha cheiro de graxa e mofo e roupas comidas por traças, tudo fazendo Nova se lembrar dos túneis do metrô.

Leroy e o homem pegaram uma bancada de consertos pequena e juntos a empurraram para o lado.

Havia uma porta escondida no piso velho de linóleo, iluminada por uma luz amarelada que vinha de baixo.

Sorrindo de uma forma que exibia os dentes que faltavam, Leroy indicou que era para Nova ir primeiro.

Ela apertou o buquê de margaridas que Adrian dera a ela e, sem saber bem o que fazer, colocou-o debaixo do braço ao se virar para descer os degraus da escada vertical. O papel estalou alto quando ela entrou no porão. Sua bota mal tinha tocado o concreto quando braços a envolveram e puxaram da escada.

— Pesadelo, minha querida! — disse Mel, apertando-a por trás. — Nós sentimos tanto a sua falta!

Ela virou Nova para poder aninhar o rosto dela com as mãos de unhas pintadas. Havia filetes de delineador preto, escorrido e seco nas bochechas, e ela parecia estar mais coberta das amigas abelhas do que o habitual; nove ou dez estavam presas no cabelo louro, e Nova viu pelo menos mais dez

andando pelo pescoço e pelos ombros.

— Se eu acreditasse em milagres, diria que conseguimos um. Você está livre! — continuou Mel.

— Estou livre — concordou Nova enquanto Leroy descia a escada ao lado delas.

— E, ah, flores! Leroy se lembrou de levar pra você? Que atencioso.

Nova olhou para Leroy. Agora que estava de volta em território vilão, a última coisa que queria era confessar que, na verdade, as flores eram de Adrian Everhart.

Leroy piscou para ela e não disse nada.

— Vou encontrar algum lugar onde colocá-las — disse Mel, pegando da mão dela o buquê, que foi imediatamente infestado por um bando de abelhas entusiasmadas.

O porão da casa de penhores não era bem um porão, mas sim um abrigo antibombas, com paredes grossas de concreto e dois corredores que levavam a outras direções. Nova supôs que o abrigo devia ocupar quase todo o quarteirão. Naquela área central havia cadeiras dobráveis bambas, tapetes surrados sobrepostos no chão e engradados de comida e suprimentos encostados na parede.

Mas o que foi mais surpreendente para ela do que descobrir que seus aliados tinham ido morar no abrigo antibombas embaixo da Casa de Penhores do Dave foi saber que eles não estavam sozinhos.

Nova foi recebida por pelo menos trinta rostos, quase todos estranhos, que ficaram olhando para ela, basicamente sem expressão. Nova reconheceu sinais de habilidades inerentes. Uma garota, alguns anos mais velha do que ela, com cabelo castanho-avermelhado denso que flutuava como algas no ar. Um homem com fungos e cogumelos cobrindo o braço direito. Um garoto de uns treze ou catorze anos com olhos gigantescos, com pupilas em formato de estrelas de seis pontas.

Havia indicadores mais sutis. Uma tatuagem de duas flechas cruzadas em um pergaminho, símbolo do Cartel Vândalo, que tinha sido a gangue do Bibliotecário anos antes. Dois garotos novos usando vestes douradas, reminiscentes dos Harbingers. Nova sabia que algumas gangues vilãs que não

haviam sido dizimadas no Dia do Triunfo tinham fugido e continuavam existindo, lutando para sobreviver. Aquelas pessoas estavam escondidas, roubando quando precisavam, lutando pelas necessidades, existindo nas sombras, muitas passando a vida escondendo o fato de que eram prodígios, para não chamar atenção dos Renegados que as rotulariam como vilãs.

Mas ela nunca tinha ouvido falar de uma reunião delas em um grupo unificado. Aquilo estava acontecendo sem o conhecimento dos Anarquistas aquele tempo todo?

Ela viu Fobia no canto dos fundos, a foice cintilando acima das cabeças das pessoas. Nova engoliu em seco. As palavras de Adrian, carregadas de raiva, voltaram a ela.

Quem não tem medo não pode ser corajoso… Essas palavras foram encontradas em um pedaço de papel deixado no corpo da minha mãe.

Quantas vezes Nova tinha ouvido Fobia dizer aquilo? Era uma frase que ouvira em muitos momentos durante a vida e que lhe parecia ao mesmo tempo verdadeira e encorajadora. Não havia problema em ter medo às vezes, pois só então seria possível escolher ter coragem.

Mas as palavras tinham um significado bem diferente para Adrian.

Fobia teria matado Lady Indomável? Seria *ele* o assassino da mãe de Adrian?

Nova ficou pensando se perguntaria a ele se tivesse oportunidade. Ela não tinha certeza do quanto realmente queria saber.

Virando-se para Leroy, ela perguntou:

— Alguém quer me explicar o que está acontecendo?

Mas não foi Leroy que respondeu.

— Talvez seja bom começar com o enorme *obrigada* que você nos deve.

Nova se virou.

Narcissa Cronin estava ao lado do garoto com olhos de estrela e de uma senhorinha que podia muito bem ser a avó de alguém, com exceção do fato de que estava naquele aposento sujo cercada de vilões. Narcissa estava de braços cruzados, e seu rosto demonstrava a mesma repulsa que exibia na última vez em que elas se cruzaram, quando Narcissa atacou Nova em casa e algum aliado desconhecido dela jogou uma pedra pela janela.

— Nós salvamos a sua vida — disse Narcissa com uma retorcida azeda dos lábios. Ainda era estranho vê-la espumando de raiva considerando que ela parecia tão dócil antes. Era quase como se estivesse usando uma máscara.

Falando em máscaras, Nova começou a se perguntar onde estava seu traje. Narcissa devia tê-lo usado para incorporar Pesadelo, mas isso significava que Leroy e Mel tinham dado suas coisas para Narcissa de vontade própria.

— Obrigada — disse Nova, embora tenha parecido meio mecânico. — Mas ainda não sei o que está acontecendo.

— Nós tivemos que salvar a sua vida — disse Mel, que tinha encontrado uma jarra de plástico barata para as flores, que agora estavam em um canto. Ela passou o braço em volta de Nova e apertou a cabeça na dela. — Você é nossa pequena Pesadelo. Nós não somos os mesmos sem você.

— É, eu tive esperanças de que vocês fossem tentar fazer alguma coisa pra me tirar de lá — disse Nova —, mas quem são todas essas pessoas? O que a gente está fazendo aqui?

— Esses — disse Leroy — são nossos novos aliados.

Diferentemente de Nova, ele pareceu relaxado, as mãos enfiadas nos bolsos, um sorriso suave nos lábios caídos.

Nova apontou para Narcissa.

— Na última vez que te vi, você estava tentando me matar.

— Eu tive tempo de reconsiderar algumas coisas — replicou Narcissa. — Depois da nossa conversa, passou pela minha cabeça que talvez nossos objetivos não sejam tão diferentes assim. — O tom dela sugeria que era uma admissão sofrida para ela. — Eu odeio o que a Detonadora fez com a minha família, com o meu avô e com a biblioteca. E eu culpei você por ter deixado acontecer. Mas aí… Bom, você matou a Detonadora, e eu acho que isso vale alguma coisa. Além do mais…

Ela hesitou e olhou para a mulher idosa, que assentiu com encorajamento.

Nova se deu conta, com um sobressalto, de que reconhecia a mulher, embora, na última vez que a tivesse visto, tenha sido a bordo de uma casa de barco apertada na rodovia costeira.

— Millie?

— Oi de novo, srta. *McLain* — disse Millie com uma piscadela divertida.

Por ter a psicometria como habilidade, Millie era capaz de ver o passado de qualquer objeto em que tocasse, mas era o talento para a falsificação que costumava ser mais valorizado pelas gangues vilãs. Havia sido ela que criara os documentos falsos para a candidatura de Nova aos Renegados. De certa forma, tinha criado o alter ego dela, lhe dando um novo nome, um novo passado, uma nova identidade.

— Millie me convenceu de que os Anarquistas podiam ser bons aliados pra nós — relatou Narcissa. — Considerando sua presença nos Renegados e a forma como você conseguiu chegar tão perto do Conselho, ela achou que seria melhor te dar outra chance.

— Fiquei bem orgulhosa daquela identidade nova que criei pra você — disse Millie. — Odiaria desperdiçar tudo quando estamos tão perto de ver a organização desmoronar.

— Então você fingiu ser eu — disse Nova — pra que eles tivessem que me soltar.

Narcissa assentiu.

— De nada.

Foi um risco, um risco *enorme*, Nova sabia. Narcissa tinha se colocado em um perigo imenso para executar aquele plano.

Mas tinha dado certo. Nova estava livre.

E agora…

Agora o quê?

Todo mundo estava olhando para ela, quase com expectativa, mas Nova estava cansada demais para entender o que queriam. O que esperavam.

Ela observou o aposento. Sua atenção parou num garoto magrelo de cabelo escuro perto dos fundos. Ela levou um momento para identificá-lo, até se dar conta de que o tinha visto nos testes dos Renegados. O garoto que fazia criaturas de origami ganharem vida.

Os Renegados o tinham rejeitado. O que ele estava fazendo ali agora?

Seu coração deu um salto. Eles o tinham rejeitado.

Os Rejeitados.

Aquele era o grupo sobre o qual Narcissa tinha falado, para o qual ela estava tentando roubar o elmo. Eles eram os Rejeitados.

Mas… ela ainda não sabia bem o que aquilo significava.

— Tudo bem — disse Nova, terminando a avaliação do grupo reunido e determinando que não reconhecia mais ninguém. — E o restante de vocês, quem são?

— Não é óbvio? — indagou Mel, dando risadinhas. — Nós somos os vilões da Cidade de Gatlon!

— Não, nós não somos vilões — disse Narcissa com firmeza.

Mel deu uma risada irônica e chegou perto do ouvido de Nova.

— Ela odeia quando eu digo isso.

— Nós somos prodígios com objetivos diferentes dos Renegados — disse Narcissa com as bochechas ficando vermelhas. — Somos prodígios que desejam ser quem são e o que são. Desejamos viver como queremos, sem medo de os Renegados aparecerem a qualquer momento e nos intimidarem e nos maltratarem ou mesmo nos neutralizarem com aquela arma deles, só porque não queremos ser um deles.

— Nem porque nossas gangues tiveram uma guerra com eles mais de uma década atrás — acrescentou um dos garotos de dourado.

— Todo mundo aqui era fornecedor ou cliente do meu avô — disse Narcissa. — Quando ele morreu, estava segurando um livro, um livro de registro. Uma listagem de todos os prodígios e gangues com quem tinha trabalhado ao longo dos anos. Eu passei os últimos meses procurando aquelas pessoas na esperança de formar novas alianças, de conseguir trazer alguma mudança para esta cidade. — Ela hesitou e, apesar do entusiasmo momentâneo, começou a parecer meio acanhada. — Os Anarquistas estavam no livro também. Não só a Detonadora, mas inclusive o Cianeto e a Abelha-Rainha. Até você foi mencionada uma vez, Pesadelo. Considerando as circunstâncias, acho que meu avô ia querer que trabalhássemos juntos. Os Renegados dificultaram, tornaram quase impossível que alguém que recebesse o estigma de *vilão* seguisse uma vida normal, e meu avô sofreu por isso. Nós todos sofremos. Ele teria gostado de ver as coisas ficarem diferentes. Mas é impossível mudar se ninguém nos oferece empregos ou aluga apartamentos para nós ou sequer nos vê como cidadãos normais da cidade. Quando o simples fato de sermos prodígios que *não são* Renegados

nos torna automaticamente suspeitos.

— Suspeitos e alvos — disse o homem com os fungos. — Você sabia que só quinze por cento dos crimes desta cidade são cometidos por prodígios? Mas os Renegados colocam oitenta por cento da força-tarefa deles para caçar criminosos prodígios e ignoram o resto. Se eles ligassem mesmo pra justiça e pra proteção dos fracos, era de se imaginar que fariam um esforço maior para resolver o problema real.

— Aos olhos deles, nós somos o único problema real — disse Narcissa. — Nós levamos a culpa por tudo que há de errado nesta cidade. Tudo para os Renegados poderem fingir ser grandiosos e honrados. "Olha, nós pegamos outro prodígio, o que roubou uma loja de conveniência seis anos atrás! Vocês não se sentem seguros agora?" É preconceito, tanto quanto das pessoas que nos apedrejavam por sermos demônios.

— E agora eles têm esse tal Agente N — disse uma voz estrondosa e mal-humorada. Nova deu um pulo, mas não identificou de onde tinha vindo.

— Esse é o Megafone — apresentou Narcissa, indicando um homem que não passava de um metro de altura com barba preta desgrenhada que estava no meio de um grupinho de prodígios.

— O corpo é pequeno — disse ele ao perceber a surpresa de Nova —, mas a voz é alta.

E era mesmo. Embora ele não estivesse gritando, a voz ecoava como uma explosão sônica pelo espaço fechado.

— Vocês sabem sobre o Agente N — disse Nova.

— Saiu no noticiário — disse uma garota de olhos puxados que tinha uma fileira de escamas reflexivas como um moicano na cabeça careca. — Aqueles três Renegados que perderam os poderes em uma luta contra a Pesadelo. Nós achamos que era uma coisa que vocês Anarquistas tinham criado, uma arma nova pra derrubar os Renegados, mas o Cianeto nos contou a verdade.

Nova firmou as mãos nos quadris.

— Eles estão desenvolvendo o Agente N há anos, e a intenção é usá-lo contra prodígios que não sigam o código deles. Qualquer Renegado que ache que alguém está utilizando mal seu poder terá autorização de neutralizá-lo imediatamente.

— Não vamos nos enganar — disse Millie. — Eles não vão precisar de motivos novos pra neutralizar quase todas as pessoas desta sala. Mais da metade de nós era leal a várias gangues durante a Era da Anarquia e, como Narcissa disse de forma tão sucinta, não tem sido fácil nos apresentar sob uma nova luz nos últimos dez anos. Nossas transgressões passadas vão ser prova suficiente para os Renegados de que somos uma ameaça para a sociedade. Eu imagino que vão fazer disso um jogo, caçar seus inimigos da Era da Anarquia e se livrar de nós, um por um.

Nova não respondeu. Ela não achava que aquela fosse a intenção do Conselho, mas sabia que Geladura e a equipe dela teriam feito exatamente isso quando tivessem acesso ao sérum. Haveria outros como eles, mais do que dispostos a abusar daquele poder. Independente das intenções do Conselho, Nova não confiava neles para defenderem o direito dos prodígios que já tinham sido membros de gangue ou que ainda precisavam lutar e roubar para conseguir viver em um mundo implacável.

Seu peito pareceu vazio quando ela encarou as pessoas ao redor. Nova sentiu uma solidariedade intensa por aquele grupo de desajustados, que nunca poderiam ser super-heróis, mas que também não mereciam ser chamados de vilões. Que chance eles tiveram de viver as vidas que queriam? Sob o governo dos Renegados, eles ainda eram culpados. Ainda eram oprimidos. Ainda eram uma ameaça a ser exterminada ao menor vacilo.

Ela via a exaustão deles, embora estivesse acompanhada de resiliência. Eles tinham sobrevivido até ali, mas não queriam mais simplesmente sobreviver. Estavam prontos para resolver aquilo com as próprias mãos e acreditavam que ela podia ajudar. Acreditavam que os Anarquistas podiam ajudá-los.

Seria uma guerra de novo. Heróis contra vilões. Uma luta nova por dominação.

Nova já tinha acreditado que estava preparada para aquilo. Estavam finalmente na beira do precipício que ela havia passado a vida escalando.

Mas a sensação era diferente agora, ao olhar para o futuro incerto. E se as linhas não estivessem tão claras? E se ela não fosse heroína nem vilã? E se ela fosse as duas coisas?

— Então estamos aqui porque queremos que as coisas mudem? — perguntou ela.

— E porque, pela primeira vez em dez anos, temos chance — acrescentou Leroy. — Os Renegados estão mais fracos agora do que nunca, desde a Batalha de Gatlon. As pessoas estão perdendo a fé neles. Seus recursos estão se esgotando. Estão tentando ser coisas demais, mas não têm a força de trabalho nem a infraestrutura necessárias pra cumprir as promessas. É a hora perfeita pra atacar.

Nova tremeu, perguntando-se por que as palavras dele pareciam tão distantes e impossíveis para ela, ao mesmo tempo que os estranhos ao redor estavam assentindo intensamente em concordância. Sim, a popularidade dos Renegados tinha sofrido nos últimos tempos, mas ainda eram poderosos. Seria ingenuidade pensar o contrário.

— Qual é o seu plano? — perguntou ela, virando-se para Narcissa. — Você nos reuniu aqui. E agora?

Narcissa se encolheu um pouco sob a atenção dela.

— Nosso plano — respondeu Leroy por ela — era trazer você de volta. Agora que conseguimos esse objetivo, está na hora de determinar qual será o próximo.

Nova riu.

— Então não existe plano.

— Essas coisas não acontecem da noite para o dia — disse Millie.

— Além do mais — disse Mel —, o Ace sempre foi nosso visionário antes, e ultimamente… — Ela olhou bem na cara de Nova, e o significado ficou claro. Ultimamente, Nova era a mais recente visionária daquele pequeno grupo.

Nova expirou devagar.

— Eu… talvez tenha uma ideia. Uma coisa em que pensei muito quando estava na prisão. Uma coisa que pode nos dar tudo de que precisamos e que queremos. Liberdade. Autonomia. Controle sobre nossas vidas para variar.

— Morte aos Renegados? — disse Mel, lambendo um pouco de mel dos lábios.

Nova fez uma careta. Ela mordeu a língua, sem conseguir dizer a verdade

para aquele grupo de Rejeitados e Anarquistas, que já tinham ouvido mentiras e sido manipulados vezes demais.

Mas, se pudesse fazer as coisas seguirem o jeito dela, Nova conseguiria evitar outra guerra. Ela nunca tinha se imaginado pensando isso, mas… se tudo desse certo, os Renegados seriam poupados.

— Eu preciso de mais tempo pra pensar — disse, evitando o olhar de Mel e Leroy —, mas, pra começar… a gente tem que trazer o Ace de volta. Ele é o verdadeiro visionário, não eu, e nós não vamos seguir em frente sem ele.

Foi quase imperceptível… *quase*. A onda de medo e incômodo que percorreu o grupo.

Até os vilões tinham medo do Ace Anarquia.

— Nós lamentamos muito que vocês tenham perdido seu líder — disse Narcissa —, mas o Ace Anarquia não é preocupação nossa. Temos que fazer alguma coisa em relação a esse tal de Agente N. Precisamos encontrar um jeito de começar a viver sem sentirmos medo o tempo todo.

— Temos que derrubar os Renegados! — gritaram do fundo.

Nova balançou a cabeça.

— Vocês arriscaram tudo pra me trazer para cá, e agora estou pedindo pra confiarem em mim. Ace Anarquia é nossa maior chance de sucesso.

— Você diz isso — rosnou o garoto com olhos de estrela —, mas estava com o Ace Anarquia do seu lado durante dez anos e nenhum de nós sequer sabia. Todo mundo achava que ele estava morto. O que ele fez de útil?

— Ele está doente — respondeu Nova. — O elmo foi tirado dele na Batalha de Gatlon e isso o enfraqueceu. Mas nós estamos com o elmo agora… — Ela hesitou. — Nós *estamos* com o elmo, né?

— Claro — disse Leroy. — Fobia cuida dele noite e dia.

Ela engoliu em seco e fingiu que isso não a incomodava. Fobia ainda era Anarquista, ela lembrou a si mesma. Nova nunca tinha pensado nele como amigo, mas ele ainda era seu aliado.

Mesmo se tivesse matado a mãe do Adrian.

— Não tenha medo — disse Fobia com a voz taciturna e rouca. Nova se virou e levou um susto ao vê-lo tão perto. O elmo do Ace estava pendurado na lâmina da foice, que entrava pelo buraco do pescoço e saia pela abertura

dos olhos. — Pra maioria dos prodígios, esse elmo seria mais um fardo do que um presente.

Nova não sabia muito bem o que sentia sobre o elmo, que talvez fosse a maior realização do pai. Ela não chamaria o poder dele de fardo, mas um medo pesado se acomodou no estômago de Nova quando esticou a mão na direção do objeto. Ela segurou o elmo e o tirou da lâmina. O metal estava quente ao toque, ainda emitindo aquele brilho familiar aninhado nas mãos dela.

— Ace lutaria por qualquer um de nós — disse ela. — *Lutou* por nós. Tudo que ele fez foi para melhorar a vida dos prodígios. Nós não podemos deixá-lo naquele lugar. Não podemos deixar que seja executado.

— É impossível — murmurou alguém, embora Nova não conseguisse saber quem. Não importava. Ela podia ver aquele pensamento espelhado em todos os rostos ao redor.

— Não é impossível — insistiu ela. — Hoje de manhã, eu era prisioneira na Penitenciária Cragmoor e só tinha três aliados aqui fora. — Ela indicou Mel, Leroy e Fobia. — E agora, cá estou eu. Cá estamos todos nós. Se vocês estiverem falando sério sobre querer mudar as coisas, então nem temos o que discutir. Ace fez mais pela causa dos prodígios no mundo do que qualquer humano vivo, e nós não vamos abandoná-lo. Além do mais, ele é meu tio. Ele me salvou quando precisei dele. Eu vou salvá-lo agora ou vou morrer tentando.

— Bom, pelo menos um desses cenários parece provável — murmurou Narcissa. — Você vai morrer tentando invadir Cragmoor.

Nova fez cara feia, mas sentiu a expectativa latejando nas veias. Era o zumbido familiar de adrenalina de quando ela estava traçando um plano, avaliando a logística, decidindo de que era realmente capaz.

— Nós não vamos atacar a prisão. Vamos impedir a execução.

Um homem parrudo que tinha idade para ser avô de Nova soltou uma risada.

— Ah, que beleza, então! Vai ser bem mais fácil. Não vamos precisar nos preocupar com o fato de que todos os Renegados vão estar lá.

— Você tem razão; os Renegados estarão presentes em peso lá — disse

Nova. — Mas os Renegados costumam ficar arrogantes quando estão em grupos grandes. Eles abaixam a guarda. E, embora talvez esperem que a Pesadelo tente salvar o Ace — ela olhou para Narcissa —, não vão imaginar um ataque de todos nós. Mas preciso de tempo pra pensar. E vou precisar voltar ao quartel-general. Tem algumas coisas…

— É só isso? — perguntou Narcissa. — Nós arriscamos tudo pra te tirar da prisão e você só nos dá umas esperanças vagas sobre salvar o Ace de alguma maneira que exija arriscar nossas vidas? A questão aqui é maior do que o Ace Anarquia, maior do que os Anarquistas.

— Eu sei que é — insistiu Nova. — Mas preciso de tempo pra pensar nisso. Vocês vão ter que confiar em mim.

— Nós confiamos em você — disse Leroy. — Foi você que roubou o elmo do Ace de volta, e do cofre dos próprios Renegados, ainda por cima.

— Ah! — disse Mel. — Falando em coisas roubadas dos Renegados, você acha que vai precisar disto? — Ela enfiou a mão na gola e tirou um medalhão preto de dentro do vestido. O Amuleto da Vitalidade.

Nova sentiu uma onda de apreensão enquanto olhava para o desenho no metal preto. Embora o amuleto a tivesse protegido do Agente N, em parte Nova tinha tido esperanças de que nunca mais precisaria dele de novo.

Mas ela não disse nada quando passou o cordão pela cabeça e enfiou o amuleto debaixo da blusa.

— Vamos nos reunir de novo em algumas horas — disse ela. — Vou precisar saber o que cada um de vocês é capaz de fazer, pra ver se as suas habilidades serão úteis enquanto penso em um plano.

— Seus antigos medos voltaram, pequena Pesadelo — acrescentou Fobia, a voz baixa, mas não o suficiente. — Estão mais fortes do que nunca agora. Um medo quase paralisante de fracassar… *de novo*.

Nova espiou o sombrio poço sem fundo que havia embaixo do capuz do Fobia. As tentativas dele de analisá-la psicologicamente costumavam enchê-la de irritação. Parecia uma violação de privacidade ele ficar remexendo na cabeça dela daquele jeito, procurando seus medos mais profundos, revelando seus segredos mais bem guardados.

Mas não pareceu importar tanto naquele momento. Ela estava mesmo com

medo de fracassar de novo. Estava com medo de decepcionar todo mundo; não só Ace e os Anarquistas e aquele novo e inesperado grupo de aliados, mas também Adrian e os amigos que tinha feito nos Renegados.

Sim, *amigos*. A palavra era estranha e quase inacreditável, mas Nova tinha enfrentado a verdade naquela cela de prisão. A ideia era forte e dolorosa demais para ser ignorada. Nova tinha passado a amar aquelas pessoas, que a acolheram e confiaram nela. E mesmo assim ela as traíra. Saber que elas a desprezariam pelo resto da vida a deixava se sentindo quase tão vazia quanto saber que Ace jamais olharia para ela com orgulho.

— É, eu tenho medo de fracassar de novo — disse, ainda olhando para o nada da cara de Fobia. — Mas quem não tem medo não pode ser corajoso.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



Muitas vezes, desde que Adrian e os pais se mudaram para a antiga mansão do prefeito, ele teve o pensamento insistente de que o lugar tinha muito mais espaço do que os três precisavam. Não só porque havia um salão formal, uma sala de jantar formal e quatro quartos de hóspedes que ainda não tinham recebido hóspede nenhum, mas também porque três homens adultos não tinham utilidade para sete (dá para acreditar?) banheiros.

Cada um, claro, vinha equipado com espelho. E isso não era nem considerando os espelhos dos armários e o que ficava pendurado acima da lareira na sala, e provavelmente alguns outros nos quais ele nem tinha pensado ainda. Parecia que havia reflexos para todo lado agora.

Adrian soltou o armário com espelho da parede do terceiro banheiro do térreo, pensando pela milésima vez que não tinha dado crédito suficiente para o poder de Narcissa Cronin quando a conheceu na Biblioteca Cloven Cross. Claro que viajar entre os espelhos parecia um truque legal, mas agora ele estava começando a realmente se dar conta de como a habilidade podia ser útil.

Havia espelhos *em toda parte*.

Era quase como ter uma chave mestra para praticamente qualquer porta do mundo.

Ele ficava furioso cada vez que pensava no assunto. Tinha estado no

mesmo aposento que Pesadelo naquele dia na biblioteca. Ela estava *bem na frente dele*, mas Adrian não tinha a menor ideia. Ficava doente de pensar no quanto Narcissa devia ter rido pelas costas dele.

Ao perceber como seria tedioso se livrar de todos os espelhos da casa, ele ficou tentado a quebrá-los, ou só cobri-los com panos grossos. Mas achava que seus pais não ficariam muito felizes se voltassem e encontrassem a casa cheia de estilhaços de vidro, e ele não sabia o suficiente sobre a habilidade de percorrer espelhos da Pesadelo para saber se um pano grosso seria suficiente para impedir que ela entrasse.

Por isso, eles tinham que ser retirados.

O último parafuso caiu na mão dele, e Adrian tirou o espelho da parede. Ele não tinha se dado ao trabalho de tirar as coisas de dentro e ouviu as embalagens escorregando e batendo umas nas outras enquanto carregava o armário pelo corredor e pela escada até seu quarto no porão. Ele passou pela cama e pela televisão, pela mesa onde tinha ficado horas desenhando em cadernos e, mais recentemente, fazendo tatuagens em si mesmo, e entrou na sala que já tinha sido chamada de estúdio de arte.

A sala que tinha sido convertida em selva viva.

Ele não entrava lá desde que Nova foi presa. Tinha lembranças demais que ficaram azedadas pela crença de que Nova era sua inimiga mais odiada. Lembranças da cabeça dela aninhada no ombro dele, o rosto tranquilo no sono. Lembranças da surpresa dela ao ver o mural que Adrian tinha pintado naquelas paredes, depois de ver o espanto indescritível quando ele começou a dar vida às árvores e plantas e flores exóticas.

Desde aquela noite, a selva tinha começado a definhar, como aconteceu com Turbo. O poder de Adrian não incluía imortalidade. Suas criações murchavam e morriam, assim como as coisas na vida real, até mais rápido, na verdade. Agora, quando entrou naquela sala, o perfume das flores tinha sido substituído pelo cheiro de decomposição e podridão. As cores vibrantes das plantas tinham desbotado para cinza e marrom, as pétalas sedosas pendendo, secas como papel. As gavinhas penduradas em galhos de árvores tinham ficado frágeis ao toque e várias se quebraram, se desintegrando no chão de musgo morria e revelava o piso de concreto embaixo.

Só a estátua na extremidade da sala parecia intocada… mas também ela nunca tinha sido viva.

Adrian encostou o espelho na parede junto com os outros que já tinham sido removidos. Pensou que, se Pesadelo atravessasse um deles, ela ficaria tão confusa com a flora moribunda que acharia que tinha passado pela entrada errada na terra dos espelhos, ou como quer que aquilo funcionasse.

Como precaução extra, ele criou umas armadilhas pela sala que o alertariam sobre intrusos, inclusive uma rede que cairia da copa de uma árvore e a prenderia. Adrian esperava que ela acionasse aquela. Seria bem feito, pensou ele, lembrando-se da arma parecida com uma bazuca que ela usara para prendê-lo na figura do Sentinela em uma rede similar.

Só de pensar na batalha deles no desfile, ele já trincava os dentes. Pesadelo o tinha constrangido vezes demais. Embora ele estivesse feliz, eufórico até, por Nova não ser a vilã, estava mais frustrado do que nunca por saber que a verdadeira Pesadelo continuava um passo à frente.

— Certo — murmurou ele, observando os espelhos e as armadilhas que ele tinha montado. — Cinco já foram. Só faltam treze.

Ele estava passando pelo saguão quando o rangido de uma tábua no andar de cima o fez parar.

A adrenalina quente correu pelas suas veias enquanto Adrian prestava atenção em busca de algum outro sinal de vida na antiga mansão, mas só havia silêncio. Ele tirou uma caneta do bolso e andou até a escada, seu coração de repente a coisa mais barulhenta na casa.

Com uma memória fraca da mãe o repreendendo uma vez por rabiscar com giz de cera a parede do apartamento, Adrian pegou a caneta e começou a desenhar uma arma rápida nos lambris. Não uma arma de fogo; ele sempre foi ruim de mira. Desenhou uma coisa que lembrava vagamente um atiçador de lareira, com uma ponta afiada de cada lado. Ele expirou ao tirar a arma da parede, segurou-a em uma das mãos e manteve a caneta preparada na outra. Com sorte, aquilo impediria que ele tivesse que recorrer aos poderes do Sentinela. A última coisa que queria era soltar uma bola de fogo dentro de casa.

Adrian começou a subir a escada, sabendo onde colocar os pés para que

ela não rangesse. Parou antes do patamar e olhou o corredor para a direita, mas só viu sombras e portas fechadas.

A porta dupla do quarto dos pais estava entreaberta e, sem conseguir lembrar se já estava assim antes, ele entrou. Havia um suéter no encosto de uma cadeira. Alguns livros e jornais em uma mesa de cabeceira. Sabendo que havia um espelho de corpo inteiro no closet, Adrian se preparou para ver o próprio reflexo se movendo entre trajes e botas e capas, mas a visão o fez pular mesmo assim. Ele duvidava de que voltaria a olhar um espelho do mesmo jeito.

Nada parecia fora do lugar.

Adrian fechou a porta do closet e desenhou um sino para deixar pendurado na maçaneta, de forma que, se Pesadelo entrasse por aquele espelho e tentasse abrir a porta, ele saberia imediatamente. Fez o mesmo na porta do banheiro da suíte, por ainda não ter retirado os espelhos acima da pia dupla, e parou para ouvir.

Silêncio.

Bem quando ele estava começando a achar que tinha imaginado o barulho, veio um baque no corredor.

Ele pegou o atiçador e saiu correndo da suíte, e foi aí que reparou em uma luz passando por baixo da porta do escritório. Adrian tinha certeza de que aquela luz estava apagada antes.

Com a pulsação disparada, ele foi na direção da porta e fechou os dedos em torno da maçaneta.

Ele se preparou.

Aí, abriu a porta de supetão, a arma pronta.

Adrian olhou para a janela panorâmica atrás da mesa. A faixa das cortinas tinha sido aberta e os tecidos balançavam na brisa da noite. O som de chuva lá fora parecia ensurdecedor de repente. Ele praguejou e foi até a janela, procurando sinais de movimento no gramado, observando a lateral da casa em busca da sombra de uma garota que sabia escalar prédios com facilidade.

Passos soaram atrás dele, quase inaudíveis na chuvarada.

Ele se virou na hora em que a figura toda de preto, como ela costumava usar, disparou para o corredor.

— Ei!

Adrian correu atrás. Ela entrou no quarto e bateu a porta. Rosnando, ele a abriu com força, se preparando para jogar a arma como um dardo na mesma hora que a tatuagem do braço direito começou a brilhar em branco, preparando um raio de energia para incapacitá-la.

O sino tilintou quando Pesadelo, mais de dez passos à frente, abriu a porta do armário. Ela estava com o que pareciam ser arquivos debaixo de um braço e nem olhou para trás enquanto corria.

Adrian demorou uma fração de segundo para decidir: raio de energia ou lança?

Ele poderia matá-la. Poderia acabar com ela agora.

O segundo passou. Ele ergueu o braço direito, o punho apertado, e mirou.

Um pedaço de papel voou da mão dela quando Pesadelo se arremessou no espelho no fundo do armário, no mesmo momento em que o raio de luz do diodo que tinha surgido da pele dele disparou.

O raio acertou o espelho. O espelho se quebrou, e o impacto fez estilhaços voarem pelo tapete, pelas roupas penduradas e alguns sem dúvida caindo dentro dos sapatos bem organizados dos pais.

Adrian falou um palavrão e, por garantia, arremessou o atiçador também. Acertou o fundo do espelho, abriu um buraco e ficou espetado lá.

— Droga, droga, droga — murmurou, deixando o diodo de laser afundar de volta na pele enquanto passava as mãos pelo cabelo. Adrian entrou no closet, feliz por estar de sapatos ao ouvir vidro esmagado, e chegou até a segurar a arma, mas pensou melhor. Aquilo ao menos explicaria como o vidro tinha quebrado.

Bufando, ele se curvou e pegou o pedaço de papel que Pesadelo tinha deixado cair, se perguntando o que fizera com que a vilã fosse xeretar a casa deles de novo. Ele esperava a planta do quartel-general ou descobertas da pesquisa sobre o Agente N, talvez até uma lista de endereços domiciliares de todos os Renegados ativos na organização.

A mera ideia de que a caminhante de espelhos soubesse onde seus amigos moravam o fazia tremer.

Mas, quando virou o papel, Adrian ficou surpreso de ver que não era

nenhuma dessas coisas.

Era um desenho.

Ele apertou os olhos para a ilustração, feita em uma combinação de caneta hidrocor e giz de cera. Era uma das versões de infância do monstro que tinha assombrado seus pesadelos por anos. Sua mãe dissera que uma das formas de combater pesadelos era colocá-los no papel, que fazer isso podia ensinar ao cérebro que aquilo era apenas produto da sua imaginação e não algo de que se devia ter medo.

Ele tinha desenhado o monstro incontáveis vezes, e aquilo nunca tinha tornado os pesadelos menos reais.

Depois de amassar o desenho, Adrian refez os passos até o escritório para ver se conseguia identificar o que mais Pesadelo tinha tirado de lá. Aquele desenho só podia ser acidental, uma coisa que ela pegou por acaso junto com o verdadeiro objetivo daquela invasão.

Mas todas as gavetas da mesa e do arquivo estavam fechadas. As pilhas de papel estavam arrumadas. Nada tinha sido tirado das estantes.

Nada, exceto uma única caixa que costumava ficar escondida no canto da prateleira inferior e que agora estava no tapete. Adrian se ajoelhou ao lado dela e começou a remexer nos papéis que restavam, todos desenhos de infância que seus pais quiseram guardar.

Por que Pesadelo se interessaria por aquilo?

Ele chegou ao fundo da caixa e um pensamento lhe ocorreu.

Um pensamento horrível.

As palmas das mãos dele ficaram suadas enquanto remexia nos papéis de novo, torcendo para estar enganado. Torcendo para estarem em outro lugar, para nunca terem estado naquela caixa.

Mas, não… tinham sumido.

Pesadelo levou os quadrinhos dele. As três edições de *Rebelde Z* que Adrian tinha feito quando criança, sobre um garoto que desenvolve superpoderes depois que um cientista maluco faz experimentos nele, e que usa esses poderes para se transformar em um herói superforte.

O Sentinela.

Adrian se apoiou nos calcanhares e ficou massageando a testa. Ela *sabia*.

Ele não conseguia sequer supor como ela sabia, mas Pesadelo teria provas suficientes nas páginas daquelas revistas. O suficiente para tentar chantageá-lo ou para revelar o segredo dele para o mundo.

Em meio ao medo que corroía os pensamentos de Adrian, outra coisa lhe ocorreu.

Ele se levantou e pensou na porta aberta do escritório. Ela devia ter ficado escondida atrás da porta, e ele devia ter passado por ela quando correu até a janela.

Ao seu alcance.

A gafe era *tão evidente*, em retrospecto, que pensar em como ele estivera vulnerável o deixou até meio nauseado. Em todas as vezes que tinham lutado, ele não se lembrava de Pesadelo ter perdido uma oportunidade de desarmar o oponente, de conseguir uma vantagem.

E, daquela vez, Pesadelo tivera uma oportunidade de deixá-lo inconsciente.

Então… por que não a aproveitou?

CAPÍTULO VINTE E SEIS



ANTES DE SER PRESA, Nova tinha a sensação de que cada entrada no quartel-general dos Renegados podia ser o seu fim. Agora eles teriam descoberto seu segredo. Agora estariam esperando para acorrentá-la.

Portanto, foi com uma leveza peculiar que ela empurrou a porta giratória no dia seguinte à sua libertação da Penitenciária Cragmoor. De alguma forma, o pior tinha acontecido. Ela foi descoberta. Foi presa e enviada para a cadeia. Seus segredos foram revelados. E, mesmo assim, saiu ilesa.

Suas mentiras agora pareciam mais seguras do que nunca. Tendo não só um álibi, mas um bode expiatório (Narcissa Cronin, que tinha assumido o papel do seu alter ego), Nova sentia que o peso da paranoia e da desconfiança constante tinha saído de seus ombros.

Pela primeira vez em muito tempo, ela quase sentia como se o QG fosse seu lugar. Como se tivesse conquistado o direito de estar lá.

— Insônia! — gritou Sampson Cartwright, o recepcionista não prodígio que cuidava do balcão de informações. Ele acenou quando Nova passou. — Que bom te ver de volta!

Nova sorriu e retribuiu o aceno com certa vergonha, apesar de saber que Sampson era uma das pessoas mais genuínas da equipe. Ela sentia um quentinho no coração ao pensar que talvez algumas pessoas ali, além de Adrian e da equipe, pudessem ter sentido falta dela.

Nova foi recebida por uma mistura de emoções nos rostos dos Renegados

e funcionários conforme seguia para os elevadores. Alguns a olhavam com desconfiança clara, ainda sem acreditar na inocência dela. Outros olhavam de um jeito que ficava entre um sorriso simpático e uma careta, misturados com culpa pela prisão indevida. Algumas unidades de patrulha que ela mal conhecia trocaram *high fives* entusiasmados com ela. Outros tomavam todo o cuidado para evitar contato visual.

Nova estava quase nos elevadores quando ouviu seu nome sendo gritado do outro lado do saguão. Ela se virou e viu Ruby correndo para ela.

— Me desculpa! — gritou Ruby, puxando Nova para um abraço. — Me desculpa mil vezes! — Ela recuou e segurou os ombros de Nova, que não sabia se os olhos dela estavam brilhando de lágrimas não derramadas ou de mero júbilo. — Estou tão absurdamente feliz de você não ser a Pesadelo, mas também me sinto um ser humano terrível por ter acreditado que era. A gente deveria ter te deixado explicar antes… Bom, eu só quero pedir desculpa.

— Tudo bem — disse Nova com sinceridade. Ruby tinha acreditado que ela era a vilã notória que tinha lutado contra eles nos telhados acima do desfile. Ela não podia ficar ofendida. — É coisa do passado. Agora estou de volta.

— E nós estamos felizes da vida — disse Oscar, aparecendo ao lado delas e erguendo o punho, em que Nova deu um soquinho. — Tenho que admitir que passei a gostar de você e do seu jeito objetivo e durão. E também peço desculpas, aliás.

— Chega de desculpas. Está tudo bem. Qualquer pessoa teria feito o mesmo no lugar de vocês.

A atenção de Nova se voltou para a terceira pessoa do grupo. Embora Danna tivesse seguido Ruby e Oscar, ficou alguns passos para trás, com os braços cruzados e a mandíbula firme.

Claramente sem querer pedir desculpas.

Mas Nova tinha se preparado para aquilo. De todas as pessoas que ela teria que convencer da sua inocência, Danna estaria entre as mais difíceis. Foi a acusação dela que fez Nova ir parar na prisão. Nova ainda não sabia direito o que Danna tinha visto; só sabia que o testemunho devia ter sido incerto o suficiente para permitir dúvidas depois que Narcissa apareceu com a máscara

da Pesadelo e o elmo na mão.

Assim, apesar da postura distante de Danna, Nova sorriu para ela da forma mais irrestrita e alegre que pôde.

— Danna, nós estávamos tão preocupados. Ficar presa no modo de bando por tanto tempo… Eu sei que deve ter sido pesado pra você, mas estou muito feliz de ver que você está bem.

A expressão de Danna se anuviou… mas só um pouco, e só superficialmente. A expressão nos olhos continuava incerta.

— Obrigada. Estou feliz de não haver ressentimentos.

— De jeito nenhum. Ainda não sei se entendi como a Pesadelo conseguiu me incriminar daquele jeito, mas, do meu ponto de vista, você foi tão vítima quanto eu. Só espero que a gente possa trabalhar junta pra acabar com ela, de verdade, agora.

Algo passou pelo rosto de Danna e, embora Nova não tivesse certeza, achou que talvez fosse um sinal de dúvida. Uma pergunta contínua. Será que ela estava enganada sobre Nova, afinal?

O que quer que ela tivesse visto ali, permaneceria sem interpretação, pois Oscar bateu com a bengala no piso.

— Um viva a isso! Nós vamos *destruir* a Pesadelo. Mas primeiro…

Ele sorriu para Ruby e, ao mesmo tempo, os dois gritaram:

— Pizza!

— Você tem que vir com a gente — disse Oscar. — É um jantar comemorativo de “viva, nossa recruta mais recente não é uma vilã assassina, afinal”.

O estômago de Nova se contraiu com o insulto.

— Na verdade, eu…

— Não esquenta, o Adrian também vai — disse Ruby, piscando com malícia quando segurou o cotovelo da Nova. — Ele ia visitar o Max e depois vai nos encontrar lá.

Ao ouvir o nome do Max, os pensamentos de Nova viraram um turbilhão. Max. *Max.* Ela ficou tão perdida quando foi solta da prisão, tão cheia de descrença e tão ansiosa para encontrar uma forma de obter a liberdade do Ace, que tinha se esquecido completamente do Max.

— Como ele está? — perguntou ela, se recusando a sair do lugar enquanto Ruby tentava levá-la para a saída. — A última notícia que eu tive era que ele estava se recuperando, mas…

— Ah, você não sabe! — exclamou Ruby. — Ele saiu do coma e está ótimo! Na verdade, Adrian teve a brilhante ideia de deixá-lo ficar…

— *No hospital.* — Danna praticamente gritou, sobressaltando todo mundo. — Por mais um tempo. Pra que ele possa se recuperar totalmente antes de levá-lo para outro lugar.

Ela olhou de cara feia para Ruby e Oscar, com um olhar que não foi nada sutil.

— Hum… tudo bem… — disse Ruby, inclinando a cabeça para Danna.

— E estão reconstruindo a quarentena — acrescentou Danna, apontando com o polegar para a área de construção na extremidade do saguão. — Mas vão fazer mais legal, maior… pra que ele tenha mais conforto ainda.

Nova ficou de boca seca quando viu as paredes de vidro que estavam esperando para ser concluídas no mezanino.

— Eu achei que não fossem reconstruir a quarentena.

— Bom, o lugar mais seguro para o Max *é* aqui — completou Danna. — Você sabe. De todas as pessoas que fariam mal a ele. Tipo a Pesadelo e os Anarquistas.

Oscar limpou a garganta.

— Olha só, tem uma cestinha de pão de alho gritando meu nome a três quarteirões daqui… Vamos?

— Podem ir na frente — respondeu Nova.

— Ah, Nova, não! — disse Ruby. — Você tem que vir! Com certeza que vão te dar o dia de folga depois de tudo que você passou.

— Na próxima vez, prometo — insistiu Nova. Ela soltou o braço de Ruby e andou de costas enquanto dava um tchauzinho. — Divirtam-se. Digam para o Adrian que mandei um oi.

— Ele vai ficar arrasado! — gritou Oscar. — Se as lágrimas de desilusão dele caírem na minha fatia de frango com pesto, a culpa vai ser sua! Eu não gosto de pizza salgada demais!

— Combinado — disse Nova, batendo continência para ele.

Os três companheiros de equipe dela foram andando com mau humor para a porta. Nova começou a se virar, mas se chocou contra uma muralha inesperada. Ou… um peito que mais parecia uma muralha.

Ela inclinou a cabeça para trás e encarou as bochechas rosadas e o sorriso brilhante do Capitão Cromo.

— Ops, desculpa, Nova.

— Ah… oi — gaguejou ela, sem saber como chamá-lo. Capitão Cromo ou só Capitão? Sr. pai do Adrian? Sr. Everhart?

Ela foi salva de tomar essa decisão quando Hugh segurou a mão direita dela e deu um aperto de mão firme.

— Eu pedi ao Sampson que me avisasse quando você chegasse. Queria ser um dos primeiros a te dar as boas-vindas de volta à equipe.

— Ah. Obrigada.

— Além disso — continuou ele, interrompendo o aperto de mãos e o sorriso ofuscante. A testa dele se franziu de arrependimento. — Eu queria fazer um pedido de desculpas formal por esse mal-entendido absurdo. Tenho vergonha de pensar em como te tratamos, uma das nossas, quando sua lealdade e dedicação foram tão firmes. É que… — Ele balançou a cabeça. — Tem tanta tormenta acontecendo ultimamente, sabe? O desfile, o parque Cosmopolis, o ataque ao quartel-general, Ace Anarquia… Às vezes tenho a sensação de que estamos pulando por aros em chamas e que cada um é menor do que o anterior. Se não nos mantivermos à frente de todas as ameaças e perigos, qualquer dia desses vai tudo pegar fogo.

Nova estreitou os olhos, sem ter certeza de que era uma analogia boa e também se perguntando se o Capitão estava ciente da insensibilidade daquela frase, considerando o que tinha acontecido na casa de Wallowridge.

Mas, não… ela percebeu que ele não se deu conta.

Então ela riu, compreensiva.

— Ah, que bom que você é invencível, pelo menos.

— É — disse ele, dando de ombros de leve. — Posso até ser, mas muitas pessoas de quem gosto não têm esse privilégio, então só estou fazendo o que posso pra protegê-las. Espero que você entenda que nós fizemos o que era necessário, considerando as circunstâncias.

As circunstâncias, pensou ela. Essas circunstâncias que significavam que eles estavam dispostos a executá-la sem um julgamento adequado. Porque eles eram o Conselho, e a palavra deles era lei. Porque eles eram os Renegados, e os Renegados podiam ser juízes, jurados e executores se achassem necessário para a proteção das pessoas. Das pessoas *normais*. Não vilões. Não prodígios que podiam ser perigosos. A proteção do direito deles não importava.

Mas Nova não disse nada daquilo. Ela só continuou sorrindo, a mandíbula travada.

— Claro.

— Que bom. Porque você é parte da família dos Renegados agora, e é importante pra mim e pra todo o Conselho que todos aqui sintam que estão sendo tratados com justiça. Que são parte desta equipe.

De repente, ficou claro para Nova que aquilo não era só um pedido de desculpas.

Hugh Everhart estava preocupado. Considerando o drama com Genissa Clark, que continuava abalando a reputação deles, ele estava com medo de que Nova também fosse procurar a imprensa para expor o mau tratamento dentro do grupo.

Ele estava tentando impedi-la antes que ela agisse.

Naquele momento, Nova ficou quase eufórica ao se dar conta de que tinha roubado mais um pouco de poder do Conselho. Eles tinham construído a organização em uma base frágil e ela podia causar mais uma rachadura fatal nela.

Para a sorte do Capitão Cromo e do Conselho, ela não planejava procurar a imprensa com a história da prisão injusta. Tinha outros planos para o futuro.

Mas isso não significava que ela não podia usar aquela conversa a seu favor. E se pudesse fazer a mudança de que precisava bem ali, naquele momento?

— Eu não culpo o senhor nem o Conselho pelo que aconteceu — falou. — Vocês receberam uma informação e tiveram que agir. Eu entendo por que fizeram isso.

Antes que Hugh Everhart pudesse parecer aliviado demais, Nova

acrescentou:

— Mas fiquei surpresa com toda aquela história de execução.

Ele afastou o olhar.

— Sim… foi uma infelicidade que *nós*… Bem, eu odeio pensar no que você passou. Mas também estou feliz de ter dado tudo certo.

— Sim — disse ela lentamente —, deu certo pra mim, felizmente. Mas tenho que admitir que sempre quis acreditar que os Renegados eram, bem, melhores do que quem defende a pena de morte. Acabar com a vida de alguém, sem dar à pessoa uma chance de mudar, e fazer isso sem nem oferecer um julgamento justo, parece… como posso dizer isso? Meio que coisa de vilão.

Para a surpresa dela, o Capitão riu, como se a ideia de o Conselho fazer uma coisa remotamente parecida com "coisa de vilão" fosse absurda demais para se considerar.

— Pra ser justo, a gente acreditava que você era a Pesadelo, e a Pesadelo *tentou* me matar.

Ela se irritou.

— Eu estou ciente disso, mas… você não acha que ela ao menos mereceria outra chance?

O Capitão ergueu as sobrancelhas.

Percebendo que estava chegando perto demais de uma esperança não dita, ela recuou na mesma hora.

— Ou talvez não a Pesadelo especificamente. Mas pensa só. Eu estive naquela prisão, por engano, tudo bem, mas mesmo assim tive tempo pra pensar na minha vida e nas minhas escolhas e pra decidir que, se saísse de lá, faria as coisas de um jeito diferente. Os Renegados precisam estar dispostos a olhar além dos erros que as pessoas cometeram no passado e entender que elas podem mudar. E não estou nem falando só da execução. Eu sei que vocês nunca vão perdoar o Ace Anarquia pelo que ele fez, e talvez também nunca perdoem a Pesadelo, mas tem dezenas de prodígios naquela ilha, alguns que estão lá há mais de uma década. Mas não temos sistemas em andamento pra verificar se são tão perigosos quanto achamos. Pra ver se merecem a punição que estão recebendo. Talvez alguns queiram se tornar

cidadãos úteis; talvez alguns mereçam essa chance. Mas vocês querem tirar os poderes deles sem nem lhes dar a chance de explicar por que fizeram as coisas que fizeram ou o quanto mudaram nos anos que passaram lá. Muitos ainda estão sendo processados por crimes que cometeram na Era da Anarquia… Você não fez nada naquela época de que não se orgulha?

Embora o Capitão parecesse confuso durante a maior parte do discurso, ao ouvir isso uma compreensão surgiu nas feições dele.

— Nós fizemos o que era necessário para impedir as gangues vilãs, para trazer ordem e paz à população. Nós faríamos tudo de novo se preciso.

— Mesmo que isso significasse fazer coisas que você não permitiria hoje segundo o Código de Autoridade?

Ele apertou os lábios e ela soube que ele não podia negar.

— Talvez alguns prisioneiros tenham feito coisas que eram… justificáveis de alguma forma. Talvez tenham roubado coisas porque não conseguiam emprego. Talvez tenham lutado contra as autoridades porque elas abusavam e excluíam gente como eles. Talvez eles agissem de forma diferente agora, se tivessem uma chance.

— Nova… — começou ele, e antes que outra palavra fosse enunciada, Nova sentiu sua frustração crescer, sabendo o que o Capitão ia dizer. — Dá para ver que você tem opiniões fortes sobre esse assunto, mas… precisa entender que as pessoas naquela prisão não são como você. Você *é* inocente. Não deveria ter ido para lá. Eles *são* criminosos e vilões, praticamente selvagens, alguns deles.

— Como você sabe? Com quantos conversou recentemente? Ou quantos receberam um julgamento justo?

Ele suspirou e olhou em volta. Nova percebeu que, por estarem perto dos elevadores, tinham começado a atrair plateia. Renegados estavam parados ali perto, fingindo estarem absortos nos jornais do dia ou em algo nos comunicadores.

— O que você está sugerindo? — perguntou ele, a voz baixa. — Que nós adiemos a revelação do Agente N até podermos… o quê, entrevistá-los? Ou será que devemos dedicar nossos recursos a reunir provas de eventos que aconteceram dez anos atrás, só para podermos provar o que já sabemos? Eles

são vilões.

— Eu não sou vilã — disse Nova, quase acreditando em si mesma. — Mas isso não ia impedir vocês de me executarem.

Hugh se encolheu.

— E, não — continuou ela —, não estou sugerindo que a revelação seja adiada por um tempo, estou sugerindo que seja adiada indefinidamente. Na verdade, acho que o Agente N deveria ser destruído.

Ele deu um passo para trás, surpreso.

— Tudo — insistiu ela, com mais vigor. — Junto com qualquer maneira através da qual ele pudesse ser recriado.

A estupefação de Hugh se transformou em compreensão.

— Se isso é por causa do que aconteceu com a Geladura e a equipe dela, é importante que todos saibam que estamos trabalhando pra garantir a segurança da equipe completa dos Renegados…

— Não é disso que estou falando — interrompeu Nova. — Não tem a ver com as unidades de patrulha nem com formas de nos defendermos com mais eficiência, nada disso. O mundo não gira em torno dos Renegados!

Ela abriu bem os dedos, surpresa com o quanto aquilo parecia importante de repente. Nova não tinha ido ao quartel-general esperando ter essa conversa, mas os pensamentos estavam girando e crescendo na sua mente desde o momento em que vira o Agente N. Desde o momento em que vira a substância transformar Winston Pratt para sempre. Desde o momento em que o significado de uma arma dessas ficou claro.

— Não é nossa responsabilidade diminuir a distância entre as pessoas? Reconhecer que nós todos temos que viver neste mundo juntos? Temos que começar a ver os outros prodígios não como vilões, mas como… Bem, como outros seres humanos, que talvez não sejam tão diferentes assim de nós. Eu quero acreditar que podemos acabar com essa divisão entre nós, mas… o Agente N não é a resposta.

Hugh ficou em silêncio por muito tempo. Mais tempo do que Nova jamais o vira ficar em silêncio, percebeu enquanto tentava ler os pensamentos inescrutáveis dele.

— Eu sei que suas intenções são boas — disse ele por fim, a voz

assumindo um tom diferente. — Não espero que você entenda os desafios do nosso mundo nem as decisões difíceis que já tivemos que tomar, mas posso garantir que nenhuma delas foi tomada de forma leviana.

— Eu sei disso, mas…

— Tudo que o Conselho fez nos últimos anos foi a serviço do povo que precisa da nossa ajuda, por proteção e por justiça. Infelizmente isso não está aberto a debate, Nova. Nossa decisão em relação ao Agente N e ao destino daqueles vilões já foi tomada. E nossa decisão é final.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Normalmente, Nova tinha facilidade de afastar a decepção que com frequência sentia em relação aos Renegados e ao Conselho. Eles a tinham decepcionado tantas vezes, começando com quando tinha só seis anos, uma criança cheia de convicção de que os Renegados apareceriam. Uma criança que estava errada.

Não deveria ter sido diferente daquela vez. Ela e os Renegados nunca teriam os mesmos princípios. A fé dela no Conselho jamais seria restaurada.

Nova se sentiu boba de ter pensado, mesmo que só por um momento, que as coisas podiam ser diferentes.

E se sentiu mais boba ainda pela sensação de rejeição que a seguiu pelo elevador e até o armazém de artefatos. Nova não tinha tempo de ficar pensando na decisão do Capitão Cromo, mesmo sabendo que ele estava enganado. Ela não se permitiria se importar tanto.

Se alguém ia ajudar os prodígios daquele mundo, os prodígios que não encaixavam em um molde perfeito de como um super-herói deveria ser, não seria o Conselho dos Renegados.

Ela saiu do elevador em uma recepção que não tinha mudado durante sua ausência: duas mesas, uma bagunçada, uma impecável. Uma prancheta com um formulário para o acompanhamento de retirada de equipamentos do cofre.

Tentando se distrair, ela se sentou e pesquisou pelo Espelho Oco. De acordo com os registros, ele não tinha sido retirado por nenhum Renegado em

anos e estava disponível no cofre.

Ela torceu para ser um bom sinal.

Nova mudou os parâmetros e pesquisou *estrela*. Depois, *joia*, *pedra preciosa* e *pulseira*. Cada termo levou a uma lista substancial de possibilidades, mas, a julgar pelas descrições, nenhuma era a pulseira *dela*.

Ela não ficou surpresa, mas ficou decepcionada mesmo assim.

Depois de pensar por um momento, ela fechou a base de dados dos artefatos e abriu a lista dos Renegados. Pega foi fácil de encontrar.

> Margaret White. Codinome: Pega. Habilidade: Percepção de utilidade, subcategoria: telecinese.

— Percepção de utilidade — murmurou Nova. Ela achava que aquilo significava “alguém capaz de localizar coisas valiosas”, que parecia ser a essência da habilidade de Pega, até onde ela sabia.

Ela passou para a informação de residência e franziu a testa.

> Residência atual: desconhecida.
>
> Residência anterior: Lar Infantil para Prodígios da Cidade de Gatlon.

Ela estava familiarizada com a instituição, que era um orfanato mas tinha se tornado um depósito de crianças abandonadas por famílias que não queriam saber da prole com superpoderes.

Um adendo no final do perfil dela listava uma série de delitos menores, a maioria pequenos roubos e furtos, pelos quais Pega não recebera punição além de uma bronca severa.

Nada que ajudasse Nova a recuperar a pulseira.

Ela estava olhando a tela de cara feia, batucando com os dedos na bochecha, quando o elevador apitou e Callum chegou. Já sorrindo, porque ele estava *sempre* sorrindo. E, no segundo que levou até reparar nela, Nova se preparou para ver o sorriso sumir. Ela sabia das desconfianças dele sobre Pesadelo depois que tentou impedi-la de roubar o elmo. Ela não ficaria surpresa se Callum, como Danna, mantivesse aquele ar de desconfiança. E,

por motivos que não sabia explicar, a opinião dele significava… bem, muito. Talvez por ele ser o tipo de pessoa que estava sempre disposto a dar o benefício da dúvida. Ele via o bem em todo mundo, não importava se a pessoa merecia ou não.

Ela queria que ele visse o bem nela.

Quando a viu, Callum ficou paralisado, um pé ainda no elevador.

Nova também ficou parada.

E aí…

— Insônia! Você voltou!

Ele saiu correndo e deu a volta na mesa. Antes que Nova se desse conta do que estava acontecendo, Callum a puxou da cadeira de rodinhas e a envolveu em um abraço tão apertado que talvez achasse que era um ataque se não o conhecesse tão bem.

— Eu não queria acreditar — disse ele, se afastando. — Quer dizer, eu *acreditei*, porque… Sabia que você e a Pesadelo têm quase a mesma altura? — Ele colocou uma das mãos na altura da cabeça de Nova. — Estranho, mas não é motivo pra imaginar o pior sobre alguém. Me desculpa. Mas, em minha defesa — ele olhou para ela com malícia —, parte de mim achou que seria até legal estar trabalhando lado a lado com uma Anarquista. Quer dizer, que diferença de perspectiva, hein? Quais são as chances? Enfim. Estou feliz de você ter voltado. Passei a te ver como minha alma gêmea obcecada por artefatos.

Ela riu. Não só de alívio por Callum não a desprezar, mas também pela ideia de que ela era tão obcecada pelos objetos do cofre quanto ele. Nova tinha quase certeza de que ninguém chegava aos pés dele nesse assunto.

— Obrigada — disse ela. — Estou pronta pra voltar ao trabalho e deixar isso tudo pra trás.

— Que ótimo plano! — Ele uniu as mãos. — Vamos voltar às nossas vidas incríveis de antes. — Ele pegou uma prancheta na mesa. — As coisas andam lentas por aqui, com todo mundo concentrado na reconstrução do saguão e no anúncio iminente do Agente N. Você quer ficar um pouco na mesa ou prefere guardar os artefatos? Não é muita coisa… só uns sete ou oito itens, se me lembro bem.

— Eu posso guardar. Não estou a fim de ficar sentada agora. Passei muito tempo sentada em Cragmoor.

— Ah, cara, deve ter sido horrível — disse Callum, a expressão ficando distante. O momento solene foi breve, e ele voltou a sorrir. — Mas aquele lugar tem uma história irada. É até legal você ter visto de perto, né? Se aquelas paredes pudessem falar… — Ele balançou a cabeça. — Eu adoraria fazer uma visita um dia. Deve ser fascinante.

Nova riu e pegou a prancheta da mão dele.

— Não, você não adoraria.

Ela foi na direção do cofre, mas parou.

— Ei, Callum. Por acaso você sabe onde a Pega está?

— Aquela encrenqueira? — Ele refletiu sobre a pergunta. — Bom. Acho que eu olharia se as equipes de limpeza foram convocadas pra algum serviço hoje. Fora isso… talvez nos lounges?

Nova assentiu.

— Valeu, vou tentar.

Ela passou pela sala do arquivo quase esperando ver Tina (ou Foto Instantânea, a guardiã oficial do cofre), mas a sala estava vazia. Nova entrou no armazém enorme com inúmeras fileiras de estantes altíssimas, cada uma cheia de artefatos — famosos ou nem tanto — relacionados a prodígios, e soltou o ar vagarosamente.

Ela empertigou os ombros, pegou o carrinho com um punhado de objetos recém-limpos, pôs a prancheta em cima e o empurrou pelo corredor principal. Colocou os dois primeiros objetos no lugar correto na coleção (o Mapa Errante e o baralho de tarô criador de futuro), mas, quando foi para os fundos guardar os dois itens seguintes, fez um desvio pela seção de ferramentas e armas feitas por prodígios.

Ela viu o Amortecedor de Som de Tormenta na prateleira e lembrou que tinha emprestado o objeto para Genissa Clark no que parecia ser séculos antes, apesar de nunca ter descoberto para que Geladura o queria.

Não muito longe do Amortecedor ficavam os mísseis de névoa da Fatalia. O rótulo permanecia na prateleira, mas os mísseis não estavam mais lá. Nova os tinha levado quando ela e Leroy estavam convertendo as amostras

roubadas do Agente N em arma química, e, com poucos ajustes, os mísseis acabaram sendo o estojo perfeito de que precisavam. Nova tinha usado dois na luta contra Genissa Clark e a equipe dela. Os quatro restantes foram guardados com as coisas do Leroy na casa e estavam agora em segurança embaixo da Loja de Penhores do Dave.

Do outro lado do Amortecedor de Som estava o objeto que Nova queria. Ela sentiu parte da tensão sumir do corpo ao vê-lo. Depois que Adrian contou que todos os espelhos estavam sendo retirados do quartel-general para impedir outras invasões da caminhante de espelhos, ela ficou com medo de aquele também ter sido levado para um lugar mais seguro.

Parecia que os Renegados tinham deixado de verificar o armazém de artefatos poderosos. Embora, para ser justa, o objeto quase não parecesse um espelho. Nova o pegou na prateleira: era uma superfície oval grande, do comprimento do braço dela, emoldurada com estanho simples, o que deixava o objeto inesperadamente pesado para o tamanho. Nova o inclinou para cima e olhou seu reflexo. A superfície era escura e distorcida, e seu rosto pareceu um fantasma dela mesma.

O Espelho Oco, relatado como um espelho que refletia a forma da alma da pessoa quando usado sob o luar do equinócio.

Sabe-se lá o que aquilo queria dizer.

Nova tinha um uso bem mais simples em mente para ele.

Não era tão grande quanto um de trocador nem como o espelho grande que ela vira Narcissa atravessar na biblioteca, mas Narcissa era pequena e magra (embora fosse ao menos sete centímetros mais alta do que Nova, o que surpreenderia Callum se ele encontrasse a impostora).

Ela achava que seria suficiente.

Teria que ser suficiente.

Perguntando-se se aquele poderia ser seu último sua última artimanha enquanto se passava por Renegada, Nova enfiou o espelho na prateleira de baixo do carrinho e o empurrou para a entrada.

MENOS DE UMA HORA depois, Nova encontrou Pega em um canteiro de obras ali por perto. Ela descobriu, ao conversar com um pessoal da central telefônica do QG, que, em dias em que não havia cena de crime para investigar, as equipes de limpeza costumavam ser enviadas para projetos de reconstrução da comunidade. Embora a Cidade de Gatlon tivesse mudado bastante nos últimos dez anos, ela ainda carregava as cicatrizes da Era da Anarquia, com muitos bairros sofrendo com prédios velhos, feios e nada seguros, quase ruínas parcialmente demolidas, com parques com mato alto e descuidado e coisas do tipo. O projeto do dia era uma escola abandonada que os Renegados tinham esperança de reformar para que virasse um centro recreativo comunitário.

Nova não pôde deixar de se perguntar, quando se aproximou da construção com a pilha de entulho do lado de fora, as janelas quebradas e as telhas faltando, por que um trabalho daqueles tinha caído nas mãos dos Renegados. Não havia trabalhadores civis que precisavam do emprego? Carpinteiros que poderiam levantar paredes e instalar janelas tão bem quanto um prodígio?

Depois de passar pela fileira de cones de segurança laranja, Nova entrou debaixo da marquise do prédio. Ao ver o uniforme cinza e vermelho, a maioria dos trabalhadores a ignorou e continuou fazendo suas coisas.

Nova levou só alguns minutos para encontrar Pega em uma sala dos fundos. Ela estava remexendo em uma pilha de entulho e usando os poderes telecinéticos para separar qualquer coisa que pudesse ser considerada reutilizável, de um lustre intacto a um emaranhado de fios de cobre.

Ela parecia imensamente entediada.

Até que Pega ergueu o olhar e viu Nova. Ela levou um susto e os fios de cobre caíram de volta nos escombros.

Aí fez uma expressão de desprezo, que era exatamente o que Nova esperava.

Callum, sempre alegre. Pega, sempre rabugenta.

— Você está com uma coisa que é minha — disse Nova, atravessando a sala e esticando a mão. — Eu gostaria que você devolvesse.

Pega se afastou e fez um movimento incrivelmente sutil: uma das mãos

apertou por um segundo a lateral da calça cargo. Mas ela logo disfarçou, fechando as mãos e apoiando nos quadris.

— Eu não sei do que você está falando.

Nova ergueu uma sobrancelha e considerou colocar logo a garota para dormir e seguir com seu dia. Ela não tinha tempo para aquilo. Mas sabia que uma atitude assim poderia ter várias consequências negativas.

Então só respirou fundo e falou:

— Minha pulseira. Agora.

— Eu não estou com aquele lixo de pulseira — falou Pega, o que era a coisa mais incriminadora que ela poderia dizer, considerando que já tinha tentado roubar a joia e praticamente ficou babando na estrela quando a viu no baile. As duas sabiam que Pega não achava a pulseira um *lixo*.

— Eu sei que Adrian te deu — disse Nova. — Você falou que ia entregar para os Artefatos, mas eu verifiquei e não está lá.

Pega deu de ombros, mudou de posição e cruzou os braços.

— Callum pode ter esquecido de anotar.

Nova trincou os dentes até a mandíbula começar a doer.

— Tudo bem — concordou. — Vou olhar de novo.

— Faz isso. — Pega relaxou, só um pouco, e foi nessa hora que Nova pulou em cima dela.

Segurando o braço de Pega, Nova a virou enquanto torcia a mão dela para as costas. Pega gritou, mais de surpresa do que de dor, embora Nova não estivesse tentando ser gentil.

— Me solta!

Nova ignorou a luta dela e enfiou a mão no bolso que Pega tinha sinalizado antes. Seus dedos se fecharam em alguns objetos soltos. Ela empurrou Pega para longe e abriu a mão.

Ela se sentia capaz de dançar de euforia ao ver a pulseira de novo, intacta, a estrela tão brilhante quanto sempre.

O segundo objeto na palma da mão dela era um pouco menos convencional. Ela esperaria que a patife mirim carregasse moedas ou joias roubadas, ou até alguma coisa útil, como ferramentas de arrombamento, mas não…

— Isso é uma bala? — perguntou Nova, segurando o objeto entre dedos. O projétil era pesado para o tamanho, o brilho, antes prateado, agora fosco com o tempo.

— Devolve! — gritou Pega, o rosto vermelho. Ela pulou para pegar a bala, mas Nova a tirou facilmente do alcance dela.

— Por que você tem…

Pega abriu os dedos. A bala foi arrancada da mão de Nova e voou até a dela. Ela fechou bem a mão e segurou o punho junto ao peito.

— Não é da sua conta! — berrou Pega, o rosto cheio de veneno.

Nova riu com deboche.

— E você tentou chamar a *minha* pulseira de lixo? Quando sai por aí carregando uma…

— Não é lixo! — berrou Pega. Ela estava bem nervosa agora, o rosto vermelho, as mãozinhas fechadas e tremendo. — Essa bala me deu meus poderes! Sem ela, eu… eu não… — Ela soltou um grunhido frustrado e repetiu: — Não é da sua conta!

Nova inclinou a cabeça para o lado.

— Uma bala te deu seus poderes?

Antes que Pega pudesse responder, alguém bateu na porta que tinha sido deixada aberta. As duas pularam ao ver o supervisor de limpeza olhando as duas com preocupação.

— Tudo bem aqui?

Nova olhou com raiva para Pega. Nenhuma das duas falou por um longo momento.

Finalmente, Nova bufou e começou a prender a pulseira no pulso, usando o mesmo fecho que Adrian tinha desenhado para ela uma vez.

— Sim — disse ela, passando por Pega, que se encolheu para seus ombros não se tocarem. — Tudo está como deveria estar.

CAPÍTULO VINTE E OITO



— Então… Pesadelo entrou na casa e roubou uns gibis? — perguntou Max, a expressão mais do que um pouco cética.

— Meus gibis do *Rebelde Z* — esclareceu Adrian. — Que eu desenhei quando tinha a sua idade.

— Eu não me lembro de você desenhar quadrinhos.

— Nunca te mostrei esses. Não se preocupe, você não perdeu muita coisa. E eu só fiz três revistas.

Como Max não podia se aventurar pelo mundo, Adrian tinha tornado sua prioridade como irmão mais velho apresentar o máximo do mundo para ele. Essa responsabilidade incluía levar para Max vários filmes, livros e videogames populares, além dos favoritos de Adrian, gibis. Max tinha aprendido a ler com a coleção de HQs do Adrian, mas o garoto nunca tinha achado *Rebelde Z* bom o suficiente para mostrar para alguém.

— Por que você parou de desenhar?

Adrian pegou uma bola de futebol que tinha rolado até a cômoda da Ruby.

— Sei lá. Cheguei numa parte em que o personagem se transformava num super-herói poderoso e… comecei a perder o interesse. Eu não tinha pensado além disso em termos de história, e começou a parecer mais trabalho do que qualquer outra coisa.

Ele jogou a bola na parede, onde quicou e caiu certinho em um cesto de roupa suja.

Os dois estavam sentados no chão do quartinho, e era estranho estar lá sabendo que aquele deveria ser o espaço de Ruby… que *era* o espaço de Ruby, pelo menos daquele lado do quarto, onde havia os quadrinhos dos *Super Scouts* na prateleira abaixo da janela, um alvo de dardos pintado à mão atrás da porta, um pôster de emoticons sarcásticos ao lado da cama. O restante do quarto, com o beliche e cestos cheios de bonecos, pertencia aos gêmeos.

Agora o quarto era para ser do Max também, mas ele não tinha levado nenhum pertence: nenhum livro favorito, nenhuma arte engraçadinha, nada que sugerisse que ele era o novo ocupante do espaço que tinha cheiro de pipoca e do xampu de morango da Ruby. Ele se perguntou quanto tempo levaria para Max transformar aquilo num lar, e torceu para nunca ter que descobrir. Ele queria um lar permanente para o Max e, por mais grato que ele estivesse à família Tucker por receber o garoto de braços abertos, sabia que ali não era o lugar dele.

— A questão — disse Adrian, encostando a cabeça na colcha de retalhos da cama — é que aquelas revistinhas foram a inspiração para o Sentinela. O personagem praticamente *se torna* o Sentinela no terceiro volume, e eu usei aquilo que desenhei na época como modelo pra minha armadura.

— E você acha que foi por isso que a Pesadelo quis pegar? Pra te chantagear?

— Pode ser. Ou só pra ter provas que possam revelar ao mundo quem eu sou.

Max franziu a testa, aparentemente sem se convencer.

— Mas como ela ficou sabendo dessas revistas? Pra quantas pessoas você mostrou isso?

— Não muitas. Meus pais viram, mas tem muito tempo, acho que nem lembram tão bem. E… — Ele parou de falar e refletiu. Ele não tinha lembrança de ter mostrado as revistinhas para mais ninguém. — Acho que só.

— E Ruby ou o pessoal da equipe?

— Não, eu não mostrei pra eles. Não via essas revistas havia anos. Não tenho ideia de como Pesadelo ficou sabendo.

— Você não mostrou elas pra Nova? — perguntou Max, enfileirando uma

série de bonequinhos no tapete.

— Não. Eu me lembraria se tivesse feito isso.

Max murmurou, mas Adrian não conseguiu interpretar o som.

— O quê?

— Sei lá — disse Max, ajeitando um dos bonecos. — Você nunca comentou com ela?

Adrian abriu a boca, mas hesitou. Na verdade, seus pais tinham falado alguma coisa sobre o *Rebelde Z* naquela vez em que Nova foi jantar com eles, mas… foi só um comentário aleatório, nada que pudesse levar alguém a se interessar pelas revistas, e menos ainda a desconfiar que aquelas páginas guardavam a identidade do Sentinela.

Além do mais…

— Nova não é Pesadelo.

— Eu sei — disse Max, mas o tom dele dizia outra coisa.

— Max, ela *não* é. Ela estava na prisão quando…

— A neta do Bibliotecário apareceu na loja de departamentos e ela estava com o elmo, eu sei, eu sei, eu sei. — Max deu um peteleco na cabeça de um dos bonequinhos e o derrubou no tapete antes de encarar Adrian. — Mas não faz sentido.

— Claro que faz sentido — insistiu Adrian. — Eu passei muito tempo pensando nisso, e com todos os espelhos e o acesso dela a…

— Não isso. Não faz sentido ela ter *me* ajudado. — Max passou a mão pelos brinquedos e derrubou todos de uma vez para poder começar de novo. Desta vez, arrumando-os em linhas opostas preparadas para se enfrentar em batalha. Heróis de um lado, vilões de outro. — Eu não conheço a neta do Bibliotecário. Por que ela se arriscaria pra me ajudar como fez?

Adrian refletiu sobre isso enquanto via os bonecos sendo jogados lentamente uns contra os outros.

— Talvez ela tivesse alguma conexão com os Baratas. Talvez conhecesse seus pais biológicos, sei lá.

Max bufou.

— Os que tentaram me matar? Nesse caso, seria de se imaginar que ela estaria mais do que disposta a terminar o serviço. Além do mais, não explica

como acabei com o poder dela. Se ela roubou o Amuleto da Vitalidade, estava protegida de mim, tudo bem. Mas então como eu botei aquela enfermeira pra dormir?

— Bom… De novo, você pode ter interagido com ela quando era bebê. O avô dela devia vender armas para os Baratas e você talvez tenha tido contato com ela.

Max balançou a cabeça.

— Se eu fosse capaz de fazer as pessoas dormirem desde bebê, acho que eu saberia.

— Mas talvez não — disse Adrian. — Você não teve muito contato humano.

Max grunhiu.

— Eu saberia.

Adrian afastou o olhar. Ele não queria duvidar do Max, mas… ele sabia que tinha que haver alguma explicação, alguma peça do quebra-cabeça de que não sabiam.

Porque Nova não era Pesadelo. Nova era inocente.

— Enfim — disse ele, observando o ponto acima da cômoda onde antes havia um espelho, a silhueta delineada pela cor desbotada da tinta em volta. — Espero que não tenha dado trabalho demais tirar todos os espelhos. Tenho certeza de que a Pesadelo ainda está com o Amuleto da Vitalidade, o que te torna vulnerável até conseguirmos encontrá-la e recuperá-lo.

— Os Tucker não pareceram se importar com isso. Eles são bem tranquilos com as coisas. Eu te contei que o Turbo entrou na escrivaninha da sra. Tucker e picou umas fotos e cartões-postais antigos dela? Ela tentou fingir que não era nada de mais, mas eu me senti péssimo.

Adrian fez uma careta.

— Bom, não é sua culpa. Fui eu que criei o Turbo.

— Eu sei. Talvez na próxima vez você possa fazer, sei lá, um bicho-preguiça. Ou um ornitorrinco.

Adrian riu e observou o quarto, que era formado cinquenta por cento de brinquedos, quarenta por cento de roupas sujas e dez por cento de camas. Ele se perguntou como Max ou os gêmeos conseguiam encontrar as coisas, mas

achou que provavelmente também era bagunceiro assim quando tinha a idade deles. Não admirava que seus pais nunca iam ao porão se não fosse necessário.

— Cadê o Turbo, aliás?

Max apertou os lábios e apontou para a gaveta de cima da cômoda, que estava aberta alguns centímetros.

— Dormindo.

Adrian se levantou e olhou lá dentro. A criaturinha estava encolhida em cima de uma pilha de camisetas. Adrian enfiou a mão na gaveta e pegou Turbo na palma da mão, depois se sentou ao lado de Max. Os dois passaram um momento olhando o dinossaurinho, que não se mexeu quando Adrian o tocou. Isso por si só era incomum. Além do mais, a cor estava estranha, mais cinzenta do que antes, e a respiração estava tão superficial que Adrian quase não conseguia senti-la na pele.

— Ele não parece muito bem — murmurou Adrian.

— Eu sei — disse Max. — Está assim desde ontem. Tentei dar comida pra ele ontem à noite, mas só comeu dois pedacinhos de bacon. Ele normalmente ama bacon… — Max tirou Turbo da mão do Adrian com delicadeza. — Eu sabia que ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas… vou sentir falta dele.

— Eu posso desenhar outro, quer?

Max fez que não.

— Não. Ele é insubstituível.

Adrian não discutiu. Ele entendia o sentimento.

Com Turbo na palma de uma das mãos, Max voltou o foco para a cena de batalha arrumada e avaliou os bonecos como um senhor da guerra preparando a estratégia. Mas, quando olhou para Adrian, havia uma preocupação evidente no rosto dele.

— Sobre a Pesadelo e espelhos…

— O quê?

— Eu estou colocando os Tucker em perigo por estar aqui, né?

Não adiantava negar. A presença do Max sempre seria acompanhada de algum perigo. Então, Adrian disse:

— Você também estaria colocando a equipe do hospital em perigo.

— Mas eu poderia voltar para o quartel-general.

— Você não vai voltar para o quartel-general.

— Mas… eu não ficaria mais seguro lá também? Pelo menos até vocês encontrarem Pesadelo?

Adrian abraçou os joelhos.

— Você quer voltar?

Max demorou para responder.

— Eu gosto de morar aqui, mas… não quero fazer mal a mais ninguém.

Adrian sentiu uma pontada de dor no peito. Ele sabia que Max carregava muita culpa pelos superpoderes que tinha roubado em seus poucos anos vida e sabia que não havia justificativa que fosse fazer o garoto se sentir melhor. Não era culpa dele, ele não tinha como evitar, e, além do mais… Max tinha impedido Ace Anarquia, o que valia bem mais do que alguns poderes roubados de tempos em tempos.

Como se lendo os pensamentos dele, Max acrescentou:

— Eu andei tendo pesadelos com o Ace Anarquia. — Ele pegou um dos bonequinhos, um homem musculoso de roupa cinza, capa e elmo, que poderia ter sido inspirado no famoso vilão. — Fico sonhando que ele vem atrás de mim, mas, nesse caso, em vez de ele ficar mais fraco quando chega perto de mim, é o oposto. Eu fico mais fraco e ele fica cada vez mais forte.

— São só sonhos — disse Adrian. Ele esticou a mão, tirou o boneco da mão do Max e o ergueu. — Eu conheci o Ace Anarquia, lembra? Ele não é nada assim. Não é mais tão assustador, só um velho frágil e mal-humorado. E, em poucos dias…

— Ele vai estar morto — murmurou Max.

Adrian jogou o boneco no meio da batalha. Caiu de cara para baixo no tapete.

Derrotado.

Max ficou olhando por muito tempo, mas pegou o boneco e o colocou de volta na linha de combatentes.

— Então — disse ele, o tom mais animado, embora Adrian sentisse uma certa tensão. — O que você vai fazer sobre as revistinhas desaparecidas?

— Não sei direito. Mas talvez seja hora de abrir o jogo. De contar a

verdade pra todo mundo.

Max se virou para ele, surpreso.

— Sério?

— Não sei. Não me sinto pronto, mas também fico enjoado de pensar que Pesadelo tem esse segredo pra usar contra mim. O que quer que ela esteja planejando, se eu me revelar primeiro, vou tirar esse trunfo dela. Além do mais, com todo mundo tão concentrado no Ace Anarquia, na publicidade do Agente N e nas ameaças da Genissa Clark e agora na procura contínua pela Pesadelo e pelo resto dos Anarquistas… talvez a história do Sentinela não pareça nada de mais. Talvez possa passar batido, sabe?

As bochechas de Max tremeram com uma gargalhada sufocada.

— Claro. O justiceiro que está constrangendo os Renegados há meses e desafiando sem parar o código de autoridade no fim das contas é o próprio Adrian Everhart. — Ele assentiu com expressão de sabedoria. — Não vai abalar ninguém.

— Valeu pela força.

O sorriso torto do Max voltou, de verdade agora.

— Pelo lado bom… ninguém mais acha que a sua namorada é a vilã mais procurada do mundo.

A pulsação de Adrian saltou quando ele ouviu Max se referindo a Nova como namorada dele. Vindo de outra pessoa fazia com que parecesse tão… *oficial*.

— Verdade — concordou. — Isso torna tudo mais fácil.

Pensar em Nova o deixava ainda mais determinado em consertar o que ele tinha estragado quando não acreditou na inocência dela. O jeito como ela o beijou no píer parecia sugerir que ela já o tinha perdoado, mas Adrian não queria correr nenhum risco. Ele nunca mais queria perdê-la.

Os pensamentos dele foram interrompidos por um grito agudo baixinho. Adrian levou um susto, mas Max, acostumado com o barulho, levantou a mão e olhou para Turbo.

— Já estava na hora de você acordar, amigão. Está com fome?

O velociraptor abriu a boca no que poderia ser um bocejo e esticou as patas de trás. Precisou de algumas tentativas desajeitadas para ficar de pé.

Max suspirou.

— É, você não está se sentindo muito bem. Eu sei. Sinto muito.

Turbo ficou olhando para Max com os olhos pretos. O dinossaurinho emitiu outro som, um miado patético, e estendeu a pata dianteira bem devagar, esticando a garra que mais parecia uma agulha até tocar na ponta do nariz do Max.

E aí, como um brinquedo de corda sem corda, o bichinho ficou imóvel.

Max e Adrian ficaram um tempão em silêncio. Adrian queria dizer algo para consolar Max enquanto ele olhava para a criatura, agora tão imóvel quanto um dos bonecos de plástico, mas não sabia o que dizer.

Enfim, Max expirou lentamente.

— Estou feliz por você ter feito ele. Turbo era um carinha corajoso.

— Era, sim.

Um sorrisinho malicioso surgiu no rosto de Max. Ele colocou o dinossauro, paralisado na postura final, no meio do campo de batalha.

— E agora vai ser um supervilão incrível.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



— EU NÃO SEI SE consigo viajar por um espelho mágico.

Nova encarou Narcissa sem acreditar.

— Seria bom ter essa informação ontem.

Narcissa olhou para ela exasperada.

— Bom, talvez você devesse ter me contado o que estava planejando! Tudo bem que vocês Anarquistas são todos “cada um por si”, mas eu imaginaria que passar tanto tempo com os Renegados teria te ajudado a trabalhar melhor em equipe.

Nova abriu a boca para refutar a ideia de que ela poderia aprender alguma coisa de útil com os Renegados, mas parou. Na verdade, Narcissa talvez tivesse razão. Bufando, ela perguntou:

— Você acha mesmo que não vai funcionar?

Narcissa fez um bico para o lado, refletindo sobre a pergunta.

— Acho que vai, provavelmente? Mas depende de que tipo de… encantamento tem nele, sei lá. — Ela deu de ombros. — Nós temos alguma outra opção?

Nova soprou uma mecha de cabelo da cara.

— Não, então por enquanto vamos supor que vai dar certo. Eu guardei o espelho aqui, numa pilha de equipamento de obra. — Ela desenhou um X na planta que mostrava a disposição do andar térreo do quartel-general e do mezanino, inclusive as primeiras plantas dos laboratórios perto da

quarentena. — Quando estiver lá dentro, você vai seguir por esse corredor, vai virar à esquerda nessa porta, e o depósito fica à direita. Não sei em qual sala do depósito, você pode ter que olhar em todas. E também não sei mais quem vai estar de plantão, mas pode apostar que vão estar de olho nesse andar, então terá que ser rápida depois que entrar.

Narcissa não pareceu impressionada.

— E eu que estava esperando ter um tempo pra ler um pouquinho por lá.

Nova a ignorou e acrescentou:

— E não esquece de levar o espelho junto, caso precise de uma saída rápida.

— Pode parar com o óbvio. Eu faço isso a vida toda.

— Tudo bem.

— E se o depósito estiver trancado?

— Vai estar. — Nova enfiou a mão na pilha de pastas ao lado delas e remexeu nos papéis até tirar um cartão branco, o mesmo que tinha roubado de um administrador inconsciente em frente à sala de segurança dos Renegados. — Isso deve te dar acesso.

— Deve? — disse Narcissa secamente, guardando o cartão. — E se não funcionar?

— Você é boa de arrombar fechaduras?

Narcissa ergueu as sobrancelhas com consternação.

— Estou brincando. Se isso não der certo, dá o fora de lá e volta. A gente muda para o plano B.

— Qual é o plano B?

— Não sei ainda.

— Isso me deixa bem mais tranquila — retrucou Narcissa.

— Foi você que me tirou da cadeia. Você queria que eu ajudasse com estratégia, e é isso que estou fazendo.

— É, mas achei que nós estaríamos planejando o declínio final dos Renegados, algo que levaria meses, talvez até anos. Não achei que teríamos menos de uma semana pra salvar o supervilão mais famoso de todos os tempos.

— Eu gosto de sonhar alto.

Narcissa riu, mas não havia muito humor na risada.

— Vou falar com o Cianeto e ver como está a imitação. Esteja pronta pra agir esta noite. O quartel-general costuma ficar mais vazio entre as três e quatro da madrugada.

— Sim, sim. Vou estar pronta — disse Narcissa. — Mas, olha, preciso ser sincera com você. Acho que tentar impedir a execução e resgatar o Ace Anarquia é uma péssima ideia e sei que muitos dos Rejeitados pensam assim também. Talvez você consiga persuadir alguns deles a se juntarem a você nessa cruzada, mas eu não vou ser um deles e não vou forçar ninguém mais a participar.

— Do que você está falando? Você acabou de dizer…! — Nova apontou para a planta.

— Eu sei, eu vou fazer isso — disse Narcissa. — Mas não por você e não pelo Ace Anarquia. Vou fazer isso por todos os prodígios que foram oprimidos pelos Renegados. Vai ser um golpe enorme pra eles e para o poder deles, e com isso eu concordo. Era o que meu avô ia querer que eu fizesse. Mas não vou me sacrificar com você, e não sei quantos dos outros irão voluntariamente. Estamos fazendo isso pra ter vidas melhores, em paz e com liberdade. Mas pessoas vão morrer se você fizer isso, e esse não é um risco que estamos todos dispostos a correr. Não em nome do Ace Anarquia, pelo menos.

Nova cruzou os braços.

— Que espírito de equipe, hein. Você não sabe o quanto o Ace Anarquia fez por nós? Por todos nós?

— Sim, eu sei o que ele fez. Mas ele também levou todo mundo pra uma guerra! Eu sei que você gosta do Ace, mas… não sei se concordo que precisamos dele pra derrubar os Renegados. Podemos fazer isso sem ele. E se você e os Anarquistas não voltarem… então vamos fazer isso sem vocês. Você está nos dando uma arma incrível aqui.

Nova olhou para a planta. A sensação era de traição, mas ela conhecia Narcissa havia muito pouco tempo e não sabia por que estava surpresa.

— Tudo bem. — Nova começou a enrolar a planta. — Você não seria muito útil na arena de qualquer forma, mas preciso saber quem está conosco

pra poder elaborar minha estratégia. E não deixe nada do Agente N quando sair daquele depósito.

— Claro.

Um dos Harbingers apareceu no corredor, a veste dourada se agitando em volta das pernas.

— Cianeto me pediu pra dizer que a substância imitação está quase… Ai! — Ele apertou o braço e se virou.

Nova deu um pulo, já se preparando para um ataque. Mas era só Leroy, vindo por trás do garoto com uma agulha pequena na mão. Ele deu um sorriso encabulado. — Peço desculpas. Eu precisava ter certeza…

Antes que terminasse de falar, o garoto Harbinger soltou um gemido e desabou junto à parede.

— Sinto muito — disse Leroy.

Mel apareceu, indo ver o que tinha causado o grito. Ela se mostrou um pouco intrigada ao olhar o garoto inconsciente.

— O que houve com ele?

— Vai ficar bem. Deve passar em dez minutos. Vinte, no máximo. — Leroy ergueu a agulha e mostrou para Nova. — Boa notícia. O veneno de paralisia está pronto. Vou chamar de *Agente P*.

Nova fez uma careta.

— Só pra deixar as pessoas a nosso favor, vamos tentar procurar voluntários da próxima vez que você precisar testar alguma coisa, está bem? Mas… bom trabalho.

— Obrigado.

— Isso ainda não resolve o problema de como vamos injetar isso simultaneamente em centenas de Renegados — continuou Nova. Esse dilema foi causa de muita discussão desde que ela avaliou a possibilidade de salvar Ace. No início, eles planejavam dar aos Renegados uma dose de anestesia gasosa bombeada pelo sistema de ventilação, só que, graças às bombas de Agente N da Pesadelo, a maioria dos Renegados agora estava equipada com uma máscara de gás.

— Não se preocupe — disse Mel. — Leroy e eu estamos trabalhando em algumas alternativas. Concentre-se em tirar o Ace de lá e fazer com que a

revelação do Agente N falhe. Nós cuidamos do resto. — Ela passou um braço pelos ombros do Leroy e o guiou na direção do laboratório improvisado no canto do porão.

Nova os viu se afastarem, o estômago tenso de apreensão. Havia tantas coisas que podiam dar errado.

Mas não havia tempo para ficar pensando nelas.

— Tudo bem — disse ela, virando-se para Narcissa, que ainda estava olhando estupefata para o Harbinger inconsciente. — Você encontrou o que pedi na mansão?

Narcissa encarou Nova, confusa por alguns segundos, antes de sair do transe.

— Encontrei, sim. Bem onde você disse que estaria. — Narcissa pegou uma bolsa nas costas e a colocou na mesa. Enfiou a mão lá dentro e tirou uma pilha de papéis, muitos amarelados pelo tempo e enrolados nos cantos, com alguns rasgões consertados com fita adesiva transparente. — Primeiro achei que era coisa da sua paixãozinha pelo tal Everhart, mas agora… eu saquei.

Nova ficou tensa.

— Você leu?

— Claro que li. — Narcissa folheou algumas páginas e parou em um desenho infantil de um monstro sombreado com olhos brancos apertados. — É só uma meleca no começo, mas, conforme ele foi ficando mais velho e a arte foi ficando melhor… — Ela continuou folheando. Os papéis estavam mais organizados do que quando Nova os viu pela primeira vez, enfiados em uma caixa esquecida numa prateleira esquecida. Narcissa devia tê-los arrumado em ordem cronológica, e o resultado era impressionante. Ela ficou olhando enquanto, página após página, o fantasma de Adrian ia ganhando forma.

No final da pilha havia os três volumes de *Rebelde Z*, a revistinha que Adrian tinha começado a fazer quando criança. Nova tinha olhado rapidamente a primeira quando estava xeretando o escritório, mas Narcissa foi devagar agora, virando uma página de cada vez. Na história, um garoto de rua que se parecia muito com um Adrian criança era abduzido por um cientista do mal. Ele, junto com vinte e cinco outras crianças, era sujeitado a

testes cruéis. Narcissa parou em uma página que mostrava uma das outras crianças amarrada em uma maca, gritando de dor enquanto o médico e os assistentes aplicavam umas sondas de alta tecnologia no crânio e no peito dela.

Narcissa virou outra página e Nova prendeu o ar.

O garoto na mesa parecia morto e, surgindo dos lábios azuis entreabertos, vinha um monstro, a mesma figura sombreada que tinha assombrado a arte de Adrian por tantos anos. Mas não era mais vaga e obscura. Agora, as bordas estavam delineadas em preto.

Uma capa com capuz pairava sobre o corpo do garoto, curvando-se como se para olhar dentro dos olhos do garoto morto.

Um dedo *ósseo* saía de uma manga ondulante.

Havia uma arma na mão oposta, cintilando de leve no laboratório do médico.

Uma foice.

— Pode ser coincidência — sussurrou Nova.

— Eu também achei — disse Narcissa, baixando a voz. — Aí, perguntei a Mel sobre ele. A maioria dos Anarquistas seguia o Ace por décadas; alguns estavam com ele desde antes do começo da Era da Anarquia, até. Mas o Fobia apareceu do nada, mais ou menos um ano antes do Dia do Triunfo, e disse para o Ace que seu propósito era levar o terror aos inimigos mútuos dos dois. Até onde a Mel sabe, ele nunca contou a ninguém seu verdadeiro nome nem quem era antes de se tornar o Fobia. — Ela tremeu. — A linha do tempo funciona. Adrian Everhart devia ter… o quê? Cinco ou seis anos quando começou a desenhar essas… coisas. — Ela tirou uns desenhos velhos da pilha. — A habilidade dele ainda não era lá muito boa, mas parece seguro dizer que ele estava desenhando o Fobia… mesmo naquela época.

Nova massageou a têmpora. Ela meio que esperava aquilo. Pensamentos sobre Fobia e Lady Indomável a atormentaram na cela de prisão quase tanto quanto os pensamentos sobre o próprio Adrian. Era um enigma que tinha se resolvido rapidamente quando ele contou sobre o cartão encontrado no corpo da mãe dele. *Quem não tem medo não pode ser corajoso.*

O poder do Fobia era se alimentar dos medos mais profundos do inimigo,

e o próprio Adrian tinha contado a Nova que seu maior medo de infância era que um dia sua mãe fosse embora e nunca mais voltasse.

Ela esperava estar enganada. Mas agora…

— Ele criou o Fobia — sussurrou ela, pegando o papel da mão de Narcissa e inspecionando o desenho infantil com medo crescente. Ela ficou sobressaltada ao perceber sua visão ficando embaçada ao tentar imaginar o que Adrian sentiria se soubesse a verdade. — Ele criou o monstro que matou a mãe dele.

— Nova… — Narcissa esticou a mão e pegou o desenho de volta. — Adrian Everhart é um Renegado. Ele não está do nosso lado.

Nova se endireitou e piscou para afastar qualquer sinal de lágrimas.

— Eu sei disso.

— É, mas… — Narcissa franziu a testa, em dúvida. Ora, ela parecia estar quase *com pena* de Nova.

Nova amarrou a cara, pegou os papéis e os enfiou de volta na bolsa.

— Obrigada por pegar isto. Preciso conversar com Millie e…

— Opa, opa, tinha outra coisa que eu queria te mostrar. — Narcissa pegou as revistinhas do *Rebelde Z* antes que Nova pudesse guardá-las. — Você leu isto?

— Eu não tenho tempo.

— Mas tem uma coisa…

— Depois — disse Nova com rispidez. Mas, sentindo-se culpada, ela forçou um sorriso. Não estava com raiva de Narcissa; estava com raiva de toda aquela situação impossível.

Adrian Everhart era seu inimigo.

Fobia era seu aliado.

Então, por que parecia que seu coração estava se partindo só de saber como Adrian sofreria se soubesse a verdade sobre a ligação entre eles?

— Desculpa — completou. — Você me mostra depois, tá? É que… eu preciso muito falar com a Millie sobre umas coisas. É importante.

Batendo os dedos na capa da revistinha, Narcissa assentiu lentamente.

— Claro, pode esperar. Não muda muita coisa a essas alturas.

NOVA TINHA UMA LISTA longa na cabeça de tudo que precisava fazer e de todo mundo com quem precisava falar para ter certeza de que as coisas estavam indo de acordo com o plano, o plano que ainda estava se formando conforme os minutos se passavam. Principalmente agora que ela sabia que nem todos os Rejeitados da Narcissa estariam dispostos a participar, como tinham feito com que ela acreditasse.

Mas Nova queria falar com Millie primeiro. Ela esperava que a psicometrista pudesse dar respostas que Nova duvidava que fosse encontrar em outros lugares.

O porão embaixo da casa de penhores era dividido em uma série de salões, onde alguns membros da aliança em formação tinham ocupado um canto aqui ou montado uma cama ali. Havia um banheiro e um chuveiro com água corrente que nunca chegava a ficar quente, e só os prodígios procurados pelos Renegados passavam a maior parte do tempo no esconderijo subterrâneo. Muitos dos outros ainda tinham casas para onde voltar, embora Nova tivesse insistido que eles se reunissem em momentos específicos para desenvolver os detalhes do plano que nascia.

Dos prodígios que ficavam de forma mais consistente no abrigo, Millie tinha ganhado um espaço próprio e dividia um armário convertido com o gerador que roncava e estalava sem parar. Quando Nova chegou ao aposento, viu Millie sentada de pernas cruzadas em uma almofada velha de sofá, aninhando uma xícara de chá entre as mãos. Seus olhos estavam fechados quase com alegria, mas um se abriu com irritação quando Nova bateu na porta de compensado.

— Você pode pesquisar uma coisa pra mim? — pediu Nova, entrando no aposento antes que Millie pudesse expulsá-la.

Grunhindo, Millie espiou dentro da xícara, que Nova percebeu que estava vazia.

— Estou ocupada.

— Isso é importante.

— Vocês, jovens, acham que tudo é importante.

Nova ficou tensa, irritada com a ideia de que os problemas *dela* pudessem ser triviais.

— Se fracassarmos, o Ace Anarquia vai morrer. Ou eu sou a única que liga pra isso?

Millie cantarolou, inabalada, enquanto virava a xícara de cabeça para baixo e a examinava.

— Porcelana de ossos do século XVIII. Borda dourada. Desenho botânico pintado à mão. — Ela passou o polegar por uma marca vermelha embaixo. — Carimbo bem demarcado. Na época em que coisas bonitas eram mais valiosas do que são hoje, isto teria sido vendido por mais de dois mil dólares.

Embora Nova estivesse irritada com o descaso proposital da Millie em relação às suas palavras, ao ouvir isso suas sobrancelhas se ergueram com surpresa. Nova observou a xícara com mais atenção agora, mas, para ela, continuou parecendo uma antiguidade, útil só para colocar chá.

Com um sorriso torto, Millie colocou a xícara na mesa.

— Pelo menos, é isso que ela quer que você acredite. Na verdade, é uma falsificação. Uma réplica de qualidade, mas ainda assim uma impostora. É interessante, não acha, como uma impostora, por melhor que seja, nunca vá ser tão valorizada quanto a original? — A expressão dela ficou meio debochada. — Você deve saber algo sobre isso, não é, jovem Renegada?

— Acho que sim — murmurou Nova. — Isso é da loja de penhores?

— Foi trazida para ser penhorada ontem de manhã. Dave me paga pra avaliar as mercadorias há anos. As pessoas trazem muitas coisas aleatórias para serem vendidas, e pode ser bem difícil separar o joio do trigo. Por sorte, esse é meu talento.

— Vir pra cá foi ideia sua?

Ela deu de ombros.

— A srta. Cronin me procurou no barco e me contou o que estava planejando, tentar reunir os velhos companheiros do avô dela. Eu gostei da ideia; está ficando cada vez mais difícil fazer negócio com os Renegados sempre fungando nos nossos cangotes. Mas nós não íamos caber todos no meu barquinho, então sugeri a loja do Dave. Os Demônios e algumas outras gangues faziam reuniões aqui embaixo.

— E o seu barco? — perguntou Nova. — Você não fica preocupada de deixá-lo desprotegido enquanto está aqui?

— Vai ficar bem — disse Millie, os olhos cintilando. — Leroy me ajudou a criar umas defesas. Se tentarem roubar meus tesouros, vão se arrepender. — Ela botou a xícara no chão, cruzou as mãos no colo e voltou a atenção para Nova. — O que você queria que eu olhasse?

Nova fechou a porta. Atravessou o aposento enquanto soltava a pulseira, os dedos lutando com o fecho que Adrian tinha desenhado para ela. A corrente deslizou pela pele. A estrela se iluminou por um momento antes de voltar ao brilho suave de sempre.

— Eu quero saber mais sobre isto — disse ela, oferecendo a pulseira para Millie. — Quando roubei o elmo, minha pulseira reagiu, quase como se os dois fossem atraídos um pelo outro. E a — ela engasgou na palavra *estrela* e acabou dizendo: — pedra também teve uma reação. Ela me ajudou a quebrar a caixa de cromo em que o elmo estava guardado. Eu sinto que há alguma conexão entre os dois.

O rosto de Millie quando ela olhou para a pulseira foi parecido com o de uma curadora observando uma obra de arte, mas a mulher mais velha não esticou a mão para pegá-la.

— Eu não toquei no elmo e pode ser que não veja a história compartilhada dos dois, se é isso que você espera.

— Posso pedir para o Fobia trazer o elmo se precisar — disse Nova. — Andei pensando que talvez todo mundo devesse experimentar e ver como afeta nossos poderes. Teoricamente, ele amplifica qualquer habilidade de prodígio, o que pode ser útil. E vamos precisar de toda vantagem que pudermos obter.

Millie riu.

— Pode ir em frente, mas eu já vi dificuldade demais na vida. — Ela se levantou e andou até uma mesinha cheia de pratos variados. Selecionou uma caneca de cerâmica lascada, mas, em vez de café, ela pegou uma garrafa verde e encheu a caneca de vinho tinto, quase até a borda. — A destruição gerada por mil relíquias, as tragédias de recordações de famílias demais para contar. — Ela voltou a se sentar, aninhou a caneca nas mãos e tomou um gole

enquanto olhava para Nova. — Eu não preciso ver o que o elmo viu.

Nova tentou não pensar muito nos primórdios da Era da Anarquia. Os sacrifícios que Ace fizera a serviço da visão dele. As pessoas que foram mortas, a devastação gerada na cidade e no mundo enquanto outros prodígios seguiam o exemplo dele.

Ela não podia culpar Millie por também não querer pensar nessas coisas.

— Você pode dar uma olhada nisso, pelo menos? — pediu ela, oferecendo a pulseira de novo. — O que é? De que é feita? Qualquer coisa que você possa me contar vai ajudar.

Millie apertou os olhos, mas manteve as mãos na caneca.

— Esse badulaque bonito não estava aí na última vez em que vi essa pulseira. — Ela curvou a boca em provocação. — Eu quase tinha me esquecido do garoto que vi na época, o que consertou o fecho. Agora que eu me lembro do rosto dele…

— Eu sei — disse Nova, sentindo o calor subir pelo pescoço. — Era Adrian Everhart, mas eu não sabia disso na época. Isso é só coincidência.

Millie riu.

— Quando se viu tanta história quanto eu, você para de acreditar em coincidências. — Ela tomou outro gole de vinho, um gole grande, como se estivesse se preparando.

Ela suspirou e colocou a caneca no chão, ao lado da cadeira.

Finalmente, esticou a mão.

Com uma pontada de nervosismo, Nova colocou a pulseira na mão dela.

Millie teve um sobressalto. Ela olhou para Nova com surpresa. Foi um olhar breve e, sem explicação, ela colocou a outra mão sobre a estrela e fechou os olhos.

Nova viu com curiosidade crescente as feições de Millie passarem por uma série de expressões. Às vezes, as sobrancelhas subiam bem alto, outras vezes se franziam com força. Às vezes, os lábios se moviam como se Millie estivesse falando sozinha e às vezes a velha ria inexplicavelmente ou trincava os dentes de preocupação.

Nova não disse nada o tempo todo. Depois do primeiro minuto, ela pegou uma cadeira bamba de madeira no canto da sala e se sentou nela, os dedos

batucando nas coxas.

Cinco minutos inteiros se passaram até Millie abrir os olhos de novo, o olhar meio desfocado. Ela parecia estar acordando de um sonho confuso enquanto observava o que havia ao redor.

— Bem — disse ela. — Isso responde pelo menos uma pergunta.

Nova se inclinou para a frente.

— Você sente a conexão entre essa pulseira e o elmo do seu tio porque eles têm uma conexão *profunda*. Foram feitos a partir da mesma matéria-prima, tirada da mesma fonte.

Nova olhou para as mãos de Millie, ainda fechadas em torno da estrela, escondendo-a.

— E que material é esse, exatamente?

Millie riu.

— Poeira de estrelas — suspirou ela, quase com deboche, e Nova se deu conta de que ela devia ter visto um pouco da conversa de Nova com Adrian quando eles estavam discutindo a estrela impossível na selva dele.

Nova se irritou. Ela sabia que aquilo não era uma estrela. Estrelas eram sóis, a bilhões de anos-luz de distância.

Aquilo era só uma bolinha bonita.

Mas como ela devia chamar?

— Você parece cética — disse Millie. Aninhando a pulseira em uma das mãos, ela se inclinou e pegou o vinho com a outra. — Me conta uma coisa, srta. Artino. Você conhece a teoria de Monteith sobre a origem dos prodígios?

O ceticismo de Nova aumentou.

— Preciso pensar. É a que diz que todos os prodígios são descendentes de deuses antigos? Ou a que viemos a bordo de espaçonaves alienígenas? Ou, não, não, essa tem a ver com lama radioativa, certo?

— Na verdade, o dr. Stephan Monteith era um astrofísico que especulava que todas as habilidades de prodígios são resultado dos nossos sistemas físicos reagindo a um coquetel de substâncias químicas e biológicas e à poeira estelar que está adormecida na nossa constituição física.

Nova riu com deboche.

— Poeira estelar. Certo. Eu prefiro a lama.

— Não desconsidere a ideia tão rapidamente. Eu fiz a ligação da história de vários artefatos prodígios até a estrela exata da qual as habilidades místicas deles se originaram. — Millie se inclinou para a frente. — Considere que todas as substâncias químicas do nosso mundo são formadas de estrelas que explodiram há muito tempo. Do sal nos mares até o cobalto na tinta daquela xícara.

— Uma pessoa não pode se chamar *Nova* sem saber sobre supernovas — disse ela, cansada da conversa. — Você vai me contar sobre a pulseira ou…

— Eu estou fazendo isso, se você prestar atenção.

Nova mordeu a parte interna da bochecha.

— De acordo com Monteith — continuou Millie, parando para tomar outro gole antes de continuar —, as partículas de uma supernova particularmente poderosa chegaram ao nosso sistema solar muitos séculos atrás. Elas vieram para o nosso planeta, uma invasão invisível, se acomodaram na terra e nos mares e ocuparam o ar que respiramos. Essas partículas, essa *energia*, se tornaria a substância que seu pai conseguiu detectar no nosso mundo. Essa energia está em toda parte, mas só é visível para alguns sortudos.

Finalmente, algo com que Nova se identificava.

— A energia que o meu pai conseguia ver — disse ela, chegando para a ponta da cadeira. — Eu também vi. Ou acho que vi. Quando a estrela se prendeu na pulseira na primeira vez. Teve uma outra vez também, quando eu botei o elmo. Tipo uns raios de luz ao meu redor.

— Agora, pense — disse Millie —, e se essa energia não estiver simplesmente no ar. Estiver dentro de nós. Todos os seres humanos deste planeta têm quantidades detectáveis dessa supernova dentro deles, e essa energia contém potencial para um grande poder, mas só se for despertado por uma reação química. Essa era a teoria de Monteith. Todo mundo tem potencial para se tornar prodígio, mas, para quem não nasce já com esse poder inerente desperto, os poderes só se revelam perante um grande trauma. Monteith acreditava que as substâncias químicas liberadas na corrente sanguínea durante momentos de estresse extremo criam as condições

necessárias para despertar nossas habilidades latentes.

— Seeeeei — disse Nova, tentando disfarçar a descrença. — Então uma estrelona qualquer explodiu, as micropartículas dela caíram na Terra e agora todos nós temos o potencial para sermos super-heróis? Claro. Ótimo. — Ela apontou para as mãos unidas da Millie. — O que isso tem a ver com a minha pulseira? Você está me dizendo que *isso* é o núcleo da estrela que explodiu ou algo assim?

— Claro que não. Só estou comentando que o seu pai reunia e usava essa energia, que deve ser a substância mais poderosa da nossa galáxia. Ele fez o elmo, entre outras coisas, e fez essa magnífica pedra também. — Ela abriu a mão e mostrou a pulseira de Nova.

Nova franziu a testa.

— Não, não. Meu pai fez a pulseira, mas a pedra foi feita por…

— Adrian Everhart? Ah, eu *vi*.

Nova ficou corada de vergonha.

— O mural ficou impressionante, mas, não. Como posso explicar? — Millie passou o polegar na estrela. — Como um dos últimos atos ainda em vida, seu pai fez esta pulseira, não foi?

— Foi.

— Bom, o encaixe não ficou vazio porque ele não teve tempo de terminar. Na verdade, ele já tinha criado a pedra que preencheria o encaixe alguns meses antes e a escondeu em um lugar em que achava que ninguém encontraria. — Millie se inclinou para a frente e encostou o dedo no coração de Nova. — Ele escondeu dentro de você.

Nova piscou, sentindo de novo que estava sendo sacaneada.

— Como é que é?

— Eu não quis dizer *aqui* de verdade — disse Millie, batendo com o dedo no peito de Nova de novo. — Isso só pareceu mais dramático do que a verdade. Ficou guardada na base da sua amídala. Não é tão romântico, mas… Ah, bem. Tenho certeza de que seu pai teve os motivos dele.

Nova levantou a mão.

— Você viu isso tudo?

Com uma risada, Millie ofereceu a pulseira a ela. Millie a pegou e aninhou

nos dedos.

— Você veio atrás de respostas, não foi?

Nova passou o polegar pela superfície da estrela. Ficou mais brilhante com o toque.

— Mas… por quê? Por que meu pai fez isso? Por que esconder dentro de mim?

— Nós só podemos supor. — Millie massageou a bochecha e esticou a pele pálida e fina com os dedos finos e pálidos. Aí tomou outro gole grande de vinho. — Talvez tivesse a intenção de ser uma arma, como o elmo.

Nova mordeu a bochecha por dentro. Era possível. Sua família nunca tinha tido comida suficiente quando ela era pequena, e com Evie ficando maior, as coisas estavam mais desesperadas do que nunca. Outra arma criada por David Artino seria incrivelmente valiosa. Ele poderia ter vendido para quem pagasse mais.

Mas isso não parecia certo.

Uma lembrança distante passou pela cabeça da Nova. No dia em que seus pais foram assassinados, seu pai disse para ela que esperava que a pulseira consertasse parte dos grandes males que ele tinha causado ao mundo.

Mas o que aquilo significava?

Os dedos de Nova estavam gelados quando ela prendeu a joia de volta no pulso, lembrando-se do poder que a estrela exibira, imbuindo a lança de cromo com força adicional. Com a ajuda da estrela, ela havia destruído uma caixa teoricamente indestrutível.

Se a intenção da estrela era ser uma arma, e se seu pai a tivesse feito *para* Ace, para ser usada contra os Renegados? Os Renegados tinham prometido proteger a família dos Baratas, mas parte dela sempre se perguntou por que seus pais não procuraram Ace e os Anarquistas em busca de proteção. Talvez, mesmo naquela época, sua família soubesse que os Renegados não eram de confiança. Talvez seu pai tivesse feito uma arma que fosse ainda mais forte do que o elmo.

Uma arma que fosse forte o suficiente para derrotar até o invencível Capitão Cromo.

CAPÍTULO TRINTA



ADRIAN NEM TINHA VISTO Nova direito desde que ela saíra de Cragmoor. A culpa que ele sentia por não ter acreditado nela ficava mais forte a cada dia e se misturava com o medo de que ele poderia ter estragado tudo. Adrian queria que as coisas voltassem a ser como eram na noite em que ela adormeceu na casa dele. Eles ficaram à vontade com a presença um do outro. Ele sentiu que podia lhe contar qualquer coisa e que tinha conquistado a mesma confiança da parte dela. Tinha começado a pensar que podia até estar se apaixonando por Nova.

Mas as coisas tinham mudado, e ele sabia que a culpa era sua.

Nova não tinha se juntado a eles para a patrulha das últimas noites, e Adrian não podia culpá-la depois do que a tinha feito passar. Eles se cruzaram algumas vezes no quartel-general, mas as conversas foram hesitantes e constrangedoras. Adrian passava o tempo todo sonhando em lhe contar sobre o Sentinela, perguntando-se se compartilhar seu maior segredo poderia mostrar, de alguma forma, o quanto confiava nela.

Mas ele se lembrou da repulsa com que ela falava o nome de Sentinela e soube que não era a hora certa.

Não houve mais nenhuma aparição de Pesadelo desde que os desenhos dele tinham sumido, o que aumentava a ansiedade de Adrian. Ele tinha certeza de que ela estava planejando o próximo ataque.

Com a execução do Ace Anarquia em poucas horas, ele desconfiava de

que aquele ataque aconteceria logo. Queria acreditar que Pesadelo não seria arrogante o suficiente para atacar em um evento em que quase todos os Renegados da cidade estariam presentes, mas, por outro lado, ela nunca hesitou em assumir grandes riscos.

Adrian andou pela arquibancada de concreto da arena, bem onde aconteciam os testes todos os anos. Os assentos não estavam tão cheios agora. Membros da imprensa tinham sido convidados para a revelação da nova arma dos Renegados, assim como para a execução do Ace Anarquia, mas esses procedimentos não seriam abertos ao público em geral.

Adrian nunca tinha estado na arquibancada da arena, só no campo. Era uma perspectiva completamente diferente: a vibração de energia da plateia fez os pelos dos braços dele se arrepiarem, a vista elevada do campo fazendo-o se sentir mais um espectador do que um participante. E ele supunha que era mesmo.

Ele era um Renegado, mas não era necessário na revelação do Agente N. Na neutralização de dezenas de vilões conhecidos. Na execução do Ace Anarquia.

Seus pais, por outro lado, ficariam sob os holofotes, como sempre. Ele viu Simon já no campo, de pé ao lado de Tsunami, conversando com um grupo de jornalistas.

Ao ver Oscar e Danna na primeira fileira, Adrian desceu os degraus correndo para se juntar a eles.

— Oi — disse, se sentando. — Ruby ainda não chegou?

— Ainda não — respondeu Oscar. Ele olhou para a arquibancada, como se a procurando, e se inclinou de forma conspiratória para Adrian. — Antes de ela chegar, posso pedir sua opinião sobre uma coisa?

— A minha opinião não foi suficiente, por acaso? — perguntou Danna, esticando os braços e entrelaçando os dedos atrás da cabeça.

Oscar deu de ombros.

— Eu só estou tentando pensar por todos os ângulos.

— Não é poesia, é? — perguntou Adrian.

— É melhor do que poesia. Olha só. — Oscar fez as mãos em formato de pistola e mirou no ar. Um fluxo de fumaça saiu do dedo esquerdo e formou

um coração cinza pálido à frente deles. Foi seguido de uma seta de cupido saída do dedo direito, que atravessou o coração. A imagem durou poucos segundos, quando a fumaça começou a se dissipar.

— Eu achei que podia completar com umas palavras, tipo *Ei, Ruby… eu gosto muito de você! Tanto que só de pensar nisso me faz querer espalhar meus tacos do café da manhã nessa arquibancada inteira.*

— Inspirado — murmurou Danna quando os Renegados da fileira ao lado olharam para Oscar com preocupação.

Oscar suspirou.

— Pelo menos é verdade. Eu li em algum lugar que a honestidade é fundamental em uma relação saudável.

Adrian coçou a nuca.

— Enfim — continuou Oscar —, eu ainda estou pensando. Achei que lembraria aqueles aviões antigos que escreviam no céu nos eventos esportivos, sabe? O que você acha? Sobre a ideia geral, não sobre a parte de espalhar o café da manhã na arquibancada.

Adrian olhou para Danna a tempo de vê-la revirar os olhos.

— Isso era uma coisa que você estava querendo tentar *hoje*?

— É, talvez — disse Oscar, esfregando as mãos. — Eu faria o coração bem maior, colocaria em algum lugar acima do telão para que todos pudessem ver. Perguntei para o Conselho se podia botar uma mensagem na tela antes da parada do Agente N, mas meu pedido foi negado. Pássaro do Trovão não é *nada* romântica.

— Oscar — disse Adrian. — Eles vão sugar os poderes de alguns dos vilões mais perigosos da sociedade e executar uma pessoa.

O amigo o observou sem expressão por um momento.

— Então você acha que pode ser de mau gosto?

— Só um pouco.

— Eu falei — disse Danna.

Oscar amarrou a cara e afundou no banco de plástico.

— Vocês têm ideia de como tem sido difícil encontrar a hora certa pra fazer uma declaração dramática? Parece que sempre tem alguém sendo preso ou solto ou um criminoso sendo apreendido ou um vilão derrubado…

Quando um cara deve agir no meio disso tudo?

— Você poderia tentar *não* fazer uma declaração dramática — sugeriu Danna. — Só chama a Ruby pra sair. Não é uma coisa assim tão importante.

Oscar gemeu.

— Não é tão importante? Eu estou tentando dizer pra garota dos meus sonhos que ela é, você sabe… a garota dos meus sonhos! Essa é a coisa mais importante da minha vida! — Ele balançou a cabeça, a testa franzida de ansiedade. — E estou com medo de estragar tudo.

— Mas que droga é essa, Adrian? — gritou Ruby, descendo a escada de repente.

Oscar ficou tenso e bateu em Danna e Adrian com um *shh* apressado, como se eles estivessem se preparando para entregá-lo. Danna bateu nele e fez *shh* também.

— Oi, Ruby — disse Adrian, se levantando para ela poder passar por ele. — O que houve?

— As lanchonetes estão fechadas — respondeu ela, indicando os fundos da arena. — Todas. Quem manda nessa espelunca?

— Prova de que vocês foram feitos um para o outro — murmurou Danna.

Ruby olhou para ela.

— Hã?

— Nada — disse Danna, balançando a cabeça. — Isto não é um evento esportivo. Vamos demonstrar um pouco de respeito.

Ruby bufou.

— Não há ocasião em que não caiba a venda de pipoca velha e balas de alcaçuz. É praticamente um direito humano básico.

— Protesto — disse Oscar, assentindo estoicamente.

Ruby se sentou na cadeira e cruzou os braços.

— Cadê a Nova?

Adrian fez uma careta, mas tentou não demonstrar.

— Acho que ela não vem.

Ele tentou ignorar a sobrancelha arqueada da Danna. Ele sabia que a amiga ainda tinha dúvidas sobre a inocência de Nova e aquilo estava começando a irritá-lo. Eles tinham visto Pesadelo, e não era Nova. Por que

ela não aceitava isso?

— Por quê? — perguntou Ruby, surpresa.

Ele empurrou os óculos para cima.

— Ela sempre foi contra o Agente N, e acho que depois que passou um tempo em Cragmoor ficou *realmente* contra. Meu pai contou que a Nova fez uma súplica apaixonada para eles cancelarem a neutralização. Acha que os criminosos deveriam ter uma chance de reabilitação.

— Imagina só — disse Danna.

Adrian lhe lançou um olhar irritado, que ela ignorou.

— Acho que eu entendo — disse Ruby, decepcionada. — Quase não falei com a Nova desde que ela voltou. Estou com medo de ela estar com raiva de nós…

— Imagina — retrucou Adrian. — Só acho que ela está tentando lidar com muita coisa agora. Sabe, a explosão, Cragmoor, reencontrar o tio… Dá um tempo pra ela.

— Claro — disse Ruby, embora não parecesse encontrar muito consolo nas palavras dele. Adrian não conseguia culpá-la. Ele tinha dito exatamente aquilo para si mesmo ultimamente. Ele daria a Nova todo o espaço de que precisasse. Seria paciente. E, quando ela precisasse, ele estaria ao lado dela.

Mas falar era fácil. A verdade era que ele sentia saudade dela. Sentia mais saudade agora do que quando ela estava na prisão. Pelo menos naquela época ele podia dizer a si mesmo que era melhor assim.

— Ah, olha só, a Genissa — disse Oscar, apontando. — Um raio de sol como sempre.

Genissa Clark estava no campo, com uma besta impressionante presa nas costas. Ela estava falando com o Capitão Cromo. Mesmo da arquibancada, Adrian conseguia ver que um estava frustrado com o outro.

— Aquilo é um isopor? — perguntou Danna, indicando a caixa aos pés de Genissa.

— É — disse Oscar. — Safada. Ela deve ter se lembrado de trazer sanduíches.

— Não acho que sejam sanduíches — disse Adrian. — Eu ouvi falar que ela estava planejando executar a Pesadelo com uma lança de gelo, achando

que seria alguma espécie de justiça poética. Aposto que ela trouxe uma.

Ruby fez um ruído de repulsa.

— Isso teria sido tão…

— Desnecessário. E que bagunça — disse Oscar.

— E exagerado demais — acrescentou Danna.

— Vocês preferem um enforcamento clássico? — perguntou Adrian, as entranhas embrulhadas ao pensar que Nova tinha escapado por pouco desse destino. — Ou que ela fosse queimada na fogueira, como faziam pra matar prodígios antigamente?

— *Não* — disse Ruby. — Eu preferiria… Sei lá. Não tem um jeito de fazer a pessoa dormir primeiro, pra não sentir nada?

Adrian olhou para os amigos e percebeu que todos estavam pensando a mesma coisa. Fazer pessoas dormirem era a especialidade da Pesadelo, o ataque preferido dela. Nunca tinha passado pela cabeça dele que também podia ser um ato de misericórdia.

— Como seu pai vai, você sabe… — começou Oscar — fazer com o Ace Anarquia?

Adrian observou Hugh por um segundo, ainda discutindo com Genissa.

— Eu não sei o que ele planejou. Mas… acho que agora a Genissa deve estar tentando ficar com essa honra. Ela passou a semana toda ameaçando o Conselho, desde que a Nova foi solta, dizendo que merece ao menos um pouco de glória, já que não vai ter vingança. Ela diz que, se não deixarem, vai destruir os Renegados entregando para a imprensa uma lista de reclamações de uns três quilômetros de comprimento.

Danna grunhiu.

— Aquela garota tem uma noção esquisita de glória.

— Mas as pessoas estão falando — disse Oscar. — Eu nunca tinha pensado antes, mas… é estranho, não é? Que ninguém tenha parado para considerar o que pode ser melhor pra nós e não só pra organização? Nós todos escolhemos esta vida. Estamos dispostos a arriscar muita coisa pela causa. Mas… — Ele parou de falar.

— Mas será que a gente não deveria ter um pouco mais de voz sobre qual é a causa? — sugeriu Ruby. — E o que exatamente estamos arriscando?

Ele suspirou.

— Odeio que pensem que estou do lado da Genissa, mas isso me fez pensar.

— Você não está só falando como a Genissa — disse Danna, um pouco provocadora. — Está quase parecendo um Anarquista.

Oscar franziu o nariz.

— Desnecessário.

— Eu acho que vai começar — disse Ruby, chamando a atenção deles de volta para o campo. Um palco comprido tinha sido erguido, ocupando quase todo o comprimento do campo, e sete cadeiras estavam montadas em fila no centro, ao lado de um pódio estreito. A imprensa tinha sido levada para o camarote em frente ao palco. Adrian não tinha certeza de onde Genissa fora parar. Quando o Conselho se aproximou dos seus lugares, a multidão começou a se aquietar.

Junto com o Conselho (Capitão Cromo, Guardião Terror, Tsunami, Luz Negra e Pássaro do Trovão), apareceu a dra. Hogan, uma das pesquisadoras e desenvolvedoras principais do Agente N. E…

Adrian se inclinou para a frente, apertando os olhos. Eles estavam distantes o suficiente para Adrian achar que seus olhos podiam estar lhe pregando uma peça.

— Aquele é o Titereiro?

— Pelos céus, acho que é — murmurou Ruby. — Mas… ele está tão diferente.

Na última vez que Adrian tinha visto Winston Pratt, a pele dele estava pálida, quase tanto quanto na época em que havia maquiagem permanente na cara dele, com bochechas rosadas e linhas pretas no maxilar remetendo a um boneco de ventríloquo. Essas marcas físicas do codinome e do superpoder dele sumiram quando ele recebeu a injeção de Agente N. Em menos de um minuto, o poder dele, que era a habilidade sinistra de transformar crianças em marionetes descerebradas, tinha desaparecido. O Titereiro não existia mais.

Adrian tinha visto Winston poucas vezes desde aquele dia, quando foi interrogá-lo sobre Pesadelo e os outros Anarquistas. Mas, nesses encontros, Winston estava desanimado e fraco, uma sombra de quem era antes. Esse não

era o homem no palco agora. Ele estava de costas eretas. Uma cor saudável tinha voltado à sua pele.

Ele estava *sorrindo*.

E não era um sorriso cruel de quem está se preparando para manipular uma criança de seis anos, mas algo genuíno e inesperadamente caloroso.

Ele estava quase irreconhecível.

Enquanto os outros se sentavam, o Capitão Cromo se aproximou do microfone. Passou um momento dando as boas-vindas à plateia e à imprensa, que tinha se reunido para o anúncio importante que fariam, dizendo que o propósito dos Renegados era e sempre havia sido garantir a segurança dos cidadãos, ao mesmo tempo que trabalhavam para melhorar a qualidade de vida de prodígios e não prodígios do mundo todo. Ele falou sobre seu entusiasmo pelo novo artigo que estavam prestes a revelar e o orgulho que sentia de fazer parte do seu desenvolvimento. Que previa o potencial para aquela ferramenta ser algo que mudaria o mundo, literalmente.

A plateia aplaudiu com educação, o Capitão deu um passo para trás e deu lugar à dra. Hogan no microfone.

O discurso dela foi quase exatamente o mesmo de quando ela introduziu o conceito do Agente N para as unidades de patrulha dos Renegados. *O Agente N oferece uma solução não violenta com resultados imediatos… É completamente seguro para ser usado com civis não prodígios… Isso vai fornecer uma punição humanitária para prodígios que desafiarem as regulamentações…*

Adrian manteve a atenção na imprensa reunida no camarote. Na surpresa e interesse deles. Nas canetas rabiscando em bloquinhos. Nas câmeras apontadas para a cara da médica.

Ele se perguntou o que os noticiários relatariam em breve. O Conselho esperava que aquilo substituísse os boatos de que os Renegados eram incompetentes e ineficientes. O Agente N era a grande chance de mostrarem ao mundo a que vinham dedicando todos os seus esforços durante tantos anos. Aquela era a chance de demonstrarem como pretendiam lidar com prodígios desobedientes. Era a chance de mostrar que a vilania não seria tolerada. Não enquanto eles estivessem no comando.

E Adrian queria acreditar. A caneta dele estava na mão, embora ele não se lembrasse de tê-la tirado do bolso, e percebeu que seus dedos mexiam nela inconscientemente. Ele não estava nervoso, mas sim… inquieto.

Ele se lembrou de ver Geladura e sua equipe intimidando os Anarquistas, tentando forçá-los a se incriminarem, mesmo que não estivessem envolvidos no ataque do desfile. Ele vira o grupo de Renegados torturar Espinheiro, matá-la e incriminar o Sentinela pelo ataque brutal.

Os Anarquistas e Espinheiro eram vilões. Talvez eles não merecessem solidariedade.

Mas, naqueles momentos, Adrian foi obrigado a questionar quem eram os verdadeiros vilões.

Se a equipe de Geladura se safou, ele sabia que outros Renegados também poderiam fazer o mesmo. Quem os deteria? Quem tentaria?

— Em pouco tempo, teremos uma demonstração do que o Agente N é capaz de fazer — disse a médica —, pra que vocês possam ver a eficácia com seus próprios olhos e testemunhar como é uma arma rápida e misericordiosa. Mas primeiro queremos convidar uma das nossas maiores histórias de sucesso para oferecer uma opinião sobre o sérum e seus efeitos revolucionários. Me acompanhem para chamar ao microfone ninguém menos que um antigo vilão e companheiro do próprio Ace Anarquia. Vocês o conhecem pelo nome de Titereiro, mas hoje ele é conhecido apenas como sr. Winston Pratt.

Houve aplauso, mas hesitante e incerto. Murmúrios se espalharam pela plateia quando Winston se levantou e parou em frente ao microfone. Tudo parecia tão surreal. No dia em que ele foi neutralizado, usou um jovem Renegado para tentar atacar a dra. Hogan. Tinha sido retirado do palco em algemas.

O que havia mudado para fazê-lo parecer tão relaxado, tão… *jovial?*

— Minha gratidão, dra. Hogan — disse Winston, se curvando na direção do microfone que tinha sido dobrado para a médica e agora estava baixo demais para o corpo esbelto dele. — Eu *estou* grato. Não só pela forma que a minha vida mudou devido ao Agente N e à equipe de médicos e terapeutas que estão trabalhando comigo, mas também agradeço pela oportunidade de

contar minha história.

Ele sorriu de novo, mas foi um sorriso mais tímido agora. Adrian percebeu que ele estava nervoso. Winston passou um momento ajeitando o microfone com um certo constrangimento, limpou a garganta e pegou algumas fichas no bolso.

— Eu conheci muitos… vilões… ao longo dos anos. Fui Anarquista por mais de metade da minha vida. Comecei com apenas catorze anos. Eu me juntei à causa do Ace Anarquia depois de fugir de casa. — Ele fez uma pausa e alinhou as fichas no púlpito. — Muitas vezes, quando um novo membro se juntava a nós, nós falávamos sobre nossas "histórias de origem". É um assunto popular entre nós, prodígios, tanto heróis quanto vilões, acho. Não pensei muito nisso na época, mas… ficou claro para mim que todas as nossas histórias tinham algo em comum. Com a exceção daqueles de nós que nasceram com suas habilidades, o restante se tornou prodígio depois… bem, de um grande trauma. Embora falássemos das nossas origens com orgulho, na verdade essas histórias muitas vezes eram… horríveis. E dolorosas. Talvez o fato de termos sobrevivido nos deixasse orgulhosos, mas eu… eu nunca pensei em perguntar aos meus companheiros nem… a mim mesmo… se não estaríamos melhor se nunca tivéssemos passado por esses traumas.

Adrian franziu a testa. Olhou para os companheiros de equipe. Danna, como ele, tinha nascido com o dom. Mas Oscar se tornara prodígio depois de quase morrer em um incêndio, e Ruby ganhara os poderes depois de ser atacada cruelmente por um membro da gangue Chacais.

Na verdade, todas as histórias de origem que ele conhecia tinham base em algum tipo de trauma.

— Quanto a mim — continuou Winston, o tom ficando cansado —, eu nunca compartilhei minha verdadeira história. Nem com os Anarquistas nem com ninguém, por todos esses anos. A história de como eu me tornei o Titereiro não me trazia orgulho. Só vergonha e raiva. — O sorriso fácil de minutos antes tinha sumido. Ele hesitou e olhou para alguém na plateia. Adrian seguiu o olhar dele e reconheceu a conselheira que estava trabalhando com Winston depois da neutralização. Ela fez um movimento de cabeça encorajador.

Winston se curvou e abriu uma sacola que estava aos seus pés. Os jornalistas na boca do palco ficaram tensos, talvez esperando que ele tirasse de lá uma bomba ou uma arma.

Mas era só uma boneca. Adrian reconheceu Hettie, a boneca de infância de Winston que ele dera para o ex-vilão em troca de informações sobre Pesadelo.

— Esta é Hettie — disse Winston, segurando a boneca para todo mundo ver. — Meu pai a fez pra mim no meu sétimo aniversário. Parte de mim achava que eu talvez estivesse grande demais para bonecas, mas… havia algo nela. Eu a amei imediatamente. — Ele fez uma pausa e uma sombra eclipsou sua expressão. — Alguns meses depois, meus pais saíram uma noite e um vizinho estava cuidando de mim. Um… amigo antigo da família que costumava ficar de babá. Ele se interessou por Hettie e… sugeriu que fizéssemos uma brincadeira… — Winston fez uma pausa e Adrian sentiu seu peito apertar no silêncio horrível que se seguiu. Por fim, Winston balançou a cabeça e colocou a boneca no púlpito, como se incapaz de olhar para ela. Os olhos pretos e brilhantes da boneca encaravam, cegos, a multidão. — Eu não entendi na época, mas a brincadeira virou um disfarce para ele… ele… me molestar. Pela primeira vez. E… não foi a última.

A plateia pipocou com arfadas horrorizadas. Mãos tapavam bocas que não sabiam o que dizer. Olhares de pena e horror. Com o canto do olho, Adrian viu Ruby apertar o braço de Oscar.

— Eu nunca tinha me sentido tão impotente. Tão envergonhado e confuso. — Winston estava observando a boneca enquanto contava a história. — Eu só perceberia que tinha me tornado um prodígio semanas depois, quando, na escola, minha raiva explodiu e eu ataquei um garoto um ano mais velho que tinha pegado a última fatia de pizza no refeitório. Antes que eu entendesse o que estava fazendo, as cordas estavam em volta dele. Eu o fiz… — Ele fez uma pausa e limpou a garganta. — Eu o fiz bater com a cara na bandeja. Quebrei o nariz dele.

Houve um silêncio longo depois dessa declaração.

— Meus poderes começaram a mudar depois disso — continuou Winston. — Eles me mudaram por dentro e por fora. Desde aquele dia, eu fiz mal a

mais crianças do que consigo contar. Não da forma que me fizeram mal, mas como vítimas impotentes sob o meu controle. Não conto essa história a vocês por querer sua pena. Também não quero justificar as coisas que fiz nem dar desculpas pelo papel que tive como Anarquista e… vilão. — Ele ajeitou a postura, não mais encolhido sobre o microfone. — Conto tudo isso porque muitos prodígios vão insistir que seus poderes são um dom. Eu também acreditava nisso. Meus poderes eram a minha identidade. Eram a fonte da minha força, do meu controle. Só percebi recentemente, depois que meus poderes foram neutralizados pelo Agente N, que não eram nada disso. Eram um fardo. Uma maldição. Eles me mantiveram na mentalidade de vítima o tempo todo e *me* transformaram em monstro. Eu sei que nunca vou me libertar do trauma que vivenciei nem das lembranças das coisas horríveis que fiz. Mas, graças ao Agente N, sinto… pela primeira vez, sinto que pode haver um caminho para a frente. Pela primeira vez, sinto que estou começando a me curar. A falar por mim mesmo e talvez, um dia, em nome de crianças que sofreram como eu. Sinto muito pelo mal que causei. Eu talvez nunca consiga compensar as muitas crianças que usei como marionetes, mas espero poder compensar esse sofrimento da forma que puder. Não posso dizer que outros prodígios que forem neutralizados vão sentir o mesmo, mas falo por mim ao dizer que não estou triste por estar livre dos meus poderes.

Ele pegou Hettie e colocou a boneca no chão do palco, depois esticou a mão para o Capitão Cromo.

O Capitão se levantou e elevou o pique de cromo que estava encostado na cadeira dele. A Lança de Prata. Ele a entregou para Winston.

Winston recuou e segurou o pique com as duas mãos.

— Eu não sou mais vítima! — gritou ele. Com isso, golpeou. A ponta achatada bateu na boneca, que se estilhaçou com o impacto; a cabeça afundou, um braço voou do palco, uma perna deslizou para baixo da cadeira de Tsunami. Winston bateu de novo: duas, três vezes.

Ele finalmente parou depois do sexto golpe, restando da boneca pouco mais do que pedaços quebrados e roupas rasgadas. Ofegante, Winston devolveu a lança para o Capitão e levou a boca mais uma vez até o microfone.

— Mas, ainda mais importante do que isso — disse ele, a voz cheia de emoção —, não sou mais vilão.

CAPÍTULO TRINTA E UM



Mesmo com o vento forte, Nova ouviu pelo fone de ouvido a plateia dentro da arena explodir. Ela se encolheu com o barulho, os aplausos estrondosos como uma trovoada.

Ela aproveitou o momento para recuperar o fôlego. Não estava exausta por escalar a parede externa da arena. Na verdade, a sensação era a de que quase não tinha respirado durante o discurso do Winston. Ela deveria estar se concentrando no trabalho à frente, mas estava absorta na história dele. A garganta de Nova estava seca. O coração parecia preso em um torno. Ela se perguntou como era possível viver debaixo do mesmo teto (ou nos mesmos túneis de metrô) com uma pessoa por dez anos e saber tão pouco sobre ela.

Quando a cacofonia na arena sossegou, Nova ouviu a voz de Fobia no ouvido.

— *Traidor.*

Nova se encolheu. Embora soubesse que Fobia estava falando de Winston, pareceu uma acusação contra ela e contra sua solidariedade.

Ficou em silêncio.

— Ele que escolha a fraqueza e a mediocridade, se é o que deseja — disse Mel. — Nós precisamos nos concentrar em trazer nosso Acey de volta.

— Exato — disse Leroy. — Pesadelo, qual é seu status?

Afastando a sensação prolongada de sofrimento, Nova verificou de novo a leitura no medidor a laser.

— Quase na posição — respondeu, marcando o contorno externo de seu ponto de entrada. Precisão era importante. Cortar o ponto de entrada muito longe faria com que ela acabasse em uma queda livre de trinta metros, bem nos braços dos Renegados. — Mais trinta segundos — disse ela, a voz abafada atrás da máscara de metal.

— Não precisa correr — disse Leroy. — Só estão trazendo os prisioneiros agora.

Mel deu um suspiro profundo.

— E, conhecendo o Capitão Cromo, ele vai ficar falando por pelo menos mais vinte minutos até que algo de interessante aconteça.

Nova esperava que o Capitão estivesse se sentindo bem verborrágico.

Depois dos cálculos completos, ela prendeu o medidor a laser no cinto e pegou a serra elétrica com lâmina de diamante. Esperou até a voz alta do Capitão começar no fone, transmitida para o grupo por Cifra — um dos aliados de Narcissa que os Renegados não conheciam —, que não tinha tido dificuldade para conseguir entrar no evento, junto com outros dezesseis do grupo, depois que Millie preparou passes de imprensa falsos para eles. Eles estariam espalhados pela arena, esperando para ajudar Nova e os Anarquistas a completarem a missão.

O objetivo de Nova era simples.

Levar o elmo até Ace.

O teto curvo da arena estremeceu embaixo dos seus joelhos, tanto pela vibração da serra quanto pelos falantes lá dentro. Ela parava sempre que o Capitão parava, tentando sincronizar o ruído que estava fazendo com as vezes em que o discurso dele ficava mais apaixonado.

Com uma das mãos segurando a ventosa que tinha prendido no telhado, ela terminou o último corte. Deu um puxão, e o pedaço de telhado se soltou. Ela o empurrou para longe do buraco.

Exatamente vinte e cinco metros abaixo dela havia uma plataforma para um dos operadores de luz e som. Ela só via o topo da cabeça da mulher, coberta com fones de ouvido grandes, a atenção no holofote enorme que mirava no campo abaixo.

O facho de luz estava seguindo a fila de prisioneiros que estavam sendo

retirados do que antes era o vestiário da arena, onde Nova esperara sua vez nos testes. Os prisioneiros estavam todos com os macacões em preto e branco da prisão de Cragmoor. Os pés estavam presos com tornozeleiras, que se conectavam às do prisioneiro seguinte da fila. As mãos estavam totalmente envoltas em proteções de cromo. Vários guardas armados andavam ao lado deles — a maioria Nova reconhecia de Cragmoor —, as armas apontadas para os prodígios mais perigosos da fila.

Ace era o último, e, mesmo lá de cima, Nova sentiu a agitação na plateia quando ele apareceu. A pele dele estava pálida demais, com olheiras roxas e fundas. Pendia dos ossos como se pudesse se soltar a qualquer momento. Ele estava quebrado e derrotado, as costas curvadas e a cabeça pesada enquanto ele seguia a corrente de prisioneiros. Uma sombra do prodígio que já tinha sido. Ele não era ameaça. Não era para ser temido, não mais.

Nova trincou os dentes, odiando vê-lo reduzido àquilo.

— Todos em seus lugares — disse ela, apertando as alças da mochila. Nova abandonou a serra no telhado, sem querer carregar mais peso. Apoiou os braços nas laterais do buraco, enfiou as pernas, ficou um momento pendurada e se soltou.

Ela caiu com um baque atrás da operadora de luz. A mulher levou um susto, mas, antes que pudesse se virar, sua nuca foi tocada pelos dedos de Nova e ela desabou em seus braços. Nova a colocou na plataforma.

— Entrei.

Ela se certificou de que o holofote ainda estivesse apontado para o palco. Era um de quatro, todos apontando para o Capitão Cromo, que estava no púlpito de novo enquanto os detentos ficavam lado a lado no campo.

Sabendo que os outros três operadores muito provavelmente seriam os primeiros a notar a ausência da colega, Nova voltou na direção do andaime que conectava as plataformas no perímetro do telhado e começou a seguir para o operador seguinte.

Ela se esforçou para ignorar a voz monótona do Capitão, mas algumas palavras ainda chegaram à sua consciência enquanto ela andava pelas sombras.

Vilões… neutralizados… execução.

Ela chegou ao segundo operador e o derrubou com a mesma facilidade da primeira. Menos dois…

Abaixo, o Capitão estava listando os muitos crimes de Ace contra a humanidade na tentativa de justificar a escolha deles de o matarem daquela forma pública.

— Antes de prosseguirmos — disse o Capitão —, concedo uma dignidade que esse vilão nunca ofereceu a nenhuma das suas vítimas. Por favor, acompanhem Ace Anarquia ao palco.

No fim da fila, as tornozeleiras do Ace foram soltas. Os guardas o cutucaram, fazendo com que ele fosse na direção da escada e da plataforma. Ace fixou a atenção no Capitão, que o esperava no púlpito. O ódio entre os dois homens era palpável.

A arena ficou em silêncio. Nova foi mais devagar, para seus pés não emitirem som, enquanto seguia para a terceira plataforma o mais sorrateiramente possível.

Quando Ace parou na frente do Conselho, o Capitão Cromo falou novamente no microfone.

— Neste momento, pergunto ao meu antigo rival, esse inimigo da humanidade, Alec James Artino, se você gostaria de expressar suas últimas palavras.

Ele deu um passo para trás e ofereceu o microfone para Ace.

Nova engoliu em seco. Queria parar e olhar, ouvir, mas sabia que não havia tempo para isso.

Ela chegou à terceira plataforma e botou a mulher que encontrou lá para dormir.

Faltava uma pessoa.

Abaixo dela, a arena estava em silêncio. Seus pensamentos se desviaram para Winston, que ainda estava no palco, a poucos metros do Ace. Ela se perguntou se os dois fizeram contato visual quando Ace foi levado para o pódio. Perguntou-se se Ace tinha ouvido a história do Winston. Será que ele, assim como Fobia, veria Winston como traidor ou sentiria a mesma pena que Nova tinha sentido?

Ela também pensou no Adrian, que sabia estar em algum lugar na plateia.

Perguntou-se se voltaria a vê-lo, sabendo que, se tudo ocorresse conforme o plano, a resposta provável era não.

Ela se perguntou se acabaria se arrependendo de não ter dado um jeito de se despedir.

Ace se aproximou do púlpito. Parecia que a arena inteira estava imóvel. Até Nova precisou se lembrar de continuar respirando enquanto andava pela passarela.

A voz dele, quando soou, pareceu frágil e áspera pela falta de uso.

— Agora que estou aqui, na frente de vocês… — disse ele, as palavras um grunhido. Nova se encolheu ao pensar em como ele já tinha sido, poderoso e forte, um verdadeiro visionário. Agora, mal passava de uma relíquia, uma lembrança de uma era esquecida. — Sabendo que meu tempo restante aqui na Terra vai ser curto, estou perante uma verdade excruciante. Houve uma época em que destruí uma ordem mundial na qual prodígios eram condenados e perseguidos por quem nos temia, quem não conseguia apreciar nosso potencial. E agora… — Ele olhou para o Capitão. — Agora nós somos condenados e perseguidos por nossos semelhantes. — Ele ergueu o queixo. — Alec James Artino já está morto, mas a Anarquia seguirá viva. Vai persistir no coração de todos os prodígios que se recusam a se curvar a essa ditadura. Nossa luta não acabou, e nós não vamos descansar até haver liberdade e autonomia para todos os nossos irmãos. Até não precisarmos mais temer pelo nosso bem-estar, nem da parte dos que nos temem, nem da parte dos que nos odeiam, nem da parte dos que nos invejam. Os Renegados vão cair, e nós vamos nos erguer de novo!

O quarto operador estava esticando a mão para pegar o walkie-talkie, provavelmente sem entender por que as outras três luzes estavam imóveis, quando os dedos de Nova surgiram das sombras e roçaram na mão dele. Ela o segurou, como tinha feito com os outros, e expirou fundo.

Fase um, completa.

Lá embaixo, Ace estava sendo levado de volta para o campo, enquanto um desfile de homens e mulheres de jaleco marchava para se juntar aos prisioneiros, cada um segurando uma seringa.

O espetáculo era surreal demais. Parecia uma produção teatral

coreografada, como se tudo tivesse sido planejado com mais consideração pelas fotos que depois apareceriam nas primeiras páginas dos jornais do que pela dignidade dos envolvidos.

Nova examinou as armações que sustentavam a iluminação e as caixas de som, um labirinto complicado de estruturas de metal cruzando todo o teto da arena. Ela subiu na amurada em volta da plataforma do holofote, esticou a mão para a armação mais próxima e subiu.

Luz Negra teve a honra de iniciar a neutralização. Todos os detentos seriam neutralizados simultaneamente, e ele começou a fazer uma contagem regressiva a partir de dez. Nova se esforçou para ignorar o que estava acontecendo lá embaixo e se concentrou em colocar as mãos uma na frente da outra enquanto engatinhava na direção do centro da arena.

Mas ela fez uma pausa quando Luz Negra chegou ao número um. Espiou pelas barras de metal.

Nova só conseguia ver o topo das cabeças: dos prisioneiros, dos técnicos de laboratório, do Conselho. De Winston e Ace. Não conseguia ver a expressão de nenhum deles. Estava longe demais para saber se algum prisioneiro se encolheu quando as agulhas foram enfiadas nos braços deles.

Um segundo se passou. Dois. Dez segundos. Vinte.

Mesmo daquele ponto de vista elevado, Nova percebeu quando os técnicos começaram a se mexer com desconforto. Ela viu o Conselho se ajeitando nas cadeiras, trocando olhares. Reparou na dra. Hogan olhando o relógio.

A arena estava silenciosa o bastante para ela ouvir um jornalista tossir no camarote.

Nem todos os prodígios tinham características físicas que indicavam seus poderes, mas muitos tinham. Não só o amigo de pele amarela de Nova, mas também Colosso, que tinha mais de três metros de altura, e Billie Bode, que tinha chifres pontudos saindo do alto da cabeça, e Garrancho, de cuja boca costumava vazar tinta preto-azulada que manchava a parte da frente do macacão. Naquele momento, todas aquelas características já deveriam estar sumindo. Naquele momento, aqueles vilões já deveriam ter sido reduzidos a humanos comuns.

Mas, como os Renegados estavam começando a perceber, isso não estava

acontecendo.

Até os detentos estavam incomodados, sem saber se deveriam estar sentindo algo diferente.

Nova viu um leve movimento na arquibancada quase imóvel. Ela não precisava estar perto para saber que era uma cegonha de papel bem pequena, feita do papel rosa e dourado mais delicado que havia.

Ela sorriu.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



A ATENÇÃO DA PLATEIA SE desviou da fila de prisioneiros no campo (que aparentemente *não* tinha sido neutralizada) para o pássaro de papel flutuando acima da cabeça deles. Adrian levou um susto e franziu a testa com desconfiança quando o pássaro fez um círculo completo sobre a arquibancada antes de descer e parar na frente do Capitão Cromo. Ele o pegou no ar e amassou suas asas dentro do punho fechado. O semblante já estava sombrio quando ele desdobrou o quadrado de papel. Devia haver alguma coisa escrita dentro, porque ele franziu ainda mais a testa antes de esmagá-lo de novo e jogá-lo no palco. Ele estava prestes a falar quando uma voz estrondosa soou na arena.

— Senhoras e senhores, prodígios e prisioneiros, super-heróis e cientistas…

A voz não parecia vir dos alto-falantes superiores. Na verdade, parecia estar vindo de todos os lugares ao mesmo tempo.

— Pedimos desculpas pelo atraso na programação patrocinada pelos Renegados — continuou a voz, com um tom de sarcasmo. — Enquanto os honrados membros do Conselho resolvem essas dificuldades técnicas, nós esperamos que vocês apreciem esse entretenimento gratuito, com cumprimentos do… *Garça*.

Adrian franziu a testa para a equipe, que estava toda com a mesma expressão perplexa.

— O Garça? — perguntou Ruby. — Ele não estava nos testes?

— O cara do origami? — questionou Oscar.

Foi aí que Adrian viu. Foi aí que *todo mundo* viu: centenas, talvez milhares de garças de papel, na mais linda variedade de tons pastel e brilhantes voando pela arena. Adrian ficou de pé. Ele não estava sozinho, pois a arquibancada em volta toda explodiu com preocupação.

Mas só *um pouco* de preocupação, Adrian notou.

Eram só garças de papel.

— Elas estão entrando pelos dutos de ventilação — disse Danna, segurando a amurada, os nós dos dedos pálidos.

— Será que é uma distração? — perguntou Ruby.

Adrian não respondeu. Ele não sabia as respostas, mas tinha a sensação de que Pesadelo e os Anarquistas estavam metidos com aquilo.

Ele afrouxou a gola para facilitar o acesso à tatuagem de zíper.

As garças se espalharam pela plateia, pairando a centímetros das cabeças. Uma foi pega por Fiona Lindala, ou Peregrina, que estava na fileira ao lado com sua amada ave de rapina empoleirada no ombro. Adrian a viu desdobrar o papel e o falcão inclinar a cabeça com curiosidade. Ao redor dele, os Renegados estavam fazendo o mesmo. Pegando passarinhos de papel no ar. Desdobrando-os para revelar segredos.

Fiona gritou de surpresa, o que atraiu a atenção de Adrian. Ela estava com olhos arregalados, embora talvez mais de surpresa do que de dor. Ela largou a garça, mas o que saiu de lá foi outra criatura.

Uma abelha gorducha, peluda, preta e amarela, na palma da mão dela.

Adrian mal tinha registrado a imagem quando o peregrino se inclinou para a frente e pegou a abelha com o bico.

— Me picou — disse Fiona para ninguém em particular, tirando o ferrão da mão.

E mais surgiram. Mais abelhas, quase adoráveis de tão gorduchas, saindo da proteção das garças de papel e zumbindo na direção dos Renegados mais próximos.

— Abelha-Rainha — disse Adrian, espantando uma abelha. Ao redor, ele ouvia grunhidos incomodados, mas os sons eram mais de irritação ou

surpresa do que qualquer outra coisa. Não era divertido levar uma ferroada de abelha, mas, em comparação à vida diária de Renegado, também não era muito apavorante.

O rosto de Danna estava retorcido de descrença.

— Por que abelhas? Por que não vespas ou…

Adrian deu um gritinho de surpresa e bateu na nuca. Puxou os dedos aninhando o corpo peludo de uma abelha. Ele a jogou no chão e massageou o local da ferroada.

Em volta dele, as pessoas estavam esmagando abelhas nas mãos e embaixo de botas, rasgando as lindas garças de papel em pedacinhos. Perplexas. Confusas.

Até que um berro horrível soou.

Começou com Peregrina, que estava encarando horrorizada os olhos inteligentes do companheiro.

— Não — gritou ela, esticando um dedo para fazer carinho na asa da ave. Mas o falcão se afastou. Andou pelo braço esticado da mulher e ficou olhando para ela como se não tivesse certeza de que ela era comestível. — Pern, por favor, sou eu.

O peregrino afastou a cabeça e afundou as garras no antebraço dela. Abriu as asas enormes e levantou voou acima da arquibancada. Fiona gritou e esticou a mão, mas não havia esperanças de pegá-lo. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não consigo mais senti-lo — gaguejou. — Ele não entende… o que está acontecendo? — Ela olhou em volta, procurando respostas nos rostos próximos. — Meu poder. Sumiu.

Adrian entendeu tão subitamente quanto se tivesse levado um tiro. Ele olhou para a plateia enquanto, ao redor, as expressões de confusão se transformavam em pânico. Renegados inspecionavam as mãos esticadas enquanto sentiam os poderes sumirem. Enquanto escamas desapareciam e davam lugar à pele humana macia, enquanto antenas de sexto sentido se encolhiam embaixo de cabelo humano. Uma garota feita de brasas pretas fumegantes viu a pele se transformar em pele humana comum. Um garoto com chifres gritou quando eles se partiram e caíram como unhas cortadas no

chão. Fagulhas se apagaram. Energia evaporou. Sombras se dispersaram.

A voz voltou, ecoante e divertida.

— Se você for um dos azarados que acabou de receber uma ferroada, pedimos que mantenha a calma. Vai sentir um leve desconforto, talvez uma certa náusea, mas em poucos momentos você voltará ao normal. Cem por cento, completamente normal.

— Agente N — disse Adrian. — Os ferrões têm Agente N.

Oscar falou um palavrão e esmagou uma abelha com a bengala, embora Adrian tivesse quase certeza de que já estava morta.

— As seringas deviam conter uma substância falsa — disse Adrian. — Os Anarquistas a trocaram, sabe-se lá como.

— Adrian — disse Danna. — Seus poderes?

Ele fez que não.

— Minha tatuagem vai me proteger, acho. Mas algo me diz que isso não é o pior. Preciso encontrar um lugar pra me transformar.

— A gente vai com você — retrucou Danna.

Ele saiu da fileira e se preparou para subir a escada correndo para os fundos da arena, mas foi detido por uma voz fraca e trêmula.

— Pessoal?

Ele se virou. Danna e Oscar também pararam, e todos olharam para Ruby.

O rosto dela estava pálido, os olhos lacrimejando e arregalados. Na palma da mão direita, segurava uma abelha morta.

Na esquerda, estava a pedra vermelha que sempre ficava pendurada no seu pulso.

O coração de Adrian se apertou.

— Ruby… não…

Todos viram a pedra começar a derreter e se dissolver em uma gosma grudenta e sangrenta que escorreu pelos dedos e pingou no chão de concreto.

Ruby engoliu em seco e tentou fazer uma expressão de coragem apesar do choque.

— Meus irmãos — sussurrou ela — vão ficar tão decepcionados.

NOVA ESTAVA NA METADE do primeiro suporte de iluminação quando se deu conta do que estava acontecendo. Ela se segurou no aço frio e olhou para a plateia enquanto os gritos iam de confusos a horrorizados.

Ela encostou a mão no fone no ouvido, torcendo para estar enganada. Talvez estivesse interpretando errado, por não conseguir enxergar claramente estando tão longe.

— O que está acontecendo lá embaixo?

A voz de Mel soou entrecortada.

— Não dá pra perceber? A gente está finalmente vencendo.

As mãos de Nova estavam suadas, mas ela estava em uma posição precária demais para secá-las. Sua mandíbula latejava embaixo da máscara.

— Me diz que não é o Agente N… Era pra ser o veneno do Leroy! Vocês só iam paralisá-los por alguns minutos!

— Fica calma, Pesadelo — disse Leroy. — Nós precisamos que você continue concentrada na sua missão.

— Como é que posso ficar concentrada quando vocês mudaram o plano no meio? — Ela percebeu que estava praticamente gritando, mas sabia que ninguém a ouviria com o caos lá embaixo. Ela se viu observando as arquibancadas, procurando Adrian e os outros, mas os assentos estavam lotados demais, confusos demais com Renegados uniformizados idênticos.

— Foi ideia minha — disse Mel, parecendo muito orgulhosa. — Por que nós deixaríamos nossos inimigos paralisados por uns minutos se poderíamos neutralizá-los pra sempre? Não é diferente do que eles teriam feito com a gente.

— Mas não foi isso que nós combinamos!

— Porque você não teria concordado! — respondeu Mel com rispidez. — Porque você passou a gostar desses super-heróis. Mas eles merecem o que está acontecendo, e você sabe disso!

Nova apertou as barras de ferro. Quantas abelhas Mel tinha soltado? Quantos Renegados não seriam mais prodígios?

E por que isso a enchia de fúria se, não muito tempo antes, ela teria ficado satisfeita? Teria até apoiado o plano?

— Era pra eles ficarem *paralisados* — repetiu ela. — Vocês sabem o

quanto dificultaram as coisas pra mim?

— Você sabe se virar. Vai dar um jeito — disse Mel. — Eu fiz o que era melhor para os Anarquistas, o que é melhor pra *nós*. Chega de jogar dos dois lados, Pesadelo. Está na hora de escolher com quem você está de verdade.

Nova se encolheu. Abaixo, os Renegados estavam se espalhando pelo campo. A maioria das abelhas tinha sido morta, e era impossível saber quantos super-heróis tinham sido ferroados. Metade? Mais?

Enquanto o Conselho berrava ordens, tentando levar os jornalistas civis para algum lugar seguro no subsolo ao mesmo tempo em que montava um perímetro defensivo, uma segunda onda de abelhas surgiu pelos dutos de ventilação. Desta vez, Mel não se deu ao trabalho de usar o disfarce das garças de papel. O enxame se espalhou, centenas de pontinhos pretos, da perspectiva de Nova, e mergulhou na multidão.

Em meio ao caos, o foco de Nova recaiu sobre Ace. Ele estava quase sereno na frente da plataforma, os pulsos e tornozelos ainda algemados.

Ela sentiu o peso da mochila.

Embora a raiva continuasse pulsando pelas veias, Nova firmou o queixo e seguiu em frente.

ADRIAN FALOU UM PALAVRÃO quando viu um novo enxame de abelhas entrando na arena. A voz do Capitão Cromo soou pelos alto-falantes pedindo aos Renegados para protegerem os membros da imprensa, cujos gritos de pânico se misturavam com o zumbido alto dos insetos, ao mesmo tempo em que tentava organizar outros em uma espécie de contra-ataque. Mas nenhum inimigo tinha aparecido, só as abelhas, e elas eram tão pequenas e velozes que a maioria dos poderes dos Renegados era inútil contra elas.

— Eu sei que nem precisava dizer — disse Adrian —, mas Oscar e Danna… tentem não ser ferroados.

— Que sensibilidade, Rabisco — disse Ruby. Ela ainda estava com expressão abalada, mas Adrian percebeu que ela estava tentando não demonstrar o quanto estava arrasada pela perda dos poderes.

— Eu tenho uma ideia melhor do que só não ser ferroado — rosnou Oscar. A expressão dele era de uma rara ferocidade, evidente quando ele levantou as duas mãos e começou a espalhar fumaça de aroma doce pela arquibancada e pela arena.

— O que você está fazendo? — perguntou Adrian. A fumaça mudou rapidamente de uma névoa fina para uma neblina densa. Não demorou para Adrian mal conseguir ver as próprias mãos nem os companheiros ao lado… nem as abelhas que ouvia zumbindo perto. — Cortina de Fumaça, isso era pra ajudar?

— São abelhas — disse Oscar. — Fumaça faz com que fiquem mais calmas.

Adrian tentou piscar para afastar a fumaça que ardia nos olhos, mas em pouco tempo sua irritação passou. Realmente: os zumbidos diminuíam conforme a fumaça enchia a arena.

— Bem pensado — admitiu ele, mas ouviu vários colegas começarem a tossir.

A fumaça oferecia outro benefício. Agora escondido, Adrian levou a mão à tatuagem de zíper no esterno. Com um chiado e uma série de estalos, a armadura do Sentinela se desdobrou do bolso inexistente embaixo da pele, se estendeu pelos braços, desceu pelo peito e pelas costas, cobriu braços e pernas e se fechou na cabeça. O visor foi a última coisa, cobrindo o rosto.

— Ah, caramba, isso não é muito simpático com as abelhas, meu amigo fumacento — disse a voz estrondosa de novo. — Isso quer dizer que vamos ter que recorrer ao plano B… — Ele riu.

O que veio em seguida foi um pandemônio puro. Com todos desorientados pela fumaça, era impossível saber o que estava acontecendo na arena, mas Adrian sentiu pela gritaria e pelos grunhidos que não era coisa boa. Ele viu flashes de luz no campo abaixo e teve um vislumbre das asas de Pássaro do Trovão se movendo na fumaça. Sentiu o estrondo de uma explosão sob os pés. Danna se dissolveu em borboletas e foi na direção do campo. Lentamente, a neblina se dissipou. Havia abelhas em encostos de cadeiras e em amuradas, mas elas não pareciam mais inclinadas a atacar. Algo passou por cima do elmo de Adrian… uma flecha? Uma lança? À esquerda, ele

ouviu um ricochete metálico. À direita, o que pareceu o rugido de uma fera selvagem.

Uma coisa estava clara: eles estavam sob ataque, e não mais só de abelhas.

Adrian esperou a névoa se dissipar o suficiente para ele poder ver formas vagas no meio da arena e não esmagar ninguém sob seu peso. Quando se preparou para se jogar no palco, um movimento no teto o fez parar.

Ele apertou os olhos para a sombra percorrendo o andaime perto da abóbada da arena. Esperou até ter certeza absoluta do que estava vendo.

Suas manoplas se apertaram em punhos.

Pesadelo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



NOVA ESTAVA QUASE NO centro do sistema de iluminação da arena quando o suporte onde estava tremeu com um impacto. Ela deu um grito quando o andaime balançou.

Ela se segurou em um cabo de aço de segurança e olhou para trás.

— Ah, você só pode estar de sacanagem comigo.

O Sentinela estava empoleirado precariamente no andaime, as mãos cobertas pela armadura segurando a barra enquanto ele tentava se equilibrar. Ele levantou a cabeça e, embora não desse para ver o rosto, Nova praticamente sentiu o ódio a atingir como uma onda.

Ela se levantou, usando o cabo para se equilibrar. Sua outra mão estava perto do cinto.

— Eu não esperava te ver aqui hoje — disse ela. — O que você está fazendo invadindo uma festa dos Renegados assim?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta — disse ele enquanto tentava se levantar. Mas o andaime oscilou com o peso dele, e o Sentinela logo voltou a se agachar. — Só que acho que sei agora. E não vai dar certo.

— Até agora está tudo ótimo — retrucou ela.

Segurando-se com a mão esquerda, o Sentinela levantou o punho direito. A manopla começou a brilhar em um branco quente.

Ela fez expressão de desprezo.

— Não desta vez, soldadinho de chumbo. — Ela tirou uma arma do coldre

no quadril, uma que tinha criado precisamente para aquele momento.

Os dois miraram.

Dispararam.

O raio de concussão do Sentinela acertou o cotovelo esquerdo de Nova, que cambaleou para trás. Por um momento, houve apenas ar embaixo dela, antes que sua mão se agitasse e segurasse o cabo de segurança de novo. Ela ficou pendurada, a mão direita no cabo, um joelho enganchado em uma barra grossa.

Ela suspirou de alívio.

O Sentinela não teve tanta sorte. O projétil o acertou bem no peito, se magnetizou na armadura dele e liberou um choque elétrico poderoso. Nova, atordoada com o disparo que levou, nem percebeu o gritinho de dor dele. E ele caiu.

Ela ouviu o impacto quando o Sentinela caiu no campo abaixo, junto com gritos sobressaltados de quem estava em volta.

Nova grunhiu. Seu braço esquerdo estava dormente por causa do disparo. Ela falou um palavrão, com suor se acumulando no pescoço enquanto lutava para se erguer com apenas uma das mãos.

— Cretino — murmurou ela, junto com alguns palavrões até estar com os dois joelhos firmes na estrutura. Uma observação rápida da cena abaixo revelou o corpo do Sentinela estatelado no chão. Ela se perguntou brevemente se o choque tinha matado o cara. Ela não tivera tempo para testar a efetividade da nova arma.

Não importava. Estava claro que ela havia perdido o elemento-surpresa. Múltiplos pares de olhos se voltaram para ela. O olhar ardente de Pássaro do Trovão se grudou em Nova. Ela se preparou para se jogar no ar, um raio estalando no punho, quando Cianeto apareceu na neblina e enfiou alguma coisa nas costas dela. Pássaro do Trovão berrou de dor e se virou para encará-lo. Em segundos, o raio na mão dela piscou, soltou um brilho forte uma vez e se dissolveu no ar.

Ela mergulhou em cima de Cianeto com a fúria de uma tempestade.

Nova afastou a atenção disso e procurou Ace. Ele não estava mais parado estoicamente na plataforma; tinha caído de joelhos, com a cabeça inclinada

para baixo e com uma das mãos no coração. Havia detritos em volta dos pés dele em um círculo perfeito, e Nova percebeu que ele estava usando a pouca habilidade que ainda tinha para se proteger de estilhaços e objetos caindo.

Os poderes dele foram suficientes, por um triz, para mantê-lo seguro em meio à carnificina. Mas a força dele não duraria. Ela só podia imaginar o quanto tinha custado a ele desviar das armas e dos projéteis que tinham sido lançados na direção dele desde o começo da batalha.

Era só questão de tempo até ele ser alvo, apesar da fragilidade e das algemas.

Nova tinha tido esperanças de descer o mais perto dele possível, mas, enquanto olhava as armações à frente, percebeu que demoraria demais para atravessar o resto do caminho com o braço ferido. Ela seria mais veloz correndo, mesmo que houvesse mais obstáculos no chão.

Ela ajustou a mochila, mexeu no clipe no cinto e o prendeu no cabo de segurança. Seus lábios se contorceram quando ela avaliou a distância. Nunca tinha feito rapel com apenas uma das mãos e não estava feliz pela oportunidade de tentar agora.

Nova abriu uma bolsinha no cinto, pegou uma das luvas e usou os dentes para colocá-la na mão. Soltou a corda de náilon, observou enquanto ela se desenrolava até o chão e prendeu os tornozelos em volta. Sua mão a sustentou; ela respirou fundo e desceu.

A corda chiou entre as botas. Apesar da luva protetora, ela sentiu o calor da fricção na palma da mão. Seu braço esquerdo começou a formigar.

Alguns segundos depois, ela soltou e caiu agachada no meio de um campo de batalha. Tirou a luva, enfiou-a na bolsinha do cinto e saiu correndo na direção do Ace. Serpenteou entre as confusões e lutas, entre as armas brilhosas e os projéteis e disparos e gritos. Ela viu Chaveiro se movendo pela fila de prisioneiros da forma mais sorrateira possível, soltando as algemas uma a uma. Viu Leroy preso no chão por uma mulher de cabelo escuro que estava se esforçando para estrangulá-lo ao mesmo tempo que ele enfiava dedos, que soltavam ácido, na cara dela. A expressão dele estava louca e maníaca, quase como se estivesse gostando da luta, e com um choque passou pela cabeça de Nova que era *Pássaro do Trovão* que apertava a garganta

dele. Pássaro do Trovão… sem asas.

Ele tinha neutralizado uma integrante do Conselho.

Um chicote envolveu o tornozelo de Nova e a derrubou no chão. Ela grunhiu com o impacto. Um segundo depois, estava sendo arrastada pela terra. Ela se virou de costas, voltando-se para a Renegada, Chicotinho, com um rosnado. Tirou a estrela do cinto e jogou na adversária. Chicotinho deu um grito quando a arma acertou seu braço e largou o cabo do chicote. A distração dela deu tempo para Nova soltar a perna e, um segundo depois, pular na mulher, que mostrou os dentes e levantou as mãos para receber o ataque de Nova.

As mãos nuas.

Grande erro.

Assim que as peles se tocaram, Chicotinho arregalou os olhos com entendimento, meio segundo antes de as pálpebras se fecharem e ela cair no chão.

Nova verificou a segurança da mochila e saiu correndo. Embora sua atenção estivesse focada em alcançar Ace, ela não pôde deixar de observar os rostos dos Renegados quando passou correndo, se perguntando se Adrian estava por perto. Mas o único membro da sua equipe que ela vislumbrou foi uma borboleta-monarca no meio da confusão.

Quando viu Ace de novo, ela levou um susto ao perceber que ele a observava. Ainda estava curvado e de joelhos, ofegante. Seu olhar tinha um desespero incomum. Uma súplica.

— Estou chegando — sussurrou ela, tanto para si mesma quanto para o tio. — Não vou falhar com você. Não desta vez.

Nova desviou de uma cauda farpada (*Arraia?*) e se jogou por cima de uma poça suspeita de gosma preta. Seus pés tocaram no chão de novo na hora em que uma onda enorme caiu sobre ela e a derrubou de lado. A água se afastou e a deixou aos engasgos enquanto o chão de terra virava lama grudenta. Ela xingou Tsunami e ficou de pé, preparada para lutar, mas a Conselheira já estava se defendendo do ataque de um prisioneiro libertado.

Com o braço formigando conforme a sensação voltava aos músculos, Nova afastou a franja encharcada da cara e ajustou o capuz pesado sobre o

rosto. Com a lama e a roupa ensopada, parecia que cada passo na direção do Ace estava mais difícil.

Tinha acabado de recuperar o fôlego quando seu nome soou nos seus ouvidos.

— *Nova! NÃO!*

Ela se virou a tempo de ver Winston Pratt se jogando nela.

Nova recuou e se preparou para uma luta.

Mas Winston não a atacou. Ele estava respirando com dificuldade e caiu apoiado em um joelho enquanto a encarava em choque.

Nova demorou tempo demais para entender o que estava acontecendo. Demorou tempo demais para reparar na mancha vermelha se espalhando pela frente da camisa dele. Demorou tempo demais para ver vidro transparente saindo do peito dele, molhado de sangue.

Ao longe, ela ouviu uma pessoa falando um palavrão. Olhou por trás do Winston e viu Genissa Clark segurando uma besta. Ela tirou outro projétil de um isopor pequeno aos seus pés e o colocou na besta. Não era vidro, Nova percebeu. *Gelo.*

O rosto de Genissa estava vermelho de fúria, os dentes arreganhados enquanto ela alinhava o visor com o coração de Nova.

Nova mergulhou no chão. A seta de gelo passou voando e se estilhaçou em algo atrás dela. Nova ficou de pé e mergulhou para cima de Genissa. A garota estava com outra seta de gelo na mão, mas não teve tempo de prendê-la na besta antes de Nova atacar. As duas caíram no chão. Genissa virou a seta de gelo para tentar furar Nova com a ponta, mas Nova segurou o pulso dela e prendeu no chão.

O corpo de Nova estava ardendo de raiva. O sangue pulsava com adrenalina enquanto ela repetia em pensamento a voz em pânico de Winston gritando seu nome.

Naquele momento, o que ela mais queria era matar Genissa Clark.

Em vez disso, ela só gritou o mais alto que pôde, o desprezo arranhando a garganta:

— *Você tem tanta sorte de eu não ter tempo pra isso!*

Então pressionou a testa de Genissa com a palma da mão e liberou seu

poder como uma marreta no crânio da garota. A cabeça de Genissa caiu inerte na terra, os lábios abertos, a pele pálida coberta de terra e lama.

Ofegante, Nova se levantou. Meros segundos tinham se passado desde que ela ouvira Winston chamar seu nome, mas ele não tinha se mexido. Ainda estava ajoelhado na terra, de costas para ela, o pedaço de gelo se destacando na mancha vermelha na roupa.

— Winston.

Ela se abaixou ao lado dele, uma das mãos no ombro. Ele a encarou, e Nova percebeu que ele já estava próximo da morte. A pele estava pálida como na época do Titereiro.

— Está tudo bem — sussurrou ela. — Está tudo bem. Eu não posso tirar o gelo por enquanto porque… o sangramento… — Ela fungou e observou a arena, se perguntando se havia algum curandeiro Renegado na plateia. Ela sabia que nenhum dos novos aliados dos Anarquistas tinha habilidade de cura, mas, se os Renegados realmente viam Winston como um *deles* agora, talvez o ajudassem. — Vou procurar alguém. Aguenta firme…

— Pesadelo — disse com uma leve tosse. Ele oscilou, se sentou nos calcanhares e fez uma careta ao se mover. — Desculpa por… te chamar de Nova… antes.

— Tudo bem. Acho que ninguém estava prestando atenção. Você consegue andar? Nós temos que…

— Pesadelo… — Ele segurou a mão dela, e ela se deu conta de que Winston estava chorando. Naquele momento, ela percebeu que também estava. — A gente era amigo, não era? — Ele tossiu. Um borrifo de sangue manchou o lábio inferior. — Eu sei que nem sempre fui… um bom amigo… mas eu… eu gostava de ter você por perto naquela época. Quando você era pequena. Era bom ser… criança… de novo.

A respiração dela começou a sair em intervalos erráticos.

— Claro. Claro que a gente era amigo.

Ele sorriu, mas foi um sorriso cheio de dor. Seus olhos estavam perdendo foco.

— Eu queria te dizer… — Ele tossiu. O gelo no peito dele estremecia a cada movimento. — Eu não sei mais… se fui feito para ser… vilão. — Seu

olhar se suavizou com afeto quando ele apertou a mão dela. Nova não sabia quando ele tinha começado a segurar. — Também não sei se você é. Talvez… nenhum de nós…

Uma explosão próxima fez Nova pular. Ela abriu bem os braços, como se para proteger Winston da explosão. A uns dez passos dos dois, uma nuvem de fumaça estava se espalhando, fazendo Rejeitados, prisioneiros e Renegados cobrirem o rosto.

— Winston, eu preciso chegar ao Ace. Aí vou te tirar daqui, está bem? — Ela olhou para ele de novo. — Ace e eu vamos…

As palavras dela sumiram, misturadas à fumaça e à terra.

Winston tinha caído para a frente, sustentado por pouco pelo braço de Nova e pelo gelo que impedia que o peito dele afundasse.

Ele já estava morto.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



Nova se levantou com dificuldade, sentindo como se suas entranhas tivessem sido reviradas com um garfo. Ela girou, atordoada, esperando que outro ataque contra sua vida surgisse a qualquer segundo e de qualquer direção. Não viu sinal de Leroy ou de Pássaro do Trovão. Viu Mel na arquibancada, que entrou quando a luta começou, a nuvem de vespas e abelhas tão densa que o corpo parecia uma colmeia viva. Viu Fobia na mesma hora em que seu corpo se transformou em um amontoado vibrante de cobras venenosas que pulou em um grupo de Renegados e o separou. Os prisioneiros, livres das algemas, tinham entrado na batalha. Nova viu aliados e inimigos fazendo o melhor para sobreviver. Fazendo o melhor para machucar e matar.

Ela viu muito sangue. Muito horror. Muitos corpos caídos.

Com a pulsação rápida, olhou para cima e piscou para afastar a poeira dos olhos.

Ace.

Se conseguisse chegar a Ace, poderia acabar com aquilo.

Levou a mão à alça da mochila e ficou paralisada.

Tinha sumido.

Ela se virou, procurando freneticamente. *Ali*. Não muito longe do corpo inconsciente de Genissa Clark. Nova correu na direção da mochila, se abaixou e deslizou pela terra enquanto sua mão segurava as alças.

Na mesma hora, soube que havia algo de errado.

— *Não.* Não, não, não!

O zíper estava um pouco aberto, e embora ela já soubesse da verdade, suas mãos funcionaram no piloto automático e terminaram de abri-lo.

Para revelar uma mochila vazia.

Nova a jogou no chão e procurou Ace, torcendo para que talvez ele tivesse usado o poder que lhe restava para chamar o elmo de volta. Mas, não; viu o tio meio caído na beira da plataforma, a respiração irregular. O elmo não estava por perto. Mil possibilidades passaram por sua cabeça, cada uma pior do que a outra, enquanto ela observava a arena com desespero. Queria acreditar que o elmo talvez tivesse caído durante a luta, talvez tivesse rolado para baixo de uma cadeira, ou ficado enterrado na lama, ou…

— Procurando isso?

Ela levantou a cabeça de repente.

Pega estava na primeira fileira da arquibancada, segurando o elmo de Ace Anarquia.

— Devia cuidar melhor dessas coisas.

Nova soltou um rosnado e correu na direção dela, já calculando a melhor forma de escalar o muro baixo até os assentos da plateia. Pega não ficou parada. Subiu correndo a escada, dois degraus de cada vez.

Ela tinha uma vantagem, mas Nova era mais rápida. Quando pulou a amurada, Pega estava no alto do primeiro nível. Mas, em vez de correr para a saída, a menina percorreu uma fileira de assentos e gritou:

— *Segura!*

O coração de Nova disparou quando ela imaginou Pega dando o elmo para o Capitão Cromo, ou para o Guardião Terror, ou mesmo Adrian, ou… ou…

Pega o arremessou com o máximo de força que conseguiu. O olhar de Nova acompanhou o arco que o elmo fez acima da arquibancada, uma das mãos segurando a amurada que havia acabado de pular, a boca seca.

Um par de mãos desajeitadas agarrou o objeto.

Nova piscou, consternada. Tropeçou. *Callum?*

Ele também parecia confuso, quase assustado, quando olhou de Pega para Nova. Estava praticamente sozinho na arquibancada, pois a maioria dos

Renegados tinha ido para o campo participar da luta. Callum observou o elmo que estava de repente nas suas mãos, não com uma avidez faminta, como alguns fariam. Mas também não com repulsa por sua história.

Ele só estava com cara de Callum. Impressionado e eufórico.

— O que está esperando? — gritou Pega para ele. — Bota na cabeça!

Nova franziu os lábios e começou a andar pela fileira de assentos mais próxima. Callum era um alvo fácil. Ela só precisava chegar perto e colocá-lo para dormir. Não seria a primeira vez.

Callum ergueu o elmo e o enfiou na cabeça.

Ficou parecendo uma criança brincando de se fantasiar.

Nova rosnou e pulou para a fileira seguinte. Callum não era um oponente formidável. Ela pegaria o elmo e completaria sua missão.

Porém, não tinha dado nem dez passos quando foi atingida por um pensamento tão impressionante, tão brilhante, que acabou caindo de maduro. Seu joelho bateu com força no braço de plástico de um dos assentos, mas Nova nem sentiu direito a dor, porque…

Ainda estava viva.

Ela riu, meio sobressaltada com a percepção. Quantas tentativas de acabar com a vida dela tinham sido feitas só nos últimos quinze minutos? E, ainda assim, sobrevivera a todas. Ainda estava de pé, respirando e…

Havia mais: não era a única.

Paralisada, Nova observou toda a arena e sentiu como se a estivesse vendo claramente pela primeira vez. Sim, houvera mortes. Não só Winston — *Winston, que se sacrificou por mim* —, mas outros também, heróis e vilões. Havia caos. Ruína.

Mas, em meio a tudo aquilo, ainda havia esperança. Esperança de que as coisas pudessem mudar. Esperança de que aquilo não fosse o fim.

Os pulmões de Nova se contraíram. Ela havia recebido o poder indutor de maravilhamento de Callum vezes suficientes para saber que o que sentia era produto da habilidade dele. Mas também sabia que seus pensamentos eram verdadeiros ou, no mínimo, o que ela pensava ser verdade.

Ainda havia esperança de que as coisas poderiam ser diferentes. De que poderiam ser melhores.

Ela não era a única que tinha ficado paralisada com o peso dessa percepção. Ao seu redor, as pessoas trocavam olhares sem falar nada. Havia uma clareza nas expressões, nascida da imobilidade do momento.

Apesar de tudo, ela ainda era dona daquela vida preciosa. Ainda tinha a chance de fazer as coisas de um jeito diferente. O que significava que *todos* poderiam fazer as coisas de um jeito diferente. Poderiam escolher um futuro diferente, um destino diferente. Juntos, poderiam acabar com aquela destruição sem sentido. Poderiam escolher reconstruir, criar, em vez de derrubar e destruir. Não era isso que Callum estava tentando dizer para ela o tempo inteiro?

Nova percebeu que Callum olhava para ela por trás do visor do elmo de Ace e soube, sem dúvida nenhuma, que ele a reconhecia. Ele a via. Sabia quem ela era.

Mesmo assim, Callum não a encarou como se fosse inimiga. O que teria parecido impossível momentos antes agora parecia não apenas possível, como inevitável.

A vida era cheia de segundas chances.

MENOS DE DOIS MINUTOS antes, Adrian tinha acordado estatelado no chão usando a armadura do Sentinela, com a sensação de que tinha sido atingido por um raio e atropelado por um caminhão logo depois. Ele não sabia o que Pesadelo havia disparado nele, mas esperava nunca mais entrar em contato com aquilo. Nos primeiros segundos após abrir os olhos, sentiu dor e ficou confuso e meio chocado por não ter sido pisoteado. A arena estava um desastre. A luta não mostrava sinais de acabar, não até que um dos lados fosse completamente exterminado.

Ele se levantou com dificuldade, torcendo para que o formigamento que sentia nos membros passasse agora que estava se mexendo, e começou a procurar sinais de Pesadelo. Toda a sua antiga fúria voltou, e Sentinela jurou que aquela era a última vez em que ela o derrotaria numa luta corpo a corpo.

Muitas vezes, jurara para si mesmo que encontraria Pesadelo e a

destruiria.

Desta vez, pretendia mesmo fazer isso.

Ou tinha pretendido.

Nos dois minutos que se passaram, a batalha caiu em um cessar-fogo inesperado. Adrian olhou em volta, impressionado não com o caos, mas com o mero fato de todos ali estarem dispostos a lutar com tamanha convicção pela própria causa. Como podiam se sentir tão compelidos a arriscar tudo pelo que acreditavam? Ele viu os pais em meio à confusão — Simon ajudava Zodíaco a ir para um lugar seguro, pois ela parecia ter quebrado a perna, e Hugh atipicamente imóvel, sorrindo para a arquibancada com lágrimas nos olhos azuis.

Adrian ficou feliz por ver os dois. Sabia que as perdas eram terríveis, mas percebeu que poderiam ter sido bem piores.

Percebeu um grupo de homens e mulheres usando uniforme de prisioneiros de Cragmoor e se lembrou da súplica de Nova para darem a eles uma oportunidade de reabilitação. Pensou na mãe, que morreu defendendo o povo da cidade que tanto amava. Pensou nos pais, que tinham trabalhado sem descanso nos últimos anos para reconstruir uma sociedade caída.

Era possível que as linhas que os dividiram por tanto tempo pudessem ser tratadas com um pouco mais de compreensão, borradas com um pouco mais de empatia e até apagadas por completo com um pingo de comprometimento?

Ficou tão sobressaltado com o pensamento que começou a rir. Procurou seus amigos na multidão, com vontade de perguntar se eles também sentiam que haviam lidado com as coisas da maneira errada o tempo todo.

Não achou Oscar, Ruby e Danna na confusão… mas sua atenção se voltou para Pesadelo.

Ela estava na arquibancada, segurando o encosto de um assento, observando a arena com surpresa aparente. Até seu olhar pousar nele.

Logicamente, Adrian sabia que podia ser só coisa da cabeça dele. Seus pensamentos práticos lutaram para permanecer no controle, para lembrá-lo de que não havia como ter certeza do que Pesadelo pensava. Mas, de alguma forma, sentia que uma compreensão havia surgido entre eles naquele momento.

Eu lutei para proteger as pessoas que amo. Lutei para defender minhas crenças.

Vejo agora que você também.

Somos mesmo tão diferentes?

Nada tinha mudado.

Mas tudo tinha mudado. Dois minutos antes, ele a teria matado. À luz daquela epifania maravilhosa, porém, nada bastaria além da trégua.

Nada além de uma chance para a paz, para a compaixão, para…

Uma forma escura surgiu na lateral de sua visão. Adrian inclinou a cabeça quando sentiu uma perturbação nessa nova realidade impressionante como uma faca cortando um lenço de papel.

Fobia apareceu na arquibancada, parado atrás de um garoto que estava, inexplicavelmente, usando o elmo do Ace Anarquia. O menino não pareceu reparar em Fobia às suas costas.

Era como se tudo acontecesse em câmera lenta. Em um instante, a cabeça de Adrian estava cheia de promessas, possibilidades e verdades. De segundas chances e esperança.

No seguinte — puro horror.

— *Não!*

Seu grito fez Pesadelo se virar para ver o que tinha chamado sua atenção.

Fobia golpeou com a foice. A lâmina perfurou o abdome do garoto e o cortou do umbigo ao esterno.

O mundo parou. O ar sumiu dos pulmões de Adrian e se recusou a voltar.

Ele ouviu um grito e achou que poderia ter sido da Pesadelo.

Quando o garoto caiu, Fobia puxou a lâmina e espalhou sangue pela arquibancada.

Ele pegou o elmo com a mão de esqueleto e o tirou da cabeça do menino.

Callum Treadwell. Maravilha.

— Quem não tem alma não pode ficar deslumbrado — disse Fobia, e quase parecia haver humor na voz frágil. — Assim como quem não tem medo não pode ser corajoso.

Adrian piscou. Ainda estava em choque pela insensatez daquilo tudo. Atordoado não só por ver o corpo sem vida de Callum caído sobre um

assento, mas pela confusão de ideologias se chocando em seus pensamentos.

Heróis e vilões. Amigos e inimigos. E aquelas palavras… aquela frase…

Quem não tem medo…

Um gosto amargo encheu a boca de Adrian. Ele olhou para Fobia e sentiu a injustiça da morte de Callum se espalhar por seu corpo enquanto as palavras que o assombraram por quase a vida inteira penetraram em sua cabeça.

Fobia.

Foi Fobia.

E agora, parado acima do corpo de Callum, ele tinha o elmo do Ace Anarquia nas mãos. Ergueu a voz para que todos o ouvissem enquanto o feitiço de esperança evaporava de suas cabeças.

— Vocês lutaram bravamente — disse Fobia. — E agora… está na hora de conhecerem o medo.

Ele virou um fantasma, um monstro de tinta transiente pairando como uma ave de rapina, a capa parecendo a escuridão. Atravessou a plataforma sem fazer barulho, pousou no centro da arena e ergueu o elmo sobre a cabeça.

O elmo saiu de sua mão, permaneceu no ar por um momento e se acomodou nos ombros do Ace Anarquia.

Ace Anarquia ergueu a cabeça.

As algemas em seus pulsos fizeram um estalo alto e caíram na terra.

— Mestre da Anarquia — disse Fobia com a voz rouca. — Erga-se novamente e nos permita vê-los cair.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



Assim que Ace Anarquia estava de posse do elmo, tudo mudou. Ele não se levantou exatamente, mas flutuou para cima, a coluna se empertigando e as mãos se flexionando, como se estivesse recuperando a sensação nas extremidades.

A arena começou a tremer. A madeira rachou e o metal gemeu. Assentos que estavam aparafusados na arquibancada foram arrancados e arremessados na direção dos Renegados que ainda tinham forças para lutar, prendendo vários deles no local onde estavam. As vigas de aço que sustentavam a iluminação foram arrancadas das estruturas, caindo sobre os inimigos do Ace e se curvando para formar jaulas improvisadas.

Adrian sentiu como se estivesse vendo a cena de algum lugar fora de si mesmo. Nada parecia real: nem a armadura pesada em sua pele, nem o sangue pingando na arquibancada, nem Ace Anarquia de repente, por mais impossível que parecesse, voltando a ter poder.

Sentindo que logo perderiam a luta se não o impedissem, os Renegados restantes voltaram a atenção para Ace. Aquilo poderia tê-los deixado vulneráveis a ataques dos Anarquistas e dos prisioneiros de Cragmoor, mas os membros de ambos os grupos pareciam atordoados com a mudança rápida de eventos. Com que velocidade os pontos de vista deles foram alterados e testados no espaço de alguns minutos!

Primeiro, Callum Treadwell, e agora, aquilo.

No campo, Luz Negra jogou uma luz cegante na cara do Ace Anarquia. O vilão abaixou a cabeça instintivamente e fez uma breve pausa no ataque na arena.

Foi o suficiente para o Capitão arremessar o pique de cromo. A arma atravessou o ar, cintilando nos holofotes ainda apontados para o palco.

Ace voou. O pique não o acertou por centímetros. Anarquia rosnou para o Capitão e, com um sorriso maligno e um movimento de pulso, ergueu as correntes que antes seguravam os prisioneiros de Cragmoor e as jogou em Luz Negra.

Uma corrente envolveu o tronco de Luz Negra, prendendo os braços junto ao corpo. Outra se enrolou na cabeça como uma mordaça.

— Não! — gritou Adrian, a voz se misturando com centenas de outras.

Mas não foi o bastante.

Ace estalou os dedos.

As correntes foram puxadas em direções opostas e quebraram o pescoço de Luz Negra.

Um suor frio escorreu pela nuca de Adrian, e a arena se encheu de gritos. Ele ouviu seu pai gritando:

— *Evander!*

A fúria rugiu dentro de Adrian. Ele acionou o diodo de laser no antebraço do traje. Cada parte dele que antes estava cheia de esperança quando Callum usara o elmo estava agora cheia de fúria. Fagulhas brancas cintilavam em sua visão, e a manopla começou a brilhar.

Ele não era o único enfurecido pela morte do Luz Negra. No campo, Tsunami soltou um grito gutural e lançou uma onda em cima do vilão, mas, com um único movimento do pulso, Ace fez toda a plataforma em que tinha sido algemado virar de lado, criando uma barreira. A onda quebrou longe dele e inundou metade da arena. Os dedos de Ace se moveram e a plataforma foi arremessada em Tsunami. Ela gritou e levantou os braços para se defender na hora em que o palco caiu em cima dela.

Naquele momento, Ace rugiu de dor, um braço se movendo para trás, mas acertando apenas o ar.

Adrian apontou o punho para o vilão, mas hesitou. Ace se virou e Adrian

viu uma faca enterrada nas costas dele, perto do rim esquerdo. Adrian não percebera ninguém a arremessando, o que significava… que o Guardião Terror tinha enfiado a faca ali.

Engoliu em seco. Ace estava tão longe. Sua tentativa de acertá-lo colocaria seu pai invisível em risco.

Não teve tempo para tomar uma decisão. Da arquibancada do outro lado do campo, Abelha-Rainha gritou ao ver sangue sujando o uniforme de prisão do Ace Anarquia. Jogou os braços para a frente e todas as vespas voaram na direção do Ace, em busca do agressor invisível. Elas o encontraram com facilidade, a nuvem preta de insetos que zumbiam formando a silhueta do Guardião Terror. Adrian ouviu o grito de dor dele. Simon apareceu e sumiu algumas vezes antes de ficar totalmente visível e cair de joelhos, encolhendo-se em uma tentativa de se defender do veneno doloroso da picada dos insetos.

Adrian ajustou a mira e disparou.

O raio de energia acertou Abelha-Rainha no peito, provavelmente o melhor disparo que ele já tinha feito tão de longe. Ela caiu para trás, desabando sem jeito em cima de uma fileira de assentos plásticos.

O enxame se afastou do Guardião Terror e voltou voando para proteger a rainha caída.

Mas Ace estava esperando. A faca tinha saído das costas dele, e assim que o caminho entre ele e o Guardião Terror ficou livre, a arma foi arremessada na direção da garganta do inimigo.

Outra agitação substituiu o enxame de abelhas: borboletas douradas, convergindo na frente do Guardião Terror. Danna bloqueou a lâmina com o antebraço e a derrubou no chão.

— Bela tentativa — murmurou ela.

Ace inclinou a cabeça.

— Eu me lembro de você. Na última vez que nos vimos, acredito que você estava presa em uma *fronha*.

Qualquer contra-ataque que os dois estivessem planejando foi interrompido por uma nova saraivada de agressões na direção do Ace, desviando sua atenção de Danna e do Guardião Terror. Ninguém ousava atacá-lo com armas, considerando a facilidade com que ele desviava delas e

as virava sozinhas, então Ace foi atingido por tempestades de areia, chuva ácida e até ondas sonoras ensurdecedoras. Ele bloqueou os golpes que pôde, usando tudo ao seu dispor para criar uma série de barreiras: assentos, portas, o púlpito, blocos de concreto arrancados de paredes, folhas de metal tiradas do teto. O próprio Adrian atirou uma série de bolas de fogo e raios de energia, mas nada atravessou as defesas.

Durante todo o tempo, o olhar de Ace estava brilhando, como se aquilo fosse um jogo que ele sabia que ia perder.

Até que uma nuvem de fumaça preta o atingiu direto no rosto, gerando em Ace um ataque de tosse e arrancando o sorriso da cara dele. Adrian se encheu de orgulho. Ele tinha certeza de que havia sido lançada por Oscar de algum lugar da arena.

Danna se transformou de novo no bando de borboletas. Guardião Terror estava de pé, ainda visível, tentando sair do caminho de destruição, mas seus movimentos eram erráticos, e ele escorregava sem parar no chão irregular e lamacento.

Adrian se agachou, saltou e caiu com um ruído alto na lama. Correu o restante da distância até o pai e deslizou ao lado dele na hora em que Simon tropeçou e caiu com um joelho no chão. De perto, viu as marcas das dezenas de ferroadas — áreas vermelhas com marcas brancas inchadas — que ele levara na face, nas mãos e no pescoço, em todas as partes que o uniforme não cobria.

— Você está bem? — perguntou Adrian.

Simon olhou para cima, surpreso. Segundos depois, Hugh pousou do outro lado, respirando com dificuldade por ter corrido. Seu olhar de aço observou o Sentinela, mas se voltou na mesma hora para o marido, enquanto o chão roncava e as paredes rachavam em volta.

— Simon, o que houve? Qual é o problema?

— Pelo menos uma daquelas vespas devia ter Agente N — respondeu. Ele quase pareceu pedir desculpas quando olhou para Hugh. — Fui neutralizado.

Hugh cerrou os dentes, e Adrian sabia que ele estava esperando aquela resposta.

O ar sumiu dos pulmões de Adrian. Guardião Terror — um membro do

Conselho, um dos Renegados originais — de uma hora para outra virou um ser humano normal.

— Temos que tirar você daqui — disse Hugh, passando um braço em volta de Simon. — Consegue ficar de pé?

Simon ignorou a pergunta e a oferta de ajuda.

— Você viu Adrian?

Adrian se encolheu com a preocupação compartilhada de seus pais. Quando Hugh negou, Adrian teve que morder a língua para segurar a verdade.

— Vamos encontrá-lo — disse Hugh enquanto ajudava Simon a se levantar. — Ele é forte. Deve estar bem. — Sua voz parecia conter uma ameaça ao universo.

Adrian fez uma careta.

Simon quase caiu assim que apoiou o peso do corpo nas pernas.

— Estou bem — disse ele, dispensando a preocupação de Hugh com um gesto. — É só que… meu corpo todo parece estar queimando de dentro para fora. O veneno daquelas vespas… — Ele gemeu.

— Deixa que eu levo ele — disse Adrian.

Hugh franziu a testa.

— Você precisa impedir o Ace Anarquia — falou Adrian, sabendo que tinha sorte de ainda não ter atraído a atenção do vilão. Ele se lembrava da facilidade com que Ace assumira o controle da armadura do Sentinela nas catacumbas, e aquilo foi sem o elmo. Se tentasse lutar com Ace Anarquia agora, ele seria mais uma desvantagem do que uma vantagem.

A expressão de Hugh relaxou, mas bem pouco.

— Obrigado.

— Não morra — murmurou Simon.

Hugh quase sorriu.

— Gostaria de vê-lo tentar. — E foi embora.

Simon só suspirou quando os dois estavam sozinhos.

— Eu não.

— Ele vai ficar bem. Venha. Apoie seu peso em mim.

Adrian sustentou o peso de Simon e juntos foram na direção da saída mais

próxima, um túnel de concreto que levava para a área administrativa da arena. Apesar da dor e da consternação de ter perdido os poderes, Simon ficou olhando em volta, os olhos apertados por causa da fumaça e da poeira.

Adrian sabia que o pai estava procurando por *ele*.

Estavam na metade do caminho quando Simon tropeçou na perna esticada de um prisioneiro caído… se morto ou inconsciente, Adrian não saberia dizer. Simon grunhiu de dor quando seu ombro bateu no chão.

Adrian se curvou ao lado dele para tentar ajudá-lo a se levantar ao mesmo tempo que ficava de olho na luta no centro do campo. O chão em volta de Ace estava cheio de escombros e corpos caídos. Muitos Renegados tentavam se proteger na arquibancada, mas era inútil, pois o vilão conseguia arrancar os assentos com facilidade. Capitão Cromo alcançou o pique caído.

Simon segurou os antebraços de Adrian e se levantou, mas os dois ficaram parados, hipnotizados e esperançosos, vendo Capitão Cromo sair correndo na direção de Ace Anarquia.

— Vai, Hugh — sussurrou Simon.

Hugh ganhou velocidade. Adrian segurou o cotovelo de Simon enquanto via seu pai reduzir a distância de seu antigo inimigo.

Ele estava a seis metros.

Ace estava de costas. Os ataques dos Renegados ficaram menos frequentes porque mais e mais deles estavam presos embaixo de pilhas de escombros e assentos. Eles, no entanto, não tinham desistido. Ace derrubara uma parte tão grande do teto da arena que havia um buraco enorme acima, uma abertura para o céu frio e nublado da noite. As bordas da forma abobadada estavam começando a ceder sem a sustentação adequada, mas ele continuava arrancando pedaços de folhas de metal e vigas enquanto desviava um raio de eletricidade, bloqueava um fluxo de lava e fazia um grupo de Renegados correr para se esconder ao lançar uma saraivada de canos de aço para cima deles.

Capitão Cromo estava a quatro metros. Três. *Dois e meio…*

Uma algema se ergueu da plataforma que ruíra abaixo e prendeu os tornozelos do Capitão. Ele caiu, estatelado no chão. O pique se prendeu na terra perto de onde Ace estava.

— *Não!* — gritaram Adrian e Simon em uníssono. Simon fez que ia na direção do Hugh, mas Adrian segurou o braço dele e o manteve no lugar.

Quando Ace Anarquia se virou para o inimigo, outra algema surgiu dos detritos e prendeu os pulsos do Capitão.

— Use sua força impressionante para se livrar dela, *Capitão*. — Alguém na arquibancada arremessou uma bola de energia elétrica em Ace. Ele inclinou a cabeça e a tela gigantesca da arena caiu no chão e absorveu o disparo. — Ou perdeu a força nos dez anos em que não nos vimos?

— Continua — sussurrou Adrian. — Eu vou ajudá-lo. — Ele soltou Simon e se virou para Ace Anarquia, apesar de o medo estar latejando em seu crânio. *Quem não tem medo não pode ser corajoso.*

Seus punhos se apertaram.

— Sem querer ofender — disse Simon —, mas não acho que esse seu traje de lata vai proteger você.

— Eu sei, pai. Mas confia em mim. Deixa comigo.

Houve uma pausa e Simon perguntou:

— O que você falou?

Adrian expirou e apertou a mão no peito.

A armadura começou a se desfazer.

NOVA TINHA PARADO DE tentar reavivar Callum. Desde o começo, ela sabia que era inútil, mas tinha passado incontáveis minutos tentando estancar o sangramento que saía do seu abdome. Não adiantava. Ela duvidava que até o mais talentoso dos prodígios curandeiros pudesse ter fechado uma ferida daquelas.

Por fim, ela cambaleou para longe do corpo. Não houve lágrimas, mas Nova mal conseguia respirar. Olhou em volta. Tinha quase esquecido onde estava. A arena ficara irreconhecível em comparação ao lugar onde havia lutado com Gárgula e conquistado um lugar em meio aos inimigos.

Morte e destruição.

Ace não era conhecido por isso?

Não era exatamente o que Callum desejara impedir a qualquer custo?

Havia tantos cadáveres, de heróis e de vilões. Ela viu um bom número de Renegados escondido atrás de paredes caídas e assentos virados, ousando se revelar de vez em quando para lançar um ataque a Ace, mas de nada adiantava. Não eram páreo para ele. Não tinham sido dez anos antes, e parecia que nenhum tempo havia passado. O tio doente e frágil de quem ela e os outros cuidaram na última década desaparecera em um piscar de olhos e foi substituído pelo vilão de quem o mundo lembrava.

Nova não sabia se *ela* se lembrava daquele vilão. Quem era ele?

Fosse como fosse, a batalha se tornara um show de Ace agora. Ela viu Mel do outro lado da arena, na arquibancada, caída sobre duas cadeiras enquanto as abelhas andavam pelo seu corpo. Lembrou a Nova larvas em um cadáver, e estremeceu, torcendo para que a Abelha-Rainha não estivesse morta.

Fobia foi mais difícil de encontrar, até que reparou em uma jiboia preta como breu se contorcendo na direção de Tamaya Rae, agora sem asas e lembrou que a Conselheira supostamente tinha medo de cobras. Seu estômago se contraiu, e Nova ficou surpresa pela solidariedade que sentiu. Não morria de amores por Pássaro do Trovão, mas… a mulher já não tinha sofrido o suficiente?

Ela afastou sua atenção daquilo e viu Leroy perto do muro baixo que cercava o campo, junto com um grupo de detentos de Cragmoor. Todos estavam cobertos de sangue e terra, olhando para Ace Anarquia com assombro e incerteza e, no caso de Leroy, um sorriso ávido.

Depois de encontrar seus aliados, Nova ousou procurar Adrian. Ela não o vira nenhuma vez durante tudo aquilo. Talvez tivesse ficado em casa, fazendo um protesto silencioso contra o Agente N e a execução. Era uma esperança absurda demais?

Teve vislumbres ocasionais das borboletas da Danna na confusão. E, sim, ali: Ruby e Oscar estavam juntos em uma das cabines de comentaristas no alto da arquibancada. O vidro fora quebrado, e Oscar disparava dardos de fumaça em Ace, para tentar ajudar. Ela se perguntou por que Ruby não tinha entrado na briga no campo. Não era típico dela ficar de fora de uma luta. De qualquer modo, ficou aliviada de ver os dois vivos.

Mas onde estava Adrian?

Ela cambaleou para longe do cadáver de Callum, as pernas pesadas como chumbo.

Ace destruiria a todos se ela não colocasse um fim àquilo. Ele estava com o elmo agora. Foram bem-sucedidos.

Podiam ir embora.

Por que não fizeram isso?

No fim do corredor, ela quase tropeçou em uma pessoa encolhida junto ao último assento de plástico. Então congelou.

Pega não ergueu a cabeça, embora sem dúvida soubesse que Nova estava ali. Que *Pesadelo* estava ali. Seus joelhos estavam junto ao peito, os braços em volta. O rosto estava coberto de poeira com marcas de lágrimas.

Nova não sabia o que fazer. Pega era uma Renegada, uma inimiga. Ela nunca nem tinha gostado da garota, para início de conversa.

Mas alguma coisa dentro dela se recusou a se afastar.

— Ele me irritava pra caramba — disse Pega, soluçando. Nova ficou surpresa de ela estar falando e, ainda por cima, sem fazer comentários petulantes. Ela fungou. — Mesmo assim… eu pensei que, se ele estivesse com o elmo, talvez a gente conseguisse vencer. Ele era chato à beça, mas sempre foi… mais heroico do que qualquer um de nós. Não merecia… — Pega fez uma careta. — Foi culpa minha. Não devia ter dado o elmo para ele.

Nova limpou o suor da testa, sem dúvida deixando marcas de sangue.

— A culpa é de Fobia.

Fungando de novo, Pega virou a cabeça para Pesadelo, os olhos cheios de ódio.

— É culpa sua também.

Nova engoliu em seco.

— Eu sei.

Ela esticou a mão. Pega começou a se encolher, mas era tarde demais. Os dedos de Nova roçaram na testa dela e a garota caiu nos degraus, adormecida.

Nova desceu cambaleando o restante da escada e pulou a amurada. Estava exausta demais para uma queda graciosa e acabou caindo no chão quando encostou no campo lamacento. Ela se obrigou a ficar de pé e seguir em frente.

Então, reparou *nele*. O Sentinela, parado na frente do Guardião Terror, que, por mais incrível que parecesse, estava visível. Visível, com o rosto coberto de bolotas inchadas. Ace falava de novo, provocando o Capitão Cromo, que tinha algemas nos pulsos e tornozelos.

Nova ainda podia acabar com aquilo. Tudo havia fugido de controle rápido demais. Não era isso que planejara ou desejara.

Ela precisava chegar até Ace.

— Ace — disse Nova, mas o que saiu mal passava de um grunhido. Quantas vezes naquela noite tinha gritado? De raiva, de dor, de negação. — Ace…

O Sentinela se posicionou entre Ace Anarquia e o Guardião Terror, agindo como um escudo. Nova balançou a cabeça. Ele era um idiota se não percebesse como o traje seria vulnerável a um telecinético como Ace.

Só que… foi o Sentinela quem o capturou…

De repente, o Sentinela apertou o peito com a mão, e as placas da armadura começaram a se condensar e o traje a se dobrar. Foi como ver um boneco de origami ficando menor e menor até desaparecer por completo no peito de um garoto humano.

Nova ficou paralisada.

O mundo sumiu e um túnel se formou em volta da visão dela. Foi como espiar por um binóculo estreito que botou o mundo num foco intenso e, ao mesmo tempo, não conseguir entender o que estava vendo.

O garoto…

O Sentinela…

Era *Adrian.*

Enquanto olhava e tentava compreender, seu tio erguia mil armas dos escombros, cercando Adrian e o pai dele com tudo, desde lâminas abandonadas a vigas de madeira quebradas.

— Não… — Sua voz falhou.

Ace não ouviu.

Ela andou, cambaleante. Estava tendo dificuldade em alinhar a identidade de Adrian com o Sentinela, mas dava para ver que Ace pretendia matá-lo. Seria impossível sobreviver a um ataque de tantas armas ao mesmo tempo.

Ela não conseguia olhar. Ele, não. *Qualquer um* menos Adrian…

— Ace! — gritou Nova. — Ace, espera!

Ele não esperou.

Com um movimento de dedo, Ace arremessou os estilhaços para cima de Adrian.

Nova gritou.

Adrian esticou a mão esquerda.

Algo saiu da palma da mão do rapaz, se expandiu, envolveu a ele e Simon antes que o grito de Nova falhasse.

As lanças, as adagas, os pedaços de concreto quebrado — tudo o acertou com força mortal e ricocheteou inofensivamente para longe.

O grito silenciou. De choque. De descrença total.

O que *era* aquilo?

Uma espécie de muralha. Uma barreira protetora feita de tijolos invisíveis, todos unidos por uma argamassa cor de cobre brilhante. Parecia uma torre circular em volta de Adrian e do pai. Uma torre medieval, imbuída de uma espécie de campo de força…

Como ele fez aquilo?

Pensando melhor, como tinha feito qualquer uma das coisas que o Sentinela era capaz de fazer? Ele era Adrian. Era *Rabisco*.

Ace também pareceu surpreso. Observou Adrian através da muralha cintilante que os separava.

— Você é cheio de truques — falou. — Mas não seja arrogante. Ainda não encontrei um muro que não fosse capaz de derrubar.

— A tatuagem? — murmurou Nova, se lembrando da tatuagem que ele tinha feito no pulso. A torre de castelo. *Em teoria, vou poder usá-la pra criar uma barreira em torno de mim e de quem estiver por perto…*

Ela afastou o olhar de Adrian e foi na direção do tio.

— Ace — disse ela, ofegante, segurando o braço do homem. Ele levou um susto, como se tivesse esquecido que havia alguém ali além de seus inimigos. — Temos que ir.

Pelo visor estreito do elmo, ele a observou.

— Ir? As coisas acabaram de ficar interessantes.

— *Ace* — disse ela, mais insistente agora. — Você conseguiu sua liberdade. Conseguiu seu elmo. Nós sacrificamos muito por isso. Temos que cuidar de nossos feridos. Temos que nos reagrupar.

Ele soltou um ruído debochado.

— O que temos que fazer é terminar o que começamos. — Com um rugido, Ace ergueu uma das mãos para o céu e puxou o punho fechado na direção do chão.

Vigas de aço explodiram das paredes. Blocos de concreto se soltaram do chão. Um ciclone de pedra, madeira, gesso e vidro girou pela arena, se chocando com a barreira iridescente. Adrian estava imóvel, a expressão demonstrando um leve sinal de medo enquanto sua barreira era atacada por todos os lados, enquanto Ace Anarquia fazia o melhor que podia para destruí-la.

Mas a muralha de Adrian aguentou.

— Ace! — gritou Pesadelo, a voz quase inaudível pela tempestade que ele tinha criado. — Para! *Tio Ace, por favor!*

O caos tremeu, diminuiu e acabou parando. A expressão de Ace ainda estava cheia de fúria, o rosto contorcido de ódio.

— Se isso for por causa *dele*…

— É por *nossa* causa — disse ela, mentindo um pouquinho. — Seus aliados e amigos. Sua família. Olha em volta. Fizemos o suficiente por hoje. Agora, precisamos cuidar de nosso pessoal.

Ace olhou ao redor, e Nova só podia imaginar o que ele estava sentindo. A devastação da batalha, a destruição que ele e o elmo haviam gerado, os corpos, tantos corpos…

Um chiado alto fez um tremor percorrer sua espinha. Nova se virou e viu a jiboia se erguendo, os olhos brancos sinistros se encontrando com os dela. O corpo da cobra derreteu em um líquido denso e Fobia ressurgiu, a capa tremendo e cintilando de leve como pele de cobra antes de se solidificar em volta do corpo. O capuz oscilou com a respiração rouca, a boca inexistente.

Nova sentiu as acusações antes mesmo de Fobia falar e não queria ouvi-las. Ela não queria que Ace ouvisse.

A verdade.

Estava morrendo de medo de Ace Anarquia vencer aquela luta.

Ela levantou a mão para Fobia e seus lábios se curvaram num rosnado.

— Agora não — falou antes de voltar a atenção para o tio. — Ace, por favor. Nós viemos buscar você e conseguimos. Lembre-se de seu propósito. Um mundo sem perseguição. Uma sociedade com livre-arbítrio. Podemos conseguir isso. Mas não aqui. Não assim.

Tão rápido quanto a onda de raiva havia chegado, Ace voltou a ser a imagem do temperamento tranquilo. Os músculos relaxaram. Os dedos se abriram.

Tudo que estava no ciclone caiu. Os aliados deles apareceram devagar em meio aos escombros, saindo dos esconderijos. Não só os Anarquistas e os Rejeitados, mas os prisioneiros também.

Ace os observou em silêncio e permitiu que seu olhar se demorasse um pouco mais em Capitão Cromo, Guardião Terror e Adrian. Havia uma promessa no silêncio dele. Uma promessa e uma ameaça.

Nova tentou não pensar nela.

Ace se virou para os detentos de Cragmoor, os que ainda estavam em meio ao caos, e esticou os dedos. O grupo fez uma careta e se curvou simultaneamente, os rostos contorcidos de dor. Nova estremeceu, certa de que Ace os estava machucando, embora não conseguisse imaginar por quê.

E aí, um dos detentos, o mesmo que tinha se sentado ao lado dela no refeitório, ergueu a mão até a gola do macacão e arrancou o tecido frágil.

Um pequeno dispositivo caiu no chão aos pés dele.

O rastreador que fora enfiado na pele, agora molhado de sangue e coberto de terra.

Ace também se libertou do dispositivo, arrancando-o da pele e o guiando pela manga até deixar que caísse na terra e o esmagasse com o calcanhar.

Ace puxou uma placa ampla de concreto para o meio deles e subiu nela, chamando os outros com um gesto. Nova sentiu uma pontada de alívio quando viu Mel viva, apesar de suja e trôpega, apoiada nos ombros do Leroy, os dois mancando na direção de Ace. Outros foram atrás, os Rejeitados, os detentos, reunindo-se ao lado de Ace no meio do campo de batalha. Todos menos Fobia, que se dissolveu em um filete de fumaça preta sem dizer mais

nada.

Os mortos ficaram para trás, inclusive Winston Pratt. Nova lançou um olhar de tristeza na direção do corpo dele e do de Callum quando Ace levantou as palmas das mãos e a placa de concreto subiu no ar, se movendo de forma lenta e suave sobre o campo da arena.

Ajoelhada para manter o equilíbrio, Nova se obrigou a olhar para Adrian. Ele ainda estava parado, corajoso e desafiador atrás da muralha transparente que os separava. A muralha que ele tinha construído para se proteger dela e de seus aliados.

Ela foi tomada de mais emoções do que era capaz de expressar quando seus olhares se encontraram ao longe.

Os vilões passaram pelo teto destruído da arena e foram embora.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



Eles não planaram por muito tempo, embora, pela serenidade e força nos olhos de Ace, Nova acreditasse que o tio teria conseguido mantê-los no ar por um ano se quisesse. Ele não estava cansado. Não estava inseguro. Leroy guiava Ace, e o tempo deles passado no ar depois de sair da arena foi curto. Nova não estava preparada para enfrentar o que viria em seguida.

Ela ainda se sentia abalada pela verdade do que testemunhara. Seu cérebro ficava repetindo os últimos momentos na arena sem parar. O Sentinela era Adrian. Adrian era o Sentinela.

Cem outras revelações lhe ocorreram em rápida sucessão. A habilidade sinistra do Sentinela de obter novos poderes quando ela o enfrentava. Adrian achar que podia usar tatuagens para incrementar suas habilidades. O fato de que o Sentinela sempre parecia estar por perto quando ela e o restante da equipe estava lá. O fato de ela nunca ter visto os dois no mesmo lugar e na mesma hora. O Sentinela ter parecido um assassino quando a viu ao lado do corpo inconsciente de Max. A vez em que ele a salvou enquanto a biblioteca Cloven Cross queimava ao redor deles.

Adrian. O Sentinela.

O Sentinela. Adrian.

Ela se sentiu a maior idiota da história por não ter percebido antes.

Adrian Everhart. Que tinha consertado sua pulseira. Dado vida ao seu

sonho de infância. Tornado possível uma noite em que conseguiu dormir, sentindo-se pela primeira vez segura e protegida.

Ele era seu inimigo. Era quem a tinha caçado aquele tempo todo. Foi ele quem capturou Ace. *Adrian.*

O estômago dela se contraiu e se embrulhou até ela ter certeza de que vomitaria.

Ace mudou a trajetória e desceu o pedaço de concreto na direção que Leroy indicou.

Nova segurou a bile azeda que havia enchido sua boca. Ela não pensaria naquilo. Não em Adrian. Não no Sentinela. Não em Winston. Não em Callum. Não nos que tinham morrido, não nas centenas de Renegados que estavam agora sem poderes.

E nem no fato de que até os Anarquistas tinham mentido para ela.

Ela fizera o que decidira fazer naquele dia e se permitiria um instante para sentir orgulho. Embora esperasse uma destruição bem menor, de *ambos* os lados, o que estava feito era fato e não dava para voltar atrás. Ela tentou encontrar consolo em saber que os Anarquistas estavam juntos de novo. Ace tinha seu elmo. Os Renegados não podiam mais ameaçá-los com o Agente N.

As coisas não saíram como Nova esperava, mas pelo menos ela não tinha fracassado.

Fora um bom dia.

Ace desceu na rua, na frente da Loja de Penhores do Dave. Um homem fumando um cigarro perto da viela lateral ficou olhando o grupo esfarrapado, com os macacões sujos de lama, as roupas ensanguentadas, Ace com o elmo. O queixo dele caiu enquanto o cigarro queimava, esquecido, até chegar aos dedos.

Ace tremeu e o cigarro caiu no chão, se apagando em uma poça d’água embaixo do poste mais próximo.

O homem soltou um grito trêmulo e apavorado, se virou e saiu correndo. Em pouco tempo, o som dos passos dele fugindo pela viela era o único som que ouviam. Isso e os estalos elétricos da placa fluorescente de FECHADO que iluminava a vitrine da loja.

Um dos Rejeitados limpou a garganta e disse baixinho:

— Aquele era o Dave.

Ninguém falou nada por um bom tempo. Ninguém se moveu na direção da loja. Todo mundo parecia estar esperando Ace dar o primeiro passo. Mas, quando Nova ousou olhar para o tio, viu a repulsa nos olhos por trás do elmo.

Por fim, Leroy explicou:

— Tem espaço no subsolo para todo mundo. Não é muito, mas…

— Nós não vamos ficar aqui — disse Ace. — Não vamos ser obrigados a nos esconder e nos manter em segredo como ratos, não mais. Não desta vez.

Ele levantou a mão e a porta trancada da loja de penhores voou para fora na direção deles, arrancando dobradiças, destruindo trincos e trancas. Um sino tocou, mas logo foi silenciado quando a porta caiu com um estrondo na calçada.

O barulho foi tão intenso e inesperado que o grupo todo deu um pulo. Menos Ace, que atravessou a abertura como se nada tivesse acontecido.

— Temos mais aliados aqui? — perguntou ele, observando as prateleiras de eletrodomésticos e eletroportáteis, as vitrines de bijuterias. — Informe-os que chegamos e que está na hora de ir.

Um dos Rejeitados foi na direção da sala dos fundos, mas não era necessário. Atraída pela agitação, Narcissa levou meros segundos para sair da loja com uma arma na mão.

Ela parou quando os viu, e Millie tropeçou às suas costas com a parada brusca. Narcissa quase não conseguiu se apoiar em uma prateleira próxima. Em pouco tempo, estavam todos lá, se espalhando no meio das estantes, olhando para Ace Anarquia com o queixo caído. O uniforme de prisão dele estava todo rasgado e ensanguentado. Os pulsos finos tinham as marcas das algemas. Mas ele ainda era impressionante com seu elmo reconhecível, a postura ereta e um inegável senso de poder que parecia cintilar ao seu redor, como se o próprio mundo estivesse eletrificado com a presença dele.

Ace permitiu que olhassem. Permitiu que recuperassem o fôlego. Permitiu que aceitassem o retorno dele.

E, sem preâmbulos, falou:

— Entendo que escolheram não participar da luta esta noite. Optaram por proteger seus interesses em vez de se juntar aos meus companheiros em uma

tentativa de garantir minha liberdade. Escolheram suas vidas no lugar da minha.

Mesmo na luz fraca, Nova viu Narcissa empalidecer. Medo surgiu nas expressões dos Rejeitados que tinham se mantido longe da arena naquela noite.

Nova abriu a boca, preparada para falar em defesa deles. Ace precisava saber que eles tinham ajudado, ainda que não tivessem lutado. Mas, antes que pudesse falar, Ace começou a rir. Foi um som baixo e divertido.

— Vocês são Anarquistas agora. Assim, têm permissão de *sempre* escolher sua vida antes da de qualquer um. Eu os parabenizo. E… os perdoo.

Ninguém se moveu. Ninguém mais ousou rir ou parecer aliviado.

Então Ace balançou o braço, como se os enxotasse.

— Peguem seus pertences e qualquer suprimento útil. Vocês têm dois minutos.

Ace se virou e fez sinal na direção de uma arara de roupas junto da parede mais distante. Uma jaqueta militar comprida se soltou do cabide e voou até ele, cobrindo seus ombros e o macacão nojento. Quando os botões dourados se fecharam sozinhos, Ace voltou para a rua, como se não pudesse suportar ficar mais um segundo cercado daquele lixo medíocre.

Os vilões trocaram olhares, os corpos tensos na sala escura. Algumas expressões estavam eufóricas e esperançosas. Outras, cheias de dúvida e até medo.

Mas não houve discussão. Nenhuma pergunta feita. Nenhuma história contada.

Eles começaram a trabalhar.

QUANDO O GRUPO DESCEU do céu pela segunda vez, o destino deles pareceu a Nova não ser mais hospitaleiro do que a loja de penhores.

Ace os levou de volta para as ruínas onde sua catedral ficava mais de dez anos antes. Assim que os pés deles tocaram no chão, Narcissa, com uma mochila de pertences recolhidos às pressas, tremeu de alívio e se apoiou em

uma coluna caída.

Boa parte do lado nordeste da catedral ainda estava de pé: a biblioteca, a sala capitular, a capela principal. Até a torre do sino estava lá, embora boa parte do telhado e da parede sul tivesse desmoronado, deixando alguns dos sinos de bronze enormes visíveis nas ruínas de pedra. Tirando isso, o lugar não era nada além de uma pilha de escombros. A nave, o coral, tanta arquitetura complexa, tudo fora destruído no cataclismo entre heróis e vilões.

Nova já sentia a consternação dos companheiros. A loja de penhores podia não ser muito, mas oferecia abrigo e segurança. Ace não podia achar que eles ficariam ali.

O semblante de Ace, no entanto, estava totalmente diferente quando ele parou diante das ruínas, observando a torre do sino abandonada com a luz suave do crepúsculo cintilando no elmo. Nova começou a se perguntar se seu tio, quando não estava oprimido e sofrendo, tinha preferência por coisas grandiosas.

Ele deu um passo à frente e abriu caminho pelos escombros com um movimento dos dedos. Parou a uma curta distância do local em que antes ficava a entrada principal, onde os paroquianos teriam entrado na nave por um par de portas amplas e decoradas de madeira entalhada.

— Estou orgulhoso de todos vocês — disse ele, olhando para o pessoal. — Prodígios do mundo serão encorajados pela nossa vitória hoje.

Leroy levantou a mão na direção de Nova.

— Nossa pequena Pesadelo merece a maior parte do crédito. Ela planejou tudo. — Ele piscou para a garota. — As coisas vão mudar agora. Você vai ver, Nova. Nada será em vão.

Nova franziu a testa, com lembranças da luta surgindo nos pensamentos. Callum. Winston. *Adrian.*

Ela não queria crédito pelo que tinha acontecido, e com certeza não havia planejado tudo. Leroy e Mel a traíram quando usaram o Agente N. Talvez a decisão tivesse resultado em uma espécie de vitória, mas Nova não conseguia evitar a sensação de que perdera tanto quanto ganhara.

Fobia estava distante do grupo, segurando a foice com uma das mãos enquanto olhava os prédios da cidade além das ruínas.

— Haverá uma quantidade deleitável e exorbitante de medo hoje — disse ele, a voz se espalhando na brisa da noite. — Pânico. Desespero. — Sua capa tremeu quando ele virou a cabeça para Ace. — Retaliação. Não vai demorar para virem atrás de nós.

— Que venham. — Ace parecia quase empolgado com a perspectiva. — Estaremos prontos quando vierem. Não vou cair nas mãos dos Renegados de novo. — Ele moveu os dedos no ar e os escombros tremeram aos seus pés. Filetes de terra desceram pelas laterais de arcos caídos. Estilhaços coloridos de vitrais cintilaram sob o sol poente.

— Ah, Ace — disse Mel, babando. Com um sobressalto, Nova se deu conta de que Mel estava chorando. O rímel escuro já deixava marcas nas bochechas. Ela caiu de joelhos ao lado de Ace, segurou a mão dele e esfregou o rosto nela. — É tão bom ter você de volta. Ver você na sua velha forma.

Ela foi beijar os dedos de Ace, mas ele puxou a mão.

— Levante-se — disse ele com um toque de rispidez.

Mel levou um susto e olhou para ele, mas Ace já estava indo para a base onde antes ficava a nave. Pedra e bancos quebrados se abriram para ele passar.

— Você é uma rainha, Mel Harper — declarou ele, levantando as mãos de ambos os lados. As pedras quebradas subiram e pairaram no ar. Um milhão de peças de escombros, esperando.

Narcissa ofegou e pulou para fora do grupo quando ela também começou a subir. Quando *tudo* começou a subir.

Parecia a ameaça de um terremoto debaixo dos pés deles.

— Você nunca deve se ajoelhar — falou Ace. — Nem para mim. Nem para ninguém. Nenhum de nós vai se ajoelhar, nunca mais.

Ele girou em um círculo lento, observando os destroços que agora enchiam o ar. Nova se lembrou daquela expressão da época de infância. Ace sempre tinha visto o mundo de um jeito diferente, como uma série de blocos de construção cujos segredos ele podia aprender se os observasse com mais cuidado.

A confiança dele era impressionante.

Ele enfim voltara a ficar completo.

— Meus amigos — falou, a voz cheia de carinho. — Meu sonho nunca foi ser um rei perante seus súditos. Jamais desejei governar. Mas a história deixou meus erros claros. Se a arrogância é a maior falha de nossos inimigos, a apatia foi a minha. Não fiz o suficiente para guiar a humanidade pelo caminho da verdadeira liberdade. Fui passivo demais. Satisfeito em deixar o livre-arbítrio seguir seu rumo, fiquei nas sombras enquanto outros tomaram o controle. Mas agora meu destino está claro. Hoje não é o dia em que eu me torno rei. — Ele levantou as mãos na direção do céu, que estava clareando. — Mas é o dia em que nos tornamos deuses.

O sol cintilou na parede da catedral, os raios caindo sobre Ace e deixando a figura toda luminosa. Ele estava deslumbrante. Dourado e imbatível.

Enquanto olhavam, imóveis, Ace fez o que Nova nunca o tinha visto fazer.

Pela primeira vez, ele não destruiu.

Ele criou.

Ele reconstruiu.

Foi como ver um cataclismo reverso. Grandes rachaduras na base da catedral se fundiram. As paredes de pedra se remontaram, pedaço por pedaço. As colunas altas se ergueram como soldados enquanto as vigas abobadadas do teto se acomodaram lá no alto. Estilhaços de vidro se mesclaram e formaram uma galeria de janelas lindíssimas em cada parede. Lascas de madeira foram coladas em bancos e assentos de coral e corrimões foram polidos. Não faltou nem mesmo um pedaço da fachada oeste: todas as torres, todas as gárgulas, todos os arcos góticos, todos os santos em alerta.

Quando o rugido da terra se calou, Ace não podia mais ser visto pois estava dentro da construção opulenta. O restante estava do lado de fora da nave, os entalhes decorados exatamente como Nova lembrava: campos de trigo, cordeiros e serenidade.

Ninguém se mexeu. Os olhos de Nova ardiam por causa da poeira que tinha sido levantada na reconstrução, mas ela nem ousava piscar, caso aquilo fosse tudo ilusão.

Tantas vezes ela ouvira histórias da ruína que Ace Anarquia havia espalhado pela cidade. Nos primeiros dias da revolução, ele derrubara pontes inteiras, destruíra bairros por completo. Ele estava cheio de fúria e paixão.

Queria ver aquele mundo cruel queimado até o chão.

Mas o elmo e o poder do Ace podiam ser usados com outros objetivos.

Que maravilha.

Que dom.

Com os batimentos disparados, Nova se viu fechando a mão na estrela do pulso. Era feita do mesmo material, criada pelas mãos do seu pai, assim como o elmo. Ela sabia que era poderosa, mas seria capaz de algo tão milagroso?

Fobia se moveu primeiro. Com a lâmina da foice erguida, foi na direção da entrada. As portas se abriram quando ele se aproximou, e Nova não conseguiu saber se foi Fobia quem as controlou ou Ace.

Desperta daquele estado de torpor, Nova foi atrás, ainda meio atordoada. Os outros a seguiram.

Ela não conseguiu conter um suspiro de surpresa quando entrou na catedral. Estava precisamente como ela lembrava. Nova se sentiu a mesma criança, abalada e com medo, que entrara naquele espaço tantos anos antes, depois de sua vida ser destruída. Apesar da dor, ela tinha perdido o fôlego naquela época. Não foi imune à magnificência que a cercava. Cada pequeno detalhe da igreja a impressionou e ainda impressionava enquanto ela olhava lá para o alto, para o teto abobadado.

Só faltava uma coisa.

Ace.

— Para onde ele foi? — sussurrou Mel, e o tremor em sua voz sugeria que nenhum dos Anarquistas tinha visto Ace fazer coisa parecida.

De repente, o tilintar dos sinos ecoou ao redor deles.

Eles trocaram olhares. Narcissa e muitos dos Rejeitados pareciam um bocado hesitantes, enquanto uma série de detentos resgatados de Cragmoor ficou perto da porta, com cautela e em dúvida.

Narcissa estava tão pálida quanto as paredes de pedra branca.

Nova precisou se lembrar de que não havia nada a temer. Nenhum deles precisava ficar com medo. Não de Ace, pelo menos. Por isso, foi na direção da torre do sino, seguindo um caminho que pareceu como percorrer uma lembrança esquecida.

Sem saber o que fazer, os outros foram atrás.

Vários aliados estavam ofegantes quando chegaram ao topo da escadaria em espiral da torre. Ace estava em uma das janelas abertas, observando a cidade além das ruínas. O quartel-general dos Renegados podia ser visto se destacando na paisagem.

Os sinos tinham parado de tocar.

Era quase como se Ace *quisesse* que os Renegados fossem atrás dele. Estava tão ansioso assim por outra luta? Os nervos de Nova ficaram em frangalhos. Havia tanta coisa que precisavam discutir, e rápido, antes que aquilo fosse longe demais.

Hoje é o dia em que nos tornamos deuses.

Não.

Nova não queria ser uma deusa. Tinha um plano bem diferente na cabeça, um que foi semeado no tempo em que passou em Cragmoor e que parecia mais necessário agora do que nunca.

— Ace — disse ela —, eles vão saber exatamente para onde viemos. — Ela indicou os outros, torcendo para ter o apoio deles. — Temos que conversar sobre o que fazer a partir daqui? Bolar um plano? — Ela limpou a garganta antes de acrescentar: — Eu… tenho algumas ideias.

Ace se virou, sorrindo para ela.

— Você sempre foi cheia de ideias, pequena Pesadelo. Devo tanto a você. Você me devolveu minha força, meu poder. Criou a base da nossa vitória final. Conseguiu para nós a arma dos Renegados, o que garantiu não apenas nossa sobrevivência, mas o fim deles.

Ace começou a andar pela torre. Apesar de ter acabado de ser reconstruída, as tábuas de madeira embaixo dos pés dele gemeram exatamente da forma que acontecia quando Nova era criança. Ele deixou seu foco permanecer no contorno da cidade quando passou por cada janela, oito no total, cada uma com um sino próprio, embora nenhum tão grande quanto os sinos que ficavam no centro da torre. O campanário acima era um labirinto de vigas de sustentação se cruzando, com polias e cordas. Nova mal conseguia acreditar que estava ali de novo depois de tantos anos. Que o lugar estava igual.

— Eu ganhei um grande dom nos últimos dez anos — disse Ace. — É raro

que tenhamos a oportunidade de ponderar sobre nossos fracassos e nos preparar para um novo caminho. Por isso, sempre serei agradecido aos Renegados e pelo que eles fizeram. Comigo. *Conosco*. — Ele passou os dedos pelos parapeitos de pedra. — Agora tenho uma clareza de propósito que não tinha antes. Eu não estava preparado para guiar nosso mundo para a sociedade que eu vislumbrava. Mas isso mudou. Acredito na liberdade do homem de criar a própria vida, de fazer suas escolhas sem a intromissão de um poder maior. Sem a interferência de leis arbitrárias. Sem a imposição forçada dos princípios de outra pessoa, tudo sob a desculpa de gerar um *bem maior*.

Ele riu com deboche. Desde que Nova lembrava, aquela era uma das expressões mais odiadas por Ace. Aquela noção vaga e totalmente subjetiva de um suposto bem maior. O que significava, ele perguntara tantas vezes. Quem decidia o que constituía esse bem maior e o que era digno de sacrifício em seu favor?

— O que é a anarquia além do direito de ter nossos próprios pensamentos e manifestá-los? Ter nossos próprios desejos e usar nossos próprios recursos para obtê-los? Não ter que viver com medo de que tudo pelo qual trabalhamos seja tirado de nós contra nossa vontade? *E ainda assim…* — Ele suspirou e sua voz ficou baixa. — Preciso admitir que não é da natureza humana permitir que a anarquia prevaleça. Uma nova ordem de comando sempre vai surgir e tomar o poder. No passado, permiti que outras gangues e seus líderes se tornassem essa ordem.

Ele observou os prodígios em volta. Muitos deles tinham lutado ao lado de Ace na arena. Nova se perguntou quantos ele reconhecia como membros de gangues do passado.

— Desde que não estivéssemos mais sendo perseguidos e as pessoas que eu amasse estivessem seguras — o olhar dele repousou brevemente em Nova —, não me incomodei com a forma como a cidade era governada nem com quem lucrava e quem sofria como resultado. Não queria me tornar a elite governante que sempre desprezei. Não acreditava que cabia a mim escolher os vencedores e perdedores desse mundo, como tiranos prévios tinham escolhido. Mas temos que ter uma visão para o futuro. Meus amigos. Meus

companheiros. Desta vez, tenho uma visão.

Ace levantou os braços.

— Quando uma sociedade desmorona, um novo mestre vai surgir para substituir o antigo. Desta vez, nós seremos esse mestre. Seremos a ordem de comando. Se a humanidade está tão determinada a ter um rei para seguir e um deus para idolatrar, seremos esses reis. Seremos esses deuses. — A voz dele ecoou pela torre. — Mas primeiro temos que destruir os Renegados e tudo que eles construíram.

A pele de Nova formigou. Ela sabia que deveria estar feliz de vê-lo tão animado. Era isso que ela queria também, lembrou a si mesma. Nada de Renegados. Nada de Conselho. Nada de gangues vilãs. Só os Anarquistas… invencíveis.

Sem super-heróis para salvar o dia, a sociedade se corrigiria sozinha. Ninguém ficaria esperando ganhar nada, esperando ser salvo. As pessoas aceitariam a própria responsabilidade. Defenderiam suas famílias. E, quando alguém tratasse mal outro ser humano, a punição viria da sociedade em si, não de um governo sem noção.

Foi por isso que ela lutou.

Não mais, porém. Ela tinha uma visão e, pela primeira vez, essa visão não se alinhava com a de Ace nem com seus ideais. Não totalmente.

Assim, ela ergueu a voz e declarou:

— *Não.*

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ADRIAN FICOU PARADO POR muito tempo, tremendo, ouvindo os gemidos das vigas de aço comprometidas e o esfarelar de gesso quebrado.

Os vilões tinham ido embora.

A arena estava em ruínas. Os Renegados também.

Mas ele tinha enfrentado Ace Anarquia pela segunda vez e sobrevivido *de novo*. Não era pouca coisa.

— Adrian…

A voz de Simon atrás dele estava contida, e Adrian, chocado, rememorou lembranças que tinham sido enterradas na tempestade que Ace Anarquia havia criado.

Tenso, ele engoliu em seco e fechou o punho. A torre transparente e cintilante se dissolveu no ar como os restos de fogos de artifício caindo sobre eles.

Pensar em fogos o fez pensar em Evander.

Tremeu quando se virou para encarar Simon, preparado para a decepção, talvez até para a raiva. Sua identidade como Sentinela fora revelada. Não houvera escolha, mas não tinha certeza se estava pronto para as consequências.

Simon, no entanto, pareceu mais aliviado do que qualquer outra coisa quando se levantou ainda sentindo muita dor. Eles trocaram olhares enquanto recuperavam o fôlego. Uma parte do inchaço no rosto e nos braços do Simon

estava começando a passar, a dor sumindo aos poucos dos olhos.

Simon abriu os braços.

Adrian expirou e se jogou no abraço. Simon se encolheu, e Adrian diminuiu o aperto.

— Desculpe.

— Tudo bem — disse Simon. — Estamos bem. — Ele se afastou e olhou em volta. — Temos que ajudar os feridos, fazer uma fila de prioridade das lesões para qualquer curandeiro que não tenha sido neutralizado, levar o restante para o hospital. Preciso ver Tsunami…

— Vou buscá-la. Ajuda o papai a se livrar daquelas algemas.

Adrian correu na direção do palco de madeira desmoronado, virado e quebrado a ponto de parecer uma pilha de madeira velha e não a plataforma que tinha sido poucas horas antes. Começou a afastar os escombros e logo outros vieram ajudá-lo, os que ainda tinham força para isso. Atrás dele, dava para ouvir Simon gritando ordens, mandando os Renegados ajudarem os feridos e recolherem os mortos.

Adrian tinha afastado metade das tábuas quando viu a bota branca de Tsunami.

— Por favor, ah, por favor — murmurou, se mexendo rápido para chegar a ela. Em pouco tempo, o corpo estava descoberto. Os olhos dela estavam fechados e um fluxo de sangue escuro e seco cobria metade do rosto, resultado de um corte fundo na cabeça.

Adrian se ajoelhou ao lado dela e procurou a pulsação.

Primeiro, não teve certeza se estava confundindo a própria pulsação rápida com a dela. Mas… não, lá estava, baixa, mas regular.

— Ela está viva! — gritou Adrian na mesma hora em que colocaram um pano na ferida da cabeça dela. Outros começaram a abrir caminho para Tsunami poder ser levada a um local onde um grupo de curandeiros estava se preparando para cuidar dos feridos.

Adrian pegou Kasumi nos braços. Ela parecia frágil, mas ele a conhecia por tempo suficiente para saber que o corpo pequeno enganava. Ela era forte. Superaria aquilo.

Depois que a entregou para os curandeiros, ele andou pelos destroços em

busca de mais sobreviventes. Seus pulmões pareciam cheios de poeira. A fumaça fazia os olhos arderem. O chão estava coberto de abelhas mortas e pedaços de gesso, plástico derretido e marcas de queimadura, poças de água imunda e vidro quebrado.

Ele começou a avaliar as perdas, embora a visão de tantas mortes o fizesse sentir como se estivesse sendo destroçado aos poucos. Não conhecia todos os colegas tão bem, mas os conhecia bem o suficiente para ter uma ideia de quais ainda moravam com os pais e quais tinham filhos. Quem fora desafiado nos testes e quem preferira trabalhar com administração e não ser enviado para patrulhar. Ele sabia que todos acreditavam no propósito deles: fazer justiça, proteger os fracos, defender os inocentes.

Ele viu o corpo de Genissa Clark caído junto a um muro. E, na arquibancada, a teimosa Pega na escada. Viu Winston Pratt em uma poça de sangue, e Callum Treadwell, *Callum,* que quase conseguiu deter a chacina quando estava com o elmo. Que, só por um instante, mostrou a eles um caminho diferente.

Viu Evander Wade. Luz Negra. Adrian o idolatrava quando era criança, convencido de que era o mais legal dos membros fundadores dos Renegados. Ele parecia tão livre, tão tranquilo, tão divertido.

Agora, estava morto.

Pássaro do Trovão tinha sido neutralizada. Ele a viu cuidando dos feridos e quase não a reconheceu, não só porque ela não tinha mais as asas pretas dobradas nas costas, mas também porque o rosto estava inchado e queimado no local onde Cianeto tocara. Ela sempre foi intimidadora, não só com as asas enormes, mas com os raios que conseguia conjurar com um estalo de dedos. Embora Capitão Cromo costumasse receber o crédito de ser o mais poderoso do grupo, Adrian desconfiara muitas vezes de que Pássaro do Trovão era a mais forte; ela só não era exibida. Essa discussão jamais voltaria a acontecer.

Simon também estava transformado para sempre. O Guardião Terror não existia mais. Simon Westwood nunca mais ficaria invisível, nunca mais sumiria em um piscar de olhos.

Ao menos, pensou Adrian, ele poderia visitar Max agora, pelo tempo que desejasse.

Era um consolo pequeno, mas, ainda assim, um consolo.

Se Tsunami estivesse bem, ela e Capitão Cromo seriam os últimos do Conselho com as habilidades intactas. Era um pensamento perturbador.

O estrago feito nos Renegados naquela noite foi inconcebível. Não apenas em vidas, mas em superpoderes também. Quantos tinham sido picados pelas abelhas? Quantos super-heróis não existiam mais?

Ele procurou seus pais. Hugh tinha conseguido se soltar usando o pique de cromo para quebrar as algemas e estava agora limpando os escombros e procurando qualquer pessoa que pudesse ter ficado presa embaixo de uma parede desmoronada ou viga caída.

Adrian ia na direção deles quando uma coisa estalou embaixo de sua bota. Ele parou e olhou. Era um quadrado de papel de origami rosa e dourado, ainda com as marcas onde tinha sido dobrado para formar uma garça delicada. Adrian o reconheceu como a garça que tinha voado diretamente para o Capitão Cromo antes de tudo se dissolver em caos.

Pegou o papel e o virou para ler a mensagem escrita.

Todo mundo tem um pesadelo.

Bem-vindo ao seu.

Com os dentes cerrados, ele rasgou o papel em dois, depois em quatro, foi rasgando até não sobrar nada além de confete caindo na lama.

— Adrian?

Teve um sobressalto e ficou aliviado de ver os amigos correndo na direção dele nos escombros.

Sorriu, feliz por ver todos vivos. Ele os encontrou no meio do caminho, recebeu um abraço de Ruby e um tapinha nas costas de Oscar. Passou um braço pelos ombros de Danna e todos se apoiaram uns nos outros, suados, abalados e exaustos.

Com um grunhido, Oscar se sentou em um banco cujo lugar original era no alto da arquibancada, mas que agora estava no campo, meio afundado na lama. Ele começou a massagear as juntas das pernas, coisa que Adrian nunca o tinha visto fazer em público, por mais difícil que uma luta tivesse sido. Aquela batalha levou todos ao limite.

— Ruby, como estão suas… feridas? — perguntou Adrian, sem saber

direito como distinguir entre feridas velhas e novas. Ruby tinha tirado a jaqueta cinza do uniforme, expondo uma regata simples e os curativos que ela sempre mantinha enrolados no braço e nos ombros. Ela nunca havia parado de sangrar desde o ataque que despertou seu poder anos antes, mas aquela era a primeira vez em que Adrian via os curativos encharcados de sangue de verdade.

— Não tem mais cristais — disse ela, e Adrian não conseguiu saber se o tom de sua voz era triste ou só verdadeiro. — Agora, vão parar de sangrar. Mas estou bem. Vou conversar com um dos curandeiros depois que cuidarem das pessoas que realmente precisam de ajuda.

— Aqui — disse Adrian, pegando a caneta. — Posso dar pontos em você.

Ruby hesitou, mas assentiu. Danna ajudou a tirar os curativos e revelou os cortes fundos que estavam ali, sem cicatrizar, havia anos.

— Dói? — perguntou Oscar enquanto Adrian limpava o sangue da melhor forma que podia e começava a desenhar pontos na pele dela.

— Sempre — disse Ruby baixinho, sem expressão no rosto.

Oscar levou um susto. Isso também era novidade para Adrian, que nunca tinha ouvido Ruby reclamar das feridas. Ela sempre focara mais nos resultados. Os heliotropos que transformara em arma, a super-heroína que tinha se tornado.

— Vai quebrar o galho — disse Adrian. — Assim, não vai perder muito sangue antes de os curandeiros poderem te ajudar, pelo menos.

Ruby tocou delicadamente as linhas pretas que tinham se tornado fio segurando as feridas fechadas.

— Obrigada, Rabisco — sussurrou ela. Seu lábio começou a tremer, mas ela logo disfarçou com um sorriso radiante. — Não sei como vou contar para os gêmeos. Ser uma super-heroína era a única coisa que me mantinha remotamente relevante aos olhos deles. — Ela riu, mas a risada pareceu forçada.

— Isso não é verdade — replicou Oscar.

Ela olhou para ele de soslaio.

— Você conhece meus irmãos, né?

— Conheço, e é por isso que sei que eles te idolatram, e não só por você

ser uma Renegada ou porque sangra rubis. — Oscar fez um gesto para Ruby, movendo uma das mãos das marias-chiquinhas tingidas de preto e branco até os pés das botas cobertas de lama. — É porque você é a irmã mais velha mais maneira que qualquer criança poderia desejar. Você consegue acertar um alvo com uma adaga a uma distância de quinze metros. Você conhece três tipos de artes marciais. Sabe usar um *gancho*.

— Ah. — Ruby deu um suspiro saudoso. — Vou sentir falta do meu gancho.

— Vou te dar um gancho novo — disse Oscar, esticando a mão para segurar a dela. — Você ainda é a Assassina Vermelha. Ainda é uma super-heroína poderosa. — Ele provavelmente notou como os olhos de Ruby começaram a brilhar, porque continuou e foi ficando mais enfático a cada palavra. — Você ainda é a pessoa mais legal que já conheci, exceto talvez pelo Capitão Cromo, mas essa não é uma comparação justa.

Ela riu.

— Oscar…

— E você é mais do que relevante. Você é a coisa *para a qual* as outras coisas tentam ser relevantes. É feroz, leal e absurdamente adorável quando está jogando Batalha até a Morte, e até admito, e olha que não é fácil admitir, mas você está certa. Você me venceu de forma justa no último jogo, apesar de eu…

— Oscar, para! — disse ela, rindo alto agora. — Já entendi. Obrigada.

Ele fez uma pausa e limpou a garganta.

— Certo. É. Desculpe. Eu só estava dizendo… — Ele hesitou e olhou para as mãos entrelaçadas. Engoliu em seco. — Só… mais uma coisinha?

Ruby fingiu uma revirada de olhos exasperada.

— Ah, se insiste.

Oscar levantou a cabeça.

— Você é a garota dos meus sonhos.

Ruby virou a cabeça de repente para ele, o sorriso indiferente evaporando.

— Com ou sem superpoderes — acrescentou Oscar, sustentando o olhar.

As bochechas de Ruby se encheram de cor. Lágrimas novas começaram a surgir nos olhos dela até que, sem muito aviso, ela segurou o uniforme do

Oscar e o beijou.

Adrian ergueu as sobrancelhas, se virou e encontrou o olhar de Danna se divertindo por meio segundo antes dos dois passarem um tempo inspecionando o teto danificado acima.

— Adrian?

Adrian se virou e se viu cara a cara com os pais. As feições deles estavam indecifráveis. Cansadas. Cautelosas. Um pouco aliviadas, um pouco decepcionadas, mas não *com raiva*, até onde ele conseguia perceber.

Eles deviam ter acabado de organizar os outros, de garantir que, quem precisasse, receberia ajuda e que a limpeza da arena fosse iniciada. Estava na hora de se concentrar em outros problemas.

Evidentemente, o filho era o primeiro.

Adrian engoliu em seco.

— Desculpe não ter contado.

Hugh apertou os lábios, e ali estava a raiva que Adrian tinha esperado. Mas durou pouco. Ele relaxou, deu um passo à frente e puxou Adrian para um abraço apertado.

Adrian também o abraçou.

— Obrigado, pai. Eu estou bem.

— Isso é o mais importante — disse Hugh. — *Você* é o mais importante. — Ele se afastou, estoico de novo. — Mas ainda nos deve muitas explicações. Não só como, mas por quê. Violou um monte de regras e tirou vantagem de nossa confiança. Mas… — Ele deu um suspiro profundo. — Hoje, pelo menos, estou feliz de você ter feito o que fez. Você foi muito corajoso e… salvou um monte de gente.

Adrian se encolheu, sentindo que não tinha salvado o suficiente.

— Nós somos super-heróis — murmurou. — Esse é o nosso trabalho.

— O assunto de primeira ordem — disse Simon, interrompendo-o. — Você precisa nos dizer onde Max está. É provável que Ace Anarquia tente ir atrás dele. Temos que protegê-lo, e não podemos fazer isso se não soubermos onde ele está.

Adrian assentiu.

— Ele está com a família de Ruby.

— Eu posso ir — disse Ruby, parando ao lado dele. — Posso buscá-lo e levá-lo para onde quiserem.

Simon franziu a testa.

— Mas e…? — Ele hesitou, observando os pontos no braço. A compreensão ficou evidente nas feições dele. — Ah. Sinto muito, Ruby.

Ela deu de ombros, e Adrian percebeu que ela segurava a mão do Oscar.

— Não foram essas feridas que me tornaram uma super-heroína.

— Você está certa — disse Hugh. Ele olhou para toda a arena, para todos os prodígios neutralizados. — Espero que não seja a única que pense assim.

— O que vamos fazer? — perguntou Danna, ainda mancando quando se juntou a eles. — Temos apenas uma fração dos prodígios que tínhamos antes. Como vamos derrotar Ace Anarquia agora?

— Só temos uma fração aqui na Cidade de Gatlon — respondeu Simon —, mas já começamos a fazer contato com filiais internacionais. Vão enviar reforços. Todos os Renegados disponíveis vão chegar nas próximas 24 horas para nos ajudar a agir contra os Anarquistas.

— Mas nós nem sabemos para onde eles foram — disse Adrian.

— Na verdade — retrucou Hugh com um tom sombrio —, sabemos exatamente para onde eles foram.

— Ace Anarquia nunca foi conhecido por sua sutileza — acrescentou Simon. — Ele voltou para a catedral.

Adrian o encarou, lembrando-se das ruínas em que ele e a equipe lutaram contra Fobia.

— Para a catedral? Por que ia querer voltar para lá?

— Talvez ele seja sentimental — sugeriu Oscar.

Simon balançou a cabeça.

— É brilhante, na verdade. Ele está familiarizado com a paisagem, com a localização, com as forças e as fraquezas. Além do mais, com as ruínas em volta, é impossível tomar a catedral de surpresa. Vão ver alguém se aproximando bem antes da pessoa chegar lá.

— Mas… não passa de uma pilha de escombros e uma torre de sinos — disse Adrian.

— Não mais. Ele a reconstruiu — disse Hugh. — Você é novo demais

para se lembrar da extensão das habilidades do Ace Anarquia, mas não é tão surpreendente para nós. A imprensa conseguiu imagens da catedral sendo… reconstruída.

O queixo de Adrian caiu. Ele tinha ouvido diversas histórias sobre Ace Anarquia usando os poderes para derrubar prédios, mas nunca soubera que a telecinese também podia refazer tudo.

Adrian passou os olhos pela arena. Tanta violência. Tantas mortes. Enquanto eles esperavam que a ajuda das filiais internacionais chegasse, Ace Anarquia estaria desenvolvendo estratégias para destruir os Renegados de uma vez por todas.

Podiam se dar ao luxo de esperar?

Hugh bateu no braço dele de brincadeira.

— Não fique com essa cara de quem não pode fazer nada. Eu ainda sou invencível, sabe? Ainda não fomos vencidos.

Adrian olhou para ele.

— E você vai impedi-lo sozinho?

— Se precisar. Já fiz isso antes.

— Não fez, não. Você… — Adrian parou de falar, sem querer lembrar a todos qual era *realmente* a maior arma deles. Não o Capitão Cromo. Nem mesmo o Agente N.

A maior arma deles era Max, sempre fora Max.

Mas Adrian não queria Max perto do Ace Anarquia.

— Você teve ajuda — falou ele, desajeitado.

— E ainda tem — acrescentou Danna. — Aqueles vilões não derrotaram a gente ainda. Estou pronta para o segundo round.

Adrian mordeu a bochecha por dentro, pensando. Ela tinha razão. Eles estavam abatidos, mas não derrotados.

Ace esperaria que eles realinhassem as forças antes de agir. Aguardaria um ataque total à catedral, porque era assim que os Renegados operavam: com incursões espalhafatosas e exibições extravagantes de poder. Já os Anarquistas tinham se adaptado para serem furtivos e cheios de segredos. Usavam o elemento-surpresa, e foi assim que eles superaram os Renegados daquela vez. Era assim que Pesadelo sempre os vencia.

Talvez pudessem vencer fazendo o jogo dela.

Ele olhou para os pais. Já estavam discutindo contra-ataques e manobras de batalha quando os interrompeu.

— Quanto Agente N você acha que eles ainda têm?

Hugh balançou a cabeça.

— É impossível dizer com certeza, mas, pela quantidade que tínhamos em estoque e o que foi usado hoje… — Ele franziu a testa, ponderou sobre a pergunta e voltou a balançar a cabeça. — Não acho que tenha sobrado muito.

— Tomara que não mesmo — disse Adrian. — Se vamos tentar um contra-ataque, seria bom se eles não tivessem mais daquilo disponível.

— Seria — disse Hugh —, mas não tem como ter certeza. Não deve ter sido necessário muito Agente N para armar as abelhas. Mas posso conversar com o laboratório para ver se eles conseguem fazer uma estimativa.

— E sobrou para a gente? — perguntou Adrian.

Simon levou um segundo para a pergunta ser registrada. Por fim, respondeu:

— Eles substituíram nosso suprimento por uma substância falsa.

— É, eu sei, mas deve ter um pouco em algum lugar.

— Eu tenho.

Ele ficou tenso ao ouvir a voz arrogante de Genissa Clark, mas se esforçou para esconder o desprazer quando olhou para ela. A mulher tinha uma aparência péssima, a pele quase transparente, com manchas roxas embaixo dos olhos. Estava com as mãos na cabeça como se ela fosse rolar dos ombros se não a segurasse. Adrian ficou surpreso de vê-la. Meio que esperava que ela estivesse morta, mas Genissa estava só inconsciente.

Coisa da Pesadelo?

— Peguei um pouco quando fomos atrás de Espinheiro — disse ela, soltando uma arma do quadril. — Ainda tenho um dardo.

Adrian queria parecer grato, mas já estava tentando pensar no que diria quando Genissa insistisse para se juntar a eles na missão arriscada que estava elaborando.

Para a surpresa dele, a mulher lhe ofereceu a arma.

— Pode ficar — disse ela, quase com raiva. — Não quero mais brincar de

herói e vilão. De verdade. Os Renegados não valem a pena.

Ele pegou a arma e viu quando ela tentou sair caminhando com displicência, apesar de estar com movimentos rígidos e trêmulos. Adrian abriu o compartimento do projétil e viu o dardo solitário lá dentro, cheio de líquido verde.

— Opa — disse Oscar. — Estou sentindo uma inquietação justiceira séria a caminho.

Adrian olhou para ele de cara feia porque não queria que os pais lembrassem que ainda estavam aborrecidos com ele.

— A única maneira de derrotarmos Ace Anarquia é se pudermos pegar o elmo de volta ou neutralizá-lo — falou.

— Para isso — disse Hugh —, precisamos entrar na catedral. E, como eu falei, com aquela destruição em volta…

— Eles vão ver que estamos chegando — interrompeu Adrian. — Mas conheço outra entrada.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



FEZ-SE SILÊNCIO NA TORRE da catedral, quase tão alto nos ouvidos de Nova quanto os sinos que tinham acabado de tocar. A rebelião dela ecoava entre bronze e madeira, aquela proclamação única e simples.

Não.

Ace, os braços ainda esticados pelo discurso grandioso, se virou devagar para ela. Era diferente vê-lo de elmo, a força e a vitalidade renovadas tão rápido, depois de anos vendo o corpo dele se deteriorando um dia após o outro.

Ela sempre supusera que a mudança seria para melhor, mas agora, ao ver a frieza desconhecida no olhar dele, sentiu um tremor de apreensão descendo pela coluna.

— Pequena Pesadelo?

Nova deu um passo para a frente do grupo.

— Eu compartilho de suas crenças, tio, e de sua convicção. Mas discordo do caminho em que você nos colocaria para atingir esses objetivos. Sei que falamos em destruir os Renegados por anos. Entendo que você acredita que só podemos restabelecer uma sociedade funcional se primeiro desmantelarmos a sociedade que opera sob o comando de nossos inimigos. Mas você está enganado. Não precisamos lutar. Não precisamos destruir. Precisamos *ir embora.*

A expressão de Ace se contraiu, mas Nova seguiu em frente.

Ela precisava fazer eles entenderem.

— Não temos que ficar em Gatlon. Não há nada nos prendendo aqui. Deixe que os Renegados fiquem com a cidade. Nós podemos ir para outro lugar. Podemos estabelecer nossa própria comunidade, com regras e princípios nossos. — Os nervos de Pesadelo vibraram enquanto ela falava, sabendo que havia uma coisa que poderia mantê-la em Gatlon.

Mas Adrian era apenas um sonho. Sempre fora. Um dia, ele saberia a verdade. Um dia, tudo se desmantelaria.

Melhor que esse dia fosse hoje.

— Os Renegados não estão mais relegados à Cidade de Gatlon — disse Fobia, a voz seca e irritada, como se isso devesse ser óbvio. — A influência deles se espalhou pelo mundo. Há filiais deles em quase todos os países.

— Nas grandes metrópoles, sim — disse Nova. — Não estou sugerindo que troquemos uma cidade por outra. Acabaríamos com os mesmos conflitos que temos aqui. Estou dizendo para começarmos do zero. Encontrarmos um lugar que seja só nosso. — Ela inspecionou os rostos que a observavam com surpresa, alguns marcados de curiosidade, outros com um leve toque de desconfiança. — Podemos construir a sociedade com que sonhamos. Construí-la do nada, literalmente. Veja o que você fez aqui, tio. Em questão de minutos, transformou uma pilha de escombros *nisso*. — Ela indicou a torre do sino ao redor deles. — Nós poderíamos ir para qualquer lugar e transformá-lo no lar que merecemos.

Ace ficou olhando para ela, calculando. Mas o fato de não tê-la silenciado encheu Nova de coragem.

— Olha — disse ela com mais ênfase agora, indo para o centro do ambiente, nas tábuas velhas embaixo dos sinos centrais. Eles amplificaram sua voz. — Nós discutimos muito sobre responsabilidade pessoal. Talvez seja hora de assumirmos a responsabilidade por nosso papel no que esta cidade se tornou. Não gosto da forma como os Renegados comandam as coisas, mas, como Ace acabou de lembrar, as coisas também não eram ótimas quando estávamos no comando. Nós ajudamos a instaurar o caos aqui, e, apesar de tantos defeitos, eu… estou convencida de que os Renegados estão tentando deixar as coisas melhores. De verdade. Podemos não concordar com os

métodos deles, mas é como o mundo funciona agora. Se não gostamos, então, em vez de tentar destruir, vamos liderar pelo exemplo. Construir algo novo, algo melhor. Se formarmos uma comunidade fora do controle dos Renegados, se mostrarmos que somos capazes de nos governar pela mudança… talvez seja assim que a gente mude o mundo. E, se não mudarmos o mundo, quem liga? Talvez não seja problema nosso. Pelo menos, a guerra vai ter acabado.

Mel falou primeiro, a voz irada e os braços cruzados apertados sobre o peito.

— É aquele garoto falando, né? Eu sabia. Ele fez lavagem cerebral em você.

— Eu não sofri lavagem cerebral! — disse Nova, as bochechas ficando quentes.

— Você quer fugir — acusou Mel de forma ríspida. — Quer desistir. Logo agora, quando temos uma chance de vencê-los!

— Só estou dizendo que talvez a gente não *precise* vencê-los. Esse é o problema, não é? Sempre é *nós* ou *eles*. Heróis ou vilões. Prodígios ou civis. Os poderosos ou os impotentes. Eu quero uma chance de vida melhor. Para todos nós e para qualquer um que queira nos seguir. Quero uma vida em que a gente não seja mais vilão! — A voz dela ficou mais alta, determinada, mas havia também o medo de eles não entenderem. — Nós podemos ir para qualquer lugar. Podemos ser livres em qualquer lugar. Por que aceitar isso?

Por fim, um sinal de emoção nos olhos de Ace, ainda na sombra da estrutura do elmo.

Mas não foi de compreensão. Na verdade, ele pareceu magoado.

— Aceitar? — disse ele. — Aceitar, por Gatlon? — Ele se moveu na direção dela. — Essa cidade é nossa. Nosso lar. Não vou *aceitar* menos que isso. Não vou me acovardar perante os inimigos que a roubaram de mim.

Nova encolheu os ombros. Ela balançou a cabeça.

— Nós não estaríamos…

— Chega.

Ela foi para trás, a rispidez na voz dele parecendo um golpe.

— Se somos os vilões para os heróis deles, que seja. Vamos dar a eles

motivo para nos temer. — Ele andou pela torre, majestoso, com o sobretudo roubado. — Não vamos fugir. Não vamos nos esconder. Vamos ficar e lutar. E, desta vez, vamos vencer. Esta cidade ficará sob nosso poder!

Um rugido de aprovação se espalhou pela torre.

Nova tremeu. Quando os outros se adiantaram, ela se sentiu quase invisível. Sua língua estava grudenta na boca.

A garota tinha mesmo achado que, quando Ace estivesse livre, os outros concordariam com ela. Ir embora fazia sentido. Havia esperado alívio por parte dos outros, por eles poderem ter liberdade sem sacrificar mais vidas, sem outra batalha.

Ela não fora convincente o bastante? Não tinha transmitido o poder de suas ideias?

Como era possível, com o mundo livre para eles, que eles preferissem ficar e lutar?

— Não estávamos preparados quando os Renegados nos cercaram na Batalha de Gatlon dez anos atrás — disse Ace, se aproximando de uma das janelas abertas. — Mas não vamos cometer os mesmos erros.

Ele ergueu as mãos, os dedos esticados para o horizonte. A região deserta depois da catedral ocupava um terreno amplo em todas as direções, cercado de um alambrado medíocre. Uma rotatória de asfalto destruído, escombros de prédios desmoronados, carros esmagados e virados.

Essas ruínas começaram a tremer.

Os outros se adiantaram e foram para trás de Ace.

Nova ainda estava tentando verbalizar seus pensamentos, ainda estava pensando em como poderia persuadir Ace e os outros a fazer uma escolha diferente, quando pedaços de escombros começaram a subir da destruição. Compensado e portas quebradas. Folhas de metal e vigas de aço. A lateral arrancada de um ônibus, ainda com uma propaganda desbotada. Tijolos e pedras, eletrodomésticos e telhas, vidro quebrado, vergalhões e canos de cobre, placas de rua e um escorrega de plástico de parquinho infantil, escadas, banheiras de porcelana, sinais de trânsito…

Incontáveis pedaços de materiais surgindo dos destroços. Tudo começou a se fundir no limite da área de ruínas. Pouco a pouco. Pedaço a pedaço.

Ace estava construindo um muro.

Nova se afastou dos outros até o lado oposto da torre. Ali também os materiais estavam se entrelaçando. Diferente da barricada cintilante e quase transparente que Adrian usara para se proteger na arena, aquele muro era denso e impenetrável, escuro e caótico. Cercava a catedral em todas as direções, ficando cada vez mais alto, eclipsando até mesmo a grande torre do sino onde estavam. Ainda mais alto, chegando acima do teto íngreme da catedral. Mais alto ainda, até a estrutura caótica se arquear para dentro e se unir acima. Bloqueou a cidade abaixo. Bloqueou o céu.

Quando Ace terminou, estavam presos debaixo de um domo de beiradas afiadas e ferrugem.

Foi como estar nos túneis de novo.

Foi como o oposto de liberdade.

— Pronto — disse Ace. — Isso vai atrasá-los.

Nova engoliu em seco, pensando em todos os Renegados que tinha conhecido. Adrian conseguiria passar por aquela muralha? O *Sentinela*?

E Max, com a telecinese e a habilidade de manipular metais?

Ou o Capitão Cromo, com as armas inquebráveis?

Ela mordeu o lábio inferior, lembrando-se de quantos Renegados não eram mais prodígios. Seus poderes haviam sido drenados.

Como teriam feito com você, lembrou ela.

Aquilo, porém, não diminuiu o gosto amargo em sua boca.

— Ainda assim, não vai segurá-los para sempre.

Ace olhou para o grupo, feroz e faminto.

— Vocês lutaram bravamente hoje, mas precisamos nos preparar para a próxima batalha. — Ele se concentrou em Leroy e Mel. — Os dois conseguiram usar a substância Agente N com grande efeito. Sobrou?

Leroy fez que não.

— O que tiramos do depósito dos Renegados está quase no fim. Só temos alguns dispositivos de liberação de gás que Nova elaborou e menos de metade de um contêiner de líquido.

— É suficiente — disse Ace. — Com sorte, vamos enfim conseguir a resposta de um mistério antigo… o Capitão Cromo é mesmo invencível? —

Com um sorriso maligno, ele fez um gesto com o braço indicando o aposento. — Companheiros Anarquistas, acomodem-se e descansem até serem avisados. Gostaria de ter um momento sozinho com minha sobrinha.

Nova ficou tensa. Alguns vilões olharam para ela com expressões arrogantes e esnobes. Outros pareceram nervosos por ela. Leroy sorriu de forma reconfortante e piscou, o movimento repuxando de um jeito estranho o lado esquerdo paralisado do rosto dele.

Nova sorriu para ele.

Era só Ace.

Em questão de minutos, a torre do sino ficou vazia, o barulho dos passos na escadaria inferior mais distante a cada segundo.

Só um dos vilões ficou para trás. Para a surpresa de Nova, era Narcissa, a expressão cheia de preocupação. Embora tivesse assumido um papel de liderança entre os Rejeitados antes, ela permanecera distante desde que chegaram à catedral. O medo que sentia perante Ace Anarquia era palpável, e para Nova sua expressão sugeria uma hesitação em deixá-la sozinha com ele. Havia algo quase gentil estampado em seu rosto. Algo quase protetor.

Nova se animou um pouco de pensar que talvez a caminhante de espelhos não a odiasse mais.

— Gostaria de dizer algo, caminhante de espelhos? — perguntou Ace.

Narcissa abriu a boca, mas hesitou. A voz tremeu quando falou.

— Eu concordo com Pesadelo — disse ela, pouco mais de um sussurro. — Acho que a gente deveria sair de Gatlon.

Ace a observou e Narcissa se encolheu devagar com o olhar.

— Há um espelho na casa capitular — disse Ace. — Eu não faço prisioneiros. Pode ir quando quiser.

Narcissa engoliu em seco.

— Mas, se ficar, vou esperar sua cooperação nos esforços para destruir nossos inimigos. Não vou tolerar uma traição.

Ela ficou pálida. Seu olhar se encontrou outra vez com o de Nova, por um instante, antes de ela também desaparecer escada abaixo.

A porta de madeira se fechou atrás de Narcissa. O ar dentro da torre ficou imóvel; a brisa do mundo externo não conseguia passar pela barreira de Ace.

A torre tinha cheiro de ferro-velho e de terra remexida depois de muito tempo parada.

Nova esperou Ace falar. Ela sentia falta de poder ler as expressões do tio. As rugas nas bochechas. A testa franzida. Ele parecia mais distante agora do que durante todo o tempo em que ficou escondido nas catacumbas, e Nova ficou surpresa de descobrir que já estava com saudade do homem que tinha passado a conhecer, mesmo que aquele homem fosse frágil e fraco. Pelo menos, ela nunca tivera medo dele, mas agora não conseguia impedir uma pontada de apreensão enquanto ele fixava a atenção nela.

— Não posso culpar você por querer mais do que a vida que podemos dar — disse ele. — Nem por ser atraída pelas mentiras que os Renegados tentam vender para o mundo. É uma história linda, de retidão, coragem e justiça. Mas é só uma história. — Ace botou as mãos no parapeito, embora não houvesse nada para ver agora além da jaula escura e irregular montada com os restos indesejados de uma guerra antiga. — Seu pai tinha uma fé nos Renegados que nunca consegui entender. Eu me ofereci para proteger você e sua família. Teria mandado meus companheiros vigiarem seu apartamento dia e noite. Mas ele não quis minha ajuda. Insistiu que os Renegados protegeriam vocês. Achei que ele estava sendo tolo, mas não cabia a mim intervir. David queria fazer as escolhas dele, encontrar o caminho dele por aqueles tempos sombrios. — Ele baixou a cabeça. — É meu maior arrependimento até hoje. Eu queria ter estado presente para vocês. Para o David. Para a sua mãe e irmã.

— Não foi culpa sua — sussurrou Nova.

Foi dos Baratas e do assassino que eles contrataram.

Foi dos Renegados e das falsas promessas que fizeram.

Ela fechou os olhos e a lembrança estava lá, eternamente dolorosa. Tiros ricocheteando no crânio dela. Sangue espalhado na porta da frente. O choro de Evie silenciado para sempre.

— Mas, Ace — sussurrou ela, sentindo como se seu coração estivesse sendo rasgado em pedaços —, é assim que queremos vingar a morte deles? Durante todos esses anos, foi tudo que eu quis, ver os Renegados de joelhos depois que eles falharam conosco. Mas… esse ódio também está nos

destruindo. Está *me* destruindo. É isso que meus pais iam querer?

As feições de Ace se encheram de remorso.

— Não é vingança, pequena Pesadelo. Não podemos trazê-los de volta, mas podemos honrar a morte deles impedindo que a mesma tragédia aconteça com outras famílias. Podemos impedir que os Renegados espalhem suas falsidades. Podemos mostrar ao mundo quem eles são. Falsos ídolos. Impostores. Mentirosos.

Nova chegou mais perto de Ace.

— Nem todos são ruins — insistiu ela. — Também não são todos bons, mas… acredito agora que a maioria quer ajudar as pessoas, mesmo sem saber bem como fazer isso. Eles não são os valentões famintos por poder que achávamos que eram. *Não* são todos mentirosos.

— Como Adrian Everhart?

Ela ficou paralisada.

Para sua surpresa, Ace levou as mãos ao elmo e o tirou da cabeça. Colocou-o no parapeito e se virou para Nova. Ele não parecia irritado. Na verdade, havia compaixão nas feições dele.

— Ele mentiu para você também. Acho que sabe disso.

Um tremor percorreu o corpo dela. O Sentinela.

— Foi ele quem me encontrou nas catacumbas, ele e aqueles amigos dele. — Os olhos do tio se apertaram nos cantos em uma expressão de pena. — Eles sabiam a verdadeira identidade do Sentinela. Mas não te contaram, não é?

Nova afastou a mão e andou junto à parede da torre. Ruby e Oscar sabiam a verdade? Danna também? Há quanto tempo?

Eles eram uma equipe. Nova achava que confiavam uns nos outros. Achava que Adrian sentia coisas por ela que iam além da camaradagem, além até da amizade. Ela sabia que era hipocrisia ficar com raiva por ele guardar aquele segredo quando também tinha tantos, mas doeu pensar que toda a unidade dela sabia e não compartilhou a informação.

— Não dá para confiar neles, Nova. Você não é como eles, por mais que deseje.

Ela ficou de costas para Ace, torcendo para ele não perceber como aquilo

a magoara.

— Você é uma de nós. É parte *desta* família. — A mão pousou no ombro dela. — Se quiser ir embora, abro caminho para você. Não vou mantê-la aqui se não quiser mais ser parte da nossa revolução. Você já fez tanto pela nossa causa, e, por isso, sempre terá minha gratidão e meu respeito. Mas, Nova… — Ele baixou a voz. — Você sabe o que os Renegados vão tentar fazer conosco quando ultrapassarem essa barreira, inclusive Adrian Everhart. Espero que escolha ficar e lutar. Espero que não tenha se sentido tão abalada pelas promessas deles a ponto de não ver mais o que tem nos feito seguir adiante durante todos esses anos. Fique ao lado de sua família, Nova. Fique conosco e lute por nosso futuro, não o deles.

Ele bateu no ombro dela uma vez, delicadamente, e tirou a mão. Ela o ouviu pegar o elmo e seguir para o alçapão.

E ouviu os tiros.

E ouviu Evie chorando.

E ouviu a voz firme do Capitão Cromo: *Fizemos o que tínhamos que fazer para impedir as gangues vilãs, para gerar ordem e paz. Faríamos de novo se precisássemos.*

— Ace?

A torre do sino ficou silenciosa, mas ela sabia que o tio ainda estava ali. Sua mão tremia quando Nova a fechou na pulseira e se virou para olhar para ele. Ele olhou para a sobrinha. Sempre paciente. Sempre esperando.

A estrela pulsou na pele dela.

— Eu encontrei uma coisa — falou. — Uma coisa que meu pai fez antes de morrer.

Ele ergueu o queixo, interessado.

— Eu acho… acho que ele pode ter criado uma arma para destruir o Capitão Cromo.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



NA ÚLTIMA VEZ QUE Adrian parou na frente do pôster sinistro dentro dos arrepiantes túneis do metrô, Nova estava ao seu lado. Até agora, ela era a única pessoa para quem ele tinha contado sobre o túnel que conectava o metrô às catacumbas, e ele teria dado qualquer coisa para tê-la ali com ele novamente.

Adrian teria preferido estar trocando uns beijos com ela de novo a estar se preparando para arriscar a vida a fim de garantir a derrota de Ace Anarquia, mas teria ficado satisfeito só de estar com ela ali. Ela era uma aliada feroz e uma lutadora implacável, as habilidades dela teriam deixado a mente dele tranquila enquanto os dois faziam os preparativos antes de se esgueirar para a catedral.

Fora isso, ele não estaria dedicando um canto do cérebro a se preocupar com ela.

Ele não tinha tido notícias de Nova desde o ataque na arena, apesar das numerosas tentativas de fazer contato pelo comunicador. Ela devia ter ouvido as notícias; todo mundo na Cidade de Gatlon já sabia o que tinha acontecido. Mas Nova não estivera na arena e, até onde ele sabia, ninguém havia ouvido falar dela no quartel-general também.

Ele teria ido até ela em pessoa e contado sobre o plano de entrar sorrateiramente na catedral enquanto o Capitão Cromo liderava os Renegados em um ataque de distração acima, torcendo para que ela se juntasse a eles. Só

que… Adrian não sabia onde ela estava. A casa de Wallowridge não existia mais, e ele não fazia ideia de onde ficava o apartamento em que ela e o tio moravam.

Quanto mais pensava, mais seus dedos tremiam de ansiedade.

E se alguma coisa tivesse acontecido com ela?

Mas ele sabia que precisava parar de pensar naquilo. Uma crise de cada vez, disse para si mesmo. A atual era impedir Ace Anarquia e proteger o mundo que eles conheciam.

Adrian esticou a mão para o canto do pôster e o puxou, revelando o túnel estreito atrás.

Oscar assobiou. Danna ficou em silêncio.

Os três estavam sozinhos e parecia haver um desequilíbrio sem Nova, que agora tinha se tornado uma figura confiável do grupo, e Ruby, que tinha ido vigiar Max até que se certificassem de que Ace Anarquia não iria atrás dele. Embora a família de Ruby tivesse sido instruída a remover todos os espelhos da casa, ele ainda tinha medo de que Pesadelo tivesse outras formas de descobrir a localização de Max. A última coisa que queria era subestimá-la ou algum dos Anarquistas.

Capitão Cromo queria ir com eles. Na verdade, no começo insistira em ir sozinho até a catedral para enfrentar Ace e os outros. Mas a liderança dele era necessária no quartel-general, para organizar os Renegados que estavam vindo de filiais internacionais e prepará-los para o contra-ataque que aconteceria em breve. Foi apenas depois que Adrian lembrou aos seus pais que ele e sua equipe já tinham lutado com Ace Anarquia e vencido, e apenas depois de dar uma série de demonstrações de suas habilidades como Sentinela para provar que tinha se transformado em um dos prodígios mais poderosos de todos os tempos, e somente depois de comentar que seu plano exigia ação sorrateira, uma habilidade que o Capitão Cromo não tinha, que Hugh e Simon concordaram, ainda que relutantes, em deixar sua equipe tentar fazer a invasão. Eles sabiam, assim como Adrian, que pegar Ace Anarquia de surpresa era a melhor chance que tinham de neutralizá-lo. De roubar o elmo de volta. De derrotá-lo de uma vez por todas.

— Vou ver se está tudo ok — disse Danna. Ela se transformou e o bando

de borboletas desapareceu nas sombras, as asas batendo sob a luz da lanterna de Adrian.

Apoiado na bengala, Oscar olhou para Adrian.

— Nós vamos sobreviver, né?

Adrian engoliu em seco.

— Claro. Somos Renegados.

Oscar assentiu. Nenhum deles se deu ao trabalho de observar que muitos Renegados não haviam sobrevivido à batalha na arena.

— Que bom — disse ele com uma certa avidez. — Porque quero muito ver Ruby de novo depois disso.

Adrian entendia. Ele também queria muito ver Nova depois daquilo. Havia coisas demais que não tinham sido ditas.

Eles esperaram em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, mas deviam ter sido poucos minutos. Danna voltou, ou melhor, duas das borboletas dela, dançando brevemente em volta da cabeça deles antes de voltar pela passagem.

Com a caneta em uma das mãos e a lanterna na outra, Adrian foi atrás.

As catacumbas estavam exatamente como eles as tinham deixado depois da luta contra Ace Anarquia. Ossos e crânios cobriam o piso de pedra, tornando a tarefa de andar em silêncio quase impossível. Estátuas de mármore estavam em pedaços, sarcófagos estavam virados, havia rachaduras gigantescas na base grossa da igreja.

Eles seguiram o mais sorrateiramente que puderam, pelas câmaras das catacumbas e subindo a escadaria estreita de pedra. Antes, a escada dava na área destruída, cercada de ruínas e destruição. Mas agora, quando Adrian se aproximou do patamar superior, não havia luz entrando pelo céu aberto. Apenas mais sombras e os passos deles ecoando em paredes grossas de pedra.

Adrian prendeu a respiração quando eles saíram em uma câmara circular pequena. Uma segunda escadaria continuava para cima, mas havia duas portas, uma de cada lado, ladeadas por estátuas de figuras encapuzadas. Ele sabia que Ace havia reconstruído a catedral, mas tinha imaginado uma estrutura caótica. Pedra quebrada e madeira mal apoiada com cimento velho e pregos enferrujados. Estava esperando algo frágil e precário, pronto para

desmoronar ao menor toque.

No entanto, a câmara em volta deles parecia antiga e sólida, como se estivesse lá há anos. As paredes grossas de pedra encaixavam perfeitamente, sem sinal de terem sido espalhadas no chão. Era como se a Batalha de Gatlon jamais tivesse acontecido.

Ele lançou um olhar incomodado para Oscar. O fato de Oscar não ter dito nada era prova da surpresa dele. Na verdade, a catedral estava tão silenciosa quanto as catacumbas abaixo. Adrian sabia que o silêncio não duraria. Em pouco tempo, o Capitão Cromo e todos os Renegados que ainda eram capazes de lutar, inclusive os que tinham chegado do exterior, atacariam a barreira com toda a força que tivessem. Adrian esperava que isso criasse distração suficiente e levasse a maioria ou todos os vilões para fora da catedral enquanto ele, Oscar e Danna tentavam encontrar e neutralizar Ace Anarquia.

Mas encontrá-lo talvez fosse um problema.

Algumas das borboletas de Danna foram na direção da nave, a área ampla central da igreja, e Adrian foi atrás dela, prestando atenção a sinais dos vilões.

Enquanto andava embaixo de uma janela enorme de vitral que ia até o teto abobadado, Adrian ficou atônito de pensar que aquilo tudo era escombros antes. Como um único prodígio podia ser capaz de fazer aquilo em tão pouco tempo?

Ele foi na direção do corredor central, cheio de bancos de madeira, castiçais de ferro e pilares de pedra de ambos os lados.

Seu olhar percorreu o corredor longo e amplo.

Ele ficou paralisado.

Ali, na extremidade da nave, parecendo a um quilômetro de distância, diminuído pelo teto alto e por janelas monumentais, estava Ace Anarquia. Esperando por eles, o elmo cintilando na luz de cem velas acesas nas laterais do coral.

E não estava sozinho. Havia mais de dez vilões ao seu redor.

E, alguns passos na frente do altar, estava Nova.

O sangue de Adrian gelou. Quando os vilões a encontraram? Há quanto tempo ela era prisioneira ali?

A visão dele ficou vermelha, e, antes de saber o que estava fazendo, Adrian disparou pelo corredor. Seu antebraço direito começou a brilhar. Uma bola de fogo girou em volta do punho esquerdo.

Danna gritou.

— Rabisco… *não!*

Segundos depois, uma borboleta monarca dançou na frente do rosto dele. Adrian a espantou.

O ciclone de asas apareceu na frente dele, e a própria Danna em seguida, as mãos erguidas.

— Adrian, pare!

Algo bateu no chão aos pés de Danna. Um vapor verde explodiu da cápsula. Isso, mais do que a súplica de Danna, fez Adrian parar. Ela ofegou e virou um monte de borboletas de novo, que voaram para cima. Estavam na metade do caminho até o teto abobadado quando começaram a convergir.

Adrian observou, horrorizado, a nuvem de asas douradas e pretas se reformarem. Elas viraram Danna e ela estava caindo, a doze metros do chão. O grito dela ressoou pela nave.

Adrian permitiu que a chama sumisse e saltou. Ele a pegou no ar e caiu com ela fora do alcance do vapor, que estava se dissipando. O ar ficou subitamente com cheiro de substâncias químicas e queimou sua garganta.

Danna tossiu e rolou dos braços dele até cair agachada e apoiada em um joelho.

— Não — murmurou ela, apertando o peito com a mão. — *Não.*

Um raio de fumaça preta passou por eles. Adrian levantou a cabeça a tempo de ver a flecha de fumaça acertar Ace Anarquia na cara. Ele cambaleou para trás, tossindo no cotovelo. Outro raio logo em seguida, depois outro, tão rápido quanto Oscar conseguia enviá-los, cada um acertando um vilão na extremidade da nave.

Oscar deu um grito.

Adrian olhou para trás e viu que a bengala de Oscar tinha sido arrancada da mão dele. Ganhou vida própria e acertou a parte de trás dos joelhos dele até o garoto cair no chão.

— Cortina de fumaça, me dá cobertura! — gritou Adrian.

Oscar levantou uma das mãos para bloquear outro golpe da bengala possuída enquanto esticava a outra para Adrian. Uma camada de névoa branca densa começou a rolar pelo corredor, a ocupar os bancos, mas Oscar gritou de dor e deu um tapa no pescoço.

Ele inspecionou a mão e viu uma coisa pequena e preta grudada nos dedos.

Abelha-Rainha riu.

— É o pagamento por aquele truquezinho que você fez na arena!

Oscar encarou Adrian. A expressão dele estava feroz, mas o amigo conseguia ver o tormento por trás. A abelha devia ter Agente N, assim como as da arena.

A névoa se dissipou.

Adrian trincou os dentes. Apertou os punhos.

Danna segurou seu braço.

— Adrian, para. É uma armadilha.

Ele soltou o braço e voltou a correr. Como tinha estado tão perto do míssil de névoa e da nuvem de Agente N, deviam achar que ele também tinha sido neutralizado.

Estavam enganados.

Nova não se mexera. Ela o viu correr na direção dela, o rosto pálido, um medo como ele nunca antes vira nos olhos.

— Soltem ela! — gritou ele quando outra chama explodiu da palma de sua mão. Adrian se preparou para correr, para atacar, para destruir Ace Anarquia e seus comparsas se eles tivessem feito qualquer coisa para machucá-la…

Ele só viu a rede quando era tarde demais. Até seu pé ter atravessado uma marca invisível e os nós de corda o prenderem. Ele tropeçou e rolou algumas vezes, se enroscando ainda mais.

Com dificuldade de respirar, Adrian tentou se levantar, mas uma perna ficou presa. Sentiu-se como um animal selvagem na armadilha de um caçador, e as palavras de Danna voltaram para ele, incendiando sua raiva ainda mais.

Incendiando.

Relembrando a primeira vez que tinha ficado preso em cordas assim, ele

rosnou e fechou a mão esquerda em volta da corda mais próxima. Conjurou sua chama e deixou que queimasse o mais quente possível.

O fogo foi um inferno que quase engoliu o corpo de Adrian quando ele percebeu que não estava funcionando. As cordas ficaram grudentas, mas não se queimaram.

— Cobertura resistente a fogo — disse Cianeto, atraindo a atenção dele de volta para os vilões. — Tentamos aprender com os nossos erros.

Com suor escorrendo pela nuca, Adrian moveu o braço direito para poder mirar pela rede. Sua pele se acendeu. Ele mirou em Ace Anarquia, que não estava longe de Nova, e disparou.

Uma série de bancos formou um muro entre Adrian e os vilões. Em seguida, eles caíram no chão, os assentos de madeira lascada deixando só o espaço de um corredor estreito no centro da nave.

— Impressionante — disse Abelha-Rainha. Com um passo para a frente, ela cruzou o braço com o de Nova. Adrian ficou tenso e todos os nervos foram tomados pelo pânico. — Se a quer tanto, toma. Pode ficar com ela.

Com um sorriso açucarado, Abelha-Rainha empurrou Nova para a frente. Ela cambaleou os poucos degraus no caminho longo e estreito que separava o coral da nave. Ela parou e hesitou.

— Nova — disse Adrian, a voz carregada de desespero, os braços forçando as cordas. — Você está bem?

Ela o encarou e engoliu em seco.

Ela não disse nada quando começou a andar pelo corredor. Parecia atormentada e insegura. Ele *nunca* tinha visto Nova, a corajosa e confiante Nova, daquele jeito.

Mas, quando ela chegou mais perto, ele reparou em outra coisa.

Ela não estava amarrada, como ele imaginaria que uma prisioneira Renegada ficaria.

Ela não estava com o uniforme dos Renegados nem com as roupas civis de sempre, e, sim, com uma jaqueta preta e um cinto utilitário que parecia bem familiar.

O estômago de Adrian ficou embrulhado. Ele teria recuado, mas estava preso, olhando para ela pelas cordas que o apertavam tanto quanto sua

própria caixa torácica.

— Ela se saiu bem, não foi? — disse Ace Anarquia, falando pela primeira vez. A voz dele estava com um tom de quem achava graça, mas Adrian nem o ouviu direito, com a verdade e a descrença que travavam uma batalha em sua cabeça. — Seu plano foi inteligente, de se aproximar sorrateiramente pelas catacumbas. Poderia ter dado certo se você já não tivesse contado à minha sobrinha que conhecia o túnel. Agora que estão aqui, temos que garantir que aquela entrada seja selada, para que ninguém pense em seguir seus passos. — Ele indicou dois vilões. — Amarrem os outros e os prendam na tesouraria por enquanto. Levem o Everhart para a capela do leste e aguardem instruções.

Ele nem registrou as ordens de Ace Anarquia direito.

Nova estava bem perto de Adrian agora. O medo que ele tinha visto antes estava sumindo e sendo substituído pela típica determinação dela. A mandíbula contraída, os ombros firmes.

Ele apenas imaginara o tormento antes? O arrependimento? A dúvida?

— Nova — sussurrou ele, quase tossindo a palavra enquanto sua própria confusão de emoções entalava na garganta. — Quem é você?

Ela se agachou para eles ficarem na mesma altura. Estavam tão próximos agora quanto no baile, quando dançaram. Tão próximos quanto a vez em que ele colocou fones com cancelamento de ruído nos ouvidos dela para ela poder dormir. Tão próximos quanto na vez em que se beijaram no túnel do metrô, perto da entrada escondida da catacumba.

Os fiapos finais de negação murcharam dentro dele. A verdade venceu. De repente, ele soube.

Quando Danna acusou pela primeira vez Nova de ser sua pior inimiga, a vilã que ele caçava havia meses, ele ficou com raiva. Envergonhado. Até repugnado.

Agora, só tinha sobrado uma sensação profunda e arrasadora de perda.

Os ombros dele murcharam sob o peso das cordas que o prendiam.

Nova esticou a mão para a de Adrian e colocou dois dedos no nó do dedo dele. Ele se encolheu ao toque e pensou, só por um momento, que talvez tivesse notado um vislumbre de dor nos olhos de Nova. Mas foi sua

imaginação, porque, um segundo depois, a expressão dela estava dura, fria e impenetrável.

— Todo mundo tem um pesadelo — disse ela. — Acho que eu sou o seu.

Foi a última coisa de que ele se lembrava antes que a escuridão o levasse.

CAPÍTULO QUARENTA



— OLHA, QUE INTELIGENTE — disse Abelha-Rainha inspecionando a parte de baixo do pé descalço de Adrian. Ele se esforçou para ignorá-la. Estava tentando ignorar todos, a rotação contínua de Anarquistas e vilões, mesmo quando eles tentavam táticas cada vez mais irritantes para arrancar alguma reação dele.

Seu olhar determinado ficava grudado em Nova sempre que ela estava no aposento.

Os olhos determinados *dela* ficavam afastados.

— Molas — disse Abelha-Rainha, passando uma unha afiada na sola do pé de Adrian. Ele se esforçou para não tremer. — Para pular mais longe. Não é inteligente, meu amor?

Ele tinha quase certeza de que *amor*, nesse caso, era Nova, mas era difícil saber, pois Nova parecia tão determinada a ignorar a Abelha-Rainha quanto ele.

Mel Harper examinar as solas dos pés dele foi a última de uma longa lista de indignidades que Adrian aguentara desde a captura. Ele não sabia o que havia acontecido com Oscar e Danna nem em que parte da catedral estavam. Quando voltou a si, Adrian estava em uma capelinha circular. Em comparação à magnificência da nave, a capela parecia uma lembrança posterior, tão terrível e insignificante que ele se perguntou se o santo cujo nome ela levava tinha feito alguma coisa para irritar o arquiteto encarregado

de homenageá-lo. Fora um altar preto e liso e uma série de janelas estreitas de vitrais, parecia vazia. Paredes ecoantes de pedra, piso duro de pedra. A atmosfera não melhorava muito com a penumbra. Adrian não tinha como saber que horas eram, pois nem a luz do sol nem o luar podiam penetrar na estrutura que Ace erguera por cima da catedral, deixando-os cobertos em constante escuridão. A única luz vinha de um lampião pequeno no canto que espalhava sombras oscilantes nas paredes.

Adrian estava amarrado com as costas no altar gelado. Um dos vilões tinha cortado as mangas e a gola da camisa para deixar à mostra as tatuagens nos braços e peito dele.

Nova entrava e saía da capela com frequência, toda paramentada para batalha. O cinto tinha duas armas diferentes, cordas, dardos e munição, luvas, sinalizadores, uma faca de caça e aquelas estrelas horríveis de que Pesadelo sempre gostara. Mas, por algum motivo, ela não tinha colocado a máscara de metal, e, embora Adrian soubesse que não devia atribuir significado àquilo, não conseguiu evitar.

Sem a máscara, ele não conseguia vê-la como Pesadelo. Só conseguia ver Nova.

Nova, que o traíra de cem formas diferentes. Mas, mesmo assim, Nova.

Ele tinha tentado perguntar a ela para onde Oscar e Danna haviam sido levados, se estavam bem, mas ela parecia determinada a ficar em silêncio. Adrian não sabia se a garota estava lá para impedi-lo de tentar fugir ou só para ter certeza de que não estava sendo maltratado.

Talvez a pior parte fosse que Fobia também ia e vinha. Adrian demorou um tempo para reparar nele, observando, em silêncio, de um canto. O lugar estava tão escuro e ele ficava tão imóvel que, às vezes, o vilão parecia mais um produto de sua imaginação.

Mas era real. Era bem real, e cada vez que Adrian reparava nele um arrepio descia pela coluna. As palavras cruéis de Fobia, faladas enquanto estava parado ao lado do corpo do Callum, ecoavam sem parar na mente de Adrian.

Quem não tem alma não pode ficar deslumbrado. Assim como quem não tem medo não pode ser corajoso…

Era ele. Adrian sabia agora, soube no momento em que Fobia falou aquelas palavras odiosas. O bilhete deixado no corpo. O terror descontrolado no rosto dela.

Fobia tinha matado a mãe de Adrian.

Adrian fez uma expressão de desprezo e mostrou os dentes para o vilão, cuja única resposta foi girar a foice em um círculo regular sobre a cabeça.

As notícias disseram que Lady Indomável caíra para a morte de um prédio de sete andares. Não havia outras lesões nem ferimento que não fosse resultado direto da queda. O que quer que Fobia tivesse feito, o que quer que tivesse mostrado a ela, havia provocado tanto medo que, por um momento, ela esqueceu que sabia voar. Ficou petrificada. Literalmente morreu de medo.

O que não fazia sentido era Nova poder estar do lado daquela *coisa*.

Mas ele sabia que não deveria ficar surpreso. Sua mãe fora uma Renegada. Nova era uma Anarquista. Por que Nova se importaria se Lady Indomável tivesse sido assassinada mais de dez anos antes? Uma super-heroína a menos com quem lidar.

Ele ficou grato quando Fobia foi embora, sumindo do ambiente de forma tão silenciosa quanto tinha entrado.

Cianeto também desapareceu um tempo antes, murmurando algo sobre um experimento, e Adrian não tinha visto a caminhante de espelhos desde que chegara. Outros tinham ido e vindo. Reconheceu alguns de testes passados dos Renegados, prodígios que, como Garça, não tinham sido aceitos. Ele tinha certeza de que outros eram procurados por vários crimes na cidade, frequentemente caçados por unidades de patrulha. Isso fez com que desejasse ter feito mais como Sentinela para encontrar criminosos e cuidar para que fossem presos.

— Deixei alguma passar? — perguntou Abelha-Rainha, virando uma lanterna para os braços de Adrian, fazendo-os girar nas amarras. — Vamos ver… aqui tem o fogo, a tal torre, o pulo, o traje, o… o que é isso? — Ela enfiou a unha no antebraço direito dele. — Ah, sim, a coisa de laser. — A expressão dela mudou de jovial para maligna. — Eu me lembro muito bem dessa.

Adrian olhou para ela de cara feia.

— Você estava tentando matar meu pai — disse ele, quebrando seu voto de silêncio.

Ela estalou a língua.

— Seu pai não devia ter esfaqueado Acey.

— Ace ia matar todos nós! — Ele lançou um olhar para Nova, quase esperando que ela desse uma opinião, talvez até argumentasse em defesa dele, mas a garota permaneceu em silêncio. Ela estava de costas para os dois, parada na entrada em arco da capela, observando um corredor cheio de estátuas.

Abelha-Rainha soprou com a língua entre os lábios superbrilhosos.

— Não ia matar *todos nós* — disse ela. — Só vocês. E seus entes queridos. — Ela piscou como se fosse uma piada. Havia uma vespa andando no lóbulo da orelha dela, mas a mulher não pareceu notar. — Agora, Pesadelo querida, com qual você acha que devemos começar?

Nova se moveu quase imperceptivelmente na direção dela.

— Com qual o quê?

— Tatuagem. A gente não pode deixar que ele fique com elas depois do problema que causaram.

Nova se mexeu de novo e observou Mel com mais atenção, mas sem voltar o olhar para Adrian nenhuma vez.

— De que está falando?

Mel deu um suspiro dramático.

— Temos que cortá-las fora. — Ela abriu a fenda da coxa do vestido de lantejoulas e tirou uma faca de ponta fina da meia.

Adrian ficou tenso.

— Você não está falando sério — disse Nova.

Mel abriu um sorrisinho.

— O que esperava? — Ela tocou com a ponta da faca na tatuagem de imunidade no coração de Adrian. Ele engoliu em seco. — O garoto é imune ao Agente N, então não podemos simplesmente dar uma injeção nele e resolver a questão. E não podemos correr o risco de ele se soltar e estragar tudo. Então, as tatuagens têm que ir embora. — Ela firmou a mão no quadril. — Se não quiser ver, pode ir procurar uns curativos. — Ela piscou para

Adrian. — Não somos animais, sabe.

Ele a ignorou e se concentrou em Nova. Não dava para saber se a Abelha-Rainha só queria intimidá-lo, mas, mesmo assim, ele esperava que sua súplica silenciosa pudesse ter algum impacto em Nova.

Se ao menos ela *olhasse* para ele.

— Eu acho que… essa vai ser a primeira — disse Mel, encostando a lâmina da faca no antebraço direito dele, de onde saía o canhão do raio de energia. — Vai ser minha vingancinha. Além do mais, não queremos que você fique nervoso e abra um buraco no nosso telhado. O prédio acabou de ser reformado.

Ela torceu a faca e a ponta rompeu a pele.

Adrian encostou a cabeça no altar com os dentes trincados. Na porta, Nova tinha cruzado os braços sobre o peito. Seu foco estava na lâmina cortando a pele de Adrian.

O menino inspirou fundo.

Aquilo doeu, mas ele já tinha sofrido coisa pior.

Mel parou e afastou a faca.

— Ou você quer fazer isso? — disse ela, virando o cabo na direção de Nova. — Os poderes dele deram muito mais dor de cabeça para você do que para mim.

Nova contraiu a mandíbula e se virou de novo para o corredor. Pela postura rígida, Adrian percebeu que ela estava incomodada com aquilo, mas não se moveu para defendê-lo.

— Como quiser — retrucou Mel.

A faca afundou no braço dele de novo. Ele contraiu o rosto, se recusando a emitir sequer um grunhido enquanto a mulher cortava as camadas superiores da pele.

Quando terminou de cortar a tatuagem, ela usou a ponta da faca para jogar longe o pedaço de pele.

— Repulsivo — disse ela com uma risadinha cruel. Ela deixou a ferida sangrar enquanto andava até o outro lado dele. — Agora, vamos ver aqui… a próxima provavelmente vai ser a chama. — Ela beliscou a pele onde havia a espiral de fogo.

Adrian acendeu uma bola de fogo no punho fechado.

Mel ofegou e recuou, sacudindo a mão que tinha sido queimada pelo fogo.

Então começou a rir.

— Ah, que truque fofo — disse ela, fazendo carinho nas costas de uma vespa preta com o polegar. — Um que merece punição.

A vespa zumbiu para Adrian e de repente pareceu que um ferro quente foi enfiado no pescoço dele logo abaixo da orelha. Ele gritou e lutou para se afastar, mas as cordas não cederam.

— Mel! — gritou Nova. — Para!

A vespa saiu voando, mas o veneno continuou a queimar e latejar. Adrian apertou os olhos quando lágrimas quentes começaram a cair.

O lado positivo foi que ele nem sentiu o corte seguinte da faca, quando Mel Harper arrancou a tatuagem de chama.

Quando o veneno quente se espalhou pelo tronco e pelos braços, Adrian ousou abrir os olhos. Ele procurou Nova outra vez, desesperado.

Mas ela estava de costas para ele, sem fazer nada enquanto a mulher passava a lâmina da faca no antebraço dele.

Ele achou que os ombros dela talvez estivessem tremendo, mas podia ter sido a visão borrada dele causando a distorção.

— Isso é nojento demais — disse Mel quando terminou com a tatuagem de chama. — Acho que podemos esperar Leroy para fazer o restante. O que você acha, pequena Pesadelo?

Nova não respondeu.

Adrian olhou para as vigas altas do teto, que convergiam em um único ponto acima da cabeça dele. Toda a parte superior do corpo estava em chamas agora, mas, conforme o veneno se espalhava, a intensidade da dor diminuía, mesmo que um pouco. Inspirou. Expirou.

— Interessante — murmurou Mel. — O inchaço já está passando. Costuma durar um dia ou mais.

A tatuagem de imunidade, pensou Adrian. Ela o protegia, livrando seu organismo do veneno mais rápido do que o habitual.

Mas ficou de boca fechada. Não adiantava lembrá-la disso agora. Ele murmurou para si mesmo:

— Os Renegados vão vir me buscar.

Nova se virou tão rápido que ele só percebeu que ela havia se movido quando a garota estava agachada na frente dele, os olhos brilhando de fúria e lágrimas não derramadas.

— Não — disse ela. — Os Renegados *não vão vir*.

Ele sustentou o olhar, grato por ter a atenção dela pela primeira vez, apesar do ódio nas palavras.

— Sim — retrucou Adrian —, eles vão vir, Nova. — A boca dele se curvou em um sorriso cansado. — Talvez até já estejam aqui.

Ela franziu a testa brevemente em confusão e soltou uma risada trêmula.

— Eu — disse ela, se levantando de novo. — Você acha que *eu* vou ajudar você? Depois de tudo isso?

— É óbvio que eu não te conheço tão bem quanto achava — disse Adrian —, mas sei que, lá no fundo, você não é como eles. Você é melhor do que isso, Nova.

Ela fechou a cara.

— Desde o dia em que eu te conheci, você fica dizendo que a Pesadelo é uma vilã. É praticamente sua missão de vida me caçar e me destruir. E agora, de repente, sou melhor do que isso?

— *É* — disse ele, enfático. Estava tendo muitas revelações desde que fora arrastado para aquela capela. Muitas coisas começaram a fazer sentido. Nova tinha dito para ele que o tio a salvou do assassino que matou seus pais. E, durante a luta na arena, ele tinha certeza de que tinha ouvido Pesadelo chamar Ace Anarquia de “tio”.

— Ace Anarquia é seu parente e você quer ser leal a ele. Eu entendo… de certa forma. Mas você não é assim.

Ela se inclinou para ele e sussurrou:

— Você não faz ideia de como eu sou.

Ele percebeu o brilho de uma corrente no pescoço dela, que desaparecia na gola. Seu sangue gelou.

— Esse é o Amuleto da Vitalidade?

Nova se empertigou e uma das mãos foi até a blusa, no local onde o medalhão deveria estar escondido.

Ela não precisou responder. Sua expressão foi a única resposta de que Adrian precisou. Ele foi tomado de raiva e se inclinou para a frente, mesmo com as cordas.

— Você estava com isso o tempo todo, mesmo sabendo que era a única forma de qualquer um chegar perto do Max!

Ela pareceu surpresa por um instante. Mas cerrou a mandíbula, puxou o zíper da jaqueta até o pescoço e fez cara feia.

— Você pode chegar perto de Max sem problema nenhum.

Foi a vez de Adrian ficar surpreso.

— O Sentinela não foi afetado quando carregou Max por metade da cidade até o hospital — disse ela. — Quanto tempo depois de descobrir o amuleto você decidiu fazer essa tatuagem? — Ela apontou com o queixo para a tatuagem de imunidade. — Por quanto tempo planejava guardar esse segredo?

Ele franziu os lábios. Não costumava oferecer explicações, ainda mais considerando que ela não dera nenhuma. Então, respondeu:

— A gente precisava dele.

— Nós também — disse ela com rispidez. Uma declaração simples que não diminuiu a fúria crescente do garoto. Nova balançou a mão para Abelha-Rainha. — Vou procurar uns curativos.

Adrian tremeu, sobressaltado de Nova deixá-lo ali sozinho com Mel Harper e a faca dela.

— Nova… espere.

Ela o ignorou, mas só tinha dado alguns passos quando Fobia apareceu no corredor, bem mais alto do que ela.

Adrian recuou para perto do altar, rosnando.

— Ace quer falar conosco — disse Fobia. O capuz dele tremeu e Adrian teve a sensação incômoda de que Fobia tinha voltado o foco para *ele*. — Vou mandar um dos Rejeitados para ficar de vigia.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



NOVA PASSOU PELA SALA que já tinha sido a tesouraria da catedral, onde tomos antigos e estátuas delicadas de anjos e santos ficavam guardadas. Agora, era onde Oscar e Danna estavam presos, as mãos e joelhos atados com cordas de náilon.

Os dois olharam de cara feia quando Nova passou.

Ela trincou os dentes, desejando ter seguido um caminho diferente em volta da nave para não ver.

Mel, andando alguns passos à frente dela, não pareceu notar.

— Mel — disse Nova, correndo para a frente até ficar ao lado dela. — Posso fazer uma pergunta sobre o Fobia?

— Claro, mas eu provavelmente não vou saber a resposta. — Mel olhou para ela de um jeito sinistro. — Tantos anos se passaram e ele ainda me assusta tanto quando no dia em que se juntou a nós.

— *Como* ele entrou para os Anarquistas?

Mel inclinou a cabeça, pensando.

— Se me lembro bem, ele simplesmente apareceu no meio de uma luta contra a Pássaro do Trovão e a Lady Indomável. A gente estava tomando uma surra, éramos eu e o Animus, e ele morreu pouco depois disso, acho que você nem o conheceu. Pensei que nós dois íamos morrer quando o Fobia apareceu, sinistro como sempre, e, de repente, os Renegados fugiram apavorados. Fobia disse que queria conhecer o Ace e nós o levamos conosco.

Nova franziu a testa, sem achar as pistas que queria na história da Mel. Por que uma das criações de Adrian quis se juntar a Ace?

— Ele matou a Lady Indomável, não foi? — perguntou Nova.

Mel olhou para ela, surpresa.

— Como você…? — Ela fez uma pausa. — Alguém te contou isso?

— Adrian me falou sobre um bilhete que foi encontrado no corpo dela.

— Ah, sim, os *bilhetes*. Ainda bem que ele parou com isso. Eram tão pretensiosos.

Então era verdade. Nova sabia, mas uma pequena parte dela se agarrou à esperança de talvez ela não ser aliada do vilão que tinha matado a mãe de Adrian.

— Isso tem alguma coisa a ver com o que a caminhante de espelhos encontrou na mansão do seu namorado? — perguntou Mel, olhando para ela com desconfiança.

Nova engoliu em seco.

— Ora, ora — disse Mel —, antes de você sair por aí espalhando mais mentiras, ouvi as duas conversando quando estávamos na loja de penhores. Algo sobre o garoto Everhart, o Fobia e… revistas em quadrinhos?

— É… complicado — replicou Nova, tendo a sensação ruim de que *não* queria que Mel soubesse a verdade sobre a origem de Fobia. — Acho que talvez tenha alguma conexão entre eles, mas não sei. Talvez esteja enganada.

Mel parou de andar de repente. Nova levou um susto.

— É mesmo? — disse Mel com provocação na voz. — Você acha que nosso amigo sombrio tem alguma conexão com o garoto Everhart? Diga-me, o que mais descobriu com esse trabalho de detetive?

Os cabelos se eriçaram na nuca de Nova. Ela teve a clara impressão de que Mel estava procurando algo específico.

Seria possível que ela já soubesse das origens de Fobia? Que o próprio Adrian tinha criado o vilão?

Ou era outra coisa?

— Não muito — mentiu ela. — Só que o Fobia entrou para os Anarquistas pouco tempo antes de mim. Eu queria ver com você, saber se era verdade.

O olhar da Mel foi longo e observador até um sorriso sutil surgir nos

lábios cintilantes.

— É verdade. E, como você, ele é um membro valoroso desde essa época.

Ela abriu uma porta grande de carvalho e passou pela arcada em volta do claustro. Nova hesitou, segura de que havia alguma coisa que Mel não estava contando. Mas o estalo dos saltos de Mel nas pedras acelerou, deixando claro que a conversa tinha acabado.

Quando chegaram à casa capitular, quase todos os aliados já estavam reunidos. Fora da catedral, dava para ouvir os sons da guerra na barreira que Ace tinha erigido. Os Renegados haviam chegado e estavam atacando o muro com uma série de explosões e armas. Cada impacto sacudia o chão debaixo dos pés deles. Até o momento, a barreira aguentava os golpes, mas Nova sabia que não duraria para sempre. Os Renegados podiam estar fracos, com números reduzidos, mas ainda não eram inúteis.

Ela não conseguiu deixar de repassar na cabeça a conversa na torre do sino e desejar que as coisas tivessem sido diferentes. Poderiam estar do outro lado do mundo agora, trabalhando para começar uma nova vida. Mas estavam cercados, Adrian era prisioneiro deles e Nova se sentia sufocada pelas expectativas de todos.

Ace esperava que ela fosse a pequena Pesadelo que ele a tinha criado para ser.

Os Anarquistas esperavam que ela terminasse o serviço que começou e que derrubasse os Renegados de uma vez por todas.

E Adrian esperava… o quê? Ele não podia esperar que ela o ajudasse. Já deveria ter entendido. Ela ainda sentia o olhar penetrante dele. Crítico e enojado.

Mas havia horas em que ele parecia quase esperançoso.

Sempre tão irritantemente otimista.

Estar na presença de Adrian a deixou se sentindo tão forte quanto uma lesma em um banho de sal. Agora, a uma certa distância, Nova tentou se concentrar nos sons de guerra fora da casca protetora e nos prodígios que estavam reunidos ao seu lado, se preparando para vencer a batalha que daria a todos a chance de uma vida melhor.

Ela estava ali, com Ace, e estava pronta para lutar, como sempre

pretendera. Em pouco tempo, aquilo acabaria e ela poderia ficar tranquila de novo. Poderia ser ela mesma. Poderia ser a Pesadelo que o mundo temia.

— Não vou declamar poesia sobre nossas chances de vitória — disse Ace quando todos estavam presentes. — Sei que vamos ter sucesso. Os Renegados vão cair. — Ele passou um tempo questionando todos sobre seus respectivos papéis. Cianeto tinha preparado as reações químicas necessárias? Chaveiro havia protegido as entradas do leste? E assim por diante até encarar Nova. Naquele momento, não havia gentileza de família na expressão dele, só uma intensidade que fez o coração da garota dar um salto.

— Vou iniciar as negociações quando o Conselho se revelar. Nossa moeda de troca está pronta?

Ela engoliu em seco. A moeda de troca era Adrian. Ele era um bem agora, um elemento de negociação. Como Ace sempre soubera que ele seria. Durante meses ele encorajara Nova a se aproximar de Adrian, sabendo que poderia ser usado contra os pais.

De alguma forma, ela nunca tinha imaginado as coisas chegando àquele ponto, embora provavelmente devesse ter visto tudo.

As palavras entalaram na garganta dela, e foi Mel quem respondeu.

— Ele vai estar pronto.

Ace sustentou o olhar de Nova por mais um instante e assentiu.

— Assumam suas posições e aguardem meu sinal.

Eles se dispersaram. Nova temia voltar até Adrian, ser abordada outra vez por aquele olhar de esperança misturado com repulsa. Ficou aliviada quando Narcissa correu até ela no claustro, segurando uma pilha familiar de quadrinhos, mas aquilo durou pouco, pois logo ouviu Mel falando com ela.

— Vou indo na frente para cuidar do prisioneiro. Não precisa se apressar, querida.

Bile subiu até a boca de Nova, pensando em Mel e naquela faca. Mas não era problema dela, disse para si mesma, lutando contra todos os instintos de seguir a mulher.

Adrian não era mais problema dela.

Nova enterrou a apreensão e se virou para Narcissa.

— Que bom ver que você ficou.

— É, bem… — Narcissa bateu com a ponta do pé no chão de pedra. — Prometi aos Rejeitados que os ajudaria a conseguir um futuro melhor. E ainda não conseguimos isso.

— Você tem razão — disse Nova com um tom meio sombrio. Ela se perguntou se algum deles, quando estavam planejando a revolução, tinha previsto *aquilo*.

— Você sabe agora, não sabe? Sobre o Sentinela?

Nova ficou tensa.

— Sei — disse ela devagar. — Você já sabia?

— Era o que eu queria te mostrar naquele outro dia.

Narcissa começou a folhear as revistinhas, mas uma explosão alta acima da barreira as fez pular e ela deixou as páginas grampeadas caírem aos pés de Nova. Quando se curvou para pegar a revista, o ar ficou preso em seus pulmões. As páginas estavam abertas no final. Mostrava o personagem principal, o garoto conhecido como Rebelde Z, se transformando em um super-herói. O super-herói que ele precisava se tornar para se vingar do cientista maluco.

Na imagem, ele usava uma armadura incrivelmente parecida com a do Sentinela.

Nova examinou a imagem, se perguntando se isso teria mudado alguma coisa caso ela tivesse visto aquilo antes do ataque na arena. Ela se perguntou se mudava alguma coisa agora.

— Os quadrinhos são bons — disse Narcissa. — Uma pena ele não ter terminado a história.

Nova engoliu em seco, se perguntando se era certo ela ter esperanças de que um dia ele tivesse chance de terminar.

— Obrigada por me mostrar — disse ela. — Mas você estava certa antes. Não muda muita coisa a essa altura.

Nova começou a voltar para a capela onde Adrian, o gentil e correto Adrian, estava algemado em um altar frio, mas, ao dobrar a esquina mais próxima, chocou-se com Mel Harper. Sem fingimento, Mel arrancou a revistinha da mão de Nova.

— Ei! — disse Nova, sem conseguir pegar a revista de volta porque Mel

girou para longe e começou a andar pelo corredor, virando as páginas.

— Então foi isso que provocou tanto interesse entre você e a garota dos espelhos? — perguntou Mel, virando as páginas para lá e para cá, inspecionando os desenhos com ar de desprezo. — O que é exatamente?

— Não é… nada — gaguejou Nova. — Devolve, Mel.

— Suponho que seu jovem artista tenha desenhado — disse ela, ignorando Nova. — Deve ter um tempinho. Ele melhorou, né? — Ela riu. — Não que eu seja capaz de fazer coisa melhor.

Ela parou de andar de repente. Estava segurando a revista com as duas mãos, amassando as páginas frágeis, com descuido.

— É quem eu estou pensando que é?

— Não importa — disse Nova. — Nós já sabíamos que ele era o Sentinela, então… — Ela parou de falar, reparando na página em que Mel tinha parado. Não mostrava o Rebelde Z com armadura do Sentinela. Mostrava uma figura encapuzada com dedos ossudos e sombras onde deveria estar o rosto. — Ele… desenhou isso quando tinha uns onze anos — disse Nova. — Devia ter ouvido falar de Fobia da época da Era da Anarquia. Pode ter sido a inspiração para essa… essa coisa… de vilão.

Mel fechou a revista, os olhos cintilando com uma alegria que fez um arrepio descer pela coluna da Nova.

— Mas você não acredita nisso — disse Mel. — Eu ouvi as duas conversando. Há mais desenhos, né? Alguns não tão recentes? — Mel não esperou Nova responder, o que não foi problema, porque ela não sabia o que dizer. Nova não queria mentir para a mulher, mas já via a mente dela calculando o que aquilo significava.

De repente, Mel soltou uma gargalhada alta e botou a mão sobre a boca.

— Ora, ora — disse ela por entre dedos. — Aquele pequeno artista… e ele nem faz ideia, né?

— Não importa. Não há motivo para…

— Perdão, mas discordo! — disse ela, se virando nos saltos. — Mal posso esperar para ver isso.

— Mel, não, espera!

Nova correu atrás dela e pegou a revista, torcendo para que isso a

segurasse, mas ela nem pareceu notar enquanto seguia pelos corredores da catedral.

— Mel, por favor! Precisamos manter o foco. Isso não significa nada!

Mel deu um sorrisinho para ela.

— Cuidado, Pesadelo. Estou começando a achar que você talvez esteja se sentindo mal pelo refém.

Nova fez uma careta e parou com as súplicas, mas ficou atrás dela, cada passo a enchendo cada vez mais de medo.

ADRIAN NUNCA TINHA SENTIDO medo de abelhas na vida. Mas também nunca tinha ficado cheio dessas criaturas andando nele como guardinhas com abdomes gordos e listrados e ferrões finos como agulhas que tremiam cada vez que ele se movia. Embora um dos vilões tivesse coberto de gaze os cortes fundos nos braços dele, o sangue havia encharcado alguns pontos e as abelhas pareciam atraídas por ele, amontoando-se nas ataduras.

Tentou se distrair pensando nas criaturas não como arautas de veneno e dor, mas como pequenos milagres da natureza. Ele não sabia quantas espécies Abelha-Rainha conseguia controlar, mas tinha contado nove variedades diferentes enquanto estava sentado ali sozinho. Algumas todas pretas e peludinhas como uma lagarta. Outras finas e de um azul metálico, com envergadura similar às borboletas de Danna. Com listras pretas e amarelas. Com listras pretas e vermelhas. Com corpos longos e estreitos, que pareciam mais de uma libélula, e com corpos grossos e de casca brilhante, que mais pareciam besouros, e tudo entre as duas coisas.

Ele estava começando a achar que seus esforços para se distrair poderiam estar equivocados quando ouviu passos no corredor. Abelha-Rainha apareceu com um sorriso largo que deixou Adrian nervoso na mesma hora, se perguntando que nova tortura ela estava elaborando.

Era besteira, ele sabia, mas não deu para evitar sentir um certo alívio quando Nova apareceu atrás dele. Não que ela tivesse feito qualquer coisa para impedir que Abelha-Rainha cortasse suas tatuagens.

— Acabei de descobrir um segredo incrível sobre você! — disse Abelha-Rainha, unindo as mãos na frente do rosto.

Nova abriu a boca para dizer alguma coisa, mas se segurou e a fechou com uma careta.

— Será que consegue adivinhar o que é? — Abelha-Rainha se sentou ao lado de Adrian, o braço encostado no dele. O cheiro de laquê encheu seus pulmões e ele virou o rosto, mas ela não pareceu notar. — Vou dar uma dica. Tem a ver com nosso amigo esquelético sinistro, que gosta de ficar falando de *medo, coragem* e *blá-blá-blá*. — Ela revirou os olhos fingindo repulsa.

Com a mandíbula contraída, Adrian olhou para Nova sem acreditar, antes de voltar a observar Abelha-Rainha de soslaio.

— Fobia matou minha mãe — disse ele por entre os dentes. — Não é mais segredo, mas, uau, estou feliz que tenha sido tão divertido para você.

Em vez de parecer decepcionada, Abelha-Rainha ofegou e apertou a mão dramaticamente na base do pescoço.

— É *verdade*, ele matou a Lady Indomável. Ora — os olhos dela cintilaram com crueldade —, isso torna tudo mais interessante ainda, não é?

— Mel — disse Nova, a voz cortante. — Isso não é brincadeira.

— Ah, relaxe — falou Abelha-Rainha, agitando os dedos na direção dela. — Você passou meses saltitando pela cidade com seus amigos Renegados. Está na hora de eu me divertir um pouco também. — Ela piscou para Adrian, mas sua expressão ficou pensativa. Colocou a mão no antebraço dele, bem em cima da ferida, e apertou apenas o suficiente para ele se encolher. Algumas abelhas voaram para longe dele e foram para a mão dela. — Acabei de pensar em uma coisa. Você acredita em arqui-inimigos? Sabe como é, que um herói e um vilão estão destinados a ficar presos em uma batalha eterna até que um enfim destrua o outro? Porque sempre achei que a ideia era meio careta, se é que me entende, a despeito do Ace Anarquia e do seu querido pai, mas estou começando a questionar minha opinião. Porque é tão… — Ela bateu com o dedo nos lábios brilhantes e grudentos. — *Perfeito.* Sua própria mãe, a pessoa que você deve ter amado mais do que qualquer outra no mundo, tirada cruelmente de você por… sua própria… criação.

Adrian olhou para ela e teria continuado olhando, só que uma vespa

decidiu naquele momento tentar entrar na orelha dele, e ele soltou um gritinho e sacudiu a cabeça.

— Ah, permita-me — disse Abelha-Rainha, passando o dedo no lóbulo da orelha dele e tirando a criatura de lá.

Adrian tremeu.

— Do que você está falando? Minha criação?

— Veja você mesmo. Pesadelo?

Nova não tinha se movido, então Adrian só percebeu agora que ela estava segurando uma coisa. Uma pilha de papéis. A garota pareceu relutante em entregá-los. Pareceu relutante em fazer qualquer outra coisa além de ficar ali parada, os ombros contraídos e o rosto quase pedindo desculpas, mas ele não achava que fosse a captura, as amarras ou a tortura que ela lamentava, o que o fez ficar gelado de desconfiança.

— De que ela está falando? — perguntou Adrian.

Nova continuou parada e calada.

— Não seja tímida. Nosso hóspede fez uma pergunta. — Mel se levantou e pegou os papéis da mão dela, que não resistiu. — Vamos ver, onde estava?

Quando começou a virar as páginas, Adrian percebeu o que eram. Seus quadrinhos.

Ele fez expressão de desprezo.

— O Sentinela também não é mais segredo.

— Paciência, paciência — disse Abelha-Rainha. Ela folheou a revista inteira, a terceira e última que Adrian tinha feito, em que o Rebelde Z vestia a armadura e se transformava em um super-herói buscando vingança. Ela chegou ao fim, franziu a testa e começou a voltar, virando as páginas com descuido e pressa. Ele ouviu papel rasgando. Ela chegou na página inicial de novo e suspirou. Segurando a revista só pela capa, inclinou a cabeça para o lado e começou a folhear as páginas *de novo*, como se essa nova perspectiva pudesse ajudar.

Adrian ergueu uma sobrancelha para Nova.

Nova soltou um gemido, entrou na sala e arrancou as páginas da mão de Abelha-Rainha. Ficou de joelhos na frente de Adrian, colocou o terceiro volume de lado e encontrou o primeiro na pilha, em que o Rebelde Z era

capturado por vilões famintos por poder, era aprisionado e torturado enquanto todos os amigos sofriam em volta dele.

Parecia bizarramente profético.

Adrian tentou não pensar nisso enquanto olhava seus velhos desenhos. Apesar de saber que não importava no momento, não pôde deixar de fazer caretas pelas feições estranhas e mãos que pareciam estrelas-do-mar gordinhas.

Nova parou em uma página em que uma das crianças sequestradas estava sendo torturada e virou a revista, segurando de um jeito que ele conseguisse ver.

Ele observou o desenho e não conseguiu evitar a surpresa que sentiu. Uma das crianças sequestradas estava morta, ainda presa a uma mesa cirúrgica enquanto o médico e uma enfermeira olhavam de longe. Uma figura e sombras surgiam do corpo do garoto, como um filete de fumaça preta disforme, mas com uma única mão ossuda apontando para os olhos mortos do menino.

Havia muito tempo que Adrian não via aquelas revistas. Ele se lembrava vagamente das mãos esqueléticas, da capa escura e cheia de sombras. Lembrava vagamente que a criatura fantasma ficaria mais forte ao longo da série e se tornaria um dos inimigos mais temidos do Rebelde Z. Lembrava vagamente o que a criatura tinha se tornado: um vilão feito de medo e morte, sem rosto, sem alma e com uma foice de aparência sinistra que Adrian achou que seria divertido usar em cenas de lutas épicas.

Ele levou só um segundo para adivinhar o que Nova e Abelha-Rainha estavam sugerindo.

Porém… o que estavam sugerindo era ridículo.

— Onde quer chegar? — perguntou ele, olhando de cara feia por cima do papel.

Nova baixou a revista.

— Acho que esse é o Fobia — disse ela com tanto carinho na voz que Adrian sentiu sua fúria se acender de forma irracional.

— Isso aí — replicou ele, indicando a revistinha — é a alma descarnada de um garoto perturbado que foi usado como experimento científico por uma

ala maligna do governo.

— Aaah — disse Abelha-Rainha, unindo as mãos. — Olha, eu leria isso.

Nova suspirou e botou a revista no chão.

— Não são só essas revistas. Vi seus desenhos de quando você era pequeno. Bem pequeno. Sabe o fantasma de seus sonhos? Você o desenhou, e muito. E, com o tempo, ele estava virando *isso*. — Ela apontou para as páginas de novo.

Adrian soltou uma risada rouca.

— Espera aí. Você acha que eu o criei? O Fobia?

Nova franziu os lábios até ficarem brancos. Havia tanta pena nos olhos dela que Adrian sentiu vontade de gritar. Ele tinha mesmo ficado aliviado de vê-la poucos minutos antes?

— Faz sentido cronologicamente — disse ela. — Faz sentido com o pouco que sabemos sobre Fobia. Faz sentido porque ninguém tem ideia de quem ele era nem de onde veio. Ele só… apareceu do nada, e bem na época que você tinha idade para começar a desenhá-lo.

— Eu teria quatro anos! — disse ele. — *Talvez* cinco. Eu podia ser bom, mas não era tão bom.

Ela balançou a cabeça.

— Mas não tem a ver com habilidade, não é?

Ele fez cara feia e segurou a irritação. Ela estava certa. O superpoder dele não funcionava com base em sua habilidade artística. Funcionava pela intenção, pelo que ele acreditava que os desenhos podiam se tornar.

— Não — disse ele, balançando a cabeça. — Mas me lembraria de ter criado… aquilo.

— Lembraria? — perguntou Abelha-Rainha. Ela ainda sorria, como se estivesse curtindo uma novela particularmente interessante. — Você se lembra de todos os desenhos que fez quando tinha quatro, *talvez* cinco anos?

Ele olhou para ela de cara feia e sua respiração começou a acelerar.

Claro que ele não se lembrava de todos os desenhos. Sua mãe brincou uma vez que a Cidade de Gatlon teria que abrir uma nova fábrica de papel com a quantidade de páginas e páginas de desenhos de giz de cera que ele fazia.

— Tem também aquela frase que ele diz — disse Nova. — A que ele

deixava nas vítimas.

Adrian olhou para ela de cara amarrada.

— O que tem?

— Você me disse que é uma coisa que a sua mãe dizia, sobre ter coragem. Eu acho que você deu essa frase para ele, ou seu cérebro deu, quando era pequeno. Você o criou com aquele pensamento na cabeça.

O coração dele estava disparado agora, ameaçando quebrar o esterno.

— Não — disse ele com firmeza. — Impossível.

— E… Adrian… — O rosto de Nova se contorceu de dor. — Ele trabalha por meio dos maiores medos das pessoas, e você me contou que, naquela época, seu maior medo era… era que um dia sua mãe fosse embora e nunca voltasse.

Um arrepio desceu pela coluna dele. Ele afastou o olhar dela e fitou o canto escuro onde Fobia tinha ficado não muito tempo antes.

O assassino de sua mãe.

Não era possível. Adrian não… ele não podia…

— Sinto muito — sussurrou Nova.

— O que há para lamentar? — observou Mel Harper. — A gente deveria agradecer. Fobia pode não ser o mais encantador dos colegas de quarto, mas se mostrou um vilão eficiente.

— Mel, *por favor* — disse Nova. — Será que pode sair daqui?

Abelha-Rainha abriu para Adrian um sorriso arrogante e vitorioso, e foi esse olhar, cheio de tanta alegria, que fez com que parecesse quase real.

Os pulmões dele tiveram um espasmo e expulsaram o pouco ar que tinham.

— Claro, Pesadelo — respondeu Mel. — Vou dar um tempo para vocês ficarem sozinhos, deixar que nosso jovem herói aceite o fato de que, pensando bem… ele praticamente matou a própria mãe.

— Mel!

Abelha-Rainha saiu da capela, a gargalhada estridente ecoando.

Nova massageou as têmporas.

— Adrian, isso não é culpa sua. Você precisa saber disso. Você era só uma criança. Não tinha como saber o que estava…

— Para.

O som foi tão frio, tão abrupto, que Adrian quase não conseguiu acreditar que tinha saído de sua própria boca.

Mas deu certo. Nova ficou em silêncio.

Seus pulmões não estavam mais colaborando. Parecia impossível fazer seu peito expandir o suficiente naquelas cordas. Cordas que ficavam cada vez mais apertadas, afundando na pele. Havia um suor frio escorrendo pelas costas expostas. O altar de repente tinha ficado insuportavelmente frio.

Fobia era um vilão. Um Anarquista responsável por incontáveis mortes, inclusive da própria mãe de Adrian.

Nova esticou a mão na direção do garoto, mas ele virou a cabeça, e ela parou.

— É impossível — disse ele outra vez, mais intensamente agora. — Minhas criações não duram tanto tempo. Elas morrem. Elas… se apagam depois de algumas semanas, *talvez* meses. Mas não anos. — Ele balançou a cabeça. — Não tem como eu ter criado o Fobia.

— Adrian… — disse Nova outra vez, os dedos tremendo, como se ela quisesse consolá-lo. Mas como poderia?

Eles eram inimigos.

Isso tinha ficado bem claro.

— Se isso for verdade, como você explica os desenhos? O momento deles, as similaridades…

— Coincidência — disse ele com rispidez.

Nova se balançou nos calcanhares, e ele percebeu que ela queria acreditar nele, mas não conseguia.

Ele rosnou, a voz ficando mais alta.

— Eu não criei aquele monstro, Nova! Você acha mesmo que eu seria capaz disso?

Depois de uma certa hesitação, ela balançou devagar a cabeça.

— Não — sussurrou ela. — Mas… não sei se ainda acredito em coincidências.

Os sapatos da Mel reverberaram pela capela de novo e ela apareceu na porta um momento depois.

— Sei que não deve ter sido tempo suficiente para você aceitar essa novidade horrível — disse ela, sorrindo com doçura para Adrian. — A boa notícia é que seu sofrimento vai acabar em breve. — Ela sorriu para Nova. — Ace quer nos ver na torre do sino.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



NOVA PARECEU SE DOER com as feridas nos antebraços de Adrian, mas Abelha-Rainha não teve problema nenhum em segurar os braços dele quando elas fizeram Adrian ficar de pé.

— O que está acontecendo na torre do sino? — perguntou ele.

— Só o seu *fim* — disse Mel com uma risadinha.

Adrian olhou para ela de cara feia.

— Isso é uma ocasião formal? Porque destruíram minha camisa.

— Acredite em mim, essa é a menor das suas preocupações — disse Mel, dando tapinhas no ombro dele.

Nova tirou uma arma do cinto e, apesar de não apontá-la para ele, a ameaça ficou clara.

Adrian balançou a cabeça para ela, ainda abalado pela sugestão absurda de que ele talvez tivesse criado Fobia.

— Você não vai atirar em mim.

Nova o encarou com um olhar tão vazio e desconhecido que Adrian quis na mesma hora retirar as palavras que disse.

Mas pelo menos ela estava olhando para ele, e com o que não era apenas pena pela suposta criação dele. Adrian sustentou seu olhar até Nova ser forçada a desviar os olhos.

Apesar de tudo, continuava impossível imaginar Nova atirando nele. Ele tinha se enganado demais sobre ela, de tantas formas. Mas aquilo a mente

dele se recusava a aceitar.

Nova não o mataria. Nisso ele tinha que acreditar.

Mas será que ela ficaria sem fazer nada quando os outros Anarquistas decidissem que ele não era mais útil? Disso Adrian não tinha tanta certeza.

Era bem provável que ele fosse morrer naquela catedral. Talvez fosse o próprio Ace Anarquia a fazer as honras. Ou até Fobia.

Fobia. O assassino da sua mãe. Uma abominação, talvez, mas não uma com que Adrian tivesse relação. Ele tinha certeza disso.

Não tinha?

Ele não conseguia afastar uma pontada de dúvida. Mel e Nova foram persuasivas, e os desenhos dele *pareciam* com o vilão… mas Fobia atormentava os Renegados havia anos. Era provável que a arte de Adrian tivesse sido inspirada no vilão em um nível inconsciente. Não provava nada. Além do mais, nada que ele tivesse feito tinha vivido tanto assim. Por que Fobia seria diferente?

Ele tremeu só com a ideia; se Nova estivesse certa, ele tinha criado o assassino da sua mãe.

Mas não era verdade. Não podia ser verdade.

Ele trincou os dentes e tentou se convencer de que aquilo era só uma manipulação por parte delas. Algo para distraí-lo. Para deixá-lo desanimado e sem esperanças. Era só isso.

Nova e Abelha-Rainha o levaram por um corredor de estátuas alertas, passando pelo altar principal, até o transepto norte. Abelha-Rainha foi carregando a lanterna, que oferecia luz suficiente para enxergarem, ainda que não o suficiente para iluminar os cantos cheios de sombras. Nova abriu uma porta de madeira pesada e inclinou a cabeça para indicar que Adrian devia ir primeiro.

Ele subiu uma escadaria de mármore que contornava a parede de uma torre grande e quadrada. Dava para ouvir os Renegados dali, os ataques deles acertando a barreira. Embora as janelas fossem estreitas demais para escapar, ele ficava procurando no mundo exterior qualquer sinal do que estivesse acontecendo. Mas só dava para ver vislumbres do domo e da escuridão que o preenchia. Os Renegados ainda não tinham atravessado a barreira.

Eles passaram por dois andares e atravessaram outra porta ainda mais estreita que levava à parte superior da torre. Os degraus mudaram de mármore para madeira. Tinham chegado a um lugar em que visitantes e fiéis não entravam, onde só sineiros deviam ter pisado no passado.

A escada parecia continuar em espiral até a eternidade e desaparecer nas sombras acima. As janelas ainda eram de estilo gótico, com vitrais presos com chumbo, cercadas de molduras de pedra, mas, fora isso, aquela seção da torre era simples e utilitária. Paredes sem decoração e vigas de sustentação de madeira se cruzavam por baixo da escada bamba.

Adrian subiu. A madeira embaixo dos seus pés descalços estava gasta a ponto de estar macia, e ele ficou agradecido por Mel não ter começado as mutilações em seus pés, senão a caminhada teria sido uma tormenta. Eles contornaram um canto até outro lance de escadas, e ele aproveitou a oportunidade para dar uma olhada em Nova. Ela se irritou e empurrou o cano da arma nas costas dele.

No topo de uma seção particularmente íngreme e estreita da escada, eles chegaram a uma plataforma sólida de madeira. Nova esticou a mão à frente de Adrian para empurrar o alçapão, fazendo tudo que podia para evitar tocar nele.

A porta se abriu com um baque e uma nuvem de poeira saiu pela abertura. Adrian virou o rosto e tossiu.

— Heróis primeiro — disse Mel Harper.

Foi complicado subir o final da escadinha sem poder usar as mãos para se equilibrar, mas Adrian conseguiu fazer isso sem cair de cara no chão. Ele se viu no campanário, onde havia dois sinos enormes suspensos nas aberturas junto às paredes externas. As janelas ali não tinham vidro, para permitir que o badalar ecoasse pelo bairro ao redor.

Quando havia um bairro ao redor.

Lá no alto, os sons da guerra eram mais pronunciados, cada golpe no escudo enorme reverberando pelas tábuas do assoalho. Explosões. Batidas e impactos. Um estalo regular que acertava o domo repetidamente. Adrian não conseguiu deixar de se perguntar que tipo de dano os Renegados poderiam ter provocado se não tivessem sofrido tantas perdas na arena. No fim das contas,

ele estava orgulhoso de ouvi-los lutando de forma tão feroz.

Ele foi levado até uma janela, onde um dos sinos menores estava pendurado alguns metros acima, onde podia ver o terreno morto e destruído. A barreira de Ace subia algumas dezenas de metros acima, bloqueando a cidade. Bloqueando o céu.

Para sua surpresa, Abelha-Rainha apagou a lanterna. Embora não estivesse um breu total, estava escuro o suficiente para, por um momento, Adrian mal conseguir enxergar os contornos dos Anarquistas. Nova acendeu alguns dos microssinalizadores e os jogou pela janela. Alguns caíram no telhado inclinado da catedral abaixo, alguns na arcada ampla que acompanhava o lado norte da igreja. Outros caíram na terra estéril lá embaixo. Embora tenham conseguido afastar um pouco das sombras mais escuras, a luz fraca só serviu para deixar a atmosfera ainda mais ameaçadora.

Ao perceber que a atenção de Nova estava na frente da catedral, Adrian seguiu o olhar dela e viu figuras surgindo nos telhados das duas torres a oeste que ladeavam a entrada da grande catedral. Seu sangue ficou gelado quando ele viu Fobia entre elas.

O próprio Ace Anarquia apareceu, reconhecível pelo elmo que parecia emitir um brilho suave próprio. O vilão levantou os braços de forma dramática, e Adrian sentiu Nova e Abelha-Rainha ficarem tensas ao seu lado.

Os escombros que tinham sido reunidos para formar o domo começaram a tremer. Filetes de poeira caíram.

Bem à frente, virado diretamente para a fachada ocidental, um facho de luz apareceu inesperadamente na base da barreira. Não luz do sol, mas algo branco, ofuscante e artificial, como se houvesse um holofote gigante voltado para a barreira. Como portas gigantescas se abrindo, a parede se moveu dos dois lados da abertura. Metal e madeira e pedra rasparam na superfície, se dobrando para dentro até um túnel em arco se abrir entre a área estéril e o mundo lá fora. Adrian apertou os olhos por causa do facho inesperado de luz abrindo caminho direto pela entrada da igreja.

Por um momento, tudo ficou imóvel. Adrian se perguntou o que os Renegados fariam com aquele convite, que só podia ser uma armadilha.

Assim que o caminho se abriu, o ataque no domo externo parou. Um

silêncio intenso preencheu o espaço. Adrian sentiu os pelos do braço se arrepiarem, a apreensão pairando no ar como uma carga elétrica.

Eles esperaram. Na imobilidade, ele ouvia a respiração de Nova. Apesar de estar ao lado dele, ela parecia tomar o cuidado de não tocar em Adrian, e, estranhamente, ele traduziu isso como sinal de que ela ainda gostava dele. Adrian sentia uma percepção apurada da proximidade dela e não pôde deixar de acreditar que, se não sentisse nada por ele, Nova não estaria tomando um cuidado tão grande de evitar um roçar ocasional de pele.

Adrian se obrigou a parar antes que seus pensamentos pudessem seguir por esse caminho, porque essas ideias geravam uma série de perguntas incômodas sobre seus próprios sentimentos, perguntas que ele não estava preparado para encarar. Não com Nova usando uma jaqueta preta com capuz e segurando uma arma apontada para as suas costas.

Engraçado, pensou Adrian, como, na época da prisão dela, ele estava pronto para interpretar a relação dos dois como apenas um jogo para Nova, mas agora se via resistindo à ideia. Talvez, depois de já ter passado por essas dúvidas, seu coração estivesse se recusando a passar por elas de novo. Talvez a negação fosse mais fácil.

Seus pensamentos perigosos foram interrompidos por uma risada cruel de Mel Harper.

— Bingo — sussurrou ela.

Uma figura tinha aparecido na abertura. Uma única silhueta, uma que Adrian reconheceu imediatamente. Ombros largos acentuados pelas ombreiras da armadura. Braços e pernas musculosos usando lycra apertada. Cabelo dourado cintilando na luz, sem nenhuma mecha fora do lugar.

Capitão Cromo entrou, a cabeça altiva ao passar pelo túnel e adentrar a área devastada. Ele estava carregando uma corrente longa de cromo em uma das mãos e a Lança de Prata na outra, a própria imagem do super-herói que tinha subido ao poder na Era da Anarquia.

Assim que ele atravessou o limite da barreira de Ace, o muro rugiu e se fechou atrás dele. Um grito enfurecido pôde ser ouvido dos Renegados que ficaram para trás do outro lado, e Capitão Cromo fez uma pausa. Quando se deu conta de que estava sozinho, ele empertigou os ombros e se virou para a

catedral, observando Ace Anarquia e os vilões reunidos nas torres da frente.

Ele parou na metade do caminho e enfiou a ponta do pique no chão. Parecia pronto para destruir os Anarquistas sozinho, e Adrian quase acreditava que ele era capaz.

— Olá mais uma vez, meu querido amigo — disse Ace, a voz ecoando na câmara ampla. — Está sentindo falta de alguma coisa? Ou… de alguém?

Se a provocação teve efeito no Capitão, era impossível dizer. Ele manteve o olhar grudado em Ace Anarquia, tranquilo e inabalado.

— Nós já tivemos essa luta muitas vezes, Alec — respondeu ele. O silêncio, combinado com o domo fechado, fez um eco que espalhou a voz dele até o topo da torre do sino. — Vamos mesmo passar por isso de novo?

— Ah, espero que sim — disse Ace. — Meu plano é que teremos um resultado diferente desta vez.

— Você sabe que não tem como me derrotar.

Ace riu.

— É revigorante ver que sua arrogância não mudou em todo esse tempo. Vamos relembrar: na última vez em que estivemos aqui, você só me superou com a ajuda de um *bebê*.

Adrian tremeu ao ouvir a menção a Max.

— Isso não faz sentido — disse o Capitão Cromo. — Você sabe que não pode me matar. O que está esperando conseguir aqui?

— Bem, pra começar — disse Ace —, eu tenho fantasias antigas de te acorrentar num tanque e te ver submergir até o fundo do mar, pra nunca mais se ter notícias suas.

— Só pra você ter controle sobre uma cidade que não te quer?

— Eu fico satisfeito com vingança neste momento. Vingança por dez anos sendo impotente enquanto *você* corria por aí minimizando quem somos e do que somos capazes. Seus testes transformaram prodígios em atrações de circo, e a forma como você puxa o saco da imprensa é nojento. Você liga mais pra sua própria reputação, pra aprovação dos cidadãos, do que pra cuidar da sua cidade. E talvez isso tenha ido bem por um tempo. Você foi idolatrado. Foi adorado. Mas como está a situação ultimamente?

— Meu trabalho é deixar este mundo mais seguro pra todo mundo, civis e

prodígios — disse o Capitão. — O que seria bem mais fácil se nós não tivéssemos que ficar nos defendendo de vilões como vocês!

— Esses civis nos tratavam como abominações! — rugiu Ace. — Você não lembra como era antes de eu decidir que estava na hora de algumas mudanças? Eles nos caçavam! Nos torturavam! Matavam bebês inocentes, só por medo do que eles poderiam se tornar! E vão se virar contra nós de novo, se não os colocarmos no lugar deles.

— Que lugar é esse? Devemos escravizá-los para os nossos propósitos, então?

— Por que não? — perguntou Ace. — Você sabe que é o que eles teriam feito conosco se pudessem.

O Capitão balançou a cabeça.

— Com você no poder, tudo que as pessoas conheceram foi medo. Eu me esforcei pra resolver suas confusões. Não vou deixar que você faça isso de novo!

Ace fez um ruído de deboche.

— Admito que cometi alguns erros, mas aprendi com eles. Não basta destruir a ordem mundial existente. Você precisa destruí-la… e reconstruir o mundo de acordo com sua visão.

— Não, Alec. Nós recebemos um dom. Temos que usar esses dons pra melhorar a sociedade, não só pra inflar nossos egos. Não apenas pra nos botar em pedestais.

Ace riu, achando graça.

— Muito engraçado ouvir isso vindo de você. Eu não me lembro de nenhum momento em que não tenha se colocado em um pedestal. Além do mais… você está enganado, meu velho amigo. Nós não temos obrigação de usar nossos poderes pra ajudar as pessoas deste mundo, não depois do que fizeram com a gente. Nossa única obrigação é com nós mesmos. E quando os prodígios não forem mais governados por medo ou *códigos* arbitrários, vão reconhecer o lugar deles. Em breve, nós estaremos em uma segunda Era da Anarquia, mas desta vez não seremos vilões. Nós seremos deuses!

O Capitão balançou a cabeça.

— Você está louco, Alec. Você não tem como me derrotar.

— Eu não preciso te derrotar, meu velho amigo. Você vai derrotar a si mesmo. Em pouco tempo, vai saber o que é se sentir impotente, assim como me deixou tantos anos atrás. Cianeto, você pode fazer as honras?

Cianeto enfiou a mão em um bolso interno do sobretudo. Capitão Cromo ficou tenso e apertou os olhos. O vilão tirou uma coisinha do bolso e a ergueu.

Adrian se inclinou para a frente.

— É uma garrafa?

Abelha-Rainha fez *shhh* para ele.

A garrafa saiu da mão de Cianeto e foi enviada flutuando até o Capitão lá embaixo. Hugh rosnou e se preparou, apontando o pique para a garrafa quando ela chegou perto do rosto dele.

— Meu químico-chefe destilou uma remessa particularmente potente da substância que vocês chamam de Agente N — disse Ace. — Nós queríamos fazer um experimento pra ver se você é mesmo invencível ao seu próprio veneno. Você só precisa… beber.

— Por que eu faria isso?

— Porque, se não fizer — disse Ace lentamente —, nós vamos matar seu filho.

Isso também não gerou reação no Capitão, que já deveria estar esperando aquilo. A voz dele permaneceu firme, ainda que com um tom novo de desafio.

— Eu imagino que ele já esteja morto.

— Você acha que eu desperdiçaria um refém como esses? — Ace moveu o braço na direção da torre do sino. — Veja bem. São e salvo.

Abelha-Rainha acendeu o lampião e encheu o campanário com uma luz sutil e firme, chamando a atenção do seu pai para eles. O rosto do Capitão foi tomado de alívio.

— Eu estou bem! — gritou Adrian. — Não se preocupe comigo!

Ele ficou surpreso com a confiança na própria voz.

Ao seu lado, Nova ergueu a arma para que o pai dele pudesse ver e a apontou para a têmpora de Adrian.

Adrian virou a cabeça para olhar para ela e não se afastou nem quando o

cano frio encostou na sua testa.

— Você não está me enganando com isso — disse Adrian.

Ela o ignorou, concentrada na cena abaixo.

Ace riu.

— Como você pode ver, ele *não* está bem. O que significa que você tem uma decisão a tomar. Sacrificá-lo para proteger seus próprios poderes ou se sacrificar pra salvar o garoto que criou desde pequeno, que já sofreu tanto na jovem vida. É uma escolha difícil. Vamos ver o quanto você realmente se importa com o *bem maior*.

Hugh observou a lateral da torre e o telhado da catedral, e Adrian conseguia imaginá-lo tentando encontrar outra solução. Um jeito de ser o herói como sempre era.

— Não perca seu tempo — disse Ace. A garrafa balançou no ar. — Esse acordo tem prazo de validade. Além do mais… pode ser que nem te afete. Sua invencibilidade pode persistir. Como vamos saber se não tentarmos?

— Não! — gritou Adrian. — Não faz…

Abelha-Rainha segurou a cabeça dele e bateu na moldura da janela. Ele grunhiu e caiu apoiado em um joelho, a cabeça ecoando como o sino acima. O golpe reverberou pelo seu crânio até os dentes.

Ela o segurou com a cabeça inclinada por cima do parapeito.

Adrian estava prestes a levantar o queixo de novo, preparado para mostrar a Mel e a Nova, a Ace e ao seu pai, como ele podia ser desafiador, quando ouviu um clique e sentiu a arma sendo encostada na cabeça.

Ele soltou uma risada seca.

— Para com isso, Nova.

— Fica quieto — rosnou ela.

Adrian ergueu a cabeça o máximo que conseguiu. Hugh estava olhando para ele com horror pulsando por baixo da fachada firme.

Talvez ele tivesse se engando de novo. Talvez Nova o matasse.

Talvez isso também fosse uma espécie de justiça própria. Ele tinha confiado nela tão profundamente. Ele a tinha recebido de braços abertos nos Renegados, sem hesitação. Começado a se apaixonar por ela. Foi em parte por causa da cegueira dele que ela conseguiu provocar tanto sofrimento.

Adrian se obrigou a ficar calmo. Deixou o corpo relaxar. Ergueu o queixo e encostou a nuca com força na arma. Sustentou o olhar do pai e tentou transmitir o que os dois sabiam que era verdade.

Hugh Everhart não podia se sacrificar. Se Adrian ia morrer hoje, precisava morrer sabendo que os Renegados seguiriam em frente. Que deteriam Ace Anarquia. Que acabariam com aquela guerra entre heróis e vilões… de novo. De uma vez por todas.

Adrian desejou poder transmitir aqueles pensamentos para o pai. Acreditava nele e na organização que ele tinha criado, mesmo tendo lutado contra tantas das suas regras. Ele não tinha medo de morrer. Era um super-herói. O filho de Lady Indomável… e também de Guardião Terror e de Capitão Cromo. Estar preparado para se sacrificar pelo bem maior fazia parte do emprego.

E os dois sabiam que Adrian não era o super-herói de que aquela cidade precisava. Capitão Cromo era.

Enquanto olhava, ele viu uma coisa surgir no olhar do seu pai. Um pedido de desculpas?

Ele enfiou o pique no chão, pegou a garrafinha no ar e soltou a tampa com o polegar.

— Não! — gritou Adrian.

Seu pai virou a cabeça para trás e bebeu.

Com o coração disparado, Adrian ficou olhando, todos ficaram olhando Capitão Cromo virar a garrafa para mostrar que estava vazia antes de largá-la no chão.

Eles esperaram.

Adrian se perguntou quais seriam as indicações físicas. Os músculos começariam a murchar? A corrente e a lança de cromo derreteriam, como tinha acontecido com o heliotrópio de Ruby?

Capitão Cromo arrancou a lança do chão e a segurou enquanto os segundos se passavam.

Dez.

Vinte.

Trinta.

O ar voltou para os pulmões de Adrian e ele se viu rindo quando a verdade ficou clara para todos.

Não tinha funcionado.

A invencibilidade dele tinha aguentado.

— Que decepcionante — disse Ace. — Mas há mais de um jeito de destruir um herói. — Ele indicou a torre do sino. — Pesadelo, você já foi obrigada a ver seus entes queridos serem assassinados na sua frente por causa da negligência deste homem que se diz herói. Hoje, você vai ter sua vingança! Hoje, o Capitão Cromo vai conhecer a dor que você sentiu quando também testemunhar a morte da pessoa mais preciosa para ele. Eu sentencio Adrian Everhart à morte! Pesadelo, pode fazer as honras.

— NÃO! — gritou Hugh.

Quando Adrian levantou a cabeça, se recusando a se acovardar perante seu destino, Capitão Cromo ergueu o braço e arremessou a lança com toda a sua força extraordinária na direção da torre.

Na direção de Nova.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



NOVA CAMBALEOU PARA LONGE da janela na mesma hora em que Adrian empurrou a lateral do corpo dela com o ombro, derrubando-a no chão. O dardo voou por cima da cabeça de Adrian, errando por centímetros, e se alojou em uma das vigas de madeira que sustentavam os sinos. Uma nuvem de poeira explodiu pela torre.

Tonta com a onda de adrenalina, Nova se apoiou nos cotovelos e olhou para Adrian.

Ele a encarou, parecendo tão surpreso quanto.

Mel Harper riu.

— O que foi *isso*? Você salvou a vida dela? Ah, querido, se você não fosse tão repugnantemente nobre, até eu meio que estaria apaixonada por você agora.

Adrian não afastou o olhar de Nova.

— Ela salvou a minha vida uma vez — explicou ele. — Algumas vezes, na verdade.

Nova engoliu em seco. Do lado de fora, ela ouviu o Capitão, ainda gritando. O som estava carregado de raiva e medo e da promessa de aniquilar qualquer um que encostasse um dedo no filho dele.

Nova recuperou o fôlego e se obrigou a afastar o olhar de Adrian e de todas as emoções no rosto dele. Da intensidade, da abertura.

Ela salvou minha vida uma vez…

Ela não tinha largado a arma, embora a mão estivesse tremendo quando ficou de pé e voltou para a janela. O Capitão estava correndo na direção da entrada da catedral. Os vilões estavam imóveis nas torres ocidentais, vendo-o chegar. Nova não sabia se estavam nervosos por esse herói supostamente invencível estar pronto para demolir a igreja em busca de Adrian, mas ainda estavam em maior número e tinham a vantagem do terreno mais alto e a familiaridade com a catedral e… Ace.

Eles ainda tinham Ace.

Mas Ace não estava prestando nenhuma atenção no seu arqui-inimigo, Nova percebeu, sobressaltada. Ele estava olhando para *ela*. A boca se moveu, mas, com o barulho alto, ela não conseguia mais ouvi-lo. Ele franziu a testa e chamou Megafone.

Um momento depois, a voz de Megafone explodiu pelo espaço apertado.

— Você queria uma execução, não queria? Que seja!

Ace assentiu para Nova.

Tremendo, ela ergueu a arma. Adrian não se moveu quando ela mirou na têmpora dele de novo.

O coração de Nova estava ricocheteando dentro do peito.

Capitão Cromo soltou outro grito de guerra. Arrastando a corrente atrás de si ao correr, parecia que ele pretendia destruir a igreja, pedra por pedra. Qualquer coisa para deter Nova. Qualquer coisa para manter Adrian em segurança.

Ele foi parado quando uma série de pedaços de madeira se desalojaram do domo e caíram na frente dele.

Ele rugiu e, com um único soco, a primeira viga se partiu. O Capitão pegou outra e jogou de lado, depois firmou a mão na terceira viga e saltou por cima como se fosse um corredor olímpico. Mas, para cada obstáculo que ele saltava, outro estava pronto para assumir o seu lugar. Pneus de borracha. Portões de ferro. Blocos de concreto.

Ace estava brincando com ele. Não estava preocupado de seu antigo rival estar usando toda a força que tinha para chegar à igreja, para chegar a Adrian.

Ace lançou outro olhar interrogativo para Nova, esse carregado de desconfiança.

Ela ajustou a arma na mão. Botou o cano na pele de Adrian. Ele estava virado para a frente, o foco grudado na luta abaixo. Seus óculos tinham escorregado um pouco no nariz. Nova viu a curva dos cílios dele quando ele piscou. O subir e descer regular dos ombros.

Puxa o gatilho, Nova.

A arma ficou pesada. O cabo pareceu grudento na palma da mão dela.

Adrian abriu os lábios. O olhar dele se desviou na direção dela. Ele ainda estava sem camisa, as feridas ainda sangrando pela gaze, e ela sabia que ele devia estar com dor. Mas ele estava tão imóvel. Tão firme.

Só esperando.

Puxa o gatilho.

— O pai dele fez a escolha por você, pequena Pesadelo.

Ela levou um susto. Ace estava no ar, levitando sobre o telhado íngreme da nave.

— E agora — continuou ele —, nós temos que cumprir nossa palavra. Não fazemos ameaças vazias.

Ela tentou assentir, mas não sabia se tinha conseguido. Desta vez, não olhou para Adrian. Seria mais fácil assim. Não vê-lo. Não sentir a respiração dele se movendo por ela. Não lembrar as batidas regulares do coração dele na vez em que ela encostou a cabeça no peito dele.

Os lábios dela se moveram desta vez, dizendo as palavras para si mesma. *Puxa logo o gatilho.*

Isso era tudo que ela precisava fazer, e Ace ficaria orgulhoso, Capitão Cromo ficaria arrasado e os Anarquistas venceriam. A família dela finalmente venceria.

A respiração dela saiu em soluços estrangulados. Ela era a garotinha assustada de novo, olhando para o corpo inconsciente do homem que tinha assassinado sua família. Estava paralisada, sem conseguir mover o dedo, fazer a pequena ação que vingaria a morte da família dela.

Seu pai. Sua mãe. Evie. Tudo que ela amava roubado dela de forma tão brutal e inconsequente.

Seu braço começou a tremer.

Aquilo era para ser sua vingança, mas… não era a vingança que ela

desejava. Aquela dor era de um tipo totalmente novo.

Ela não podia perder Adrian também.

Um rugido veio lá de baixo, seguido de um estrondo. Ace se virou. O Capitão tinha contornado a fachada frontal e estava escalando a parede norte da catedral. O estrondo tinha sido uma estátua de um santo sendo jogada no chão, a pedra se estilhaçando.

As mãos do Ace se curvaram em garras. Ele desceu até um dos contrafortes de pedra, rosnando quando o Capitão se jogava de um pilar até um arco de janela, de uma gárgula até um remate. Cada vez que caía em algum lugar, ele abria um buraco novo nas pedras, formando apoios de mão para si enquanto ia subindo mais.

Ace levantou as mãos na direção do Capitão, mas Nova não saberia o que aconteceu em seguida.

Alguém arrancou alguma coisa de seu cinto. Ela ofegou e se virou. Mel tinha pegado sua faca.

— Por todos os esquemas diabólicos — disse Mel. — Se você não consegue fazer, eu faço!

Mel pegou a testa do Adrian e puxou a cabeça dele para trás. Esticou a mão e se preparou para passar a faca pela garganta dele.

— Não! — Nova pegou o braço de Mel e tentou arrancar a faca dela. As duas giraram, ela trincou os dentes e empurrou Mel na parede. — Por favor.

Foi um apelo patético, uma súplica, um apelo desesperado.

A expressão da Mel foi de sobressalto, mas logo se fechou. Ela empurrou Nova, que cambaleou, mas recuperou o equilíbrio. Ela ainda estava com a arma, mas não a apontaria para Mel. Sua aliada. Sua amiga.

— Eu achei que a gente já tinha superado isso — rosnou Mel. — Ele é um Renegado, Nova. É um *deles*.

— Eu sei — respondeu ela, a voz soando fraca mesmo para si. — Eu sei.

Foi tudo que conseguiu dizer. Porque Mel estava certa. E não havia como Nova explicar naquele momento que não se importava. Não podia nem pedir a Mel para não fazer mal a ele. Não podia sugerir que o soltassem, pois para onde ele iria? E o que Ace pensaria?

Mas… mesmo assim.

Mesmo assim.

Ela achou que conseguiria. Achou que sim… por Ace. Pelos Anarquistas. Pela família. Por aquele mundo. Ela conseguiria se fosse isso o necessário para a visão do Ace se tornar realidade. Para os Renegados serem destruídos de uma vez por todas. Para todos os prodígios se libertarem da tirania. Para o equilíbrio de poder voltar na direção de um equilíbrio real.

Mas ela havia se enganado.

Ela não podia matá-lo.

Não conseguia.

E também não podia ficar ali e assistir a outra pessoa matando-o. Não aquele garoto, que tinha lhe dado um sono tranquilo e sem sonhos. Que tinha lhe dado uma estrela. Que tinha lhe dado esperança.

Não ele. Não Adrian.

O rosto de Mel se contorceu.

E Nova ouviu os zumbidos.

Ela mal tinha inclinado a cabeça quando a primeira vespa pousou acima do cotovelo dela e enfiou o ferrão na pele.

Nova tinha visto as abelhas da Mel trabalhando, tinha ouvido os gritos de sofrimento… mas nada a tinha preparado para aquilo. Foi como um prego quente sendo enfiado na pele.

Nova gritou. A arma caiu no chão.

Um segundo ferrão perfurou sua coxa. Um terceiro embaixo da omoplata. Um quarto na panturrilha. Cada um era mais doloroso do que ela poderia ter imaginado. E elas continuaram vindo. Agulhas ardentes sendo enfiadas nela sem parar.

— Para! — berrou ela, caindo encostada na parede. — Mel… para!

Todos os instintos a mandaram fugir, se jogar da torre para fugir dali. Mas um pensamento a mantinha ali, apesar da dor. Se ela fugisse, Mel ia matar Adrian.

— *Por favor* — suplicou ela, batendo em uma vespa vermelha. — Mel… — Ela ofegou quando um ferrão entrou no seu peito. — Isso é errado, Mel! Nós não precisamos… mais… lutar com eles!

— É mesmo? — gritou Mel. — É sério que você achou que ficaria com

um deles pra ser seu namorado? Ou que perdoaria o pai Conselheiro dele? Você nunca entendeu, Nova. Você sempre foi jovem demais pra entender.

Outro ferrão penetrou na pele macia atrás da orelha de Nova. Ela tentou cobrir a cabeça e o pescoço enquanto lágrimas quentes borravam sua visão. Ela as sentia em toda parte. Não só os ferrões venenosos, mas as patinhas andando pela pele, as asas batendo no cabelo, o zumbido ensurdecedor em volta.

Sua visão turva pousou na pele exposta do tornozelo da Mel. Seu poder pulsou pelo corpo, mais desesperado do que ela já tinha sentido antes.

Só precisava tocar nela…

Ela se jogou para a frente com o braço esticado.

Mel levantou o pé e pisou com o salto nas costas da mão de Nova. Nova gritou.

— Bela tentativa — disse Mel. Ela levantou o sapato e chutou a mão de Nova. — Ace te deu uma ordem e, se você não é capaz de cumpri-la, eu vou fazer isso. O Capitão Cromo tirou tudo de nós. Tudo! E agora… — Ela se virou para Adrian, ainda encostado na parede, as mãos amarradas nas costas. — Agora eu vou tirar tudo dele.

Ela pulou.

Adrian chegou para o lado. Mel bateu no parapeito da janela e derrubou o lampião. O fogo se apagou ao cair e o lampião rolou uma curta distância no piso de madeira, derramando óleo. Mel virou, brandindo a faca sem graciosidade pelo ar. Adrian continuou recuando, desviando dos golpes dela da melhor forma que pôde, observando os passos nas tábuas irregulares. A lâmina roçou no ombro dele.

Nova tentou se concentrar, mas seus pensamentos estavam embotados de dor, os movimentos involuntários enquanto ela se contorcia e se debatia, tentando desesperadamente escapar do enxame.

Seu olhar incerto pousou na arma.

Seu cérebro estava lento pela dor, porque seu corpo inteiro parecia estar queimando por dentro.

As costas de Adrian bateram em um apoio de madeira embaixo dos sinos.

Mel sorriu.

Adrian se curvou para a frente de repente, gritando de dor. Uma vespa preta estava andando no ombro dele. Ele se virou, tentando tirá-la dali… e foi direto para cima de Mel.

Um uivo saiu da garganta de Nova. Ela levantou a arma, com suor pingando no olho.

Outro ferrão afundou no pulso de Nova.

Mel ergueu a faca e se preparou para enfiá-la no peito de Adrian.

Nova firmou a mandíbula para não emitir outro grito e puxou o gatilho.

O coice a jogou na parede de pedra. A arma voou da mão dela, ricocheteou em um dos sinos menores com um estrondo alto e caiu pela janela da torre.

Nova caiu de lado, quando outro ferrão entrou em seu joelho, e choramingou, desejando que aquilo parasse, suplicando para que parasse.

De repente, parou.

Não a dor, mas a saraivada de ferroadas, pelo menos.

Nova soltou um soluço e tremeu quando as vespas cobrindo seu corpo começaram a levantar voo.

Elas voltaram para a Mel. Voltaram para a rainha, cujo corpo estava caído todo torto no piso velho de madeira. Uma pequena poça de sangue estava se formando embaixo do cabelo louro dela. Nova piscou para afastar as lágrimas e viu as abelhas andarem pela pele da Mel. Elas pareciam a estar inspecionando.

Nova começou a tossir. Usou a manga para limpar o catarro do nariz. Ela não parava de tremer. Não conseguia pensar muito além da dor que se espalhava pelo seu organismo. Seu corpo parecia uma série de feridas abertas cobertas por ácido.

Uma das abelhas se afastou de Mel, zumbiu na direção dos sinos centrais por um momento e ficou esperando lá, insegura. Nova gemeu e se encolheu para longe, apavorada, mas a abelha não deu atenção para ela. As outras também começaram a abandonar o corpo da Mel. Só algumas poucas no começo, depois mais, dezenas de cada vez, se dispersando pelas janelas abertas da torre. Abandonando a catedral. Abandonando a rainha.

Só quando o último zumbido tinha sumido foi que Nova teve certeza de

que Mel Harper estava morta.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



NOVA APOIOU A BOCHECHA no piso áspero de madeira e chorou. Ela estava ciente apenas da ardência, da dor e do latejar. Queria poder fazer a si mesma dormir. Preferia ficar inconsciente e vulnerável a ter que aguentar aquilo. Preferia estar morta.

Algo estalou no chão e bateu na barriga dela.

Tremendo, Nova abriu os olhos inchados e viu a faca. Adrian estava se aproximando dela de joelhos. Quando chegou bem perto, ele se deitou com o rosto a centímetros do dela. Havia tanta preocupação estampada nas feições dele que ela começou a chorar ainda mais.

— Nova — disse ele. Com gentileza. Suavidade. — Eu posso te ajudar, mas você precisa me soltar. Pode fazer isso?

Ela virou a cabeça e tossiu no piso. As palavras dele soaram distantes. Impossíveis. Ela nem achava que conseguia se sentar, menos ainda usar uma faca. Menos ainda fazer algo de útil.

Mas tinha que fazer alguma coisa. Não podia ficar deitada ali chorando.

— Eu sei — sussurrou ele, encostando a testa na dela. — Eu sei.

Ela fungou. Engasgou-se mais um pouco. Assentiu, trêmula.

Embora sua pele estivesse pegando fogo, e os músculos, duros como pedra, ela apoiou os cotovelos por baixo da testa e se obrigou a se levantar, mas parou e se apoiou de lado no chão. Engoliu um grito de dor quando cada movimento fazia o veneno arder pelas veias de novo.

Adrian se sentou para ela poder ver suas mãos. Ela olhou para a corda pelo que pareciam séculos. Sua visão estava embaçada. Sua mente se recusou a funcionar.

— A faca? — disse Adrian.

Nova a pegou e segurou com uma das mãos com toda a força que conseguiu. Com a outra, apoiou os pulsos de Adrian e começou a cortar. Demorou uma eternidade, mas Adrian foi paciente. Ele virou o corpo da melhor forma possível para facilitar para ela, embora as amarras devessem estar cortando seus braços.

Quando o último pedaço de corda caiu, Nova largou a faca e desabou com um gemido. Adrian se virou e a tomou nos braços. Ela não conseguiu retribuir o abraço, só esconder o rosto no espaço entre o pescoço e o peito dele. Estava chorando de novo.

Com um braço em volta dela, Adrian botou a outra mão na cintura, procurando algo no cinto dela.

Uma gargalhada gorgolejada e histérica saiu dela quando passou pela sua cabeça que aquilo, tudo aquilo, podia ser apenas Adrian se preparando para traí-la. Ele poderia matá-la com facilidade ou amarrá-la com a corda ou pegá-la no colo e jogá-la da torre.

Ela provavelmente merecia.

Mas Nova sentiu o toque de uma caneta na pele embaixo da orelha. Adrian se moveu de leve e ela o sentiu desenhar na sua nuca. Depois de um momento, sentiu uma coisa fria, úmida e calmante pressionando a ferida.

Ela suspirou, praticamente em êxtase com a sensação de conforto.

— O Amuleto da Vitalidade está te protegendo — disse Adrian. — Senão você já estaria morta com tanto veneno no organismo.

— Parece que estou morrendo — disse ela, as palavras arrastadas em algo que era quase incoerente.

— Sinto muito que não faça mais pra aliviar a dor, mas, acredita em mim, seria pior sem ele.

Adrian abriu o zíper da jaqueta dela, despiu-lhe os ombros, tirando os braços das mangas, com cuidado. Ela choramingou cada vez que o tecido encostou na pele inchada.

Depois de deixar a jaqueta de lado, ele mexeu o corpo dela para que Nova ficasse aninhada nele enquanto ele desenhava nos braços dela. Nova observou em silêncio enquanto Adrian usava a caneta, a mesma em que Nova tinha instalado um compartimento secreto de zarabatana, para desenhar uma lágrima gorducha em volta de cada ferida inchada e depois massagear com carinho usando o polegar. O rabisco virou um unguento fresco com o toque dele. Depois, ele desenhou uma série de curativos e cobriu cada ferroada.

— É uma pomada contra o veneno — disse Adrian, terminando o primeiro braço e começando uma lágrima nova no outro. — Mel e anti-histamínico. E isto — ele desenhou outro curativo — é uma compressa gelada, pra diminuir o inchaço e a dor.

Os cílios dela se fecharam. Ainda estavam úmidos e pesados das lágrimas, mas ela não estava mais chorando. Embora seu corpo doesse e ardesse, a dor no pescoço e nos braços já tinha diminuído bastante.

— Tudo bem — disse ele, terminando com os braços. Ele inclinou a cabeça e ela sentiu que ele a estava observando, mas manteve a atenção nas compressas que agora cobriam seus membros. — Onde mais?

Ela fez uma careta, se inclinou para a frente e levantou a camisa para que ele visse as ferroadas nas costas. Ele desenhou em cada uma delas, de forma regular e meticulosa, e, quando chegou a hora das pernas, Adrian olhou para o outro lado enquanto ela tirava a calça, chiando e se contorcendo o tempo todo. Ele entregou a jaqueta para ela se cobrir o máximo que pudesse enquanto tratava as feridas, mas Nova sentiu que a modéstia era tanto para o benefício dele quanto para o dela. Ela não ligava para o que ele veria desde que fizesse o sofrimento passar.

Ao longe, ela reconheceu a cacofonia estrondosa de uma batalha. Embora parecesse a quilômetros de distância, ela sabia que estava bem mais perto do que isso. Não parecia que os Renegados tinham rompido a barreira improvisada sobre a catedral, e ela imaginava os vilões nas torres ocidentais, esperando para ver se a estrutura de Ace aguentaria. Prontos para defender o território recém-conquistado com as próprias vidas se necessário.

Esse era o plano. Caso os Renegados atravessassem a muralha de Ace, os vilões defenderiam a catedral a todo custo. Ace insistiu que eles não podiam

perder o santuário. Os Renegados estavam fracos, de qualquer modo. Quase metade deles tinha sido neutralizada. Manter a catedral seria fácil.

Nova se viu torcendo para que os Renegados não conseguissem entrar. Ela não aguentava a ideia de outra batalha em que todo mundo ia perder.

Quando Adrian terminou, a dor tinha se tornado uma vibração distante e embotada pelo seu corpo.

Novamente, Adrian lhe deu privacidade quando ela se levantou e vestiu a calça, ocupando-se com os próprios ferimentos. Nova passou as costas das mãos pelas bochechas.

— Obrigada — murmurou Nova, e sentiu lágrimas surgindo de novo. Lágrimas de gratidão, mas também de culpa. Parte dela queria se deitar no piso sujo e antigo e não fazer nada além de chorar até aquela provação horrível acabar. Ela mal se aguentava de pé. — Você não precisava… depois de tudo… — Ela escondeu o rosto nas mãos. — Eu não sei mais o que estou fazendo. Não sei o que é certo e errado e…

— Nova, para. Me escuta. — Adrian segurou os pulsos e afastou as mãos dela do rosto. — Eu nem consigo imaginar como foi sua vida, mas nada disso importa agora. O que importa é que você é boa e forte e corajosa e está disposta a lutar pelas pessoas de quem gosta. Certo?

Ela olhou para ele, sem saber direito se aquela descrição dela era precisa. Quem ela *era*? Quem tinha se tornado?

— Oscar e Danna estão em algum lugar lá embaixo. E o meu pai… — A voz dele tremeu. Parecia que uma eternidade tinha passado desde que o Capitão Cromo tinha escalado a parede da catedral para tentar chegar a Adrian.

Ele estava lutando com Ace, talvez naquele exato momento.

Mas ele era invencível. Ace não tinha como fazer mal a ele.

Certo?

— Me ajuda — disse Adrian. — Ace Anarquia quer que todo mundo morra. Por favor, me ajuda a detê-lo.

— Ele é meu tio — sussurrou ela.

— Ele é um Anarquista.

— *Eu sou* uma Anarquista.

— Não. Você é uma Renegada.

Ela fez uma careta.

— Adrian…

— *É*, sim, Nova. Se não acredita, você vai ter que confiar em mim.

Ela hesitou. As palavras dele a lembraram o que Ace tinha dito no que pareciam ser séculos antes. *Você não pode confiar neles, Nova. Você não é um deles, por mais que deseje o contrário.*

Mas ela confiava no Adrian. Sempre tinha confiado. Mesmo ele sendo um Renegado. Mesmo não tendo contado para ela sobre o Sentinela. Ela confiava nele.

Ela só não sabia como era possível que ele ainda confiasse nela.

— Adrian, eu preciso que você saiba que sinto muito. Por tudo. Não foi tudo mentira. Meus sentimentos por você…

Adrian aninhou o rosto dela nas mãos.

— Eu sei. E, quando isso tudo acabar, nós vamos ter uma conversa séria sobre guardar segredos um do outro.

Ela riu, embora tenha sido um som nervoso.

— Como você pode ainda confiar em mim? Depois de tudo?

— Nós não temos mais nada sobre o que mentir, certo? Você é a Pesadelo. Eu sou o Sentinela. Ace Anarquia é seu tio. Você e eu podemos ser arqui-inimigos. Mas… — Ele deu de ombros, um pouco triste. — Por acaso eu ainda quero te beijar.

A pele dela ficou arrepiada.

— Quer?

— Tanto quanto sempre.

E ele a beijou.

O beijo foi mais carinhoso do que os beijos apaixonados que eles tinham trocado antes, cheios de fome e urgência. Foi mais paciente. Mais consciente.

Totalmente desprovido de segredos.

Ele começou a se afastar, mas Nova o impediu, passou um braço pelo pescoço dele e o puxou para juntar os lábios aos dela de novo. Ela derreteu junto a ele. Um beijo com mais palavras do que tinham tempo para dizer.

Ela não conseguiu afastar a emoção sufocante da voz quando eles se

separaram, a descrença e a esperança que explodiam dentro dela.

— Eu tinha certeza de que você ia me odiar quando descobrisse a verdade.

Adrian fez uma careta.

— Eu tentei no começo. Mas é como você falou. Todo mundo tem um pesadelo. — Ele encostou a testa na dela. — Talvez eu queira que você seja o meu.

O coração dela inflou, mas ela não conseguiu segurar um sorriso provocador quando chegou para trás.

— Você está guardando isso há um tempo, não está?

— Só há algumas horas. — Ele sorriu. — Mas estou feliz de ter tido a oportunidade de usar.

Nova ficou tentada a beijá-lo de novo quando passos soaram abaixo. O barulho seguiu pela escada de madeira. O alçapão se abriu e Leroy apareceu, ofegante.

— O que está… — Ele parou. Sua atenção foi de Adrian para Nova, para Mel e para as tábuas encharcadas de sangue. O lado direito do rosto dele se contorceu de fúria quando ele se jogou no chão da torre. — Sai de perto dela! — gritou ele, pegando um dos frascos presos numa bandoleira que tinha no peito.

— Leroy… — disse Nova, dando um passo na direção dele. — Espera!

Adrian levantou a mão para interceder.

Leroy soltou a rolha do frasco e o jogou por cima do ombro de Nova.

Nova se virou a tempo de ver um muro cintilante sair da palma da mão do Adrian, como o que tinha protegido a ele e seus pais na arena. O frasco de Leroy se estilhaçou nos tijolos invisíveis, pintando-os com uma mancha de líquido amarelo que chiou e estalou.

Nova se encolheu com o odor rançoso de ácido de tormiceno, uma das misturas favoritas do Leroy. Era conhecido pelas bolhas imediatas que fazia na pele humana, que começariam a apodrecer em uma hora.

— Leroy, escuta, por favor. Para…

— Ele está te manipulando, Nova — disse ele. — Fazendo lavagem cerebral pra você pensar que eles são bonzinhos. Confia em mim. Ele só liga pra salvar a própria pele. — Ele empurrou Nova para longe. Para longe dele,

para longe de Adrian.

O muro tremeluziu, a parede dourada se dispersou no ar, e Adrian deu um passo hesitante para a frente.

— Eu não estou manipulando ninguém. Eu gosto da Nova e acho que você também. Se nós pudéssemos…

— Conversar? — sugeriu Leroy com uma risada aguda. — Como você conversou com a Mel, que amava a Nova como se fosse uma filha?

Nova balançou a cabeça.

— Mel tentou matar…

Ela não conseguiu terminar. Em um piscar de olhos, Leroy jogou um segundo frasco; não em Adrian desta vez, mas no chão perto dos pés dele, onde uma poça de óleo do lampião quebrado tinha se formado.

Assim que as duas substâncias se misturaram, elas explodiram com a força de uma banana de dinamite. O piso antigo de madeira desmoronou como um lenço de papel. Adrian berrou e caiu.

Nova gritou e tentou pular para pegá-lo, mas Leroy a segurou, envolvendo com os dois braços a cintura dela para segurá-la. Ela ficou olhando, ofegante, enquanto o corpo de Mel caía no buraco, enquanto madeira e pedra afundavam em volta deles e nuvens de poeira subiam no ar, invadindo seus pulmões.

— Ele é nosso inimigo, Nova. Você precisa entender. Espero que entenda um dia.

Soou um baque pesado abaixo, uma série de estrondos… e uma figura apareceu no buraco. Adrian, praticamente voando. Ele caiu com força apoiado em um joelho na borda do abismo. O piso estalou e gemeu com o peso dele.

— Não, Leroy — disse Nova, a voz carregada de emoção. — Eu espero que você entenda um dia.

Ela passou os dedos na mão encouraçada dele.

— Nov…

Ela não viu se o rosto dele mostrava raiva ou traição. Só deixou que ele caísse no chão, os braços escorregando da cintura dela, e mergulhou para Adrian.

— Espera! — gritou Adrian, tarde demais, a palavra abafada pelo barulho de madeira se partindo e estruturas gemendo. Ele pegou Nova nos braços. O canto do piso, comprometido por causa dos produtos químicos, começou a ceder. — Aguenta firme!

Eles caíram. A explosão tinha perfurado o andar mais alto da escada de madeira, deixando uma confusão de pontas afiadas e vigas abaixo. Lascas de madeira e pedra choveram em volta da cabeça de Nova e ela passou os braços pelo pescoço do Adrian, se preparando para a queda acabar. Ela viu o corpo da Mel na plataforma de madeira seguinte.

Nova olhou para cima, para onde ouvia sinos tocando, e viu o corpo de Leroy escorregando na beirada.

Leroy, inconsciente, caindo.

— *Não!*

Adrian bateu na plataforma de madeira com um impacto que sacudiu seus ossos. Ele usou o impacto para subir de novo. Pareceu que eles estavam voando. Suas cabeças se chocaram com detritos caindo. O ar assobiou pelos seus ouvidos. As janelas estreitas da torre ficaram embaçadas na visão dela.

Com um braço em volta de Nova, Adrian usou o outro para segurar Leroy pelo tronco. Eles saíram do piso destruído e caíram juntos até a borda do campanário, onde uma pequena parte do piso ainda não tinha cedido às vigas fracas. Nova caiu de lado com um estalo doloroso. O corpo de Leroy bateu na parede de pedra embaixo de um dos sinos externos.

— Esse piso não vai aguentar — gritou Adrian enquanto o gemido delator de madeira e pregos ecoava abaixo deles.

Ignorando as costelas latejando, Nova se levantou e esticou a mão para a janela aberta. Com a argamassa e as pedras, foi fácil encontrar apoios para os dedos, e em segundos tinha subido até a barra que sustentava o sino enorme de bronze. Balançou com o peso dela, o sino tocando como um alarme.

Apertando os olhos em meio à fumaça e aos escombros, ela viu que Adrian estava com Leroy por cima do ombro enquanto usava o pique de cromo que tinha se alojado numa viga acima para subir na enorme estrutura de madeira no centro da torre.

— Não machuca ele, por favor — disse Nova, se segurando nas paredes

para manter o equilíbrio.

Leroy começou a escorregar. Adrian o pegou por pouco e grunhiu com o esforço. Ele conseguiu botar Leroy na viga antes de subir também. Curvado de exaustão, ele olhou para Nova.

Nuvens de poeira giravam no ar em volta deles. A madeira continuou gemendo e grunhindo nos andares abaixo.

— Você está bem? — perguntou Adrian.

Ela riu e tirou a franja da testa.

— Não — disse ela. — Leroy é como um segundo pai pra mim. — Ela hesitou e acrescentou: — Ele e o Ace.

Adrian a encarou.

— Não quero parecer cruel, mas acho que a gente precisa arrumar exemplos novos pra você.

Ela amarrou a cara.

— Seus pais também não são perfeitos.

— Eu sei que não, mas, caramba. — Ele indicou o corpo inerte de Leroy.

Nova ajustou o equilíbrio para não se sentir tão instável, os tornozelos presos nas laterais do sino.

— Eu sei que pode não parecer agora, mas ele é um cara legal… — Ela parou de falar, se perguntando como nunca, em todo o tempo em que percebeu que estava se apaixonando por Adrian, considerou como seria se ele conhecesse Leroy e o resto da "família" dela. Nunca valeu considerar porque ela sabia que aquilo jamais aconteceria.

— Bom — disse Adrian com uma risadinha seca —, espero que a gente tenha chance de se conhecer, então.

Ela se concentrou nele de novo, grata por não ter descartado a ideia imediatamente.

— Obrigada por não deixá-lo cair.

— Nós ainda não estamos seguros. — Adrian olhou para o buraco irregular abaixo. — Eu vou ter que me transformar. Sou mais forte com a armadura do Sentinela. Vou conseguir levá-lo para baixo com segurança, mas não sei se consigo levar os dois de uma vez.

— Eu consigo descer — disse Nova, verificando se a bolsinha com as

luvas estava presa no quadril. — Só me deixa recuperar o fôlego primeiro.

Pelo menos o corpo dela não estava mais latejando pelas ferroadas de vespa, percebeu ela, apertando a mão sobre a blusa no local onde o Amuleto da Vitalidade estava escondido.

As coisas podiam estar piores.

— Nova? — perguntou Adrian. A expressão dele era de preocupação. — O que Ace está planejando? Para que isso tudo?

— Ele quer destruir os Renegados, principalmente o Conselho, para podermos tomar o controle da cidade. Ele vê os Renegados como tiranos que estão oprimindo os outros prodígios e… e fica dizendo que nós vamos ser deuses.

Adrian bufou com desprezo.

— E ele chama meu pai de arrogante.

Um estrondo súbito sacudiu a torre. Nova deu um gritinho, certa de que a conclusão da explosão faria a torre cair em volta deles. Ela olhou para o telhado da catedral e seu coração subiu para a garganta.

Capitão Cromo estava em cima da torre sul, segurando o pináculo alto com uma das mãos enquanto girava a enorme corrente no ar com a outra. Ace estava levitando acima do pico do telhado, usando seus poderes para arrancar gárgulas de pedra da arquitetura e arremessá-las no inimigo. O Capitão estava tentando acertar Ace com a corrente enquanto bloqueava os ataques constantes.

Nova tremeu. Não por ver os dois em batalha, mas porque Ace estava gargalhando enquanto arrancava as telhas.

— Minha obra de arte, tão recentemente reconstruída e tão facilmente destruída de novo! — disse Ace, parecendo mais alegre do que consternado. — A única coisa que importa agora é que vocês Renegados fiquem enterrados embaixo dos escombros. Vai ser um final adequado depois do que vocês fizeram comigo dez anos atrás!

— Nova — disse Adrian —, a gente tem que impedi-lo. Você sabe disso, né?

Ela ficou com a boca seca.

Era impossível. Eles? Impedirem Ace Anarquia?

Mas ela sabia que ele estava certo.
Chega de heróis.
Chega de vilões.
Inspirando, trêmula, ela o encarou e assentiu.
— Eu sei.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

UM GRITO SOBRESSALTADO CHAMOU a atenção de Adrian para os pináculos da catedral. Seu pai estava caindo, despencando do telhado inclinado. Ele se segurou em um arcobotante e ficou pendurado por um momento antes de se erguer. Com um grunhido, arrancou uma gárgula de boca aberta da estrutura e jogou na cabeça do Ace. Foi desviado com facilidade. Ace nem piscou. Mas, no mesmo momento, o Capitão atacou com a corrente e acertou Ace no peito. O vilão foi jogado para trás, as costas batendo no interior do domo improvisado.

— Ace não consegue controlar as armas do seu pai, não é? — perguntou Nova.

Adrian balançou a cabeça.

— Nunca conseguiu. Não são feitas de metal comum.

— É, eu sei. Sua família é meio assustadora.

Adrian olhou para ela.

— A *minha*?

Ela ousou mostrar um toque de sorriso. Adrian hesitou e começou a rir. Foi uma risada longa, cansada e ofegante.

— Eu vou me transformar no Sentinela agora — disse ele, levando a mão ao esterno. — Tem certeza de que consegue descer?

Nova abriu um sorrisinho.

— Você não sabe com quem está falando?

Ela começou a remexer em uma bolsinha no cinto quando o barulho de madeira se partindo e metal gritando sacudiu a torre. Os dois sinos gigantescos no centro do campanário estavam sendo arrancados da moldura de madeira.

Adrian puxou o zíper no esterno e, em segundos, a armadura o tinha engolido. Ele pegou o corpo inconsciente de Cianeto e o jogou no ombro quando uma série de parafusos de aço se soltou e caiu nas profundezas da torre estripada.

Ele pulou da viga, conseguindo por pouco se segurar direito no sino ao lado do que Nova estava usando como apoio. Balançou com o peso dele e o badalo bateu nas laterais. Ele se pendurou na barra de sustentação enquanto a outra mão segurava o peso morto de Cianeto e olhou para trás a tempo de ver os sinos centrais se virando para cima e puxando os apoios de forma não natural. A madeira cedeu com um estalo trovejante e os sinos voaram direto para a parede lateral. Adrian se segurou com mais força quando os sinos explodiram pela parte externa de pedra do campanário com uma cacofonia ecoante. Pedras e argamassa voaram para fora e caíram no telhado enquanto os sinos voavam pelo ar na direção do Capitão.

Seu pai se apoiou no alto do arcobotante. Ele se abaixou e o primeiro sino passou por cima da cabeça dele e se espatifou no domo, depois levantou as duas mãos e segurou a borda do segundo sino. O badalo bateu na parede de bronze. Usando o impulso do sino, ele girou e o jogou no Ace.

Ace desviou. O sino passou a centímetros dele e se chocou com a barreira. Uma chuva de detritos caiu no chão.

Adrian ainda estava segurando Cianeto, ainda olhando os sinos, quando a torre começou a gemer.

Já tinha aguentado o máximo de destruição que podia.

Ele olhou para Nova… mas ela não estava mais na janela.

— Nova? — gritou ele, procurando no interior da torre, mas não havia sinal dela. — *Nova!*

O telhado acima cedeu. O pináculo alto caiu para a frente, despencou pelas janelas demolidas e partiu traves e vigas. O peso desequilibrado iniciou uma reação em cadeia que puxou as paredes fracas. Pedras caíram no vão.

Decorações de gesso se soltaram e desapareceram no abismo abaixo.

Adrian ainda estava procurando Nova freneticamente quando o parapeito em que ele estava empoleirado se inclinou e ele caiu.

Por favor, ah, por favor, que ela não esteja fazendo nada imprudente agora, pensou ele, vendo a aproximação rápida do telhado da catedral e tentando determinar um lugar seguro no qual pular. Ele ajustou o braço segurando o vilão inconsciente, murmurando para ninguém especificamente:

— Aguenta aí…

Eles se chocaram com o telhado, que cedeu com o peso. Pedaços da torre caíram em volta, bateram no traje de Adrian, e ele fez o possível para proteger Cianeto dos escombros.

Ele tentou virar o corpo para apoiar as pernas embaixo dos dois e poder usar a mola para absorver o choque do impacto, mas não houve tempo. Eles caíram em um piso de pedra dentro da catedral, pousando com um baque que ricocheteou pelo seu corpo todo. O resto da torre desmoronando caiu pelo telhado fraco e destruiu a parede norte da igreja. Ela explodiu para fora e se espalhou pelo terreno. Os sinos restantes caíram com tanta força que abriram crateras no chão e quebraram pedras.

Adrian estava no meio dos destroços, cada centímetro do corpo doendo.

— Nova — grunhiu ele. Ele verificou se Cianeto estava bem antes de se levantar, trôpego. Mal conseguia enxergar com a nuvem de poeira ao redor. — Nova!

— Eu estou… bem.

Essa foi a resposta fraca. Com o coração saltando, Adrian andou pelos escombros na direção da voz dela.

Ele estava a uma distância curta quando um sino que tinha caído de cabeça para baixo rolou da parede de pedra em que tinha se chocado e acertou o chão com um ruído metálico.

— *Ai* — gemeu Nova.

Adrian ficou paralisado. Ele se inclinou para olhar melhor e lá estava ela. O corpo aninhado dentro do sino de bronze, os braços e pernas apoiados nas laterais curvas.

— Nova — sussurrou ele, chegando para a frente e a ajudando a sair. Ele a

puxou junto ao peito, embora o abraço não fosse igual agora que ele estava de armadura.

— Seu traje me deu a ideia — disse ela, a voz abafada junto ao peitoral.

— Genial — respondeu ele. — Você se machucou? — Depois de um momento de consideração, ele acrescentou: — Muito?

Nova grunhiu, mas disse:

— Não muito. Leroy?

— Ele está vivo. A gente tem que encontrar um lugar para colocá-lo antes que tudo isso desmorone.

Nova se afastou e tirou alguns escombros do capuz enquanto Adrian limpava poeira do visor do elmo. Eles observaram os destroços. A torre do sino que tinha desmoronado abriu um buraco naquela parte da catedral, demolindo quase todo o canto nordeste.

O corpo de Adrian permaneceu tenso, esperando a próxima catástrofe acontecer. Mas só houve o craquelar contínuo de poeira e detritos.

— Nós podemos botar Leroy dentro de um dos sinos — sugeriu Nova. — Acho que ele vai caber, vai ser o lugar mais seguro que a gente vai conseguir encontrar.

Cianeto coube dentro do sino, embora provavelmente fosse acordar com um torcicolo horrível depois.

— Então — disse Adrian, vendo Nova pegar alguns frascos na bandoleira de Cianeto e enfiá-los em um bolsinho do cinto. — Como a gente detém o Ace?

O rosto dela se franziu. Ele demorou um segundo para lembrar que ela não via o rosto dele por trás do visor. Ele apertou um botão na lateral do elmo para abrir a proteção facial.

— Desculpa.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei se Ace pode ser impedido, não enquanto estiver com o elmo. A não ser que possamos encontrar uma forma de neutralizá-lo.

— Tem mais Agente N?

Ela pensou nisso.

— Você ainda está com a minha caneta? Eu tenho um dardo com Agente

N na câmara.

— Está aqui. Se a gente conseguir te levar até o telhado, você acha que consegue chegar perto o suficiente para usar?

— Talvez — disse Nova. — Mas se ele perceber o que estamos tentando fazer… vai quebrar o dardo como se fosse um graveto.

— Se alguém é capaz de fazer isso, esse alguém é você.

Ela olhou para ele de esguelha.

— E Oscar e Danna? — perguntou ele. — Onde eles estão?

— Foram trancados na tesouraria quando isso tudo começou. Vem.

Ela o levou por um lance curto de escadas e por um corredor curvo, passando por uma capela que era só um pouco menos assustadora do que aquela onde ele tinha ficado antes.

Nova ficou paralisada, olhando para a sala adjacente à capela. Antes havia portas de vitral ao redor, mas o vidro tinha se espatifado todo. O aposento estava vazio e arrumado comparado com a destruição no resto da catedral. E estava desocupado.

— Eles estavam aqui — disse Nova, as botas esmagando vidro quebrado.

Adrian reparou em cordas cortadas jogadas no chão.

— Devem ter encontrado uma forma de fugir.

Nova não pareceu convencida.

— Talvez.

Eles trocaram um olhar carregado de uma pergunta.

Encontrar Oscar e Danna… ou tentar impedir Ace Anarquia?

Adrian suspirou e tentou guardar uma esperança no fundo da mente de que seus amigos estivessem bem, onde quer que estivessem.

— O telhado?

A expressão de Nova endureceu e ele reconheceu a mesma determinação que fez seu coração saltar quando ele a viu nos testes.

Ela assentiu.

— Vamos acabar com isso.

Os dois correram pela capela, mas, quando estavam passando pelo coral, um grito agudo fez os dois pararem. Adrian olhou pela parede na direção do altar.

Ele ofegou e puxou Nova de volta para o corredor.

— O que é? — perguntou Nova.

— Pássaros!

Ela hesitou só por um momento, empurrou o braço de Adrian e olhou.

O santuário que cercava o altar estava cheio de corvos negros enormes. Em toda parte, olhos pretos brilhantes, bicos pretos afiados, pés pretos. Eles estavam empoleirados nas amuradas que separavam o santuário do coral, nas decorações dos grandes pilares e nos parapeitos altos que iam até o teto abobadado. As asas negras batiam no ar enquanto os corvos voavam pelo espaço, como uma nevasca escura como tinta. Um clamor de grasnidos furiosos ecoava pelo aposento.

No centro do tumulto, agarradas uma à outra na base do altar estavam Danna e, quem imaginaria, *Narcissa*. Danna estava encolhida em posição fetal, a cabeça no colo de Narcissa enquanto ela tentava se proteger com os braços. Narcissa estava com um braço em volta dela, embora seu rosto estivesse pálido de pavor e o outro braço ficasse se balançando no ar para afastar os pássaros.

Não estava adiantando. Eles enfiavam as garras nos membros das duas. Bicavam as pernas de Danna.

— Ah, para com *isso* — suplicou Narcissa para ninguém. — Pássaros eram uma coisa de que eu *não* tinha medo!

Adrian ainda estava tentando entender o que via quando uma figura surgiu de trás de um pilar, portando um castiçal antigo como espada. Oscar rugiu grosseiramente para o bando, tentando afastá-lo enquanto ia na direção do altar.

— Monarca! — gritou ele. — Você precisa se levantar!

Assim que Oscar subiu na plataforma, os corvos convergiram em um redemoinho, prendendo os três dentro de um funil. As asas e corpos eram tão densos que pareciam impenetráveis.

E aí, os pássaros pegaram fogo.

— É o Fobia — disse Nova. — Danna tinha medo de pássaros e eu tenho quase certeza de que Oscar tem medo de fogo.

A pele de Adrian se arrepiou com a menção do assassino da sua mãe, o

fantasma que era tão bizarramente parecido com seu pesadelo de infância.

— Eu preciso de algo em que desenhar — disse ele, pegando a caneta de Nova. — Nós precisamos de água. Uma mangueira ou sprinklers?

Nova fez uma careta.

— Ele só vai se transformar em outra coisa.

— Então o que a gente faz?

— Não sei. Ele não é um prodígio normal. Até onde eu sei, ninguém nunca conseguiu machucá-lo, não com armas nem superpoderes. — O olhar dela ficou intenso. — Mas… Adrian… se você o *fez*…

— Isso não é verdade! — disse ele rispidamente.

Nova se encolheu.

— Tudo bem — disse ela, apaziguadora. — Mas estou dizendo que, se por um acaso foi você, será que não tem um jeito de você o destruir?

— Só que eu não…

Narcissa gritou, um som de pura agonia, quando o fogo chegou mais perto. Adrian nunca teve certeza do quanto a habilidade do Fobia era mera ilusão, mas a dor da garota pareceu bem real. Ele se encolheu.

— Eu não o criei e, mesmo que tivesse criado, não saberia como detê-lo.

— Bom, começa a pensar em algo — disse Nova. — Uma coisa que eu sei é que o melhor jeito de lutar contra o Fobia — ela empertigou os ombros — é sendo corajosa. — Ela desceu a escada para o santuário e parou virada para as chamas ardentes. Eram tão intensas que Adrian precisou abaixar o visor de novo para poder olhar, mas Nova nem se encolheu.

— Nova? — Ele sentiu o calor das chamas mesmo com a armadura, e ela estava bem mais perto do que ele. Estava impressionado por ela aguentar.

Aí ela entrou no fogo.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



—NOVA! — GRITOU ADRIAN… e seu grito rompeu o silêncio repentino e inesperado. O furacão de chamas havia desaparecido tão rapidamente quanto tinha começado.

Nova, incólume, estava a uma curta distância dos outros, abraçados no chão. O rosto deles estava pálido, os cabelos encharcados de suor.

Quanto tempo Fobia tinha passado atormentando-os? Há quanto tempo eles estavam tentando enfrentar seus maiores medos enquanto o Anarquista os exauria lentamente com suas maiores fraquezas?

BAM.

Todos pularam ao ouvir o tiro. Foi alto de estourar os tímpanos, e Adrian se virou, tentando encontrar a fonte, com a certeza de que o som tinha sido disparado a centímetros da cabeça dele. Mas o santuário estava vazio.

BAM.

Nova choramingou, o que atraiu a atenção de Adrian de volta para ela. Os olhos dela estavam bem fechados e ela estava tremendo da cabeça aos pés, as duas mãos segurando a cabeça.

BAM!

Uma sombra surgiu na frente de Nova. Por um momento, Adrian viu o contorno irregular de Fobia se formando, capa ondulando, a foice afiada, mas ele se metamorfoseou em outra coisa em seguida.

Um homem. Um homem enorme, bem mais alto do que o corpo pequeno

de Nova. O queixo dele estava coberto de barba por fazer. Ele tinha cabelo claro preso na base da nuca. Havia uma mancha de sangue seco na testa.

Ele estava segurando uma arma, encostada na testa de Nova.

Um ódio como Adrian nunca tinha sentido cresceu dentro dele e, quando se deu conta, estava atacando o homem pela lateral do corpo. Os dois caíram. O homem bateu de costas ao lado do altar, mas o impulso de Adrian o jogou rolando pelo chão. Ele acertou uma coluna, que sacudiu com o impacto da armadura.

Do outro lado do santuário, Nova soltou o ar, trêmula, e caiu de joelhos.

O homem começou a rir. O corpo dele se dissolveu em filetes de fumaça escura antes de se reformar em uma capa preta comprida. A arma se alongou em um cajado com lâmina curva.

— Mestre Everhart — disse Fobia, a voz rouca fazendo Adrian se contorcer de repulsa. — Eu tinha esperanças de que nossos caminhos se cruzariam novamente antes do fim desta noite.

Adrian se levantou, uma das mãos apoiada em um armário com entalhamento detalhado. Ele espiou a escuridão onde um rosto deveria estar e se deu conta de que aquele era o momento que ele tinha passado anos imaginando. Havia encontrado o assassino da sua mãe. A justiça estava ao seu alcance.

— Você matou minha mãe — disse ele por entre dentes. A imagem surgiu espontaneamente na cabeça dele. O corpo quebrado da mãe, o grito silencioso. Ele foi tomado de medo de novo, mas precisava ganhar tempo. Precisava pensar.

Atrás de Fobia, ele viu Nova mandando os outros correrem. Narcissa pareceu gostar da ideia, mas Oscar e Danna estavam olhando para Nova sem acreditar. Eles não confiavam nela. Por que confiariam?

Mas, por outro lado… como tinham passado a confiar na caminhante de espelhos?

— Matei — disse Fobia. — Talvez tenha sido minha morte favorita. Você sabe qual era o maior medo dela?

Adrian apertou as mãos.

— É fácil de adivinhar. Mães sempre têm medos tão previsíveis. — As

palavras transbordavam repulsa e tédio. — Ela temia perder você. Temia que esse mundo sombrio e cruel fosse estragar o filhinho querido dela. Que o estragasse ou matasse, o que viesse primeiro. — Ele riu. — Quer saber qual foi a última coisa que ela viu?

Adrian não disse nada.

— *Eu.*.. segurando o corpo do filho dela morto nos meus braços. Nem precisei dizer nada. Ela deu uma olhada, começou a gritar e… desistiu. Acho que talvez tenha esquecido que sabia voar. — Ele estalou a língua, decepcionado. — O grito dela foi uma sinfonia. Ouço até hoje.

Com um rugido gutural, Adrian pegou o armário estreito ao seu lado e o jogou em Fobia.

O vilão se dissolveu antes do impacto e desapareceu em uma nuvem de fumaça. O armário caiu de lado, a porta se abriu e uma variedade de cálices e urnas se espalharam pelo chão.

Fobia reapareceu acima do altar.

— Você é muito parecido com ela, sabia?

Adrian arrancou uma estátua de uma alcova próxima e também a arremessou. Fobia a bloqueou com o cabo da foice e fez a figura de mármore deslizar até o coral.

— Você também tem medo de perder as pessoas que ama. É um medo comum. Compartilhado por prodígios e humanos. Mas, pra você, tem um elemento a mais de… responsabilidade. Seu maior medo é perder seus entes queridos sem que você possa impedir.

Adrian deu um salto e pulou no altar. Desta vez, levou a mão ao pescoço de Fobia, como se para estrangulá-lo, mas, novamente, o vilão sumiu assim que foi tocado.

Ele reapareceu atrás de Danna e segurou a testa dela com a mão esquelética. Puxou-a com força para junto da capa e virou a foice para que a ponta da lâmina ficasse encostada no ponto mais macio da base da garganta.

— Não há nada tão debilitante — sussurrou Fobia — quanto ver uma pessoa amada sofrer.

Adrian invocou o raio de energia do braço e só depois lembrou que Abelha-Rainha tinha cortado a tatuagem da pele.

— Não!

Rosnando, Danna segurou dois dedos esqueléticos de Fobia e os dobrou para trás com o máximo de força que conseguiu. Os dedos se quebraram na mão dela. Fobia chiou e seu aperto afrouxou o suficiente para ela fugir. Assim que Danna se afastou, uma saraivada de estrelas cortou a capa de Fobia. Ele desapareceu no ar, assim como os ossos que Danna tinha arrancado da mão dele. As estrelas bateram na parede do outro lado do santuário, uma se alojando na argamassa, as outras duas quicando e deslizando pelo chão.

— Danna, Oscar, saiam daqui! — gritou Nova. Ela passou correndo pelo altar e pegou as estrelas. — Vocês não são mais super-heróis, e ele só vai ficar usando vocês contra o Adrian se não forem embora!

Oscar olhou para ela com expressão exausta e se virou para Adrian.

— Desculpa, a gente está fazendo isso de novo?

— O quê? — perguntou Adrian.

— Confiando nela! — gritou Oscar.

Antes que Adrian pudesse responder, Fobia surgiu de novo, bem acima de Oscar. Ele levantou a foice e Adrian ofegou, já visualizando a lâmina cortando o pescoço do amigo.

Mas um grito de guerra ecoou pela câmara e Danna veio correndo pelo corredor. Ela se jogou em uma série de saltos que a levaram para debaixo do braço esticado de Fobia. Aconteceu tão rápido que só quando Danna subiu em um canto e derrubou velas apagadas foi que Adrian percebeu que ela tinha roubado a foice.

— Podemos não ser mais prodígios — disse Danna, lançando um olhar na direção de Nova —, mas ainda somos super-heróis.

— Que gracinha. — Fobia apontou um dedo pálido na direção dela e a foice se tornou uma serpente se contorcendo na mão de Danna. Ela gritou e a largou. Assim que a criatura bateu no chão de pedra, se transformou em um milhão de aranhas pretas, que saíram correndo em todas as direções. Narcissa e Oscar gritaram.

As aranhas se mesclaram com a capa do Fobia e ele pareceu ficar mais alto, como se estivesse sugando as sombras ao redor.

A mente de Adrian procurou opções. Ele podia pular bem alto, podia levantar coisas pesadas, podia bater com a manopla em paredes de concreto, podia… desenhar coisas. O que ele poderia desenhar? Tudo parecia inútil com Fobia.

— Tudo bem, *Pesadelo* — disse Oscar, a voz carregada de desdém. — Você deve conhecer a fraqueza dele, né? Como a gente derrota esse cara?

Fobia continuou crescendo, a escuridão o cercando como uma névoa. Seu corpo se esticou para cima até ele parecer ocupar todo o santuário. Era um gigante composto de sombras e fumaça, prestes a engolir todos eles.

— E aí? — perguntou Oscar.

Nova balançou a cabeça.

— Não sei.

O pânico dela era evidente.

Como se mata um fantasma? Como se mata um pesadelo?

— Útil, como sempre — murmurou Oscar.

— Eu mandei vocês fugirem! — gritou Nova.

Adrian deu um passo para trás e esticou o pescoço quando a forma enorme do Fobia se expandiu, um buraco negro vivo sugando a luz do aposento. A foice estava na mão dele de novo, uma lâmina ameaçadora acima.

O sangue latejou nas têmporas de Adrian.

Como se mata um fantasma?

— Vocês querem conhecer medo? — disse Fobia, a voz berrando de todas as direções. A forma dele engoliu todos e bloqueou o resto do mundo. — Medo do escuro. Medo de ficar preso. Medo da morte. Sou mestre disso tudo. — Enquanto o santuário sucumbia a uma escuridão impenetrável, Adrian e os outros foram forçados a se aproximar e se juntaram no altar.

— Eu não tenho medo de você — disse Adrian, ousando dar um passo à frente nas sombras. Suas botas pesadas estalaram no piso de pedra.

— Na verdade, tem — disse Fobia com uma risada baixa e sinistra. — Mas tem mais medo ainda de saber a verdade.

Adrian hesitou.

A voz de Fobia baixou a um sussurro.

— Ou você já sabe?

Um calor subiu pelo pescoço de Adrian. Não era verdade. Não podia ser.

— Acho que eu deveria agradecer — disse Fobia. — É um dom raro conhecer seu criador.

Adrian se encolheu e colidiu com a parede.

Outro jogo, ele disse para si mesmo. Fobia estava brincando com ele.

— É impossível — disse ele. — Você teria morrido anos atrás. Teria se desfeito, como todo o resto!

— É mesmo?

O capuz do Fobia tinha chegado ao domo, e a escuridão engoliu o ambiente. Só havia sombras em todas as direções. Parecia a própria morte se fechando sobre eles, sugando o calor do ar, os sufocando lenta e agonizantemente…

— Acho que eu deveria estar morto — disse Fobia —, mas você foi inteligente na sua juventude temerosa ao me imbuir de uma fonte infinita de força. Um poço de poder infinito. Seus… próprios… medos.

Adrian tremeu.

— De que você está falando?

— Eu tinha medo de passarem, conforme você envelhecesse, mas eu não precisava ter me preocupado. Os medos podem mudar, mas não desaparecem nunca. Houve uma época em que você temia perder a sua mãe acima de tudo, mas quando esse pesadelo se tornou realidade… havia outro espreitando para assumir o lugar dele. Medo de perder sua nova família. Medo do fim dos Renegados. Medo da vitória de Ace Anarquia. Medo de sempre ficar na sombra dos seus pais. Medo de perder mais pessoas amadas. Medo de ficar fraco e impotente quando mais importava. — Ele riu, quase com prazer. — Não há fim para os seus medos, mestre Everhart, e não há fim para a vida que eles me dão.

Adrian tentou engolir em seco, mas foi como engolir um monte de areia. Ele começou a se engasgar.

A repetição persistiu no fundo dos pensamentos dele (*impossível*), mas ele sabia que era só porque Fobia estava certo. Ele morria de medo daquela verdade.

Porque, se ele tinha criado aquele monstro, isso significava que tinha

criado o assassino da sua mãe. Mas, em vez da raiva que o tinha motivado a procurar o assassino, ele agora só sentia uma perturbação e um cansaço profundos. Tinha criado aquela coisa. Em algum nível, *ele* era responsável por cada ato indescritível que o Fobia já tinha cometido. Sua imaginação tinha elaborado uma criatura desalmada e ele a soltou no mundo. Ele era o responsável por Fobia ser vilão, assassino, tudo que Adrian abominava.

Adrian trincou a mandíbula até achar que seus dentes quebrariam.

Fobia era seu pior pesadelo ganhando vida, e era tudo culpa do Adrian.

E agora, Fobia o mataria, mataria seus amigos, mataria Nova. Pessoas que ele daria qualquer coisa para proteger.

Havia uma espécie de sentido nisso. Adrian até se viu se perguntando se talvez merecesse morrer, agora que sabia que um dos seus desenhos tinha provocado tanto sofrimento. A culpa se acomodou no seu âmago.

Talvez uma morte nas mãos do Fobia fosse adequada. Ele desconfiava, embora não tivesse certeza, de que todas as suas criações fossem perecer quando sua vida terminasse. Isso ofereceria uma espécie de justiça própria se a morte de Adrian e de Fobia estivessem intrinsecamente entrelaçadas. Só faltava aquele momento de satisfação que Adrian talvez sentisse por ver o assassino da mãe liquidado de uma vez por todas. Só faltava sua vontade de vingança.

Nova acreditava que havia uma forma de Adrian destruir Fobia. Talvez fosse essa. Talvez a morte dele fosse o único jeito.

Uma gargalhada alta sacudiu as paredes.

— Ah, a doce coragem de alguém pronto para morrer — disse Fobia. — Mas não se entregue ainda às suas fantasias de sacrifício. Eu não vou *te* matar. — A foice enorme balançou preguiçosamente acima, um raio de luz prateada cintilando na escuridão. — Vou matar é a *eles*, enquanto você assiste e sabe que não pode fazer nada para me impedir.

— Não! — Adrian deu um pulo para a frente, mas caiu sobre um joelho. A escuridão tinha se adensado e se tornado tangível, deixando-o preso. Ele mal conseguia ver os rostos abalados dos seus amigos nas sombras. — Não… você não pode…

Fobia conhecia seus medos bem demais. Sabia como isso atormentaria

Adrian. Estar impotente, perder as pessoas amadas e não poder impedir, assim como tinha perdido a mãe. Suas costelas se contraíram, sufocando-o. Ele não podia deixar que isso acontecesse. Não podia deixar Fobia vencer. Tinha que haver um jeito de derrotá-lo. Ele faria qualquer coisa. *Qualquer coisa.*

De repente, ele soube.

Ou teve uma esperança.

Porque, se não desse certo, seria o maior erro da sua vida.

Tossindo contra a pressão das sombras, Adrian esticou a mão para a armadura e retraiu o traje protetor. As placas de metal se dobraram para dentro por seus membros, deixando-o com o que restava do uniforme de Renegado, ainda sem camisa, a pele pontilhada de sangue seco e os curativos que ele tinha desenhado às pressas no campanário.

— Adrian! — gritou Nova pelo vão. Ele mal conseguia vê-la na escuridão. — O que você está fazendo?

— Eu tive uma ideia — respondeu ele, abrindo a caneta de Nova, a que tinha a câmara com o dardo escondido. Ele a abriu e tirou o dardo de dentro, cheio com o líquido verde denso familiar. Sua boca ficou seca.

— Não vai dar certo! — gritou Nova. — Não desperdiça!

Adrian a ignorou, pegou do templo um tomo enorme com capa de couro e o abriu no chão. Encostou a caneta no papel e começou a desenhar.

A voz de Fobia soou estrondosa na catedral.

— Estou impressionado. — O olhar de Adrian percorreu as sombras e foi até o vazio embaixo do capuz do Fobia, que agora estava roçando nas vigas do telhado, bem acima. — Sua coragem é impressionante para criaturas tão insignificantes. Mas você sabe o que dizem sobre coragem. Quem não tem…

— … medo não pode ser corajoso, blá-blá-blá — disse Adrian, lembrando como Winston Pratt tinha debochado da frase favorita do Fobia. — Mas sabe o que dizem sobre o medo?

O capuz tremeu em volta do rosto obscurecido do Fobia.

Adrian apertou a mão no livro e tirou o desenho das páginas frágeis. Uma vara estreita, do comprimento do seu antebraço, com uma cruz achatada em uma ponta. Brilhou como uma brasa acesa no escuro.

A mão dele começou a tremer.

— Adrian — grunhiu Nova. — Isso é um *ferro de marcar*?

Adrian a ignorou e olhou para as sombras.

— Não pode ter medo — disse ele — quem não tem nada a perder.

Seu estômago se embrulhou e ele virou o ferro para si mesmo.

— Adrian! — gritou Nova, a voz carregada de pânico. — *Adrian!*

Ele se preparou e, antes que pudesse se convencer a mudar de ideia, enfiou o ferro quente na tatuagem de imunidade no peito. Um grito de dor foi arrancado dele. Quase na mesma hora, o odor enjoativo de pele queimada encheu o santuário.

Quando ele afastou o ferro, um X vermelho profundo tinha destruído a tatuagem.

Ele largou o ferro com um tremor. Sentiu-se tonto de dor de repente, com pontos brancos surgindo na visão, mas a adrenalina e a força de vontade o mantiveram de pé.

Ele fechou a mão no dardo cheio de Agente N e observou as profundezas do capuz do Fobia. O fantasma que tinha assombrado seus sonhos de infância. O pesadelo que roubara sua mãe.

O monstro que ele tinha criado.

Fobia chiou, pareceu quase preocupado por um momento, mas sua risada grave sacudiu o santuário de novo.

— Não seja tolo. Mais do que qualquer prodígio que eu já encontrei, *você* tem medo de ficar sem poderes. Você nunca…

Adrian trincou os dentes e enfiou a agulha na própria coxa.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



Adrian caiu, apoiado em um joelho, sabendo que não havia mais nada que pudesse fazer. Ou aquilo daria certo, ou ele tinha desistido de tudo por uma loucura. Por uma ideia. Ele nem sabia se era uma das boas.

Além disso, seu peito estava ardendo demais, e ele achou que talvez desmaiasse de dor e da perda de sangue, e as sombras da capa do Fobia ainda o envolviam, ainda se fechavam em volta dele e dos amigos, ainda os engolia inteiros.

Quando o Agente N começou a fazer efeito, ele estava quase fraco demais para notar. A sensação foi parecida com a de estar na quarentena com Max antes de descobrir o Amuleto da Vitalidade e fazer a tatuagem. Foi como uma fagulha se apagando dentro dele. Um arrepio percorreu seu corpo. Uma drenagem lenta de força, concentrada nas mãos. Nos dedos que tinham desenhado tantas coisas incríveis em seus quase dezessete anos.

Os dedos que tinham desenhado o próprio Fobia.

Eles formigaram e ficaram frios até Adrian quase não conseguir senti-los.

Ele ouviu uma tosse rouca.

— Não — sussurrou Fobia. — Isso não é… Você não pode…

Ele gritou quando começou a desaparecer. Sua capa sumiu como uma névoa numa brisa, uma nuvem de cinzas ondulando sobre o piso do santuário. A capa, os dedos de esqueleto, o capuz de sombras e, por fim, a foice… Uma

espiral de fumaça a girando no ar antes de desvanecer.

Adrian prendeu o ar. Contou até dez.

Fobia não voltou.

Adrian caiu para a frente. Um calor estava voltando aos dedos, mas não vinha da sensação de poder que ele conhecera a vida toda. Sabia, sem dúvida nenhuma, que poderia desenhar cem flores ou mil armas ou um milhão de dinossauros e nenhum deles voltaria a ter vida.

E tudo que ele tinha feito antes… sumiria? Todos os trabalhos que ele tinha feito reconstruindo a mansão do prefeito… a selva no porão…

Enquanto ele considerava isso, Nova ofegou e algo tilintou e caiu no chão. Ela se curvou e pegou a pulseira. O fecho estava quebrado de novo.

Mas a estrela ainda estava lá, brilhando forte, indiferente à vitória deles. Ele também tinha desenhado aquilo, mas…

Seus pensamentos travaram.

Não. Ele não tinha desenhado a estrela. No mural, a estátua estava de costas e as mãos não podiam ser vistas. A estrela era sonho de Nova, não dele.

Nova enfiou a pulseira no bolso e se agachou ao lado de Adrian.

— Não acredito que você fez isso — disse ela, inspecionando a queimadura no peito dele. — Caramba, Adrian. Um ferro de marcar?

— Foi o método mais rápido em que eu consegui pensar — disse ele. — Não é tão ruim. Acho que queimou as terminações nervosas. Sério. Quase nem estou sentindo.

Nova se sentou nos calcanhares, olhando para Adrian com algo que se parecia com assombro. Não era a primeira vez que ela olhava para ele assim, com algo mais do que admiração, mais do que respeito. Com algo parecido com maravilhamento.

Ele faria qualquer coisa para que ela continuasse olhando para ele assim.

Ele ainda estava tenso, o corpo todo contraído, esperando que Fobia reaparecesse dando a risada sombria.

Mas só o som das respirações irregulares deles persistiu e, depois de um momento, a voz de Oscar na escuridão.

— Isso foi ao mesmo tempo a coisa mais corajosa e mais burra que eu já

vi.

Adrian tentou sorrir, apesar de saber que foi um sorriso fraco.

— Eu criei Fobia. Tinha que ser eu.

Oscar abriu a boca, mas Adrian levantou a mão.

— Eu explico depois.

Oscar limpou a garganta e disse:

— A lista de coisas que você vai explicar depois só cresce. — Ele se apoiou no altar e se levantou, fraco. Quando o resto se levantou, Adrian se perguntou quanto tempo havia que Oscar estava sem a bengala.

Um ronco distante sacudiu as paredes da catedral. Adrian olhou na direção da nave. Na luta contra Fobia, ele quase tinha se esquecido de que seu pai ainda estava lá fora, batalhando com o vilão mais famoso de todos os tempos. Ele sabia que Ace Anarquia era poderoso, mas ainda era inacreditável que qualquer um pudesse ser páreo para o Capitão.

Mas ele lembrou que seu pai tinha aberto mão da arma favorita, a Lança de Prata, quando a jogou na torre. O pique devia estar enterrado debaixo dos escombros da torre.

Haveria alguma esperança de encontrá-lo? Daria vantagem ao seu pai? Ninguém poderia vencer Capitão Cromo, nem Ace Anarquia, não era?

— Adrian — disse Nova. — O Agente N acabou. A única forma de impedirmos o Ace agora é se conseguirmos pegar o elmo, mas…

— Eu tenho Agente N — disse Narcissa.

Nova ficou imóvel e depois se virou para ela.

— Tem? — indagou Adrian.

Ao mesmo tempo, Nova perguntou:

— Por que você está nos ajudando?

Narcissa cruzou os braços.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa.

— Ela ajudou a gente a fugir — disse Danna. — Quer dizer, nós só chegamos até aqui, mas ela derrubou as portas e cortou as cordas. E ela nem precisava ficar, poderia ir embora por um espelho a qualquer momento. Até onde eu sei, ela é mais de confiança do que você.

— Todo mundo aqui é de confiança — insistiu Adrian. — Estamos todos

do mesmo lado. — Ele apertou o ombro de Narcissa. — Obrigado por ajudar meus amigos.

— Eu não fiz isso por *vocês*. Eu só… — A atenção dela foi de Adrian para Nova, depois para Oscar e para Danna. Ela limpou a garganta. — Meu avô era muitas coisas pra mim, mas eu nunca pensei nele como vilão. Sei que ele fazia coisas ruins, mas só estava tentando sobreviver, cuidar de mim e da biblioteca. Acho que ele não ia querer isso pra mim e… não sei se quero participar disso. — O rosto dela foi tomado de culpa. — Mais do que já participei.

— Nós todos fizemos coisas de que não nos orgulhamos hoje — disse Nova.

— Fale por você — murmurou Danna.

— Danna está certa — disse Oscar. — Eu fui incrível hoje.

— Você disse que ainda tem Agente N? — perguntou Adrian.

Narcissa enfiou a mão em uma bolsinha na cintura e tirou um dardo cheio de líquido verde. Adrian o reconheceu como o projétil que Geladura tinha lhe dado, o que ele levou com intenção de neutralizar Ace Anarquia desde o começo.

— Eu afanei quando a gente te tirou da capela. Achei que dariam para o Cianeto, mas… — ela franziu a testa para Nova —, depois do discurso do Ace Anarquia sobre nos tornarmos deuses, eu fiquei preocupada que esse plano fosse pelos ares. Achei que poderia ser útil em algum momento, e… Eu não sabia se confiaria em ninguém mais com esse troço. — Depois de um momento de hesitação, ela ofereceu o dardo a Pesadelo. — Não me faça me arrepender disso.

— Vou fazer o possível — disse Nova, guardando o dardo no cinto. — Agora, vamos pensar em como posso chegar perto dele.

Oscar levantou a mão.

— Só para deixar claro, você está oficialmente na nossa equipe de novo, né?

— Claro que está — disse Adrian, mais na defensiva do que pretendia.

— Não — disse Danna, apertando as mãos nos quadris. — Nada de *claro que está*. Ela nos traiu. Deixou que eles nos neutralizassem! Ela não pode

simplesmente…

— Ela matou a Abelha-Rainha — interrompeu Adrian — e salvou a minha vida. Tudo bem que as coisas estão confusas agora, mas eu confio nela.

O olhar de Danna só ficou mais intenso.

Nova deu um passo à frente.

— Eu sei que não significa muito, mas me desculpa.

Danna bufou, mas Oscar fez uma careta, como se talvez o pedido de desculpas significasse *alguma coisa*.

— Olha, a gente vai ter que resolver isso depois — disse Adrian. — Vocês três — ele indicou Oscar, Danna e Narcissa —, venham comigo. Meu pai jogou a lança na torre do sino antes do desmoronamento. É a arma mais forte dele, e Ace não consegue controlá-la. Vamos ver se conseguimos encontrá-la e devolvê-la pra ele.

— Lança, torre, entendi — disse Oscar, batendo continência. Ele inclinou a cabeça para Nova. — E o que ela vai fazer?

Adrian se virou para Nova.

Ela respirou fundo para se acalmar.

— Eu talvez seja a única que pode conseguir chegar perto do Ace para neutralizá-lo. Eu tenho que tentar.

ADRIAN ESTAVA TÃO CONCENTRADO em garantir que Nova estivesse bem depois que a torre desmoronou que não percebeu o tamanho da destruição. A torre tinha caído pelo telhado do transepto, deixando uma pilha gigante de escombros embaixo de um telhado quebrado. A poeira tinha começado a baixar, mas mesmo assim Adrian cobriu a boca para não inalar muito pó enquanto atravessava o terreno difícil. Ele via a porta que levava às catacumbas, agora amplamente coberta por destroços. Alguns sinos se destacavam no caos onde tinham caído, agora silenciosos.

— Opa — disse Oscar, que tinha tirado um castiçal de piso da igreja para usar como bengala improvisada… e possivelmente arma, caso necessário. — Acho que encontrei um corpo.

Adrian se encolheu, sem querer ver Abelha-Rainha de novo. Mas Oscar tinha se agachado na frente de um sino caído, de onde um pé se projetava da abertura.

— É o Cianeto! — disse Narcissa.

Adrian assentiu.

— Ele estava tentando me matar e Nova o colocou para dormir. Nós achamos que ele ficaria em segurança dentro do sino caso a catedral desmoronasse ao redor.

Eles começaram a remexer nos escombros em busca do pique de cromo. Não demorou para Adrian perceber o quanto sentiria falta da força que acompanhava o traje do seu alter ego. Cada bloco de pedra, cada pedaço de madeira, tudo parecia mais pesado do que os anteriores. Ele já estava exausto, e não demorou para os seus músculos pedirem arrego. Adrian estava feliz de Oscar estar ali. Ele pelo menos tinha se dado ao trabalho de levantar peso na sala de treinamento. Ao contrário de Adrian, que só ficou bom mesmo em desenhar halteres.

— Ali! — gritou Danna, de pé em uma pilha de escombros.

Adrian correu para o lado dela e viu o que havia sobrado do andaime de madeira que sustentava os sinos da torre central. O pique ainda estava enfiado em um pedaço de madeira.

No fim das contas, os quatro e uma quantidade constrangedora de esforço e grunhidos foram necessários para arrancar a lança da madeira. Quando finalmente se soltou, eles caíram para trás com um grito em cima de uma pilha de pedras e cimento. Uma gárgula quebrada cutucou o quadril do Adrian. Ele chiou, pegou-a e jogou-a de volta na pilha.

— Fase um: completa — disse ele. — Agora, vamos levar para o Capitão.

Adrian começou a se levantar quando um par de pés descalços apareceu a alguns metros de distância. Ele ficou paralisado e permitiu que seu olhar subisse por uma veste dourada comprida até estar olhando o rosto de um garoto que devia ser alguns anos mais jovem do que ele. Apesar da idade, o uniforme sugeria que ele era um Harbinger, uma das gangues mais poderosas da Era da Anarquia.

Ele não estava sozinho. Vilões cercavam Adrian e seus amigos, inclusive

pelo menos um outro Harbinger, muitos dos detentos de Cragmoor que ele reconhecia da arena e dois prodígios dos quais ele se lembrava vagamente de terem sido rejeitados nos testes dos Renegados. Mas também havia alguns homens e mulheres que ele nunca tinha visto na vida. Algumas dezenas, no mínimo. Alguns carregavam armas: de fogo, de corte, um cajado alto. Mas ele sabia que a maioria não precisaria de arma.

Ele queria acreditar que os vilões tinham aparecido das sombras como Fobia, porque esse é o tipo de coisa sinistra que vilões faziam, mas, não. Ele e seus aliados tinham simplesmente ficado preocupados demais em pegar o pique e não ouviram os outros se aproximarem.

Adrian engoliu em seco, ciente demais da sua falta de superpoderes.

Ele espalmou as mãos no que esperava que fosse visto como uma súplica por paz, mas não conseguiu deixar a lança no chão, então a usou como apoio para se levantar.

— É, hum, será que você não quer calçar sapatos antes de chegar mais perto? — disse Oscar, cortando a tensão. — Tem muitas coisas cortantes aqui.

Os dois Harbingers o observaram, mas não disseram nada.

— Narcissa? — disse uma mulher mais velha com uma arma pendurada em um ombro. — Você está ajudando esse pessoal?

Adrian lançou um olhar para o lado. A caminhante de espelhos saiu do meio dos destroços e parou de frente para seus antigos aliados, a expressão consternada. Ela abriu a boca, mas hesitou.

— Está — respondeu Adrian, com tanta convicção que surpreendeu até a si mesmo. — E eu pediria a cada um de vocês para nos ajudar também. — Adrian viu algumas sobrancelhas erguidas e alguns olhares desconfiados. Mas ninguém os atacara ainda, e ele não pôde deixar de ver isso como um bom sinal. — Nós somos inimigos há muito tempo. Alguns de nós — ele olhou para os dois garotos mais novos — devem ter nascido inimigos. Nós fomos criados para odiar uns aos outros. Passei a vida toda ouvindo que os Renegados são os mocinhos e que qualquer prodígio que nos desafie é um inimigo que precisa ser destruído. Ou pelo menos trancado e isolado da sociedade. Mas e se eu estava enganado? Não quero lutar com vocês. Assim

como não quero lutar com Narcissa… e não quero lutar com a Pesadelo. — Os nós dos dedos dele ficaram brancos em volta da lança. Seus músculos se contraíram, se preparando para erguê-la para se defender, ao mesmo tempo que ele suplicava para o universo que não precisasse fazer isso. — Nós podemos parar com isso. Mais ninguém precisa morrer hoje.

Um homem riu com deboche.

— Belo discurso, Renegado. Mas é fácil fazer belos discursos quando se está em menor número.

— Odeio te dar essa má notícia — disse Danna, parando ao lado de Narcissa —, mas nós não estamos em menor número. Os Renegados ainda não ultrapassaram a barreira — ela indicou o mundo fora da catedral —, mas, quando isso acontecer, vai haver milhares de super-heróis atacando vocês, prontos para destruir tudo que virem.

— Milhares? — disse Garça. — Nós estávamos na arena. Vimos o que as abelhas fizeram com vocês.

— Nós recebemos reforços — replicou Danna. — Vieram super-heróis de todas as filiais do mundo. Não vão ficar parados vendo a Cidade de Gatlon cair. Não para Ace Anarquia.

Os vilões trocaram olhares, mas Adrian não conseguiu interpretá-los.

— Os Renegados estão certos — disse Narcissa, encontrando a voz. — Quando juntei esse grupo, prometi que encontraríamos uma forma de ter uma vida melhor. Eu ainda quero fazer isso. Ainda acredito nisso. Mas não vai ser Ace Anarquia quem vai nos dar isso. — Ela ergueu o queixo, preparada para aceitar o destino se os aliados se voltassem contra ela. — Talvez a forma de mudar as coisas seja finalmente acabando com a divisão entre heróis e vilões, em vez de nos atacarmos cegamente de novo.

— Nós sabemos, Narcissa — disse a mulher mais velha. — Acredite ou não, nós não viemos do alto daquela torre pra arrumar briga. Nem mesmo com o garoto Everhart. — Ela abriu um sorrisinho debochado para Adrian. — Nós entramos nessa cruzada louca porque já passou da hora de as coisas mudarem. Nós merecemos uma revolução, e por isso estamos dispostos a lutar. Mas Ace Anarquia… A única coisa com que ele se importa é vingança. Ele só quer saber de destruir o Capitão Cromo. Não está fazendo isso por nós

nem por um mundo melhor. Não era isso que a gente queria.

— E agora você está nos dizendo que estamos cercados de milhares de Renegados? — disse uma mulher com unhas compridas de madeira. — Bom, o que você acha que vai acontecer com a gente quando eles chegarem aqui? Pode falar o quanto quiser sobre paz e perdão. Eles vão nos massacrar assim que nos virem.

— E quem não massacrarem — disse um homem com pele amarelo-néon — vai ser enviado pra Cragmoor na hora. — Ele balançou a cabeça. — Não posso voltar pra lá. Prefiro morrer.

— Então, bonitinho Everhart das palavras bonitinhas — disse a mulher mais velha, dando tapinhas na arma no ombro. — Você tem outra alternativa pra nós? Porque não estamos querendo morrer hoje, assim como você não quer.

Adrian estava com a boca seca. Eles estavam certos. Ele poderia pedir a trégua que quisesse, mas assim que os Renegados chegassem, eles não parariam para ouvir aqueles prodígios e seus pedidos. Não ligavam para revolução, liberdade e aceitação. Aquilo era uma guerra. Os inimigos tinham que ser destruídos antes que pudessem causar mais danos.

Será que *ele* conseguiria impedir os Renegados? Conseguiria persuadi-los a deixar o ódio de lado por tempo suficiente até encontrar soluções que fossem além de morte e aprisionamento?

Não naquele dia. Não tão pouco tempo depois da batalha na arena. Não com as mortes, as neutralizações, a luta ainda acontecendo entre Ace Anarquia e Capitão Cromo. O ódio era profundo demais e uma mudança levaria tempo.

Mas as coisas tinham que mudar. E, se não fosse ele a iniciar a mudança, quem faria isso?

— Vocês podem fugir pelas catacumbas — disse ele. — Saiam pelos túneis para o metrô. Vocês estarão longe quando os Renegados perceberem. E, se nossos caminhos voltarem a se cruzar… talvez não seja como inimigos.

— Nós não podemos ir pelas catacumbas — replicou Narcissa. — Ace fechou o túnel com uma pilha de caixões de mármore. Pra chegar lá, nós precisaríamos de…

— Dinamite? — perguntou uma voz cansada e rouca.

Adrian se virou. Cianeto estava sentado de pernas cruzadas dentro do sino de bronze, os dedos batucando nos joelhos. Quando eles estavam na torre, Cianeto estava determinado a matar Adrian. Agora, ele o estava olhando com uma expressão de avaliação.

— Hã… é — gaguejou Narcissa. — Dinamite funcionaria, provavelmente.

— Infelizmente, isso eu não tenho — disse Cianeto. — Mas tenho algumas outras misturas que vão funcionar direitinho.

— Combinado, então — replicou Adrian. — Vocês vão sair daqui e, quando isso acabar, eu vou ser o primeiro entre os Renegados a defender a tolerância… ou direitos dos prodígios… ou o que for necessário pra acabar com essa guerra entre nós. De vez.

Cianeto abriu um sorrisinho torto e debochado com alguns dentes faltando. Saiu do sino, mancou na direção de Adrian e colocou a mão no ombro dele.

— Só se lembre de uma coisa. Se Pesadelo morrer lá fora hoje, eu vou te encontrar e vou mergulhar suas extremidades em um ácido que vai comer sua pele e sua carne até só sobrarem esses seus dentes perolados lindos.

Adrian apertou bem os lábios, não tanto por medo, mas para não sorrir. Era engraçado com uma ameaça pôde fazê-lo gostar de repente do sujeito.

— Entendido.

Cianeto seguiu à frente do grupo de vilões para a escadaria na direção das catacumbas.

Narcissa hesitou, dividida entre antigos e novos aliados. Foi com expressão de desculpas que ela se virou para Adrian e para os outros, com um olhar particularmente arrependido para Danna, o que fez Adrian desconfiar que o trauma das horas passadas fez mais para unir as duas do que qualquer conversa.

— Eu tenho que ir com eles — disse Narcissa. — Sei que não sou uma grande líder, mas… fiz muitas promessas quando juntei essas pessoas e quero cumpri-las. Tenho que cuidar pra que as coisas mudem pra nós, e pra melhor.

— Você vai conseguir — disse Danna. — E não vai fazer isso sozinha. — Ela esticou a mão. — Amigas?

Narcissa relaxou de alívio e apertou a mão dela.

— Amigas.

Depois que ela foi embora, Adrian falou:

— Vocês dois podem ir com eles, sabe. Talvez seja mais seguro lá embaixo.

— Até parece. Boa tentativa — disse Oscar. — Ruby está em algum lugar do outro lado daquela barreira. Quando cair, eu vou estar esperando.

Danna abriu um sorriso determinado.

— Heróis até o fim.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



Nova subiu correndo os degraus da torre noroeste. Quando chegou ao telhado, espiou por uma das janelas estreitas. Ace e o Capitão estavam em um telhado plano que exibia uma série de arcobotantes de estilo gótico. O Capitão estava de cabeça abaixada enquanto atravessava cada obstáculo que Ace botava entre eles, os punhos estilhaçando pedras e arremessando pilares grossos para o outro lado do claustro. Apesar da força, Capitão Cromo estava com o rosto vermelho, a testa brilhando de suor. Até ele estava ficando exausto dos ataques implacáveis de Ace.

Nova passou os olhos pelo patamar da escada. Um nicho de pedra abrigava a estátua de uma mulher rezando. Ela a arrancou da base e jogou na janela. A estátua explodiu pelo vitral e encheu o telhado lá embaixo de estilhaços coloridos. Ela chutou as bordas irregulares que restavam e passou para pular no telhado.

O Capitão tinha subido em um dos arcobotantes para tentar achar uma forma de chegar ao vilão.

— Ace! — gritou Nova.

Em um sinal de exaustão, Capitão Cromo levou um susto e quase caiu. Ele se segurou na cabeça de uma gárgula para se apoiar.

Nova o ignorou. Sua atenção estava no tio. Ela ainda não sabia o que diria ou faria, mas, se ia neutralizá-lo, ela teria que chegar mais perto.

Talvez ela conseguisse chegar perto o suficiente até para fazê-lo dormir, o

que tornaria tudo bem mais fácil.

Mas primeiro ela precisava que ele descesse para o telhado.

Ace olhou para ela, os olhos entreabertos de desconfiança.

— Ora, se não é a minha pequena Pesadelo. Que atencioso da sua parte se juntar a nós. — Ele olhou a torre atrás dela. — Não trouxe o garoto Everhart junto?

Nova ergueu o queixo, usando tudo que tinha aprendido nos meses anteriores sobre mentiras e traição.

— Ele morreu — respondeu, a voz rígida e calma. — Eu o matei, como você pediu. Desculpe se eu hesitei antes. Não vai acontecer de novo.

Ela viu Ace considerando as palavras. Talvez se perguntando se podia confiar nela.

— Você está mentindo! — gritou o Capitão Cromo.

Nova olhou para ele e, embora desejasse poder comunicar que, sim, estava mentindo, ela não podia arriscar fazer isso na frente do Ace.

Ela ergueu a voz. Deixou-a fria. Mais dura.

— Quando ele morreu, todas as coisas que desenhou morreram com ele. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou a pulseira, o fecho quebrado, mas a estrela brilhando mais do que nunca. — Ele consertou o fecho da minha pulseira tempos atrás. — Ela deu de ombros. — Acho que desta vez vou ter que levar ao joalheiro.

O Capitão se deixou cair no telhado, furioso, e segurou a corrente de cromo. Nova mal teve tempo de piscar e a ponta já estava voando na direção dela com tal força que provavelmente poderia ter arrancado sua cabeça.

Um pináculo de pedra se quebrou na torre atrás de Nova e interceptou a corrente, estilhaçando-se em mil pedaços.

Nova cambaleou até a parede, sentindo o vidro sendo esmigalhado debaixo das botas.

— Você ousa atacar o sangue do meu sangue? — rugiu Ace, se colocando entre Nova e o Capitão. A pulsação dela saltou com a oportunidade… mas o tio ainda estava dez passos na frente dela, longe demais para um toque.

A bolsinha com o restante do Agente N pesava no quadril dela. Ela verificou se o zíper estava aberto e começou a se adiantar enquanto Ace ainda

estava de costas.

— Chega de jogos, Capitão — disse Ace. Ele olhou para Nova. Ela ficou paralisada, sentindo-se pega, mas Ace estava sorrindo. — Sabe como minha brilhante sobrinha conseguiu pegar meu elmo? Ela me contou sobre a sua caixinha. Desconfio que você achasse que era invencível, como você… mas não era, né? Nós temos uma arma, a última que meu irmão fez, a mais poderosa.

Nova se encolheu, desejando não ter contado a Ace sobre a estrela e o que era capaz de fazer… O que ela achava que era capaz de fazer.

— Talvez — disse Ace, enunciando com cuidado — essa arma seja poderosa o suficiente para destruir até *você*. — Ace esticou a palma aberta. — Me dá a estrela, Nova.

Ela fechou a mão na pulseira por instinto.

Ace franziu a testa.

— Nova. Me dá a estrela.

A estrela pulsou novamente na pele dela, quase como um batimento cardíaco. Ou talvez fosse seu coração trovejando.

— Me deixa fazer isso — disse ela subitamente. — Meu pai deixou a estrela pra mim. E… e o Capitão Cromo precisa pagar pelo que aconteceu com a minha família.

Ace ainda parecia em dúvida, quase irritado.

— Sobrinha? — questionou Capitão Cromo, o tom cheio de descrença.

Só alguns momentos antes ele pareceu prestes a partir Nova no meio, mas agora sua cabeça estava inclinada para o lado, uma ruga entre as sobrancelhas. Olhando com atenção para Nova, como se a visse pela primeira vez.

Ace ficou tenso, como se tivesse percebido que tinha dito uma coisa que não deveria.

— Mas isso quer dizer que… você é filha de David Artino.

O nome foi um choque, vindo dele, aquele homem que deveria ter protegido sua família. Que deveria ser um super-herói.

Mas ele não tinha aparecido.

— Sim — disse ela na defensiva. — Sou.

— E eu não poderia sentir mais orgulho dela — replicou Ace, lançando um sorriso carinhoso.

Ela tentou retribuir, mas o rosto dela se contorceu em uma careta. Durante a vida toda ela desejava aqueles olhares de Ace, o reconhecimento de que tinha agido bem. Ele a acolhera, dera um lar e uma família quando tudo estava perdido. E agora ela o trairia.

Mas não havia outro jeito. Ele estava machucando gente demais. Não estava mais buscando um mundo melhor para os prodígios. Só buscava a própria vingança.

Uma raiva repentina eclipsou as feições jovens do Capitão. Ele mostrou os dentes para Ace.

— Ela sabe?

— Sabe o quê? — perguntou Ace. Baixo. Rispidamente.

O capitão berrou:

— Ela sabe que você matou a família dela?

Nova cambaleou um passo para trás.

— *O quê?* — Ela se virou para Ace, mas ele estava observando o inimigo.

— Uma mentira desesperada e patética — cortou Ace. — Ele diria qualquer coisa para nos botar um contra o outro. Qualquer coisa para se salvar.

Nova voltou a atenção para o Capitão.

— Eu vi o assassinato deles. Minha família foi morta por um invasor, um assassino contratado pelos Baratas, quando meu pai se recusou a continuar criando armas pra eles. Ace me salvou.

— Não — disse o Capitão, balançando a cabeça. — *Ele* contratou o assassino. Um mercenário sem escrúpulos que não seria conectado aos Anarquistas.

A garganta dela se apertou. Ela olhou para Ace.

— Você sabe que não é verdade — insistiu ele, mas seu olhar continuava a fugir dela. — Você sabe que eu matei os Baratas em retaliação pelas mortes do seu pai e da sua família, que eu amava.

A expressão do Capitão ficou quase gentil, pensou Nova, o que talvez fosse pior do que a raiva dele. Pior do que o choque. Ele a estava observando

com pena. Capitão Cromo, o herói que não veio salvá-los, mesmo depois de ela ter botado toda a sua fé nele… Ele *tinha pena* dela.

— Seu pai se arrependeu de ter criado o elmo — disse ele. — Se sentiu responsável pelas coisas que Ace tinha feito. Ele nos procurou e suplicou pra que impedíssemos o irmão dele. Nos contou sobre o elmo… Antes disso, nós achávamos que a força do Ace Anarquia era inerente, mas quando David explicou que a maioria dos poderes dele vinha do elmo em si, nós pudemos formular um plano pra derrotá-lo. Mas David sabia…

Ele hesitou, as feições bonitas se retorcendo de dor.

— David sabia que Ace ia querer se vingar pela traição dele. Em troca da informação, nós prometemos… proteger a família dele. — A voz dele falhou. — Mas nós fracassamos. Me desculpe, Nova. Me desculpe.

— Não! — gritou Nova, surpreendendo até a si mesma com a explosão. Lágrimas encheram seus olhos e ela as secou com as costas da mão. — Você não pode pedir desculpas! Por que você não nos salvou? — A voz dela soou alto, dez anos de fúria ardendo dentro dela. — Por que você não estava lá? *Onde você estava?*

O olhar implacável do homem.

Bam.

Sua mãe suplicando por misericórdia.

Bam.

O choro de Evie silenciado para sempre.

Bam.

— Por quê? — murmurou ela quando a primeira lágrima escapou.

— Nós estávamos lá — sussurrou ele.

— Mentiroso! — gritou ela.

A voz de Hugh Everhart permaneceu firme.

— Nós colocamos uma pessoa de vigia no seu prédio dia e noite. Por semanas.

— Não. Ninguém apareceu. Ninguém…

— Lady Indomável estava lá na noite dos assassinatos.

A respiração dela travou.

— O quê?

— Ela também foi morta naquela noite — disse ele. — E embora eu nunca tenha tido certeza, me perguntei se Ace também tinha orquestrado aquela morte. Acredito que ele tenha enviado outro vilão pra distrair a Georgia enquanto os assassinatos aconteciam.

Nova ficou tonta de repente.

Havia uma Renegada lá naquela noite? Para proteger sua família, para *protegê-la*…

Não qualquer Renegada. Lady Indomável. A mãe do Adrian.

Fobia a matou… naquela mesma noite…

Seus pulmões latejaram, expelindo ar tão rápido quanto ela conseguia inspirar.

— Me desculpe, Nova — disse Hugh de novo. — Eu fracassei com você. Fracassei com toda a sua família. Não se passou um dia da minha vida em que não tenha lamentado isso.

Nova virou a cabeça e olhou para Ace.

— É verdade?

Ele a encarou. Inabalável, inabalado. E, quando finalmente falou, foi sem remorso nenhum.

— Seu pai me traiu — respondeu ele, falando com a voz baixa e tranquilizadora que Nova conhecia tão bem da infância. — Ele vendeu meu maior segredo para o meu pior inimigo. Uma traição dessas não podia passar incólume.

Um grito saiu dos lábios dela.

— Você mandou matá-lo! — gritou ela. — E a minha mãe e — um soluço subiu pela garganta — e… e *Evie*. Como pôde?

— Eu sei — disse Ace, ainda repugnantemente calmo. — É horrível. Eu sei. Mas você sabe como nosso mundo funciona. É necessário passar uma mensagem forte para que os outros não pensem em também te trair um dia.

Nova pressionou os olhos com as palmas das mãos.

— E os Baratas? Você me disse que matou todos eles, a gangue toda, em retaliação…

— E matei, cada um deles — disse Ace. Ele deu de ombros, sem remorso. — Eu não poderia permitir que você descobrisse a verdade. Não depois de ter

visto o que você era capaz de fazer.

— O que eu era capaz de fazer! — A pulsação de Nova acelerou. — Meu pai nunca te contou que eu era prodígio, né? Porque… se você soubesse… teria tentado me transformar em vilã. — O lábio dela tremeu quando ela se deu conta de que tinha se tornado exatamente o que seu pai tinha tentado evitar. — Eu deveria ter morrido naquela noite também. Você só me salvou porque…

— Porque eu vi seu potencial — insistiu Ace. — Porque você era a minha pequena Pesadelo. Me escuta, Nova. Eu sei o quanto você amava sua família e como a tragédia de perdê-la te motivou todos esses anos. Mas, mesmo com todos os talentos que tinha, seu pai era fraco. Ele não pertencia ao nosso mundo. Sua família não era como nós. E agora… olhe ao redor. Olhe o que conquistamos juntos. Nós destruímos o Conselho. Os Renegados estão em frangalhos. Mas nós continuamos de pé, Ace Anarquia e sua Pesadelo. — Ele levantou os braços para ela. — Nós somos fortes e conquistamos hoje por *sua* causa.

O sangue dela gelou de repulsa, de consternação.

Mas, com todo o tumulto dos pensamentos em turbilhão, ela teve um brilho de clareza.

Aquele momento era aquilo para o qual ela estava trabalhando a vida toda.

Vingança.

— Não — disse ela, a voz tremendo. — *Eu* sou forte. Você é um assassino e um mentiroso. Você já foi derrotado uma vez. Pode ser derrotado de novo.

Em um instante, o calor nos olhos dele sumiu e foi substituído por uma precisão calculista.

— Me entristece ter me enganado tanto sobre você. Ainda assim, você sempre vai ter minha gratidão por me trazer a esse momento. E… por me trazer *isto*.

Ele esticou os dedos na direção de Nova.

A pulseira voou da mão dela. Nova gritou, mas era tarde demais para pegá-la no ar enquanto voava até Ace.

Ela soltou um grito de ódio e partiu para cima do tio, sem pensar agora em estratégia, só pensando que ele não poderia ficar com a pulseira, que ela não

permitiria que ele abusasse do último presente do seu pai…

Ace cortou o ar com um gesto. A estrela brilhou e iluminou brevemente a atmosfera com ondas elétricas ofuscantes.

Uma força invisível acertou Nova e ela foi jogada para trás. Seu corpo tombou sem peso por quase seis metros antes de bater de costas na parede de pedra da nave, deixando-a sem fôlego.

Ace riu.

— Finalmente! Tantos anos ficando limitado apenas ao controle de objetos inanimados. Meu irmão era um verdadeiro gênio.

Nova lutou para respirar, mas seus pulmões não se expandiam.

Nova!

O grito soou abafado na sua cabeça, eclipsado pelo pânico crescente e pela dor latejante.

— Adrian! Você está vivo! — gritou Capitão Cromo.

Ela abriu os olhos com esforço, fazendo uma careta.

Uma figura estava correndo na direção dela. Alta e de ombros largos. Pele escura e óculos grossos e um pique de metal em uma das mãos. Caramba, ele era a imagem mais bonita de um herói que ela já tinha visto, mas Nova foi tomada de um pavor abjeto por ele estar ali.

Ace o destruiria.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE



—PAI, PEGA! — GRITOU Adrian.

Capitão Cromo pegou o pique com uma das mãos.

— Não fica confiante demais — disse Ace, dando trela. — As regras desse jogo mudaram. — Com a estrela em uma das mãos, ele esticou a outra na direção da corrente de cromo que estava enrolada não muito longe dos pés de Adrian. O metal ganhou vida e deslizou como uma cobra na direção de Ace, e uma ponta se enrolou no braço esticado dele. Ace puxou o braço para trás e atacou o Capitão.

O Capitão bloqueou com a lança, uma, duas vezes, o som de metal contra metal ecoando pela área deserta. Mas Capitão Cromo estava perdendo terreno, cada golpe o levando mais para perto da beira do telhado. Ele olhou para baixo novamente para se situar e a corrente subiu e se enrolou no pescoço dele.

Adrian gritou e correu até o pai. Tentou enfiar os dedos entre a corrente e a pele enquanto o metal ia apertando mais. Seu pai se apoiou em um joelho, sufocando.

O grito mais agudo de partir o tímpano e deixar a pele arrepiada ecoou no alto. Adrian se encolheu e resistiu à vontade de cobrir os ouvidos, ainda puxando a corrente. Começou a se soltar quando Ace voltou a atenção para a barreira acima.

Com um gemido reverberante, a parte traseira enorme de um caminhão

enferrujado que estava presa à barreira se soltou. Caiu com um estrondo ressonante no chão, a poucos metros da parede lateral do templo, espalhando uma nuvem enorme de poeira.

Capitão Cromo puxou a corrente por cima da cabeça e a jogou longe, ofegante e massageando o pescoço.

Adrian apertou os olhos para o buraco gigantesco deixado pelo caminhão e viu o pedaço de céu. Deveria haver estrelas, mas uma luz artificial estava iluminando o domo e as bloqueando.

— Quem ousa interferir? — rosnou Ace.

Como se convocada, uma cabeça apareceu na borda onde antes estava o caminhão. Com a figura delineada pelas luzes fortes, Adrian não conseguiu identificar detalhes, mas reconheceria aquele cabelinho em qualquer lugar.

Ele não sabia se estava mais eufórico ou horrorizado.

— Desculpa! — gritou Max. — Está todo mundo bem? Não acertou ninguém, né?

Em resposta, Ace soltou um grito enfurecido e subiu no ar. Segurando a corrente, Ace puxou o braço para trás e chicoteou na direção da abertura. Max arregalou os olhos e sumiu.

A corrente acertou a barreira e soltou uma roda de alumínio. Ace ficou paralisado, pairando sobre a catedral enquanto a corrente balançava ao seu lado. Ele observou a barreira, tenso e alerta, enquanto descia gradualmente até o telhado.

Um pináculo alto e estreito se quebrou na torre oeste e despencou na direção de Ace. Ele fez uma expressão de desprezo e jogou a corrente na direção do pináculo. A corrente se iluminou, como se feita de ouro derretido. Quando acertou, pareceu o som de uma bomba explodindo. Choveram pedras e estilhaços em volta deles, alguns do tamanho da cabeça de Adrian, atingindo o telhado e a área destruída abaixo.

Adrian ouviu um grito de dor. Piscou para afastar a poeira e procurou no telhado da catedral.

Max apareceu de novo. Ele tinha seguido Ace, tentando chegar mais perto, e agora estava preso no deslizamento. Ele levantou os braços para se proteger do estrondo.

Ace rugiu ao ver o garoto.

— Eu tinha esperanças de que nós nos encontraríamos de novo! Você e eu temos negócios inacabados.

Max levou um susto quando se deu conta do seu erro. Ele piscou e ficou invisível de novo, mas a corrente já estava voando pelo ar.

Quebrou uma janela e acertou a parede acima do vitral quebrado quando Ace a puxou de volta. Pedras voaram para fora, deixando uma cratera onde Max estava antes.

Adrian procurou na nuvem de poeira, o corpo tremendo de medo e adrenalina.

— Eu estou bem! — disse Max, a voz sem corpo meio sem fôlego. — Não se preocupem com…

Ace chicoteou com a corrente de novo, mirando no ponto de onde a voz de Max estava vindo. Acertou um dos arcobotantes, espalhando mais pedras e derrubando uma gárgula enorme pela lateral do templo.

— Não deveria ser possível — disse Hugh, chamando a atenção de Adrian, horrorizado e pálido, com marcas vermelhas no pescoço onde a corrente tinha afundado na pele. Ele estava observando Ace. — Ele nunca conseguiu usar minhas armas. Elas sempre desafiaram a telecinese.

— É a estrela — disse Adrian. — Ela o mudou de alguma forma.

Era difícil ver seu pai assim, mais fraco do que Adrian seria capaz de imaginar.

— Você acha que pode me deter? — berrou Ace. — Uma criança?

— Já fiz isso uma vez, né? — Max apareceu de novo, agachado na beira de uma torre, se segurando em um dos pináculos decorativos para se equilibrar. — Além do mais, você vai ter que me matar pra me impedir. Eu só preciso chegar perto de você. — Ele se levantou, a mandíbula contraída. Seus pés flutuaram acima do telhado e ele pairou ali por um momento antes de descer para o nível de Ace. Alguns metros mais perto do que antes.

A visão deixou Adrian impressionado. Max estava usando um uniforme dos Renegados. Talvez estivesse meio longo nos braços e nas pernas (Adrian achava que era da Ruby), mas, pelos céus, seu irmãozinho parecia mesmo um super-herói.

Adrian ouviu um gemido e olhou para Nova. Ela estava caída junto à parede do outro lado do telhado, longe demais de seu alcance. Ele se encheu de alívio ao vê-la consciente, usando a parede para se apoiar e se levantar, cambaleante.

Ele queria dizer para Max tomar cuidado, para não chegar perto demais de Nova, mas mordeu a língua. Ela ainda estava com o Amuleto da Vitalidade embaixo da jaqueta. Estava protegida.

Além do mais, Max tinha muito com que se preocupar ao enfrentar Ace.

Ele só precisava chegar perto…

Enquanto dava um passo para trás, mantendo a distância entre os dois, Ace curvou um dedo na direção da nave. Um vitral em arco se estilhaçou. Max se abaixou e protegeu a cabeça quando o vidro foi na direção dele, as pontas afiadas cortando a pele, um se alojando na coxa. Ele berrou de dor.

Com um grito furioso, Hugh saiu correndo na direção do Ace com vigor renovado. Ele estava brandindo o pique, segurando-o como um dardo, pronto para perfurar o vilão na barriga.

Ace se virou para olhar para ele, balançando a corrente no alto.

Capitão Cromo pulou no mesmo momento em que Ace atacou com a corrente. Outro brilho do pulso de Ace, incendiando a arma.

O Capitão estava no ar quando a corrente o acertou no peito. A aura dourada ondulou, uma explosão de luz e som, queimando o ar onde a corrente invencível tocou no corpo invencível do Capitão.

Seu pai caiu, o corpo inerte jogado para trás, rolando pela lateral do templo.

Adrian não sabia se o grito tinha vindo dele ou do Max, talvez até da Nova. Ele não se lembrava de correr até a beira do telhado. Uma esperança desesperada cresceu nele quando se inclinou pela balaustrada curta de pedra. Ele imaginou ver o Capitão Cromo tão feroz quanto sempre, já escalando a parede.

Mas não foi isso que viu.

Capitão Cromo estava caído de costas, os olhos fechados, a Lança de Prata a uma curta distância da mão inerte. Uma nuvem de poeira voava em torno do corpo.

Adrian ficou imóvel, esperando. Esperando que o pai acordasse. Esperando que ele gemesse e sacudisse a poeira e voltasse para a luta.

Mas o Capitão Cromo não se mexeu.

— Incrível — murmurou Ace. — Eu me lembro desse sentimento.

Adrian se afastou da beira do telhado.

O vilão estava levitando de novo, os olhos entreabertos de euforia.

— Na primeira vez que usei este elmo, eu era um homem transformado. Tudo que sou, tudo que esperava ser, estava ao meu alcance. E agora, ultrapasso até esses limites. O mundo na ponta dos meus dedos, maleável como argila…

Um chiado de dor chamou a atenção do Adrian para o Max. Ele viu Max tirar o pedaço de vidro da coxa e se levantar sobre pernas fracas, dezenas de cortes vertendo sangue no traje cinza. Ele não parava de tossir. Gotas de suor cobriam sua testa. Mesmo assim, ele franziu o rosto em concentração, e a parede atrás de Ace começou a tremer. Uma vibração pequena no começo, até que, de repente, a grande placa de pedra se soltou da argamassa e se arremessou no Ace.

Ele estava distraído demais pela própria glória para notar. O bloco o atingiu nas costas, e Ace caiu de joelhos enquanto o resto da parede desmoronava em volta dele.

Por um momento, o vilão não se moveu, e Adrian quase teve esperanças de que isso fosse o bastante… ele ainda era apenas um homem, não era?

Mas Ace soltou um grito gutural, e as pedras voltaram voando na direção do Max.

— Max! — gritou Adrian, sem conseguir fazer nada enquanto as pedras atingiam o corpo magro do Max.

Ele caiu e se encolheu em posição fetal enquanto a tempestade desabava em volta. Adrian correu pelo telhado, sofrendo por saber que havia tão pouco que ele poderia fazer. O que ele não daria para ter os poderes do Sentinela de novo…

— Eu não serei derrotado! — gritou Ace. — Não por você! Não de novo!

Adrian deslizou ao lado do Max e começou a tirar os escombros. Ele ficou aliviado ao ver algumas pedras se movendo sozinhas quando Max as levantou

com seus poderes.

— Eu estou… bem — murmurou Max, claramente nada bem.

— Para de desperdiçar sua energia atacando o cara — disse Adrian, passando um braço nos ombros do Max e o ajudando a se levantar. — Se concentra em chegar perto. Você é o Bandido, lembra?

— Não estão prontos pra se render? — perguntou Ace, rindo enquanto via Adrian e Max se levantarem, trôpegos. — Vocês não têm ideia do que sou capaz! Não têm ideia do poder…! — Ele parou de falar e um brilho cruel surgiu nos olhos dele. — Talvez uma demonstração seja necessária.

Adrian e Max deram um passo à frente, e o corpo do Max desabou em cima dele com o esforço. Adrian percebeu que Max não estava apoiando no pé direito. Será que a perna estava quebrada?

Ele levantou a cabeça de novo e grudou a atenção no Ace Anarquia, que estava na extremidade do telhado. A distância poderia ser de quilômetros.

— Tô contigo — disse Adrian. — A gente consegue fazer isso.

Uma explosão chocante de energia chamou a atenção de Adrian de volta para a barreira acima. Seus pés tropeçaram. A barreira estava se movendo. Começando pela abertura que Max tinha criado, a coisa toda parecia estar se abrindo. Canos de esgoto, caixas utilitárias, sinais de trânsito. Pedaços aleatórios de arquitetura e maquinário, veículos abandonados e prédios destruídos. Tudo se abrindo na direção da cidade. Sendo desmontado pouco a pouco. O brilho de holofotes enormes que tinham sido erigidos sobre uma série de caminhões banhou o terreno deserto, fazendo Adrian apertar os olhos por causa do brilho.

Conforme o buraco foi ficando maior, ele revelou o contorno da cidade ao longe e um céu noturno com um leve toque de azul-elétrico no horizonte a leste.

Helicópteros da imprensa voavam no ar. Foi desorientador, depois da batalha concentrada na pequena bolha do Ace, ser jogado de repente de volta ao mundo real.

Isso até Ace rosnar e mover o braço como se estivesse espantando mosquitos. Os dois helicópteros viraram e despencaram do céu.

Adrian trincou os dentes. Não havia tempo para se preocupar se os pilotos

tinham paraquedas. Ele apertou o braço em torno do Max e começou a se mover outra vez, mas ouviu um som novo: um grito vindo de todas as direções.

Seu coração deu um pulo. Os Renegados estavam esperando do lado de fora da barreira, desesperados para entrar. Agora, com a muralha caída, eles não perderam tempo para atacar pela região desolada. A visão foi hipnotizante: onda após onda de uniformes cinza idênticos. Milhares de super-heróis vindos de todos os cantos do mundo. Até muitos dos Renegados que tinham sido neutralizados na arena estavam lá, prontos para serem heróis, com ou sem superpoderes. Ele viu Tamaya Rae, sem asas, segurando um tridente elétrico que reconheceu do departamento de artefatos.

Ela não era a única. A multidão estava brandindo uma variedade de armas e artefatos. Todos poderosos.

Eles deviam ter feito uma limpa no cofre.

A multidão seguiu em frente, mais unida do que nunca. Embora fosse caótico, Adrian não pôde deixar de procurar as pessoas de quem mais gostava. Encontrou-as com facilidade, como se atraído por elas. Simon. Ruby. E, no terreno ao redor, se preparando para se juntarem a eles, Oscar e Danna.

Ele ficou feliz por saber que os vilões tinham abandonado Ace e a catedral. Ao ver os Renegados agora, Adrian percebeu que a luta teria se tornado um massacre.

Agora, o único inimigo que restava era Ace.

— Não é fofo? — disse o vilão, vendo os Renegados se aproximarem. A forma como ele falou, despreocupado, até achando graça, gerou um arrepio nos ossos de Adrian. — Infelizmente… temo que seja tarde demais.

Ace deixou a corrente de cromo escorregar da mão e aninhou a estrela com ambas as palmas. Ela brilhou e, por um momento, Adrian viu raios de energia no ar, brilhando em volta deles, até onde conseguia enxergar. Ace esticou as mãos na direção da cidade.

CAPÍTULO CINQUENTA



Apesar de mal se aguentar em pé, Nova se obrigou a se afastar da parede. Um joelho dobrou e ela meio que caiu na pedra dura. Uma lasca de um pináculo quebrado pressionou sua patela e ela fez uma careta. Firmou as mãos no chão e se levantou. Tonta e oscilante por um momento, mas depois seguiu em frente. Um pé na frente do outro, enquanto uma onda de tontura a dominava. Passo a passo, enquanto seus músculos se rebelavam.

Um movimento ao longe a fez hesitar, e o pequeno impulso que tinha conseguido quase a fez cair de novo. Ela mal se segurou.

Seu queixo caiu quando viu.

Além da catedral, além da área deserta e da onda insurgente de Renegados, mais Renegados do que já tinha visto na vida, o contorno da cidade começou a se erguer. Centenas de prédios tremendo, ondulando, subindo no ar. Nova viu um hotel de muitos andares ser arrancado da base. Viu o majestoso fórum, com seus pilares romanos, se desconectar da escada imponente de entrada. Viu o enorme *G* iluminado no alto do prédio da *Gazeta de Gatlon* virar enquanto a estrutura embaixo oscilava para cima. Prédio atrás de prédio sucumbiu ao poder do Ace, jogando pedaços de concreto nas ruas abaixo. Canos se romperam, jorrando água e esgoto nas crateras das bases vazias. Fios e vergalhões pendiam das bases de estruturas que levitavam.

A malha de energia foi afetada, o que fez áreas inteiras da cidade mergulharem em escuridão. Foi como ver alguém apagar as luzes de um bairro atrás do outro.

Da escuridão repentina vieram gritos. Os gritos de pessoas que apareciam nas janelas dos apartamentos e viam o chão de repente longe demais. Os gritos dos que estavam abaixo e sentiam o peso ameaçador dos prédios acima, sem nada que os impedisse de cair.

Foram os gritos que fizeram os Renegados no terreno em volta hesitarem. Eles se viraram para ver o que estava acontecendo. Com a cidade. Com as pessoas que eles tinham jurado proteger.

Uma sensação estranha de déjà-vu passou pela memória da Nova, e ela pensou na noite em que pegou Max praticando telecinese na quarentena. Ela o viu erguer os prédios de vidro em miniatura da cidade de vidro em miniatura, deixando que pairassem sem peso no ar ao redor, quase exatamente como Ace estava fazendo agora.

Nova ficou surpresa na época por Max ser tão poderoso a ponto de erguer tantos blocos de vidro ao mesmo tempo, um feito que poucos telecinéticos teriam conseguido.

Mas aquilo…

Ela encarou Ace Anarquia, seu tio, e a raiva e a abominação foram momentaneamente diminuídas pelo medo. De quem ele era de verdade. Do que ele era capaz de fazer.

Graças ao pai dela e às armas dele.

Graças a *ela*.

Ela cambaleou mais alguns passos. Estava bem mais perto do Ace do que Max, e não sabia o quanto Max teria que ficar próximo para que tivesse efeito no seu tio.

Seus dedos tremeram, tentados a fazer contato, a fazê-lo dormir.

Mas o que aconteceria com a cidade se ela fizesse isso? Sem Ace, tudo cairia. Todos os prédios, todas as vidas. Não daria para impedir.

— Grandes poderes — sussurrou ela, percebendo a terrível inevitabilidade. Ace ia destruir a cidade. Os poucos que sobrevivessem não teriam motivo para ficar, cercados de escombros e ruínas. Gatlon se tornaria

apenas uma lenda esquecida. Uma história de terror para alertar crianças sobre os perigos do poder: de ter poder demais ou de não ter o suficiente.

Ela se lembrou das palavras de Callum como se ele estivesse ao seu lado. *Ele matou e destruiu e deixou o mundo em pedaços.*

Nova tentou reunir as emoções em uma bola apertada e falou com toda a calma que conseguiu.

— Ace — disse ela, dando outro passo à frente. — Pensa no que você está fazendo. Você ama essa cidade. Quer governar essa cidade. Se você a destruir, de que vai adiantar tudo isso?

Ele riu profundamente. Embora ela não pudesse ver seu rosto, dava para imaginar a expressão: lábios retorcidos de forma cruel.

— Ah, minha jovem sobrinha, tão sábia. Você viu o que eu fiz com essa catedral, e isso foi antes de eu ter esse presente. Antes de eu entender o que era possível. — Ele estalou a língua. — Posso destruir essa cidade. Desfazê-la, tijolo por tijolo. E, quando acabar… vou reconstruir Gatlon de acordo com minha visão de perfeição. — Ele inclinou a cabeça para trás, como se apreciando uma luz de sol que não estava lá. — O mundo vai ter aprendido a lição. Ninguém vai ousar enfrentar Ace Anarquia.

A estrela na mão dele pulsou, e uma torre final subiu na direção do céu. O prédio mais alto da cidade. O quartel-general dos Renegados, a fachada reluzente de vidro que servia como ícone de esperança para o mundo.

Nova observou a ascensão, diminuindo tudo que estava ao redor.

— Aguenta firme, Max.

A voz do Adrian a sobressaltou. Ele e Max cobriram metade da distância, mas ainda estavam a pelo menos cinquenta passos. Os dois pareciam prestes a desmoronar.

O quanto mais eles teriam que avançar? Quanto tempo até Ace sentir suas capacidades sendo sugadas lentamente?

Não seria o suficiente. Eles não chegariam a tempo.

No terreno abaixo, os Renegados estavam divididos. Alguns tinham voltado a atacar, mas Nova sabia que nunca chegariam a tempo de impedir Ace. Outros estavam correndo de volta para a cidade, desesperados para ajudar as pessoas presas na catástrofe iminente do Ace, mas o que eles

poderiam fazer perante tanto poder?

Ela enfiou a mão na bolsinha do cinto e fechou a mão no projétil.

Calculou a distância, desviando o foco de Ace para Max e para Ace de novo.

Fechando a mão no dardo, Nova correu.

A agulha estava a centímetros do ombro do Ace quando ele se virou e segurou o antebraço dela, prendendo-a com um aperto debilitante. Enquanto a outra mão permanecia esticada, segurando a estrela na direção da cidade, ele levou o punho de Nova à altura do olho e estudou a seringa. O líquido amarelo brilhante balançou dentro. Ele franziu a testa.

— Isso não é o agente neutralizante — disse ele.

— Não, é uma das misturas do Leroy — replicou Nova. — *Isto* é o Agente N.

Ela moveu a outra mão e enfiou o dardo na lateral do corpo de Ace.

O tio soltou o braço dela e recuou. No mesmo momento, Nova ergueu a mão e arrancou o elmo da cabeça dele. Ace gritou de surpresa, mas ela já estava correndo, apertando com os braços o elmo junto ao peito.

Seus pés foram erguidos no ar quando Ace puxou o elmo de volta para si. Nova segurou com força, encolhendo o corpo em volta do elmo que voava de volta para Ace, levando-a junto. Ela girou no ar. Seu ombro bateu em Ace e o derrubou em uma coluna.

Nova caiu no chão, mas seu corpo estava dormente depois de tantos golpes e ela continuou abraçada ao elmo, se preparando para ser jogada por metade do telhado de novo.

Mas não houve outro ataque.

Ousando levantar a cabeça, ela viu Ace examinar os dedos da mão aberta, o rosto enrugado, o cabelo grisalho e desgrenhado.

O Agente N estava agindo.

Ela não tinha tempo. Nova se levantou e esticou a mão na direção do tio para arrancar a pulseira dele.

Ele nem pareceu reparar.

Ao longe, os primeiros prédios começaram a cair, a escorregar do céu.

— Adrian! — gritou ela, jogando o elmo com o máximo de força que

conseguiu pelo telhado.

Adrian o pegou com uma das mãos.

— O que…

— Para o Max! Rápido!

Apesar do rosto se contraindo de confusão, ele enfiou o elmo na cabeça do Max. O garoto ofegou e levantou as mãos para tirá-lo.

— *A cidade!* — gritou Nova.

Max parou. Olhou para a cidade. Para as centenas de estruturas que estavam fugindo do controle do Ace, sendo tomadas pela gravidade, começando a despencar de volta para terra. Um shopping a céu aberto bateu no chão com força. Uma torre de banco perfurou a rua Mission, quarenta andares de vidro e aço implodindo.

Max se encolheu com a imagem ao mesmo tempo que erguia os braços na direção dela.

Os prédios desaceleraram a queda e foram parando gradualmente.

Max gemeu. Seu corpo todo tremeu.

— Adrian, isto também!

Nova jogou a estrela. Adrian a pegou e na mesma hora a largou com um gritinho, sacudindo a mão como se o metal tivesse queimado sua pele.

Ele olhou para Nova, e ela olhou para ele, atordoada.

Adrian trincou os dentes e se curvou para pegá-la de novo, mas Max esticou a mão e a estrela pulou para ele. Houve um brilho, e Nova viu aqueles filetes de energia de novo girando pelo terreno como uma tempestade que se aproximava.

Os membros do Max pararam de tremer quando a estrela lhe deu força.

Em todas as direções, os prédios começaram a se acomodar com hesitação nas bases.

Nova expirou, sentindo a primeira onda de alívio, mas as pontas dos seus dedos começaram a formigar. Ela ofegou e olhou para a palma da mão aberta.

Uma sensação de fragilidade percorreu seus membros enquanto uma fraqueza enevoada e sonolenta penetrava em sua mente. Parecia impotência. Foi exatamente como na vez em que ela chegou perto demais do Max na quarentena.

Ela apertou o Amuleto da Vitalidade debaixo da blusa. Deveria estar protegendo-a, mas…

O elmo.

Estava ampliando os poderes dele.

Talvez o amuleto não conseguisse mais protegê-la.

Max, concentrado em reacomodar incontáveis prédios no lugar, pareceu alheio ao que estava fazendo. Nova deu um passo para trás, depois outro, se perguntando se teria forças para se afastar antes que ele absorvesse tudo.

Ela não chegou longe.

Nova deu um gritinho quando seus pés foram erguidos subitamente do chão. Ace estava com uma das mãos no braço dela, a outra passada por baixo da perna quando a ergueu acima da cabeça. Nova gritou e se debateu nas mãos dele, balançando os braços em uma tentativa de encontrar pele, qualquer parte.

Adrian gritou o nome dela, que mal ouviu em meio ao seu próprio pânico. Ace correu até a beira do telhado, e ela se deu conta de que ele pretendia jogá-la lá de cima.

Ela usou todas as técnicas que conhecia, chutou e se debateu, tentou se encolher para virar um alvo menor ou balançar o corpo de um lado para outro. Mas seus pensamentos estavam frenéticos demais, confusos demais, e o aperto de Ace parecia de ferro, o grito dele o berro de um animal quando chegou à borda e se preparou para jogá-la vinte e cinco metros abaixo.

Algo cintilou nos holofotes intensos, indo na direção deles.

Nova sentiu o impacto no corpo de Ace. Ouviu seu grito estrangulado.

O aperto afrouxou e Nova arqueou as costas, rolou das mãos dele e caiu de quatro ao seu lado.

E ficou de boca aberta.

Ace Anarquia estava na beirada do telhado da catedral dele. Um deus entre homens. Um revolucionário. Um visionário. Um vilão.

Com uma lança de cromo empalada no coração.

Nova correu para trás, colidiu com outro corpo, e um par de braços a envolveu por trás. Ela gritou e tentou se soltar, já invocando o poço de poder que tinha nas entranhas.

Adrian a segurou de novo, o rosto transtornado de preocupação.

Com a adrenalina sumindo das pontas dos dedos, Nova se virou. Ace pareceu paralisado no tempo. A cabeça estava inclinada para trás. Os olhos no céu cada vez mais brilhante. Os holofotes em volta do terreno iluminaram o metal enfiado no peito dele.

Ace Anarquia se inclinou para a frente e caiu.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM



— TODO MUNDO BEM AÍ em cima? — chamou uma voz rouca.

Nova espiou pela beirada, evitando a visão do corpo quebrado de Ace lá embaixo. Uma onda de alívio a percorreu quando ela viu Hugh Everhart de pé, ainda que com dificuldade.

Com um sorriso exausto, ele limpou a testa com o braço.

— Uma vez, eu jurei te proteger. Desculpa ter me atrasado tanto.

Ela riu, meio delirante de gratidão de não ser o corpo quebrado *dela* aos pés da catedral.

— Pai! — gritou Adrian, se jogando contra a balaustrada a uma curta distância dali. — Você está vivo!

Hugh riu.

— Estou. Mas não sou mais invencível, acho. — Ele tentou disfarçar a dor que surgiu nas feições dele enquanto voltava a atenção para o outro lado do telhado. — Como está Max?

Nova olhou para Max, observando os membros trêmulos e o elmo grande demais para ele. O pequeno Max, de dez anos, que era inteligente e corajoso e agora talvez tivesse roubado os superpoderes do Ace Anarquia e do Capitão Cromo, provavelmente os dois prodígios mais fortes do mundo.

E de Pesadelo também, Nova sabia com certeza absoluta. Não havia necessidade de testar a teoria. Quando ela invocou seu poder, aquela força sutil que sempre pulsou por baixo da superfície da sua pele não estava mais

lá.

Ela nunca mais faria ninguém dormir.

Mas o que a surpreendeu, mais do que tudo, foi que ela de repente reconheceu Max de uma forma que nunca tinha reconhecido antes. Olhar para ele foi como ver uma ilusão.

Ele estava tão imóvel quanto as gárgulas que os cercavam, o rosto coberto pelo elmo, os braços esticados como se oferecendo um presente para o mundo. A estrela pairava alguns centímetros acima das mãos em concha.

Ele parecia com a estátua. A que ela havia conjurado uma vez em sonho. A que segurava a estrela nas mãos.

A estrela brilhou e, por um momento, ela viu o lampejo das linhas de energia de novo, os fios em dourado e cobre que seu pai conseguia manipular, os restos de uma supernova que havia trazido superpoderes para a humanidade. As linhas ainda estavam lá, mas agora mais esparsas do que ela jamais tinha visto, e, de um jeito desconcertante, estavam fluindo em uma única direção.

Estavam fluindo para Max.

Ela piscou e a visão sumiu. Nova ficou olhando boquiaberta para o garoto, com medo do que aquilo poderia significar.

— Adrian — sussurrou.

Ele estava concentrado no irmão, o rosto contraído de preocupação. Nova chegou mais perto e segurou a mão dele, mas ele chiou de dor e puxou a mão para longe. Nova levou um susto. Adrian olhou para ela com um certo constrangimento e virou a mão para mostrar as bolhas nos pontos em que a estrela tinha queimado a pele.

— Não está tão ruim.

Ela então passou o cotovelo pelo dele.

— Não entre em pânico — disse —, mas acho que Max pode estar absorvendo todos os superpoderes que restaram… talvez do mundo todo.

Adrian franziu a testa.

— O quê?

— O elmo está amplificando o poder dele — explicou ela. — Ele já tirou o meu poder e o do seu pai.

Adrian arregalou os olhos.

— Eu acho que está pegando todos os poderes.

Ao longe, o último prédio se encaixou no lugar. Concreto quebrado e vigas partidas reassentaram-se. Os esqueletos de andaimes quebrados e saídas de incêndio partidas se prenderam de volta às fachadas. Ruas de asfalto que tinha explodido afundaram e se nivelaram. Paredes desabadas se endireitaram. Tijolos e argamassa se encaixaram como peças de quebra-cabeça. Água suja escorreu para o esgoto. O mundo todo voltou para o lugar, como se as feridas causadas por Ace Anarquia não tivessem sido nada além de um longo pesadelo do qual eles finalmente podiam acordar.

A eletricidade não foi restaurada, deixando a cidade — que antes estaria iluminada com um milhão de janelas douradas — banhada na luz de um milhão de estrelas e do céu azul-índigo. O horizonte brilhava com a promessa do alvorecer. Estava de tirar o fôlego.

— Ele conseguiu — sussurrou Nova.

Adrian não respondeu.

Ela lançou um olhar para o rosto dele e viu que Adrian não testemunhava a mesma visão incrível que ela. A atenção dele estava voltada para o irmãozinho, os lábios abertos com horror crescente.

— O que está acontecendo com ele?

Nova seguiu seu olhar.

Filetes brilhantes apareceram embaixo da pele das mãos de Max, como veias de ouro derretido desaparecendo sob os punhos do uniforme dos Renegados. Havia mais no pescoço, onde o elmo não cobria. Brilhavam com uma intensidade que era ao mesmo tempo linda e apavorante, o calor pulsando em sincronia com a estrela.

A estrela também tinha começado a mudar. Estava maior agora, do tamanho de uma noz, e tinha se transformado em uma massa laranja que se contorcia. Como uma esfera de lava derretida.

— Max? — chamou Adrian com insegurança. Ele afastou o braço de Nova e se aproximou do irmão. Nova foi atrás e, ao se aproximar, viu os olhos de Max se abrirem pelo visor do elmo.

Ela soltou um arfar de surpresa. Adrian ficou paralisado.

As íris dos olhos castanhos de Max tinham sumido e sido substituídas por ouro líquido. Algumas gotículas tinham vazado pelos cantos, como lágrimas.

Um tremor percorreu o corpo dela.

— MAX! — gritou Adrian, correndo o resto do caminho até ele e segurando seu cotovelo. Ele o sacudiu, mas o garoto não reagiu. Adrian olhou para Nova em pânico. — O que acontece com alguém que absorve poder demais?

Ela balançou a cabeça. Como poderia saber? Será que alguma coisa do tipo já tinha acontecido antes? Mais perto do Max agora, ela sentiu uma corrente elétrica no ar, uma carga que fez os pelos do braço dela se eriçarem.

Adrian pegou o elmo, tirou-o dos ombros do Max e o jogou do outro lado do telhado.

— Max… — Ele apertou o ombro do garoto em súplica. — Max, fala comigo. Me diz como te ajudar.

Por um longo momento no qual Nova desconfiava que até seu próprio coração tinha parado de bater, Max não reagiu.

Pairando alguns centímetros além dos dedos dele, a estrela continuou crescendo, agora quase do tamanho de uma granada.

— Eu…

Nova e Adrian deram um pulo e se aproximaram ainda mais de Max. A voz dele estava tão baixa que era como se estivesse sendo arrancada à força.

— Estou aqui, Max. Fala comigo — insistiu Adrian.

— Eu… não… quero…

Uma lágrima dourada pingou do queixo dele, e Nova esticou a mão por instinto. Caiu na palma da mão dela, quente, mas não queimando. Lembrou-a dos fios dourados de energia que ela viu o pai puxar do nada e usar para fazer brinquedos e armaduras e joias e… armas.

Ela o visualizou sentado sozinho à mesinha deles, com fios acobreados iluminados entre os dedos. Ele estava trabalhando em algo especial naquela noite. Isso ele tinha contado. Nova achou que tinha solucionado esse mistério, mas, não… seu pai não estava criando a estrela como arma para destruir Capitão Cromo. Ele queria impedir Ace.

O que você está fazendo, papai?

Alguma coisa que espero que conserte parte dos grandes males que causei a este mundo.

Os grandes males que ele tinha causado àquele mundo.

Ele sentia tanta culpa por ter criado o elmo. Queria contrabalançar o poder enorme que tinha dado ao irmão. Por isso, fez um novo presente para o mundo, elaborando-o a partir de luz e energia e poeira estelar.

A gota foi absorvida pela palma da mão dela, e Nova sentiu uma pontada familiar de poder formigar nas pontas dos dedos. Ela apertou a mão e engoliu em seco.

— Eu vou tirar isso da mão dele — disse Adrian, pegando o que restava de um pináculo de pedra quebrado.

— Espera — replicou Nova, olhando de Max para a cidade escura, para o mar e para o mundo além.

Certa vez, ela tinha sonhado com uma estátua cercada de ruínas, mas o sonho não tinha a ver com destruição. Era sobre a esperança que persistia quando todo o resto parecia perdido. Era sobre a esperança de que o mundo talvez ainda pudesse ser salvo.

Era sobre corrigir os grandes males que Ace e o elmo tinham causado e tornar realidade o desejo final do pai dela.

Nova olhou para Max outra vez. Observou os olhos, cobertos de ouro líquido, e a estrela, que tinha escurecido até um vermelho intenso.

Ele absorveria tudo, cada gota de poder daquele mundo. Ela não sabia se era isso que seu pai pretendia, mas sabia que seria melhor assim. Em pouco tempo, não haveria mais prodígios. Não haveria mais heróis nem vilões. Era o mundo que Nova desejara, convencida de que era a única forma de a humanidade atingir algo parecido com companheirismo e igualdade.

Mas nenhum humano poderia acumular tanto poder e sobreviver. Se Max fizesse aquilo, ele morreria.

Nova tremeu.

Os Anarquistas acreditavam em sacrifícios.

Os Renegados acreditavam em um bem maior.

Nova não sabia mais em que acreditava, mas acreditava no Max. E em Adrian. E em si mesma.

Ela não podia deixar que aquilo acontecesse.

A superfície da estrela estalou alto e a fez pular. Fissuras pretas surgiram na superfície vermelho-sangue.

— Está tudo bem, Max — disse ela, passando o braço pelos ombros dele, impressionada com o quanto ele parecia pequeno e frágil. Ela esticou a outra mão pelo braço dele até sentir o calor da estrela embaixo da palma. — Você não precisa carregar isto. Pode soltar.

Ela olhou para Adrian, que ainda estava segurando o pináculo, e fez um movimento de cabeça para ele se aproximar. Embora na dúvida, ele botou a pedra no chão e imitou os gestos dela do outro lado do Max, passando um braço pelo ombro dele e colocando a palma da mão em cima da de Nova.

Houve outra fratura em algum outro lugar dentro da estrela, e uma onda pulsante de energia se libertou. Ela sentiu nas juntas dos dedos e nos espaços entre as costelas. O poder encarnado. Uma força infinita. Uma sabedoria ilimitada. Sua mente foi invadida de clareza, e ela sentiu como se fosse capaz de compreender todos os mistérios do universo se parasse para pensar neles. Mas, ao mesmo tempo, ela não queria parar para nada. Ela queria correr e voar e *planar*.

Lágrimas borraram a visão quando a sensação de força se expandiu pelos membros, e passou pela cabeça dela que aquilo devia ser só uma fração do que Max estava sentindo. Um potencial infinito. Um poder insondável.

No espaço entre as mãos deles, a estrela tinha escurecido. Estava quase totalmente preta agora, mas mantinha uma teia de fraturas finas como fios de cabelo ardendo em branco.

Esse poder, essa sensação… não pertencia a ela, e Max não conseguiria contê-la por muito mas tempo.

— Agora, Max — disse ela. — Solta. Vamos fazer isso juntos.

Ele choramingou. As veias douradas pulsavam debaixo da pele dele.

A estrela começou a afundar em si mesma, e aí…

Um brilho. Uma explosão de energia… não só dourada, mas em tons de azul-esverdeado e ametista, magenta e laranja metálico, se espalhando em todas as direções. A onda de choque varreu o terreno, se espalhou pela cidade, encheu os rios e a baía e manchou a água de dourado-acobreado até

onde Nova conseguia enxergar.

Era destruição e criação ao mesmo tempo.

Era uma supernova.

E aí… acabou. Depois do cataclismo, a estrela se encolheu na pulseira quebrada de Nova, parecendo um pedaço de pedra de lava polida.

Nova expirou. Era como se estivesse liberando uma respiração que estava segurando havia anos. Ela cobriu a estrela morta com a mão e viu os restos da luz dela sumirem no oceano além dos portos da cidade. Houve mais algumas luzes coloridas esporádicas, um brilho debaixo da superfície da água, então tudo ficou imóvel.

Por um momento, o telhado da catedral pareceu um ambiente pacífico. O mundo todo ficou em silêncio. Esperando para ver o que aconteceria em seguida.

Max gemeu e caiu para a frente. Adrian quase não conseguiu pegá-lo antes que sua cabeça batesse na amurada de pedra.

— Max! — gritaram eles simultaneamente, agachando de cada lado dele. Adrian o puxou para o peito e afastou o cabelo encharcado de suor.

— Ele está respirando? — perguntou Nova, verificando a pulsação. As veias douradas tinham sumido e a pele dele estava agora pálida como papel.

Mas, sim, ele estava respirando. Sim, o coração dele estava batendo.

— Max! — gritou Adrian. — Vamos lá, maninho, fica comigo.

Max começou a abrir os olhos, que tremeram com cautela, e Nova sentiu seu alívio espelhado em Adrian. Não só de ver os olhos de Max abertos, mas de ver que tinham voltado ao normal, ainda que um pouco úmidos e desfocados.

— Nós fomos heroicos? — gemeu ele.

Adrian riu e apertou o irmão no peito.

— Acho que você acabou de redefinir *heroico* — disse ele em meio às lágrimas.

— Max! Adrian!

Nova se apoiou na parede, sentindo que levaria semanas para que ela conseguisse ficar de pé sem os músculos tremerem, se virou e viu Hugh Everhart e Simon Westwood correndo pelo telhado, embora Simon hesitasse

na metade, a expressão dividida.

— O que foi aquilo? — disse Hugh, caindo de joelhos e envolvendo os dois filhos com os braços fortes. — Nós estávamos subindo a escada quando sentimos, e agora… — Ele recuou, perplexo. — O que você fez?

Nova demorou um momento para entender. Tinha ficado tão sufocada pela onda de poder inexplicável que estava dentro dela, mesmo que por tão pouco tempo, que não conseguiu reparar na mudança que ainda permanecia em si. Ela engoliu em seco, flexionou e esticou os dedos. Formigaram de forma encorajadora.

Uma risada saiu de seus lábios. Seu poder. Tinha voltado.

Ela notou que Adrian estava tendo a mesma percepção. Eles eram prodígios outra vez. Nova foi tomada de euforia, e o primeiro pensamento que cruzou sua cabeça foi que Adrian poderia consertar sua pulseira.

Mas isso era um pedido para outra hora. Sorrindo para ele, ela enfiou a pulseira no bolso.

A estrela tinha devolvido os dons deles.

Mas… Adrian ainda estava com o braço em volta do irmãozinho e nada estava acontecendo. Nova não sentiu fraqueza na presença dele.

Seria possível que Max não fosse mais o Bandido?

Simon continuou a se aproximar, cauteloso, e pareceu mais seguro, a cada passo que dava, que o poder de Max não teria efeito nele. Ele também começou a rir; todos riram enquanto a família se reunia, se abraçando em meio a pedras quebradas e cacos de vidro.

Sentindo-se como uma invasora em um momento importante, Nova se levantou e cambaleou pelo telhado. Ela se curvou para pegar o elmo do Ace. Olhou pela abertura por onde os olhos do seu tio já tinham olhado para ela, amorosos e orgulhosos.

Mas esse orgulho, ela sabia agora, nunca tinha sido por quem ela era de verdade. Era só pelo que ela era capaz de fazer. Pelo que poderia fazer por ele. Ela duvidava que ele jamais a tivesse amado de verdade.

— Era indestrutível quando o peguei da primeira vez.

Nova se virou. Capitão Cromo tinha se separado da família e estava parado cautelosamente a alguns metros. Estaria com medo de Nova ainda o

desprezar? Agora que ele sabia a verdade sobre quem ela era, Nova achava que era impossível ele não pensar que ela tinha tentado matá-lo na frente de milhares de cidadãos apaixonados.

— Duvido que a gente consiga destruir agora — acrescentou ele.

Nova virou o elmo para um lado e para o outro. Dava para sentir o peso da estrela morta no bolso, e ela se perguntou se poderia ter sido usada para destruir o elmo. Mas era tarde demais agora. O poder que a estrela teve tinha sumido, espalhado pelo mundo.

— Nós podemos colocá-lo nas catacumbas — sugeriu ela. — Vamos enterrá-lo lá e torcer pra que ninguém encontre.

— Em um caixão de cromo? — replicou Hugh, e embora seus olhos cintilassem como se fosse piada, Nova gostou da ideia.

— Com Ace — disse ela.

O humor sumiu do rosto de Hugh.

— Qualquer túmulo público vai ser depredado — disse ela. — Não posso perdoá-lo pelo que ele fez com a minha família… — A voz dela falhou. Ela inspirou, trêmula, e se obrigou a continuar. — Mas ele me *deu* algo em que acreditar e pelo que lutar. A visão de mundo dele não era de todo ruim.

Hugh assentiu, compreensivo.

— Um caixão de cromo para Ace Anarquia e seu elmo. — Ele começou a se virar.

— Capitão? — disse Nova.

Ele fez uma pausa.

— O que você acharia se… se uma vilã se apaixonasse pelo seu filho?

Ele a encarou com um tremor no canto da boca, embora lutasse para permanecer sério.

— Pra ser sincero, não sei se ainda existem vilões. — Ele deu de ombros. — Talvez nunca tenham existido.

Ele saiu andando e voltou até a família. Adrian estava olhando os dois com o braço em volta do Max e uma pergunta nos olhos.

Nova sorriu, torcendo para Hugh estar certo. Talvez não existissem vilões.

Mas, ao olhar para Adrian e Max, ela teve certeza de que existiam heróis.

Nova estava começando a se perguntar se talvez não fosse um deles.

EPÍLOGO



NO FINAL, NÓS TODOS somos heróis.

Pelo menos, era isso que as pessoas gostavam de dizer para si mesmas.

O que, na sua humilde opinião, era uma baboseira completa.

Ela sentia falta dos dias em que o Desfile dos Renegados significava alguma coisa. Quando as pessoas viam os carros alegóricos passando e ficavam impressionadas com o que representavam. Dons e habilidades que eram verdadeiramente extraordinários. Poder grande demais para ser quantificado. Quando a palavra *super-herói* era mais do que um recurso de marketing.

Isso foi antes da "Supernova", como começou a ser chamada.

Em um minuto, o mundo estava em caos pelo retorno do maior supervilão de todos os tempos. Pânico em massa, terror em massa, a imprensa falando sem parar do fim do mundo.

E aí… a destruição colidiu com a criação. A devastação se encontrou com o renascimento.

De repente, todo mundo tinha superpoderes.

Foi o fim do heroísmo como ela havia conhecido, o que foi bem triste considerando que ela nunca tinha se impressionado muito com heroísmo para começo de conversa.

Naquele ano, o Desfile dos Renegados teve uma sensação diferente. Em

vez de botar o Conselho e seus companheiros em um pedestal, era a celebração de *todos* os prodígios, de todos os dons, extraordinários ou não. Foi cheia de boas energias e gente dizendo coisas como “Agora, qualquer um pode ser um super-herói!” e esse tipo de besteira em que as pessoas acreditavam.

O espetáculo continuou impressionante, claro. Os carros alegóricos estavam vivos com chamas e gelo, raios e fogos de artifício, torres de água suspensa, adereços que desafiavam a gravidade e os prodígios no centro: as engrenagens que faziam tudo funcionar.

Mas eles tinham se livrado dos carros alegóricos dos vilões, que agora eram vistos como desrespeitosos e grosseiros. Ela não sabia quem exatamente deveriam que respeitar agora. Os Anarquistas? As gangues vilãs? O próprio Ace Anarquia?

Por favor.

Os carros alegóricos de vilões foram substituídos por memoriais aos guerreiros perdidos. Luz Negra. Abelha-Rainha. Até Titereiro, aquele escroto, o que era o auge da ironia, considerando que ele tinha atacado o mesmo desfile apenas um ano antes.

Havia até um carro alegórico com uma estátua dedicada a Callum Treadwell.

O coração dela deu um pulo quando o viu, mas ela nunca contaria a ninguém. Pelas maravilhas, Callum podia ter sido um nerd ridículo, mas merecia coisa melhor do que ser colocado com aquela gente.

Ela assistiu a tudo do meio da multidão, os braços cruzados, a cara amarrada para cada carro. O que eles tinham a celebrar agora? A ideia de que todos tinham passado de civis impotentes a super-heróis corajosos? Risível. O que era então? A segunda queda do Ace Anarquia? A grande equalização?

Um retorno à mediocridade?

Ninguém parecia ter percebido, mas ela sabia que perceberiam logo. Era um fato inescapável.

Se *todo mundo* é especial… ninguém é.

Um carro alegórico dobrou a esquina, trazendo junto um coral de gritos ávidos.

O Conselho, naturalmente, continuava o puro suco da palhaçada política que sempre foi. Sem Luz Negra, faltava um certo senso de espetáculo ao carro: não havia mais luzes estroboscópicas nem fogos de artifício e brilhos. Fora isso, não tinha mudado muita coisa.

Apesar de ter os próprios superpoderes, as pessoas tentavam emular o Conselho. Ao passar os olhos pela multidão, ela viu pelo menos dez fantasias de Capitão Cromo, junto com varinhas iluminadas e máscaras de plástico. Também viu uma faixa grande pendurada numa loja próxima.

OUSADIA. VALENTIA. JUSTIÇA. VOCÊ TEM O NECESSÁRIO PARA SER UM SUPER-HERÓI?

TEM, SIM!

Mas era mentira. Para começar, nem todos os poderes eram iguais, e ela sabia que a hierarquia começaria a se estabelecer em pouco tempo, assim que aquela baboseira de "igualdade" passasse. E nem todo mundo tinha sido feito para ser heroico, mesmo que fosse capaz de ferver água com o bafo ou hipnotizar cachorrinhos com um apito mágico. Nem todos eram empoderados, por mais que quisessem que fosse verdade.

Empoderados. Que nojo. Ela sentia vontade de vomitar sempre que ouvia aquela palavra.

A multidão irrompeu em mais gritos. Um carro alegórico apareceu com um modelo da Cidade de Gatlon, todo feito de vidro, bem como ela se lembrava do quartel-general. Era bonito e cintilou na luz forte da tarde. Ela levou um minuto para notar o garoto no centro da cidade. Ele parecia bem mais velho do que na última vez em que ela o viu.

Max Everhart.

O recluso assustador que ela vira tantas vezes observando os Renegados por trás das paredes da quarentena. Ele era uma lenda agora. Se *alguém* era herói, esse alguém era ele, depois de ter reconstruído sozinho a Cidade de Gatlon quando Ace Anarquia tentou destruí-la.

O engraçado era que Max Everhart talvez fosse o único ser humano do planeta que não tinha superpoderes. Não mais.

Ele poderia ter tido todos, mas escolheu abrir mão deles.

Não tê-los mais.

Ela o admirava por isso. Às vezes, ela se perguntava se ele tinha arrependimentos. Às vezes, sonhava em ter encontros aleatórios com Max Everhart em que pudesse perguntar como tinha sido ter tanto poder, mesmo que só por um momento.

Na verdade, ela pensava muito em Max Everhart agora. Em algum momento no ano anterior, passou pela cabeça dela que ele até era bonitinho, e ela se perguntou se ele sempre tinha sido assim e ela nunca tinha reparado porque, ora, ninguém reparava no Max Everhart antes.

Mas as pessoas reparavam nele agora, e ela não pôde evitar reparar também.

Ela também nunca contaria *isso* para ninguém.

Em seguida veio um carro alegórico todo pintado de preto, com luz brilhando por um milhão de buraquinhos, lembrando o céu da noite. Uma estrela gigante de cinco pontas ocupava o centro do carro. Em um braço estava Monarca, ao lado de uma garota mais baixa de cabelo ruivo com uma trança comprida e estreita que ia até o quadril, as duas acenando com exuberância para as pessoas. Do lado oposto da estrela estavam Cortina de Fumaça e Assassina Vermelha. Com aquele sorriso de olhos entorpecidos, Cortina de Fumaça apontou um dedo para o céu e soltou um fluxo de nuvens brancas fofas que se dobraram nelas mesmas e formaram um coração. Um segundo depois, uma segunda explosão de fumaça gerou uma flecha cortando o coração, e Assassina Vermelha o observou com uma cara de que ele tinha acabado com a fome mundial ou algo assim.

No alto da estrela havia outro casal feliz.

Ela amarrou a cara. Seu lábio se curvou de repulsa por vontade própria ao mesmo tempo que a multidão gritava com alegria nos ouvidos dela.

Eles eram a prova, as pessoas ficavam dizendo. Adrian Everhart e Nova Artino eram prova de que podia haver um meio-termo. De que a divisão entre heróis e vilões não era tão ampla quanto eles sempre pensaram.

De que o amor vencia tudo.

Ela não sabia de nada daquilo, mas ficou bem claro que os dois estavam repugnantemente apaixonados um pelo outro.

A atenção dela pousou na pulseira de bronze filigranada que Nova estava

usando. Ainda era bonita, e uma pontada de desejo ainda surgia nela cada vez que a via, mas não tanto agora que a pedra tinha sido retirada. Ela nunca conseguiu identificar o que foi tão atraente antes, fora o fato de ela ter um sexto sentido para o valor das coisas, e aquela pedra valia mais do que qualquer badulaque que já tivesse afanado. Do que todos os badulaques juntos.

Mas tinha sido trocada agora, por um pedaço de ônix ou safira negra ou algo assim. Não dava para saber tão de longe.

Havia muitos boatos circulando sobre o que tinha acontecido na catedral naquele dia. Boatos sobre a estrela, uma explosão, uma arma nova feita pelo próprio David Artino. Boatos sobre Ace Anarquia e Fobia e Capitão Cromo e Max Everhart.

Boatos sobre Pesadelo.

No carro alegórico, Nova se inclinou para falar com Adrian e algo passou entre eles. Olhares mais suaves. Sorrisos mais largos.

Eles se beijaram, e ela teve que virar a cara para não vomitar.

Já tinha visto o suficiente. Qualquer esperança de que o Desfile dos Renegados pudesse valer a pena foi destruída. Ela abriu caminho pela multidão, desviando de pessoas embriagadas de animação e cerveja barata, crianças apoiadas nos ombros dos pais para ver melhor.

Não sabia bem quais boatos eram verdade, mas os únicos aos quais deu atenção foram os que falavam sobre o elmo do Ace Anarquia. Estavam dizendo que ainda não tinha sido destruído. Estavam dizendo que era indestrutível, e que o poder contido nele jamais sumiria. Tinha ouvido rumores de que o elmo estava escondido embaixo das ruínas da catedral. Enterrado nas profundezas das catacumbas.

Sua pulsação disparava só de pensar.

Ela já fantasiara mais de uma vez ultimamente em ser a pessoa a escavar um tesouro daqueles.

Se os boatos fossem verdade.

Uma fagulha chamou sua atenção, e ela parou ao reparar em um broche chique preso ao blazer cinza de uma mulher. Era o icônico *R* dos Renegados, feito de pedras vermelhas. Não deviam ser pedras de verdade, mas era bonito

o suficiente para fazê-la hesitar.

Ela seguiu em frente, concentrada na joia. Visualizou o alfinete afiado enfiado no tecido da lapela da mulher. Imaginou o fecho se abrindo. O pino se soltando. O broche caindo do tecido.

Ela esbarrou na mulher no mesmo momento em que o broche caiu na palma da sua mão aberta. Fechou os dedos bem rápido e sentiu o furo do pino no dedo. Fez uma careta, mas a mulher estava olhando para ela com desconfiança, então transformou a careta em um sorriso largo e soltou um pedido de desculpas efusivo antes de voltar para o meio da multidão.

Nessa hora, sentiu o olhar de alguém. Ousando olhar para cima, ela viu um homem em meio às pessoas, um sobretudo surrado sobre o corpo volumoso. Ele estava olhando para ela como se a reconhecesse, embora ela soubesse que nunca o tinha visto. Não se esquece de um rosto daqueles: uma colcha de retalhos de pele inchada, com uma bochecha mais caída do que a outra, puxando para baixo o lado esquerdo da boca, sem sobrancelhas e com cicatrizes altas entrecruzadas na testa. Ela se perguntou que tipo de superpoder lamentável se manifestaria *assim*.

Ele sorriu para ela. Foi um sorriso de conhecimento, meio torto.

Sentindo-se envergonhada, e com medo de ele ter testemunhado o roubo e estar prestes a levantar um alarme (o que era muito arriscado agora que *todo mundo* se via como justiceiro de certa forma), ela deu meia-volta e saiu correndo na direção oposta.

Esperou até estar a meio quarteirão dali e abriu a mão para inspecionar o broche. Definitivamente bijuteria vagabunda, mas daria uns dólares na loja de penhores, pelo menos.

Ela segurou o broche na camisa, sobre o coração, e usou a mente para enfiar a ponta no tecido e acionar o fecho.

Depois de colocar o dedo na boca para sugar o sangue, ela enfiou a outra mão no bolso para tirar o resto dos tesouros do dia. Uma carteira, dois relógios e uma aliança de ouro. Sentia-se um pouco culpada por essa última, mas, sem saber o que aconteceria com os Renegados, ela achava que precisava entrar em modo de sobrevivência.

Se era boa em alguma coisa, era em sobreviver.

Ela guardou suas descobertas, mas ficou com o último item que tinha tirado do bolso, o amuleto da sorte que estava sempre com ela, escondido por segurança: uma bala pequena de prata. A que deveria tê-la matado. Quando era bebê, ela levou um tiro de um ladrão que invadiu o apartamento da família. Naquela noite, seus pais foram mortos. Naquela noite, sua irmã mais velha tinha desaparecido, fugido ou sido sequestrada, e nunca mais se teve notícias dela.

Naquela noite, seus poderes adormecidos foram despertados.

Claro que ela não se lembrava de nada disso, só do que a equipe do orfanato tinha contado. Disseram que ela havia sido encontrada pelo senhorio, encharcada de sangue e gritando loucamente, o projétil na mão gordinha. Disseram que isso foi menos de uma hora depois do Capitão Cromo em pessoa ter passado lá para investigar o crime e declará-la morta, junto com os pais.

E os Renegados se perguntavam por que todo mundo achava que eram incompetentes.

Durante anos, ela sonhou com a irmã indo buscá-la. Com… qualquer pessoa, na verdade, indo buscá-la. Mas acabou se dando conta de que ninguém apareceria. Ninguém ligava para mais um prodígio órfão e indesejado.

Ela só podia contar consigo mesma.

E tudo bem. Não precisava de mais ninguém. Era uma sobrevivente. A bala era prova disso.

Ela apertou o punho, enfiou a bala no bolso e foi na direção da loja de penhores para vender os bens antes que fosse pega.

Sabia que não era mais Renegada. Muita gente estava dizendo que nem se precisava mais dos Renegados, assim como não era mais preciso temer vilões. Não havia mais prodígios desejando poder e pessoas normais presas no meio. Todos podiam recuperar o controle da cidade, da sociedade, da vida.

Mas era só questão de tempo. A ganância voltaria. As lutas por poder. Os conflitos. Essa fase passaria, e os problemas ainda estariam ali. Só que agora cada lado teria um exército maior, com armas mais fortes.

Quando isso acontecesse, eles veriam que nem todo mundo estava

disposto a proteger os inocentes, a defender os fracos, a lutar por justiça. Perceberiam que alguns prodígios eram mais fortes por um motivo. Mais corajosos por um motivo. Alguns foram feitos para serem heróis.

Assim como outros foram feitos para serem vilões.

AGRADECIMENTOS



MAIS UMA SÉRIE COMPLETA (viva!), e não sei o que teria acontecido sem o apoio incrível de tanta gente. Principalmente, quero agradecer à minha agente, Jill, que me ajudou a ver o verdadeiro coração da história de Nova e Adrian, e à minha editora, Liz, que ajudou a me guiar por esse caminho, mesmo quando ficou bem mais longo e sinuoso do que acho que nós esperávamos. Eu talvez tivesse desistido desses livros sem a sabedoria de vocês duas e sou muito grata pelo seu constante apoio.

Também quero agradecer a todos da Jill Grinberg Literary Management — Denise, Katelyn, Sam, Sophia e Cheryl (que saudade de vocês!), assim como a Matthew Snyder, da CAA — vocês são os melhores, sem dúvida nenhuma.

A toda a minha equipe na Macmillan Children's — Jean, Jon, Mary, Jo, Morgan, Rich, Mariel, Allison, Caithin, Jordin, Katie H., Katie Q. e tantos outros —, que são verdadeiros heróis no mundo da literatura juvenil. Obrigada por me ajudarem a moldar minhas histórias até se tornarem os melhores livros que poderiam ser.

Sou eternamente grata à minha antiga leitora beta, Tamara Moss, que não só me ajuda a ver as fraquezas na minha escrita, mas também me dá confiança e motivação para torná-la melhor.

Muitos, muitos agradecimentos à minha extraordinária copidesque, Anne Heausler, por fazer comentários e sugestões tão atenciosas sobre o texto. É sempre um conforto ter seus olhos nisso!

Tenho uma dívida de gratidão imensa a Laurel Harnish, cuja participação na minha competição “Crie seu super-herói” resultou na criação de Callum Treadwell. Callum se tornou, na minha mente, um dos maiores heróis desta saga, e foi um privilégio escrevê-lo.

Agradeço ao meu maravilhoso grupo de escritores locais: Gennifer Albin, Kendare Blake, Jennifer Chushcoff, Kimberly Derting, Corry Lee, Lish McBride, Lily Meade, Sajni Patel (sentimos sua falta!), Rori Shay, Breeana Shields e Emily Varnell, pelas muitas tardes de produtividade e camaradagem, pelos conselhos atenciosos e pela amizade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família e aos meus amigos, que foram meus defensores e torcedores incríveis desde o começo: minha mãe e meu pai, minha avó, Jeff e Wendy, Bob e Clarita, Connie, Chelsea, Pat e Carolyn, Leilani, Calli, Sarah, Steph, Matt e Melissa, Ash e Christina, Eddy e Melissa, e tenho certeza de que estou esquecendo alguém (aff, odeio essa sensação!). E, claro, agradeço às minhas lindas filhas, Delaney e Sloane, pelos indescritíveis amor e alegria que dão à minha vida, e a Jesse, meu marido, meu melhor amigo, meu companheiro de viagens favorito e meu ser humano favorito neste planeta. Nas palavras de Sandol Stoddard Warburg: *Eu continuaria te escolhendo e você continuaria me escolhendo, para sempre.*

Título original
SUPERNOVA
Book Three of The Renegades Trilogy

Copyright do texto © 2019 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends Book,
um selo da Macmillam Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

preparação de originais
ULISSES TEIXEIRA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

CLARICE GOULART

Edição digital: julho, 2022.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56s
Meyer, Marissa
Supernova [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2022.
recurso digital (Renegados ; 3)

Tradução de: Supernova
ISBN 978-65-5595-129-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

22-77789

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA



MARISSA MEYER é autora da série Crônicas Lunares: *Cinder*, *Scarlet*, *Cress*, *Winter*, *Levana* e *Stars Above*, e também dos bestsellers do *The New York Times Sem Coração* e *Renegados*, primeiro livro da trilogia.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Lista de personagens
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo quatorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta
Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo trinta e nove
Capítulo quarenta
Capítulo quarenta e um
Capítulo quarenta e dois
Capítulo quarenta e três
Capítulo quarenta e quatro
Capítulo quarenta e cinco
Capítulo quarenta e seis
Capítulo quarenta e sete
Capítulo quarenta e oito
Capítulo quarenta e nove
Capítulo cinquenta
Capítulo cinquenta e um
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora


INSTANT KARMA
Amor, caos e destino
MARISSA MEYER
Autora das séries bestsellers
Crônicas Lunares e Renegados
Rocco
DIGITAL

Instant karma

Meyer, Marissa
9786555951080
384 páginas

Compre agora e leia

Em breve uma série da HBO Max!

Prudence Barnett sempre foi muito rápida em julgar as pessoas, principalmente o povo preguiçoso e arrogante de sua cidadezinha litorânea. Depois de interpretar a música "Instant Karma!", de John Lennon, no karaokê, ela sofre uma queda e bate violentamente com a cabeça no chão. O que Prudence não esperava era que, ao acordar, pudesse fazer com que as pessoas arcassem com as consequências de seus atos. Pru finalmente fará a justiça cármica acontecer.

Logo ela começa a usar seu poder a torto e a direito, punindo todos que vê fazendo coisas ruins, desde comentários maldosos a atos de vandalismo. Mas tem uma pessoa em quem ela não consegue usar seu dom: Quint Erickson, sua dupla em um trabalho da escola. Se, de início, Pru fica irritada com algumas atitudes dele, com o tempo nota que Quint na verdade é até bastante fofo e muito dedicado ao seu trabalho no centro de resgate de animais marinhos da cidade.

Quando Pru começa a trabalhar com Quint no centro para melhorar suas notas na escola, percebe que tem muito a aprender sobre bebês lontras e linguagens do amor — não necessariamente nessa ordem. É aí que sua nova habilidade vai lhe ensinar como é tênue a linha entre virtude e vaidade, generosidade e ganância, e entre amor, caos... e destino.

Uma coisa é certa: o carma existe. Pode não ser imediato, como dizia John Lennon, porém nunca falha.

"Perfeito para fãs de Rainbow Rowell e Meg Cabot." — **Booklist**

Compre agora e leia


MARGARET ATWOOD
COLCHÃO DE PEDRA
NOVE CONTOS PERVERSOS
Rocco DIGITAL

Colchão de pedra

Atwood, Margaret
9786555951301
304 páginas

Compre agora e leia

Aposentada sexagenária, Verna resolve embarcar em um cruzeiro luxuoso pelo Ártico depois da morte nada acidental do seu quarto marido, aproveitando sozinha todo o dinheiro que recebeu dos falecidos companheiros. O inesperado acontece quando ela reconhece entre os passageiros o homem que, na adolescência, a prejudicou e humilhou de forma cruel. Discreta, astuta e estratégica, ela planeja cautelosamente uma vingança nas camadas rochosas conhecidas como colchões de pedra.

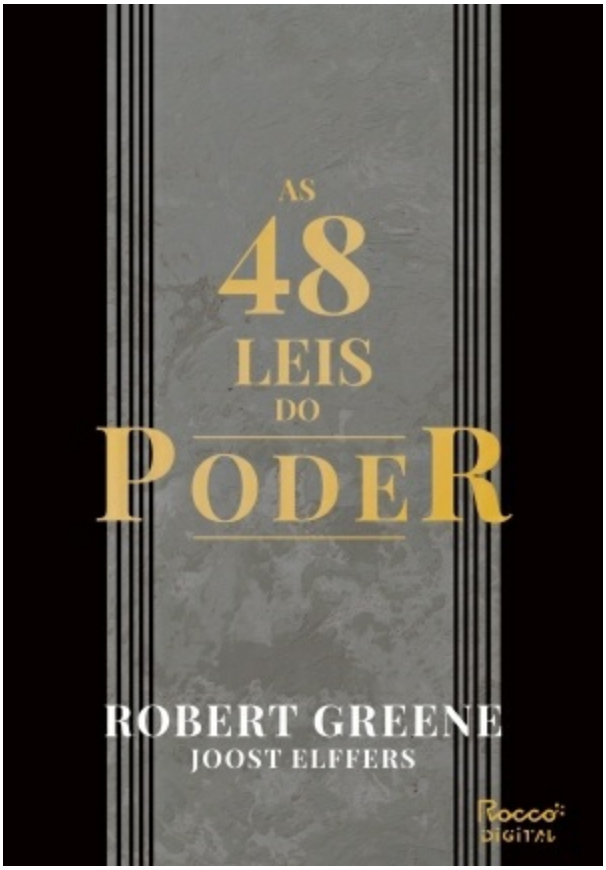
"Colchão de pedra: uma almofada fossilizada, formada de camada após camada de algas verde-azuladas que criam um monte ou domo. As mesmas algas verde-azuladas que criaram o oxigênio que eles agora respiram. Não é espantoso?"

Nesta coletânea de contos inspirada nas tradições góticas clássicas, Margaret Atwood revela facetas grotescas e perversas da humanidade no seu melhor estilo, evocando vidas e enredos emocionantes.

Constance Starr criou uma série literária, Alphinland, que a tornou famosa e respeitada pela crítica. É por essa paisagem fantasiosa, em meio a uma tempestuosa noite de inverno, que ela é guiada pela voz do falecido marido, Ewan, e começa a fundir a realidade com o universo imaginário. Nesse mesmo fio narrativo, acompanhamos o antigo e conturbado relacionamento da escritora com Gavin, passando pela velhice desse poeta boêmio até o momento do seu funeral, em que algumas das mulheres que fizeram parte de sua vida discutem o passado.

A partir daí, aberrações da natureza, presenças fantasmagóricas, mãos desencarnadas, rancores, sonhos frustrados e um astuto plano de vingança engendrado pela maldosa viúva Verna permeiam a narrativa, a um só tempo sombria e irreverente, com a notória habilidade de Atwood e sua abordagem destemida sobre as agruras da violência, a mortalidade iminente e os mitos da velhice.

Compre agora e leia


AS
48
LEIS
DO
PODER
ROBERT GREENE
JOOST ELFFERS
Rocco
DIGITAL

As 48 leis do poder

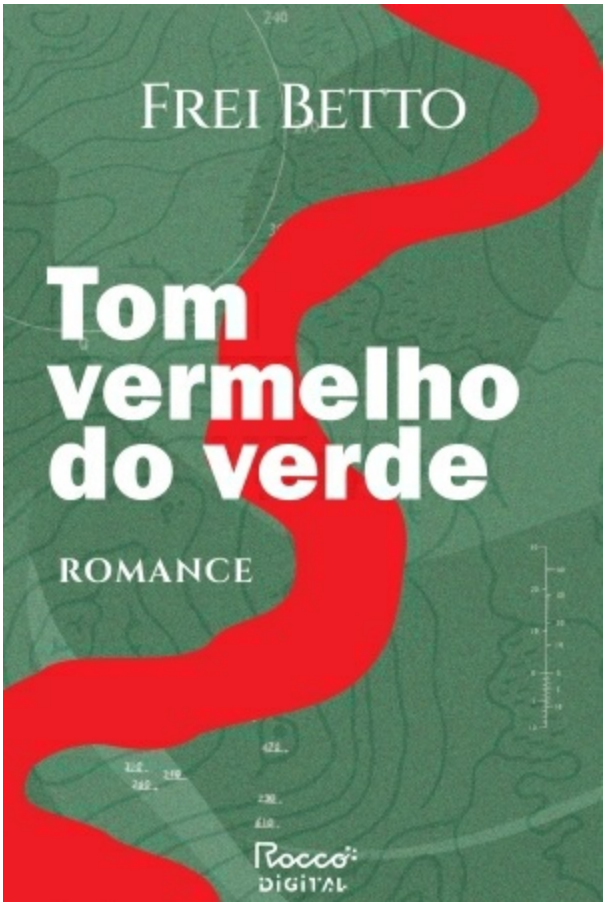
Greene, Robert
9788581227061
544 páginas

Compre agora e leia

"O homem que tenta ser bom o tempo todo esta fadado à ruína entre os inúmeros outros que não são bons" - Nicolau Maquiavel Todos querem ter poder. Mas poucos sabem o que fazer para alcançá-lo. Como conseguir aquela promoção tão esperada? O que fazer para conquistar a admiração dos colegas e neutralizar quem vive tentando derrubá-lo? Como ser o queridinho do chefe? Em As 48 leis do poder, o leitor aprende a manipular pessoas e situações para alcançar seus objetivos. E descobre por que alguns conseguem ser tão bem-sucedidos, enquanto outros estão sempre sendo passados para trás. Querer ser melhor do que o chefe, por exemplo, é um erro fatal. "Faça com que as pessoas acima de você se sintam confortavelmente superiores(...) Faça com que seus mestres pareçam mais brilhantes do que são na realidade e você alcançará o ápice do poder", diz Robert Greene no capítulo "Não ofusque o brilho do mestre". Além de oferecer o "caminho das pedras", ele cita casos de sucesso e de fracasso revelados à luz de suas regras. Para ilustrar o que diz, Greene recorre a fábulas e a episódios reais da História, e usa e abusa de citações. O leitor se embrenha pela cartilha através de estrategistas como Clausewitz e Sun-Tsu, estadistas como Bismarck, sedutores como Casanova, filósofos como Nietzsche, escritores como Balzac e, claro, diplomatas como Maquiavel. Os textos abarcam um período de mais de três mil anos e foram pinçados em civilizações tão diferentes quanto a

antiga China e a Itália renascentista. E, para quem acredita que participar de jogos de poder é uma atividade condenável, ele faz um alerta: Não adianta querer ficar de fora. O mundo é como um imenso e dissimulado cassino e todos nós fazemos parte dele. Quanto mais rápido você descobrir as regras do jogo, maiores serão as suas chances de sucesso. "Se o jogo do poder é inevitável, vale mais ser um artista do que negar ou agir desastradamente", diz Greene.

Compre agora e leia


FREI BETTO
Tom vermelho do verde
ROMANCE
Rocco
DIGITAL

Tom vermelho do verde

Betto, Frei
9786555951318
208 páginas

Compre agora e leia

Baseado em eventos históricos.

Frei Betto ergue sua voz em defesa dos indígenas, perpetuamente esquecidos pela sociedade brasileira e oprimidos pelos grupos que os exploram desde o "descobrimento". *Tom vermelho do verde* é um livro de denúncia, mas também um romance histórico que cativa o leitor desde as primeiras páginas e o impressiona com o profundo conhecimento da cultura indígena apresentado pelo autor.

No momento em que os povos originários sofrem pressões para que suas terras sejam exploradas por companhias mineradoras e madeireiras que causam danos ecológicos irreparáveis, Frei Betto nos revela o drama vivido pelos Waimiri-Atroari a partir da construção da rodovia BR-174 em suas terras, na década de 1970. Drama até então conhecido apenas por estudiosos de culturas indígenas e que se prolonga até hoje, cujas consequências não se restringem às vítimas inocentes. Pelo contrário, atinge proporções catastróficas e imprevisíveis à medida que a floresta amazônica é arrasada e seus povos originários são dizimados.

Compre agora e leia


Helena Gomes
A Herança da Bruxa
Uma história da série
A Caverna de Cristais
ROCCO

A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20 páginas

Compre agora e leia

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia